GEORGE ORWELL

1984

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

UM POUCO DE AR, POR FAVOR!

GEORGE ORWELL

GEORGE ORWELL

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

GEORGE ORWELL

EDITORA NOVA FRONTEIRA

UM POUCO DE AR, POR FAVOR!

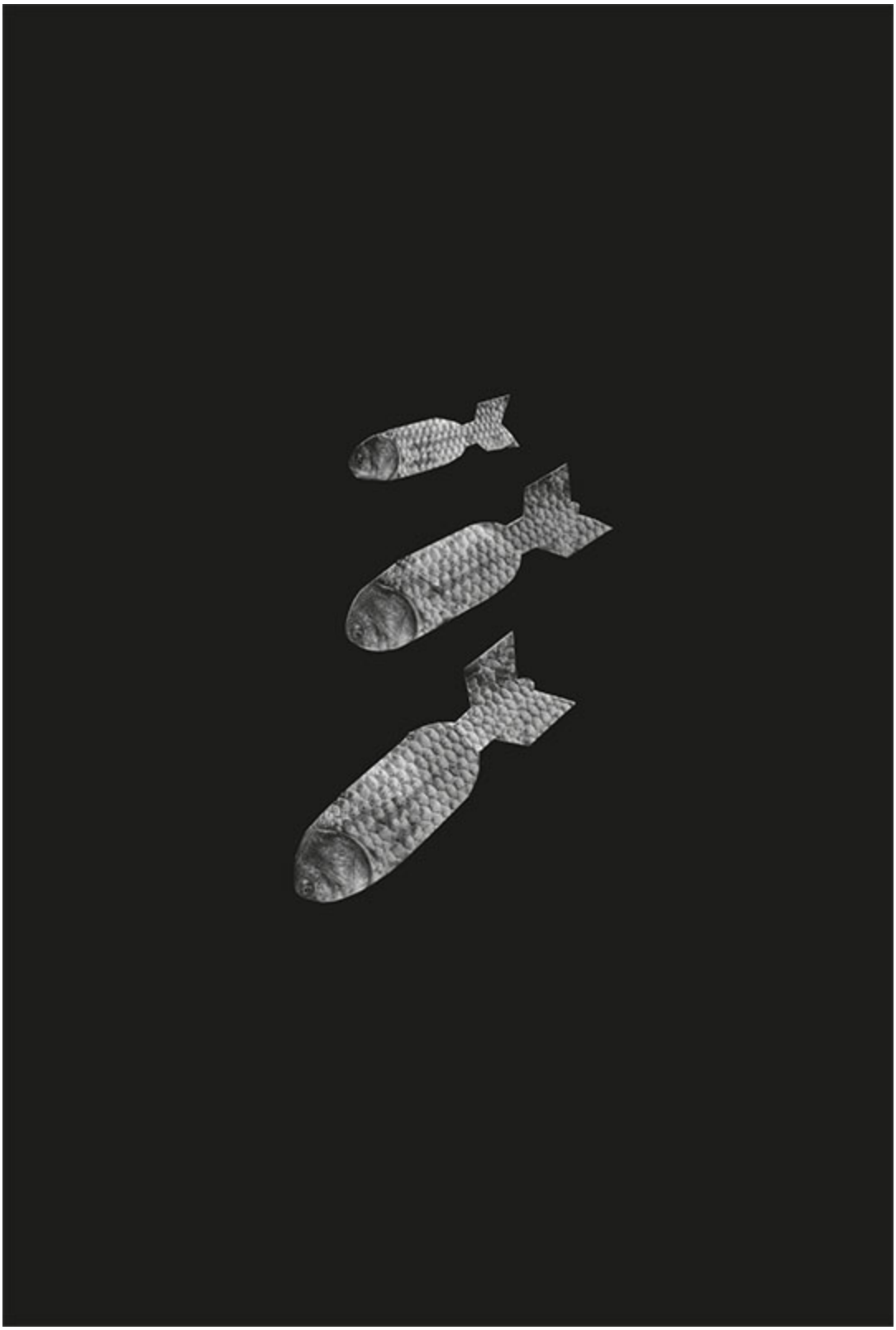
GEORGE ORWELL

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

1984

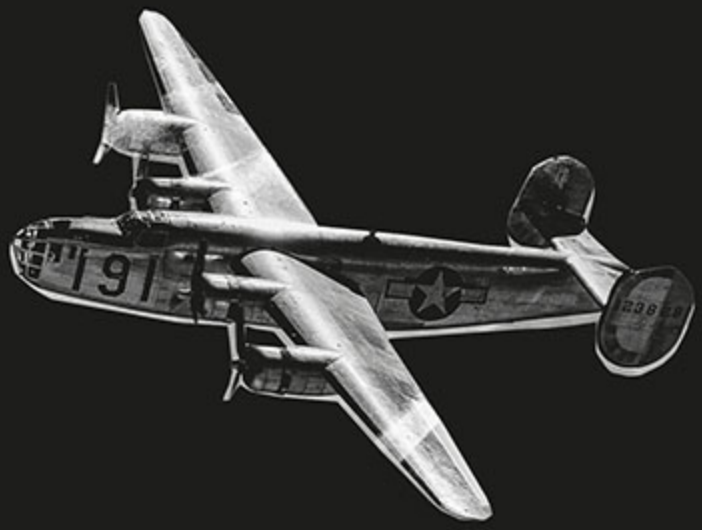
GEORGE ORWELL





GEORGE

ORWELL



UM POUCO DE AR, POR FAVOR!

Tradução e apresentação de **REGINA LYRA**

Prefácio de **JÚLIO POMPEU**

EDITORA NOVA FRONTEIRA

Título original: *Coming Up for Air*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orwell, George, 1903-1950
Um pouco de ar, por favor! / George Orwell; tradução de Regina Lyra. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

Título original: Coming Up for Air
ISBN 978-65-5640-176-8

1. Ficção inglesa I. Título.

20-51019 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura inglesa 823
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Prefácio

Apresentação

Parte 1

Parte 2

Parte 3

Parte 4

A revolução dos bichos

Folha de rosto

Prefácio

1984

Folha de rosto

Prefácio

Parte 1

Parte 2

Parte 3

Apêndice – Os princípios da novilíngua

Colofão

"ELE ESTÁ
MORTO,
MAS NÃO QUER
DESCANSAR"

CANÇÃO POPULAR

PREFÁCIO

UM CHARUTO NÃO É APENAS UM CHARUTO

Às vezes, um charuto é apenas um charuto. Mas só às vezes. O comum é tê-lo como um símbolo de masculinidade, prazer ou status. Adereço que, quando acoplado à boca, faz o *encharutado* sentir-se diferente. Em parte, por permitir-se pensar-se diferente. Em parte, por ser visto de forma diferente pelo olhar dos outros.

Claro que a mágica transformadora não está no charuto, mas nas mentes. Uma ideia apenas. Imagem mental do charuto que, para além da forma cilíndrica, cor ocre e cheiro levemente adocicado, acrescenta-lhe um significado e valor que acabamos por considerar como mais essencial do charuto que sua forma cilíndrica, cor ocre e cheiro levemente adocicado.

E não é só com charutos que isso acontece. Carrões italianos, comidas coloridas, roupas estranhas, maços de agrião, tudo está sujeito a essa mágica mental que faz com que nos relacionemos com as coisas e pessoas menos pelo que materialmente são e mais pelo que imaginamos sobre elas. O imaginário, tão fluido e às vezes tão confuso, é mais real que o concreto.

Mas o que isso tem a ver com George Orwell? Mais conhecido por *A revolução dos bichos* e *1984*, Orwell criou em *Um pouco de ar, por favor!*

um protagonista que não vive em uma sociedade futurista e hipercontroladora nem é um bicho em busca de poder. Trata-se de um homem comum. De vida ordinária. Gente como a gente. Que trabalha, tem filhos, segredos e desejos. Em comum com os textos mais famosos, o protagonista sofre os efeitos nocivos de uma vida sem liberdade.

Orwell é um libertário acima de tudo. Se em *1984* a ameaça à liberdade era uma sociedade vigilante e em *A revolução dos bichos*, a tirania, neste o que oprime é o imaginário. Aquelas fantasias compartilhadas sobre sucesso e vida bem-sucedida em que a realização pessoal tem mais a ver com coisas que se compra do que com aquilo que se sente. Quando um charuto deixa de ser apenas um charuto, a liberdade está em risco.

Pode ser sufocante enquadrar-se numa vida que de tão igual à de todos à nossa volta não parece ser nossa. Tão sufocante quanto a fumaça de um charuto para quem não está habituado ao fumo. Faltará o ar da alegria, da genuinidade dos sentimentos, da liberdade. Sobrará a fumaça turva da vida pasteurizada e o sufoco de quem sente que se perdeu de si mesmo.

Se perceber-se assim assusta você, acalme-se. Você tem em mãos o primeiro remédio para recuperar o ar. Na antiga cultura hindu, sábio é aquele que consegue despir mãyã ou maiá, a ilusão que governa nossos sentidos. Orwell é como o sábio sânscrito que o ajuda a perceber a condição ilusória de nossa opressão.

É como se cada personagem fosse um pouco de nós mesmos. Daquilo que somos ou estamos. Também daquilo que percebemos nos outros, mas cujo incômodo surgido de tal percepção denuncia algo em nós mesmos.

Este livro é ao mesmo tempo espelho, microscópio e luneta. Instrumento que nos ajudará a enxergar o que está próximo ou distante demais de nós mesmos, mas que nos é essencial como o ar. Mas, para isso, é preciso estar atento ao convite de Orwell para ler e ler-se.

Graças à tradução competente de Regina Lyra, a força do texto original foi preservada. Há quem pense que tradução se faz apenas substituindo palavras. Enganam-se. Tradução é escrita. Ao mesmo tempo fiel ao texto original e inovadora quando foge da literalidade para preservar a ideia, imagem ou pujança da obra traduzida. Algo como escrever o que o próprio autor escreveria se escrevesse na língua de Camões. Não é coisa para amadores e merece tanto respeito quanto o trabalho original.

Agora, aproveite a oportunidade de ler esta obra pouco conhecida e perturbadoramente atual de um dos maiores escritores da literatura mundial. Leia sem medo de reconhecer-se em uma ou outra página. Caso isso aconteça, acredite, você estava perdido mas começou a encontrar-se.

Júlio Pompeu
Professor universitário,
filósofo, escritor e palestrante

APRESENTAÇÃO

Se me pedissem para definir com uma só palavra o tema de *Um pouco de ar, por favor!*, eu responderia: nostalgia.

Muitos anos atrás, um amigo que contemplava comigo uma paisagem no interior do Rio de Janeiro me disse que a sensação que se tinha ali era de "nostalgia de coisas não vividas". Essa sensação causa um aperto não doloroso no peito, uma saudade tingida de tristeza, mas tristeza tingida de esperança.

É mais ou menos isso que sente o protagonista, que busca encontrar no passado que suas lembranças lhe sugerem ter vivido uma espécie de alento para o presente pouco satisfatório que lhe apresenta um futuro do qual gostaria de fugir. Os detalhes dos quais precisa para se assegurar de que tal passado existe de fato são tão pormenorizados que nos fazem crer que são eles, e não os acontecimentos, que importam.

É impossível para o leitor deixar de reconhecer já ter passado, em momentos de desalento, pelo mesmo processo, com a mesma intenção: procurar a segurança que as lembranças, muitas vezes buriladas ao longo dos anos, proporcionam.

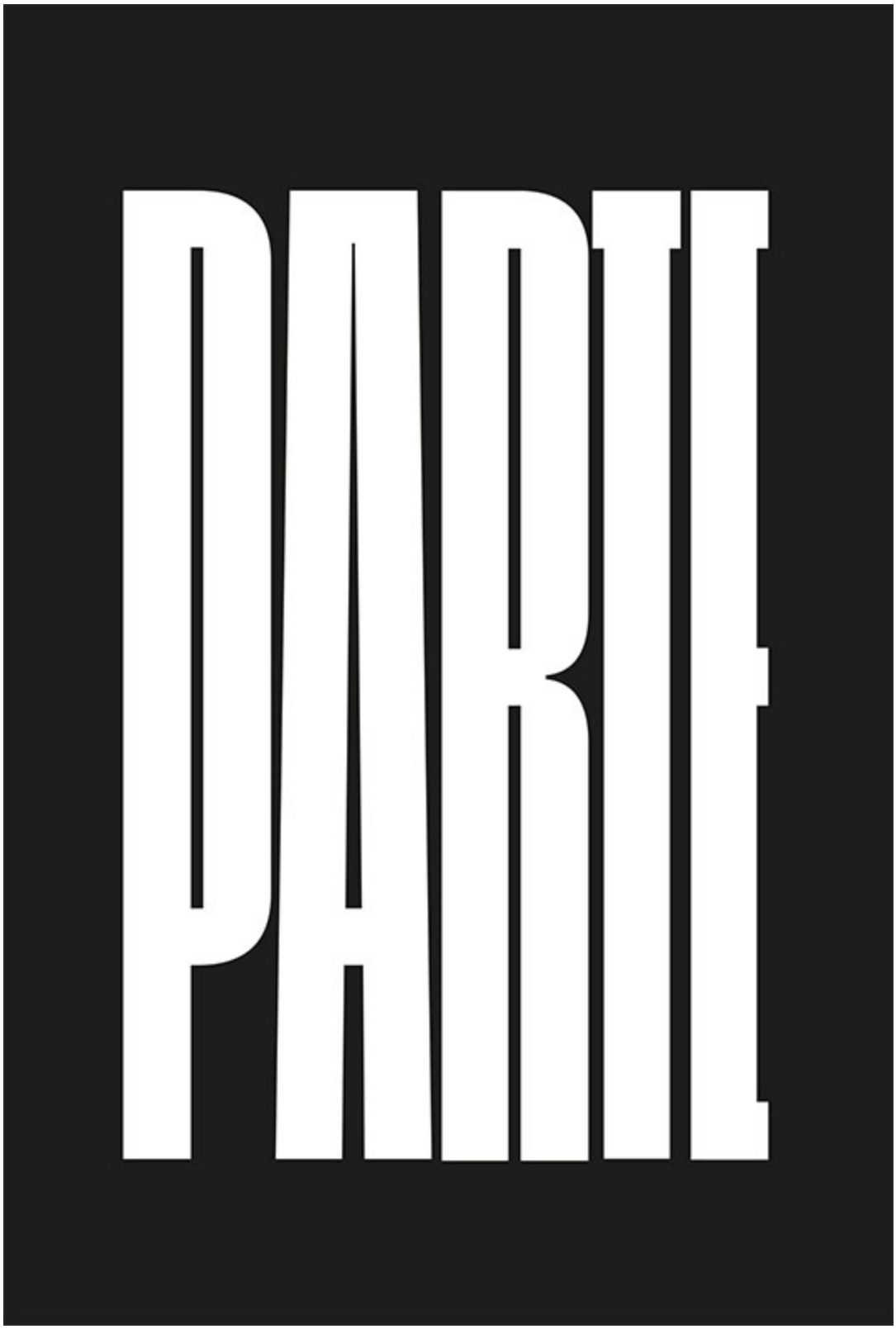
Trata-se de um livro lírico, que eu não havia lido até traduzi-lo. Talvez por isso o impacto que causou em mim tenha sido tão grande, já

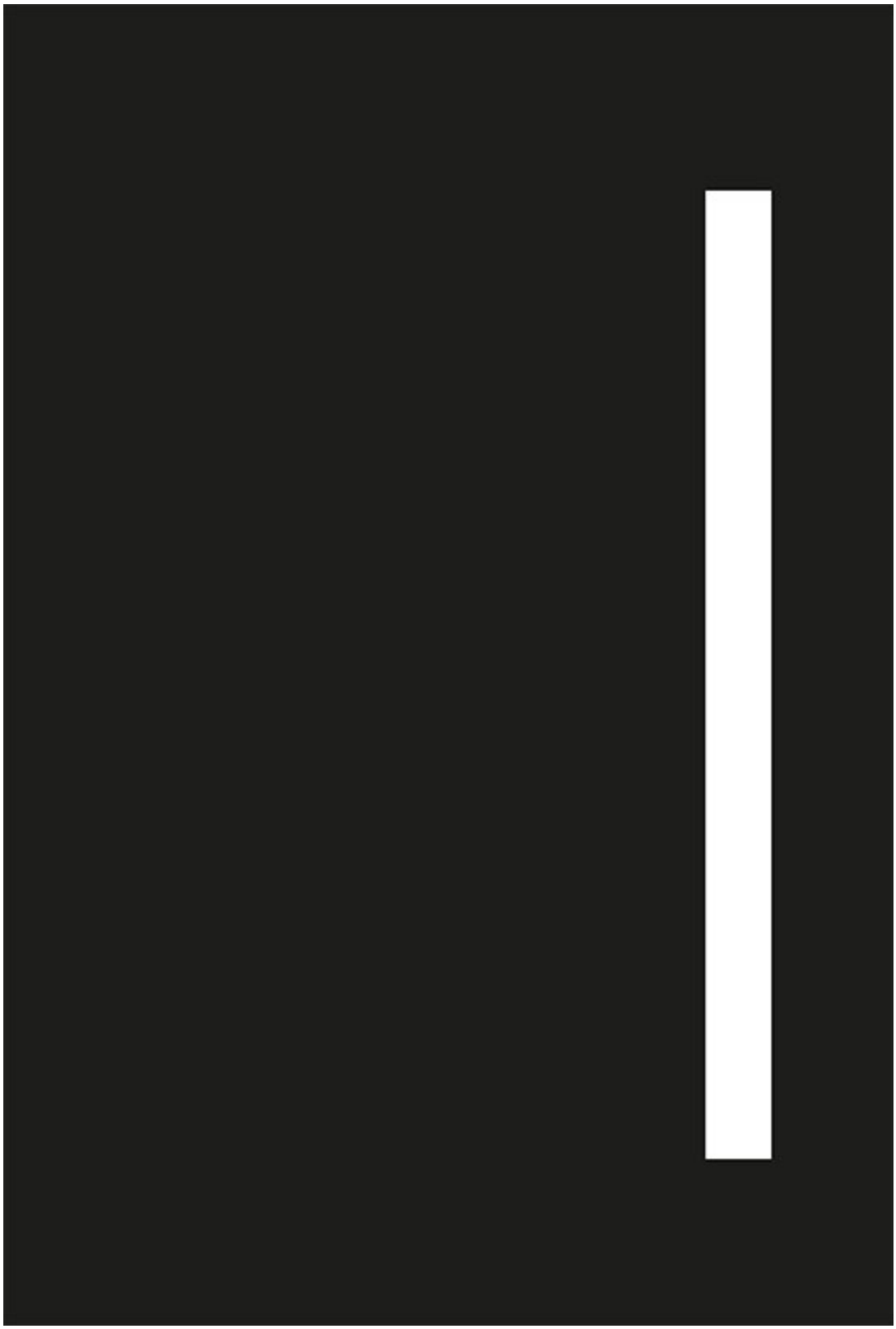
que, por ser escrito na primeira pessoa, me levou a assumir a voz — e por que não admitir? — e a emoção do personagem.

Como tradutora, foi um desafio trabalhar essa emoção, distante no tempo e no espaço, que se tornou minha sem ser minha, mas não deixou de ser do outro.

Diferentemente dos livros mais conhecidos de Orwell, neste, pouca coisa acontece. Talvez não seja fácil lê-lo. Talvez o termo mais adequado seja "absorvê-lo". Porque as palavras que o construíram falam tão alto, contam tanta coisa, que tornam a experiência de ouvi-las uma viagem familiar, como se voltássemos a um lugar várias vezes visitado, mas que ainda nos reserva muito a ser visto.

Regina Lyra
Tradutora


PART



A ideia me ocorreu de verdade no dia em que peguei minha dentadura nova.

Eu me lembro bem daquela manhã. Por volta de 7h45, saí da cama e entrei no banheiro bem a tempo de deixar as crianças do lado de fora. Era uma manhã bestial de janeiro, com um céu encardido cinza-amarelado. Lá embaixo, pelo pequeno basculante quadrado do banheiro, contemplei os dez metros por cinco de grama — com a cerca viva de ciprestes e um pedaço calvo no meio — que chamávamos de quintal. Existe o mesmo quintal, os mesmos ciprestes e a mesma grama atrás de todas as casas na Ellesmere Road. A única diferença é que onde não moram crianças não há pedaço calvo no meio.

Eu estava tentando me barbear com uma gilete cega enquanto a água enchia a banheira. Meu rosto me encarava no espelho, e, embaixo dele, num copo com água na pequena prateleira acima da pia, os dentes que pertenciam ao rosto. Era uma dentadura temporária que Warner, o meu dentista, me dera para usar enquanto a nova não ficava pronta. Na verdade, não tenho um rosto feio. É um daqueles cor de tijolo que combinam com o cabelo louro manteiga e os olhos azuis desbotados. Jamais fiquei grisalho ou careca, graças a Deus, e quando estou com meus dentes no lugar provavelmente não pareço ter a minha idade, 45 anos.

Anotando mentalmente um lembrete para comprar giletes, entrei no banho e comecei a me ensaboar. Ensaboei os braços (tenho aquele tipo de antebraço gorducho, sardento até o cotovelo) e depois peguei a bucha de cabo comprido e ensaboei entre as omoplatas, local que sem ela não alcanço mais hoje em dia. É um incômodo, mas agora existem

várias partes do meu corpo que não consigo alcançar. A verdade é que dá para dizer que estou levemente acima do peso. Não que eu seja algum tipo de atração de circo. Meu peso não passa muito dos noventa quilos, e da última vez que tirei a medida da minha cintura ela estava em 122 ou 123 centímetros, não lembro direito. E não sou o que chamam de "repulsivamente" gordo, não tenho uma daquelas panças que ficam penduradas a meio caminho dos joelhos. Apenas estou um pouco cheio no tronco, com tendência a parecer um barril. Sabe aquele tipo de gordo ativo, caloroso, o tipo atlético e jovial apelidado de Gorducho ou Barrilzinho e que é sempre a alma da festa? Sou desses. "Gorducho" é como a maioria me chama. Bowling Gorducho. George Bowling é meu nome verdadeiro.

Naquele momento, porém, eu não me sentia a alma da festa. Foi quando notei que nos últimos tempos eu quase sempre fico meio deprimido logo cedo de manhã, embora durma bem e minha digestão seja boa. Eu sabia o que era, claro... aquela maldita dentadura. Esse treco era ampliado pela água no copo e ria para mim como os dentes de uma caveira. É nojenta a sensação das gengivas se roçando, uma sensação de retração, de secura, como se tem ao morder uma maçã azeda. Além disso, digam o que quiserem, dentaduras são um marco. Quando seu último dente natural se vai, a época de fingir que se é um galã de Hollywood definitivamente chegou ao fim. E tinha a gordura, além dos 45 anos. Quando fui ensaboar as partes baixas, tive um vislumbre do meu corpo. É baboseira dizerem que os gordos não conseguem enxergar os pés, mas é fato que, quando fico em pé, só consigo ver a ponta dos meus. Mulher alguma, pensei, enquanto passava o sabonete na barriga, jamais olhará duas vezes para mim a

menos que seja paga para isso. Não que naquele momento em especial eu quisesse que qualquer mulher me olhasse duas vezes.

Mas me ocorreu que nessa manhã não havia motivos para eu não estar de bom humor. Para começar eu não ia trabalhar. Meu carro velho, no qual "circulo" pelo meu distrito — devo lhes dizer que mexo com seguros; trabalho na Salamandra Voadora; vida, incêndio, roubo, partos múltiplos, naufrágio... tudo —, estava temporariamente no mecânico, e, embora precisasse passar no escritório de Londres para deixar alguns papéis, eu ia de fato tirar o dia de folga para buscar minha nova dentadura. Além disso, havia outra questão que vinha rondando meus pensamentos fazia algum tempo: eu tinha 17 libras esterlinas de que ninguém mais ouvira falar... isto é, ninguém da família. Acontecera assim: um funcionário da nossa empresa, o Mellors, comprou um livro chamado *Astrologia aplicada a corridas de cavalo*, provando que tudo é uma questão de influência dos planetas sobre as cores que o jóquei está usando. Bom, numa determinada corrida havia uma égua chamada Corsair's Bride, totalmente desconhecida, mas cujo uniforme do jóquei era verde, o que aparentemente vinha ao encontro dos planetas que por acaso estavam em seus ascendentes. Mellors, que acreditava piamente nesse negócio de astrologia, ia apostar várias libras no cavalo e me pediu de joelhos para fazer o mesmo. No final, sobretudo para calar a boca dele, arrisquei uma nota de dez xelins, embora, via de regra, eu não costume apostar. Como previsto, Corsair's Bride venceu sem dificuldade. Eu não me lembro do rateio exato, mas minha cota ficou em 17 libras. Movido por uma espécie de instinto — um comportamento excêntrico e provavelmente indicador de mais um marco na minha vida —, depositei discretamente o dinheiro no banco e não disse coisa alguma a ninguém. Jamais fizera uma coisa dessas. Um

bom marido e pai teria gastado esse dinheiro num vestido para Hilda (Hilda é a minha esposa) e sapatos novos para as crianças. Mas fui um bom marido e pai durante 15 anos e estava começando a ficar farto disso.

Depois de me ensaboar todo, comecei a me sentir melhor e me sentei na banheira para pensar nas minhas 17 libras e em como gastá-las. As alternativas, me parecia, eram um final de semana com uma mulher ou usá-las sem chamar a atenção em miudezas, como charutos e uísques duplos. Eu acabara de abrir outra vez a água quente e estava pensando em mulheres e charutos quando ouvi um barulho que lembrava uma manada de búfalos descendo os dois degraus que levam ao banheiro. As crianças, claro. Duas crianças numa casa do tamanho da nossa equivale a um litro de cerveja numa caneca de meio litro. Ouvi um barulhão frenético do lado de fora e depois um grito de agonia:

— Pai! Eu quero entrar!

— Bom, não vai poder. Dê o fora!

— Mas, pai! Eu preciso entrar!

— Então vá noutro lugar. Cai fora. Estou tomando banho.

— Pa-AI! PRECISO entrar!

Inútil! Eu reconhecia os sinais de perigo. A privada fica dentro do banheiro — lógico que fica, numa casa como a nossa. Abri o ralo da banheira e me enxuguei o mais rápido que pude. Quando abri a porta, Billy — meu caçula, de sete anos — passou voando por mim, se esquivando do tapa que eu pretendia sapecar na sua cabeça. Foi apenas quando eu já estava quase todo vestido e procurando uma gravata que descobri que ainda havia sabonete no meu pescoço.

É uma coisa asquerosa ficar com sabão no pescoço. Dá uma sensação nojenta, e o estranho é que, por mais que se tire o sabão, depois que se

descobre que ficou sabão no pescoço, parece que a gente fica pegajoso o resto do dia. Desci de mau humor e pronto para ser o mais desagradável possível.

Nossa sala de jantar, como as outras salas de jantar na Ellesmere Road, é um lugarzinho apertado, de quatro metros por três e meio, ou talvez seja três e meio por três, e o aparador de carvalho japonês com os dois decânteres vazios e o porta-ovo de prata que a mãe de Hilda nos deu de presente de casamento não deixa sobrar muito espaço. Atrás do bule de chá, Hilda esbanjava desânimo e exibia seu habitual estado de alarme e decepção porque o *News Chronicle* anunciara que o preço da manteiga vinha subindo, ou algo do gênero. Não acendera o aquecedor a gás, e embora as janelas estivessem fechadas, o frio era ridículo. Eu me abaixei e encostei um fósforo no lugar adequado, respirando ruidosamente pelo nariz (o ato de me abaixar sempre me faz bufar) numa espécie de dica para Hilda. Ela me lançou o olhar de soslaio que costuma usar quando acha que estou fazendo algo extravagante.

Hilda tem 39 anos, e quando a conheci era igualzinha a uma lebre. Continua assim, mas emagreceu muito e está bastante enrugada agora, com uma perpétua expressão pensativa e preocupada; quando fica mais nervosa do que o habitual, ela passa a encurvar os ombros e cruzar os braços sobre os seios, como uma velha cigana inclinada sobre o fogão. Hilda é uma dessas pessoas que se compraz prevendo desastres. Apenas pequenos desastres, claro. No que tange a guerras, terremotos, pestes, fome e revoluções, Hilda não presta atenção alguma. O preço da manteiga está subindo e a conta do gás é altíssima e os sapatos das crianças estão gastos e tem mais uma prestação do rádio vencendo — essa é a ladainha de Hilda. Ela extrai o que finalmente concluí ser um prazer genuíno do ato de se balançar para a frente e para trás com os

braços cruzados no peito e dizer, enquanto me olha com uma expressão sombria:

— Mas isso é muito SÉRIO, George! Não sei o que vamos FAZER! Não sei onde vamos arrumar o dinheiro! Parece que você não se dá conta do quanto ISSO é sério! — E daí por diante.

Está firmemente registrado em sua cabeça que vamos acabar no abrigo para pobres. O engraçado é que, se algum dia formos para lá, o incômodo de Hilda não será sequer um terço do meu. Na verdade, ela provavelmente vai gostar da sensação de segurança.

As crianças já haviam descido, depois de tomar banho e se vestir com uma rapidez impressionante, como sempre fazem quando não há chance de impedirem alguém de entrar no banheiro. Quando cheguei à mesa do café, os dois estavam em meio a uma discussão cujo refrão era "Você fez, sim!, "Não, não fiz", "Fez, sim!", "Não, não fiz!", que aparentemente prosseguiria ao longo de toda a manhã, até que eu os botasse de castigo. São apenas dois: Billy, de sete anos, e Lorna, de 11. Tenho pelas crianças um sentimento peculiar. Uma parte do tempo, mal consigo suportar a visão delas. Quanto à conversa de ambos, ela é simplesmente insuportável. Estão naquela pavorosa idade café com leite em que a mente de uma criança gira em torno de coisas como réguas, caixas de lápis e quem tirou a melhor nota em francês. Noutras ocasiões, sobretudo quando estão dormindo, meu sentimento é bem diferente. Às vezes fico ao lado de suas camas, nas noites de verão quando está claro, e os observo dormir, com seus rostos redondos e cabelo cor de estopa, vários tons mais claro que o meu, e tenho aquela sensação sobre a qual lemos na Bíblia, a de sentir um nó nas entranhas. Nessas horas, acho que não passo de uma espécie de vagem ressecada que não vale dois tostões e que minha única importância foi trazer

essas criaturas ao mundo e alimentá-las enquanto crescem. Mas isso só acontece às vezes. Na maior parte do tempo, minha existência em apartado me parece bastante importante, sinto que ainda há vida nesta carcaça velha e um bocado de bons tempos à frente, e a ideia de mim mesmo como uma espécie de vaca leiteira mansa fadada a ser perseguida por mulheres e crianças não me atrai.

Não falamos muito durante o café. Hilda estava no seu momento "não sei o que vamos FAZER!", em parte por causa do preço da manteiga e em parte porque os feriados de Natal já estavam chegando ao fim e ainda faltava pagar cinco libras do último semestre da escola. Comi meu ovo cozido e passei geleia da Golden Crown numa fatia de pão. Hilda vai continuar comprando esse troço. Quinhentos gramas custam cinco centavos e meio e o rótulo informa, na letrinha mais miúda que a lei permite, que o produto contém "certa proporção de sumo de fruta neutro". Isso me impeliu, de uma forma bastante irritante que vez por outra adoto, a falar de árvores frutíferas neutras, discorrendo sobre como seria a aparência delas e em que países cresceriam, até finalmente deixar Hilda furiosa. Não que ela se incomode com as minhas implicâncias, mas, de um jeito meio obscuro, Hilda acha perverso fazer piada com coisas que nos poupam dinheiro.

Dei uma olhada no jornal, mas não havia muitas notícias. Na Espanha e na China as pessoas matavam umas às outras como de hábito, as pernas de uma mulher tinham sido encontradas na sala de espera de uma estação ferroviária, e o enlace matrimonial do rei Zog estava por um fio. Finalmente, por volta das dez horas, bem mais cedo do que eu pretendia, me pus a caminho da cidade. As crianças tinham ido brincar no jardim público. A manhã estava bestialmente fria. Quando saí pela porta da frente, uma pequena lufada de vento bateu no

local ensaboado do meu pescoço, me fazendo sentir de repente que minhas roupas não me caíam bem e eu estava todo pegajoso.

Você conhece a rua em que moro, a Ellesmere Road, em West Bletchey? Mesmo se não conhecer, conhece cinquenta outras iguaizinhas a ela.

Você sabe como essas ruas brotam em todos os subúrbios nas fímbrias da cidade. Sempre iguais. Carreiras compridas de casinhas geminadas idênticas — os números da Ellesmere Road vão até 212, e a nossa casa é a 191 —, como as moradias populares costumam ser, porém mais feias. A fachada de estuque, o portão creosotado, a cerca viva de cipreste, a porta da frente verde. Os Laurel, os Myrtle, os Hawthorn, Mon Abri, Mon Repos, Belle Vue. Em uma, talvez, a cada cinquenta, algum sujeito antissocial que provavelmente acabará no abrigo para pobres pintou sua porta da frente de azul em vez de verde.

Aquela sensação pegajosa no meu pescoço me deixou meio deprimido. Curioso como a gente se abate quando o pescoço está pegajoso. Parece que toda a alegria se esvai, como quando de repente descobrimos num local público que a sola de um dos sapatos está descolando. Eu não nutria ilusões a meu respeito naquela manhã. Era quase como se eu pudesse observar a mim mesmo descendo a rua, com meu rosto gordo e vermelho, minha dentadura e minhas roupas puídas. Um cara como eu é incapaz de parecer um cavalheiro. Mesmo se me visse a duzentos metros de distância, você saberia imediatamente... Talvez não que trabalho com seguros, mas que sou algum tipo de representante ou vendedor. As roupas que eu usava eram praticamente o uniforme da tribo. Terno de espinha de peixe cinza, levemente surrado, sobretudo azul de cinquenta xelins, chapéu-coco e sem luvas. E a minha aparência é aquela peculiar aos vendedores comissionados,

ou seja, uma expressão meio rude, descarada. No meu melhor, quando estou vestindo um terno novo ou fumando um charuto, posso passar por um agenciador de apostas ou um taberneiro e, quando as coisas vão mal mesmo, por um vendedor de aspiradores de pó, mas em épocas normais você acertaria na mosca. "Salário de cinco a dez libras por semana", diria ao me ver. Econômica e socialmente estou na média da Ellesmere Road.

Eu estava praticamente sozinho na rua. Os homens tinham se escafedido para pegar o 8.21, e as mulheres se ocupavam com os fogões a gás. Quando se tem tempo para olhar à volta e quando, por acaso, se está de bom humor, algo que faz a gente rir por dentro é caminhar por essas ruas nos subúrbios e pensar nas vidas que acontecem ali. Porque, afinal, o que É uma rua como a Ellesmere Road? Nada mais que uma prisão com as celas enfileiradas. Um correr de câmaras de tortura geminadas onde os infelizes com salário de cinco a dez libras por semana estremecem e rangem os dentes, cada qual com um chefe a sacaneá-lo e uma esposa a persegui-lo como um pesadelo, além dos filhos chupando-lhe o sangue como sanguessugas. Fala-se muita besteira sobre os sofrimentos da classe operária. Não sinto, pessoalmente, tanta pena do proletariado. Você já viu algum marinheiro ter insônia pensando em perder o emprego? O proletário sofre fisicamente, mas é um homem livre quando não está trabalhando. Só que em cada uma daquelas caixas de estuque vive um pobre infeliz que NUNCA está livre, salvo quando dorme e sonha que jogou o chefe no fundo de um poço e está atirando pedras de carvão em cima dele.

Claro que o problema básico de gente como nós, disse a mim mesmo, é que todos imaginamos que temos algo a perder. Para começo de conversa, nove décimos das pessoas na Ellesmere Road supõem que

são donas das suas casas. A Ellesmere Road, e todo o quarteirão à volta até se chegar a High Street, é parte de um enorme esquema chamado de Conjunto Hesperides, propriedade da Sociedade Construtora Cheerful Credit. As sociedades construtoras são, provavelmente, o esquema mais inteligente dos tempos modernos. Minha própria linha de trabalho, seguros, é um engodo, admito, mas um engodo ostensivo com as cartas na mesa. A beleza do engodo da sociedade construtora, porém, é que as vítimas acham que estão recebendo favores. São esmurradas e beijam a mão que as esmurra. Às vezes acho que gostaria de ver o Conjunto Hesperides encimado por uma enorme estátua ao deus das sociedades construtoras. Ele seria uma espécie de deus insólito e, entre outras coisas, bissexual. A parte superior seria um diretor executivo e a inferior, uma esposa grávida. Numa das mãos, teria uma chave imensa — a chave do abrigo para pobres, claro — e na outra... como se chama mesmo aquela coisa tipo uma trompa com presentes saindo lá de dentro... uma cornucópia, da qual brotariam rádios portáteis, apólices de seguros de vida, dentaduras, aspirinas, preservativos e aparadores de grama.

Com efeito, na Ellesmere Road, não somos donos das nossas casas, mesmo quando acabamos de pagá-las. Elas não são vendidas, apenas arrendadas. O preço é 550 libras, pagável ao longo de um período de 16 anos, e são o tipo de casa que, se fosse comprada à vista, custaria por volta de 380 libras. Isso representa um lucro de 150 libras para o Cheerful Credit, mas nem é preciso dizer que o Cheerful Credit tira muito mais daí que isso. Trezentas e oitenta libras incluem o lucro do construtor, mas o Cheerful Credit, sob o nome de Wilson & Bloom, constrói ele próprio as casas e embolsa esse lucro. Tudo o que precisa pagar é o material. Mas ele também embolsa o lucro sobre o material,

porque, sob o nome de Brookes & Scatterby, o Cheerful Credit vende, ele próprio, os tijolos, azulejos, portas, caixilhos de janelas, areia, cimento e, acredito, vidro. E não me deixaria nem um pouco surpreso descobrir que mais um pseudônimo vende a madeira para fazer as portas e os caixilhos. E tem mais — e isso devíamos realmente haver antecipado, embora tenhamos todos levado um choque ao descobrir: o Cheerful Credit nem sempre cumpre sua parte. Quando foi construída, a Ellesmere Road dava para um campo aberto — nada de maravilhoso, mas bom para as crianças brincarem —, conhecido como Platt's Meadows. Nunca foi nada preto no branco, mas sempre ficou subentendido que não se construiria nada ali. No entanto, West Bletchley era um subúrbio em crescimento, a fábrica de geleia Rothwells abrira em 1928 e a fábrica de bicicletas Anglo-American All-Steel começou em 1933, e a população foi crescendo e os aluguéis aumentando. Nunca pus os olhos em Sir Herbert Crum ou qualquer outro maioral do Cheerful Credit, mas mentalmente eu via suas bocas se enchendo d'água. De repente, os construtores chegaram e casas começaram a subir em Platt's Meadows. Ouviu-se um uivo de agonia vindo do Conjunto Hesperides, e uma associação de defesa dos moradores foi criada. De nada adiantou! Os advogados de Crum acabaram com a gente em cinco minutos, e as construções tomaram Platt's Meadows. Mas o embuste realmente sutil, aquele que me faz sentir que o velho Crum mereceu seu baronato, é o mental. Simplesmente devido à ilusão de sermos donos de nossas casas e ter o que chamam de "uma participação no país", nós, pobres coitados no Conjunto Hesperides, e em todos os lugares desse tipo, nos tornamos para sempre fiéis escravos de Crum. Somos todos respeitáveis proprietários — ou seja, conservadores, vacas de presépio, puxa-sacos.

Não ouse matar a galinha dos ovos de ouro! E o fato de não sermos na verdade proprietários, de estarmos todos a meio caminho de pagar nossas casas e consumidos pelo medo pavoroso de que algo aconteça antes de fazermos o último pagamento, apenas aumenta o efeito. Fomos todos comprados e ainda por cima comprados com nosso próprio dinheiro. Cada um daqueles pobres infelizes espezinhados, suando sangue para pagar o dobro do preço justo por uma casa de bonecas chamada de Belle Vue que não tem vista alguma, muito menos bela — cada um desses pobres idiotas há de morrer no campo de batalha para salvar seu país do bolchevismo.

Virei na Walpole Road e entrei na High Street. Há um trem para Londres às 10h14. Eu estava passando pelo Sixpenny Bazaar quando me lembrei de que precisava comprar um pacote de giletes. Quando cheguei ao balcão dos sabonetes, ou sei lá como se chama oficialmente, o gerente do andar estava passando um carão na moça responsável pelo setor. Geralmente não há muita gente no Sixpenny a essa hora da manhã. Às vezes, se entramos logo após a abertura, vemos todas as garotas formando fila e recebendo seu sermão matinal, apenas para pô-las na linha pelo resto do dia. Dizem que essas grandes lojas de cadeia contratam sujeitos com poderes especiais para o sarcasmo e o abuso que são transferidos de filial para filial a fim de injetar ânimo nas garotas. O gerente do andar era um diabinho feio, de tamanho modesto, com ombros muito quadrados e um bigode cinzento espetado. Ele havia acabado de se irritar com alguma coisa, algum troco errado, evidentemente, e a repreendia com uma voz que mais parecia uma serra circular.

— Ah, não! Claro que você não podia contar! CLARO que não. Seria trabalhoso demais. Ah, não!

Antes que eu pudesse evitar, meus olhos encontraram os da moça. Não era nada bacana para ela ser observada por um pateta gordo de meia-idade com rosto vermelho enquanto levava uma bronca. Virei-me o mais rápido que pude e fingi estar interessado em algo no balcão vizinho, puxadores de cortinas ou algo similar. O gerente continuava o sermão. Era uma daquelas pessoas que se viram para ir embora e de repente tornam a atacar, como uma libélula.

— CLARO que você não podia contar! Não faz diferença para VOCÊ se faltarem dois xelins. Não faz a mínima diferença. O que são dois xelins para VOCÊ? Eu não poderia pedir a VOCÊ para se dar ao trabalho de contar direito. Ah, não! Nada importa aqui, salvo a SUA conveniência. Você não pensa nos outros, pensa?

Isso prosseguiu por cerca de cinco minutos num tom de voz passível de ser ouvido do outro lado da loja. Ele ficava se virando para ir embora a fim de fazer a moça achar que tinha acabado e depois voltava para uma nova rodada. Quando me afastei um pouco tive um vislumbre de ambos. A moça era uma menina de uns 18 anos, bem gorda, com um rosto redondo, do tipo que jamais calcularia direito o troco. Empalidecera, enrubescera e se contorcia, realmente se contorcia de dor. Era como se levasse chicotadas. As moças nos outros balcões fingiam não ouvir. Ele era um diabinho feio, empertigado, um desses homens cheios de si que estufam o peito e põem as mãos debaixo do fraque — o tipo que seria um primeiro-sargento caso fosse alto o bastante. Você já percebeu como é comum botarem homens baixinhos em cargos intimidadores? Ele estava metendo a cara, com bigodes e tudo, quase no rosto dela para gritar melhor. E a menina estava toda vermelha e trêmula.

Finalmente, o sujeito decidiu que já dissera o suficiente e deu meia-volta como um almirante no tombadilho, e eu me aproximei do balcão para comprar as giletes. Ele sabia que eu ouvira cada palavra, assim como ela sabia também, e ambos sabiam que eu sabia que eles sabiam. O pior de tudo, porém, era que por minha causa ela precisava fingir que nada acontecera e assumir aquela atitude esquiva de "mantenha distância" que se espera que uma vendedora exiba para clientes masculinos. Precisava agir como uma mocinha adulta meio minuto depois de eu tê-la visto ser repreendida como uma criada! O rosto continuava rubro e as mãos tremiam. Pedi-lhe giletes de um centavo e ela começou a mexer na bandeja das de três. Então, o diabinho do gerente virou-se em nossa direção e por um momento nós dois achamos que ele ia voltar para recomeçar a bronca. A garota se encolheu como um cachorro que vê o chicote. Mas estava me espiando pelo canto do olho. Percebi que porque eu a vira ser repreendida ela me odiava como se eu fosse o diabo. Eu, hein!

Saí de lá com as minhas giletes. *Por que elas aguentam isso?*, pensei. Puro medo, claro. Uma resposta atravessada e vão parar na rua. É o mesmo em todos os lugares. Pensei no rapaz que às vezes me atende na mercearia de cadeia onde somos fregueses. Um camarada bem fortão de uns vinte anos, com bochechas cor-de-rosa e bíceps enormes, que deveria estar trabalhando numa serralharia. E lá está ele, de guarda-pó branco, inclinado sobre o balcão, esfregando as mãos e dizendo "Sim, senhor! Certíssimo, senhor! Tempo bom para esta época do ano, senhor! O que terei o prazer de lhe vender hoje, senhor?", praticamente pedindo que você chute o seu traseiro. Ordens, é claro. O cliente tem sempre razão. O que se vê em seu rosto é um medo mortal de que você se queixe da sua impertinência e ele seja demitido. Além do mais,

como ele há de saber que você não é um dos dedos-duros que a empresa manda para vigiar? Medo! Nadamos nele. É o nosso elemento. Quem não morre de medo de perder o emprego morre de medo da guerra, do fascismo ou do comunismo ou algo assim. Os judeus suam quando pensam em Hitler. Passou-me pela cabeça que o diabinho de bigode espetado provavelmente estava um bocado mais medroso de perder o emprego do que a moça. Provavelmente ele tem uma família para sustentar. E talvez, quem sabe, em casa ele seja manso e gentil, plante pepinos no quintal, deixe a mulher vigiá-lo e os filhos lhe puxarem o bigode. Seguindo o mesmo raciocínio, nunca lemos sobre um inquisidor espanhol ou um daqueles figurões do Serviço Secreto Russo sem sermos informados de que na vida privada ele era um homem muito gentil, o melhor dos maridos e pais, dedicado a seu canário de estimação e daí por diante.

A garota do balcão de sabonetes me observou enquanto eu saía. Teria me matado se pudesse. Como me odiou por causa do que vi! Muito mais do que odiava o gerente do andar.

Um bombardeiro voava baixo acima de nós. Por um ou dois minutos pareceu que ele estava no mesmo ritmo do trem. Dois sujeitos ordinários vestindo sobretudos surrados, obviamente representantes comerciais do nível mais baixo, vendedores de assinaturas de jornal, talvez, estavam sentados de frente para mim. Um deles lia o *Mail* e o outro, o *Express*. Pude ver, pelo jeito dos dois, que ambos me haviam tomado por um colega de profissão. No outro extremo do vagão, dois escriturários com maletas pretas entabulavam uma conversa cheia de baboseiras jurídicas, destinada a impressionar o restante de nós e mostrar que não pertenciam ao restante do gado.

Eu apreciava os fundos das casas pelas quais passávamos. A linha que sai de West Bletchley passa, durante boa parte do caminho, por cortiços, mas dão uma certa sensação de paz os vislumbres que se tem de pequenos quintais com flores fincadas em caixotes e telhados planos, em cujos muros as mulheres penduram a roupa lavada e a gaiola do passarinho. O bombardeiro grande e preto balançou um pouco no ar e seguiu a toda, sumindo de meu campo de visão. Eu estava sentado de costas para o avião. Um dos representantes comerciais fixou nele o olhar por um mero segundo. Sei o que está pensando. Aliás, é o que todo mundo está pensando. Não é preciso ser um intelectual para ter tais pensamentos hoje em dia. Daqui a dois anos, um ano, o que estaremos fazendo quando virmos um desses troços? Correndo para o porão, molhando as calças de medo.

O sujeito largou o *Daily Mail*.

— Saiu o ganhador de Templeglate — falou.

Os escriturários continuavam cuspindo baboseiras sobre propriedades imobiliárias com total domínio e taxas processuais. O outro representante comercial apalpou o bolso do colete e dali tirou um Woodbine amassado. Apalpou o outro bolso e depois se inclinou para mim.

— Tem fósforo aí, ô, Barrilzinho?

Apalpei os bolsos em busca de fósforos. "Barrilzinho", você reparou. Na verdade, é interessante. Durante alguns minutos parei de pensar em bombas e comecei a pensar na minha aparência, que eu examinara no banho naquela manhã.

É bem adequado ser chamado de barrilzinho. Com efeito, a metade superior do meu corpo tem a forma quase exata de um barril. Mas o interessante, acho eu, é que, pelo mero fato de sermos gordinhos, praticamente todo mundo, mesmo um completo desconhecido, se sente no direito de nos dar um apelido que constitui um comentário insultuoso sobre a nossa aparência. Imaginemos um sujeito corcunda, ou vesgo, ou que tenha lábio leporino... Você lhe poria um apelido para recordá-lo disso? Mas todo homem gordo é rotulado por um processo natural. Sou do tipo em quem as pessoas em geral dão um tapinha nas costas ou um cutucão nas costelas, quase todas achando que gosto disso. Não há uma vez em que eu entre no pub Crown at Pudley (pelo qual passo uma vez por semana a trabalho) sem que aquele babaca do Waters, que viaja para o pessoal do Sabão Seafoam, mas que praticamente mora no Crown, me cutuque as costelas e cantarole "Aqui jaz o verdadeiro colosso, o coitado do Tom Bowling", gracejo do qual jamais se cansam os malditos idiotas no bar. O dedo de Waters parece uma barra de ferro. Todos acham que os gordos não têm sentimentos.

O representante comercial pegou mais um dos meus fósforos para palitar os dentes e jogou de volta a caixa para mim. O trem zuniu em direção a uma ponte de ferro. Lá embaixo vislumbrei a caminhonete de um padeiro e uma longa fila de caminhões carregados de cimento. O mais estranho, pensei, é que de certa forma eles têm razão sobre os gordos. É fato que um gordo, sobretudo aquele que é de nascença — isto é, desde a infância —, não é exatamente como os outros homens. Ele atravessa a vida numa dimensão diferente, numa espécie de comédia ligeira, embora no caso dos caras do circo, ou de alguém que pese mais de 130 quilos, trate-se mais de farsa grosseira. Eu já fui gordo e já fui magro e sei a diferença que a gordura faz na nossa maneira de ver a vida. Ela meio que impede a gente de encarar as coisas de forma extrema. Duvido que um homem que jamais tenha sido outra coisa senão gordo, um homem que foi chamado de Rolha de Poço desde que começou a andar, tenha sentido emoções realmente profundas. Como poderia? Ele não tem experiência nessas coisas. Não pode jamais estar presente numa cena trágica, porque uma cena com a presença de um gordo não é trágica, é cômica. Imagine, por exemplo, um Hamlet gordo! Ou Oliver Hardy fazendo o papel de Romeu. O curioso é que eu andara pensando em algo assim apenas alguns dias antes, quando estava lendo um romance que peguei na biblioteca. *Paixão frustrada* era o nome do livro. O cara da história descobre que a namorada fugiu com outro cara. Ele é um daqueles caras que a gente vê em romances, com rosto pálido e expressivo, cabelo preto e que vive de renda. Eu me lembro mais ou menos do trecho que li:

"David andava de um lado para outro, as mãos pressionando a testa. A notícia parecia tê-lo deixado atônito. Durante um bom tempo teve dificuldade para acreditar. Sheila lhe era infiel! Impossível! De repente,

a realidade o assaltou, e ele viu o fato em todo o seu horror cristalino. Foi demais. Atirou-se no chão tomado por um acesso de choro."

Enfim, a ideia era mais ou menos essa. E até mesmo naquela hora, me peguei pensando. Isso acontece, certo. É assim que as pessoas — algumas pessoas — supostamente se comportam. Mas e quando se trata de alguém como eu? Imaginemos que Hilda fosse passar um fim de semana com outro — não que eu desse a mínima, na verdade até me agradaria bastante saber que ela ainda tem um pingo de poder de sedução —, mas imaginemos que eu me importasse... por acaso eu iria me atirar no chão tomado por um acesso de choro? Alguém esperaria isso de mim? Não com o meu tamanho. Seria absolutamente obsceno.

O trem corria por um aterro. Pouco abaixo de nós, dava para ver os telhados das casas se perdendo ao longe, os telhadinhos vermelhos onde as bombas irão cair, um pouco mais nítidos no momento porque um raio de sol brilhava sobre eles. Engraçado como a gente não para de pensar em bombas. Claro que não há dúvidas de que está chegando. Dá para saber o quanto se aproxima pelo clima animador que impregna os jornais. Eu estava lendo uma matéria no *News Chronicle* outro dia que dizia que atualmente os bombardeiros não podem causar dano algum. A artilharia antiaérea evoluiu tanto que o bombardeiro teria que ficar a seis quilômetros de distância. O camarada acha, percebe-se, que se o avião estiver suficientemente alto as bombas não alcançam o solo. Ou, mais provavelmente, o que ele quis dizer foi que o Arsenal Woolwich não será atingido, apenas locais como a Ellesmere Road.

Mas de modo geral, pensei, não é tão ruim ser gordo. Uma coisa boa num gordo é ser sempre popular. Com efeito, não existe grupo, de agenciadores de apostas a bispos, em que um gordo não se encaixe e se sinta em casa. Quanto às mulheres, os gordos dão mais sorte com elas

do que se imagina. É idiotice pensar, como pensam alguns, que uma mulher considera todo gordo um boboca. A verdade é que uma mulher não considera homem ALGUM um boboca se ele puder convencê-la de estar apaixonado por ela.

Vejam bem, eu nem sempre fui gordo. Estou gordo há oito ou nove anos e suponho que desenvolvi a maioria das características. Mas também sei que por dentro, mentalmente, não sou, na verdade, gordo. Não! Não me entendam mal. Não estou tentando posar de florzinha delicada, um coração partido por trás do rosto sorridente e coisas do gênero. Ninguém daria certo no ramo de seguros se fosse assim. Sou ordinário, insensível e pertenço ao meu ambiente. Enquanto em algum lugar do mundo houver vendas sendo feitas sob comissão e sustentos sendo ganhos com pura desfaçatez e falta de sentimentos mais nobres, sujeitos como eu estarão no jogo. Em quase todas as circunstâncias, tenho conseguido ganhar meu sustento — sempre o sustento e jamais uma fortuna — e mesmo na guerra, na revolução, na peste e na fome eu conseguiria sobreviver mais tempo que a maioria. Sou desse tipo. Mas também tenho algo internamente, trocando em miúdos, uma ressaca do passado. Vou falar disso mais adiante. Sou gordo, mas por dentro sou magro. Por acaso já lhe ocorreu que existe um magro dentro de cada gordo, assim como dizem que existe uma estátua dentro de todo bloco de pedra?

O sujeito que pedira emprestados os meus fósforos palitava com vontade os dentes enquanto lia o *Express*.

— O caso das pernas não parece estar avançando — disse.

— Nunca vão pegá-lo — respondeu o outro. — Ou por acaso dá para identificar um par de pernas? Elas são todas iguais, não?

— Podem acabar pegando o cara por meio do papel em que ele embrulhou as pernas — argumentou o primeiro.

Lá embaixo dava para ver os telhados das casas a perder de vista, serpenteando com as ruas, mas se estendendo para sempre, como uma enorme planície sobre a qual se pudesse cavalgar. Seja para que lado se cruze Londres, lá estão mais de trinta quilômetros de casas, quase sem intervalo. Jesus! Como os bombardeiros vão deixar de nos acertar quando vierem? Somos um tremendo e nítido alvo. E sem aviso, provavelmente. Porque quem será tão idiota para declarar guerra hoje em dia? Se eu fosse Hitler, mandaria meus bombardeiros atacarem no meio de uma conferência de desarmamento. Numa manhã tranquila, quando os assalariados estiverem atravessando aos magotes a Ponte de Londres e o canário estiver cantando, e a velha pendurando as calçolas no varal... *zuum*, *bzzz*, *ka-bumm!* Casas voando pelos ares, calçolas encharcadas de sangue, canário cantando acima dos cadáveres.

De certa forma, uma pena, pensei. Olhei para o mar enorme de telhados se estendendo até o infinito. Quilômetros e quilômetros de ruas, lojas de peixe frito, capelas, cinemas, pequenas gráficas em becos, fábricas, prédios de apartamentos, biroscas, leiterias, centrais elétricas... a perder de vista. Uma vastidão! Uma vastidão tranquila! Como uma imensa selva sem bestas selvagens. Nada de artilharia, ninguém atirando granadas, ninguém batendo em alguém com um cassetete de borracha. Se a gente pensar bem, nesse momento provavelmente não há uma única pessoa na Inglaterra inteira atirando pela janela com uma metralhadora.

Mas e daqui a cinco anos? Ou dois? Ou um ano?

Deixei meus papéis no escritório. Warner é um desses dentistas americanos baratos, cujo consultório, ou "sala" de consultas, como gosta de chamar, fica no meio de um grande quarteirão de escritórios, entre um fotógrafo e um atacadista de produtos de borracha. Ainda faltava um pouco para a hora da consulta, por isso decidi fazer uma boquinha. Não sei o que me deu na cabeça para entrar numa lanchonete. São lugares que em geral evito. Nós que somos do grupo que recebe cinco a dez libras por semana não somos bem servidos no quesito lugares para comer em Londres. Se pretende gastar um xelim e pouco, as únicas opções são o Lyons, o Express Dairy e o A.B.C., do contrário sobra o lanchinho horrível servido no balcão, uma caneca de cerveja e uma fatia de torta mais fria que a cerveja. Do lado de fora da lanchonete, os garotos apregoavam as edições dos jornais vespertinos.

Atrás do balcão vermelho brilhante, uma moça com uma alta touca branca mexia numa geladeira, e em algum lugar nos fundos um rádio emitia um sonzinho débil. *Por que diabos vim parar aqui?*, pensei ao entrar. A atmosfera desses lugares me deprime. Tudo untuoso e lustroso e simplificado; espelhos, esmalte e cromagem para onde quer que se olhe. Investe-se um bocado em decoração e nada em comida. Não havia comida de verdade ali. Apenas listas de coisas com nomes americanos, coisas sem substância nem sabor, em cuja existência mal se pode acreditar. Tudo vem de uma caixa, ou de uma lata, ou de uma geladeira, ou de uma torneira, ou de um tubo. Não há conforto, não há privacidade. Banquetas altas para se sentar, uma espécie de parapeito estreito para pôr o prato, espelhos em todas as paredes. Uma espécie de propaganda flutua acima de tudo isso, misturada ao ruído do rádio,

indicando que a comida não importa, o conforto não importa, nada importa, exceto a untuosidade e o lustro e a simplificação. Tudo é simplificado hoje em dia, até mesmo a bala que Hitler está guardando para você. Pedi um café duplo e duas salsichas *frankfurter*. A moça da touca branca as pôs na minha frente com o mesmo entusiasmo com que se dá comida a um peixinho dourado.

Do lado de fora, um menino gritava "StannnDERD!". Vi o pôster com a manchete batendo contra seus joelhos: PERNAS. NOVAS DESCOBERTAS. Apenas "pernas", note-se. Chegamos a esse ponto. Dois dias antes, as pernas de uma mulher haviam sido encontradas na sala de espera de uma estação ferroviária, embrulhadas em papel pardo, e, devido a sucessivas edições dos jornais, supunha-se que toda a nação estivesse tão passionalmente interessada nessas malditas pernas que ninguém precisasse de qualquer outra introdução. Essas eram as únicas pernas que geravam notícias no momento. Curioso, pensei, enquanto comia um pedaço de pão, como os homicídios estão ficando chatos. Toda essa coisa de cortar gente e deixar os pedaços espalhados pelo interior do país. Sem comparação com os velhos dramas domésticos de envenenamento: Crippen, Seddon, sra. Maybrick; a verdade, suponho, é que não se pode cometer um bom homicídio a menos que se tenha a certeza de vir a assar no inferno por causa dele.

Nesse momento, mordi uma das salsichas e... Jesus!

Não posso honestamente dizer que esperava que a coisa tivesse um sabor agradável. Eu esperava que não tivesse gosto algum, como o pão. Mas isso... Bom, foi uma experiência e tanto. Vou tentar descrevê-la.

A salsicha tinha uma membrana de borracha, claro, e meus dentes temporários não estavam perfeitamente ajustados. Precisei fazer uma

espécie de movimento de serrote antes que os dentes penetrassem a pele. Então, de repente... *plop!* O troço explodiu na minha boca como uma pera podre. Uma coisa horrível começou a escorrer pela minha língua. Mas que gosto era aquele?! De imediato, não consegui acreditar. Depois revirei a língua dentro da boca e tentei de novo. Era PEIXE! Uma salsicha, um troço chamado *frankfurter*, recheada de peixe! Levantei-me do tamborete e saí direto pela porta sem sequer tocar no café. Só Deus sabe que gosto teria.

Do lado de fora, o jovem vendedor de jornais enfiou o *Standard* na minha cara e gritou: "Pernas! Revelações horríveis! Todos os ganhadores! Pernas! Pernas!" Eu continuava com aquele troço na minha boca, me perguntando onde poderia cuspi-lo. Lembrei-me de algo que lera num jornal em algum lugar sobre fábricas de comida na Alemanha onde tudo é feito de outra coisa qualquer. Ersatz é o nome. Eu me lembrei de ter lido que ELES faziam salsichas de peixe, e peixe, garanto, de algo diferente. Fiquei com a sensação de ter mordido o mundo moderno e descoberto do que ele era feito de verdade. Assim são as coisas atualmente. Tudo lustroso e simplificado, cromados por todo lado, arcos iluminados cintilando a noite toda, telhados de vidro sobre nossa cabeça, rádios tocando todos a mesma música, nem um pingo mais de vegetação, tudo cimentado, tartarugas de mentira passeando debaixo de árvores frutíferas neutras. Mas quando a gente desce ao nível do básico e morde uma coisa sólida, uma salsicha, por exemplo, é isso que temos: peixe podre dentro de uma pele de borracha. Bombas de lixo explodindo dentro da nossa boca.

Quando pus os dentes novos me senti muito melhor. Eles se assentaram tranquila e suavemente nas gengivas, e, embora seja muito provável que soe absurdo dizer que dentes falsos possam fazer a gente

se sentir mais jovem, é fato que foi o que aconteceu. Tentei sorrir para mim mesmo na vitrine de uma loja. Nada mal. Warner, embora barato, é quase um artista e não pretende deixar a gente parecendo anúncio de pasta de dente. Ele tem enormes armários cheios de dentaduras — mostrou-as para mim certa vez — arrumadas de acordo com tamanho e cor, e as escolhe como um joalheiro escolhe pedras preciosas para um colar. Nove em dez pessoas achariam que meus dentes são naturais.

Flagrei meu reflexo em tamanho natural noutra vitrine por que passei e me dei conta de que, com efeito, o meu físico não era de todo mau. Um pouco gordinho, sem dúvida, mas nada ofensivo, apenas o que os alfaiates chamam de "figura sólida", e algumas mulheres gostam de homens com rostos corados. *Ainda há vida nesta carcaça velha*, pensei. Lembrei-me das minhas 17 libras e decidi, definitivamente, que as gastaria com uma mulher. Dava tempo de tomar uma cerveja antes que os pubs fechassem, só para batizar os dentes e, me sentindo rico por causa das 17 libras, parei numa tabacaria e comprei um charuto de seis centavos de um tipo que muito me agrada. Eles têm vinte centímetros e são legítimos de Havana. Suponho que o repolho de Havana seja igual ao de qualquer outro lugar.

Saí do pub me sentindo um homem bem diferente.

Tinha tomado duas cervejas, que me aqueceram por dentro, e a fumaça do charuto envolvendo meus dentes novos me causou uma sensação de frescura, limpeza, paz. De repente, me senti meio meditativo e filosófico, em parte porque não tinha trabalho nenhum a fazer. Minha mente voltou aos pensamentos de guerra que eu havia tido de manhã, quando o bombardeiro sobrevoou o trem. Havia um clima quase profético no ar, aquele clima em que a gente prevê o fim do mundo e meio que extrai certo prazer disso.

Eu estava subindo a Strand e, embora fizesse um friozinho, fui andando devagar para saborear meu charuto. A multidão habitual entre a qual mal conseguimos abrir caminho seguia pela calçada, com aquela insana expressão fixa que todas as pessoas em Londres têm, e havia também o engarrafamento de sempre com os enormes ônibus vermelhos se espremendo entre os carros, e os motores roncando e as buzinas soando. Alarido suficiente para despertar os mortos, mas não para despertar essa turma, pensei. Senti como se eu fosse a única pessoa acordada numa cidade de sonâmbulos. É uma ilusão, claro. Quando se caminha em meio a uma multidão de estranhos é quase impossível não imaginar que são todos de cera, mas provavelmente eles estão pensando a mesma coisa da gente. E esse tipo de sensação profética que vira e mexe me assalta hoje em dia, a sensação de que a guerra está logo ali na esquina e que a guerra é o fim de todas as coisas, não me é peculiar. Todos temos isso, mais ou menos. Suponho que mesmo entre essa turma que passava por mim naquele momento devia haver sujeitos vendo mentalmente imagens de explosões de bombas e de lama. Seja o que for que você pense, sempre há milhões de outros pensando o mesmo no mesmo momento. Mas era assim que eu me sentia. Estávamos todos no tombadilho em chamas e ninguém sabia disso além de mim. Olhei para as caras aparvalhadas que passavam. Como perus no dia de Ação de Graças, pensei. Sem noção alguma do que os aguardava. Foi como se eu tivesse raios X nos olhos e pudesse ver os esqueletos caminhando.

Olhei alguns anos à frente. Vi aquela rua como ela seria dali a cinco anos, ou talvez três (1941, dizem, está reservado), depois do início da luta.

Não, ela não foi feita em pedaços. Está apenas levemente mudada, meio castigada e com aspecto de suja, as vitrines quase vazias e tão empoeiradas que não se pode ver o que há dentro. Numa via transversal há uma enorme cratera de bomba e um quarteirão de prédios queimou tão totalmente que ficou parecendo um dente oco. Cupins. Tudo está estranhamente silencioso e todos muito magros. Um pelotão de soldados vem subindo a rua marchando. São magros como varas e arrastam os pés calçados em botas. O sargento tem bigode de rolha e uma postura que lembra um poste, mas é magro também e tosse de um jeito que parece que vai se partir ao meio. Entre os acessos de tosse, ele tenta vociferar comandos para os demais no velho estilo marcial. "Atenção, Jones! Levante a cabeça! O que tanto procura no chão? Todas as guimbas de cigarro já foram catadas anos atrás." De repente, um acesso de tosse o assalta. Ele tenta parar de tossir, não consegue, se dobra como uma régua e quase põe os bofes pela boca. O rosto fica vermelho e roxo, o bigode murcha e as lágrimas lhe escorrem dos olhos.

Ouço as sirenes de alarme aéreo e os alto-falantes berrando que as nossas tropas gloriosas capturaram cem prisioneiros. Vejo uma água-furtada em Birmingham e uma criança de cinco anos chorando e implorando por um pedaço de pão. E de repente a mãe não consegue mais aguentar e grita "Fecha a matraca, infeliz!" antes de levantar a camisola do pequeno e lhe sapecar uma baita palmada, porque não há nem haverá pão algum. Vejo tudo isso. Vejo os cartazes e as filas de comida, e o óleo de rícino e os cassetetes de borracha e as metralhadoras se projetando das janelas.

Vai acontecer? Não se sabe. Tem dias que é impossível acreditar. Tem dias que não passa de pânico espalhado pelos jornais. Tem dias que

sinto nas entranhas que não há escapatória.

Quando me aproximo de Charing Cross, os garotos estão apregoando a edição vespertina dos jornais. Mais disparates sobre o homicídio. PERNAS. DECLARAÇÃO DE CIRURGIÃO FAMOSO. Depois, outra manchete chama minha atenção: ADIADO CASAMENTO DO REI ZOG. Rei Zog! Que nome! É quase impossível acreditar que um sujeito com um nome desses não seja um negro retinto.

Mas justo então uma coisa estranha aconteceu. O nome do rei Zog despertou algumas lembranças. Embora tenha visto o mesmo nome várias vezes naquele dia, acho que nesse momento ele se misturou a algum som no tráfego ou ao cheiro de esterco de cavalo para causar tal efeito.

O passado é uma coisa curiosa. Está com a gente o tempo todo. Suponho que nunca se passe uma hora sem que a gente pense em coisas que aconteceram dez ou vinte anos antes, e, ainda assim, na maioria do tempo ele não é real, não passa de uma série de fatos que se descobriu, como um monte de coisas num livro de história. Então, alguma visão aleatória ou som ou cheiro, sobretudo cheiro, desencadeia o processo e o passado não apenas volta, mas a gente realmente está NO passado. Foi o que aconteceu.

Eu estava de novo na igreja paroquial em Lower Binfield, 38 anos antes. Para todos os efeitos, eu continuava descendo a Strand, gordo e com 45 anos, uma dentadura e um chapéu-coco, mas por dentro eu era Georgie Bowling, com sete anos, filho caçula de Samuel Bowling, comerciante de milho e grãos, morador da High Street, 57, Lower Binfield. E era domingo de manhã e dava para sentir o cheiro da igreja. Como dava! Sabe aquele cheiro que as igrejas têm, um cheiro meio adocicado peculiar, úmido, poeirento, em putrefação. Tem um toque

de gordura de vela também, talvez uma pitada de incenso e uma sugestão de ratos, e nas manhãs de domingo esse cheiro fica um pouco obliterado pelo odor de sabonete e vestidos de sarja, mas predominantemente continua sendo aquele cheiro doce, poeirento e mofado de morte e vida misturadas. Na verdade, é de pó de cadáveres.

Naquela época eu tinha cerca de um metro e vinte de altura. Estava em pé no genuflexório tentando enxergar por cima do banco à frente e podia sentir o vestido preto de sarja da mamãe sob minha mão. Também podia sentir minhas meias puxadas até acima do joelho — costumávamos usá-las desse jeito na época — e a beirada engomada do colarinho Eton que costumava aprisionar meu pescoço nas manhãs de domingo. E ouvia o órgão arquejar e duas vozes possantes recitando aos berros o salmo. Na nossa igreja havia dois homens que dirigiam o canto coletivo. Na verdade, cantavam tanto que pouco sobrava para os demais. Um deles era Shooter, o peixeiro, e o outro, o velho Wetherall, o marceneiro e agente funerário. Os dois em geral se sentavam um em frente ao outro de cada lado da nave, nos bancos próximos ao púlpito. Shooter era um gordo baixinho de rosto bem rosado e liso, narigudo, com um bigode curvo e um queixo que praticamente desaparecia sob a boca. Wetherall era um bocado diferente. Um patife grandalhão, magro, imponente, sessentão, com cara de caveira e cabelo grisalho cortado bem rente. Nunca vi um homem vivo que parecesse tanto com um esqueleto. Dava para ver cada linha do crânio em seu rosto, a pele era como pergaminho e a enorme mandíbula recheada de dentes encardidos subia e descia igualzinho à mandíbula de um esqueleto num museu de anatomia. No entanto, apesar de toda essa magreza, ele dava a impressão de ser forte como ferro, como se fosse viver até os cem anos e fabricar caixões para todos na igreja antes de partir. As

vozes eram bem diferentes, também. Shooter tinha uma espécie de balido desesperado, agonizante, como se alguém estivesse com uma faca em seu pescoço e aquele fosse seu último grito de socorro. Wetherall, porém, tinha um tremendo vozeirão, retumbante, vibrante, que surgia das profundezas do seu ser e lembrava o som de enormes barris sendo rolados de um lado para o outro. Por mais barulho que ele emitisse, sempre se sabia que havia muito mais na reserva. As crianças o apelidaram de Retumbante.

Os dois costumavam gerar uma espécie de efeito de antífona, principalmente nos salmos. Era sempre Wetherall que ficava com a última palavra. Suponho que fossem realmente amigos na vida privada, mas na minha visão infantil eu imaginava que fossem inimigos mortais e estivessem tentando derrubar um ao outro no grito. Shooter trovejava "O Senhor é meu pastor", e Wetherall entrava com "Nada me faltará", neutralizando por completo o outro. Sempre deu para ver qual dos dois mandava. Eu costumava aguardar com especial ansiedade aquele salmo que tem a parte sobre Siom, o rei dos amorreus, e Ogue, o rei de Basã (foi dele que o nome do rei Zog me fizera recordar). Shooter começava com "Siom, rei dos amorreus". Em seguida, talvez durante meio segundo, a gente ouvia o restante da congregação cantar "e", e então soava o impressionante baixo de Wetherall, impondo-se como uma enorme onda e engolindo a todos com "Ogue, rei de Basã". Eu gostaria de poder fazer vocês ouvirem o tremendo fragor trovejante, lembrando o som subterrâneo de barris, que ele era capaz de infundir naquele "Ogue". Chegava até a atropelar o "e", de modo que quando era bem pequeno eu pensava ouvir Égua, rei de Basã. Mais tarde, quando entendi direito os nomes, construí uma imagem mental de Siom e Ogue. Eu os imaginava como um par daquelas gigantescas

estátuas egípcias das quais eu vira fotos na enciclopédia, estátuas de dez metros de altura, sentadas em seus tronos, de frente uma para a outra, com as mãos nos joelhos e um leve sorriso enigmático no rosto.

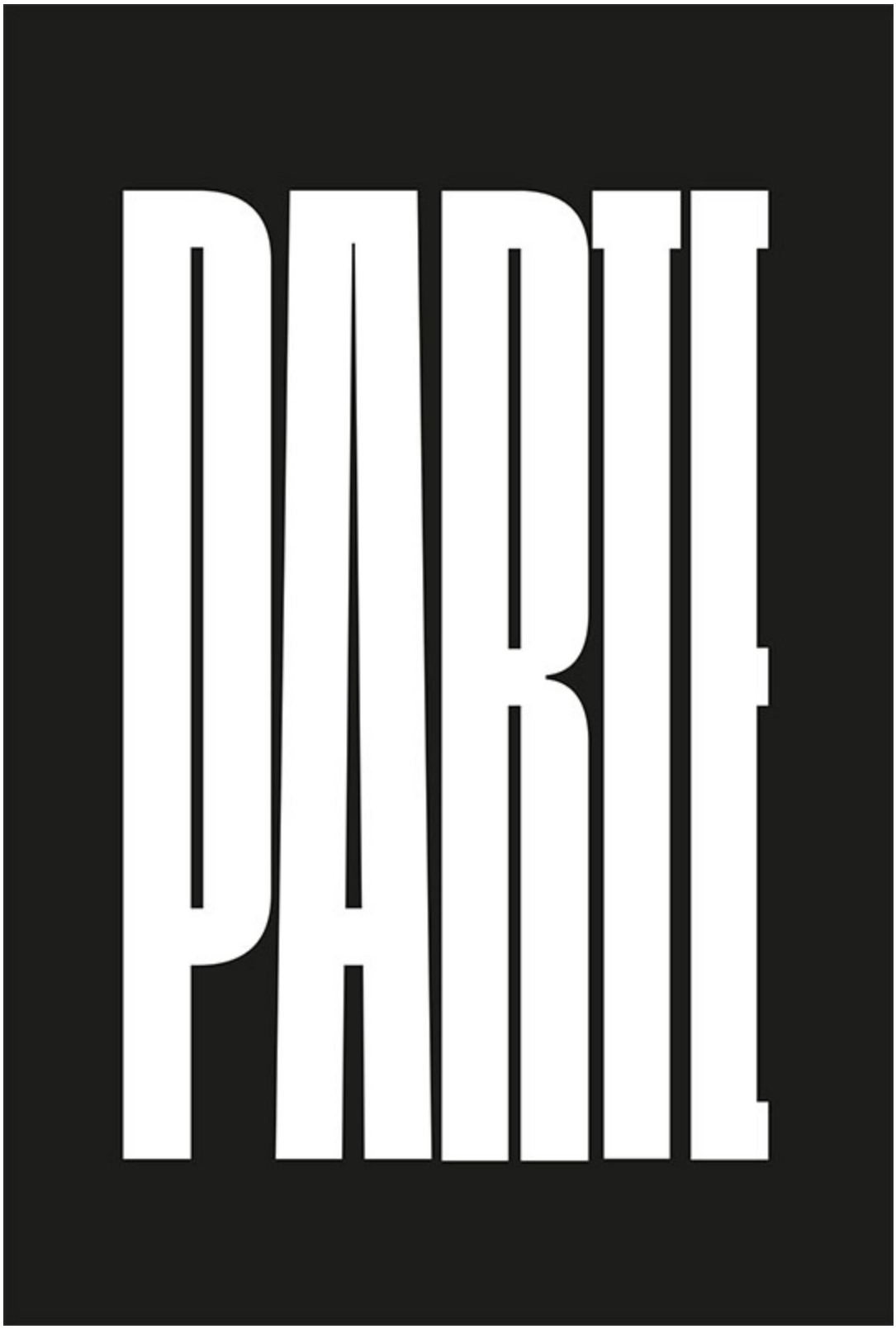
Como tudo me voltou! Aquela sensação peculiar — era apenas uma sensação, não podia ser descrita como uma atividade — que chamávamos de "igreja". O adocicado cheiro cadavérico, o farfalhar dos vestidos dominicais, o som do órgão e as vozes estrondosas, o facho de luz vindo do buraco na janela e se esgueirando lentamente nave acima. De certa forma, os adultos acreditavam que essa extraordinária encenação fosse necessária. A gente encarava a coisa com naturalidade, como encarava a Bíblia, da qual bebíamos boas doses naquele tempo. Havia textos em todas as paredes e sabíamos de cor capítulos inteiros do Velho Testamento. Mesmo agora, minha cabeça continua cheia de trechos da Bíblia. E os filhos de Israel fizeram o mal aos olhos do Senhor. E Aser assentou-se à beira do mar. Desde Dã até Berseba. E feriu-o debaixo da quinta costela, e ele morreu. A gente nunca entendeu, não tentava nem queria, não passava de um tipo de remédio, um troço de gosto esquisito que se precisava engolir sabendo que era de alguma forma necessário. Uma lenga-lenga fantástica sobre pessoas com nomes como Simei, Nabucodonosor, Aitofel e Hashbadada; pessoas com vestes compridas e engomadas e barbas assírias, andando para lá e para cá a camelo entre templos e cedros e fazendo coisas extraordinárias. Sacrificando oferendas queimadas, vagando entre a fornalha ardente, sendo pregadas em cruzes e engolidas por baleias. Tudo isso misturado ao cheiro adocicado de cemitério e aos vestidos de sarja e o som do órgão.

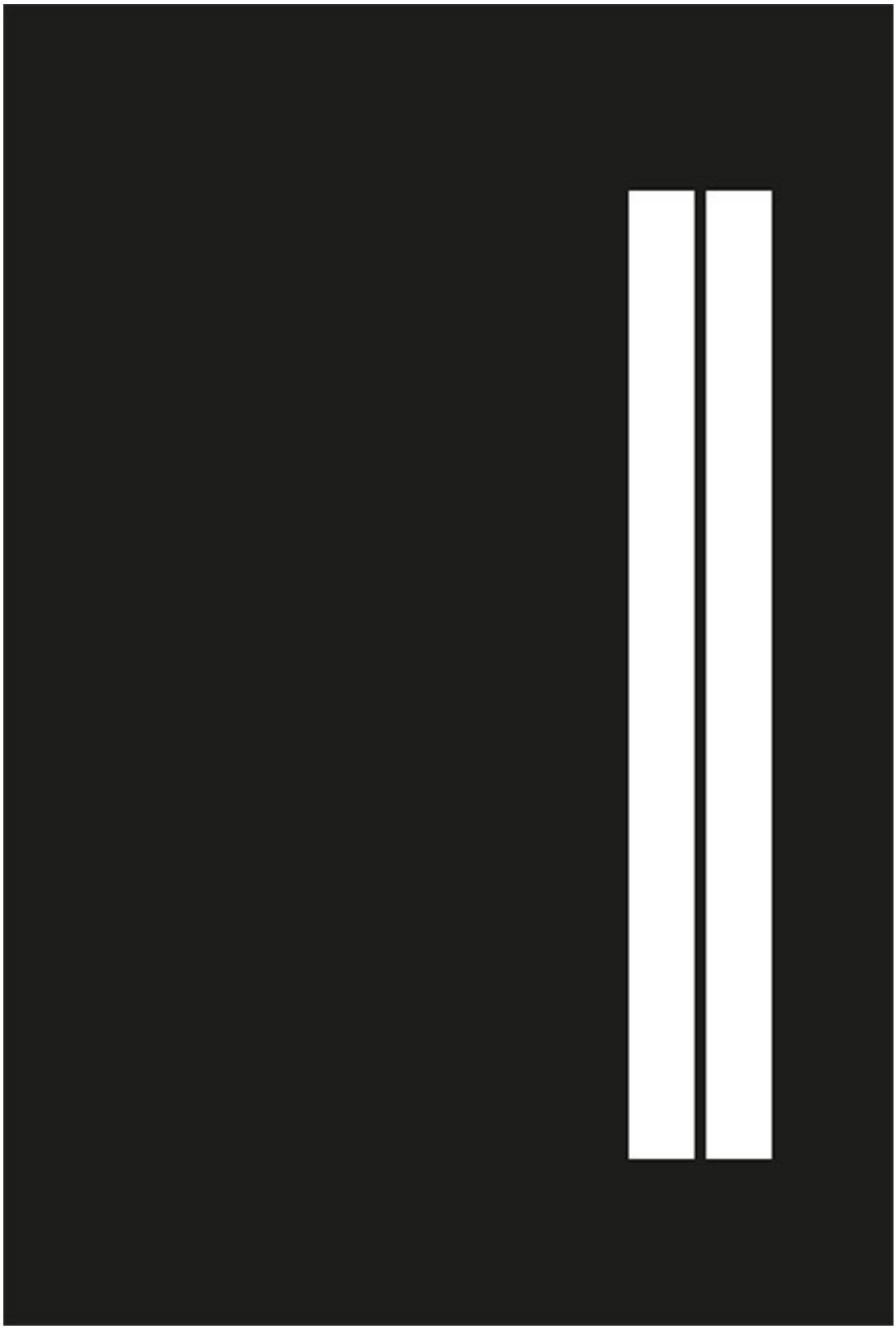
Foi a esse mundo que voltei quando vi o cartaz sobre o rei Zog. Por um instante não apenas me lembrei dele, eu ENTREI nele. Claro que

tais impressões não duram mais que um punhado de segundos. Um minuto depois, foi como se eu abrisse novamente os olhos e me visse com 45 anos no meio de um engarrafamento na Strand. Mas aquilo deixou uma espécie de efeito retardado. Às vezes, quando saímos de um rosário de pensamentos, sentimos como se emergíssemos das profundezas, mas dessa vez aconteceu o oposto, como se lá em 1900 é que eu tivesse respirado o ar real. Mesmo de olhos abertos, por assim dizer, todos aqueles apalermados andando para lá e para cá e os letreiros e o fedor de gasolina e o ronco dos motores me pareceram menos reais do que a manhã de domingo em Lower Binfield 38 anos antes.

Atirei fora meu charuto e segui caminhando devagar. Podia sentir o cheiro de cadáver. De certa forma, ainda sinto agora. Estou de volta a Lower Binfield, e o ano é 1900. Ao lado do bebedouro dos cavalos no mercado, o cavalo do carreteiro come do seu bornal. Na loja de balas da esquina, a sra. Wheeler está pesando meio centavo de balas de licor. A carruagem de lady Rampling passa, com o lacaio sentado atrás de braços cruzados. Tio Ezequiel dá uma bronca em Joe Chamberlain. O sargento recrutador em seu paletó escarlate, culote azul e boina achatada, anda para lá e para cá torcendo o bigode. Os bêbados vomitam no pátio atrás do George. Vicky está em Windsor, Deus está no céu, Cristo está na cruz, e Jonas na barriga da baleia. Sadraque, Mesaque e Abednego estão na fornalha ardente, e Siom, rei dos amorreus, e Ogue, rei de Basã, sentados em seus tronos, olham um para o outro — sem fazer nada em especial, apenas existindo, mantendo o lugar que lhes foi destinado, como um par de cães de lareira ou o Leão e o Unicórnio.

Será que tudo se foi para sempre? Não tenho certeza. Mas garanto que era um mundo bom no qual viver. Pertenço a ele. E você também.


PART



O mundo de que me lembrei momentaneamente quando vi o cartaz com o nome do rei Zog era tão diferente do mundo em que vivo agora que talvez você tenha alguma dificuldade para acreditar que um dia pertenci a ele.

Suponho que a essa altura já lhe seja possível me imaginar mentalmente — um sujeito gordo de meia-idade com dentes falsos e cara vermelha — e, de forma subconsciente, supor que eu era exatamente o mesmo desde o berço. Mas 45 anos é tempo à beça, e, embora alguns não mudem nunca, outros o fazem. Mudei um bocado, tive meus altos e baixos, na maioria altos. Pode parecer estranho, mas acho que meu pai ficaria orgulhoso de mim se me visse agora. Acharia uma coisa maravilhosa um filho seu ter um carro e morar numa casa com banheiro. Mesmo agora, estou um pouco acima das minhas origens, e houve épocas em que alcancei níveis com que sequer sonhávamos nos tempos antes da guerra.

Antes da guerra! Durante quanto tempo continuaremos dizendo isso?, me pergunto. Daqui a quanto tempo a resposta será "Qual guerra?"? No meu caso, a terra do nunca na qual as pessoas pensam quando dizem "antes da guerra" foi logo antes da Segunda Guerra dos Bôeres. Nasci em 1893 e me lembro direitinho da eclosão da Guerra dos Bôeres, por causa da baita briga que papai e tio Ezequiel travaram a esse respeito. Tenho várias outras lembranças que remontam a cerca de um ano antes disso.

A primeiríssima coisa de que me lembro é o cheiro de palha de sanfeno. A gente subia pelo corredor de pedra que levava da cozinha até a loja, e o cheiro de sanfeno ia ficando cada vez mais forte. Mamãe

tinha instalado uma grade de madeira na entrada da loja para impedir que Joe e eu (Joe era meu irmão mais velho) entrássemos. Ainda me lembro de ficar grudado na grade e do cheiro de sanfeno misturado ao odor úmido de gesso do corredor. Não foi senão anos mais tarde que consegui quebrar a grade e entrar na loja sem ninguém perceber. Um camundongo que investigava um dos latões de farinha de repente saltou lá de dentro e saiu correndo por entre os meus pés. Estava branco de farinha. Acho que isso aconteceu quando eu tinha uns seis anos.

Quando se é muito jovem, às vezes parece que nos tornamos subitamente conscientes de coisas que há muito já estavam bem debaixo do nosso nariz. As coisas à volta entram nadando em nossa mente uma de cada vez, lembrando o que acontece quando estamos acordando. Por exemplo, foi só quando eu já tinha quase quatro anos que de repente percebi que tínhamos um cachorro. Ele se chamava Nailer, um velho terrier inglês branco de uma raça que não existe mais hoje. Eu o encontrei debaixo da mesa da cozinha e de algum jeito registrei, tendo descoberto apenas naquele instante, que era nosso e se chamava Nailer. Da mesma forma, pouco antes, eu descobrira que além da grade no final do corredor havia um lugar de onde vinha o cheiro de sanfeno. E a loja em si, com as balanças enormes e os medidores de madeira e a pá de latão, as letras brancas na vitrine e o priolo em sua gaiola — que não dava para ver direito da calçada, porque a vitrine vivia empoeirada —, todas essas coisas se encaixaram na minha mente uma a uma, como as peças de um quebra-cabeça.

O tempo passa, a gente fica mais firme sobre as pernas e aos poucos começa a entender um pouco a geografia. Suponho que Lower Binfield fosse exatamente como qualquer outra cidade-mercado de cerca de

dois mil habitantes. Ficava em Oxfordshire — reparem que uso o PASSADO, embora afinal o lugar todo ainda exista —, a uns oito quilômetros do rio Tâmisa. Ocupava um pedaço de um vale, separado do rio por uns morros e colinas mais altas atrás. No topo das colinas havia florestas que criavam uma espécie de massas azuis desbotadas entre as quais se via um casarão branco com uma colunata, a Binfield House (que todo mundo chamava de "A Mansão"), e o topo do morro era conhecido como Upper Binfield, embora não houvesse povoado ali havia mais de cem anos. Eu devia ter quase sete anos quando notei a existência da Binfield House. Quando somos muito pequenos, não olhamos para muito longe. Mas àquela altura eu conhecia cada centímetro da cidade, que tinha o formato mais ou menos de uma cruz com o mercado no meio. Nossa loja ficava na High Street, um pouco antes de chegar ao mercado, e na esquina era a loja de balas da sra. Wheeler, onde a gente gastava meio centavo quando tinha. A sra. Wheeler era uma bruxa velha e suja, e o pessoal achava que ela chupava as balas de caramelo e depois as botava de volta no vidro, embora isso jamais tenha sido provado. Mais abaixo ficava a barbearia com o anúncio dos cigarros Abdulla — aquele que tem os soldados egípcios, e por mais estranho que pareça o mesmo anúncio é usado até hoje — e o intenso cheiro alcoólico de loção pós-barba e tabaco. No meio da área do mercado há um bebedouro de cavalos de pedra, e boiando na água tem sempre uma leve camada de poeira e forragem.

Antes da guerra, e sobretudo antes da Guerra dos Bôeres, o verão durava o ano todo. Tenho plena ciência de que isso é uma ilusão. Simplesmente estou tentando explicar como as coisas voltam à minha cabeça. Se eu fechar os olhos e pensar em Lower Binfield a qualquer tempo antes dos meus, digamos, oito anos, só consigo me lembrar do

verão. Ou do mercado na hora do jantar, com uma espécie de silêncio preguiçoso e poeirento envolvendo tudo, e o cavalo do carroceiro com o focinho enfiado no bornal, mastigando, ou de uma tarde quente nos vastos prados verdejantes e úmidos no entorno da cidade, ou do crepúsculo na viela atrás dos lotes da horta pública e do odor de fumo de cachimbo misturado ao perfume de flores noturnas sobre a cerca viva. Mas, de certa forma, também me lembro de estações diferentes, pois todas as minhas lembranças se entrelaçam com alguma comida, que variava de acordo com a época do ano. Principalmente o que costumávamos achar no mato. Em julho havia as amoras-pretas — ainda que muito raras —, e as amoras já estavam quase vermelhas o bastante para podermos comê-las. Em setembro, eram as ameixinhas selvagens e avelãs. As melhores sempre estavam fora do alcance. Mais tarde, vinham as nozes de faia e as maçãs silvestres. E tinha coisas menos apetitosas que comíamos quando não havia nada melhor: espinheiro branco — mesmo não sendo muito gostoso —, rosa mosqueta, que tem um gosto forte quando se tira os pelinhos. A angélica é gostosa no início do verão, ainda mais quando estamos com sede, assim como os talos de várias ervas. E tem também a azedinha, que fica ótima com pão e manteiga, as pecãs e um tipo de trevo selvagem de gosto amargo. Mesmo as sementes de banana-da-terra são um recurso quando se está muito longe de casa e faminto.

Joe era dois anos mais velho que eu. Quando éramos bem pequenos, mamãe pagava 18 centavos por semana a Katie Simmons para nos levar para passear à tarde. O pai de Katie trabalhava na cervejaria e tinha 14 filhos, o que levava a família a estar sempre em busca de empregos estranhos. Katie só tinha 12 anos quando Joe estava com sete, e eu, com cinco, e a maturidade dela não diferia muito da nossa. Ela me arrastava

pelo braço e me chamava de “neném”, e sua autoridade sobre a gente era apenas suficiente para evitar que fôssemos atropelados por carruagens ou perseguidos por touros, mas no quesito conversa havia igualdade entre nós. Fazíamos longos passeios por trilhas — sempre, claro, colhendo e comendo tudo que víamos pela frente —, pela viela atrás da horta pública, atravessávamos os prados e íamos até o moinho, onde havia uma lagoa cheia de salamandras e carpas (Joe e eu passamos a ir pescar lá, já um pouco mais velhos), e voltávamos pela estrada de Upper Binfield para passar pela loja de doces, que ficava na periferia da cidade. A loja era tão mal situada que todo mundo que se instalava ali ia à falência e, que eu saiba, foi três vezes uma loja de doces, uma vez uma mercearia e uma vez um lugar que consertava bicicletas, mas exercia um fascínio especial sobre as crianças. Mesmo quando não tínhamos dinheiro, pegávamos aquela direção para grudar nosso nariz na vitrine. Katie não estava nadinha acima de dividir um punhado de doces de dois tostões e brigar pela cota dela. A gente podia comprar coisas que valiam a pena por uma mixaria naquela época. A maioria dos doces custava um centavo cada cem gramas, e tinha até um troço chamado Mistura do Paraíso, em geral balas quebradas de várias qualidades, que era vendido por um centavo cada 180 gramas. Tinha, ainda, os Tostões Eternos, com um metro de comprimento e que duravam mais de meia hora. Camundongos e porcos de açúcar podiam ser comprados por meio centavo cada saco grande, e um pacote bônus contendo tipos variados de doces, um anel de ouro e às vezes um apito, por um centavo. Não existem mais esses pacotes bônus atualmente. Um monte de doces que a gente comia naquela época sumiu. Eu me lembro de um doce chato branco com slogans gravados, e um outro cor-de-rosa pegajoso que vinha numa caixa de fósforo oval com uma

colherinha minúscula, que custava meio centavo. Ambos desapareceram. Desapareceram também os Confeitos de Cominho, bem como os cachimbos de chocolate e fósforos de açúcar, e até os granulados são raros hoje em dia. Os granulados eram uma ótima saída quando tínhamos apenas um quarto de centavo. E os Penny Monsters? Por acaso, alguém vê um Penny Monster agora? Era uma garrafa enorme, com mais de um litro de limonada gasosa, que custava um centavo. Outra coisa que está morta e enterrada.

É sempre verão quando penso no passado. Posso sentir a grama à volta, tão alta quanto eu, e o calor brotando da terra. E a poeira na estrada, e a luz morna e esverdeada atravessando os ramos da aveleira. Posso ver o nosso trio caminhando, comendo o que arrancamos dos arbustos, com Katie me arrastando pelo braço e dizendo "Vamos, Neném!", e às vezes gritando para Joe que segue à frente: "Joe! Volta aqui já, já! Você vai apanhar!" Joe era alto para a idade, tinha um cabeção avantajado e panturrilhas formidáveis, o tipo do garoto que está sempre aprontando algo perigoso. Aos sete anos, já usava calças curtas, com as meias pretas grossas puxada até acima do joelho e as botas grandalhonas que todo menino usava na época. Eu ainda vestia macacões de linho que mamãe costurava para mim. Katie costumava usar uma pavorosa paródia surrada de vestido de adulto que passava de irmã para irmã na família dela. Tinha um ridículo chapelão, por baixo do qual saíam as duas marias-chiquinhas, uma saia comprida encardida que arrastava no chão e botas de abotoar com os saltos estropiados. Ela era pequena, não muito mais alta que Joe, mas nada má como "babá". Numa família como aquela, uma criança serve de "babá" para as outras praticamente desde que consegue ficar de pé. Às vezes, ela tentava ser adulta e se comportar como mocinha e tinha a

mania de interromper a gente do nada com um provérbio, que, na sua cabeça, era algo irrespondível. Se você dissesse "Não ligo", ela respondia imediatamente:

"*'Não ligo' passou a ligar;*
'Não ligo' foi abandonado,
Um dia parou na panela
E na hora virou um assado."

E, se a gente a xingava, lá vinha o "palavras sujas, ouvidos surdos", ou, caso nos gabássemos, "ao galo que canta, aperta-se a garganta". Isso se revelou muito verdadeiro um dia, quando eu me exibia fingindo ser um soldado e caí no estrume de vaca. A família de Katie morava numa casa minúscula e imunda na rua miserável nos fundos da cervejaria. O lugar era infestado de crianças como se fossem pragas. A família toda conseguira escapar da escola, o que era muito fácil naquela época, e as crianças começavam a levar e trazer recados e fazer pequenos serviços assim que aprendiam a andar. Um dos irmãos mais velhos pegou um mês de prisão por roubar nabos. Katie parou de nos levar para passear um ano depois, quando Joe fez oito anos e passou a ficar difícil para uma menina controlá-lo. Ele descobriu que na casa dela cinco pessoas dormiam na mesma cama e passou a infernizar sua vida.

Coitada da Katie! Teve o primeiro filho aos 15 anos. Ninguém soube quem era o pai, e provavelmente nem ela tinha muita certeza. A maioria acreditava ser um dos irmãos. O pessoal do abrigo para pobres ficou com o bebê, e Katie foi ser doméstica em Walton. Algum tempo depois, casou-se com um funileiro, que, até mesmo pelos padrões da

família da noiva, representava um declínio social. A última vez que a vi foi em 1913. Eu estava pedalando por Walton e passei por alguns abomináveis barracos de madeira ao longo da linha do trem, com cercas em volta feitas de tábuas de barril, onde os ciganos costumavam acampar em determinadas épocas do ano, quando a polícia deixava. Uma bruaca enrugada, com o cabelo desgrenhado e um rosto cinzento, aparentando no mínimo cinquenta anos, saiu de um dos barracos sacudindo um capacho esfarrapado. Era Katie, que devia ter então seus 27 anos.

Terça-feira era dia de mercado. Sujeitos de rosto redondo e vermelho como melancias usando aventais sujos e enormes botas cobertas de esterco seco, portando longas varas de avelaneira, levavam seus animais para a praça do mercado bem cedinho. Durante horas reinava ali uma algaravia horrorosa: cachorros latindo, porcos grunhindo, sujeitos em carroças ansiosos para abrir caminho estalando seus chicotes e gritando impropérios, e aqueles que conduziam o gado distribuindo comandos em altos brados. Era uma algazarra sempre que um touro chegava ao mercado. Mesmo naquela idade, eu sabia que quase todos os touros eram bestas inofensivas e obedientes, que queriam apenas chegar a suas baias em paz, mas um touro não seria considerado um touro se metade da cidade não o perseguisse pela rua. Às vezes, um animal aterrorizado, em geral uma novilha novinha, se soltava e desembestava por uma rua lateral, e todos que por acaso estivessem em seu caminho ficavam no meio da via e balançavam os braços como as pás de um moinho, gritando "Buu! Buu!". Supostamente, isso tinha um efeito hipnótico sobre um animal e com certeza o amedrontava.

Lá pelo meio da manhã, alguns fazendeiros entravam na loja e faziam escorrer entre os dedos amostras de grãos. Na verdade, meu pai negociava muito pouco com os fazendeiros, porque não tinha como transportar os grãos nem condições de lhes dar crédito a longo prazo. A maior parte das vendas que fazia era de pequena monta, ração para aves, forragem para os cavalos dos comerciantes e coisas no gênero. O velho Brewer, o moleiro, era um sacana de barba grisalha muito pão-duro. Em geral, ele ficava ali uma meia hora, mexendo em amostras de

milho de galinha e deixando que caíssem em seu bolso de uma forma distraída, após o que, claro, ia embora sem comprar coisa alguma. À noite, os pubs ficavam cheios de bêbados. Nessa época, a cerveja custava dois centavos o quartilho, e, ao contrário da cerveja de agora, tinha gosto. E durante a Guerra dos Bôeres, o sargento recrutador costumava bater ponto no bar do George toda quinta e todo sábado à noite, vestido nos trinques e muito liberal com o próprio dinheiro. Às vezes, na manhã seguinte, ele era visto com algum peão de fazenda de rosto corado e expressão abobalhada que mordera a isca quando estava bêbado demais para pensar e descobrira de manhã que lhe custaria vinte libras para se safar. As pessoas ficavam paradas à porta de casa e balançavam a cabeça quando os viam passar, quase como se assistissem a um enterro.

— Que coisa! Mais um soldado! Parece mentira! Um rapaz tão bom!

Era um choque para todos. Alistar-se como soldado, na visão deles, era equivalente a uma moça vender o corpo na rua. A atitude geral em relação à guerra e ao Exército era bem curiosa. Havia as boas e velhas noções inglesas de que os soldados eram a escória da terra e qualquer um que se juntasse ao Exército morreria de tanto beber e iria direto para o inferno. Ao mesmo tempo, porém, os cidadãos eram bons patriotas, penduravam a bandeira em suas janelas e se apegavam a ela como a um talismã que impedira e continuaria a impedir que os ingleses fossem vencidos na batalha. Naquela época, todos, até mesmo os não conformistas, costumavam cantar músicas sentimentais sobre a fina linha vermelha e o jovem soldado que morrera no campo de batalha em terras distantes. Esses meninos soldados sempre morriam "debaixo de uma chuva de tiros e granadas", pelo que lembro. Isso me confundia quando eu era garoto. Tiro era algo que eu entendia, mas

pensar neles caindo do céu feito chuva produzia uma imagem estranha na minha cabeça. Quando Mafeking foi libertada, as pessoas ficaram ensandecidas, e àquela altura, de todo modo, acreditava-se nas histórias sobre os bôeres atirando crianças para cima e empalando-as em suas baionetas. O velho Brewer ficou tão farto de as crianças o chamarem de "Kruger" que, já próximo ao final da guerra, raspou a barba. A atitude do povo com relação ao governo era idêntica. Todos eram leais cidadãos ingleses e juravam que Vitória era a melhor rainha que jamais existira e os estrangeiros eram sujos, mas ao mesmo tempo não passava pela cabeça de ninguém pagar nem um imposto sequer, nem mesmo uma licença para ter um cão, se houvesse um jeito de evitar.

Antes e depois da guerra, Lower Binfield era um distrito liberal. Durante a guerra houve uma eleição extraordinária, que os conservadores venceram. Eu era jovem demais para entender do que realmente se tratava. Só sabia que eu era conservador porque gostava mais dos galhardetes azuis do que dos vermelhos, e me lembro disso principalmente por causa de um bêbado que caiu de cara na calçada do lado de fora do George. Na excitação reinante, ninguém deu por conta dele, e o sujeito ficou lá estirado durante horas no sol quente com o sangue secando à volta, que, seco, tornou-se púrpura. Quando veio a eleição de 1906, eu já tinha idade suficiente para entender um pouco mais as coisas, e dessa vez me rotulei de liberal porque todo mundo era liberal. Perseguiram o candidato conservador por quase um quilômetro e o jogaram num lago cheio de plantas aquáticas. Levava-se a sério a política naquele tempo. Costumava-se estocar ovos podres semanas antes de uma eleição.

Muito cedo na vida, quando a Guerra dos Bôeres estourou, eu me lembro de uma baita briga entre meu pai e tio Ezekiel. Tio Ezekiel tinha uma loja de sapatos em uma das ruas próximas à High Street e também fazia alguns serviços de sapateiro. Era um negócio pequeno com tendência a diminuir, o que não fazia tanta diferença, porque tio Ezekiel não era casado. Vinha a ser apenas meio-irmão do meu pai e muito mais velho, vinte anos no mínimo, e durante os cerca de 15 anos que convivemos teve a mesma cara. Era um velho de boa aparência, bem alto, com cabelo branco e as costeletas mais brancas que já vi... brancas como lanugem. Tinha um jeito de bater no avental de couro e ficar muito ereto — uma reação às horas que passava inclinado sobre a forma de sapateiro, suponho —, para logo depois vociferar suas opiniões na cara do interlocutor, coroando com uma espécie de gargalhada fantasmagórica. Era um autêntico liberal do século XIX, do tipo que não apenas se contentava em perguntar o que Gladstone disse em 1878, mas que também dava a resposta, sendo uma das poucas pessoas em Lower Binfield a manter as mesmas opiniões ao longo de toda a guerra. Vivia denunciando Joe Chamberlain e alguma gangue a que se referia como "a gentalha da Park Lane". Lembro de ouvi-lo como se fosse ontem, numa de suas discussões com meu pai: "Eles e seu vasto império! Vasto o bastante para ficarem bem afastados de mim. Ha-ha-ha!" E então ouço a voz do meu pai, uma voz tranquila, preocupada, consciente, argumentar sobre o ônus do homem branco e o nosso dever para com os pobres negros que os bôeres tratavam de forma vergonhosa. Ficaram uma semana sem se falar depois que tio Ezequiel declarou que era pró-bôer e anticolonialista. Tiveram outro bate-boca quando as histórias de atrocidades começaram. Papai ficou muito preocupado com o que ouvira e abordou tio Ezequiel a respeito.

Anticolonialista ou não, sem dúvida ele não podia achar certo esses bôeres atirarem bebês para cima e apará-los com as baionetas, ainda que os bebês FOSSEM bebês negros, certo? Mas tio Ezekiel apenas riu. Papai tinha entendido tudo errado! Não eram os bôeres que atiravam bebês para cima, eram os soldados ingleses! Ele me agarrava — eu devia ter uns cinco anos na época — para ilustrar seus argumentos. "Eles atiram os bebês para cima e os empalam como sapos, é sério! Do jeito que eu poderia atirar este jovenzinho aqui!" Meu tio me levantou, então, do chão, quase me deixando cair, e tive a nítida sensação de voar pelos ares e aterrissar na ponta de uma baioneta.

Meu pai era bem diferente do tio Ezekiel. Não sei muita coisa sobre meus avós, que morreram antes de eu nascer, e só sei que o meu avô tinha sido sapateiro, que já tarde na vida casou-se com a viúva de um comerciante de grãos, motivo pelo qual acabamos ficando com a loja. Era uma atividade que, na verdade, não combinava com meu pai, embora ele conhecesse o negócio de trás para a frente e trabalhasse sem parar. Salvo aos domingos e muito raramente nas noites de dias úteis, não me lembro de jamais vê-lo sem farinha nas mãos, nas rugas do rosto e no que sobrara de cabelo. Casara-se com uns trinta anos e já devia ter quase quarenta quando primeiro me recordo dele. Era um homem pequeno, cinzento e calado, sempre em mangas de camisa e avental branco e sempre com aparência empoeirada por causa da farinha. Tinha cabeça redonda, nariz chato, um bigode bastante basto, usava óculos, e o cabelo era cor de manteiga, como o meu, mas já perdera boa parte dele e o que sobrara estava sempre farinhento. Meu avô havia subido na vida ao se casar com a viúva de um comerciante de grãos, e meu pai estudara na Walton Grammar School, para onde os fazendeiros e comerciantes mais bem-sucedidos mandavam os filhos,

embora tio Ezekiel gostasse de se gabar por nunca ter posto os pés na escola, aprendendo a ler sozinho sob a luz de uma vela de sebo após o expediente. Mas meu tio era bem mais esperto que meu pai, podia discutir com qualquer um e costumava citar Carlyle e Spencer a torto e a direito. Meu pai tinha um raciocínio lento, nunca fora "chegado aos livros", como dizia, e não falava corretamente. Nas tardes de domingo, o único momento em que realmente relaxava, ele se acomodava junto à lareira da sala para fazer o que chamava de "boa leitura" do jornal dominical. Seu favorito era *The People* — mamãe gostava mais do *News of the World*, que, segundo ela, trazia mais homicídios. Posso ver os dois agora. Uma tarde de domingo — no verão, claro, sempre no verão —, o cheiro de porco assado e legumes ainda no ar, mamãe de um lado da lareira começando a ler sobre um homicídio e aos poucos pegando no sono com a boca aberta, e meu pai do outro, de chinelos e óculos, digerindo pouco a pouco os metros de letrinhas miúdas. E a sensação macia do verão nos cercando, os gerânios na janela, um estorninho arrulhando em algum lugar, e eu debaixo da mesa com o *B.O.P.*,[01] fazendo de conta que a toalha é uma tenda. Mais tarde, no jantar, enquanto mastigava nabos e cebolas, papai falava de um jeito meio ruminante sobre o que tinha lido, os incêndios, naufrágios e escândalos da alta sociedade e aquelas novas máquina voadoras, bem como do sujeito (me dou conta de que até hoje ele aparece nos jornais de domingo mais ou menos a cada três anos) que foi engolido por uma baleia no mar Vermelho e depois resgatado vivo, mas branco como giz por conta do suco gástrico do animal. Papai sempre foi levemente cético quanto a essa história, bem como quanto às novas máquinas voadoras, porém de resto acreditava em tudo que lia. Até 1909, ninguém em Lower Binfield acreditava que os seres humanos fossem

um dia aprender a voar. A doutrina oficial rezava que se Deus quisesse que voássemos teria nos dado asas. Tio Ezekiel não se fazia de rogado e retrucava: "Se Deus quisesse que usássemos transporte, teria nos dado rodas", mas nem ele acreditava nas novas máquinas voadoras.

Era apenas nas tardes de domingo e, talvez, na única noite da semana em que ele entrava no George para tomar uma caneca de cerveja, que meu pai se permitia pensar nessas coisas. Nas outras ocasiões ele estava sempre sobrecarregado de trabalho. Não havia, na verdade, muito a fazer, mas ele parecia sempre ocupado, fosse no depósito nos fundos do quintal, carregando sacas e fardos, ou no microcubículo empoeirado atrás do balcão na loja, somando números em um caderno com um toco de lápis. Era um homem muito honesto e prestativo, altamente ansioso para fornecer mercadoria de qualidade e não enganar ninguém, o que mesmo naquela época não era a melhor forma de tocar um negócio. Meu pai teria sido o homem ideal para alguma função pública modesta, um carteiro, por exemplo, ou chefe de estação de cidadezinha no campo. Mas não tinha nem a ousadia nem a iniciativa de pedir dinheiro emprestado para expandir seu comércio, bem como lhe faltava imaginação para pensar em novos pontos de venda. Era típico dele que o único laivo de imaginação de que jamais deu mostras, a invenção de uma nova mistura de sementes para pássaros de gaiola (chamava-se Mistura Bowling e ficou famosa num raio de quase dez quilômetros) se devesse, com efeito, ao tio Ezekiel. Tio Ezekiel era admirador de pássaros e tinha um monte de pintassilgos na sua lojinha escura. Sua teoria era de que os pássaros engaiolados perdem a cor por causa da falta de variedade em sua dieta. No quintal atrás da loja, meu pai cultivava um minúsculo canteiro no qual costumava plantar sob uma tela metálica vinte tipos de ervas, que

depois secava, misturando as sementes com ração comum para canários. Jackie, o priolo que ficava na gaiola pendurada na vitrine da loja, supostamente servia de propaganda para a Mistura Bowling. Decerto, ao contrário da maioria dos priolos engaiolados, Jackie jamais ficou preto.

Minha mãe foi gorda desde que me entendo por gente. Sem dúvida herdei dela minha deficiência pituitária, ou o que quer que seja que nos faça engordar.

Ela era uma mulher grande, um pouco mais alta que meu pai, com o cabelo bem mais claro que o dele e uma tendência a usar vestidos pretos. Mas, salvo aos domingos, não me lembro de vê-la sem avental. Seria um exagero, porém não dos maiores, dizer que não me lembro dela senão cozinhando. Quando olhamos bem para trás no tempo parece que vemos os seres humanos sempre estáticos num lugar específico e com alguma atitude característica. Temos a impressão de que eles estavam sempre fazendo a mesmíssima coisa. Ora, exatamente como sempre que penso no meu pai me lembro dele atrás do balcão, com o cabelo todo cheio de farinha, somando números com um toco de lápis que ele umedecia entre os lábios, e exatamente como sempre me lembro de tio Ezekiel com suas fantasmagóricas costeletas brancas, se aprumando e batendo no avental de couro, quando penso na mamãe eu sempre me lembro dela na mesa da cozinha, com os braços cobertos de farinha, fazendo pão.

Todos sabem o tipo de cozinha que se tinha naquela época. Um lugar enorme, bastante escuro e de teto baixo, com uma grande viga cruzando o teto e chão de pedra com porões embaixo. Tudo enorme, ou assim me parecia quando eu era criança. Uma vasta pia de pedra, que não tinha torneira, mas uma bomba de ferro, um armário que encobria

uma parede e chegava até o teto, um fogão gigantesco que queimava uma barbaridade de carvão por mês e levava Deus sabe quanto tempo para limpar e polir. Minha mãe na mesa sovando um pedaço enorme de massa. E eu engatinhando para lá e para cá, mexendo nas toras de madeiras e nos pedaços de carvão e armadilhas para besouros feitas de lata (nós as botávamos em todos os cantos escuros e os atraíamos com cerveja) e de vez em quando indo até a mesa para tentar pegar algo para comer. Geralmente a resposta era a mesma: "Saia daqui já! Não vou deixar que você estrague o jantar. Você tem o olho maior que a barriga." Às vezes, porém, ela cortava uma tira fininha de casca caramelada.

Eu gostava de observar mamãe preparando tortas. É sempre fascinante observar alguém fazendo o que realmente sabe fazer. Observar uma mulher — uma mulher que realmente sabe cozinhar, quero dizer — fazendo tortas. Ela tinha uma expressão peculiar, solene, introvertida, uma expressão satisfeita, como uma sacerdotisa celebrando um ritual sagrado. E na sua cabeça, claro, era exatamente isso que ela fazia. Mamãe tinha braços fortes, roliços, corados, geralmente salpicados de farinha. Quando cozinhava, todos os seus movimentos eram lindamente precisos e firmes. Em suas mãos, batedores de ovos, moedores de carne e rolos de massa cumpriam precisamente suas funções. Ao vê-la cozinhar, sabia-se que ela estava num mundo ao qual pertencia, entre coisas das quais entendia bem. Afora os jornais de domingo e uma mínima dose de mexericos, o mundo exterior não existia de fato. Embora lesse com mais facilidade que meu pai, e, ao contrário dele, costumasse ler noveletas além dos jornais, mamãe era inacreditavelmente ignorante. Eu percebia isso já aos dez anos. Com certeza ela não saberia dizer se a Irlanda ficava a

leste ou a oeste da Inglaterra e duvido que até eclodir a Grande Guerra soubesse dizer quem era o primeiro-ministro. Aliás, não tinha o menor desejo de saber tais coisas. Mais tarde, quando li livros sobre países orientais onde se pratica a poligamia e sobre os haréns secretos em que as mulheres ficam trancadas com eunucos negros montando guarda, eu costumava pensar como mamãe ficaria chocada se ouvisse a respeito. Quase dá para ouvir sua voz: "Meu Deus! Trancar as esposas assim! Que IDEIA!" Não que ela fosse saber o que era um eunuco. Contudo, ela vivia num espaço que devia ser tão pequeno e quase tão isolado quanto a *zenana* típica. Mesmo na nossa casa, havia lugares onde ela jamais punha os pés. Jamais ia ao depósito nos fundos do quintal e muito raramente entrava na loja. Acho que não me lembro de tê-la visto servir um freguês. Ela não saberia onde eram guardadas as mercadorias e, até que virassem farinha, provavelmente não saberia distinguir trigo de aveia. Por que deveria saber? A loja era do papai, era "trabalho do homem", e mesmo quanto ao lado financeiro, ela não mostrava ter muita curiosidade. Seu trabalho, "o trabalho da mulher", era cuidar da casa, das refeições, da roupa e das crianças. Teria tido um ataque se visse meu pai ou qualquer pessoa do sexo masculino tentando pregar um botão.

Com relação às refeições e daí por diante, a nossa era uma dessas casas onde tudo funcionava como um relógio. Como um relógio, não, porque sugere uma coisa mecânica. Era mais como um processo natural. Sabia-se que o café da manhã estaria na mesa no dia seguinte exatamente do mesmo jeito que se sabia que o sol iria nascer. Ao longo de toda a vida, mamãe se deitava às nove da noite e acordava às cinco, e ela acharia vagamente perverso — meio decadente e extravagante e aristocrático — ficar acordada até tarde. Embora não a incomodasse

pagar Katie Simmons para passear comigo e Joe, jamais toleraria a ideia de ter uma mulher em casa para ajudá-la com o trabalho doméstico. Acreditava piamente que uma faxineira sempre varre a sujeira para baixo da cômoda. Nossas refeições sempre ficavam prontas pontualmente. Refeições enormes — ensopado de carne e bolinhos de batata, rosbife e pudim Yorkshire, cordeiro com alcaparras, cabeça de porco, torta de maçã, pão de passas e rocambole com geleia — com orações de agradecimento antes e depois. As velhas ideias sobre a criação de filhos continuavam arraigadas, embora estivessem desaparecendo rapidamente. Na teoria, as crianças ainda apanhavam e iam de castigo para a cama a pão e água e com certeza eram mandadas sair da mesa se fizessem barulho demais ao comer, ou se engasgassem, ou se recusassem comer algo que fosse "bom para você", ou se "respondessem". Na prática não havia muita disciplina na nossa família e, dos dois, mamãe era a mais rígida. Papai, embora vivesse recitando "criança mimada, criança estragada", era na verdade mole demais conosco, sobretudo com Joe, que foi osso duro de roer desde cedo. Sempre "ia dar" uma boa surra em Joe e costumava nos contar histórias, que hoje acredito que fossem mentiras, sobre as surras aterradoras que o próprio pai lhe dava com uma cinta de couro, mas nunca cumpriu essa promessa. Aos 12 anos, Joe já era forte demais para mamãe botá-lo no colo e lhe dar umas boas palmadas e depois disso não havia mais o que fazer com ele.

Naquela época ainda era considerado adequado dizer "não" aos filhos o dia todo. Com frequência se ouvia um homem falar, cheio de si, que "tiraria o couro" do filho, caso o pegasse fumando, ou roubando maçãs, ou pegando um ninho de passarinho. Em algumas famílias, essas surras aconteciam mesmo. O velho Lovegrove, o seleiro, flagrou

os dois filhos, rapagões de 16 e 15 anos, fumando no barracão do jardim e espancou-os de tal jeito que a cidade toda pôde ouvir. Lovegrove era um fumante inveterado. As surras jamais pareciam surtir efeito, pois todos os garotos roubavam maçãs, surrupiavam ninhos de passarinhos e aprendiam a fumar cedo ou tarde, mas a ideia ainda prevalecia de que os filhos deviam ser tratados com pulso firme. Praticamente tudo que valia a pena fazer era proibido, ao menos em teoria. Segundo mamãe, um menino só deseja fazer coisas "perigosas". Nadar era perigoso, subir em árvores era perigoso, assim como patinar, atirar bolas de neve, ficar parado atrás de carroças, usar catapultas e estilingues e até mesmo pescar. Todos os animais eram perigosos, menos Nailer, os dois gatos e Jackie, o priolo. Todo animal tinha seus métodos especiais reconhecidos para nos atacar. Cavalos mordiam, morcegos ficavam presos no cabelo, lacrainhas entravam nos ouvidos, cisnes quebravam nossas pernas com um golpe das asas, touros nos derrubavam e cobras "picavam". Todas as cobras picavam, segundo mamãe, e quando citei a enciclopédia com a finalidade de afirmar que não picavam, e sim mordiam, ela apenas me disse para não questioná-la. Lagartos, cobras-de-vidro, sapos, rãs e tritões também picavam. Todos os insetos picavam, salvo moscas e baratas. Praticamente todos os tipos de comida, com exceção da que comíamos em casa, eram venenosas ou "ruins para você". Batatas cruas eram um veneno mortal, bem como cogumelos, salvo se fossem comprados na quitanda. Groselhas silvestres davam cólica, e framboesas cruas, urticária. Tomar banho depois de uma refeição levava à morte por câimbra, um corte entre o polegar e o indicador causava tétano, e lavar as mãos na água em que foram cozidos ovos produzia verrugas. Quase tudo da loja era venenoso, motivo pelo qual mamãe pusera o portão na entrada. Muitas

sementes eram venenosas, assim como milho de galinha, bem como semente de mostarda e condimento para assados. Balas faziam mal e comer entre as refeições fazia mal, embora, por incrível que pareça, mamãe sempre permitisse que comêssemos certas coisas entre as refeições. Quando preparava geleia de ameixa, ela costumava nos deixar comer a película açucarada que ficava em cima, e a gente se empanzinava até vomitar. Embora quase tudo no mundo fosse perigoso ou venenoso, algumas coisas tinham virtudes misteriosas. Cebola crua era uma cura para praticamente tudo. Uma meia amarrada no pescoço curava dor de garganta. Enxofre na água da tigela de um cão atuava como tônico, e na tigela do velho Nailer atrás da porta dos fundos sempre houve uma pedra de enxofre que apesar do passar de anos jamais se dissolvia.

De hábito jantávamos às seis da tarde. Por volta das quatro, mamãe já terminara o trabalho doméstico, e entre quatro e seis, ela costumava tomar uma xícara de chá para relaxar e "ler o jornal", como dizia. Na verdade, ela não tinha o costume de ler jornal, salvo aos domingos. Os jornais dos dias de semana continham apenas as notícias do dia, e só ocasionalmente ocorria um homicídio. Mas os editores dos jornais de domingo haviam entendido que os leitores não faziam questão de que os homicídios estivessem atualizados, e por isso, quando não existia nenhum à mão, recorriam a um antigo, às vezes retroagindo até o caso do dr. Palmer e da sra. Manning. Acho que mamãe considerava o mundo fora de Lower Binfield basicamente um lugar onde se cometiam homicídios. Homicídios exerciam um tremendo fascínio sobre ela, porque, como costumava dizer, não entendia como as pessoas podiam ser tão CRUÉIS. Cortar a garganta de esposas, enterrar os próprios pais sob pisos cimentados, atirar bebês em poços! Como

alguém podia FAZER tais coisas! O terror causado por Jack, o Estripador, datava de quando meu pai e minha mãe se casaram, e as grandes persianas de madeira com que fechávamos a vitrine da loja toda noite haviam sido instaladas nessa época. As persianas já começavam a desaparecer das lojas; a maioria delas na High Street não as ostentava, mas mamãe se sentia segura atrás delas. O tempo todo, dizia, ela tivera a sensação horrível de que Jack, o Estripador, se escondia em Lower Binfield. O caso Crippen — mas esse aconteceu anos mais tarde, quando eu já era quase adulto — perturbou-a muito. É como se desse para ouvi-la até hoje: "Estripar a coitada da esposa e enterrar a infeliz no depósito de carvão! Que IDEIA! O que eu não faria com esse homem se o pegasse!" E, por incrível que pareça, quando ela pensava na crueldade pavorosa daquele medíocre médico americano que esquartejara a mulher (de forma muito precisa, tirando todos os ossos e jogando a cabeça no mar, se não me falha a memória), seus olhos se enchiam de lágrimas.

Contudo o que ela mais lia durante a semana era o *Hilda's Home Companion*. Naquela época, o semanário fazia parte dos móveis e utensílios de uma casa como a nossa, e na verdade ele ainda existe, embora tenha ficado um pouco ofuscado pelas publicações femininas mais modernas que surgiram após a guerra. Dei uma olhada num exemplar outro dia. Mudou, sim, porém menos que a maioria das coisas. Ainda contém as mesmas histórias seriadas enormes que se arrastam ao longo de seis meses (e tudo dá certo no final, com flores de laranjeira para coroar), e os mesmos conselhos para o lar, e os mesmos anúncios de máquinas de costura e remédios para pernas cansadas. A mudança foi basicamente na impressão e nas ilustrações. Naquela época, a heroína precisava ter a aparência de uma ampulheta e hoje ela

tem que parecer um cilindro. Mamãe era uma leitora vagarosa e queria o pleno retorno dos três centavos que pagava pela *Hilda's Home Companion*. Sentada na velha poltrona amarela ao lado do aquecedor, com os pés apoiados na grade de ferro e o pequeno bule de chá forte fumegando em cima do fogão, ela ia de capa à capa, lendo o seriado, os dois contos, os conselhos para o lar, os anúncios do Zam-Buk e as cartas dos leitores. O *Hilda's Home Companion* em geral durava uma semana para mamãe, sendo que às vezes era preciso mais de uma semana para que ela desse conta de tudo. Vez por outra, o calor do aquecedor ou o zumbido das moscas-varejeiras nas tardes de verão a faziam cochilar e, por volta das 17h45, ela acordava sobressaltada, consultava o relógio sobre a lareira e entrava em pânico porque o jantar iria atrasar. Mas o jantar jamais atrasava.

Naqueles dias — até 1909, para ser exato —, meu pai ainda podia pagar um estafeta, e costumava deixar a loja com ele para ir jantar, com os dorsos das mãos cheios de farinha. Então mamãe parava de fatiar o pão um instante e dizia:

— Por favor, faça a oração de graças.

E, enquanto todos baixávamos a cabeça até o peito, papai murmurava com reverência:

— Pelo que vamos receber, Senhor, sejamos agradecidos. Amém.

Um pouco mais tarde, quando Joe já era maiorzinho, mamãe passou a pedir:

— VOCÊ vai dar graças hoje, Joe.

E Joe recitava a oração. Mamãe jamais fez a oração: exigia-se que fosse alguém do sexo masculino.

Sempre havia moscas-varejeiras zumbindo nas tardes de verão. Nossa casa não tinha banheiro; pouquíssimas casas em Lower Binfield

tinham banheiro. Suponho que na cidade houvesse quinhentas casas e com certeza não podia haver mais de dez com banheiros ou cinquenta com o que hoje chamaríamos de W.C. No verão, nossos quintais sempre fediam a lixo. E em todas as casas havia insetos. Tínhamos baratas nos lambris de madeira e grilos atrás do fogão da cozinha, além, claro, das larvas de farinha na loja. Naquela época, até uma dona de casa orgulhosa como a minha mãe não tinha nada contra baratas. Elas eram tão parte da cozinha quanto o armário e o rolo de massa. Mas havia insetos e insetos. As casas na zona pobre atrás da cervejaria, onde Katie Simmons morava, eram infestadas por percevejos. Mamãe ou qualquer das esposas dos proprietários de lojas morreriam de vergonha se tivessem percevejos em casa. Na verdade, era considerado adequado dizer que sequer se sabia identificar um percevejo.

As grandes varejeiras azuis com frequência entravam na despensa e pousavam, sonhadoras, nas cobertas de arame que cobriam a carne. "Malditas moscas!", diziam, mas as moscas são um ato de Deus e afora as cobertas para carne e os papéis com cola para pegá-las, não se podia fazer muito a respeito. Falei um pouco mais atrás que a primeira coisa de que me lembro é o cheiro de sanfeno, mas o fedor de lixo também é uma lembrança bem antiga. Quando penso na cozinha de mamãe, com o chão de pedra e o fogão de ferro, sempre parece que estou ouvindo o zumbido das varejeiras azuis e o fedor de lixo e, claro, o velho Nailer, que exalava um cheiro bem forte de cachorro. E Deus sabe que existem cheiros e sons piores. O que você preferiria ouvir, o zumbido de uma varejeira ou o ronco de um bombardeiro?

Joe começou a frequentar a Escola Secundária Walton dois anos antes de mim. Nenhum de nós entrou na escola até os nove anos. Significava uma viagem de seis quilômetros de bicicleta de manhã e à noitinha, e mamãe tinha medo de nos deixar pedalar no meio do tráfego, que, àquela altura, contava com pouquíssimos carros.

Durante vários anos, cursamos a escolinha primária da sra. Howlett. A maioria dos filhos de proprietários de lojas estudava lá para serem poupados da vergonha e decadência de frequentar a escola pública, embora todos soubessem que a velha Howlett era uma impostora e pior que inútil como professora. Tinha mais de setenta anos, era muito surda, mal podia enxergar mesmo de óculos e tudo que possuía em termos de equipamento era uma vara, um quadro-negro, um punhado de livros de gramática para lá de usados e uma dúzia de lousas fedorentas. Mal dava conta das meninas, mas os meninos simplesmente riam dela e matavam aula quando queriam. Uma vez houve um escândalo horrível porque um menino botou a mão debaixo do vestido de uma menina, algo que não entendi na época. A velha Howlett conseguiu abafar o caso. Quando um aluno fazia alguma coisa especialmente grave, sua fórmula era: "Vou contar ao seu pai", e em raríssimas ocasiões ela cumpriu a ameaça. Mas éramos espertos o bastante para garantir que isso não se desse com muita frequência, e mesmo quando investia contra nós com a vara, ela era tão velha e desajeitada que ficava fácil driblá-la.

Joe tinha apenas oito anos quando se juntou a uma gangue de garotos chamada Mão Negra. O líder era Sid Lovegrove, o caçula dos filhos do seleiro, que tinha uns 13 anos, e da turma faziam parte dois outros filhos

de comerciantes, um aprendiz da cervejaria e dois peões de fazenda que às vezes conseguiam matar o trabalho e sair com a gangue durante algumas horas. Os peões eram rapagões enfiados em calças de cotelê, com sotaques carregados e considerados inferiores pelo restante do grupo, no qual eram tolerados por entenderem de animais bem mais que qualquer um dos outros. Um deles, apelidado de Ginger, era capaz até de caçar um coelho com as próprias mãos. Se visse um coelho na grama, jogava-se sobre ele como uma águia dando o bote. Havia um grande abismo social entre os filhos dos comerciantes e os filhos de operários e peões, mas os garotos locais não costumavam prestar muita atenção nisso até fazerem 16 anos. A gangue tinha uma senha secreta e um "teste", que incluía cortar o próprio dedo e comer uma minhoca, e se vendia como um bando de terríveis bandidos. Sem dúvida conseguiam incomodar bastante, quebrando janelas, perseguindo vacas, arrancando aldravas de portas e roubando frutas em quantidade. Às vezes, no inverno, pediam emprestado um par de furões e saíam para caçar ratazanas, quando os fazendeiros deixavam. Todos tinham catapultas e estilingues e viviam economizando para comprar uma pistola de curto alcance, que na época custava cinco xelins, mas a poupança nunca chegava a mais de três centavos. No verão, o grupo costumava pescar e roubar ninhos de passarinho. Quando frequentava a escolinha da sra. Howlett, Joe matava aula no mínimo uma vez por semana e mesmo na Escola Secundária conseguia fazer o mesmo quinzenalmente. Havia um menino na Escola Secundária, filho de um leiloeiro, que copiava qualquer caligrafia e por um centavo forjava uma carta da mãe do interessado dizendo que ele estava doente. Claro que eu sonhava me juntar à Mão Negra, mas Joe sempre me impediu, dizendo que eles não queriam um fedelho no bando.

Era a ideia da pesca que realmente me atraía. Aos oitos anos, eu nunca pescara, salvo com rede, com a qual às vezes dava para pegar um charro. Mamãe sempre teve pavor de nos deixar chegar perto da água. Ela nos "proibia" de pescar, do jeito como os pais daquela época "proibiam" quase tudo, e eu ainda não tinha entendido que os adultos não têm olhos nas costas. Mas a ideia da pesca me deixava doido. Quantas vezes passei pela lagoa do moinho e vi as carpas pequenas dando sopa na superfície, e às vezes debaixo do salgueiro num dos cantos eu flagrava um carpa grande com a forma de um diamante, que aos meus olhos parecia enorme — 15 centímetros de comprimento, suponho —, de repente subindo à superfície, pegando algum bichinho e mergulhando de novo. Eu passava horas com o nariz grudado na vitrine do Wallace's na High Street, que vendia equipamento de pesca, revólveres e bicicletas. Ficava acordado nas manhãs de sábado pensando nas histórias que Joe me contara sobre a pesca, como se preparava pasta de pão, como a boia dá uma sacudida e afunda e sentimos a vara se curvar e o peixe puxando a linha... Será que adianta falar nisso, me pergunto — o tipo de luz mágica que os peixes e a pesca têm aos olhos de um menino? Alguns sentem a mesma coisa quanto a revólveres e a atirar com eles, outros se sentem assim em relação a carros, ou aviões, ou cavalos. Não é algo que se possa explicar ou racionalizar, é magia pura e simples. Numa manhã — foi em junho e eu devia ter meus oito anos —, fiquei sabendo que Joe iria matar aula e sair para pescar e resolvi segui-lo. Sabe-se lá como, Joe adivinhou meus pensamentos e me deu um susto enquanto eu me vestia.

— Olha só, fedelho! Não bota na cabeça que vai sair com a turma hoje. Você vai ficar em casa.

— Não pus nada na cabeça. Não pensei nada disso.

— Pensou, sim!

— Não pensei!

— Pensou!

— Não pensei!

— Pensou, sim! Você vai ficar em casa. Não queremos nenhum fedelho fodido atrás da gente!

Joe tinha acabado de aprender a palavra "fodido" e não parava de usá-la. Papai pegou-o em flagrante e jurou que ia tirar o couro dele, mas, como de hábito, não cumpriu a promessa. Depois do café, Joe partiu em sua bicicleta, levando a pasta e o boné da Escola Secundária, cinco minutos mais cedo como era seu hábito quando pretendia matar aula. Quando chegou minha hora de sair para a escolinha da sra. Howlett, desviei do caminho e me escondi na travessa atrás dos lotes da horta pública. Sabia que o bando ia para a lagoa do moinho e iria segui-lo, mesmo que me matassem por isso. Talvez eu levasse uma surra e talvez eu não fosse chegar a tempo para o almoço, e aí mamãe haveria de saber que eu matara a aula e me sapecaria outra surra, mas tudo bem. Eu estava desesperado para ir pescar com a gangue. E era astucioso também. Dei a Joe tempo suficiente para chegar ao moinho pela estrada, e depois segui pela travessa e contornei os prados no extremo da sebe, para chegar à lagoa antes que a gangue me visse. Era uma linda manhã de junho. Os ranúnculos me chegavam aos joelhos. Havia uma brisa que apenas acariciava a copa dos olmos, e as grandes nuvens de folhas verdes, macias e exuberantes, pareciam feitas de seda. Eram nove da manhã e eu tinha oito anos e tudo em volta esbanjava verão, com grandes arbustos emaranhados, cercas vivas onde as rosas silvestres ainda desabrochavam e flocos de nuvens brancas se deslocavam lentamente acima, enquanto, a distância, viam-

se os morros e os imprecisos contornos azulados dos bosques que cercam Upper Binfield. E nada disso importava. Eu só pensava na lagoa verde e na carpa e na gangue com seus anzóis e linhas e pasta de pão. Era como se eles estivessem no paraíso e eu, prestes a encontrá-los. Por fim, consegui confrontá-los — eram quatro, Joe e Sid Lovergrove, o aprendiz e o filho de um outro comerciante, chamado Harry Barnes, acho eu.

Joe se virou e me viu.

— Jesus! É o fedelho. — Aproximou-se de mim como um gato vira-lata que vai começar uma briga. — Veio fazer o que aqui? O que foi que eu disse? Pode dar meia-volta já!

Tanto Joe quanto eu tínhamos propensão para perder as estribeiras por qualquer coisinha. Recuei.

— Não vou voltar pra casa.

— Vai, sim.

— Dá um puxão de orelha nele, Joe — disse Sid. — Não queremos fedelhos aqui.

— Você VAI voltar para casa? — perguntou Joe.

— Não.

— Muito bem, fedelho! Muuito bem!

Então, veio para cima de mim. No minuto seguinte, se pôs a me perseguir bem de perto, me acertando um golpe atrás do outro. Mas não me afastei da lagoa, corri em círculos. Ele acabou me alcançando e me derrubando no chão, ajoelhando-se em cima dos meus braços. Foi quando começou a torcer minhas orelhas, sua tortura predileta, algo que eu odiava. A essa altura, eu já abrira o berreiro, mas continuava sem entregar os pontos e prometer voltar para casa. Eu queria ficar e pescar com a gangue. Então, de repente os outros se viraram a meu

favor e mandaram que Joe saísse de cima de mim e me deixasse ficar, já que era o que eu queria. Assim, acabei ficando, apesar de tudo.

Os outros tinham alguns anzóis e boias e um pedaço de pasta de pão enrolado num trapo, e todos cortamos ramos do salgueiro na quina da lagoa. A fazenda ficava a apenas duzentos metros de distância, e não podíamos ser vistos, porque o velho Brewer detestava que se pescasse ali. Não que fizesse alguma diferença para ele, que só usava a lagoa para matar a sede do gado, mas o sujeito odiava crianças. Os outros ainda estavam com ciúme de mim e não paravam de me mandar sair da claridade e de me lembrar que eu era só um fedelho e não entendia nada de pesca. Diziam que eu estava fazendo tanto barulho que afugentaria os peixes, embora, na verdade, o meu barulho fosse a metade do deles. Por fim, me proibiram de me sentar com o grupo e me mandaram para outra parte da lagoa, onde a água era mais rasa e não havia tanta sombra. Disseram que um fedelho como eu com certeza iria criar marolas na água e afugentar os peixes. Nesse lado da lagoa, que não prestava, peixe algum costumava aparecer. Eu sabia disso. Aparentemente, por conta de algum instinto, sabia onde havia e não havia peixes. Apesar de tudo, porém, eu estava pescando, afinal. Sentado na margem gramada com a vara de pesca na mão, as moscas zumbindo à volta e o odor de menta silvestre forte a ponto de nocautear uma pessoa, eu contemplava a boia vermelha na água esverdeada e me sentia feliz como um cigano, embora as marcas de lágrimas e terra ainda cobrissem meu rosto inteiro.

Deus sabe quanto tempo ficamos ali. A manhã foi passando e passando, o sol cada vez mais alto, e neca de peixe. Fazia calor e estava claro demais para pescar. As boias na água não se mexiam. Dava para ver sob a superfície, como se olhássemos o interior de um copo verde-

escuro. Bem no meio da lagoa, viam-se os peixes logo abaixo, tomando sol, e às vezes no mato próximo à margem uma salamandra subia à tona e ali descansava com o nariz mal fora da água. Mas os peixes não estavam mordendo as iscas. Os outros continuavam a gritar que suas iscas tinham sido mordidas, mas era sempre mentira. E o tempo passava e ia ficando cada vez mais quente e os mosquitos comiam a gente vivo e a menta silvestre sob a margem cheirava feito a loja de doces da sra. Wheeler. Eu sentia cada vez mais fome, sobretudo porque não sabia com certeza de onde viria o meu almoço. Ainda assim, continuei imóvel como uma estátua, sem jamais tirar os olhos da boia. Os outros tinham me dado um pedaço de isca do tamanho de uma bola de gude, dizendo que me virasse com ela, mas durante um bom tempo sequer me dei ao trabalho de repor a isca no anzol, porque toda vez que eu puxava a linha, os outros reclamavam que o barulho estava afugentando os peixes num raio de dez quilômetros.

Suponho que já tivessem se passado umas duas horas, quando minha boia deu uma sacudida. Vi logo que era um peixe. Provavelmente um peixe que passou ali por acaso e notou minha isca. Não dá para ter dúvidas quanto ao movimento que a boia faz quando um peixe morde a isca. É bem diferente da maneira como ela se mexe quando a gente torce a linha sem querer. No instante seguinte, ela sacudiu com força e quase afundou. Não consegui mais me conter. Gritei para os outros:

— Morderam minha isca!

— Droga! — gritou Sid Lovergrove na mesma hora.

Mas em seguida foram-se as dúvidas. A boia mergulhou direto, pude vê-la debaixo d'água, um ponto vermelho desbotado, e senti a vara se retesar na minha mão. Jesus, que sensação! A linha corcoveando e se esticando e um peixe na outra ponta! Os outros viram minha vara se

vergar, e logo depois todos largaram as suas e correram para me cercar. Dei um puxão violento, e o peixe — um enorme peixe prateado — voou pelos ares. Na mesma hora todos soltamos um grito de agonia. O peixe escorregara do anzol e caíra no meio da menta silvestre sob a margem. Mas a água ali era rasa e ele não podia se virar e durante um segundo, talvez, ficou imóvel, de barriga para cima, impotente. Joe se atirou na lagoa, espirrando água em todos nós, e o agarrou com ambas as mãos. "Peguei", gritou. No instante seguinte atirou o peixe na grama, e nos ajoelhamos em torno do coitado. Que emoção! O pobre moribundo saltava e se debatia, e suas escamas cintilavam com todas as cores do arco-íris. Era uma carpa enorme, com uns vinte centímetros, no mínimo, e devia pesar mais de cem gramas. Como gritamos de alegria ao vê-la! Mas segundos depois foi como se uma sombra caísse sobre nós. Erguemos os olhos e lá estava o velho Brewer, com seu chapéu característico — um daqueles que se usava então, entre uma cartola e um chapéu-coco — e polainas de couro, segurando uma grossa vara de aveleira.

Rapidamente nos encolhemos como perdizes sob a ameaça de um falcão. Ele olhou nos olhos de cada um de nós. A boca desdentada tinha uma aparência malévola, e desde que raspara a barba o queixo parecia querer tocar a ponta do nariz.

— Estão fazendo o quê aqui, garotos? — perguntou.

Havia pouca dúvida sobre o que estávamos fazendo. Ninguém respondeu.

— Vocês vão aprender a não vir pescar na minha lagoa! — vociferou de repente, e no instante seguinte caiu em cima de nós, desferindo golpes de vara em todas as direções.

A Mão Negra se dispersou e fugiu. Deixamos para trás as varas de pesca e o peixe. O velho Brewer nos perseguiu até onde pôde. Suas pernas estavam rígidas e ele não conseguia correr muito rápido, mas acertou vários golpes na gente antes que escapássemos. Ficou para trás, gritando que sabia nossos nomes e iria contar aos nossos pais. Como eu ficara na retaguarda, a maioria dos golpes me acertou. Quando chegamos do outro lado da cerca viva, vi que minhas panturrilhas estavam cobertas de feios lanhos vermelhos.

Passei o resto do dia com o bando, que ainda não decidira se eu já fazia parte dele ou não, mas nesse ínterim tolerava a minha presença. O aprendiz, que tirara a manhã de folga graças a algum falso pretexto, precisou voltar para a cervejaria. O restante de nós resolveu dar um longo e sinuoso passeio exploratório, do tipo que os garotos fazem quando estão longe de casa o dia todo e sobretudo quando não receberam permissão para tanto. Era o meu primeiro passeio de menino crescido, bem diferente dos que fazíamos com Katie Simmons. Almoçamos numa valeta seca na periferia da cidade, cheia de latas enferrujadas e erva-doce silvestre. Os garotos me deram um pouco do almoço deles, e Sid Lovegrove tinha um centavo com o qual alguém comprou um Penny Monster que dividimos entre nós. Estava muito quente e o cheiro de erva-doce era intenso, e o gás do Penny Monster nos fez arrotar. Depois vagamos pela estrada empoeirada que levava a Upper Binfield. Acho que foi a primeira vez que fiz aquele caminho e entrei no bosque de faias com o tapete de folhas mortas e os grandes troncos lisos que subiam em direção ao céu, fazendo com que os pássaros nos ramos mais altos parecessem meros pontinhos. Podia-se ir aonde apetecesse na mata naquele tempo. A Binfield House estava fechada, não se preservavam mais os faisões, e na pior das hipóteses

apenas encontraríamos uma carroça cheia de lenha. Vimos uma árvore, cujos anéis do tronco pareciam alvos, e os alvejamos com pedras. Então os outros atiraram nos pássaros com os estilingues, e Sid Lovegrove jurou que tinha acertado um tentilhão que ficara enganchado numa forquilha na árvore. Então escorregamos para um buraco de calcário cheio de folhas mortas e gritamos para ouvir o eco. Alguém gritou um palavrão e depois dissemos todos os palavrões que conhecíamos e os outros zombaram de mim, porque eu só conhecia três. Sid Lovergrove falou que sabia como os bebês nasciam, que era igualzinho aos coelhos, só que, no caso das mulheres, eles saíam pelo umbigo. Harry Barnes começou a gravar a palavra ---- no tronco de uma faia, mas cansamos da história depois das duas primeiras letras. E aí nos acercamos do chalé da Binfield House. Corriam boatos de que em algum lugar no terreno havia uma lagoa com peixes enormes, mas ninguém teve coragem de entrar porque o velho Hodges, o vigia, que fazia as vezes de zelador, não "era fã" de crianças. Ele estava cavando na horta ao lado do chalé quando passamos. Nós o provocamos do outro lado da cerca até que nos pusesse para correr e depois descemos até a Walton Road e provocamos os carreteiros, cuidando para ficar do outro lado da sebe de modo que eles não nos alcançassem com os chicotes. Ao lado da Walton Road havia um lugar que tinha sido uma pedreira e depois um lixão e, por fim, virara mato com ramos de amoreira. Ali montanhas de latas velhas enferrujadas, carcaças de bicicletas, panelas com buracos e garrafas quebradas jaziam debaixo do mato crescido, e passamos quase uma hora procurando velhas estacas de cerca de ferro — e nos sujando dos pés à cabeça, porque Harry Barnes jurou que o ferreiro em Lower Binfield pagava seis centavos por cinquenta quilos de ferro velho. Então Joe encontrou num ramo de amoreira o ninho de um tordo que

abrigava alguns filhotes. Depois de um bocado de discussão a respeito do que fazer com eles, tiramos os filhotes do ninho, atiramos pedras neles e finalmente os esmagamos com os pés. Eram quatro, então cada um de nós ficou com um. A hora do jantar se aproximava agora. Sabíamos que o velho Brewer cumpriria sua palavra e que haveria uma surra nos esperando, mas a fome era demasiada para nos manter mais tempo na rua. Finalmente nos pusemos a caminho de casa, com mais uma confusão no percurso, pois quando passamos pelos lotes da horta pública vimos uma ratazana e a perseguimos com gravetos, e o velho Bennet, o chefe de estação, que trabalhava na sua horta toda noite e tinha grande orgulho dela, veio atrás de nós, enfurecido por termos pisado na sua plantação de cebolas.

Eu andara 15 quilômetros e não estava cansado. O dia todo passei grudado nos calcanhares da gangue e tentei fazer tudo que os outros faziam, enquanto eles me chamavam de "fedelho" e me humilhavam sem dó nem piedade, mas consegui mais ou menos me manter à altura. A sensação no meu íntimo era maravilhosa, uma sensação impossível de saber como é a menos que já se tenha experimentado — mas se você é homem algum dia há de tê-la. Eu sabia que já não era mais uma criança, era um garoto, finalmente. E é uma coisa maravilhosa ser um garoto, perambular onde os adultos não possam nos pegar e perseguir ratazanas e matar passarinhos e atirar pedras e provocar carroceiros e gritar palavrões. Uma sensação forte, completa, uma sensação de tudo saber e nada temer, e que tem a ver com romper regras e matar coisas. As estradas poeirentas, o suor quente na roupa, o cheiro de faia e de menta selvagem, os palavrões, o fedor do lixão, o gosto de limonada gasosa e o gás que provoca arroto, esmagar filhotes de passarinho, o

retesar da vara de pesca — tudo isso misturado. Graças a Deus sou homem, porque mulher alguma jamais terá essa sensação.

Lógico que o velho Brewer contara para todo mundo o que tínhamos feito. Papai exibia uma expressão bastante sombria; pegara uma correia na loja e disse que "tiraria o couro" de Joe. Mas Joe se debateu, gritou e chutou, e no final papai não conseguiu lhe acertar mais que uns poucos golpes. No entanto, na escola foi outra história: o professor da Escola Secundária lhe sapecou a vara no dia seguinte. Tentei me defender também, mas era pequeno o bastante para que mamãe me pusesse no colo e desse palmadas com a correia. No total, levei três surras naquele dia, uma de Joe, outra do velho Brewer e uma da minha mãe. No dia seguinte, a gangue concluiu que eu não fazia, de fato, parte do grupo ainda e que teria que passar pelo tal "teste" (uma palavra que os garotos haviam tirado das histórias dos peles-vermelhas) decisivo. Havia muita rigidez no sentido de exigirem que o postulante a membro mordesse a minhoca antes de engoli-la. Além disso, como eu era o caçula e todos me invejavam por ter sido o único a pescar alguma coisa, eles inventaram depois que o peixe não era realmente grande. De forma geral, a tendência dos peixes, quando se fala deles, é crescer cada vez mais, porém esse foi ficando cada vez menor até, a crer na palavra da gangue, não passar de um diminuto vairão.

Mas não importava. Eu tinha ido pescar. Tinha visto a boia afundar e sentido o peixe morder a isca, e por mais mentiras que contassem, eles não conseguiriam tirar isso de mim.

Nos sete anos seguintes, dos meus oito aos 15 anos, o que mais me lembro é de pescar.

Não que eu não fizesse outras coisas. Só que quando a gente olha para trás, para um período de tempo grande, certas coisas parecem inchar até ofuscarem tudo o mais. Saí da escolinha da sra. Howlett e entrei na Escola Secundária, com uma pasta de couro e um boné preto com listras amarelas, ganhei minha primeira bicicleta e um bom tempo depois minha primeira calça comprida. Minha primeira bicicleta era de roda-fixa — as de roda-livre eram muito caras na época. Para descer ladeiras, a gente levantava os pés e deixava os pedais girarem a toda. Essa é uma das imagens características do início dos anos 1900 — um garoto descendo uma ladeira com a cabeça para trás e os pés erguidos no ar. Cheguei à Escola Secundária morto de medo por causa das histórias assustadoras que ouvira de Joe sobre o velho Whiskers (seu nome de verdade era Wicksey), o diretor, que sem dúvida era um sujeitinho de aparência horrível, com cara de lobo e que tinha, num canto da classe, uma estante de vidro cheia de bengalas, que vez por outra ele pegava e estalava no ar de uma forma aterradora. Mas, para minha surpresa, me dei muito bem na escola. Jamais me ocorrera que eu pudesse ser mais inteligente que Joe, que tinha dois anos a mais e me perseguira desde que ele aprendera a andar. Na verdade, Joe era um perfeito asno, que apanhava de vara uma vez por semana e permaneceu entre os últimos da classe até os 16 anos. No meu segundo semestre ganhei um prêmio em aritmética e outro numa matéria maluca que tratava de prensar flores e levava o nome de ciências. Quando cheguei aos 14 anos, Whiskers já falava em bolsas de estudo e

na Universidade de Reading. Papai, que nutria ambições quanto aos dois filhos naquela época, ficou muito ansioso com a perspectiva de me ver na universidade. Pairava no ar a ideia de que eu virasse professor, e Joe, leiloeiro.

Mas não tenho muitas lembranças ligadas à escola. Quando convivi com caras mais velhos de outras turmas, como aconteceu durante a guerra, me chamou a atenção o fato de que eles jamais conseguem superar a terrível disciplina que se enfrenta nas escolas independentes: ou são reduzidos a retardados ou passam o resto da vida se insurgindo. Não era assim com os meninos da nossa classe, filhos de comerciantes e fazendeiros. Ia-se para a Escola Secundária e ficava-se lá até os 16 anos, apenas para mostrar que não se era proletário, mas a escola não passava de um lugar do qual queríamos distância. Não havia sentimento de lealdade nem qualquer apego sentimental às velhas pedras cinzentas (que ERAM velhas, de fato, já que a escola fora fundada pelo cardeal Wolsey), bem como não existiam gravatas de ex-alunos e nem mesmo um hino escolar. Os períodos de folga eram livres, porque os jogos não eram obrigatórios e quase sempre faltávamos. Jogávamos futebol usando proteção e, embora fosse considerado apropriado jogar críquete com uniforme branco, usávamos nossas camisas e calças normais. O único jogo que realmente me interessava era o *stump cricket* que praticávamos no pátio de cascalho durante o recreio, com um taco feito de um pedaço de embalagem de papelão e uma bola de estuque.

Mas me lembro do cheiro da grande sala de aula, um cheiro de tinta e pó e sapatos. E da pedra no pátio que havia sido um apoio para montar cavalos ou subir em carruagens e era agora usada para afiar facas, bem como da pequena padaria em frente onde se vendia uma espécie de

bolinhos Chelsea, com o dobro do tamanho dos atuais, que era chamado de Lardy Buster e custava meio centavo. Fiz tudo que se faz na escola. Gravei meu nome numa carteira e apanhei de vara por isso — sempre apanhávamos quando nos flagravam, mas esse ritual fazia parte da etiqueta. E sujei meus dedos de tinta e roí unha e fiz dardos usando lapiseiras e contei piadas sujas. Aprendi a me masturbar e dei a língua para o velho Blowers, o professor de inglês, e impliquei impiedosamente com o coitadinho do Willy Simeon, filho do zelador, que era tapado e acreditava em tudo que ouvia. Nossa brincadeira favorita era mandá-lo a uma loja comprar algo que não existia. Todas as velhas esparrelas — selos de meio-centavo, o martelo de borracha, a chave de fenda para canhotos, a lata de tinta listrada —, coitado do Willy, ele caía em todas. Nos divertimos à beça uma tarde, pondo-o numa banheira e mandando que ele se levantasse com os punhos. Acabou num hospício, pobre Willy. Mas era nas férias que a gente vivia de verdade.

Tinha muita coisa boa para fazer naquela época. No inverno, pedíamos emprestado um par de furões — mamãe jamais deixou que tivéssemos em casa essa "coisinha fedorenta", como ela chamava — e corríamos até as fazendas pedindo que nos deixassem caçar ratazanas. Às vezes nos deixavam, às vezes mandavam a gente sumir, dizendo que criávamos mais problemas que os roedores. Com o avanço do inverno, seguíamos as debulhadoras e ajudávamos a matar as ratazanas durante o debulho. Certa vez — deve ter sido o inverno de 1908 —, o rio Tâmisa transbordou e depois congelou e houve patinação durante várias semanas, e Harry Barnes quebrou a clavícula no gelo. No início da primavera, corríamos atrás de esquilos com estilingues e mais tarde saíamos à caça de ninhos. Nossa teoria era de que os pássaros não

contavam e tudo bem se a gente deixasse um ovo, mas éramos pestinhas cruéis e simplesmente derrubávamos os ninhos e esmagávamos os ovos ou os filhotes. Tínhamos outra brincadeira quando as rãs punham ovos. Pegávamos as coitadas e enfiávamos a bomba de ar da bicicleta em seus traseiros e enchíamos até que explodissem. Assim eram os garotos, sei lá por quê. No verão pedalávamos até Bufford Weir e tomávamos banho. Wally Lovegrove, o primo mais novo de Sid, se afogou em 1906. Enredou-se nas algas do fundo e, quando a draga trouxe o corpo à tona, seu rosto estava negro como breu.

Mas pescar era o que contava. Fomos montes de vezes à lagoa do velho Brewer e pegamos pequenas carpas e tencas, e uma vez pescamos uma enguia. Havia outros lagos para gado que continham peixes e ficavam a uma distância a pé nas tardes de sábado. Mas, depois de ganharmos bicicletas, passamos a pescar no rio Tâmisa, abaixo de Burford Weir. Parecia mais adulto do que pescar em lagos para gado. Não éramos escorraçados por fazendeiros e, além disso, no Tâmisa havia peixes grandes — embora, ao que me consta, ninguém jamais tenha pescado algum.

É curiosa essa coisa que eu tinha por pescaria — que tenho ainda, na verdade. Não posso me considerar um pescador. Jamais na vida peguei um peixe de sessenta centímetros de comprimento, e já faz uns trinta anos que não seguro uma vara de pesca. Ainda assim, quando olho para a minha infância como um todo, dos oito aos 15 anos, ela parece girar em torno dos dias em que íamos pescar. Cada detalhe ficou nitidamente registrado na minha memória. Sou capaz de recordar dias específicos e peixes específicos e não há um lago para gado ou remanso do qual eu não veja a imagem se fechar os olhos e refletir. Posso

escrever um livro sobre a técnica da pesca. Quando éramos crianças não tínhamos grande coisa em termos de equipamento, custava caro demais e a maior parte dos três centavos semanais (basicamente a mesada da época) que ganhávamos era gasta em balas e Lady Busters. Meninos muito pequenos em geral pescavam com um alfinete dobrado, rombudo demais para servir para alguma coisa, mas é possível fazer um anzol bastante bom (embora, claro, não tenha fisga) dobrando uma agulha com um alicate e a ajuda da chama de uma vela. Os peões de fazenda sabiam como trançar crina de cavalo de modo a funcionar quase tão bem quanto tripa, e se pode pegar um peixe pequeno com apenas um fio. Mais tarde passamos a ter varas de pescar de dois xelins e até mesmo carretéis. Quantas horas passei admirando a vitrine do Wallace! Nem os revólveres .410 e as pistolas de curto alcance me encantavam tanto quanto os equipamentos de pesca. E um número do catálogo Gamage que peguei sei lá onde, acho que numa lata de lixo, e estudei como se fosse a Bíblia! Mesmo agora sou capaz de fornecer todos os detalhes sobre substitutos para tripa e linha, sobre anzóis Limerick, sobre bastões para matar peixes, removedores de anzol, carretilhas de pesca e Deus sabe quantos pormenores técnicos.

E havia também os tipos de isca que costumávamos usar. Na nossa loja sempre havia muito bicho de farinha, que eram bons, mas não ótimos. Varejeiras eram melhores. Precisávamos implorar por elas a Gravitt, o açougueiro, e a gangue em geral fazia uni-du-ni-tê ou tirava a sorte no palitinho para decidir quem iria entrar e pedir, porque Gravitt não se mostrava muito agradável a esse respeito. Era um sujeito grande, um patife de cara fechada com uma voz que lembrava a de um mastim, e quando bradava, o que era comum quando se dirigia a garotos, todas as facas e todos os cutelos em seu avental azul

tilintavam. A gente entrava com uma lata vazia de melado na mão, ficava por lá até todos os fregueses saírem e depois, com toda a humildade, pedíamos:

— Por favor, sr. Gravitt, o senhor teria algumas varejeiras hoje?

Quase sempre a resposta era:

— O quê? Varejeiras? Varejeiras no meu açougue? Não vejo uma coisa dessas há anos. Acha que tenho varejeiras aqui?

Tinha, é claro. Estavam por todo lado. Gravitt lidava com elas com uma tira de couro na ponta de uma vara, com a qual ele era capaz de, mesmo a grande distância, esmagar uma mosca. Às vezes íamos embora sem varejeira alguma, mas, via de regra, ele gritava justo quando já estávamos saindo:

— Ó só! Vão lá atrás e deem uma olhada. Quem sabe não acham uma ou duas se prestarem atenção.

Costumávamos achá-la em pequenos grupos por todo lado. O quintal dos fundos do açougue fedia como um campo de batalha. Os açougueiros não tinham geladeiras naquela época. As varejeiras vivem mais tempo na serragem.

Larvas de vespa são boas iscas, embora seja difícil prendê-las no anzol, a menos que passem primeiro pelo fogão. Quando alguém encontrava um vespeiro, íamos até lá à noite, derramávamos aguarrás dentro do buraco e tapávamos com lama. No dia seguinte, as vespas estavam todas mortas e era possível desenterrar o ninho e pegar as larvas. Certa vez, algo deu errado e quando tiramos o tampão de lama as vespas, que tinham ficado fechadas a noite toda, saíram juntas com um zumbido infernal. Não fomos mordidos com gravidade, mas pena que não havia por ali alguém com um cronômetro. Gafanhotos são, basicamente, a melhor isca que existe, sobretudo para carpas. Basta

prendê-los no anzol e balançar para um lado e para o outro na superfície... "fazer quicar" é o nome que dão. Mas nunca se consegue mais de dois ou três gafanhotos de uma vez. As moscas verdes, que também são duras de pegar, são a melhor isca para escalos, principalmente em dias claros. Devem ser postas vivas no anzol, para que se contorçam. Um ciprinídeo até morde uma vespa, mas é um bocado complicado botar uma vespa viva no anzol.

Deus sabe quantas outras iscas havia. Pasta de pão a gente fazia espremendo um pão molhado num trapo. Tinha a pasta de queijo e a pasta de mel e pasta com semente de anis. Trigo fervido não é ruim para pescar um rutilus. Minhocas funcionam para cadozes. São encontradas em monturos muito velhos de esterco. E também existe um outro tipo de verme, chamado de verme tigre, que é listrado e tem cheiro de lacrainha, uma isca muito boa para percas. Larvas comuns são bons para percas. É preciso botá-las no musgo para mantê-las frescas e vivos. Elas morrem se tentarmos deixá-las na terra. Aquelas moscas marrons que vivem no estrume são ótimas para rutilus. Pode-se pegar um ciprinídeo com uma cereja, dizem, e já vi pescarem um rutilus com uma uva-passa tirada de um bolinho.

Naquela época, desde 16 de junho (quando começa a temporada de pesca em água doce) até meados do inverno, não era comum me encontrar sem uma lata de minhocas ou varejeiras no bolso. Tive algumas brigas com mamãe a respeito, mas no final ela desistiu, e a pesca saiu da sua lista de coisas proibidas e papai até me deu uma vara de pesca de dois xelins de Natal, em 1903. Joe mal tinha 15 anos quando começou a correr atrás de garotas, e dali em diante raramente saía para pescar, dizendo que pescar era brincadeira de criança. Mas havia uma meia dúzia de outros garotos que eram tão doidos por pesca quanto eu.

Nossa, aqueles dias de pescaria! As tarde quentes e suarentas na sala de aula, quando eu me esparramava na carteira, com o velho Bloers cacarejando sobre predicados e subjuntivos e pronomes relativos... E eu só pensando no remanso atrás de Burford Weir e na lagoa esverdeada debaixo dos salgueiros com os escalos indo e vindo sob a superfície. As pedaladas apressadas depois do jantar até Chamford Hill e rio abaixo para aproveitar uma hora de pescaria antes de escurecer. O crepúsculo tranquilo de verão, o suave barulho da água no açude, os anéis formados na superfície onde os peixes emergiam, os mosquitos nos comendo vivos, os cardumes de escalos circundando o anzol sem jamais morder a isca. E o tipo de paixão com que observávamos o dorso negro dos peixes se aproximando, enquanto esperávamos e rezávamos (sim, literalmente rezávamos) para que um deles mudasse de ideia e mordesse a isca antes de ficar escuro demais. E depois era sempre "vamos ficar mais cinco minutos, e "só mais cinco minutos", até que finalmente precisávamos empurrar as bicicletas na volta à cidade, porque Towler, o guarda, fazia sua ronda e a gente podia ser "detido" por pedalar sem farol. Às vezes nas férias de verão saíamos para passar o dia com ovos cozidos e pão com manteiga e uma garrafa de limonada e pescávamos e nadávamos e depois voltávamos a pescar e, vez por outra, pegávamos algum peixe. À noite voltávamos para casa, com as mãos imundas e tão famintos que comíamos os restos da pasta de pão, com três ou quadro peixes fedorentos embrulhados num lenço. Mamãe sempre se recusou a cozinhar os peixes que eu levava para casa. Nunca admitiu que peixes de rio prestassem, salvo truta e salmão. "Coisas lamacentas asquerosas" era como os chamava. Os peixes de que me lembro melhor são os que não pesquei, sobretudo os gigantescos que sempre víamos quando caminhávamos ao longo do canal nas tardes de

domingo sem uma vara de pesca. Não havia pescaria aos domingos, nem o Conselho de Conservação do Tâmisa permitia. Aos domingos tínhamos que fazer o que chamavam de "um belo passeio" vestindo a grossa indumentária preta e o colarinho Eton que guilhotinava o pescoço. Foi num domingo que vi um lúcio de um metro de comprimento adormecido na água rasa junto à margem e quase o acertei com uma pedra. E às vezes nas lagoas no extremo do bambuzal dava para ver uma enorme truta do rio Tâmisa passar. A truta chega a grandes dimensões no Tâmisa, mas quase nunca são pegas. Dizem que os autênticos pescadores do Tâmisa, aqueles sujeitos mais velhos de narizes vermelhos que em todas as estações do ano estão entrouxados em casacões e sentados em banquinhos de armar com varas de pescar de seis metros de comprimento, dariam de bom grado um ano da própria vida em troca de uma truta do Tâmisa. Não os culpo, entendo perfeitamente, e entendia ainda melhor naquele tempo.

Claro que outras coisas aconteciam. Cresci oito centímetros em um ano, ganhei calças compridas, alguns prêmios na escola, frequentei as aulas de crisma, contei histórias obscenas, passei a gostar de ler e me tornei fanático por hamsters, entalhes e selos. Mas é sempre da pesca que me lembro. Dias de verão, os remansos de água mansa e os morros azulados a distância, os salgueiros e os lagos debaixo deles parecendo vidro verde-escuro. Noites de verão, os peixes subindo à tona, os bacuraus voando acima da nossa cabeça, o odor dos goivos e do tabaco de Latakia. Não me interprete mal. Não pretendo fazer poesia sentimental sobre a infância. Sei que é tudo conversa fiada. O velho Porteous (um amigo que é professor aposentado, do qual falarei mais tarde) é ótimo em poesia de infância. Às vezes ele lê para mim coisas do gênero que encontra em livros. Wordsworth. Lucy Gray. Houve uma

época em que os prados, o arvoredo e daí por diante... Nem preciso dizer que Porteous não tem filhos. A verdade é que as crianças não são nadinha poéticas, mas unicamente animaizinhos selvagens, embora nenhum animal seja nem de longe tão egoísta. Garotos não se interessam por prados, arvoredos e coisas do gênero. Jamais contemplam uma paisagem, não dão a mínima para flores e, a menos que produza algum efeito neles, como parecer apetitosa, um garoto não sabe distinguir uma planta de outra. Matar coisas é, basicamente, o mais próximo da poesia que um menino chega. Mesmo assim, o tempo todo, existe aquela intensidade peculiar — o poder de ansiar por coisas pelas quais não se pode mais ansiar depois de adulto — e a sensação de que o tempo se estende infinitamente à sua frente e que o que quer que se esteja fazendo durará para sempre.

Fui um garotinho bem feioso, com cabelo cor de manteiga sempre cortado curto, salvo por uma mecha na frente. Não idealizo minha infância e, ao contrário de muita gente, não tenho vontade de voltar a ser jovem. A maioria das coisas de que eu costumava gostar não chegaria a me empolgar hoje em dia. Não ligo se nunca mais vir uma bola de críquete e não daria três centavos por cem gramas de balas. Mas ainda tenho, sempre tive, aquela queda peculiar pela pesca. Você há de achar uma idiotice, sem dúvida, mas na verdade eu meio que gostaria de ir pescar mesmo agora, gordo e com 45 anos, além de dois filhos e uma casa no subúrbio. Por quê? Porque de certa forma EU SOU sentimental quanto à minha infância — não à minha infância específica, mas à civilização na qual cresci e que agora, suponho, esteja em seus estertores. E pescarias, de certa forma, são típicas dessa civilização. Quando se pensa em pescaria, estamos pensando em coisas que não pertencem ao mundo moderno. A própria ideia de ficar

sentado o dia todo debaixo de um salgueiro na margem de um lago tranquilo — e de ser capaz de encontrar um lago tranquilo — pertence à época anterior à guerra, anterior ao rádio, anterior aos aviões, anterior a Hitler. Há uma espécie de paz nos nomes dos peixes de rio ingleses. Rutilus, escardínio, escalo, alburno, barbo, brema, cadoz, lúcio, ciprinídeo, carpa, tenca. São nomes concretos. As pessoas que os inventaram não tinham ouvido falar em metralhadoras, não viviam com medo de demissão nem passaram a vida tomando aspirina, indo ao cinema e se perguntando como escapar do campo de concentração.

Fico pensando se alguém pesca hoje em dia. Em lugar algum num raio de cem quilômetros de distância de Londres sobraram peixes para serem pescados. Uns pouquíssimos clubes de pesca se plantam em fila ao longo das margens dos canais, e os milionários vão pescar trutas em águas particulares em torno de hotéis escoceses, um passatempo esnobe que consiste em pegar peixes criados em cativeiro com moscas artificiais. Mas quem é que ainda pesca em lagoas de moinhos, fossos ou lagos para gado atualmente? Por onde andam os peixes dos rios ingleses? Quando eu era menino, toda lagoa e todo remanso tinha peixes. Agora, todos os lagos foram drenados e os riachos, quando não estão contaminados por produtos químicos de fábricas, estão cheios de latas enferrujadas e pneus de motocicletas.

Minha melhor lembrança de pescaria diz respeito a algum peixe que jamais pesquei. Isso é bastante comum, suponho.

Quando eu tinha meus 14 anos, papai fez algum tipo de favor para o velho Hodges, o zelador da Binfield House. Não lembro o que foi — deu a ele algum remédio que curou sua verminose ou coisa do gênero. Hodges era um patife carrancudo, mas não esquecia um favor. Um dia, pouco tempo depois, quando apareceu na loja para comprar milho para

as galinhas, me viu do lado de fora e me deteve com seu jeito mal-humorado habitual. O rosto parecia ter saído de um pedaço de raiz e ele tinha apenas dois dentes, que eram marrons e muito compridos.

— Ei, garoto! Gosta de pescar, né?

— Gosto.

— Foi o que eu achei. Então, olha só. Se quiser, pode levar sua vara e tentar a sorte naquela lagoa atrás da mansão. Tem um bocado de brema e xaréu-preto lá. Mas não conte a ninguém que eu te contei. E trate de não levar outros fedelhos ou vou arrancar o couro deles.

Dito isso, deu meia-volta com sua saca de milho sobre o ombro, como se achasse que já falara demais. Na tarde do sábado seguinte, pedalei até a Binfield House com meus bolsos cheios de minhocas e varejeiras e procurei pelo velho Hodges na cabana. Naquela época, a Binfield House já estava vazia havia dez ou vinte anos. O sr. Farrel, o dono, não tinha dinheiro para morar ali e também não podia ou não queria alugá-la. Morava em Londres e vivia do aluguel das fazendas, largando a casa e o terreno ao deus-dará. Todas as cercas estavam apodrecendo, o bosque era um emaranhado de urtigas, as hortas pareciam uma floresta e até os jardins haviam virado um matagal, com umas poucas roseiras velhas apenas para mostrar onde costumavam ficar os canteiros. Mas era uma bela casa, sobretudo vista de longe. Um lugar enorme e branco com colunas e janelas compridas, construída, suponho, por volta da época da rainha Anne por alguém que conhecera a Itália. Se eu fosse até lá agora provavelmente gostaria de vagar nessa desolação generalizada e pensar sobre a vida que se levava ali e as pessoas que construíam esses lugares por imaginarem que os bons tempos durariam para sempre. Quando era garoto, não olhava duas vezes nem para a casa nem para o terreno. Achei o velho Hodges, que tinha

acabado de jantar e estava meio emburrado, e pedi que me mostrasse como chegar à lagoa, que ficava bastante afastada da mansão e totalmente escondida entre as faias, mas era uma lagoa de bom tamanho, quase um lago, com cerca de 150 metros de uma margem a outra. Era impressionante e mesmo naquela idade fiquei pasmo com o fato de haver, a menos de vinte quilômetros de Reading e menos de oitenta quilômetros de Londres, tanta solidão. A gente se sentia tão sozinho quanto se estivesse nas margens do rio Amazonas. A lagoa era totalmente cercada pelas enormes faias, que em determinado lugar chegavam até a beirada e eram refletidas na água. No outro lado havia um trecho de grama em que alguém plantara menta silvestre e, num dos cantos da lagoa, uma velha casa de barco apodrecia entre os juncos.

Na lagoa havia montes de bremas pequenas, com cerca de dez a 15 centímetros de comprimento. De vez em quando, eu via uma delas mudar de direção e seu corpo marrom avermelhado submergir. Tinha lúcios também e deviam ser grandes. Nunca vi nenhum, mas às vezes um deles que ficara escondido junto ao mato da margem mergulhava tão ruidosamente quanto um tijolo atirado na água. Não adiantava tentar pegá-los, embora, claro, eu sempre tentasse. Tentei usando escalos e vairões que pegara no Tâmisa e mantivera vivos num vidro de geleia, e cheguei até a usar uma isca feita de um pedaço de lata. Mas eles estavam empanturrados de peixes e não mordiam a isca, e de todo jeito teriam partido a minha vara. Nunca voltei da lagoa sem, no mínimo, uma dúzia de bremas. Às vezes, nas férias de verão, eu passava o dia todo lá, com minha vara de pesca e um exemplar do *Chums* ou do *Union Jack* ou similar, além de um sanduíche de queijo que mamãe embrulhava para mim. E, depois de pescar durante horas, eu me deitava na grama e lia o *Union Jack* até que o cheiro da minha

pasta de pão e o *plop* de um peixe pulando em algum lugar me deixassem novamente alvoroçado e me fizessem voltar para junto d'água e tentar outra vez. Isso se repetia ao longo de todos os dias de verão. E o melhor era estar sozinho, completamente sozinho, embora a estrada estivesse a menos de duzentos metros. Eu tinha apenas idade bastante para saber que é bom ficar só de vez em quando. Com as árvores à volta, era como se a lagoa fosse minha e nada se mexia, exceto os peixes marolando a água e os pombos acima. Ainda assim, nos dois anos que passei pescando ali, quantas vezes terei pescado ali de fato? Não mais de uma dúzia. Era uma viagem de quase cinco quilômetros pedalando e demorava quase uma tarde toda. E às vezes dava certo, noutras chovia e não dava para ir. Você sabe como as coisas acontecem.

Numa dada tarde, os peixes não queriam saber de morder a isca e comecei a explorar o extremo da lagoa mais afastado da mansão. A água transbordara e o terreno estava cheio de lama. Foi preciso abrir caminho em meio a uma espécie de mato de amoreiras e ramos podres caídos das árvores. Pelejei ali ao longo de uns cinquenta metros e então, de repente, encontrei uma clareira e esbarrei em outra lagoa que eu jamais imaginara existir. Era pequena, com não mais de vinte metros de largura, e bastante escura devido aos ramos que a sombreavam. Mas a água era muito clara, e a profundeza, enorme. Dava para ver uns três ou quatro metros sob a superfície. Fiquei por ali um instante, saboreando a umidade e o cheiro de ramos podres, como fazem os meninos. Foi quando vi uma coisa que me deu um tremendo susto.

Era um peixe enorme. Não exagero quando digo que era enorme. Tinha quase o comprimento do meu braço. Deslizava pela lagoa, bem

no fundo, virando apenas uma sombra na água mais escura do outro lado. Senti como se uma espada tivesse me trespassado. Sem dúvida eu nunca vira peixe maior que aquele, vivo ou morto. Fiquei parado ali sem respirar, e um segundo depois outra sombra enorme e espessa deslizou na água, seguida de outra e de mais duas, bem próximas. Talvez fossem bremas ou tencas, mas o mais provável era que fossem carpas. Bremas e tencas não cresciam tanto. Vi logo o que acontecera. Em algum momento, essa lagoa fora unida à outra, antes que o córrego secasse e a mata se fechasse em torno da menor e ela fosse esquecida. Isso acontece esporadicamente. Uma lagoa é esquecida, ninguém pesca nela durante anos e décadas, e os peixes crescem até se tornarem gigantescos. Os que eu observava deviam ter cem anos. E nenhuma alma viva sabia da sua existência, exceto eu. Muito provavelmente fazia vinte anos desde que alguém pusera os olhos nessa lagoa, e talvez até o velho Hodges e o procurador do sr. Farrel tivessem se esquecido de sua existência.

Ora, não é difícil imaginar como me senti. Passado um tempinho, eu nem sequer conseguia me furtar a observar. Voltei correndo à outra lagoa e peguei meu equipamento de pesca. Não adiantava tentar pescar aqueles peixes colossais com o equipamento que eu tinha. Eles o arrebentariam como se fosse um fio de cabelo. E eu já não podia mais continuar tentando pegar as minúsculas bremas. A visão daquela carpa me fizera sentir uma reviravolta no estômago a ponto de me deixar enjoado. Montei na bicicleta e desci o morro a caminho de casa. Que segredo maravilhoso para um garoto guardar: a lagoa escura escondida no mato e os peixes monstruosos nadando nela — peixes que jamais haviam sido pescados e morderiam a primeira isca que lhe oferecessem. Era apenas uma questão de conseguir uma vara forte o

bastante para prendê-los. Eu já planejara tudo. Compraria o equipamento necessário nem que precisasse roubar o dinheiro do caixa da loja. De alguma forma, Deus saberia como, eu arrumaria uma meia-coroa e compraria um pedaço de linha para pescar salmão e tripa grossa ou tecido reforçado e anzóis número cinco e voltaria à lagoa escondida com queijo, varejeiras, pasta de pão, larvas de farinha e gafanhotos e toda e qualquer isca mortal que pudesse atrair a atenção de uma carpa. No máximo na tarde do sábado seguinte eu voltaria lá e tentaria me dar bem.

Na realidade, porém, jamais voltei. Nunca se volta. Nunca roubei o dinheiro do caixa nem comprei o pedaço de linha para pescar salmão nem tentei pegar aquelas carpas. Quase imediatamente depois, algo surgiu para me impedir, mas se não fosse aquilo teria sido outra coisa. Assim é a vida.

Sei, claro, que você está achando que exagerei o tamanho daqueles peixes. Acha, provavelmente, que eles têm um tamanho normal (trinta centímetros, digamos) e que foram crescendo aos poucos na minha lembrança. Mas não foi o que aconteceu. Todos contam mentiras sobre os peixes que pescaram e mentem mais ainda sobre os que morderam a isca mas escaparam. Só que eu nunca peguei um deles, sequer tentei pegá-los, e não tenho motivos para mentir. Garanto-lhe que eram enormes.

A pesca!

Vou fazer uma confissão, ou melhor, duas. A primeira é que, quando olho em retrospecto a minha vida, posso honestamente dizer que nada que fiz me deu tanto prazer quanto pescar. Tudo o mais foi meio decepcionante em comparação, até mesmo as mulheres. Não pretendo dar a impressão de ser um daqueles homens que não ligam para mulheres. Passei um bocado de tempo correndo atrás delas e continuaria a correr mesmo agora se tivesse a chance. Ainda assim, se tivesse que escolher entre ter qualquer mulher do mundo, repito, QUALQUER mulher, ou pescar uma carpa de cinco quilos, a carpa sempre sairia vencedora. E a outra confissão é que depois dos 16 anos nunca mais pesquei.

Por quê? Porque as coisas são assim. Porque nesta vida — não falo da vida humana em geral, mas da vida nesta época específica e neste país específico — não fazemos as coisas que desejamos fazer. Não por estarmos sempre trabalhando. Até mesmo um peão de fazenda ou um alfaiate judeu não trabalha o tempo todo. É porque existe em nós algum demônio que nos faz andar para lá e para cá envolvidos em idiotices sem fim. Há tempo para tudo, salvo para o que vale a pena fazer. Pense em algo que seja realmente do seu agrado. Ponha na ponta do lápis a fração da sua vida que foi, efetivamente, gasta nisso. Depois calcule o tempo gasto em coisas como barbear-se, andar de ônibus, aguardar trens, fazer baldeações, contar piadas sujas e ler os jornais.

Depois dos 16 anos não voltei a pescar. Nunca parecia haver tempo para pescaria. Eu estava trabalhando, correndo atrás de garotas, usando minhas primeiras botinas e meus primeiros colarinhos altos (e

para os colarinhos de 1909 era preciso um pescoço de girafa), fazendo cursos por correspondência, operando com vendas e contabilidade e "aprimorando a mente". Os peixes grandes nadavam na lagoa atrás da Binfield House. Ninguém sabia da sua existência, com exceção de mim. Mas não voltei mais lá. Havia tempo para tudo menos isso. Curiosamente, a única época entre então e hoje em que cheguei muito perto de pescar de novo foi durante a guerra.

Era outono de 1916, pouco antes de eu ser ferido. Havíamos saído das trincheiras e entrado numa aldeia afastada do front, e, embora ainda fosse setembro, a lama nos cobria dos pés à cabeça. Como sempre, não sabíamos ao certo quanto tempo ficaríamos ali ou para onde iríamos depois. Por sorte, o comandante andava meio fora de forma, com um pouco de bronquite ou algo parecido, razão pela qual não se dava ao trabalho de nos aborrecer com as habituais marchas, revistas, partidas de futebol etc., atividades supostamente destinadas a manter o moral da tropa quando longe do front. Passamos os primeiros dias esparramados em cima de pilhas de palha nos celeiros onde nos alojavam, limpando a lama das botinas, e à noite alguns de nós decidiram fazer fila para ter acesso às prostitutas velhas e gastas, estabelecidas numa casa no extremo da aldeia. De manhã, contrariando as ordens para não sair da aldeia, consegui escapulir e perambular em meio à tremenda devastação em que haviam se transformado os campos. Era uma manhã úmida e ventosa. Por todo lado, claro, reinava a imundície e a desordem da guerra, aquela confusão sórdida e repugnante que, com efeito, é pior que um campo de batalha cheio de cadáveres. Árvores cujos galhos haviam sido arrancados, velhos buracos de projéteis parcialmente tapados, latas, merda, lama, mato, monturos de arame farpado enferrujado com mato

nascendo no meio. Você conhece a sensação que se têm depois de sair do front. Uma sensação de rigidez em todas as juntas e internamente uma espécie de vazio, a impressão de que jamais coisa alguma nos despertará interesse. Em parte isso acontece devido ao medo e à exaustão, mas acima de tudo é por causa do tédio. Naquela época, ninguém via motivo para que a guerra não se estendesse para sempre. Hoje ou amanhã ou depois de amanhã voltar-se-ia para o front, e quem sabe uma granada na semana seguinte fizesse picadinho da gente. Isso, porém, não era tão ruim quanto o terrível tédio da guerra se prolongando indefinidamente.

Eu perambulava ao longo de uma sebe quando esbarrei num sujeito do nosso pelotão de cujo nome não me recordo, mas que tinha o apelido de Nobby. Era um cara de pele escura, encurvado, com aparência de cigano, um cara que mesmo de uniforme dava sempre a impressão de levar escondido um par de coelhos roubados. Vendedor ambulante de ofício, era um genuíno *cockney*, um daqueles que ganham parte do sustento com pequenos furtos, caça e pesca ilegal e roubo de frutas em Kent e Essex. Entendia bastante de cães, furões, pássaros de gaiolas, galos de briga e esse tipo de coisa. Assim que me viu, fez sinal com a cabeça para me saudar. Falava de um jeito dissimulado, furtivo:

— Aí, George! — (Ainda me chamavam de George, pois nessa época eu não era gordo.) — George! Está vendo aqueles álamos do outro lado do campo?

— Estou.

— Bom, tem uma lagoa do outro lado, cheia de peixões.

— Peixes? Não brinca!

— Coalhada de peixes. São percas. Boas como as melhores que já pesquei. Vem ver com seus próprios olhos.

Saímos caminhando juntos na lama. Nobby tinha razão. Próximo aos álamos, havia uma lagoa de águas turvas com margens de areia. Obviamente havia sido uma pedreira que acabou se enchendo de água. E estava repleto de peixes. Dava para ver seus lombos azul-escuros raiados deslizando pouco abaixo da superfície, e alguns deviam pesar uns quinhentos gramas. Suponho que nos dois anos da guerra não haviam sido perturbados e puderam se multiplicar tranquilamente. Você não imagina o que a visão daquelas percas me causou. Foi como se elas de repente me devolvessem a vida. Claro que nas nossas cabeças se impôs uma única ideia: como providenciar vara e linha.

— Caramba! — exclamei. — Vamos pegar alguns desses.

— Claro, porra! Vamos voltar para a aldeia e conseguir varas de pescar.

— Certo. Mas temos que tomar cuidado. Se o sargento fica sabendo, a gente leva a pior.

— Que se dane o sargento! Podem me enforcar, afogar e esquartejar se quiserem. Vou pescar esses malditos peixes.

Você não imagina como estávamos loucos para pegar aqueles peixes. Ou talvez imagine se já esteve numa guerra. Apenas quem conhece o enlouquecedor tédio da guerra sabe como a gente se agarra a qualquer tipo de diversão. Vi dois caras numa casamata lutarem como o diabo por conta de uma revista barata. Mas havia mais por trás disso. Era a ideia de escapar, talvez durante um dia inteiro, da atmosfera da guerra. Sentar debaixo dos álamos, tentando pescar as percas, longe do pelotão, longe do barulho, do fedor e dos uniformes, dos oficiais e das saudações, da voz do sargento! Pescaria é o oposto da guerra. Mas nada garantia que conseguiríamos nosso intento. Foi esse o pensamento que provocou em nós uma espécie de frenesi. Se o sargento descobrisse,

sem sombra de dúvida nos impediria, assim como qualquer outro oficial faria, e o pior era que não havia meio de saber quanto tempo ainda permaneceríamos na aldeia. Podia ser uma semana, ou partiríamos em duas horas. Enquanto isso, não tínhamos equipamento de pesca algum, nem mesmo um alfinete ou um pedaço de barbante. Era preciso começar do zero. E a lagoa fervilhando de peixes! A primeira coisa era arrumar uma vara. Salgueiro é melhor, mas, claro, não havia salgueiro algum por aqueles lados. Nobby subiu num dos álamos e cortou um galho pequeno, que, na verdade, não prestava, mas era melhor que nada. Usando seu canivete limpou e aparou o galho até que se assemelhasse mais ou menos a um caniço, que escondemos no mato próximo à margem, conseguindo voltar para a aldeia sem sermos vistos.

A outra coisa de que precisávamos era uma agulha para fazer o anzol. Ninguém tinha uma agulha. Um sujeito tinha umas agulhas de cerzir, mas eram grossas demais e rombudas dos dois lados. Não ousamos deixar que soubessem para o que as queríamos, por medo de que o sargento acabasse descobrindo. No final, nos lembramos das prostitutas no extremo da aldeia. Era quase certo que tivessem agulhas. Quando chegamos lá — era preciso contornar o imóvel para chegar à porta dos fundos, passando por um quintal lamacento —, encontramos a casa fechada e as mulheres tirando um cochilo sem dúvida merecido. Sapateamos, gritamos e esmurramos a porta até que, passados uns dez minutos, uma gorda feia de roupão desceu e berrou conosco em francês. Nobby respondeu igualmente aos berros:

— Agulha! Agulha! Você tem uma agulha?

Claro que a mulher não sabia do que ele estava falando. Nobby, então, tentou falar de um jeito que supôs que ela, uma estrangeira,

entendesse.

— Querer agulha! Costurar roupa! Assim!

Arrematou com gestos que imaginou que representassem o ato de costurar. A prostituta entendeu errado e abriu um pouco mais a porta para nos deixar entrar. Finalmente conseguimos fazê-la entender e arrumamos a agulha. A essa altura, já estava na hora do almoço.

Depois do almoço, o sargento foi até o celeiro onde estávamos alojados procurando homens para uma faxina. Conseguimos driblá-lo entrando debaixo de um monte de feno bem a tempo. Depois que ele saiu, acendemos uma vela, deixamos a agulha incandescente e a dobramos para fazer o anzol. Não tínhamos ferramenta alguma, com exceção do canivete, e queimamos seriamente os dedos. Agora, precisávamos arranjar uma linha. Ninguém tinha barbante que não fosse muito grosso, mas acabamos achando um sujeito que tinha um carretel de linha de costura. Não queria se desfazer dele e tivemos que lhe dar um maço inteiro de cigarros em troca. A linha era demasiado fina, mas Nobby a cortou em três pedaços que amarrou num prego na parede e trançou tudo junto com cuidado. Enquanto isso, depois de procurar na aldeia inteira, eu conseguira encontrar uma rolha, que cortei no meio, enfiando-lhe um fósforo para que flutuasse. A essa altura já anoitecia.

Contávamos com o essencial agora, mas uma tripa cairia bem. Aparentemente não havia muita esperança de conseguir uma, até que nos lembramos do enfermeiro. Fio categute para sutura não fazia parte do seu arsenal, mas podia ser que ele tivesse um pouco. Para nossa satisfação, quando lhe perguntamos, descobrimos que havia um rolo inteiro de categute na sua mochila. Encantara-se com aquilo em algum hospital e afanara. Trocamos mais um maço de cigarros por dez

pedaços de categute. Os pedaços de 15 centímetros cada eram muito quebradiços, e Nobby os pôs de molho na água para ficarem flexíveis e depois os uniu ponta com ponta. As minhocas podíamos catar em qualquer lugar. E a lagoa fervilhava de peixes! Enormes percas raiadas implorando para serem pescadas! Deitamo-nos para dormir tão excitados que sequer tiramos as botas. Amanhã! Ai, se já fosse amanhã! Se a guerra se esquecesse de nós apenas um dia! Decidimos que assim que acabasse a chamada sairíamos e passaríamos o dia todo fora, mesmo que isso acarretasse uma punição rigorosa quando voltássemos.

Imagino que você tenha adivinhado o resto. Na hora da chamada, recebemos ordens para recolher tudo e estarmos prontos para partir em vinte minutos. Marchamos 15 quilômetros estrada abaixo e depois subimos em caminhões em direção a um outro ponto do front. Quanto à lagoa sob os álamos, nunca mais soube ou ouvi falar dela. Acredito que tenha sido contaminada com gás de mostarda tempos depois.

Desde então, nunca mais pesquei. Nunca tive outra oportunidade. Veio o fim da guerra, e depois todo mundo passou a brigar por um emprego, e depois arrumei um emprego, e o emprego me arrumou. Eu era um jovem promissor numa seguradora — um daqueles jovens empresários ambiciosos de queixo firme e boas expectativas, sobre os quais líamos a respeito nos anúncios do Clark's College — e então me tornei o costumeiro assalariado oprimido ganhando de cinco a dez libras por semana e morando numa casa semi-independente nos subúrbios. Essa gente não pesca, assim como os corretores de valores não colhem margaridas. Não seria adequado. Para estes está previsto outro tipo de recreação.

Claro que tenho minha quinzena de férias todo verão. Você sabe como são essas férias. Margate, Yarmouth, Eastbourne, Hastings, Bournemouth, Brighton. Há uma leve variação dependendo de estarmos ou não com dinheiro sobrando nesse ano específico. Com uma mulher como Hilda no meu pé, o aspecto principal das férias é uma incessante aritmética mental para decidir quanto o dono da pensão está nos roubando. Isso e a recusa sistemática às crianças de lhes comprar um novo baldinho de areia. Alguns anos atrás fomos para Bournemouth. Numa tarde bonita, caminhamos até o píer, que devia ter quase um quilômetro de comprimento, e ao longo de todo o caminho vi sujeitos pescando com varas grossas próprias para o mar com pequenos guizos na ponta, e suas linhas se estendiam uns cinquenta metros mar adentro. É um tipo de pesca tediosa, e eles não estavam pegando nada. Por outro lado, havia peixes. As crianças logo se cansaram e pediram para voltar para a praia, e Hilda viu um sujeito prender uma minhoca no anzol e disse que ficou com nojo. Eu, porém, continuei a caminhar para lá e para cá um pouco mais. De repente, ouvimos um sino tocar com insistência e um sujeito começou a recolher a linha. Todos pararam para observar. E, com efeito, na ponta da linha molhada, com o pedaço de chumbo veio um peixe chato (um linguado, acho) se contorcendo. O pescador jogou-o no piso de madeira do píer, onde o animal ficou se debatendo, molhado e brilhoso, o lombo cinzento e rugoso e a barriga branca, com o odor salino do mar. Senti um aperto no peito, como se algo despertasse.

Enquanto nos afastávamos, eu disse casualmente, apenas para testar a reação de Hilda:

— Estou pensando em pescar um pouco enquanto estamos aqui.

— O quê? VOCÊ pescar, George? Ao menos sabe segurar a vara?

— Ora, já fui um ótimo pescador — falei.

Hilda rejeitou vagamente a ideia, como de hábito, mas não apresentou muitos argumentos nem contra nem a favor, salvo que, se eu fosse pescar, ela não iria comigo para me ver prender aquelas coisas pegajosas e nojentas no anzol. Então, de repente, ela se apegou ao fato de que, se eu fosse pescar, o equipamento necessário, vara, anzol etc., custaria cerca de uma libra. Só a vara sairia por dez xelins. Imediatamente, a fúria se apossou dela. Você nunca a viu reagir diante da hipótese de desperdiçar dez xelins. Hilda gritou:

— Que IDEIA! Imagine desperdiçar todo esse dinheiro com uma coisa dessas! Absurdo! E como eles têm CORAGEM de cobrar dez xelins por uma varinha de pescar idiota! Uma lástima. E você pensar em pescar com a sua idade! Um homem adulto! Não banque o NENÉM, George.

Então as crianças entraram no jogo. Lorna parou perto de mim e me perguntou com o seu jeitinho atrevido: "Você é um neném, papai?", e o pequeno Billy, que naquela época não articulava direito as palavras, anunciou para qualquer um que quisesse ouvir: "Papa é um neném." De repente, então, ambos começaram a dançar à minha volta, gritando em sintonia: "Papa é um neném, papa é um neném!"

Safadinhos desnaturados!

E, além da pesca, havia a leitura.

Exagerei se dei a entender que pescar era a ÚNICA coisa de que eu gostava. Pescar sem dúvida vinha em primeiro lugar, mas ler vinha logo em seguida. Eu devia ter dez ou 11 anos quando comecei a ler — por vontade própria, quer dizer. Nessa idade é como descobrir um mundo novo. Leio bastante até hoje. Na verdade, é rara a semana em que eu não termine um ou dois romances. Sou o que se pode chamar de típico rato de biblioteca, sempre atraído pelo best-seller do momento (*The Good Companions*, *Bengal Lancer*, *Hatter's Castle* — todos eles me cativaram), e fui membro do Left Book Club* durante um ano ou mais. Em 1918, aos 25 anos, embarquei numa espécie de orgia em relação à leitura, que alterou de certa forma meu jeito de ver a vida. Nada, porém, se compara àqueles primeiros anos em que de repente se descobre que é possível abrir um semanário barato e mergulhar de cabeça em covis de ladrões e alcovas de ópio chinesas, em ilhas polinésias e nas florestas do Brasil.

Foi entre os 11 e os 16 anos que me senti mais fascinado pela leitura. No início eram sempre os semanários juvenis de um centavo — jornaizinhos finos com impressão péssima e uma ilustração em três cores na capa —, e um pouco mais tarde vieram os livros. Sherlock Holmes, Dr. Nikola, O Pirata de Ferro, Drácula, Raffles. E Nat Gould, Ranger Gull e um sujeito de cujo nome me esqueço que escrevia histórias de boxe quase tão rapidamente quanto Nat Gould escrevia as de corrida. Suponho que, se fossem um pouco mais instruídos, meus pais teriam me enfiado goela abaixo a "boa" literatura. Dickens e Thackeray e similares, e de fato fomos apresentados a Quentin

Durward na escola, e tio Ezekiel às vezes tentava me estimular a ler Ruskin e Carlyle. Mas praticamente não havia livros na minha casa. Papai jamais leu um livro na vida, salvo a Bíblia e *Self-Help*, de Smiles, e eu, por iniciativa própria, só fui ler um "bom" livro muito mais tarde. Não lamento que tenha sido assim. Li o que queria ler e tirei mais dessa leitura do que daquilo que me ensinaram na escola.

Os velhos *penny dreadfuls* — histórias de terror publicadas em capítulos semanais de um centavo — já estavam saindo de circulação quando eu era criança, e mal me lembro deles, mas havia uma linha regular de semanários para meninos, e alguns ainda existem até hoje. As histórias de Buffalo Bill sumiram, acho, e Nat Gould provavelmente não é mais lido, mas Nick Carter e Sexton Blake aparentemente continuam a mesma coisa. *The Gem and the Magnet*, se não me falha a memória, começou a ser publicada por volta de 1905. O *B.O.P.* ainda era bastante ingênuo naquela época, mas o *Chums*, que acredito ter começado lá por 1903, era esplêndido. E tinha a enciclopédia — não me lembro do nome exato —, publicada em edições de um centavo. Nunca me pareceu valer a pena comprar, mas um menino na escola me passava números antigos às vezes. Se hoje sei o comprimento do Mississippi ou a diferença entre um polvo e uma lula ou a exata composição de metal de sino, foi nela que aprendi.

Joe nunca leu. Meu irmão era um desses meninos que terminavam a escola sem saber ler mais do que dez linhas consecutivamente. A visão de um papel impresso o deixava enjoado. Eu o vi pegar um dos meus exemplares do *Chums*, ler um ou dois parágrafos e depois lhe dar as costas com a mesma expressão de nojo de um cavalo que fareja feno mofado. Ele tentou me fazer desistir da leitura, mas papai e mamãe, que haviam decidido que eu era "o inteligente", me apoiaram. Ficavam

um bocado orgulhosos por eu demonstrar gosto por "aprender com os livros", como chamavam. Mas era típico de ambos se sentirem vagamente incomodados por eu ler coisas como o *Chums* e o *Union Jack*, achando que eu deveria ler algo "enriquecedor", apesar de não entenderem o suficiente a respeito de livros para saber quais eram "enriquecedores". Por fim, mamãe pôs as mãos num exemplar de segunda mão de *O livro dos mártires*, de Foxe, que não li, embora as ilustrações não fossem ruins.

Ao longo de todo o inverno de 1905, gastei um centavo para comprar o *Chums* semanalmente. Eu acompanhava o seriado "Donovan, o Intrépido". Donovan, o Intrépido, era um explorador contratado por um milionário americano para conseguir coisas incríveis em diferentes cantos da terra. Às vezes eram diamantes do tamanho de bolas de golfe que estavam nas crateras de vulcões na África. Noutras, presas petrificadas de mamutes em florestas congeladas da Sibéria ou tesouros incas enterrados em cidades perdidas do Peru. Donovan embarcava numa nova jornada toda semana e sempre se dava bem. Meu lugar de leitura favorito era o depósito atrás do quintal. Salvo quando papai estava retirando sacas de grãos, era o lugar mais silencioso da casa. Havia enormes pilhas de sacas sobre as quais deitar e um cheiro de gesso misturado com o de sanfeno e montes de teias de aranha em todos os cantos. Logo acima do lugar em que eu costumava me deitar tinha um buraco no teto e uma ripa de madeira se projetando para fora do gesso. Sinto esse clima como se fosse hoje. Um dia de inverno, apenas ameno o bastante para ficar imóvel. Estou deitado de bruços, com o *Chums* aberto à minha frente. Um camundongo sobe na lateral de uma saca como um brinquedo de corda. Para, de repente, e me observa com seus olhinhos de pequenas contas negras. Tenho 12

anos, mas sou Donovan, o Intrépido. Acabo de armar minha tenda a dois mil quilômetros do delta do rio Amazonas, e as raízes das misteriosas orquídeas que florescem apenas uma vez a cada cem anos estão seguramente guardadas na lata debaixo da minha cama de campanha. Nas florestas à volta, índios hopis, que pintam os dentes de escarlate e escalpelam homens brancos vivos, estão batendo seus tambores de guerra. Observo o camundongo e o camundongo me observa e posso sentir o cheiro de poeira e sanfeno e o frio odor do gesso. Estou na Amazônia e sinto apenas êxtase, puro êxtase.

E isso é tudo.

Tentei lhe contar um pouco sobre o mundo antes da guerra, o mundo do qual senti um bafejo quando vi o nome do rei Zog no cartaz, e é provável que eu não lhe tenha dito coisa alguma. Ou você se lembra de como era antes da guerra e não precisa que lhe contem, ou não se lembra e não adianta lhe contarem. Até agora, só falei das coisas que aconteceram comigo antes dos 16 anos. Até então, tudo ia muito bem com a família. Foi um pouco antes do meu décimo sexto aniversário que comecei a ter vislumbres do que se costumava chamar de "vida real", ou seja, dissabores.

Cerca de três dias após eu ter visto a carpa grande na Binfield House, papai chegou para o jantar parecendo muito preocupado e ainda mais pálido e sujo de farinha que de costume. Comeu, solene e lentamente, e não falou muito. Naquela época, ele tinha um jeito bastante cuidadoso de comer, e o bigode se mexia para cima e para baixo com um movimento oblíquo, porque não lhe restavam muitos dentes. Eu já ia me levantando da mesa quando ele me chamou de volta.

— Espere um instante, George. Tenho uma coisa para lhe dizer, filho. Sente-se aí só um minuto. Querida, você ouviu o que eu tinha a dizer ontem à noite.

Minha mãe, atrás do enorme bule de chá marrom, cruzou as mãos no colo e manteve uma expressão solene no rosto. Papai prosseguiu, falando muito seriamente, mas de certa forma comprometendo o efeito ao tentar lidar com uma migalha que se alojara no que lhe restara de um dente de trás.

— George, meu filho, tenho uma coisa para lhe dizer. Andei pensando e chegou a hora de você largar a escola. Lamento, mas vai ter que começar a trabalhar agora e ganhar algum dinheiro para trazer para sua mãe em casa. Escrevi para o sr. Wicksey ontem à noite e avisei que terei que tirá-lo da escola.

Claro que isso estava bem de acordo com os precedentes — o fato de escrever para o sr. Wicksey antes de falar comigo. Os pais naquela época tinham o costume de resolver tudo pelas costas dos filhos.

Papai continuou a prover outras explicações murmuradas em tom preocupado. A loja vinha "tendo um período ruim ultimamente", as coisas "estavam um pouco difíceis", e a conclusão era que Joe e eu teríamos que começar a ganhar o nosso sustento. Àquela altura, ou eu não sabia ou não me importava muito em saber se os negócios andavam bem ou mal. Eu nem sequer possuía suficiente instinto comercial para ver o motivo de as coisas estarem "difíceis". O fato era que papai havia sido atingido pela concorrência. O Sarazins', o grande varejista de grãos que espalhara filiais em todos os condados locais, alcançara Lower Binfield com um de seus tentáculos. Seis meses antes, haviam alugado uma loja na praça do mercado, incrementando-a com tinta verde brilhante, letras douradas, equipamentos de jardim pintados de vermelho e verde e enormes anúncios de orquídeas, fazendo com que fosse vista a cem metros de distância. Além de vender sementes de flores, o Sarazins' se autodescrevia como "fornecedores universais de aves e animais domésticos", e afora trigo, aveia e congêneres, comercializavam forragem para aves, rações para pássaros acondicionadas em embalagens sofisticadas, biscoitos caninos de todas as formas e cores, medicamentos, unguentos e pós fortificantes, além de oferecer outros itens, como ratoeiras, correntes para cães,

incubadoras, ovos artificiais, aramados para gaiolas, bulbos, herbicidas, inseticidas e até, em algumas filiais, o que chamavam de "departamento de animais para criação", ou seja, coelhos e frangos recém-nascidos. Papai, com sua velha loja empoeirada e a recusa em estocar novidades, não conseguia — nem queria — concorrer com esse tipo de coisa. Os comerciantes com suas carroças puxadas a cavalo e os fazendeiros na mesma situação evitaram o Sarazins' a princípio, mas depois de seis meses se uniram à burguesia da vizinhança, que naquela época possuía carruagens e charretes e, consequentemente, cavalos. Isso representou um grande prejuízo para meu pai e o outro comerciante de milho, Winkle. Na época, não registrei nada disso. Minha atitude quanto aos negócios, pelos quais jamais me interessara, era a de um garoto. Jamais ajudara na loja com regularidade e, nas poucas vezes em que meu pai me pedia para comprar algo ou carregar sacas de grãos para o depósito, sempre que possível eu dava um jeito de escapar. Os garotos da nossa classe não são tão bobalhões quanto os alunos da escola pública, sabem que trabalho é trabalho, conhecem o valor do dinheiro, mas lhes parece natural encarar o negócio do pai como uma coisa tediosa. Até então, varas de pescar, bicicletas, limonada gasosa e similares me soavam um bocado mais reais do que qualquer coisa que acontecesse no mundo adulto.

Papai já falara com o velho Grimmet, o dono da mercearia, que queria contratar um rapaz esperto e se dispunha a me botar imediatamente para trabalhar na loja. Enquanto isso, meu pai dispensaria o estafeta e Joe voltaria para casa para ajudar na loja até arrumar um emprego estável. Joe largara a escola fazia algum tempo e vivia mais ou menos à toa desde então. Papai falara algumas vezes em "botá-lo para dar duro" no departamento de contabilidade da

cervejaria e antes disso chegara mesmo a pensar em transformá-lo em leiloeiro. Nem uma nem outra função eram minimamente viáveis, porque Joe, aos 17 anos, escrevia como um caipira e não conseguia recitar a tabuada. No momento, meu irmão estava supostamente "aprendendo o ofício" numa grande loja de bicicletas na periferia de Walton. Mexer com bicicletas se adequava a Joe, que, como a maioria dos idiotas, tinha um leve pendor para a mecânica, mas ele era totalmente incapaz de trabalhar com constância e passava o tempo vadiando com o macacão sujo de graxa, fumando Woodbines, se metendo em brigas, bebendo (já começara a beber então), andando com uma garota atrás da outra e arrancando dinheiro do papai. Papai vivia preocupado, confuso e vagamente ressentido. Ainda posso vê-lo, com farinha na careca e o parco cabelo grisalho restante lhe cobrindo as orelhas, usando óculos e ostentando um bigode cinzento. Não conseguia entender o que tinha dado errado. Durante anos, seu lucro aumentara, lenta e constantemente, dez libras num ano, vinte noutro, e agora, de uma hora para outra, houvera uma queda abrupta. Ele não entendia. Herdara o negócio do pai, trabalhara honestamente, dera duro, vendera mercadoria de qualidade, não enganara ninguém... E a renda estava caindo. Repetiu várias vezes, enquanto cutucava os dentes com a língua a fim de remover a migalha, que os tempos estavam difíceis, o comércio, muito devagar, que não sabia o que dera nas pessoas, pois claro que os cavalos continuavam comendo. Talvez fossem esses novos motores, concluiu afinal. "Malditas coisas fedorentas!", acrescentou minha mãe, que estava um pouco preocupada e sabia que deveria estar mais. Uma ou duas vezes, enquanto papai falava, vi uma expressão distante em seus olhos e seus lábios se movendo. Tentava decidir se devia servir carne e cenouras no

dia seguinte ou outra perna de carneiro. Salvo quando alguma coisa na sua própria seara exigia atenção, como a compra de roupa de cama ou de panelas, mamãe não era realmente capaz de pensar além das refeições do dia seguinte. A loja andava com problemas e papai estava preocupado — basicamente isso era o máximo que ela registrava. Nenhum de nós se dava conta da situação. Papai tivera um mau ano e perdera dinheiro, mas estaria de fato com medo do futuro? Acho que não. Era 1909, lembre-se. Ele não sabia o que vinha acontecendo, não era capaz de prever que esses Sarazins iriam sistematicamente cobrar preços menores que o dele, arruiná-lo e engoli-lo. Como poderia saber? Esse tipo de coisa não era comum na sua juventude. Tudo que ele sabia era que os tempos estavam difíceis, o comércio, muito "fraco", muito "devagar" (essas expressões eram repetidas sem parar), mas provavelmente tudo "haveria de melhorar logo".

Seria ótimo se eu pudesse dizer que fui de grande ajuda para meu pai nessa época conturbada, que de repente provei ser um homem e desenvolvi qualidades que ninguém jamais suspeitara que eu tivesse — e daí por diante, blá-blá-blá, como costumávamos ler nos romances edificantes trinta anos atrás. Ou então eu gostaria de ser capaz de registrar que amargamente me ressenti de largar a escola, que minha ávida mente juvenil, ansiosa por saber e refinamento, se abespinhou diante do trabalho mecânico ao qual me forçaram — e daí por diante, blá-blá-blá, como costumamos ler nos romances edificantes hoje em dia. Mas nada passaria de conversa fiada. A verdade é que fiquei satisfeito e entusiasmado com a ideia de trabalhar, sobretudo quando entendi que o velho Grimmet me pagaria um salário de verdade, 12 xelins por semana, dos quais eu poderia ficar com quatro. A carpa da Binfield House, que enchera a minha cabeça durante três dias,

abandonou meus pensamentos de vez. Não fiz objeção a largar os estudos com alguns semestres de antecedência. Costumava acontecer o mesmo com os meninos da nossa escola. Sempre havia um garoto "prestes" a ir para a Universidade de Reading ou para a faculdade de engenharia, ou a "se dedicar aos negócios" em Londres, ou a entrar na Marinha — e que de repente, mediante um aviso prévio de dois dias, sumia da escola, e 15 dias depois era visto de bicicleta entregando legumes e verduras. Cinco minutos depois de meu pai dizer que eu teria que largar a escola, comecei a imaginar como seria o novo terno com o qual eu iria trabalhar. Imediatamente passei a exigir um "terno de adulto", com uma espécie de casaca que era moda na época, um "fraque", como chamavam, acho. Claro que tanto meu pai quanto minha mãe ficaram escandalizados e disseram que "jamais haviam ouvido falar de algo assim". Por algum motivo que jamais entendi totalmente, os pais naquela época sempre tentavam impedir que os filhos usassem roupas de adulto até o mais tarde possível. Em toda família ocorria uma briga previsível antes que um menino ganhasse seu primeiro colarinho alto ou que uma menina prendesse os cabelos num coque.

Assim, a conversa se desviou dos problemas de negócio do meu pai e degringolou para uma discussão comprida e enervante, em que papai aos poucos foi ficando furioso e repetindo sem parar — omitindo letras vez por outra, como era hábito quando estava furioso: "Bom, cê não vai ter. Trate de tirar essa ideia da cabeça. Esqueça." Por isso, não consegui meu "fraque". Fui trabalhar pela primeira vez envergando um terno preto barato e um colarinho largo no qual eu parecia um matuto. Qualquer incômodo que eu tenha sentido a respeito de toda a situação adveio daí. Joe foi ainda mais egoísta. Enfureceu-se por ter que deixar a

loja de bicicletas e durante o curto período em que permaneceu em casa, meramente ficava à toa, sendo um estorvo e em nada ajudando nosso pai.

Trabalhei na loja do velho Grimmet durante quase seis anos. Grimmet era um sujeito agradável, honrado, de costeletas brancas, que parecia uma versão mais corpulenta do tio Ezequiel e, como tio Ezequiel, um bom liberal. Era, contudo, menos inflamado e mais respeitado na cidade. Adaptara-se às circunstâncias durante a Guerra dos Bôeres e se tornara um inimigo figadal das uniões sindicais, tendo, certa vez, demitido um assistente que flagrou com uma fotografia de Keir Hardie. Era "não conformista" — na verdade uma voz ruidosa, literalmente, na Igreja Batista, conhecida na vizinhança como Tin Tab, ou templo pré-fabricado — enquanto minha família era "anglicana", e tio Ezequiel, nesse aspecto, um infiel. O velho Grimmet era do conselho municipal e uma autoridade no Partido Liberal local. Com suas costeletas brancas, sua ladainha sobre a liberdade de consciência e sobre o Grand Old Man, seu polpudo extrato bancário e as preces extemporâneas que às vezes era possível ouvi-lo recitando quando se passava pela Tin Tab, lembrava um pouco o lendário merceeiro não conformista na história — suponho que você conheça:

— James!

— Sim, senhor?

— Já peneirou o açúcar?

— Sim, senhor!

— Já pôs água no melado?

— Sim, senhor!

— Então, venha rezar.

Deus sabe quantas vezes ouvi essa história sussurrada na loja. Na verdade, começávamos o dia com uma oração antes mesmo de abrir as venezianas. Não que o velho Grimmet peneirasse o açúcar. Sabia que isso não compensava. Mas era um homem astuto nos negócios, comandava todo o comércio de mercearia de Lower Binfield e da zona rural à volta, e tinha três assistentes na loja, além do estafeta, do entregador e da própria filha (viúva) que ficava no caixa. Fui estafeta nos seis primeiros meses. Depois, um dos assistentes se demitiu para "se estabelecer" em Reading e fui realocado para a loja, envergando meu primeiro avental branco. Aprendi a amarrar um embrulho, empacotar passas, moer café, manejar o cortador de toucinho, fatiar um presunto, varrer o chão, tirar o pó dos ovos sem quebrá-los, empurrar um artigo inferior como sendo de qualidade melhor, limpar uma janela, calcular no olho quinhentos gramas de queijo, abrir um caixote, dar forma a um peso de manteiga e — o que era, de longe, o mais difícil — decorar onde cada mercadoria era guardada. Não tenho lembranças tão detalhadas do trabalho na mercearia como as que tenho das pescarias, mas lembro um bocado. Até hoje sei cortar um barbante com os dedos. Se você me puser diante de um cortador de toucinho, me saio melhor do que com uma máquina de escrever. Posso desfiar um bom número de tecnicalidades sobre as variedades de chá chinês e dizer como é feita a margarina, bem como o peso médio de ovos e o preço do milheiro de sacos de papel.

Durante mais de cinco anos fui assim: um jovem alerta, com um rosto redondo, corado, de nariz arrebitado e cabelo cor de manteiga (não mais cortado curto, mas cuidadosamente emplastado e penteado para trás no estilo que se costumava chamar de "alisado"), de pé atrás do balcão usando um avental branco e um lápis atrás da orelha,

amarrando pacotes de café com a rapidez de um raio e incitando o freguês a comprar, dizendo "Sim, senhora! Claro, minha senhora! O que mais a senhora deseja?" numa voz com um leve sotaque de *cockney*. O velho Grimmet nos exigia muito. O expediente era de 11 horas, salvo nas quintas e nos domingos. A semana do Natal era um pesadelo. Mesmo assim é uma época boa para recordar. Não pense que me faltava ambição. Eu sabia que não seria ajudante de mercearia para sempre, sabia que estava apenas "aprendendo o ofício". Um dia, cedo ou tarde, haveria dinheiro suficiente para que eu "me estabelecesse" por conta própria. Isso foi antes da guerra, lembre-se, antes do declínio e do desemprego. O mundo era grande o bastante para haver lugar para todos. Qualquer um podia "se estabelecer no comércio", sempre cabia mais uma loja. E o tempo ia passando. 1909, 1910, 1911. O rei Eduardo morreu, e os jornais saíram com uma tarja preta nas bordas. Dois cinemas abriram em Walton. Os carros passaram a ser mais frequentes nas estradas e ônibus motorizados começaram a cruzar o país. Um aeroplano — uma coisa frágil, de aparência instável com um sujeito sentado numa espécie de cadeira no centro — sobrevoou Lower Binfield e a cidade toda saiu de casa para saudar. Começaram a falar vagamente que o imperador alemão estava ficando grande demais para as botas e que "ela (ou seja, a guerra contra a Alemanha) se aproximava". Meu salário aos poucos aumentou até chegar, finalmente, pouco antes da guerra, a 28 xelins por semana. Eu pagava para mamãe dez xelins por semana pela minha manutenção e depois, quando as coisas pioraram, 15 xelins, e mesmo assim me sentia mais rico do que jamais me senti desde então. Cresci mais um palmo, meu bigode começou a brotar e eu usava sapatos de amarrar e colarinhos com oito centímetros de altura. Na igreja, aos domingos, em meu garboso terno

cinza-escuro, com o chapéu-coco e as luvas de pelo de cão pretas no banco ao meu lado, minha aparência era de um cavalheiro perfeito, e mamãe mal podia conter seu orgulho de mim. Além do trabalho e da "folga" nas quintas-feiras, de pensar em roupas e garotas, eu tinha surtos de ambição e me via transformado no Grande Empresário, como Lever ou William Whiteley. Entre 16 e 18 anos, fiz tentativas sérias de "aperfeiçoar a mente" e me preparar para uma carreira empresarial. Curei-me do cacoete e praticamente me livrei do sotaque *cockney* (no Vale do Tâmisa os sotaques do interior vinham sumindo. Com exceção dos peões de fazenda, quase todos que haviam nascido depois de 1890 falavam *cockney*). Fiz um curso por correspondência com a Academia Comercial Littleburns, aprendi contabilidade e inglês comercial, li ritualmente um livro repleto de baboseiras chamado *A arte da venda* e melhorei minha aritmética e até minha ortografia. Aos 17 anos, eu ficava acordado até tarde com a língua para fora da boca, praticando caligrafia junto ao lampiãozinho a óleo na mesa do quarto. Havia épocas em que eu lia um bocado, em geral histórias de crimes e aventuras, e às vezes livros encapados com papel pardo que eram furtivamente passados de mão em mão pelos empregados da loja e rotulados de "picantes" (traduções de Maupassant e Paul de Kock). Mas, aos 18 anos, de repente me tornei um intelectual, virei sócio da Biblioteca do Condado e comecei a devorar os livros de Marie Corelli, Hall Caine e Anthony Hope. Foi nessa época que me juntei ao Clube do Livro de Lower Binfield, administrado pelo vigário, que se reunia uma noite por semana ao longo de todo o inverno para o que chamavam de "discussão literária". Pressionado pelo vigário, li trechos de *Sesame and Lillies* e até me aventurei a ler Browning.

E o tempo ia passando. 1910, 1911, 1912. E o negócio do meu pai afundava — não que tenha chegado de repente ao fundo do poço, mas continuava afundando. Papai e mamãe nunca voltaram a ser os mesmos depois que Joe fugiu de casa, o que se deu não muito depois que comecei a trabalhar para o velho Grimmet.

Joe, aos 18 anos, virara um tremendo facínora. Era um sujeito corpulento, muito maior que o restante da família, com ombros enormes, um cabeção e um rosto amarrado, ameaçador, no qual já exibia um bigode respeitável. Quando não estava no bar do George, ficava à toa parado à porta da loja, com as mãos enfiadas nos bolsos, olhando de cara feia para qualquer um que passava, salvo quando se tratava de garotas, como se pretendesse esmurrar todo mundo. Se alguém entrasse na loja, ele se afastava apenas o suficiente para deixar o freguês passar e, sem tirar as mãos dos bolsos, gritava por sobre o ombro "Pai! Freguês!". Era o máximo de ajuda que se dispunha a dar. Papai e mamãe diziam, desanimados, que "não sabiam o que fazer com ele" e com as despesas que o álcool e os cigarros que consumia sem parar acarretavam. Certa noite, a altas horas, Joe saiu de casa e nunca mais se soube dele. Arrombara o caixa e roubara todo o dinheiro, felizmente não muito, cerca de oito libras. Foi o suficiente para pagar uma passagem de cargueiro para os Estados Unidos. Ele sempre quisera ir para os Estados Unidos e acho que provavelmente foi, embora nunca tenhamos sabido com certeza. Isso causou um pequeno escândalo na cidade. A teoria oficial era que Joe fugira porque engravidara uma moça. Havia uma moça chamada Sally Chivers que morava na mesma rua que os Simonses e ia ter um bebê. Joe certamente andara com ela, mas uma dezena de outros andara também e ninguém sabia quem era o pai. Mamãe e papai aceitaram a

teoria do bebê, e até, em particular, a usavam para desculpar o fato de o "pobrezinho" ter roubado as oito libras. Não eram capazes de entender que Joe fora embora por não poder suportar uma vida decente e respeitável numa cidadezinha do interior e querer uma vida de brigas, mulheres e vagabundagem. Nunca mais soubemos dele. Talvez tenha enveredado pelo mau caminho, talvez tenha sido morto na guerra, talvez simplesmente não tenha se dado ao trabalho de escrever. Felizmente, o bebê nasceu morto e não houve complicações. Quanto ao roubo das oito libras, mamãe e papai conseguiram levar o segredo para o túmulo. Aos olhos de ambos essa era uma vergonha muito pior que o bebê de Sally Chivers.

O problema com Joe envelheceu um bocado meu pai. Perder Joe significava apenas cortar um prejuízo, mas o fato o magoou e envergonhou. Dessa época em diante, o bigode foi ficando cada dia mais grisalho, e a sua estatura, cada vez menor. Talvez a lembrança dele como um homenzinho grisalho, com um rosto redondo, sulcado e ansioso, com óculos empoeirados, date efetivamente de então. Muito lentamente, ele se amofinava mais e mais com preocupações financeiras e se interessava cada vez menos por outras coisas. Falava menos sobre política e os jornais de domingo, e mais sobre os percalços do comércio. Mamãe também parecia ter encolhido. Na minha infância eu a conhecera com alguém grande e cheia de vida, o cabelo louro, o rosto risonho e o peito enorme, uma criatura opulenta como a figura de proa de uma nau de guerra. Agora ficara menor e mais ansiosa, aparentando ser mais velha do que era. Sua autoridade na cozinha diminuiu, passou a preferir pescoço de carneiro, preocupava-se com o preço do carvão e começou a usar margarina, coisa que nos velhos tempos jamais teria permitido que entrasse em nossa casa. Após a

partida de Joe, papai precisou novamente contratar um estafeta, mas daí em diante só empregava rapazes muito novinhos que ficavam apenas um ou dois anos e não conseguiam carregar muito peso. Às vezes eu dava uma ajuda quando estava em casa, sendo por demais egoísta para fazer isso regularmente. Ainda posso vê-lo atravessando o quintal devagar, curvado e quase escondido debaixo de uma saca enorme, como um caracol carregando a própria concha. A saca enorme, monstruosa, pesando quase oitenta quilos, suponho, pressionando-lhe o pescoço e os ombros a se dobrarem até quase o chão, e o rosto ansioso, de óculos, espreitando sob o fardo. Em 1911 teve uma hérnia estrangulada e precisou passar semanas no hospital e contratar um gerente temporário para a loja, o que abriu mais um rombo no seu capital. Um lojista pequeno descendo ladeira abaixo é uma coisa horrível de ver, mas não é repentino e óbvio como o destino de um operário que é demitido e imediatamente se vê desempregado. Trata-se apenas de um gradual desgaste do negócio, com pequenos altos e baixos, uns poucos xelins a menos, um punhado de xelins a mais. Um freguês que há anos negocia com você de repente some e vai comprar no Sarazins'. Outro compra uma dúzia de galinhas e encomenda milho semanalmente. Ainda dá para aguentar o tranco. Você continua a ser "seu próprio patrão", sempre um pouco mais preocupado e um pouco mais depauperado, o capital encolhendo sem parar. É possível seguir assim durante anos, uma vida inteira, com sorte. Tio Ezekiel morreu em 1911, deixando 120 libras, legado que deve ter feito uma grande diferença para o meu pai. Somente em 1913 ele precisou hipotecar sua apólice de seguro de vida. Disso eu não soube na época, ou teria entendido o significado. Sendo assim, acho que registrei tão somente que papai "não estava indo tão bem", que o

mercado andava "devagar" e que demoraria ainda um pouco mais para que eu tivesse dinheiro para "me estabelecer". Como fazia meu pai, eu também encarava a loja como algo permanente e sentia uma inclinação para culpá-lo por não gerir melhor o negócio. Não fui capaz de ver — como nem ele nem ninguém — que aos poucos a ruína se aproximava, que seu comércio jamais se recuperaria e que, se ele chegasse aos setenta anos, sem dúvida acabaria no abrigo para pobres. Várias vezes passei pela loja dos Sarazins no mercado e simplesmente me dei conta de que me agradava mais sua reluzente fachada do que a velha e empoeirada loja do meu pai, com o "S. Bowling", que mal podia ser lido, as letras brancas lascadas e os pacotes desbotados de ração para passarinho. Não me ocorria que os Sarazins eram tênias que vinham devorando meu pai vivo. Às vezes eu repetia para ele o que lia nos meus livros do curso por correspondência, sobre vendas e métodos modernos. Jamais obtive muita atenção da sua parte. Herdara um negócio antigo, sempre trabalhara duro, praticava concorrência leal e fornecia boa mercadoria. As coisas haveriam de melhorar. É fato que muito poucos lojistas naquela época efetivamente tenham acabado no abrigo. Com sorte se morria ainda com algumas libras no próprio nome. Era uma corrida entre a morte e a falência e, graças a Deus, a morte o levou primeiro, assim como levou minha mãe.

1911, 1912, 1913. Essa foi uma boa época para se estar vivo. Era final de 1912 quando, graças ao Círculo de Leitura, conheci Elsie Waters. Embora até então, como o restante dos garotos da cidade, eu andasse à procura de garotas e vez por outra conseguisse me conectar com essa ou aquela e "sair para passear" nas tardes de domingo, eu ainda não achara uma garota só para mim. É um negócio estranho esse de perseguir garotas quando se tem por volta de 16 anos. Num local

determinado da cidade, os garotos andam para lá e para cá em duplas, observando as garotas, que andam para lá e para cá em duplas, fingindo não notar os garotos, até que algum tipo de contato seja estabelecido e, em lugar de pares, comece-se a caminhar em quartetos, os quatro em completo silêncio. A característica principal desses passeios — e era pior na segunda vez, quando se ficava sozinho com a moça — era o absoluto fracasso em entabular qualquer tipo de conversa. Elsie Waters, porém, parecia diferente. A verdade é que eu estava crescendo.

Não desejo contar a história do que houve entre mim e Elsie Waters, ainda que existisse alguma história para contar. O fato é que Elsie meramente faz parte do contexto, parte do "antes da guerra". Antes da guerra era sempre verão — uma ilusão, como já mencionei, mas foi assim que guardei na memória. A estrada branca poeirenta, se estendendo sob os castanheiros, o odor de goivos, os círculos verdes debaixo dos salgueiros, a marola da água no açude — é o que vejo quando fecho os olhos e penso no "antes de guerra", e, já próximo ao fim, Elsie Waters é parte desse cenário.

Não sei se Elsie seria considerada bonita hoje em dia. Na época, era. Alta para uma garota, mais ou menos da minha altura, com um cabelo louro-claro, pesado, que ela usava trançado e enrolado em volta da cabeça. Tinha um rosto delicado, curiosamente delicado. Era uma dessas garotas que sempre ficam melhor de preto, sobretudo nos vestidos pretos muito simples que eram obrigadas a usar na loja de tecidos — Elsie trabalhava na Lilywhite's, embora fosse originalmente de Londres. Suponho que tivesse uns dois anos a mais que eu.

Sou grato a Elsie por ter sido a primeira pessoa que me ensinou a gostar de uma mulher. Não falo de mulheres em geral, mas de uma mulher específica. Eu a conhecera no Círculo de Leitura e mal a notara,

até que um dia entrei na Lilywhite's durante o expediente, algo que de hábito não me seria possível fazer, mas como acabara a gaze para embrulhar manteiga o velho Grimmet me mandou comprá-la. Você sabe como é o ambiente de uma loja de tecidos. É algo peculiarmente feminino. Reina uma sensação de quietude, a claridade é suave, paira no ar um aroma fresco de tecido e um leve zumbido vindo dos potes contendo pagamentos e trocos em seu vaivém sobre carretilhas. Elsie estava inclinada sobre o balcão cortando uma medida de pano com uma tesoura grande. Havia alguma coisa quanto àquele vestido preto e à curva do seu seio de encontro ao balcão... Não sei como descrever, alguma coisa curiosamente macia, curiosamente feminina. Assim que se punha os olhos em Elsie, a gente sabia que podia tomá-la nos braços e fazer o que quisesse com ela. Elsie era de fato profundamente feminina, muito delicada, submissa, o tipo que sempre haveria de fazer o que um homem lhe dissesse, embora não fosse pequena nem frágil. Sequer era burra, apenas bastante calada e, às vezes, ameaçadoramente refinada. Mas naqueles dias eu também me achava refinado.

Vivemos juntos durante mais ou menos um ano. Claro que numa cidade como Lower Binfield só se podia viver junto no sentido figurativo. Oficialmente, estávamos "saindo", o que era um costume bem-aceito e não exatamente a mesma coisa que namorar. Havia uma estrada que partia da via principal em direção a Upper Binfield e seguia margeando o sopé dos morros. Era comprida, com mais de um quilômetro, e reta, flanqueada por enormes castanheiros-da-Índia. Na grama do acostamento havia uma trilha sob os galhos, batizada de Caminho dos Amantes. Costumávamos ir até lá nas tardes de maio, quando os castanheiros estavam em flor. Depois, as noites ficavam

mais curtas e durante horas após sairmos da loja ainda havia claridade. Você sabe como é a sensação de uma tarde de junho. Aquele crepúsculo azulado que se prolonga indefinidamente e a brisa acariciando o rosto da gente como se fosse seda. Às vezes, nas tardes de domingo, íamos até Chamford Hill e descíamos aos prados ao longo do Tâmisa. 1913! Meu Deus! 1913! O silêncio, a água esverdeada, a agitação da represa! Isso jamais há de voltar. Não quero dizer que 1913 não voltará mais. Falo da sensação dentro da gente, a sensação de não ter pressa nem medo, a sensação de que, uma vez vivenciada, não precisa ser contada, e de que de nada adianta ser contada a quem não a vivenciou.

Não foi senão no final do verão que começamos a viver juntos, como dizem. Eu era demasiado tímido e desajeitado para tomar a iniciativa e demasiado ignorante para saber que houvera outros antes de mim. Numa tarde de domingo, fomos até o bosque que circundava Upper Binfield. Lá, sempre se podia ficar sozinho. Eu a desejava com paixão e sabia muito bem que ela apenas esperava que eu desse o primeiro passo. Alguma coisa, sei lá o quê, botou na minha cabeça a ideia de entrar no terreno da Binfield House. O velho Hodges, que já passara dos setenta e vinha ficando muito ríspido, seria capaz de nos expulsar, mas provavelmente estaria cochilando num domingo à tarde. Entramos furtivamente por um buraco na cerca e descemos a trilha entre as faias até a grande lagoa. Fazia quatro anos ou mais que eu estivera lá. Nada mudara. A mesma solidão absoluta, a sensação de estar escondido pelas árvores enormes à volta, a velha casa de barcos apodrecendo entre os juncos. Nós nos deitamos na pequena vala gramada junto à menta silvestre e ficamos tão sozinhos quanto se estivéssemos na África Central. Beijei-a Deus sabe quantas vezes e

depois me levantei e caminhei um pouco. Eu a desejava ardentemente e queria mergulhar de cabeça, mas estava um pouco amedrontado. E, curiosamente, surgiu outro pensamento na minha cabeça. De repente me ocorreu que durante anos eu pretendera voltar ali e jamais concretizara essa intenção. Agora eu estava tão perto que me pareceu uma pena não ir até a outra lagoa e dar uma olhada nas carpas grandonas. Achei que me culparia mais tarde se perdesse a oportunidade, e na verdade não conseguia entender por que não voltara antes. As carpas estavam guardadas na minha memória, ninguém sabia delas com exceção de mim e um dia eu haveria de pescá-las. Praticamente eram MINHAS carpas. Com efeito, comecei a tomar a direção da outra lagoa e, depois de andar uns dez metros, me virei. Percorrer aquele caminho significava atravessar uma espécie de selva de espinheiros e mato apodrecido, e eu estava com minha roupa de domingo: terno cinza-escuro, chapéu-coco, botas e um colarinho que quase me decepava as orelhas. Era assim que a gente se vestia para passear nas tardes de domingo naquela época. Eu desejava Elsie com paixão. Voltei e fiquei em pé a seu lado um instante. Ela, deitada na grama, tinha um braço sobre o rosto e não se mexeu quando me aproximei. Em seu vestido preto, parecia... Não sei, meio macia, meio receptiva, como se seu corpo fosse algo maleável com o qual se pudesse fazer o que quisesse. De repente, meu medo passou, atirei o chapéu na grama (ele rolou, me lembro), me ajoelhei e a possuí. Ainda posso sentir o cheiro da menta silvestre. Foi a minha primeira vez, mas não a dela, e não nos saímos tão mal quanto seria de esperar. Aconteceu assim. Aquelas carpas grandonas sumiram da minha mente e, francamente, durante muitos anos mal pensei nelas.

1913, 1914. A primavera de 1914. Primeiro o abrunheiro, depois o espinheiro e então os castanheiros em flor. Tardes de domingo ao longo da beira do rio, e o vento agitando os juncos de modo a fazê-los girar todos juntos em grandes massas espessas e de alguma forma lembrarem os cabelos de uma mulher. As tardes inacabáveis de junho, a trilha sob os castanheiros, uma coruja piando em algum lugar e o corpo de Elsie de encontro ao meu. O mês de julho foi quente naquele ano. Como suávamos na loja e como era forte o cheiro do queijo e do café moído! E depois o frescor da tarde lá fora, o aroma dos goivos e do tabaco de cachimbo na viela atrás dos lotes da horta pública, a poeira macia sob os pés e os bacuraus perseguindo os besouros.

Jesus! De que adianta dizer que não se deve ser sentimental sobre o "antes da guerra"? Eu SOU sentimental quanto a isso. Você também, caso se lembre. É pura verdade que, se olharmos em retrospecto para um período de tempo especial, a tendência será recordar os momentos agradáveis. Isso é verdade até mesmo com relação à guerra. Mas também é verdade que tínhamos algo então que já não temos agora.

O que era? Simplesmente não se pensava no futuro como algo aterrador. Não que a vida fosse mais fácil do que agora. Na verdade, era mais difícil. De maneira geral, costumava-se trabalhar mais, viver com menos conforto e morrer de forma mais dolorosa. Os peões de fazenda trabalhavam horas a fio por 14 xelins semanais e acabavam aleijados e exauridos com uma pensão por velhice de cinco xelins e uma eventual meia-coroa da paróquia. E o que chamavam de pobreza "respeitável" era ainda pior. Quando Watson, o comerciante de tecidos baixinho no outro extremo da High Street, "quebrou" depois de anos de luta, seus bens pessoais somavam duas libras, nove xelins e seis centavos, e ele morreu quase imediatamente do que chamaram de "problema

gástrico", mas o médico confidenciou que havia sido de desnutrição. No entanto, não se desfez da sobrecasaca até o final. O velho Crimp, assistente do relojoeiro, um artesão habilidoso que exercera a profissão durante cinquenta anos, teve catarata e precisou ir viver no abrigo. Os netos choravam na rua quando o levaram. A esposa foi trabalhar como faxineira e com um tremendo esforço conseguia lhe mandar um xelim por semana para que ele tivesse um trocado. Viam-se coisas horríveis às vezes. Pequenos negócios descendo ladeira abaixo, comerciantes sólidos se transformando aos poucos em falidos irrecuperáveis, maridos bêbados assinando compromissos de sobriedade toda segunda-feira e rompendo o prometido todo sábado, moças marcadas para sempre por conta de um bebê ilegítimo. As casas não tinham banheiro, quebrava-se o gelo na pia nas manhãs de inverno, as vielas fediam como o diabo quando fazia calor e o cemitério ficava no meio da cidade, de modo que a gente não tinha como esquecer como seria o fim. E, mesmo assim, o que se tinha naquela época? Uma sensação de segurança, mesmo quando não se estava seguro. Mais precisamente, era uma sensação de continuidade. Todos sabiam que iam morrer, e suponho que alguns soubessem que iam falir, mas o que não sabiam era que a ordem das coisas podia mudar. O que quer que lhes acontecesse, as coisas continuariam a ser como sempre. Não creio que fizesse muita diferença o fato de que o que chamam de crença religiosa ainda prevalecesse. É verdade que quase todos frequentavam a igreja, ao menos no interior — Elsie e eu íamos à igreja de modo natural, mesmo vivendo, como diria o vigário, "em pecado" —, e, se lhes perguntassem se acreditavam na vida após a morte, em geral respondiam que sim. Mas nunca encontrei alguém que me desse a impressão de realmente acreditar em uma vida futura. Acho que, no máximo, acreditava-se

nesse tipo de coisa do mesmo jeito que as crianças acreditam em Papai Noel. Mas é justamente num período tranquilo, um período em que a civilização parece sólida sobre as quatro patas como um elefante, que coisas como uma vida futura não importam. É fácil morrer se as coisas que nos são importantes hão de sobreviver. Você teve a sua vida, está ficando cansado, é hora de baixar à sepultura — era assim que se costumava encarar a morte. Individualmente estava-se acabado, mas o mesmo estilo de vida prosseguiria. O bem e o mal continuariam sendo o bem e o mal. As pessoas não sentiam o chão se mover sob os próprios pés.

Papai estava falindo e não sabia disso. Simplesmente as coisas iam muito mal, o comércio dava a impressão de encolher e encolher, as contas ficavam cada dia mais difíceis de saldar. Graças a Deus, ele sequer percebeu a própria ruína, jamais foi de fato à falência, porque morreu repentinamente (uma gripe que se transformou em pneumonia) no início de 1915. Até o fim acreditou que poupando, trabalhando duro e agindo com honestidade um homem não pode dar errado. Muitos pequenos lojistas falidos devem ter levado tal crença para o leito de morte e até mesmo para o abrigo. Mesmo Lovegrove, o seleiro, com carros e veículos de transporte motorizados passando debaixo do seu nariz, não se deu conta de estar tão defasado quanto os rinocerontes. E minha mãe também — mamãe não viveu para saber que a vida para a qual fora criada, a vida de filha de um decente lojista temente a Deus e de esposa de um decente lojista temente a Deus no reinado da boa rainha Vitória, estava para sempre extinta. Os tempos eram difíceis, e o comércio, ruim; papai se preocupava, e isso e aquilo só serviam para "piorar tudo", mas seguia-se vivendo basicamente como de hábito. A velha ordem inglesa de vida não podia mudar. Para

todo o sempre as mulheres tementes a Deus poriam na mesa pudins Yorkshire e bolinhos de maçã preparados em enormes fogões a carvão, usariam roupas de baixo de lã e dormiriam sobre plumas, fariam geleia de ameixa em julho e picles em outubro, leriam o Hilda's Home Companion à tarde, com as moscas zumbindo à volta, numa espécie de submundinho aconchegante de chá fumegante, pernas cansadas e finais felizes. Não digo que papai ou mamãe tenham sido exatamente os mesmos até o fim. Ficaram meio abalados e às vezes mostravam certo desânimo. Ao menos, porém, jamais viveram para ver que tudo em que haviam acreditado não passava de pura conversa fiada. Viveram no fim de uma era, quando tudo se dissolvia numa espécie de fluxo sinistro, e não se aperceberam disso. Achavam que tudo era eterno. Não se pode culpá-los. Era assim que parecia.

Chegou, então, o final de julho, e até mesmo Lower Binfield entendeu que algo estava acontecendo. Durante dias houve uma tremenda e vaga excitação e inúmeros artigos saíram nos jornais, que papai trazia da loja para ler em voz alta para minha mãe. E, de repente, as manchetes por todo lado:

ULTIMATO ALEMÃO. MOBILIZAÇÃO NA FRANÇA

Durante vários dias (quatro, acho. Esqueci o número exato) pairou no ar uma estranha sensação de asfixia, um clima de expectativa, como aquele que precede uma tempestade, como se toda a Inglaterra estivesse em silêncio, escutando. Fazia muito calor, eu lembro. Na loja, era como se não pudéssemos trabalhar, embora todos nas cercanias com cinco xelins para gastar já estivessem se atropelando para comprar grandes quantidades de enlatados, farinha e aveia. Era como se

estivéssemos demasiado febris para trabalhar, apenas suávamos e aguardávamos. À tardinha, as pessoas iam até a estação ferroviária e disputavam quase no tapa os jornais vespertinos que chegavam no trem que vinha de Londres. Então, certa tarde, um menino desceu correndo a High Street com uma pilha de jornais e todos chegaram às portas e começaram a gritar "Entramos! Entramos!". O menino pegou um exemplar da sua pilha e grudou na vitrina em frente:

INGLATERRA DECLARA GUERRA À ALEMANHA

Corremos para a rua, os três assistentes, e festejamos. Todo mundo festejou. Sim, festejou. Mas o velho Grimmet, embora apesar de já ter tirado bastante proveito do clima de temor antecipado, ainda se agarrava a uma parcela de seus princípios liberais e "não aprovava" a guerra, afirmando que ela seria um mau negócio.

Dois meses depois, eu estava no Exército. Sete meses depois, na França.

Não fui ferido até o final de 1916.

Tínhamos acabado de sair das trincheiras e marchávamos por um trecho de estrada a uns dois quilômetros de distância e que supostamente era seguro, mas que os alemães deviam ter localizado algum tempo antes. De repente, as bombas começaram a cair — era artilharia pesada, e lançavam uma a cada minuto. Ouvia-se o habitual *zuiiii!* e depois BUM*!* num campo qualquer à direita. Acho que foi a terceira que me acertou. Assim que a ouvi, eu soube que trazia escrito o meu nome. Dizem que a gente sempre sabe. Aquela não dizia o mesmo que diz uma bomba comum. Dizia: "Estou atrás de você, seu safado. VOCÊ, seu safado, VOCÊ!" Tudo isso no espaço de uns três segundos. E o último "você" foi a explosão.

Senti como se uma enorme mão feita de ar me levantasse. E então caí, com a sensação de me arrebentar, de me romper, em meio a um monte de latas velhas, lascas de madeira, arame farpado enferrujado, bosta, caixas de cartuchos vazias e lixo variado na vala à margem da estrada. Quando me tiraram dali e limparam parte da sujeira do meu corpo, viram que o ferimento não era muito sério, que apenas vários estilhaços pequenos haviam se alojado de um lado das minhas nádegas e na parte de trás das minhas pernas. Felizmente, porém, eu fraturara uma costela na queda, o que tornava o quadro suficientemente grave para me mandarem de volta à Inglaterra. Passei aquele inverno num hospital de campanha nas falésias próximas a Eastbourne.

Você se lembra daqueles hospitais de campanha da época da guerra? As longas fileiras de catres de madeira como galinheiros fincados no alto daquelas falésias bestialmente geladas — a "costa sul", como

costumavam chamar, o que me fazia imaginar como seria a costa norte —, onde o vento parece nos açoitar de todas as direções ao mesmo tempo. E os sujeitos vestindo roupas de flanela azul-clara e gravatas vermelhas, andando para lá e para cá à procura de um lugar abrigado do vento sem jamais encontrar. Às vezes, as crianças das escolas de elite para meninos em Eastbourne formavam filas duplas para entregar cigarros e caramelos de menta aos "compatriotas feridos na luta", como nos chamavam. Um menino de rosto rosado com uns oito anos ia até um grupo de feridos sentados na grama, abria um maço de Woodbines e solenemente entregava um cigarro a cada homem, como se estivesse alimentando macacos num zoológico. Qualquer um que estivesse forte o bastante se aventurava a caminhar quilômetros pelas falésias na esperança de encontrar garotas. Nunca as garotas eram em número suficiente. No vale abaixo havia uma espécie de bosque, e bem antes do entardecer, podia-se ver um casal grudado a cada árvore e, às vezes, se por acaso a árvore tivesse um tronco parrudo, dois casais, um de cada lado. Minha lembrança mais forte dessa época é de me sentar encostado a uma moita de tojo sob o vento gélido, com meus dedos tão enregelados que eu não conseguia dobrá-los, e de sentir o sabor do caramelo de menta na boca. Essa é a lembrança típica de um soldado. Mas eu estava me afastando da vida de soldado. O comandante havia encaminhado meu nome para promoção ao oficialato pouco antes de me ferirem. Àquela altura estavam desesperados por oficiais, e qualquer um que não fosse de fato analfabeto podia ser promovido se quisesse. Fui direto do hospital para um campo de treinamento para oficiais próximo a Colchester.

É muito estranho o que a guerra faz com as pessoas. Menos de três anos antes, eu era um jovem e alerta atendente de loja, inclinado sobre

o balcão usando meu avental branco e dizendo, solícito: "Sim, senhora! Com certeza! E o que mais a senhora deseja?", com a vida de merceeiro diante de mim e com tanta perspectiva de me tornar um oficial do Exército quanto de ser sagrado cavaleiro. E ali estava eu, exibindo orgulhoso meu quepe e um colarinho amarelo e mais ou menos fazendo jus à minha posição em meio a um monte de outros cavalheiros temporários e outros que sequer eram temporários. E — essa é de fato a questão — sem me sentir de forma alguma estranho. Nada parecia estranho naquela época.

Era como se uma enorme máquina tivesse se apossado da gente. Não se tem a impressão de agir por vontade própria, e ao mesmo tempo não se tem a intenção de tentar resistir. Se todos não sentissem o mesmo, guerra alguma duraria três meses. Os exércitos simplesmente fariam as malas e voltariam para casa. Por que me alistei no Exército? E os milhões de outros idiotas que se alistaram antes da convocação compulsória? Em parte pela farra e em parte por causa do patriotismo que nos fazia desejar defender a "minha Inglaterra" e todo esse blá-blá-blá. Mas quanto tempo isso durou? A maioria dos caras que conheci havia esquecido tal idealismo muito antes de chegar à França. Os homens nas trincheiras não eram patriotas, não odiavam o Kaiser, não ligavam a mínima para a pequena Bélgica galante e os alemães estuprando freiras em cima de mesas (era sempre "em cima de mesas", como se isso tornasse o fato pior) nas ruas de Bruxelas. Por outro lado, não lhes ocorria tentar escapar. A máquina se apossara da gente e podia fazer conosco o que quisesse. Erguia-nos no ar e nos jogava em lugares e no meio de coisas com que jamais havíamos sonhado, e se nos jogasse na superfície da lua não pareceria especialmente estranho. No dia em que me alistei no Exército, minha antiga vida acabou. Foi como

se não tivesse mais nada a ver comigo. Me pergunto se você acredita que daquele dia em diante só voltei uma vez a Lower Binfield, e essa visita foi para o enterro da minha mãe. Parece incrível agora, mas soou bastante natural então. Em parte, admito, foi por causa de Elsie, para quem, é claro, parei de escrever passados dois ou três meses. Sem dúvida ela se envolvera com outra pessoa, mas eu não queria encontrá-la. Não fosse isso, talvez quando me concediam licenças eu tivesse ido ver minha mãe, que deu um ataque quando me alistei, mas se orgulharia de um filho envergando uniforme.

Papai morreu em 1915. Eu estava na França. Não exagero quando digo que a morte do meu pai me dói mais agora do que doeu na época. Na ocasião foi apenas uma má notícia que aceitei quase sem interesse, com o tipo de apatia distante com que se aceita tudo nas trincheiras. Lembro-me de chegar até a entrada da casamata para ter luz suficiente para ler a carta e me lembro das manchas das lágrimas de mamãe no papel e da sensação dolorida nos meus joelhos e do cheiro de lama. A apólice de seguro de vida do meu pai havia sido hipotecada por quase todo o seu valor, mas havia um pouco de dinheiro no banco e o Sarazins' iria comprar o estoque e até mesmo pagar uma pequena quantia pelo fundo de comércio. Mamãe teria um pouco mais de duzentas libras, tirando a mobília, e moraria por enquanto com a prima, esposa de um pequeno proprietário que vinha se dando muito bem por conta da guerra, perto de Doxley, a alguns quilômetros de Walton, e o arranjo seria apenas "temporário". Havia uma sensação de transitoriedade quanto a tudo. Nos velhos tempos, que na verdade estavam a apenas um ano de distância, a situação toda teria sido um desastre horroroso. Com meu pai morto, a loja vendida e mamãe com duzentas libras para viver, a perspectiva seria de uma tragédia em 15

atos, o último deles o enterro de uma indigente. Mas agora a guerra e a sensação de não ser seu próprio dono obscureciam tudo. As pessoas dificilmente pensavam em coisas como bancarrota e abrigo para pobres. Esse era o caso até da minha mãe, que, Deus sabe, tinha apenas noções muito vagas sobre a guerra. Além disso, ela já estava morrendo, embora nenhum de nós soubesse disso.

Ela foi me visitar no hospital em Eastbourne. Eu não a encontrava havia dois anos, e sua aparência me causou certo choque. Parecia ter desbotado e encolhido. Em parte foi porque a essa altura eu já era adulto, viajado, e tudo me dava a impressão de ser menor, mas sem dúvida ela emagrecera e empalidecera. Falou no seu habitual estilo divagador sobre tia Martha (a prima com quem estava hospedada) e as mudanças em Lower Binfield desde o início da guerra, de todos os rapazes que tinham "partido" (o eufemismo para alistamento) e da própria indigestão, que havia "piorado". Falou da lápide do meu pai e que cadáver encantador ele havia sido. Eu a conhecera como uma criatura grande, imponente, protetora, em parte uma figura de proa de um navio, em parte uma galinha choca, e, no fim, ela não passava de uma velhinha vestida de preto. Tudo estava mudando e desbotando. Aquela foi a última vez que vi minha mãe viva. Recebi o telegrama dizendo que ela estava gravemente doente durante a minha estadia na escola de treinamento em Colchester e solicitei imediatamente uma licença urgente de uma semana. Era tarde demais. Ela já havia morrido quando cheguei a Doxley. O que ela e todo mundo haviam pensado ser indigestão era algum tipo de tumor e uma repentina friagem no estômago coroou a história. O médico tentou me animar dizendo que o tumor era "benigno", o que me pareceu um adendo estranho, visto que havia causado sua morte.

Nós a enterramos ao lado do meu pai, e esse foi meu último vislumbre de Lower Binfield. O lugar mudara um bocado, mesmo em três anos. Algumas das lojas estavam fechadas, outras ostentavam nomes diferentes. Quase todos os homens que eu conhecera ainda meninos haviam partido e alguns tinham morrido. Sid Lovegrove perdera a vida na Batalha do Somme. Ginger Watson, o peão de fazenda que fizera parte da Mão Negra anos antes e que costumava pegar coelhos vivos, morrera no Egito. Um dos caras que trabalhavam comigo na mercearia do velho Grimmet perdeu ambas as pernas. O velho Lovegrove fechara a loja e estava morando numa cabana perto de Walton com uma pensão pífia. O velho Grimmet, por outro lado, vinha se dando bem por conta da guerra e se tornara patriota e membro do comitê local que tentava conscientizar os que eram contrários a ela. A coisa que acima de tudo dava à cidade uma aparência vazia, abandonada, era o fato de não haver sobrado praticamente cavalo algum. Todos que valiam alguma coisa tinham sido requisitados pelo Exército havia muito. O cabriolé da estação ainda existia, mas o animal que o puxava não conseguiria ficar em pé sobre as patas não fossem as cangas. Durante a hora e pouco que estive lá antes do enterro, vaguei pela cidade cumprimentando os moradores e exibindo meu uniforme. Felizmente não esbarrei em Elsie. Vi todas as mudanças e, no entanto, foi como se não as tivesse visto. Minha cabeça pensava noutras coisas, sobretudo no prazer de ser visto envergando meu uniforme, com a braçadeira negra (que combinava muito bem com a cor cáqui) e minha nova calça de cotelê. Recordo nitidamente que eu ainda continuava a pensar naquela calça mesmo ao lado da cova. E então, jogaram um pouco de terra em cima do caixão e de repente me dei conta do significado da minha mãe jazendo sete palmos abaixo da terra e

alguma coisa comichou atrás dos meus olhos e do meu nariz. Nem mesmo então, porém, a calça de cotelê sumiu por completo dos meus pensamentos.

Não pense que não senti a morte de mamãe. Eu já não estava nas trincheiras, podia lamentar uma morte. Mas o que não me importava a mínima, o que sequer registrei, foi o falecimento do velho estilo de vida que eu conhecera. Depois do enterro, tia Martha, um bocado orgulhosa de ter um "oficial de verdade" como sobrinho e que teria transformado a cerimônia num evento caso eu tivesse permitido, voltou para Doxley de ônibus e eu peguei o cabriolé até a estação para embarcar no trem até Londres e de lá para Colchester. Passamos pela loja. Ninguém a ocupara desde a morte do meu pai. Estava fechada, e a vitrine, preta de sujeira. O "S. Bowling" tinha sido apagado da tabuleta com um maçarico. Ora, ali estava a casa onde eu havia sido criança, garoto e rapaz, onde eu engatinhara no chão da cozinha e sentira o odor de sanfeno e lera "Donovan, o Intrépido", onde eu fazia meus deveres para a Grammar School, preparava pasta de pão, remendava os furos nos pneus da bicicleta e experimentei meu primeiro colarinho alto. Ela havia sido para mim tão permanente quanto as pirâmides e apenas por acidente eu voltaria a pôr os ali. Meu pai, minha mãe, Joe, os estafetas, o velho Nailer, o terrier, Spot, que o sucedeu, Jackie, o priolo, os gatos, os camundongos no depósito — nada restara, apenas pó. E eu não estava nem aí. Sentia a morte de mamãe, sentia até por papai estar morto, mas o tempo todo minha cabeça pensava noutras coisas. Estava um pouco orgulhoso de ser visto em um táxi, algo a que eu ainda não me habituara, e pensava em como me caíam bem a nova calça de cotelê e as polainas macias de oficial, tão diferentes das botinas ásperas que os soldados rasos tinham que usar, e nos outros caras em Colchester e

nas sessenta libras deixadas pela minha mãe e no quanto nos divertiríamos com elas. Pensava também em quanto era grato por Deus ter me poupado de esbarrar em Elsie.

A guerra fez coisas extraordinárias com as pessoas. E mais extraordinário que a maneira como ela matava gente era a maneira como ela às vezes não matava. Era como uma grande corrente impelindo para a morte e de repente catapultando a gente para algum remanso onde nos descobríamos fazendo coisas incríveis e sem sentido e recebendo pagamento extra para isso. Havia batalhões de operários no deserto abrindo estradas que não levavam a lugar algum, sujeitos isolados em ilhas oceânicas a fim de procurar cruzadores alemães afundados anos antes; ministros disso e daquilo com exércitos de funcionários e datilógrafos que continuaram existindo anos após suas funções terem sido extintas, devido a uma espécie de inércia; gente empurrada para cargos sem sentido e depois esquecida pelas autoridades durante anos a fio. Foi o que aconteceu comigo ou, do contrário, eu provavelmente não estaria aqui. A sequência completa de eventos é bem interessante.

Um pouco depois da minha promoção, veio uma chamada do Comando de Abastecimento para os oficiais. Assim que descobriu que eu entendia um pouco do mercado de gêneros alimentícios (não revelei que na verdade eu trabalhara atrás do balcão), o comandante do centro de treinamento mandou que eu me inscrevesse. Tudo correu bem, e eu estava prestes a partir para uma outra escola de treinamento para oficiais desse Comando em algum lugar no interior, quando surgiu a necessidade de um jovem oficial com conhecimento do mercado de gêneros para atuar como uma espécie de secretário de Sir Joseph Cheam, que era um maioral no departamento. Deus sabe por que me

escolheram, mas, seja como for, assim se deu. Desde então tenho pensado que provavelmente confundiram meu nome com o de outra pessoa. Três dias depois, eu estava batendo continência no escritório de Sir Joseph, um homem esbelto, ereto, um senhor bem bonito com cabelo grisalho e um nariz de aparência solene, que imediatamente me impressionou. Pareceu-me o perfeito soldado profissional, um Cavaleiro Comandante da Ordem de São Miguel e São Jorge, que podia muito bem ser irmão gêmeo do cara do anúncio do De Reszke, embora na vida privada fosse o presidente de uma das grandes cadeias de mercearias e famoso em todo o mundo por algo chamado Sistema Cheam de Redução de Salários. Sir Joseph parou de escrever quando entrei e me avaliou.

— Você é um cavalheiro?

— Não, senhor.

— Ótimo. Então talvez possamos trabalhar um pouco.

Em cerca de três minutos, arrancou de mim que eu não tinha experiência como secretário, não sabia estenografia, não era capaz de usar uma máquina de escrever e havia trabalhado numa mercearia com salário de 28 xelins por semana. Disse, porém, que eu servia, que havia cavalheiros demais no maldito Exército e que ele estava à procura de alguém que pudesse contar além de dez. Gostei dele e me vi ansioso para trabalhar ali, mas justo nesse momento os poderes misteriosos que aparentemente administravam a guerra nos separaram de novo. Algo chamado Força de Defesa da Costa Oeste vinha sendo formado, ou melhor, vinham falando disso, e havia uma ideia vaga de estabelecer depósitos de rações e outras provisões em vários pontos ao longo da costa. Sir Joseph supostamente seria responsável pelos depósitos no sudoeste da Inglaterra. No dia seguinte à minha incorporação ao seu

departamento, ele me mandou checar as provisões num lugar chamado Twelve Mile Dump, na Costa Norte da Cornualha. Na verdade, a minha função era descobrir se essas provisões existiam. Aparentemente, ninguém tinha certeza disso. Eu mal chegara e descobrira que as provisões se resumiam a 11 unidades de carne enlatada, quando recebi um telegrama do Ministério da Guerra me mandando assumir o depósito de Twelve Mile Dump e permanecer ali até segunda ordem. Telegrafei de volta "Não há depósito em Twelve Mile Dump". Tarde demais. No dia seguinte, veio a carta oficial me informando que eu era o comandante-chefe de Twelve Mile Dump. E esse é o final da história. Continuei comandante-chefe de Twelve Mile Dump até o fim da guerra.

Só Deus sabe do que se tratava. Não adianta me perguntar o que era a Força de Defesa da Costa Oeste ou suas atribuições. Mesmo àquela altura ninguém fingia saber. De todo jeito, ela não existia. Não passava de um esquema que brotara na mente de alguém — em seguida a algum vago boato de uma invasão alemã via Irlanda, suponho —, e os depósitos de gêneros que supostamente existiam ao longo de toda a costa também eram imaginários. A coisa toda existiu durante cerca de três dias, como uma espécie de bolha, e depois foi esquecida e eu fui esquecido com ela. Minhas 11 unidades de carne enlatada haviam sido deixadas para trás por alguns oficiais que tinham estado por lá antes em outra missão misteriosa. Igualmente deixaram para trás um velho muito surdo chamado cabo Lidgebird. O que se esperava que Lidgebird fizesse jamais descobri. Pergunto-me se você acaso acreditará que permaneci como guardião daquelas 11 unidades de carne enlatada de meados de 1917 até o início de 1919. Provavelmente não, mas essa é a verdade. E àquela altura, até isso não parecia especialmente estranho.

Em 1918 simplesmente perdera-se o hábito de esperar que as coisas acontecessem de forma razoável.

Uma vez por mês, eu recebia um formulário oficial enorme no qual anotar o número e a condição de picaretas, ferramentas para abrir trincheiras, rolos de arame farpado, cobertores, oleados à prova d'água, kits de primeiros-socorros, folhas de ferro corrugado e latas de geleia de ameixa e de maçã sob os meus cuidados. Eu meramente marcava "0" em tudo e devolvia o formulário. Jamais aconteceu coisa alguma. Lá em Londres, alguém silenciosamente arquivava os formulários e enviava mais formulários e arquivava estes e assim por diante. As coisas eram desse jeito. Os misteriosos altos escalões que administravam a guerra haviam se esquecido da minha existência. Não lhes avivei a memória. Eu era um remanso que não levava a lugar algum, e depois de dois anos na França meu patriotismo não era intenso o bastante para me fazer querer mudar a situação.

Aquela era uma parte solitária da costa onde jamais se via uma alma, salvo uns poucos camponeses que mal sabiam que havia uma guerra em curso. A cerca de quatrocentos metros, no sopé de um pequeno morro, o mar ia e vinha, lambendo enormes trechos de areia. Chovia nove meses por ano, e nos outros três um vento inclemente soprava do Atlântico. Não havia nada ali, com exceção do cabo Lidgebird, de mim, duas barracas do Exército — uma delas uma cabana decente de dois aposentos na qual eu morava — e 11 unidades de carne enlatada. Lidgebird era um patife ranzinza e jamais consegui lhe extrair muita informação, além do fato de que tinha sido um horticultor antes de entrar no Exército. Era interessante ver quão rapidamente ia retornando a seu antigo ofício. Mesmo antes da minha chegada a Twelve Mile Dump, ele cavara uma cova em torno de uma das cabanas

e começara a plantar batatas; no outono, cavara outra cova até ter mais ou menos meio hectare de plantação, e no início de 1918, começou a criar galinhas que se multiplicaram bastante até o final do verão. Próximo ao fim do ano, de repente apareceu com um porco, que Deus sabe de onde viera. Acho que ele nunca se perguntou que diabos fazíamos ali ou o que era a Força de Defesa da Costa Oeste ou se ela realmente existia. Não me surpreenderia saber que Lidgebird ainda continua por lá, criando porcos e cultivando batatas no lugar onde costumava ficar o Twelve Mile Dump. Espero que sim. Boa sorte para ele.

Enquanto isso, eu fazia algo que jamais tivera a oportunidade de fazer em expediente integral: ler.

Os oficiais que estiveram lá antes haviam deixado alguns livros, em sua maioria edições baratas, e quase todos eram o tipo de baboseira que se andava lendo na época. Ian Hay, Sapper e as histórias de Craig Kennedy. Mas, sabe-se lá quando, aparecera alguém que sabia quais os livros que mereciam ser lidos e os que não se encaixavam nessa descrição. Pessoalmente, eu não entendia nadinha disso na época. Voluntariamente até então eu só lera romances policiais e muito raramente um livro obsceno. Deus sabe que nem hoje pretendo ser um erudito, mas, se você me perguntasse ENTÃO o nome de um livro "bom", eu responderia *A mulher que tu me deste* ou (em homenagem ao vigário) *Sesame and Lilies*. De todo jeito, um livro "bom" era um livro que eu não tinha intenção alguma de ler. Mas lá estava eu, num emprego em que havia menos que nada a fazer, com o mar batendo na praia e a chuva escorrendo pelas janelas — e uma fileira inteira de livros olhando para mim na prateleira temporária que alguém pregara na parede da cabana. Naturalmente, comecei a lê-los de cabo a rabo, no

início com praticamente tanto empenho seletivo quanto o de um porco que chafurda num monte de lixo.

No entanto, entre eles havia três ou quatro que eram diferentes dos outros. Não, você entendeu mal! Não se apresse a concluir que eu de repente descobri Marcel Proust ou Henry James ou algum outro. Eu não os teria lido mesmo que descobrisse. Esses livros de que falo não eram nem de longe eruditos. Acontece que vez por outra por acaso encontramos um livro que está precisamente no nível mental que atingimos naquele momento, de tal forma que parece ter sido escrito especialmente para nós. Um deles foi *As aventuras de Mr. Polly*, de H.G. Wells, numa edição barata caindo aos pedaços. Eu me pergunto se você consegue imaginar o efeito em mim, que cresci como filho de lojista numa cidadezinha do interior, de esbarrar num livro como esse. Outro foi *Sinister Street*, de Compton Mackenzie, que fora o escândalo da temporada alguns anos antes e sobre o qual eu ouvira vagos boatos em Lower Binfield. Outro foi *Vitória*, de Joseph Conrad, que me entediou em certos trechos. Mas livros assim fazem a gente pensar. E houve um número antigo de uma revista de capa azul que continha um conto de D. H. Lawrence. Não recordo o nome. Era sobre um recruta alemão que joga seu sargento do alto de uma fortificação e depois consegue escapar para, afinal, ser preso no quarto da namorada. O conto me deixou um bocado confuso. Eu não conseguia entender o significado e fiquei com uma vaga sensação de querer ler outros parecidos.

Bem, durante vários meses fui atacado um apetite por livros que era quase uma sede física. Pela primeira vez desde a época de Dick Donovan eu me dedicava à leitura. No início eu não fazia ideia de como conseguir livros. Achava que o único jeito era comprá-los. É interessante, acho. Mostra a diferença que faz a criação que temos.

Suponho que os filhos da classe média, a classe média de quinhentas libras anuais, tivessem, desde o berço, pleno conhecimento da existência da biblioteca Mudie e do Clube do Livro do Times de Londres. Um pouco mais tarde, descobri a existência de bibliotecas que emprestam livros e me inscrevi na Mudie e noutra biblioteca em Bristol. E como li naquele ano! Wells, Conrad, Kipling, Galsworthy, Barry Pain, W.W. Jacobs, Pett Ridge, Stephen McKenna, May Sinclair, Arnold Bennett, Anthony Hope, Elinor Glyn, O. Henry, Stepehn Leacock e até Silas Hocking e Jean Stratton Porter. Quantos nomes nessa lista você conhece? Mais da metade dos livros que eram levados a sério naquela época estão esquecidos hoje. Mas no começo eu os devorava como uma baleia no meio de um cardume de camarões. Simplesmente me fartava. Passado um tempo, claro, fiquei mais exigente e comecei a ver a diferença entre o que era baboseira e o que não era. Pus as mãos em *Filhos e amantes*, de Lawrence, que não me surpreendeu muito, e gostei imensamente de *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e de *New Arabian Nights*, de Stevenson. Wells foi o autor que mais me impressionou. Li *Esther Waters*, de George Moore, que me agradou, e experimentei vários romances de Hardy, embora sempre empacando na metade. Cheguei até a me aventurar com Ibsen, que me deixou a leve impressão de que na Noruega chove o tempo todo.

Era curioso, na verdade. Mesmo na época, me soava curioso. Eu era um oficial do Exército, agora com apenas um resquício de sotaque *cockney*, que já podia diferenciar Arnold Bennet de Elinor Glyn e, no entanto, apenas quatro anos antes eu fatiava queijo atrás do balcão usando um avental branco e ansiava por me tornar merceeiro. Se fizer as contas, suponho que precise admitir que a guerra me fez tanto bem

quanto mal. De todo jeito, aquele ano de leitura de romances foi a única instrução verdadeira, no sentido de aprendizado acadêmico, que tive na vida. Isso mexeu com a minha cabeça, me deu alguma sensibilidade, uma espécie de postura crítica, que provavelmente eu não teria caso passasse pela vida de um jeito normal e sensato. Mas — me pergunto se você vai conseguir entender — o que realmente me modificou, o que realmente me causou uma impressão, não foram tanto os livros que li quanto a absoluta falta de sentido da vida que eu levava.

Foi realmente de uma falta de sentido indizível aquele ano de 1918. Lá estava eu, sentado ao lado do fogareiro na cabana do Exército, lendo romances, e a poucas centenas de quilômetros de distância na França fuzis eram disparados e montes de crianças infelizes, urinando nas calças de medo, eram levadas ao encontro de barricadas de artilharia com a naturalidade com que se jogam pedras de carvão dentro de uma fornalha. Eu era um dos afortunados. O alto escalão tirara os olhos de mim e lá estava eu abrigado num cantinho seguro, sendo pago para exercer uma função inexistente. Às vezes, eu entrava em pânico e achava que eles se lembrariam de mim e me desenterrariam, mas isso nunca aconteceu. Os formulários oficiais, impressos em áspero papel cinzento, chegavam uma vez por mês e eu os preenchia e enviava de volta, e mais formulários chegavam e eu os preenchia e enviava de volta e assim por diante. A coisa toda fazia tanto sentido quanto o sonho de um lunático. O efeito de tudo isso, mais os livros que eu lia, foi me deixar com uma sensação de descrença absoluta.

Eu não era o único. A guerra estava cheia de pontas soltas e cantos esquecidos. Àquela altura literalmente milhões de pessoas estavam presas em remansos de um ou outro tipo. Exércitos inteiros

apodreciam em fronts de cujos nomes ninguém se lembrava. Havia enormes ministérios com hordas de funcionários e datilógrafos, todos ganhando duas libras por semana ou mais para empilhar montanhas de papel. Ademais, eles sabiam muito bem que tudo que faziam era empilhar montanhas de papéis. Ninguém mais acreditava nas histórias de atrocidades nem na pequena Bélgica galante. Os soldados consideravam os alemães bons camaradas e odiavam os franceses como o diabo. Todo oficial júnior considerava o Estado-Maior um bando de deficientes mentais. Uma espécie de onda de descrença invadiu a Inglaterra, chegando até a longínqua Twelve Mile Dump. Seria um exagero dizer que a guerra transformou os indivíduos em eruditos, mas ela os transformou em niilistas durante um tempo. Gente que em tempos normais passaria pela vida com tanta propensão a pensar por conta própria quanto um pudim de sebo virou bolchevista por causa da guerra. O que eu seria hoje se não fosse a guerra? Não sei, mas algo diferente do que sou. Se por acaso não nos matava, a guerra começava a nos fazer refletir. Depois daquela indescritível confusão idiota, não era possível continuar encarando a sociedade como algo eterno e inquestionável como uma pirâmide. Sabia-se que não passava de uma grande trapalhada.

A guerra me arrancara da vida que eu conhecia, mas no estranho período que veio depois me esqueci dela quase totalmente.

Sei que de certa forma nunca se esquece de coisa alguma. A gente se lembra daquele pedaço de casca de laranja que viu na sarjeta 13 anos antes e daquele pôster colorido de Torquay o qual vimos de relance numa sala de espera de estação. Mas falo de um tipo diferente de lembrança. Em certo sentido, eu me lembrava da minha antiga vida em Lower Binfield. Eu me lembrava da minha vara de pesca e do cheiro de sanfeno e da minha mãe atrás do bule de chá marrom e de Jackie, o priolo, e do bebedouro de cavalos na praça do mercado. Mas essas coisas não mais viviam na minha mente. Era algo distante, algo com que eu rompera. Jamais me ocorreria que um dia eu pudesse querer retomá-las.

Foram anos estranhos aqueles logo após a guerra, quase mais estranhos que a própria guerra, embora as pessoas não se lembrem deles com tanta clareza. De uma forma bastante diferente, a sensação de descrença em tudo estava mais forte que nunca. Milhões de homens haviam sido repentinamente chutados do Exército para descobrirem que o país pelo qual tinham lutado não os queria, e Lloyd George e seus pares estavam acabando com quaisquer ilusões remanescentes. Bandos de ex-soldados marchavam para baixo e para cima chacoalhando canecas de esmolas, mulheres mascaradas cantavam nas ruas e sujeitos usando túnicas de oficiais tocavam realejos. Todos na Inglaterra pareciam disputar emprego, inclusive eu. Mas tive mais sorte que a maioria. Consegui uma pequena pensão por ter sido ferido, e somando isso e o pouco de dinheiro que eu economizara durante o

último ano da guerra (já que me faltavam oportunidades para gastá-lo), saí do Exército com não menos que 350 libras. Vale a pena, acho, mencionar como reagi. Lá estava eu, com dinheiro suficiente para realizar aquilo para o que minha educação me preparara e com o que sonhara durante anos — ou seja, abrir uma loja. Eu tinha bastante capital. Com alguma paciência e mantendo o olho bem aberto seria possível encontrar pequenas lojas atraentes por 350 libras. Ainda assim, acredite, a ideia jamais me ocorreu. Não só não fiz movimento algum no sentido de abrir uma loja, como também apenas vários anos depois, por volta de 1925, na verdade, me passou pela cabeça que eu poderia ter feito isso. O fato é que eu extrapolara por completo a órbita dos lojistas. Era esse o efeito do Exército sobre a gente. Ele nos transformava em um falso cavalheiro e criava em nossa cabeça a ideia fixa de que sempre há de brotar dinheiro de algum lugar. Se me sugerissem em 1919 abrir uma loja — para vender tabaco e doces, digamos, ou um armazém em alguma cidadezinha esquecida —, eu simplesmente daria uma gargalhada. Eu usara dragonas no ombro e o meu padrão social se elevara. Ao mesmo tempo, não partilhava a ilusão, bastante comum entre os ex-oficiais, de que passaria o resto da vida no bem-bom. Sabia que precisava de um emprego. E o emprego, claro, seria "nos negócios" — exatamente que tipo de emprego eu não sabia, mas algo imponente e importante, com um carro e um telefone e, se possível, uma secretária com permanente no cabelo. No último ano da guerra, vários de nós tinham visões desse tipo. O sujeito que teria sido supervisor de loja, via-se agora como representante comercial itinerante, e o sujeito que teria sido representante comercial, via-se como gerente. Esse era o efeito da vida militar, o efeito de usar dragonas e de ter um talão de cheques e chamar a refeição noturna de "jantar" em vez de "lanche". O

tempo todo pairava no ar uma ideia — e isso se aplicava tanto às baixas patentes quanto aos oficiais — de que quando saíssemos do Exército haveria empregos com salários no mínimo iguais aos que recebíamos lá nos aguardando. Claro que, se ideias como essa não circulassem, nenhuma guerra seria travada.

Mas não consegui aquele emprego. Aparentemente ninguém estava disposto a me pagar duas mil libras por ano para trabalhar em meio a móveis de escritório de primeira linha e ditar cartas para uma loura platinada. Eu estava descobrindo o que três quartos dos oficiais estavam descobrindo — que do ponto de vista financeiro éramos mais bem-sucedidos no Exército do que jamais seríamos até morrer. De repente, nos transformamos de cavalheiros empenhados numa missão em nome de Sua Majestade em miseráveis desempregados que ninguém queria. Minha expectativa logo minguou de duas mil libras anuais para três ou quatro semanais. Mas até esses empregos não pareciam existir. Todas as vagas de emprego já estavam preenchidas, fosse por homens levemente passados da idade para lutar ou por meninos poucos meses abaixo dela. Os infelizes nascidos entre 1890 e 1900 ficaram a ver navios. Ainda assim jamais me ocorreu voltar ao mercado de gêneros. Provavelmente eu teria conseguido emprego como atendente de mercearia; o velho Grimmet, se ainda estivesse vivo e trabalhando (eu não tinha contato com Lower Binfield e não sabia), me daria boas referências. Mas eu entrara em outra órbita. Ainda que as minhas expectativas sociais não tivessem crescido, eu mal podia conceber, depois do que vira e aprendera, voltar à velha existência segura atrás do balcão. Queria viajar e ganhar muito dinheiro. Meu desejo era, sobretudo, ser um representante comercial itinerante, algo que acreditava se adequar a mim.

Mas não havia emprego de representante comercial itinerante — ou seja, empregos assalariados. O que havia era vagas para vendedores comissionados. Na época, essa atividade estava começando a crescer. Trata-se de um método incrivelmente simples de aumentar as próprias vendas e anunciar as mercadorias sem assumir quaisquer riscos que sempre floresce em tempos difíceis. Você é estimulado a presumir que talvez haja um emprego assalariado dando sopa dali a três meses, e quando bate o desânimo sempre existe algum outro pobre-diabo pronto para assumir a vaga. Naturalmente não demorou para que eu conseguisse um emprego comissionado. Na verdade, tive vários em rápida sucessão. Graças a Deus, jamais precisei descer ao ponto de mascatear aspiradores ou dicionários. Mas viajei vendendo faqueiros, sabão em pó, saca-rolhas, abridores de latas e apetrechos similares e, por fim, material de escritório — clipes, papel-carbono, fitas de máquina de escrever e daí por diante. Não me saí mal também. Sou do tipo CAPAZ de vender mercadorias mediante comissão. Tenho o temperamento e tenho o jeito. Mas nunca cheguei nem perto de ganhar um sustento decente. Não é possível em empregos assim — e, claro, a ideia não é essa.

Passei um ano fazendo isso. Foi uma época estranha. As viagens de ponta a ponta do país, os lugares onde a gente ancorava, subúrbios de cidades no interior das quais jamais se teria ouvido falar em cem anos de uma vida normal. As pensões horríveis onde os lençóis sempre tinham cheiro de sujos e a gema do ovo frito no café da manhã era mais pálida que um limão. E os outros pobres-diabos vendedores que encontrávamos o tempo todo, chefes de família de meia-idade com seus sobretudos comidos por traças e chapéus-cocos, que honestamente acreditavam que, quando menos esperassem, as vendas

aumentariam e passariam a ganhar cinco libras semanais. E a procissão de loja em loja, e as conversas com lojistas que não queriam conversar, e o passo atrás para se fazer invisível quando entrava um freguês. Não pense que isso me importunava especialmente. Para alguns, esse tipo de vida é pura tortura. Existem os que sequer conseguem entrar numa loja e abrir suas malas de amostras sem meterem os pés pelas mãos e ficarem histéricos. Mas não sou assim. Sou duro, posso convencer as pessoas a comprar coisas que não querem e, mesmo que batam a porta na minha cara, não me abalo. Vender coisas mediante comissão é, com efeito, o que gosto de fazer, desde que possa ver a possibilidade de ganhar algum dinheiro com isso. Não sei se aprendi muito naquele ano, mas desaprendi um bocado. Isso espantou as baboseiras em que o Exército me fizera acreditar e tornou a plantar na minha mente as noções que eu adquirira durante o ano ocioso que passei lendo romances. Acho que não li um único livro, salvo romances policiais, durante o tempo em que estive na estrada. Eu deixara de ser um erudito. Mergulhei na realidade da vida moderna. E o que são as realidades da vida moderna? Bom, a principal é uma batalha incessante, frenética, para vender coisas. Para a maioria, essa batalha se traduz em vender a si mesmo — ou seja, conseguir um emprego e mantê-lo. Suponho que não tenha se passado um único mês desde a guerra, em qualquer atividade que você se dê ao trabalho de mencionar, sem haver mais homens que empregos, o que deu à vida a uma sensação peculiar e terrível. É como um navio afundando com 19 sobreviventes e 14 salva-vidas. Mas existe algo especialmente moderno nisso?, você perguntaria. Tem a ver com a guerra? Ora, a impressão era essa. A sensação de que não se pode parar de lutar e aplicar golpes, de que jamais se conseguirá coisa alguma, a menos que se tire de outrem,

de que sempre haverá alguém atrás do seu emprego, de que no mês seguinte, ou no seguinte a ele, haverá redução de pessoal e será você o demitido — ISSO, juro, não existia na vida antes da guerra.

Nesse ínterim, porém, eu não ia mal. Ganhava um pouco e ainda tinha um bocado de dinheiro no banco, quase duzentas libras, e o futuro não me metia medo. Sabia que cedo ou tarde arrumaria um emprego regular. E, com efeito, passado mais ou menos um ano, por um golpe de sorte, isso aconteceu. Falo em golpe de sorte, mas o fato é que eu estava fadado a cair de pé. Não sou do tipo que passa fome. Tenho tanta chance de acabar no abrigo quanto de acabar na Câmara dos Lordes. Pertenço ao grupo dos medíocres, dos que gravitam, por conta da lei natural, em torno do nível cinco-libras-semanais. Enquanto houver empregos, darei um jeito de me empregar.

Aconteceu quando eu vendia clipes e fitas para máquina de escrever. Eu acabava de entrar em um imenso prédio de escritórios na Fleet Street, um prédio em que os vendedores eram proibidos de entrar, na verdade, mas eu conseguira dar ao ascensorista a impressão de que minha mala de amostras era apenas uma pasta executiva. Caminhando por um dos corredores, eu procurava o escritório de uma pequena empresa de dentifrícios que haviam me recomendado, quando vi um mandachuva vindo na direção contrária. Percebi, de cara, que era um mandachuva. Você sabe como são esses grandes empresários que parecem ocupar mais espaço e fazer mais barulho para andar do que uma pessoa comum e irradiam uma espécie de cheiro de dinheiro que pode ser sentido a cinquenta metros de distância. Quando o homem se aproximou de mim, vi que era Sir Joseph Cheam. Estava à paisana, claro, mas não tive dificuldade para reconhecê-lo. Suponho que estivesse ali para alguma conferência ou coisa do gênero. Uma dupla de

funcionários, ou secretários, o seguia, não exatamente segurando a cauda do seu manto, porque ele não envergava manto, mas de certa forma a sensação que se tinha era essa. Lógico que me afastei para deixá-lo passar. Mas, coisa incrível, ele me reconheceu, embora não me visse há anos. Para minha surpresa, me deteve e falou comigo.

— Ora, você! Já o vi em algum lugar. Qual é o seu nome? Está na ponta da minha língua.

— Bowling, senhor. Eu servi no Comando de Abastecimento do Exército.

— Claro. O rapaz que disse que não era um cavalheiro. O que você faz aqui?

Eu podia ter dito que estava vendendo fitas para máquina de escrever e talvez tudo acabasse ali mesmo. Mas me bateu uma dessas inspirações repentinas que ocorrem às vezes — uma sensação de que talvez fosse possível extrair algo dali se eu agisse com habilidade. Por isso respondi:

— Ora, na verdade estou procurando um emprego.

— Um emprego? É. Não está fácil no momento.

Ele me olhou de cima a baixo durante um segundo. Os dois lacaios meio que pararam, discretamente, a certa distância. Vi o rosto bonito e maduro, com as espessas sobrancelhas grisalhas e o nariz inteligente, me avaliar e concluí que resolvera me ajudar. É estranho o poder desses ricaços. Ele ia passar por mim em toda a sua pompa e circunstância, com seus lacaios a segui-lo, e então, por mero capricho, fez uma pausa, como um imperador que de repente atira uma moeda para um mendigo.

— Então você quer um emprego? O que você sabe fazer?

Mais uma vez a inspiração. De nada adiantava, com um maioral como aquele, recitar os próprios méritos. Melhor a verdade. Eu disse:

— Nada, meu senhor. Mas eu gostaria de um emprego como representante comercial itinerante.

— Representante comercial? Hã. Não sei se tenho algo para você no momento. Vejamos.

Apertou os lábios. Por um instante, meio minuto talvez, refletiu profundamente. Foi engraçado. Mesmo naquele momento, me dei conta de que era engraçado. Esse velho maioral, que provavelmente valia no mínimo meio milhão, estava pensando no meu interesse. Eu o desviara do seu caminho e gastara no mínimo três minutos do seu tempo, tudo por causa de uma observação casual feita anos antes. Fiquei gravado em sua memória e, em consequência, ele se dispôs a se dar o mínimo trabalho necessário para me arrumar um emprego. Não me surpreenderia que no mesmo dia tivesse demitido vinte funcionários. Por fim, ouvi:

— Que tal trabalhar numa seguradora? É sempre um emprego estável, você sabe. As pessoas precisam de seguro tanto quanto de comida.

Claro que pulei de alegria ante a ideia de trabalhar numa seguradora. Sir Joseph estava "interessado" na Salamandra Voadora. Deus sabe em quantas empresas ele estaria "interessado". Um dos subalternos se adiantou com um bloquinho de notas, e ali mesmo, com a caneta de ouro que tirou do bolso do colete, Sir Joseph escrevinhou um bilhete para algum mandachuva na Salamandra Voadora. Agradeci. Ele continuou andando, e eu escapuli na direção oposta. Nunca mais voltamos a nos ver.

Bem, eu arrumei o emprego e, como já disse, o emprego me arrumou. Estou na Salamandra Voadora há quase 18 anos. Comecei no escritório, mas agora sou o que chamam de inspetor, ou, quando existe motivo para parecer especialmente importante, de representante. Trabalho dois dias por semana na sede e o restante do tempo viajo, entrevistando clientes cujos nomes os agentes locais me mandam, avaliando lojas e outras propriedades e, vez por outra, emitindo apólices por conta própria. Ganho mais ou menos sete libras por semana. E, para ser exato, esse é o fim da minha história.

Quando olho para trás, percebo que a minha vida ativa, se é que algum dia a tive, acabou quando fiz 16 anos. Digamos, porém, que as coisas continuaram a acontecer — a guerra, por exemplo — até eu conseguir meu emprego na Salamandra Voadora. Depois disso — bom, dizem que pessoas felizes não têm histórias, bem como também não as têm os sujeitos que trabalham em seguradoras. Daquele dia em diante, nada houve na minha vida que se possa adequadamente descrever como um acontecimento, salvo que cerca de dois anos e meio mais tarde, no início de 1923, eu me casei.

Eu morava numa pensão em Ealing. Os anos passavam, ou se arrastavam. Lower Binfield praticamente já desaparecera da minha memória. Eu era o típico trabalhador urbano comum que corre para pegar o trem de 8h15 para Londres e faz intrigas para conseguir o emprego de um colega. Era bem-visto na empresa e estava de bem com a vida. A embriaguez do sucesso pós-guerra também me contaminara, de certa forma. Você se lembra desse tipo de conversa. Pique, foco, ímpeto, determinação. Pegue logo o bonde ou desça. Há muito espaço no topo. Quem tem valor se destaca. E os anúncios nas revistas mostram o sujeito que recebe do chefe palmadinhas no ombro e o executivo decidido que ganha um dinheirão e atribui o próprio sucesso a um ou outro curso por correspondência. Engraçado é que todos nós engolíamos tais ilusões, até os caras como eu, aos quais elas não se aplicavam em absoluto. Porque não sou nem um cavador de oportunidades nem um fracassado e, por natureza, sou incapaz de ser uma coisa ou outra. Mas era esse o espírito da época. Avante! Tenha sucesso! Se vir um homem caído no chão, trate de pisoteá-lo antes que ele consiga ficar novamente de pé. Claro que isso foi no início da década de 1920, quando alguns dos efeitos da guerra haviam passado e a crise ainda não chegara para pôr fim às nossas ilusões.

Eu tinha uma assinatura "classe A" na biblioteca, frequentava bailes de meia-coroa e era membro do clube de tênis local. Você sabe como são esses clubes de tênis nos bairros residenciais — pequenos pavilhões de madeira e quadras cercadas por altas telas de arame, onde jovens usando calças de flanela branca mal cortadas correm para cima e para baixo, gritando "Quinze quarenta!" e "Vantagem!" em vozes que são

uma imitação tolerável da alta-roda. Aprendi a jogar tênis, não dançava muito mal e me dava bem com as garotas. Com quase trinta anos, não era um sujeito feio, com minha cara corada e cabelo cor de manteiga, e naquela época ainda contava a meu favor o fato de ter lutado na guerra. Nunca, nem então nem em qualquer outro momento, consegui parecer um cavalheiro, mas, por outro lado, você provavelmente me veria como o filho de um pequeno lojista de uma cidade do interior. Eu podia manter a pose numa sociedade bem eclética de um lugar como Ealing, onde a classe de funcionários de escritório se funde à dos profissionais medianos. Foi no clube de tênis que conheci Hilda.

Àquela altura, Hilda tinha 24 anos. Era pequena, magra, bem tímida, morena, belos movimentos e — porque tinha olhos muito grandes — se parecia bastante com uma lebre. Era do tipo que jamais fala muito, mas se mantém nas cercanias de qualquer conversa em curso, dando a impressão de ser uma boa ouvinte. Quando dizia algo, era em geral "Ah, sim, também acho", concordando com quem quer que tivesse falado por último. No tênis, se deslocava com muita graça e não jogava mal, mas tinha um jeito desamparado e infantil. Seu sobrenome era Vincent.

Se você é casado, em alguns momentos terá se perguntado "Por que diabos fiz isso?", e Deus sabe que com frequência já me fiz essa pergunta acerca de Hilda. E, de novo, olhando em perspectiva os últimos 15 anos, POR QUE eu me casei com Hilda?

Em parte, claro, porque ela era jovem e, de certa forma, bonita. Afora isso, só posso dizer que foi porque sua origem era muito diferente da minha e eu não conseguia entender como ela era de verdade. Precisei me casar primeiro e descobrir depois, enquanto, se tivesse me casado, digamos, com Elsie Waters, eu saberia com quem estava me casando.

Hilda pertencia a uma classe que eu só conhecia por ouvir falar, a da elite sem um tostão. Durante gerações, sua família gerara soldados, marinheiros, sacerdotes, autoridades anglo-indianas e similares. Nunca haviam tido dinheiro, mas, por outro lado, nenhum deles jamais trabalhara na vida. Diga o que quiser, mas há um certo apelo de esnobismo nisso, quando se pertence, como é o meu caso, a uma classe de lojistas tementes a Deus, que não dá tanta importância aos rituais da igreja e que chama o jantar de lanche. Não me causaria impressão alguma atualmente, mas causou na época. Não me interprete mal. Não digo que me casei com Hilda PORQUE ela pertencia à classe à qual no passado eu servira do outro lado do balcão e por entreter alguma noção de ascender na escala social. Foi meramente devido ao fato de não conseguir entendê-la e, portanto, me deixar encantar por ela. E uma coisa que sem dúvida me escapava era que as moças dessas famílias de classe média empobrecida se casavam com qualquer marmanjo apenas para sair de casa.

Não demorou para que Hilda me levasse para conhecer seus pais. Eu não sabia até então que havia uma considerável colônia anglo-indiana em Ealing. Foi a descoberta de um mundo novo! Para mim, uma completa revelação.

Você sabe como são essas famílias anglo-indianas? É quase impossível, quando se põe o pé na casa delas, recordar que estamos na Inglaterra e no século XX. Assim que entramos pela porta da frente, nos sentimos na Índia do século XIX. Você sabe que tipo de atmosfera é essa. A mobília de teca entalhada, as bandejas de bronze, as cabeças de tigre empalhadas e empoeiradas na parede, os charutos Trichinopoly, os picles condimentados, as fotos amareladas de sujeitos usando capacetes de sol, as palavras em hindustâni cujo significado se

espera que a gente saiba, as histórias infindáveis sobre caçadas a tigres e o que Smith disse a Jones em Poona em 1887. É uma espécie de mundinho próprio criado por essas pessoas, meio como um cisto. Para mim, claro, era tudo muito novo e de certa forma interessante. O velho Vincent, o pai de Hilda, havia estado não apenas na Índia, mas também em algum lugar ainda mais remoto, Bornéu ou Sarawak, esqueço qual dos dois. Era o tipo característico, totalmente careca, quase invisível atrás do bigode, cheio de histórias sobre najas e hierarquias militares e o que o juiz distrital disse em 1893. A mãe de Hilda era tão descorada que se parecia com as fotografias desbotadas na parede. Havia também um filho, Harold, que exercia alguma função oficial no Ceilão e estava em casa de licença quando conheci Hilda. A família era dona de uma pequena casa escura em uma daquelas vielas escondidas de Ealing. Cheirava perpetuamente a charutos Trichinopoly e tinha tantas lanças, zarabatanas, enfeites de metal e cabeças de animais selvagens empalhadas que mal sobrava espaço para alguém se mexer.

O velho Vincent se aposentara em 1910 e desde então ele e a esposa haviam demonstrado tanta atividade, mental ou física, quanto um par de moluscos. Na época, porém, fiquei vagamente impressionado com uma família que abrigara majores, coronéis e até mesmo um almirante. Minha atitude com os Vincent, e a deles comigo, é um exemplo interessante de como se pode ser idiota quando estamos fora da nossa bolha. Se me puserem no meio de gente de negócios — sejam diretores de empresa ou representantes comerciais — saberei direitinho avaliá-los. Mas me faltava experiência com a classe de oficiais, rentistas e clérigos, e minha tendência era reverenciar aqueles rejeitados decadentes. Eu os encarava como social e intelectualmente superiores a mim, enquanto eles, por sua vez, me tomaram equivocadamente por

um jovem empresário em ascensão que em pouco tempo estaria ganhando um dinheirão. Para indivíduos desse tipo, "negócios", quer signifiquem vender seguro marítimo ou amendoins, não passam de um mistério insondável. Tudo que sabem é que se trata de algo bastante vulgar com o qual ganhar dinheiro. O velho Vincent costumava enfatizar o fato de eu estar "nos negócios" — certa vez, me lembro, cometeu um deslize e disse "comércio" — e obviamente não registrava a diferença entre estar nos negócios como empregado e fazer isso por conta própria. Tinha uma vaga noção de que por trabalhar "na" Salamandra Voadora, cedo ou tarde eu ascenderia ao topo, mediante um processo de promoção. Acho que talvez seja possível também que se imaginasse me extorquindo algum trocado em um futuro próximo. Harold decerto já pensara nisso. Dava para ver no seu olhar. Na verdade, com o salário que tenho hoje provavelmente estaria emprestando dinheiro a Harold, caso ele estivesse vivo. Por sorte, meu cunhado morreu poucos anos depois do nosso casamento, de disenteria ou algo assim, e o casal Vincent morreu também.

Bom, Hilda e eu nos casamos e desde o início nosso casamento foi um fracasso. Por que se casou com ela, então?, você há de perguntar. Mas e você? Por que se casou com quem se casou? Essas coisas acontecem com todo mundo. Dá para acreditar que durante os primeiros dois ou três anos pensei seriamente em matar Hilda? Claro que na prática ninguém faz essas coisas, elas não passam de uma espécie de fantasia que faz com que nos sintamos bem. Além disso, os caras que matam as esposas são sempre pegos. Por mais inteligente que seja um álibi inventado, a polícia sabe direitinho que a culpa é nossa e acaba nos pegando. Quando uma mulher é assassinada, o marido é

sempre o principal suspeito — o que já passa uma boa noção sobre o que todos realmente pensam do casamento.

A gente acaba se acostumando com tudo. Passados um ou dois anos, parei de querer matá-la e comecei a me questionar a seu respeito. Às vezes durante horas, nas tardes de domingo ou à noite depois de chegar do trabalho, eu me deitava na cama, todo vestido, mas sem os sapatos, e pensava nas mulheres: por que são assim, como ficam assim, se acaso fazem isso de propósito. Parece quase assustadora a rapidez com que algumas mulheres desmontam após se casarem. É como se fosse esse o único objetivo a alcançar e, uma vez atingido, elas murcham como uma flor que deixou sua semente. O que realmente me abate é a atitude sinistra em relação à vida que isso acarreta. Se o casamento fosse apenas um engodo ostensivo — se a mulher nos fizesse morder a isca e depois nos dissesse "Muito bem, safado, peguei você e agora você vai trabalhar para mim enquanto eu me divirto!" —, eu até que não me incomodaria tanto. Mas não é nada disso. Elas não querem se divertir, querem tão somente mergulhar na meia-idade tão rápido quanto possível. Encerrada a batalha para levar um homem ao altar, a mulher meio que relaxa, e toda a sua juventude, beleza, energia e alegria de viver desaparecem do dia para a noite. Foi assim com Hilda. Aquela moça bonita, delicada, que me pareceu — e, de fato, quando a conheci, ela ERA — um tipo mais refinado, em apenas três anos, se convertera numa mulher madura desmazelada, deprimida e sem vida. Não nego que parte da culpa foi minha, mas qualquer um com que ela tivesse se casado produziria o mesmo resultado.

O que falta em Hilda — descobri cerca de uma semana depois de nos casarmos — é alegria de viver, o mínimo interesse nas coisas pelo que elas são. Hilda não consegue entender a noção de fazer alguma coisa

pelo mero prazer de fazê-la. Foi por intermédio dela que percebi pela primeira vez como são, de fato, essas famílias de classe média decadentes. O essencial a respeito delas é que toda a vitalidade lhes foi drenada pela falta de dinheiro. Em famílias assim, que vivem de pensões e rendas ínfimas — ou seja, de recursos que jamais aumentam e em geral diminuem —, existe mais sensação de pobreza, mais frugalidade e obsessão por contar tostões do que numa família de peões de fazenda, sem falar numa família como a minha. Cansei de ouvir Hilda dizer que praticamente a primeira coisa de que consegue se lembrar é a sensação horrível de jamais haver dinheiro suficiente para coisa alguma. Claro que em famílias como a nossa a falta de dinheiro atinge o auge quando as crianças chegam à idade escolar. Consequentemente elas crescem, sobretudo as meninas, com a ideia fixa não só de que se É pobre, como também de que é um dever sentir-se infeliz por isso.

No início, moramos numa casinha insignificante e era difícil viver com o meu salário. Mais tarde, quando fui transferido para a filial de West Bletchley, tudo melhorou, mas a atitude de Hilda não mudou. Sempre aquele clima pesado em torno de dinheiro! A conta do leite! A conta do carvão! O aluguel! As mensalidades da escola! Passamos toda a nossa vida em comum ao som de "Na semana que vem, estaremos no abrigo para pobres". Não que Hilda seja má, no sentido comum do termo, e menos ainda que seja egoísta. Mesmo quando acontece de haver um pouco de dinheiro sobrando, mal consigo convencê-la a comprar uma roupa decente. Mas ela tem essa sensação de que é PRECISO estar perpetuamente em desespero pela falta de dinheiro, ou seja, criar por obrigação uma atmosfera de tragédia. Não sou desse jeito. Minha atitude em relação a dinheiro é mais proletária. A vida é

para ser vivida, e se vamos estar falidos na semana que vem — bom, ainda falta muito para a semana que vem. O que realmente deixa Hilda chocada é o fato de eu não me preocupar. Ela sempre cai em cima de mim por causa disso. "George, parece que você não PERCEBE! Simplesmente não temos dinheiro algum! Isso é muito SÉRIO!" Ela adora entrar em pânico porque isso ou aquilo é "sério". E ultimamente adquiriu aquele tique, quando se lamenta sobre alguma coisa, de encolher os ombros e cruzar os braços sobre o peito. Se alguém listar as observações de Hilda ao longo do dia, há de ver que três delas ocupam o pódio — "Não temos dinheiro para isso", "É uma grande economia" e "Não sei onde vamos arrumar esse dinheiro". Tudo que Hilda faz é por razões negativas. Quando bate um bolo, não pensa no bolo, apenas em economizar manteiga e ovos. Quando estou na cama com ela, só pensa em como não engravidar. Se vai ao cinema, passa o tempo todo indignada com o preço das entradas. Seus métodos de administração doméstica, com toda a ênfase em "aproveitar ao máximo o que tem" e "fazer as coisas renderem", teria causado convulsões em mamãe. Por outro lado, Hilda não tem nadinha de esnobe. Jamais me lançou olhares de superioridade por eu não ser um cavalheiro. Ao contrário, a seu ver sou demasiado nobre em meus hábitos. Jamais fazemos uma refeição numa confeitaria sem uma briga horrorosa aos sussurros porque estou dando à garçonete uma gorjeta exagerada. E é curioso que nos últimos anos ela tenha se tornado muito mais classe média baixa, em atitude e mesmo em aparência, do que eu. Claro que toda essa questão de "economia" jamais levou a lugar algum, não leva nunca. Vivemos tão bem ou tão mal quanto todos os outros moradores da Ellesmere Road. Mas a incessante ladainha sobre a conta do gás, a conta do leite e o absurdo preço da manteiga e dos sapatos das crianças

e das mensalidades escolares continua. Com Hilda é uma espécie de jogo.

Nós nos mudamos para West Bletchley em 1929 e no ano seguinte começamos a pagar a casa da Ellesmere Road, um pouco antes do nascimento de Billy. Depois que fui nomeado inspetor, comecei a passar mais tempo longe de casa e a ter mais oportunidades com outras mulheres. Claro que eu era infiel... Não diria o tempo todo, mas sempre que tinha a chance. Curiosamente, Hilda sentia ciúmes. De certa forma, considerando o pouco que esse tipo de coisa significa para ela, eu não imaginava que ela fosse se importar. E, como todas as mulheres ciumentas, ela às vezes se mostrava ardilosa, coisa de que nunca a imaginei capaz. Às vezes a maneira como descobria me fazia quase acreditar em telepatia, não fosse o fato de ela igualmente desconfiar de mim quando por acaso eu era inocente. Estou mais ou menos eternamente sob suspeita, embora Deus saiba que nos últimos anos — nos últimos cinco anos, ao menos — tenho sido inocente como um anjo. Não existe alternativa quando se é gordo como eu.

No geral, suponho que Hilda e eu não nos damos pior do que a média dos casais da Ellesmere Road. Houve momentos em que pensei em separação ou divórcio, mas no nosso ambiente não se fazem essas coisas. Não temos recursos para tanto. E o tempo passa e a gente desiste de lutar. Quando se viveu 15 anos com uma mulher, é difícil imaginar a vida sem ela. Ela faz parte da ordem natural das coisas. Ouso dizer que se pode encontrar defeito no sol e na lua, mas será que realmente queremos mudá-los? Além disso, temos filhos. Filhos são um "elo", como dizem. Ou um "nó". Ou, por que não dizer, uma bola de ferro com correntes.

Nos últimos anos, Hilda fez duas grandes amigas, a sra. Wheeler e a srta. Minns. A sra. Wheeler é viúva, e suponho que tenha ideias bastante amargas sobre o sexo masculino. Posso senti-la estremecer de reprovação caso eu sequer entre na sala. É uma mulherzinha desbotada e passa a curiosa impressão de ter a mesma cor da cabeça aos pés, uma espécie de poeira cinzenta, mas esbanja energia. Exerce uma má influência sobre Hilda, porque tem a mesma paixão por "economizar" e "fazer render", embora de uma forma levemente diferente. No caso dela se trata de pensar que é possível aproveitar um bocado sem ter que pagar. A sra. Wheeler vive farejando promoções e lazeres que não custam dinheiro. Com gente assim não faz a mínima diferença se existe ou não o desejo de ter alguma coisa, é meramente uma questão de saber se dá para consegui-la barato. Quando as grandes lojas liquidam seus estoques, a sra. Wheeler é sempre a primeira da fila e seu maior orgulho é sair, depois de uma batalha insana ao longo do dia para chegar ao balcão, sem uma única compra. A srta. Minns é uma história totalmente diferente. Seu caso é triste, com efeito, coitada. É alta e magra, tem 38 anos, cabelo negro lustroso e um rosto muito BONDOSO, confiável. Vive de algum tipo de renda fixa mínima, uma pensão ou similar, e desconfio que seja remanescente da sociedade tradicional de West Bletchley, na época em que o lugar era uma cidadezinha, antes do crescimento dos subúrbios. Está escrito na sua cara que o pai era um clérigo e que a manteve no cabresto enquanto era vivo. Essas mulheres são um subproduto especial da classe média, mulheres que se transformam em passas murchas antes mesmo de conseguir escapar do lar. Pobrezinha, apesar de todas as rugas, a srta. Minns ainda tem a aparência exata de uma criança. Para ela ainda representa uma tremenda aventura não ir à igreja. Está sempre

gorgolejando sobre o "progresso moderno" e "o movimento feminino", e tem um vago desejo de fazer o que ela chama de "aprimorar a mente", embora não saiba por onde começar. Acho que no início ela se juntou a Hilda e à sra. Wheeler por pura solidão, mas agora as duas a levam aonde quer que vão.

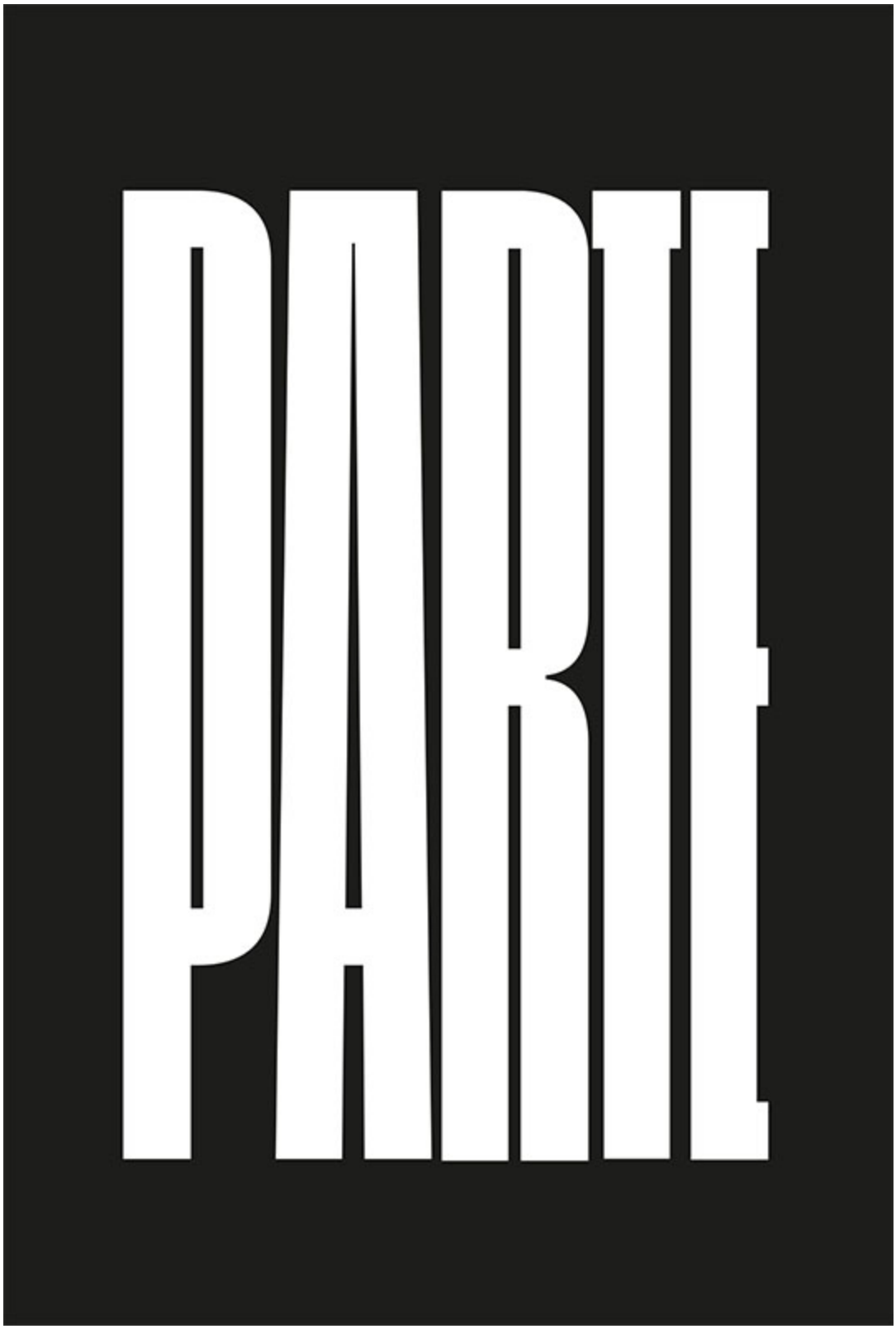
E como se divertem aquelas três! Às vezes chego a invejá-las. A sra. Wheeler é a líder. Não dá para citar uma idiotice sequer para a qual ela não tenha arrastado as outras em alguma ocasião, de estudar teosofia a jogar cama de gato, desde que fosse gratuito. Durante meses, desenvolveram uma paixão por dietas malucas. A sra. Wheeler encontrara um exemplar de segunda mão de um livro chamado *Energia radiante*, que provava ser possível viver apenas de alface e outras coisas que não custam dinheiro. Lógico que de imediato o assunto fascinou Hilda, que logo começou a passar fome. Tentou impor a ideia sobre mim e as crianças, mas finquei o pé. Depois, as três tiveram uma experiência com a cura pela fé. Em seguida, flertaram com o pelmanismo, mas após uma vasta correspondência descobriram que os livros não eram gratuitos, como supusera a sra. Wheeler. Depois resolveram aprender a cozinhar em caixas de feno isolantes, ao que se seguiu um troço nojento chamado vinho de abelha, supostamente sem custo algum por ser feito de água. Elas desistiram depois de ler uma matéria no jornal dizendo que vinho de abelha causava câncer. Quase se juntaram a um daqueles clubes femininos que fazem excursões guiadas em fábricas, mas após muitos cálculos a sra. Wheeler concluiu que os lanches gratuitos que as fábricas ofereciam não compensavam o preço da mensalidade. Foi quando a sra. Wheeler travou conhecimento com alguém que distribuía ingressos grátis para peças produzidas por alguma sociedade teatral. Sei que as três ficavam sentadas durante

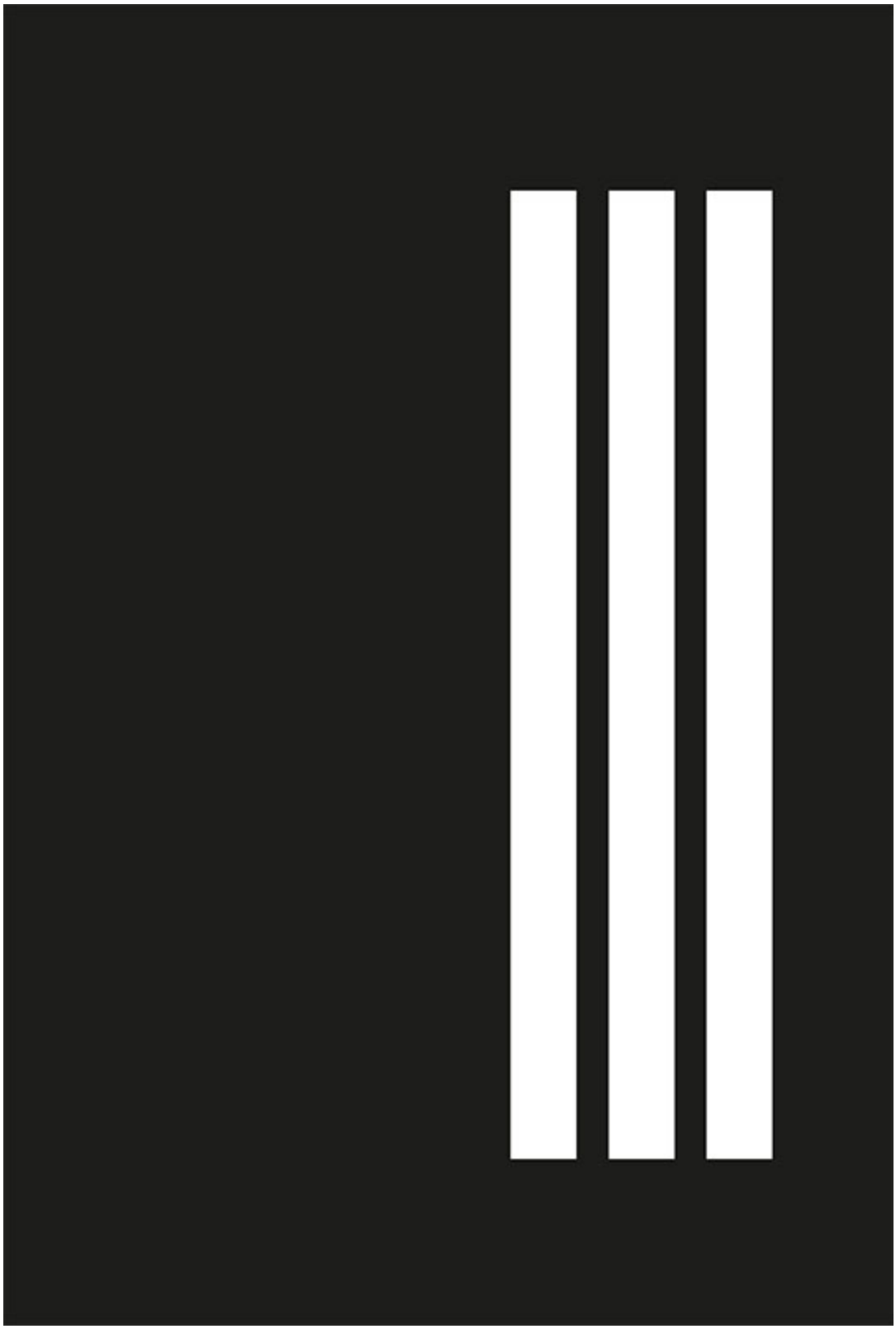
horas assistindo a uma ou outra peça erudita da qual sequer fingiam entender uma única palavra — nem mesmo conseguiam dizer o título depois —, mas convencidas de estar consumindo algo em troca de nada. Uma vez, chegaram mesmo a tentar o espiritismo. A sra. Wheeler esbarrara em algum médium fracassado que de tão desesperado se dispôs a fazer sessões por 18 centavos, de modo que as três pudessem ter um vislumbre do outro mundo por meio-xelim de cada vez. Eu o vi uma vez quando ele veio fazer uma sessão em nossa casa. Era um patife de aparência maltrapilha e obviamente muito abalado pelo *delirium tremens*. Tremia tanto que, ao despir o sobretudo no hall de entrada, teve uma espécie de espasmo e um pedaço de gaze para embrulhar manteiga escorregou pela perna da sua calça. Consegui devolvê-la antes que as mulheres vissem. É com invólucro de musselina para manteiga que se faz ectoplasma, me disseram. Suponho que ele estivesse a caminho de outra sessão depois. Dezoito centavos não produzem aparições. A maior descoberta da sra. Wheeler nos últimos anos foi o Left Book Club. Acho que a notícia do Left Book Club chegou a West Bletchely em 1936. Tornei-me sócio logo depois e, que eu me lembre, foi a única vez que gastei dinheiro sem ouvir Hilda protestar. Ela consegue ver algum sentido em comprar um livro quando ele sai por um terço do preço normal. A atitude dessas mulheres é bem curiosa. A srta. Minns decerto experimentou ler um ou dois desses livros, mas isso sequer ocorreu às outras duas. Jamais tiveram qualquer conexão direta com o Left Book Club ou noção alguma do que se tratava — na verdade, acredito que no início a sra. Wheeler achasse que se tratava de livros que haviam sido esquecidos [02] em vagões de trem e por isso eram vendidos barato. Mas as três sabem com certeza que o resultado são livros de sete xelins e seis centavos por meia-coroa e por

esse motivo vivem repetindo que é "uma ideia ótima". De vez em quando, o Left Book Club do nosso bairro faz reuniões e convida palestrantes, e a sra. Wheeler sempre arrasta as outras duas com ela. Ela é fã de reuniões de qualquer tipo, desde que em lugares fechados e com ingresso gratuito. As três ficam lá sentadas como pedaços de pão, sem saber o tema do encontro e sem se importar com isso, mas com a vaga sensação, sobretudo a srta. Minns, de que aquilo está lhes aprimorando a mente e sem custo algum.

Bem, essa é Hilda. Já deu para ver como ela é. De modo geral, suponho que não seja pior que eu. Às vezes, no início do nosso casamento, eu sentia vontade de estrangulá-la, mas depois passei a não me importar mais. Então engordei e me assentei. Deve ter sido em 1930 que comecei a engordar. Aconteceu tão de repente que foi como se uma bala de canhão tivesse me atingido e se alojado dentro de mim. Você sabe como é. Um dia a gente vai dormir, ainda se sentindo mais ou menos jovem, interessado em garotas e tal, e na manhã seguinte acorda com a plena consciência de ser apenas um velho gordo sem nenhuma perspectiva de vida, salvo dar sangue, suor e lágrimas para comprar sapatos para os filhos.

E agora estamos em 1938, e em todos os estaleiros do mundo aprontam-se os torpedeiros para mais uma guerra. E um nome que por acaso li numa manchete despertou em mim um monte de lembranças que deviam estar enterradas Deus sabe há quantos anos.


PART



Quando cheguei em casa naquela noite, eu ainda tinha dúvidas sobre em que gastar as minhas 17 libras.

Hilda disse que ia à reunião do Left Book Club. Aparentemente, um sujeito vinha de Londres fazer uma palestra, embora, é claro, Hilda desconhecesse o tema. Falei que iria com ela. De maneira geral, não sou muito adepto de palestras, mas as visões da guerra que eu tivera de manhã, começando com o bombardeiro voando acima do trem, haviam me deixado num clima reflexivo. Após a discussão habitual, pusemos as crianças na cama cedo e saímos a tempo de ouvir a palestra, marcada para as oito.

Era uma noite brumosa, e no auditório mal iluminado fazia frio. É um auditório pequeno de madeira com telhado de amianto, propriedade de alguma seita não conformista, e pode ser alugado por dez xelins. O grupo habitual de 15 ou 16 participantes já estava presente. Na frente do estrado havia um cartaz amarelo anunciando que a palestra seria sobre "A ameaça do fascismo", o que não me surpreendeu em absoluto. O sr. Witchett, que faz as vezes de presidente dessas assembleias e na vida privada tem alguma função num escritório de arquitetura, se incumbiu de apresentar o palestrante a todos como o sr. fulano de tal (esqueci o nome), o "renomado antifascista", do mesmíssimo jeito como você apresentaria alguém como o "renomado pianista". O palestrante era um sujeito mirrado, de uns quarenta anos, de terno escuro, com uma careca que ele tentava, sem sucesso, disfarçar com esparsos fios de cabelo.

Reuniões desse tipo nunca começam no horário. Sempre há um período de espera a pretexto de que talvez mais gente apareça. Eram

mais ou menos 20h25, quando Witchett bateu na mesa e desempenhou seu papel. Witchett é um sujeito bonachão, com uma cara rosada do tipo bunda de bebê, sempre sorridente. Acredito que ele seja secretário do Partido Liberal local. Também faz parte do Conselho Municipal e atua como mestre de cerimônias nos espetáculos de Lanterna Mágica para a União das Mães. Witchett é o que se pode chamar de orador inato. Quando nos diz como é grande a nossa satisfação de ter o sr. fulano de tal como o palestrante daquela noite, dá para ver que acredita piamente nisso. Nunca consegui olhá-lo sem pensar que ele provavelmente é virgem. O palestrante mirrado tira da pasta um bloco de notas, basicamente recortes de jornal, e os põe na mesa debaixo do copo d'água. Então passa a língua rapidamente pelos lábios antes de começar a falar.

Você costuma frequentar palestras, reuniões públicas e congêneres?

Quando vou a uma delas, sempre há um momento ao longo da noite em que me pego pensando a mesma coisa: Por que diabos fazemos isso? Por que as pessoas vêm aqui numa noite de inverno para esse tipo de coisa? Olhei à volta. Eu estava sentado na última fileira. Sequer me lembro de participar de qualquer tipo de reunião sem me sentar na última fileira sempre que possível. Hilda e as outras tinham se aboletado na frente, como de hábito. Era um auditoriozinho bem sombrio. Você sabe como são esses lugares. Paredes de pinho, telhado de metal corrugado e correntes de ar suficientes para fazer você querer continuar de sobretudo. Nosso pequeno grupo se sentava sob a luz em torno do estrado, com umas trinta fileiras de cadeiras vazias às nossas costas. Os assentos de todas as cadeiras estavam empoeirados. No estrado atrás do palestrante havia uma coisa quadrada enorme coberta

por capas de tecido que podia muito bem ser um enorme caixão sob uma mortalha. Na verdade, era um piano.

No início eu não estava realmente ouvindo. O palestrante era um homenzinho com aparência malévola, mas um bom orador. Cara branca, lábios bem velozes e uma voz rascante adquirida por conta de seu uso contínuo. Claro que seu sermão era sobre Hitler e os nazistas. Não me agradava especialmente ouvir o que ele dizia — a mesma coisa aparecia no *News Chronicle* toda manhã —, mas sua voz me chegava como uma espécie de brr-brr-brr, em que vez por outra uma frase se destacava e chamava minha atenção.

"Atrocidades bestiais... Terríveis eclosões de sadismo... Cassetetes de borracha... Campos de concentração... Vergonhosa perseguição de judeus... Retorno da Idade das Trevas... Civilização europeia... Ajam antes que seja tarde demais... Indignação de todos os indivíduos decentes... Aliança das nações democratas... Atitude firme... Defesa da democracia... Democracia... Fascismo... Democracia... Fascismo... Democracia...."

Você conhece essa ladainha. Esses caras podem recitá-la a qualquer hora. Igualzinho a um gramofone. Gire a manivela, aperte o botão e tudo começa. Democracia, Fascismo, Democracia. Mas, sei lá por quê, me interessou observá-lo. Um sujeitinho bastante malévolo, de cara pálida e careca, em cima de um estrado, vomitando slogans. O que ele está fazendo? De forma deliberada e ostensiva, suscitando ódio. Esmerando-se para nos fazer odiar determinados estrangeiros que chamamos de fascistas. É uma coisa estranha, pensei, ser rotulado de "sr. fulano de tal, o renomado antifascista". Uma atividade estranha, o antifascismo. Esse indivíduo, suponho, ganha seu sustento escrevendo livros contra Hitler. Mas o que fazia antes do surgimento de Hitler? E o

que fará caso Hitler um dia desapareça? A mesma pergunta se aplica a médicos, detetives, caçadores de ratos e daí por diante, claro. Mas a voz rascante seguia em frente, e outro pensamento me ocorreu. Ele está CONVENCIDO. Não é fingimento, em absoluto — ele sente cada palavra que diz. Está tentando despertar raiva na plateia, mas nada se compara à raiva que ele próprio sente. Cada slogan é uma verdade evangélica para ele. Se o abrirem, tudo que hão de encontrar dentro dele será Democracia-Fascismo-Democracia. Interessante conhecer um cara desses na vida privada. Mas será que ele tem vida privada? Ou apenas vai de estrado em estrado, estimulando o ódio? Talvez até seus sonhos sejam slogans.

Da melhor forma que me foi possível na última fila, dei uma olhada na plateia. Se pararmos para pensar, suponho que nós, gente que se dispõe em noites de inverno a se sentar em auditórios gelados a fim de ouvir palestras do Left Book Club (e me considero parte desse "nós", já que fiz isso nessa ocasião), tenhamos certa relevância. Somos os revolucionários de West Bletchley. Não parece promissor à primeira vista. Enquanto eu observava a plateia me ocorreu que apenas uma meia dúzia dos presentes realmente registrava o que o palestrante dizia, embora a essa altura sua pregação sobre Hitler e os nazistas já durasse mais de meia hora. É sempre o que acontece com esse tipo de reunião. Invariavelmente metade dos ouvintes não tem noção alguma do que se passa. Em sua cadeira ao lado da mesa, Witchett observava o palestrante com um sorriso enlevado e seu rosto lembrava um pequeno gerânio cor-de-rosa. Dava para antecipar o discurso que faria assim que o palestrante se sentasse — o mesmo discurso que costuma fazer no final do espetáculo da Lanterna Mágica para angariar doações para os melanésios: "Expressemos nossos agradecimentos... verbalizando a

opinião de todos... Muito interessante... Nos fez pensar bastante... Uma noite estimulante!" Na primeira fila, a srta. Minns se sentava muito ereta, com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, como um passarinho. O palestrante tirara uma folha de papel de sob o copo e agora lia as estatísticas de suicídios na Alemanha. Percebia-se pela postura do pescoço comprido da srta. Minns que ela não estava feliz. Estaria tudo isso aprimorando sua mente ou não? Ao menos se ela pudesse entender do que se tratava! As outras duas estavam imóveis feito pãezinhos. A seu lado, uma mulher franzina de cabelo ruivo tricotava um suéter. Um ponto de meia, um de tricô, deixa cair um e junta dois em meia. O palestrante descrevia a forma como os nazistas cortam a cabeça dos traidores e às vezes o carrasco erra o golpe. Havia outra mulher na plateia, uma moça morena, uma das professoras da escola municipal. Ao contrário da primeira, essa realmente escutava, inclinada para a frente com os grandes olhos redondos fixos no palestrante e a boca entreaberta, absorvendo tudo.

Logo atrás dela, se sentavam dois sujeitos idosos do Partido Trabalhista local. Um tinha cabelo grisalho cortado bem rente, o outro era careca e ostentava um bigode de pontas caídas. Ambos usavam sobretudos. Você conhece o tipo. Membros do Partido Trabalhista desde sempre. Vidas dedicadas ao movimento. Vinte anos na lista negra de empregadores e outros dez pressionando a prefeitura a tomar alguma providência quanto às favelas. De repente, tudo muda, a velha diretriz do Partido Trabalhista já não tem importância. Eles se descobrem atolados em política estrangeira — Hitler, Stalin, bombas, metralhadoras, cassetetes de borracha, eixo Roma-Berlim, Frente Popular, Pacto Anticomintern. Já não dá para entender mais nada. Imediatamente à minha frente sentava-se a representação local do

Partido Comunista. Três membros muito jovens. Um deles tem dinheiro e um cargo qualquer na administradora do Conjunto Hesperides. Na verdade, creio que é sobrinho do velho Crum. Outro é funcionário de um banco. De vez em quando me desconta um cheque. Um rapaz de boa aparência, muito jovem, com um rosto redondo e alerta, olhos azuis como os de um bebê e um cabelo tão claro que parece até oxigenado. Aparenta uns 17 anos, embora eu suponha que tenha vinte. Está usando um terno azul-marinho barato e uma gravata azul-clara que combina com o cabelo. Ao lado destes, havia mais um comunista. Este, porém, ao que parece, é um tipo diferente de comunista e não propriamente comunista, por ser o que chamam de trotskista. Os demais o olhavam de banda. O sujeito é ainda mais moço que os companheiros, magro, bem moreno e tem um jeito nervoso. Cara de inteligente. Judeu, claro. Esses quatro vinham assistindo à palestra de forma bem diversa da do restante da plateia. Dava para sentir que iriam se levantar assim que as perguntas começassem. Já se percebia sua inquietude. E o rapazinho trotskista se remexia na cadeira, ansioso para tomar a dianteira.

Eu parara de ouvir as palavras que eram efetivamente ditas. Mas existe mais de uma maneira de ouvir. Fechei os olhos por um instante. O efeito foi curioso. Tive a impressão de enxergar o sujeito melhor quando apenas ouvia sua voz.

Era uma voz que dava a impressão de que podia se estender durante uma quinzena sem parar. Na verdade, é horrível ouvir uma espécie de realejo em forma humana despejando propaganda incessantemente. Repetindo as mesmas coisas. Odeie, odeie, odeie. Vamos todos nos unir e odiar com gosto. Têm-se a sensação de que algo entrou no nosso crânio e está martelando o cérebro. Durante um instante, porém, com

os olhos fechados, consegui virar a mesa contra ele. Entrei na cabeça DELE. Foi uma sensação peculiar. Durante mais ou menos um segundo, pode-se quase dizer que eu ERA ele. De todo jeito, senti o que ele estava sentindo.

Vi o que ele estava vendo. E não era em absoluto o tipo de visão de que se possa falar. O que ele DIZ é meramente que Hitler nos persegue e precisamos nos unir e odiar com gosto. Ele não entra em detalhes. Fica tudo muito respeitável. Mas o que ele VÊ é bem diferente. É a imagem de si próprio espatifando rostos com uma chave inglesa. Rostos fascistas, claro. SEI que é isso o que ele está vendo. Foi o que eu mesmo vi durante os dois segundos que passei dentro dele. Smash! Em cheio na cara! Os ossos se quebram como uma casca de ovo e o que era um rosto no minuto anterior vira uma enorme massa de geleia de morango. Smash! Mais um! É isso que existe em sua mente, seja quando está desperto ou dormindo, e quanto mais pensa nisso, mais ele gosta. E tudo bem, porque os rostos espatifados pertencem a fascistas. Dá para perceber no tom da sua voz.

Mas por quê? A explicação mais provável é que ele esteja apavorado. Qualquer pessoa que raciocine hoje em dia está paralisada pelo medo. Esse não passa de um sujeito suficientemente capaz de prever para se sentir um pouco mais amedrontado que os outros. Hitler quer nos pegar! Rápido! Vamos todos pegar uma chave inglesa e nos unir, e talvez se espatifarmos um número bastante de rostos eles não espatifem os nossos. Formem bandos, escolham um líder. Hitler é preto e Stalin é branco. Mas podia perfeitamente ser o contrário, porque na cabeça do sujeitinho tanto Hitler quanto Stalin são um só. Ambos significam chaves inglesas e rostos espatifados.

Guerra! Comecei a pensar nela de novo. Está para chegar, isso é certo. Mas quem tem medo da guerra? Quer dizer, quem tem medo das bombas e das metralhadoras? "Você tem", será a sua resposta. Sim, tenho, assim como qualquer um que as viu cara a cara. Mas não é a guerra que importa, é o pós-guerra. O mundo em que vamos nos afundar, um mundo de ódio, um mundo de slogans. As camisas coloridas, o arame farpado, os cassetetes de borracha. As celas secretas onde a luz elétrica fica acesa noite e dia, e os detetives vigiam você dormindo. E os desfiles e os cartazes com rostos enormes e as multidões de um milhão de pessoas ovacionando o líder até ensurdecerem a ponto de pensar que realmente o idolatram. E o tempo todo, no fundo, o odeiam tanto que querem vomitar. Tudo isso vai acontecer? Vai mesmo? Tem dias que sei que é impossível, noutros, sei que é inevitável. Naquela noite, ao menos, eu sabia que iria acontecer. Era nítido no som da voz daquele palestrante medíocre.

Portanto, talvez SEJA, afinal, relevante esse grupinho sovina que se reúne numa noite de inverno para ouvir uma palestra desse tipo. Ou ao menos os cinco ou seis capazes de entender do que se trata. Eles não passam de sentinelas avançadas de um imenso exército. São os visionários, os primeiros ratos a notar que o navio está afundando. Rápido, rápido! Os fascistas estão chegando! Chaves inglesas a postos, rapazes! Espatifar para não ser espatifado. De tão aterrorizados com o futuro, mergulhamos de cabeça nele, como um coelho que se mete na goela de uma jiboia.

E o que há de acontecer com caras como eu quando tivermos fascismo na Inglaterra? A verdade é que provavelmente não fará a menor diferença. Quanto ao palestrante e àqueles quatro comunistas na plateia, sim, para eles fará muita diferença. Estarão espatifando

rostos ou tendo os próprios rostos espatifados, de acordo com quem estiver vencendo. Mas os sujeitos comuns e medíocres como eu continuarão a levar a vida como de hábito. Ainda assim me assusto... creia que me assusto. E começava a me perguntar por quê, quando o palestrante se calou e se sentou.

Houve o costumeiro som de aplausos, oco e débil, que se ouve quando a plateia não conta com mais de 15 pessoas, e então o velho Witchett fez seu discurso, e antes que alguém pudesse piscar os quatro comunistas ficaram de pé juntos. Entabularam uma boa discussão, que se prolongou por cerca de dez minutos, repleta de citações que ninguém mais entendeu, como materialismo dialético e o destino do proletariado e o que Lenin disse em 1918. Então o palestrante, que tomara um gole d'água, ficou de pé e fez um resumo que levou o trotskista a se contorcer na cadeira, mas agradou os outros três, e a discussão prosseguiu extraoficialmente durante um tempinho. Ninguém mais abriu a boca. Hilda e as outras haviam saído assim que a palestra terminou, provavelmente temerosas de que viessem coletar dinheiro para pagar o aluguel do auditório. A mulherzinha do cabelo ruivo ficara para terminar uma carreira de pontos. Dava para vê-la contá-los num sussurro enquanto os outros discutiam. E Witchett, sentado, anuía enfaticamente com quem quer que estivesse falando e dava para vê-lo pensar como era tudo tão interessante e tomar notas mentalmente, e a moça morena olhava de um para outro com a boca ligeiramente entreaberta, e o velho do Partido Trabalhista, que lembrava muito uma foca com seu bigode de pontas caídas e a gola do sobretudo erguida até as orelhas, observava os debatedores, se perguntava do que estariam falando. Finalmente me levantei e vesti meu sobretudo.

A discussão se transformara numa briga particular entre o franzino trotskista e o rapaz lourinho. Os dois discutiam sobre se o alistamento era ou não uma obrigação, caso a guerra eclodisse. Enquanto eu me esgueirava ao longo da fileira para sair, o louro apelou para mim.

— Sr. Bowling! Por favor. Se a guerra eclodisse e tivéssemos a oportunidade de espatifar o fascismo de uma vez por todas, o senhor não lutaria? Se fosse jovem, quer dizer.

Suponho que ele ache que tenho sessenta anos.

— Pode apostar que não — respondi. — Já tive a minha cota na última vez.

— Mas nem para espatifar o fascismo?

— Que se dane o fascismo! Já se espatifou coisa demais para o meu gosto.

O trotskista franzino interveio falando de social-patriotismo e traição aos operários, mas os outros o interromperam:

— Você está pensando em 1914. Aquela foi apenas uma guerra imperialista comum. Desta vez é diferente. Olhe aqui. Quando se ouve sobre o que está acontecendo na Alemanha, os campos de concentração e os nazistas batendo nas pessoas com cassetetes de borracha e fazendo os judeus cuspirem nas caras uns dos outros... Isso não faz o seu sangue ferver?

Estão sempre falando de sangue fervendo. Exatamente o que falavam durante a guerra, me lembro.

— Meu sangue esfriou em 1916 — respondi. — E você há de fazer o mesmo quando sentir o fedor de uma trincheira.

Então, de repente, foi como se eu o visse. Como se até aquele momento não o tivesse visto de verdade.

Um rosto ansioso muito jovem, que já devia ter pertencido a um menino bonito, com olhos azuis e cabelo cor de estopa, o olhar fixo no meu, e durante um instante seus olhos realmente marejaram! Como o emocionavam os judeus alemães! Mas, com efeito, eu sabia direitinho como ele se sentia. Ele é robusto, provavelmente joga rúgbi no time do banco. Inteligente, também. E ali estava aquele funcionário da filial suburbana de um banco, sentado detrás do vidro fosco do caixa, anotando cifras num livro contábil, contando pilhas de notas, puxando o saco do gerente. Sentindo o desperdiço da própria juventude. E enquanto isso em toda a Europa coisas importantes acontecem. Granadas explodem junto às trincheiras e a infantaria ataca em meio às nuvens de fumaça. Talvez alguns colegas seus estejam lutando na Espanha. Claro que ele anseia por uma guerra. Como culpá-lo? Durante um instante, tive a peculiar sensação de que ele era meu filho, o que em termos de idade seria possível. E me lembrei daquele dia escaldante em agosto quando o jornaleiro ergueu a manchete INGLATERRA DECLARA GUERRA À ALEMANHA e todos saímos correndo para a rua com nossos aventais brancos e comemoramos.

— Ouça, filho — falei. — Você entendeu tudo errado. Em 1914, NÓS achamos que seria uma coisa gloriosa. Bom, não foi. Foi apenas um massacre sangrento. Se acontecer de novo, fique fora disso. Por que deixaria seu corpo ser crivado de chumbo? Guarde-o para uma garota. Vocês acham que a guerra é só heroísmo e medalhas, mas eu garanto que não é nada disso. Não existem mais ataques a baioneta hoje em dia e quando eles acontecem não são como vocês imaginam. A gente não se sente um herói. Tudo que sabemos é que ficamos três dias sem dormir, fedemos como um gambá, molhamos as calças de medo e de

tão gélidas nossas mãos não conseguem segurar um rifle. Mas isso também não importa. O que importa é o que vem depois.

Ninguém se impressionou, claro. Acharam apenas que eu estava ultrapassado. Foi como se eu tivesse falado com uma parede.

A plateia começava a se dispersar. Witchett ia levar o palestrante em casa. Os três comunistas e o judeuzinho saíram juntos, voltando a discutir a solidariedade proletária, dialética da dialética e o que Trotski disse em 1817. São todos iguais, com efeito. Era uma noite muito escura, úmida e silenciosa. Os postes de luz pareciam pendurados na escuridão como estrelas e não iluminavam a rua. A distância, ouviam-se os veículos trafegando na High Street. Tive vontade de beber alguma coisa, mas eram quase dez da noite e o pub mais próximo ficava a quase um quilômetro dali. Além disso, eu queria alguém com quem falar, do jeito que não se pode falar num pub. Engraçado como o meu cérebro estivera acelerado o dia todo. Parte em consequência de não ter trabalhado, claro, e parte por conta da nova dentadura que de certa forma havia me rejuvenescido. Eu passara o dia todo visitando o futuro e o passado. Queria conversar sobre os maus tempos que viriam ou não, sobre os slogans e as camisas coloridas e os exércitos treinados da Europa Oriental que viriam acabar com a velha e ridícula Inglaterra. Nem pensar em tentar conversar com Hilda. De repente, me ocorreu ir procurar Porteous, um amigo meu que dorme tarde.

Porteous é um professor de escola pública aposentado. Aluga parte de uma casa que, felizmente, fica no andar de baixo, na parte velha da cidade, perto da igreja. É um solteirão, claro. Não dá para imaginar um tipo assim casado. Mora sozinho com seus livros e o cachimbo e tem uma mulher que limpa sua casa. É um sujeito letrado, entende de grego e latim, poesias e coisas do gênero. Suponho que se a filial local do Left

Book Club representa o progresso, o velho Porteous simboliza a cultura. Nem um nem outro faz muito sucesso em West Bletchley.

A luz estava acesa na salinha em que o velho Porteous fica sentado lendo até altas horas. Quando bati na porta da frente, lá veio ele abri-la com seu habitual andar tranquilo, o cachimbo preso entre os dentes e os dedos marcando a página do livro. Sua aparência chama a atenção, ele é muito alto e tem cabelo grisalho ondulado e um rosto fino e sonhador um pouco descorado, mas que poderia quase pertencer a um menino, embora Porteous deva ter quase sessenta anos. É engraçado como esses professores de escolas públicas e universidades conseguem parecer meninos até morrerem. É algo em seus movimentos. O velho Porteous tem um jeito de andar despreocupado, com sua bela cabeça coroada de cachos grisalhos ligeiramente inclinada para trás, o que leva você a crer que ele esteja o tempo sonhando com esse ou aquele poema, sem consciência do que ocorre à sua volta. Não é possível olhar para ele sem ver seu estilo de vida estampado na cara. Escola pública, depois Oxford e depois de volta à velha escola como professor. A vida toda passada num ambiente de latim, grego e críquete. Ele tem todos os maneirismos. Sempre veste um velho paletó de tweed e calças largas de flanela que gosta que você chame de "infames", fuma cachimbo e deprecia cigarros e embora passe metade da noite acordado, toma banho frio toda manhã. Suponho que do ponto de vista de Porteous, eu seja moralmente repreensível. Não frequentei a escola pública, não sei latim nem sequer quero saber. Ele me diz às vezes que é uma pena eu ser "insensível à beleza", o que encaro como uma forma educada de dizer que não tenho instrução. De todo jeito, gosto dele. É muito hospitaleiro, sempre disposto a receber uma pessoa e conversar a qualquer hora, e sempre tem bebida à mão. Quando se mora numa casa

como a minha, mais ou menos infestada por mulheres e crianças, faz bem sair às vezes e entrar num ambiente de solteiro, uma espécie de clima livros-cachimbo-lareira. E a sensação refinada oxfordiana de que nada importa salvo livros e poesia e estátuas gregas e de que nada que valha a pena mencionar aconteceu depois que os godos saquearam Roma... Às vezes isso também é reconfortante.

Ele me fez sentar na velha poltrona de couro ao lado da lareira e me serviu uísque com água. Nunca vi sua sala sem que estivesse envolta numa nuvem de fumaça de cachimbo. O teto é quase preto. É um aposento pequeno e, salvo pela porta, pela janela e pelo espaço acima da lareira, as paredes são cheias de livros do teto ao chão. Sobre a lareira está tudo que seria de se esperar. Uma fileira de velhos cachimbos de madeira, todos imundos, algumas moedas gregas de prata, um pote de tabaco com o emblema da sua universidade gravado, e um pequeno abajur de barro que segundo ele foi achado numa escavação de alguma montanha na Sicília. Na parede acima, há fotos de estátuas gregas, sendo que a do meio, grande, mostra uma mulher com asas e sem cabeça que parece estar prestes a pegar um ônibus. Lembro como Porteous ficou chocado na primeira vez que a vi, quando, na minha ignorância, lhe perguntei por que não lhe haviam posto uma cabeça.

Porteous tornou a encher o cachimbo com o tabaco do pote sobre a lareira.

— Aquela mulher intolerável do andar de cima comprou um aparelho de rádio — falou. — E eu que esperava passar o resto da vida sem ouvir o som dessas coisas! Suponho que não haja nada a fazer, certo? Por acaso você tem alguma ideia do ponto de vista jurídico?

Eu confirmei que nada podia ser feito. Gosto bastante do seu jeito oxfordiano de dizer "intolerável", e me diverte encontrar, em 1938, alguém que se opõe a ter um rádio em casa. Porteous andava para lá e para cá com seu usual estilo sonhador, com as mãos enfiadas nos bolsos do paletó e o cachimbo entre os dentes e quase instantaneamente se pôs a falar de alguma lei aprovada em Atenas na época de Péricles contra instrumentos musicais. É sempre assim com o velho Porteous. Toda a sua conversa gira em torno de coisas ocorridas séculos antes. Não importa qual seja o ponto de partida, ela sempre retorna a estátuas, poesia e os gregos e romanos. Se você mencionar a Rainha Mary, ele há de trazer à tona as trirremes fenícias. Porteous jamais lê um livro moderno, recusa-se a saber seus títulos, nunca passa os olhos num jornal, com exceção do *The Times*, e se orgulha de dizer que jamais entrou num cinema. Afora um punhado de poetas como Keats e Wordsworth, ele acha que o mundo moderno — e, do seu ponto de vista, o mundo moderno abrange os últimos dois mil anos — simplesmente não deveria ter acontecido.

Faço, eu mesmo, parte do mundo moderno, mas gosto de ouvi-lo falar. Ele se aproxima das prateleiras e pega primeiro um livro e depois outro e de vez em quando lê um trecho entre baforadas de fumaça, em geral precisando traduzi-lo do latim. Tudo é meio sereno, suave. Tudo nele lembra um pouco um professor, mas mesmo assim é confortante, de um jeito ou de outro. Enquanto escutamos, não compartilhamos o mesmo mundo dos trens, das contas de gás e de seguradoras. Tudo diz respeito a templos e oliveiras, e pavões e elefantes, e sujeitos na arena com suas redes e tridentes, e leões alados e eunucos e galés e catapultas, e generais em armaduras de bronze galopando em seus cavalos de encontro aos escudos dos soldados. Engraçado que ele

tenha ficado amigo de alguém como eu. Mas uma das vantagens de ser gordo é a possibilidade de se adequar a quase qualquer grupo social. Ademais, temos em comum o gosto por histórias picantes. Elas são uma modernidade que lhe apraz, embora, como ele vive me recordando, elas não sejam modernas. Porteous é um bocado pudico a esse respeito, sempre conta uma história de forma um tanto velada. Às vezes, pega um poeta latino e traduz um verso indecente, deixando boa parte a cargo da imaginação do ouvinte ou então solta indiscrições sobre a vida privada dos imperadores romanos e as coisas que aconteciam nos templos de Astarote. Esses gregos e romanos eram da pá virada, ao que parece. O velho Porteous tem fotografias de pinturas em paredes de algum lugar na Itália que fazem a gente corar.

Quando estou farto do trabalho e da vida doméstica, quase sempre me faz muito bem conversar com Porteous. Mas naquela noite não foi assim. Minha mente ainda ruminava as mesmas coisas que passara o dia ruminando. Da mesma forma como acontecera com o palestrante do Left Book Club, eu não ouvia realmente o que Porteous estava dizendo, tão somente o som da sua voz. Enquanto, porém, a voz do palestrante penetrara em mim, com a do velho Porteous não se deu o mesmo. Ela era por demais serena, oxfordiana. Por fim, no meio de algo que o meu amigo estava dizendo, intervim e disse:

— Diga, Porteous, o que você acha de Hitler?

O velho Porteous se apoiava, com seu jeito gracioso, nos cotovelos pousados sobre o parapeito da lareira e tinha um pé na grade de ferro. Ficou tão surpreso com a pergunta que quase tirou o cachimbo da boca.

— Hitler? Aquele homenzinho alemão? Meu caro amigo! Eu NÃO penso nele.

— Mas o problema é que sem um pingo de dúvida esse filho da mãe vai nos fazer pensar nele antes de terminar seus feitos.

O velho Porteous se abespinha de leve ao ouvir "filho da mãe", expressão que não lhe agrada, embora, é claro, seja parte da sua postura jamais se mostrar chocado. Volta a andar de um lado para o outro, soltando baforadas de fumaça.

— Não vejo motivo para prestar atenção nele. Um mero aventureiro. Essa gente vem e vai. É efêmero, puramente efêmero.

Não sei ao certo o que a palavra "efêmero" significa, mas insisto:

— Acho que você entendeu errado. Hitler é diferente. Assim como Joe Stalin. Eles não são como aqueles caras no passado que crucificavam gente e cortavam cabeças e daí por diante só por diversão. Eles estão atrás de algo novo... algo de que nunca se ouviu falar.

— Meu caro amigo! Não há nada de novo sob o sol.

Claro que essa é uma das frases prediletas do velho Porteous, que não quer saber da existência de nada novo. Assim que você lhe conta alguma coisa que esteja acontecendo hoje em dia, ele diz que exatamente o mesmo aconteceu no governo do rei sicrano. Mesmo que você aborde coisas como aeroplanos, ele afirma que provavelmente já existiam em Creta, ou Micenas, ou outro lugar qualquer. Tentei lhe explicar o que eu sentira enquanto o sujeitinho dava sua palestra e o tipo de visão que eu tivera do flagelo que se aproximava, mas Porteous não me deu ouvidos, apenas repetia que não havia nada de novo sob o sol. Finalmente, pega um livro na prateleira e lê para mim uma passagem sobre algum tirano grego da era antes de Cristo que decerto devia ter sido o irmão gêmeo de Hitler.

A discussão se estendeu um pouco. O dia todo eu passara querendo falar com alguém sobre essa história. É engraçado. Não sou idiota, mas

também não sou um intelectual, e Deus sabe que em épocas normais não nutro muitos interesses além dos que se espera de um cara de meia-idade com dois filhos e que ganha sete libras por semana. Ainda assim, tenho sensibilidade suficiente para ver que a antiga vida a que estamos habituados está sendo ceifada pela raiz. Dá para sentir isso acontecendo. Posso ver a guerra que se aproxima e o pós-guerra, as filas para comprar comida, e a polícia secreta, e os alto-falantes nos dizendo o que pensar. E sequer sou excepcional nesse aspecto. Existem milhões como eu. Gente comum que encontro por todo lado, sujeitos nos quais esbarro em pubs e vendedores itinerantes de ferragens têm noção de que o mundo descarrilou. Podem sentir tudo rachando e desmoronando sob os próprios pés. Mesmo assim, aqui está esse sujeito instruído, que passou a vida cercado de livros e se empapou de história até que lhe saísse pelos poros, mas que não consegue ver que as coisas estão mudando. Que não acha Hitler relevante. Que se recusa a crer que outra guerra se aproxima. De todo jeito, como ele não lutou na última guerra, isso não lhe passa muito pela cabeça — na sua opinião, não passa de um show barato em comparação ao sítio de Troia. E não vê por que alguém se preocuparia com os slogans e os alto-falantes e as camisas coloridas. Que pessoa inteligente haveria de dar atenção a coisas desse tipo?, diz sempre. Hitler e Stalin passarão, mas uma coisa que o velho Porteous chama de "verdades eternas" não passará. Isso, claro, não é senão uma outra maneira de dizer que tudo há sempre de continuar do jeito como ele conhece. Para todo o sempre, os sujeitos eruditos de Oxford andarão para lá e para cá em salas cheias de livros, fazendo citações em latim e fumando tabaco de qualidade guardado em potes com brasões impressos. Com efeito, era inútil falar com ele. Eu teria obtido mais sucesso com o rapaz de cabelo cor de estopa. Aos

poucos a conversa se desvia, como sempre acontece, para coisas ocorridas antes de Cristo. Depois tomou o rumo da poesia. Finalmente, o velho Porteous pega outro livro na prateleira e começa a ler "Ode a um Rouxinol" (ou talvez fosse a um sabiá, não sei), de Keats.

No que me diz respeito, poesia precisa ser em pequenas doses. Mas o curioso é que eu sempre aprecio ouvir Porteous recitá-la. Não há dúvida de que ele lê bem. Tem o hábito, claro — costumava ler para turmas de meninos. Reclina-se de encontro a alguma coisa em seu estilo lânguido, com o cachimbo entre os dentes, soltando breves baforadas de fumaça, e sua voz fica meio solene e sobe e desce com os versos. Dá para ver que ele se emociona. Não sei o que é a poesia nem o que ela supostamente faz. Imagino que cause um efeito emocional em alguns, como a música provoca em outros. Quando ele lê, eu não ouço de fato, ou seja, não registro as palavras, mas às vezes o som delas me traz uma sensação de serenidade. Normalmente eu gosto. Mas naquela noite, por algum motivo, não funcionou. Foi como se uma corrente de ar tivesse invadido a sala. Senti que tudo aquilo não passava de conversa fiada. Poesia! O que é isso? Apenas uma voz, uma ligeira contracorrente no ar. E Deus do céu! Que utilidade teria contra metralhadoras?

Observei-o encostado à estante. São engraçados esses sujeitos de escola pública. Garotos a vida toda. Toda a vida girando em torno da antiga escola e seus fragmentos de latim e grego e poesia. E, de repente, lembrei-me de que numa das primeiras vezes em que estive ali, Porteous me lera exatamente o mesmo poema. Lera precisamente do mesmo jeito, e a voz falseou quando chegou à mesma passagem — a passagem que fala de janelas mágicas ou algo do gênero. E uma ideia

curiosa me assaltou. ELE ESTÁ MORTO. É um fantasma. Todos que são assim estão mortos.

Ocorreu-me que talvez um monte de gente que vemos andando por aí esteja morta. Declaramos que alguém morreu quando seu coração para, nunca antes. Parece meio arbitrário. Afinal, algumas partes do corpo não param de funcionar — o cabelo continua crescendo durante anos, por exemplo. Talvez alguém realmente morra quando o cérebro para, quando se perde o poder de absorver uma nova ideia. O velho Porteous é assim. Instrução maravilhosa, bom gosto maravilhoso — mas ele não é capaz de mudar. Simplesmente diz as mesmas coisas e tem os mesmos pensamentos vez após vez. Existe um monte de gente assim. Mentes mortas, que não funcionam mais. Continuam andando para trás e para a frente no mesmo trilhozinho, cada vez mais incorpóreas, como fantasmas.

A mente do velho Porteous, pensei, provavelmente parou de funcionar na época da guerra russo-japonesa. E é uma coisa terrível que quase todas as pessoas decentes, aquelas que NÃO querem sair por aí espatifando rostos com chaves inglesas, sejam assim. São decentes, mas suas mentes pararam de funcionar. Não podem se defender contra o que vai se abater sobre elas porque não podem vê-lo, ainda que esteja debaixo de seus narizes. Acham que a Inglaterra jamais irá mudar e que a Inglaterra é o mundo todo. Não conseguem entender que ela não passa de um nada, um cantinho que por acaso as bombas pouparam. Mas e quanto ao novo tipo de gente da Europa oriental, os homens treinados que pensam em slogans e falam com balas? Eles estão em nosso encalço. Não falta muito para nos alcançarem. As regras do marquês de Queensbury não valem para esses rapazes. E todas as

pessoas decentes estão paralisadas. Homens mortos e gorilas vivos. Aparentemente não existe nada no meio.

Fui embora cerca de meia hora depois, tendo sido totalmente incapaz de convencer o velho Porteous de que Hitler é relevante. Continuava a ter os mesmos pensamentos enquanto caminhava de volta para casa pelas ruas geladas. Os trens já tinham parado. A casa estava toda no escuro e Hilda dormia. Pus minha dentadura no copo d'água no banheiro, vesti o pijama e empurrei Hilda para o outro lado da cama. Ela rolou sem acordar e a pequena corcunda entre seus ombros ficou virada para mim. É curiosa a tremenda angústia que às vezes nos assalta às altas horas da noite. Naquele momento o destino da Europa me pareceu mais importante do que o aluguel, a mensalidade escolar e o trabalho que eu precisaria fazer no dia seguinte. Para quem precisa ganhar o próprio sustento, tais ideias são basicamente uma rematada tolice. Mas elas não saíam da minha cabeça. Sempre a visão das camisas coloridas e das metralhadoras cuspindo fogo. A última coisa de que me lembro de pensar antes de adormecer foi por que diabos um cara como eu se importaria com isso.

1 As prímulas floresciam. Suponho que fosse março.

Eu atravessara Westerham e me dirigia para Pudley. Precisava fazer uma avaliação de uma loja de ferragens e depois, se pudesse encontrá-lo, entrevistar um interessado num seguro de vida que vinha se mostrando indeciso. Seu nome havia sido enviado pelo nosso representante local, mas no último segundo o sujeito dera para trás e começara a ter dúvidas sobre se conseguiria pagar. Sou muito persuasivo. O fato de eu ser gordo ajuda. Deixa os interlocutores num humor festivo e eles sentem que assinar um cheque chega a ser quase um prazer. Com alguns, é melhor pôr toda ênfase nos bônus, com outros pode-se sugerir de forma sutil o que acontecerá com suas esposas se perderem um marido que não esteja segurado.

O carro velho chacoalhava para cima e para baixo nos morrinhos ondulados. E, meu Deus, que dia! Sabe aquele tipo de dia que em geral acontece no mês de março quando o inverno parece ter entregado os pontos? Vínhamos tendo aquele tempo bestial que chamam de "lavado", quando o céu fica de um azul gélido e o vento é cortante como uma navalha cega. Então de repente o vento se foi e o sol teve uma chance. Você sabe como é esse tipo de dia. Sol amarelo pálido, nenhuma folha se mexendo, uma leve bruma ao longe, onde as ovelhas se espalham nos morros como pedaços de giz. E nos vales, fogueiras acesas e a fumaça subindo lentamente em espiral e se fundindo à bruma. A estrada era só minha. Estava tão quente que quase dava para tirar a roupa.

Cheguei a um lugar onde a grama ao longo da estrada estava coalhada de prímulas. Um trecho de terreno argiloso, talvez. Vinte

metros adiante, reduzi a velocidade e parei. O dia estava bonito demais para ser desperdiçado. Senti que precisava descer e sentir o perfume do ar primaveril e talvez até mesmo colher algumas prímulas se pudesse fazê-lo sem ser visto. Tive até uma vaga intenção de colher um buquê para levar para Hilda.

Desliguei o motor e desci. Jamais deixo o carro ligado em ponto morto, fico sempre com certo medo de que a vibração faça cair os para-lamas ou algo assim. É um carro de 1927 que já rodou um bocado. Quando se levanta o capô e se olha o motor, vem à lembrança o Império Austríaco, todo amarrado com pedaços de barbante, mas de alguma forma andando. É inacreditável que alguma máquina consiga vibrar em tantas direções ao mesmo tempo. Parece o movimento da Terra, que tem 22 diferentes tipos de oscilação, pelo que me lembro de ter lido. Olhá-lo de trás quando ele está em marcha regular é como contemplar uma daquelas havaianas dançando hula-hula.

Havia uma porteira com cinco traves de madeira ao lado da estrada. Caminhei até lá e me apoiei nela. Ninguém à vista. Inclinei um pouco meu chapéu para trás a fim de sentir na testa o ar agradável. A grama sob a cerca estava salpicada de prímulas. Logo atrás do portão um sem-teto ou outra pessoa qualquer havia deixado os resquícios de uma fogueira. Uma pequena pilha de brasas brancas ainda fumegava ligeiramente. Mais à frente havia uma pequena lagoa, coberta de lentilhas-d'água. A plantação era de trigo de inverno. O terreno tinha uma subida acentuada e depois um declive de calcário com um pequeno bosque de faias. Dava para sentir o frescor das folhas novas crescendo nas árvores. E tudo em total silêncio e imobilidade. Não havia nem mesmo vento suficiente para agitar as cinzas da fogueira.

Uma cotovia cantava em algum lugar. Afora isso, nem um som, nem mesmo um aeroplano.

Fiquei ali um tempinho, apoiado no portão. Estava sozinho, totalmente sozinho. Olhava para o campo e o campo, para mim. Senti... Me pergunto se você há de entender...

O que senti foi algo tão raro hoje em dia que descrevê-lo me parece tolice. Senti FELICIDADE. Senti que embora não fosse viver para sempre, eu estaria pronto para tanto. Você pode dizer que me senti assim apenas por ser o primeiro dia de primavera. O efeito sazonal nas glândulas sexuais, ou algo do gênero. Mas foi mais que isso. Curiosamente, a coisa que de repente me convenceu de que a vida merecia ser vivida, mais do que as prímulas ou os botões novinhos na sebe, foi aquele resto de fogueira próximo ao portão. Você sabe como é a aparência de uma fogueira num dia sem brisa. Os gravetos tinham se transformado em cinzas brancas, mas ainda conservavam a forma de gravetos, e debaixo das cinzas havia brasas vermelho-vivas. É curioso como uma brasa vermelha parece mais viva, nos dá mais a sensação de vida, do que qualquer coisa viva. Tem algo ali, uma intensidade, uma vibração... Não consigo atinar com a palavra exata, mas ela nos faz saber que estamos vivos. É o ponto no quadro que nos faz perceber todo o resto.

Me inclinei para colher uma prímula. Não consegui... A barriga não permitiu. Agachei-me e peguei um raminho. Felizmente não fui visto. As folhas farfalhavam e tinham o formado de orelhas de coelho. Fiquei de pé e pus meu buquê de prímulas em cima da porteira. Então, num impulso, tirei minha dentadura da boca e a examinei.

Se tivesse um espelho, me examinaria de corpo inteiro, embora, na verdade, estivesse ciente da minha aparência. Um gordo de 45 anos,

vestindo um terno de espinha de peixe cinza meio gasto e usando chapéu-coco. Esposa, dois filhos e uma casa nos subúrbios era a legenda na minha testa. Cara avermelhada e olhos azuis desbotados. Sei disso, não preciso que me digam. Mas o que me calou fundo, enquanto dava a última olhada na dentadura antes de devolvê-la à boca, foi que ISSO NÃO IMPORTAVA. Nem os dentes falsos importavam. Sou gordo — sim. Pareço o irmão fracassado de um corretor de apostas — sim. Nenhuma mulher jamais irá para a cama comigo a menos que seja paga para isso. Estou ciente de tudo isso. Mas lhe digo que não me importo. Não quero mulheres nem mesmo quero ser jovem de novo. Só quero estar vivo. E eu estava vivo naquele momento em que fiquei olhando as prímulas e as brasas vermelhas perto da cerca. É uma sensação que vem de dentro, uma sensação serena, e ainda assim é como uma chama.

Além da cerca a lagoa estava coberta de lentilhas-d'água, lembrando tanto um tapete que quem não conhecesse as lentilhas-d'água podia achar que fossem sólidas e pisar em cima. Eu me pergunto por que somos todos tão tolos. Por que as pessoas, em lugar das idiotices em que gastam seu tempo, simplesmente não dão uma volta OLHANDO as coisas? Aquela lagoa, por exemplo — tudo que havia nela. Salamandras, cobras-d'água, besouros aquáticos, moscas d'água, sanguessugas e deus sabe quantas outras coisas que só podem ser enxergadas com um microscópio. O mistério de suas vidas, debaixo da água. Dava para passar a vida observando, dez vidas, e mesmo assim não veríamos tudo nem mesmo daquela única lagoa. E todo o tempo aquela sensação de encantamento, a chama peculiar dentro da gente. É a única coisa que vale a pena ter, e nós não a queremos.

Mas eu quero. Ao menos foi o que achei naquele momento. E não me interprete mal. Para começar, ao contrário da maioria dos *cockneys*, não sou piegas quanto ao "campo". Fui criado perto demais dele para isso. Não quero impedir que se more em cidades ou em subúrbios, aliás. Que morem onde quiserem. E não estou sugerindo que o conjunto da humanidade possa passar a vida toda perambulando e colhendo prímulas. Sei muito bem que precisamos trabalhar. Apenas porque há sujeitos tossindo espasmodicamente nas minas e moças batucando em máquinas de escrever é que outros podem se dar ao luxo de colher uma flor. Além disso, quem tem a barriga cheia e uma casa quentinha não há de querer colher flores. Mas não é essa a questão. Ali estava a sensação que eu tinha às vezes — não com muita frequência, admito, mas de vez em quando. Sei que é uma sensação boa. Aliás, todo mundo sabe, ou quase todo mundo. Ela está ali o tempo todo, é só virar a esquina que todos sabemos que vamos encontrá-la. Pare de atirar com metralhadoras! Pare de perseguir seja o que for que você esteja perseguindo! Acalme-se, recupere o fôlego, deixe um pouco de paz penetrar em seus ossos. Não adianta. Não fazemos isso. Apenas seguimos em frente com as mesmas malfadadas idiotices.

E a próxima guerra surge no horizonte. Será em 1941, dizem. Mais três voltas ao redor do Sol, e ela se abaterá sobre nós. As bombas sendo despejadas como charutos negros e as metralhadoras Bren vomitando balas aerodinâmicas. Não que isso me aflija especialmente. Sou velho demais para lutar. Haverá ataques aéreos, claro, mas eles não atingirão todo mundo. Além disso, ainda que exista, esse tipo de perigo não entra na nossa cabeça antes do tempo. Como já disse várias vezes, não tenho medo da guerra, só do pós-guerra. E acho até isso não há de me afetar pessoalmente. Porque quem iria se incomodar com um cara como eu?

Sou gordo demais para que me considerem politicamente suspeito. Ninguém iria me matar ou me bater com um cassetete de borracha. Sou do tipo medíocre que obedece quando a polícia manda. Quanto a Hilda e às crianças, eles provavelmente jamais perceberão a diferença. E mesmo assim me amedronto. O arame farpado! Os slogans! Os rostos enormes! Os porões revestidos de cortiça onde prisioneiros recebem choques elétricos. Aliás, outros caras muito mais medíocres intelectualmente do que eu se amedrontam. Mas por quê? Porque isso significa dizer adeus a essa coisa que descrevi para você, essa sensação especial dentro da gente. Chame de paz se quiser. Mas, quando digo paz, não quero dizer ausência de guerra, mas paz, uma sensação nas entranhas. E ela terá sumido para sempre se os donos dos cassetetes de borracha nos pegarem.

Aproximo o ramo de prímulas do nariz e dou uma boa cheirada. Estava pensando em Lower Binfield. Engraçado como durante os dois últimos meses essa lembrança tem ido e voltado na minha cabeça o tempo todo, depois de vinte anos durante os quais eu praticamente a esquecera. E justo naquele momento, ouço o barulho de um carro subindo a estrada.

Tomo o susto de quem leva um choque. De repente, me dei conta do que estava fazendo — perambulando à toa e colhendo prímulas quando deveria estar inventariando o estoque da loja de ferragens em Pudley. O pior é que de repente tive consciência de como os ocupantes do carro me veriam. Um gordo usando chapéu-coco segurando um buquê de prímulas! Não seria uma visão adequada. Gordos não devem colher prímulas, ao menos não em público. Só tive tempo de jogá-las por cima da cerca antes que o carro surgisse. Foi ótimo ter feito isso. O carro estava cheio de jovens tolos de vinte e poucos anos. Como teriam rido

se me vissem! Todos olhavam para mim — você sabe como os ocupantes de um carro que vem na sua direção olham para você —, e me ocorreu a ideia de que mesmo agora talvez pudessem adivinhar o que eu andara fazendo. Melhor deixá-los pensar que era outra coisa. Por que um sujeito desce do carro à beira de uma estrada de interior? Óbvio! Quando o carro passou por mim fingi abotoar a braguilha.

Acionei o motor do carro manualmente (a autoignição não funciona mais) e entrei. O curioso é que no exato momento em que eu abotoava a braguilha, quando três quartos da minha mente se ocupavam com os jovens tolos no outro carro, uma ideia maravilhosa me ocorrera.

Voltar para Lower Binfield!

Por que não?, pensei, enquanto passava a primeira marcha. Por que não voltar? O que me impedia? E por que diabos não pensara nisso antes? Umas férias tranquilas em Lower Binfield: era precisamente isso que eu queria.

Não pense que me ocorreu a ideia de voltar a MORAR em Lower Binfield. Não estava nos meus planos abandonar Hilda e as crianças e recomeçar a vida com um nome diferente. Esse tipo de coisa só acontece nos livros. Mas o que me impedia de dar uma passadinha em Lower Binfield e tirar uma semana só para mim?

Aparentemente já estava tudo programado na minha cabeça. Eu não teria problemas com relação a dinheiro. Ainda sobravam 12 libras naquela minha pilha secreta, e pode-se passar confortavelmente uma semana com 12 libras. Tenho 15 dias de férias por ano, geralmente em agosto ou setembro. Mas, se eu inventasse uma história convincente — um parente morrendo de uma doença incurável ou algo do gênero —, provavelmente conseguiria que a empresa me desse férias parceladas em dois períodos. Eu teria então uma semana só para mim antes que

Hilda se desse conta de alguma coisa. Uma semana em Lower Binfield, sem Hilda, sem as crianças, sem a Salamandra Voadora, sem a Ellesmere Road, sem as ladainhas sobre as prestações da casa, sem o barulho de tráfego capaz de enlouquecer um santo — uma semana à toa, ouvindo o silêncio.

Mas por que voltar a Lower Binfield?, indagaria você. Por que Lower Binfield em particular? O que eu pretendia fazer quando chegasse lá?

Eu não pretendia fazer coisa alguma. Parte da ideia era essa. Eu queria paz e sossego. Paz! Nós a tínhamos no passado, em Lower Binfield. Contei um pouco sobre a nossa antiga vida lá, antes da guerra. Não vou fingir que fosse perfeita. Ouso dizer que era uma vida tediosa, borocoxô, vegetativa. Pode-se dizer que éramos como nabos. Mas nabos não vivem com medo do chefe, não ficam acordados à noite pensando na próxima derrocada e na próxima guerra. Tínhamos paz interior. Claro que sei que mesmo em Lower Binfield a vida teria mudado. Mas o lugar em si, não. Haveria ainda os bosques de faias em torno da Binfield House, e o passeio da orla de Burford Weir, e o bebedouro de cavalos na praça do mercado. Eu queria voltar lá, apenas por uma semana, e me deixar empapar dessa sensação, meio como aqueles sábios orientais que se retiravam para o deserto. E eu diria que, do jeito como vão as coisas, haverá muita gente boa se retirando para o deserto nos próximos anos. Há de ser como naquela época na Roma Antiga em que, segundo me disse o velho Porteous, havia tantos ermitãos que cada caverna tinha uma lista de espera.

Mas não é que eu quisesse olhar para meu próprio umbigo. Meu único desejo era recuperar as energias antes do início dos maus tempos. Afinal, será que alguém que não esteja morto do pescoço para cima duvida que eles se aproximam? Nem sequer sabemos como será, e

mesmo assim sabemos que estão próximos. Talvez uma guerra, talvez uma crise — não dá para saber, salvo que há de ser algo ruim. Qualquer que seja o nosso rumo, será ladeira abaixo. Para a cova, para o esgoto — não dá para saber. E não se pode enfrentar esse tipo de coisa, a menos que se desfrute interiormente da sensação certa. Algo deixou de existir dentro de nós nesses vinte anos desde a guerra. Uma espécie de fluido vital que fizemos jorrar até não sobrar sequer uma gota. Toda essa pressa para lá e para cá! A luta eterna por um pouco de dinheiro. O ruído incessante de ônibus, bombas, rádios, campainhas de telefone. Os nervos em frangalhos, espaços ocos em nossos ossos onde deveria haver tutano.

Pisei fundo no acelerador. A mera ideia de voltar a Lower Binfield já me fizera bem. Você sabe a sensação que tive. Um pouco de ar para respirar! Como as grandes tartarugas-marinhas que vem à tona nadando, põem o nariz de fora e enchem os pulmões com uma grande talagada antes de afundarem de novo entre as algas e os polvos. Estamos todos sufocando no fundo de uma lixeira, mas descobri como subir à superfície. Voltar a Lower Binfield! Mantive o pé no acelerador até levar o carro velho ao limite máximo de quase sessenta quilômetros por hora. Ele chacoalhava como uma bandeja de metal cheia de porcelana, e sob a proteção do ruído quase comecei a cantar.

Claro que a mosca na sopa era Hilda. Esse pensamento me deu uma freada. Reduzi a velocidade para uns quarenta quilômetros por hora para refletir.

Não havia dúvida de que Hilda descobriria mais cedo ou mais tarde. Quanto a conseguir apenas uma semana de férias em agosto, eu talvez pudesse ter sucesso. Eu lhe diria que a empresa estava me dando apenas uma semana este ano. Provavelmente, ela faria demasiadas

perguntas a esse respeito, porque ficaria eufórica ante a oportunidade de cortar as despesas das férias. As crianças, de todo modo, sempre passam um mês no litoral. A dificuldade residia em inventar um álibi para aquela semana em maio. Eu não podia simplesmente sumir sem aviso. O melhor, pensei, seria lhe contar com bastante antecedência que estavam me mandando numa missão especial para Nottingham, ou Derby, ou Bristol, ou qualquer outro lugar bem distante. Se a avisasse com dois meses de antecedência pareceria que eu nada tinha a esconder.

Mas claro que ela descobriria mais cedo ou mais tarde. Com Hilda não tem erro! Ela começaria fingindo acreditar e depois, naquele seu estilo obstinado, descobria que eu jamais estivera em Nottingham ou Derby ou Bristol ou aonde quer que fosse. É espantoso como ela faz isso. Que perseverança! Finge-se de morta até descobrir todos os pontos fracos no nosso álibi e aí, de repente, quando a gente pisa em falso com alguma observação descuidada, ela ataca. E traz à tona todo o dossiê do caso.

"Onde você passou a noite de sábado? Mentira! Você se encontrou com uma mulher. Olhe esses cabelos que achei quando estava escovando seu colete. Olhe bem para eles! Por acaso são da cor do meu?"

E então a diversão começa. Deus sabe quantas vezes isso aconteceu. Já houve ocasiões em que ela estava certa sobre a mulher. Em outras estava errada, mas os pós-efeitos são sempre os mesmos. Reclamações durante semanas e mais semanas! Jamais uma refeição sem briga — e as crianças não entendem do que se trata. Seria de todo inútil dizer a ela onde eu passara essa semana e por quê. Mesmo explicando até o dia do Juízo Final, ela jamais acreditaria.

Mas que diabos!, pensei, *por que me preocupar?* Faltava muito tempo. Você sabe como essas coisas parecem diferentes antes e depois. Pisei fundo no acelerador de novo. Então a melhor das ideias surgiu na minha cabeça e por muito pouco não derrapei para fora da estrada.

Eu iria pescar aquelas carpas grandonas na lagoa da Binfield House!

E mais uma vez, por que não? Não é estranho o jeito como passamos pela vida, sempre pensando que as coisas que queremos fazer são aquelas que não podem ser feitas? Por que eu não podia ir pescar aquelas carpas? E ainda assim, logo que a ideia é mencionada, não é que soa como algo impossível, algo simplesmente inviável? Foi o que me pareceu, mesmo naquele momento. Uma espécie de sonho fantástico, como aqueles em que dormimos com atrizes de cinema e vencemos o campeonato de pesos pesados. No entanto, não era de forma alguma impossível, nem mesmo improvável. É normal pagar aluguel para pescar, por exemplo. Quem quer que fosse o proprietário da Binfield House hoje em dia com certeza alugaria a lagoa pelo valor certo. E, caramba!, eu pagaria com prazer cinco libras por um dia inteiro de pescaria naquela lagoa. Aliás, também era bastante provável que a casa continuasse vazia e ninguém sequer soubesse da existência da lagoa.

Pensei naquele lugar escuro entre as árvores me esperando durante todos esses anos. E os enormes peixes negros deslizando sob a superfície. Jesus! Se eram desse tamanho trinta anos antes, como estariam agora?

Era 17 de junho, uma sexta-feira, o segundo dia da temporada de pesca.

Eu não tivera problema algum para acertar as coisas com a empresa. Quanto a Hilda, eu lhe oferecera uma história coerente e irretocável. Decidi-me por Birmingham no quesito álibi, e no último instante até disse a ela o nome do hotel em que me hospedaria, Rowbottom. Por acaso, sabia o endereço porque ficara lá alguns anos antes. Ao mesmo tempo, eu não queria que ela escrevesse para mim durante a estadia, o que talvez acontecesse, já que eu ficaria por lá uma semana. Depois de refletir, resolvi confiar parcialmente no jovem Saunders, que viaja como representante das Ceras Glisso. Ele por acaso mencionara que passaria por Birmingham no dia 18 de junho, e o fiz prometer que poria uma carta de lá para Hilda, com o endereço do Hotel Rowbottom. A carta diria que eu talvez fosse chamado de volta e seria melhor que ela não escrevesse. Saunders entendeu ou achou ter entendido. Piscou para mim e disse que eu estava ótimo para a minha idade. Assim, o problema Hilda foi solucionado. Ela não fizera pergunta alguma, e, mesmo se viesse a desconfiar mais tarde, um álibi como aquele seria difícil de desmontar.

Cruzei Westerham de carro. Era uma manhã maravilhosa de junho. Soprava uma brisa ligeira e os topos dos olmos balançavam ao sol, enquanto pequenas nuvens brancas se deslocavam no céu como um rebanho de ovelhas, e as sombras perseguiam umas às outras nos campos. Na entrada de Westerham, um rapaz da Sorveteria Walls, com as bochechas da cor de maçãs, veio correndo na minha direção em sua bicicleta, assoviando tão alto que o som penetrava no cérebro de quem

ouvia. De repente me lembrei da época em que eu era um entregador (embora naquele tempo não tivéssemos bicicletas de roda livre) e por pouco não o detive para comprar um sorvete. Haviam cortado feno, mas ainda não o tinham carregado. Estava ali secando, em longas fileiras brilhantes, e o aroma se espalhava pela estrada, misturado ao da gasolina.

Eu dirigia a pouco mais de trinta quilômetros por hora. A manhã passava uma sensação serena, sonhadora. Os patos flutuavam nos lagos como se estivessem demasiado saciados para comer. Em Nettlefield, a cidade seguinte à Westerham, um homenzinho de avental branco, cabelo grisalho e um enorme bigode grisalho veio correndo do gramado, plantou-se no meio da estrada e começou a balançar freneticamente os braços para atrair minha atenção. Meu carro conhece bem aquela estrada, claro. Estacionei. Era só o sr. Weaver, que toca o armazém geral da cidade. Não, ele não queria um seguro de vida, nem pretendia fazer o seguro da loja. Simplesmente ficara sem troco e queria saber se por acaso eu tinha uma libra em "moedas". O pessoal nunca tem troco em Nettlefield, nem mesmo no pub.

Segui viagem. O trigo no campo chegava até a altura da cintura. Ondulava acima e abaixo dos morros como um imenso tapete verde, com o vento a agitá-lo um pouco, parecendo espesso e sedoso. *Lembra uma mulher*, pensei. Faz a gente querer se esbaldar ali. E um pouco adiante vi a placa de sinalização onde a estrada se bifurca: à direita para Pudley e à esquerda para Oxford.

Eu continuava em meu circuito usual, dentro do meu próprio "território", como define a empresa. O natural, já que eu estava indo para o oeste, teria sido sair de Londres pela Uxbridge Road. Impelido por uma espécie de instinto, porém, eu seguira meu caminho habitual.

O fato é que eu me sentia culpado quanto à coisa toda. Queria me afastar bastante antes de pegar o rumo de Oxfordshire. E a despeito de ter organizado tudo tão bem com Hilda e a empresa, a despeito das 12 libras na carteira e da mala no banco de trás do carro, quando me aproximei do entroncamento, efetivamente tive uma tentação — sabia que não sucumbiria a ela, mas mesmo assim foi uma tentação — de jogar o plano todo para o alto. Sentia que, desde que continuasse dirigindo dentro do meu circuito usual, eu estaria dentro da lei. *Não é tarde demais*, pensei. Ainda há tempo para tomar a decisão respeitável. Eu podia, por exemplo, entrar em Pudley, procurar o gerente do Banco Barclay's (que nos representa em Pudley) e descobrir se algum novo negócio surgira. Na verdade, eu podia até girar nos calcanhares, voltar para casa e contar tudo para Hilda.

Diminuí a velocidade quando cheguei à esquina. Sim ou não? Por um segundo fiquei realmente tentado. Mas não! Toquei a buzina e virei para o oeste, pegando a estrada para Oxford.

Bem, estava feito. Agora eu trafegava em território proibido. Verdade que dali a uns oito quilômetros, se quisesse, eu podia virar novamente à esquerda e voltar para Westerham. No momento, contudo, eu dirigia para oeste. Estritamente falando, fugia. E o curioso é que assim que entrei na estrada para Oxford tive absoluta certeza de que ELES sabiam de tudo. Quando digo ELES, falo daqueles que não aprovariam uma viagem desse tipo e que teriam me impedido se pudessem — o que, suponho, incluía basicamente todo mundo.

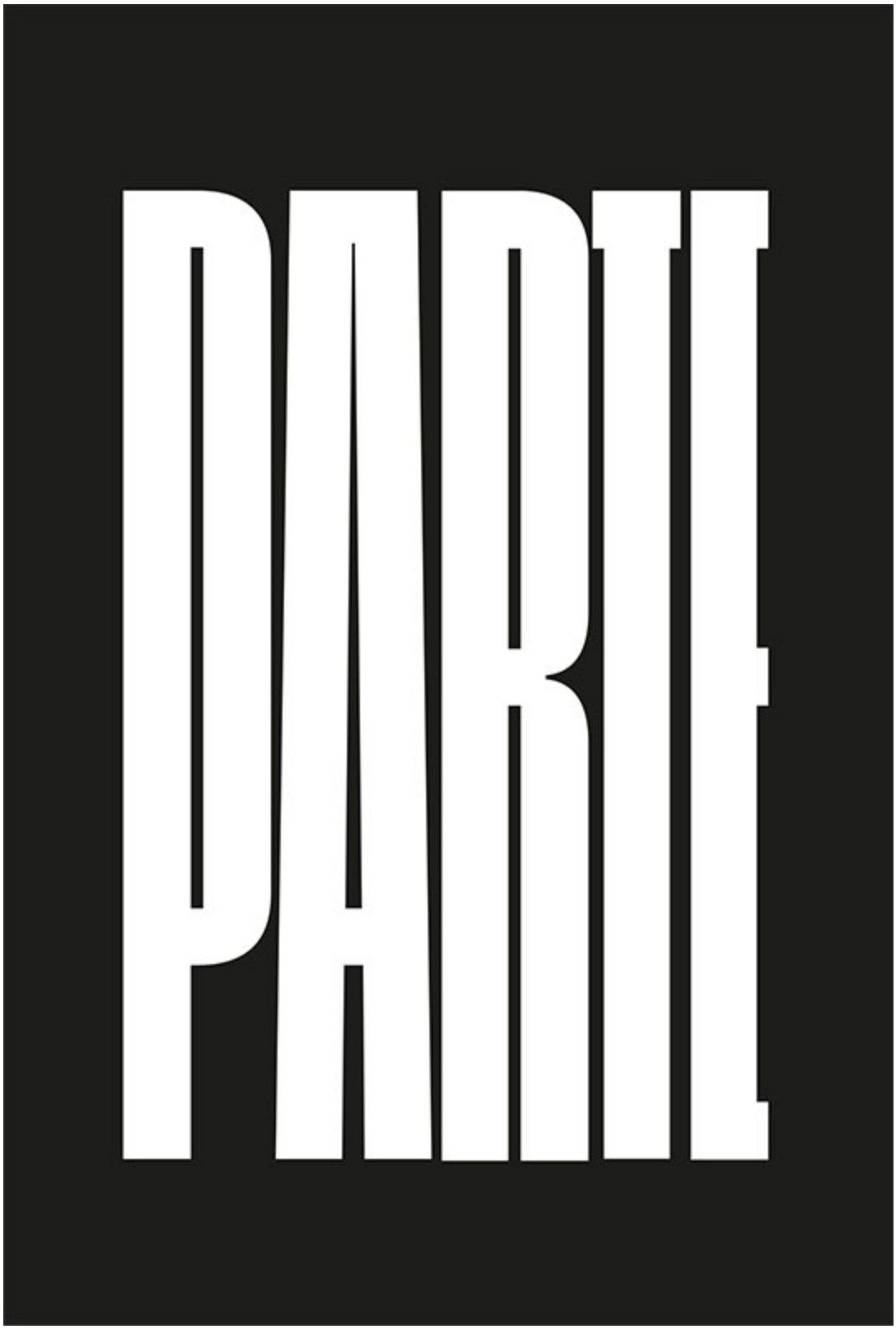
Mais que isso, eu de fato senti que eles já estavam atrás de mim. Todos, sem exceção! Todos aqueles incapazes de entender por que um homem de meia-idade com uma dentadura haveria de querer fugir para passar uma semana tranquila no lugar onde viveu sua infância. E

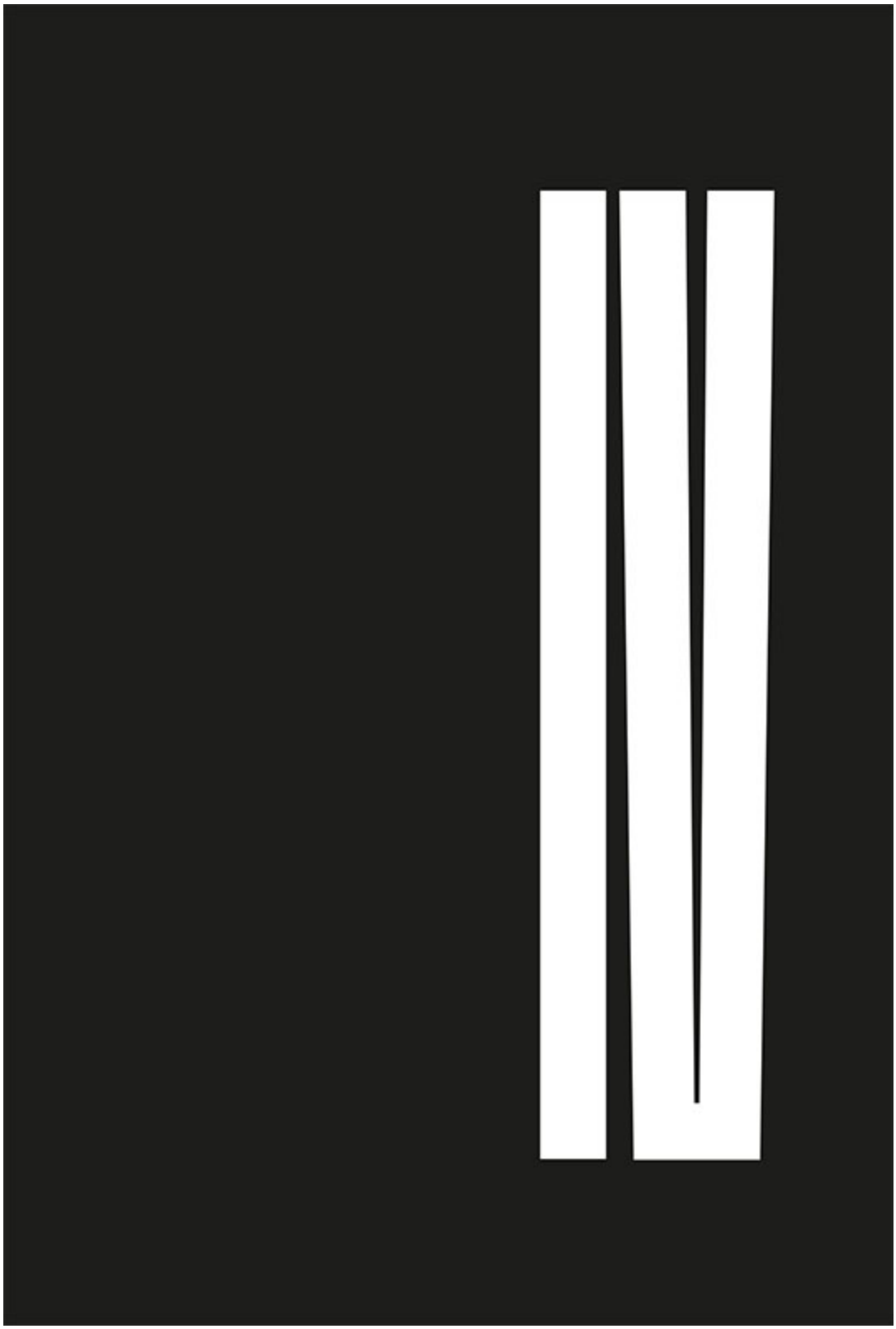
todos os canalhas que PODIAM entender até bem demais e que moveriam deus e o mundo para impedir. Todos eles estavam nos meus calcanhares. Era como se um imenso exército ocupasse a estrada às minhas costas. Quase dava para vê-lo. Hilda vinha na frente, claro, com as crianças logo atrás dela, e a sra. Wheeler a instigava a prosseguir, com uma expressão sinistra, vingativa, e a srta. Minns se apressava na retaguarda, com o pincenê escorregando do nariz e um olhar ansioso, como a galinha que é deixada para trás quando as outras conseguiram achar comida. E sir Herbert Crum e os mandachuvas da Salamandra Voadora em seus Rolls-Royces e modelos luxuosos da Hispano-Suiza. E todos os sujeitos do escritório e todos os infelizes barnabés oprimidos da Ellesmere Road e de outras ruas semelhantes, alguns empurrando carrinhos de bebê e aparadores de grama e aplainadoras de concreto, outros acompanhando a procissão em diminutos Austin Sevens. E todos os salvadores de almas e intrometidos, gente que você nunca viu, mas que mesmo assim rege o seu destino, o Ministério do Interior, a Scotland Yard, a Liga da Temperança, o Banco da Inglaterra, lorde Beaverbrook, Hitler e Stalin numa bicicleta tandem, o episcopado, Mussolini, o Papa — todos eles estavam atrás de mim. Dava quase para ouvi-los gritar:

— Aquele cara ali acha que vai escapar! Aquele cara que diz que não vai obedecer! Está voltando para Lower Binfield! Atrás dele! Precisamos detê-lo!

É estranho. A impressão foi tão forte que, com efeito, dei uma olhada pelo para-brisa traseiro para me assegurar de não estar sendo seguido. Consciência pesada, suponho. Mas não havia ninguém, apenas a estrada empoeirada e a longa fileira de olmos que a margeavam.

Pisei no acelerador e o carrinho velho chegou aos sessenta chacoalhando. Poucos minutos depois, eu já passara do retorno para Westerham. Estava feito. Eu queimara as pontes. Essa era a ideia, que, de um jeito indefinido, começara a tomar forma na minha cabeça no dia em que peguei minha dentadura nova.


PART



Cheguei a Lower Binfield passando por Chamford Hill. Existem quatro estradas que vão dar em Lower Binfield e seria mais rápido atravessar Walton. Mas eu quis chegar via Chamford Hill, como costumávamos fazer quando voltávamos de bicicleta das pescarias no rio Tâmisa. Assim que se passa o topo do morro, as árvores se abrem e é possível ver Lower Binfield esparramada no vale lá embaixo.

É uma experiência estranha voltar a um local campestre que não vemos há vinte anos. Nós nos lembramos do lugar nos mínimos detalhes, mas todas as lembranças estão erradas. As distâncias são diferentes e os pontos de referência parecem ter mudado de lugar. A gente não para de pensar que decerto aquele morro era um bocado mais íngreme... claro que aquele retorno ficava do outro lado da estrada, certo? E, por outro lado, há lembranças absolutamente precisas, mas que pertencem a uma ocasião específica. A gente se lembra, por exemplo, do canto de um campo num dia de chuva no inverno, com a grama tão verde que era quase azul e uma porteira podre coberta de líquen e uma vaca pastando na grama nos encarando. E voltamos lá depois de vinte anos e nos surpreendemos porque a vaca não está parada no mesmo lugar, olhando para a gente com a mesma expressão.

Conforme eu dirigia morro acima, percebi que a minha lembrança era quase totalmente imaginária. Mas era fato que algumas coisas haviam mudado. A estrada tinha sido asfaltada, enquanto nos velhos tempos era de macadame (lembrei-me da sensação de sacolejo da bicicleta nos trechos acidentados), e dava a impressão de ser um bocado mais larga. E havia muito menos árvores. Nos velhos tempos

enormes faias cresciam entre as cercas vivas e em alguns lugares seus ramos se encontravam acima da estrada, formando uma espécie de arco. Agora todas haviam sumido. Eu já estava praticamente no topo quando esbarrei em algo que sem dúvida era novo. À direita da estrada vi um monte de casas de aparência artificialmente pitoresca, com beirais proeminentes e pérgulas cor-de-rosa. Você sabe como são essas casas que têm categoria demais para ficar lado a lado com outras e por isso se espalham como numa espécie de colônia, com estradinhas particulares levando a cada uma delas. E na entrada de uma dessas estradinhas uma enorme placa branca dizia:

CANIS
FILHOTES DE RAÇA SEALYHAM TERRIER
HOSPEDAGEM PARA CÃES

Com certeza ISSO não existia antes, certo?

Pensei um instante. Então lembrei! No lugar dessas casas costumava existir uma pequena plantação de carvalhos, e as árvores ficavam demasiado próximas, de modo que eram muito altas e finas e na primavera o solo abaixo delas se enchia de anêmonas. Sem dúvida nunca houvera casa alguma tão distante da cidade.

Cheguei ao topo do morro. Mais um minuto e Lower Binfield surgiria à vista. Lower Binfield! Por que eu haveria de fingir não estar excitado? Só de pensar em vê-la de novo uma sensação extraordinária se expandiu das minhas entranhas e provocou alguma coisa em meu coração. Cinco segundos mais e eu a veria. Sim, ali estávamos! Debreei, pisei no freio e... Jesus!

Ah, sim! Sei que você sabe o que aconteceria a seguir. Mas eu não sabia. Diga que fui um perfeito idiota em não prever isso. Fui mesmo. Mas sequer me ocorrera.

A primeira pergunta: onde ESTAVA Lower Binfield?

Não que a tivessem demolido. Havia meramente sido engolida. Aquilo que eu contemplava de cima era uma cidade industrial de porte considerável. Eu me lembro — meu Deus, como me lembro!, e nesse caso não creio que a minha memória tenha falhado — da aparência de Lower Binfield vista do topo de Chamford Hill. Suponho que a High Street tivesse uns quinhentos metros de comprimento e, salvo por algumas casas cercando a cidade, seu formato era mais ou menos o de uma cruz. Os principais pontos de referência eram a torre da igreja e a chaminé da cervejaria. Nesse momento eu não conseguia identificar nem uma nem outra. Tudo que dava para ver era um enorme rio de casas novinhas em folha que fluía ao longo do vale em ambas as direções e subia até a metade dos morros de um e outro lado. À direita vi o que me pareceram vários hectares de reluzentes telhados vermelhos, todos iguaizinhos. Um grande conjunto habitacional municipal, pelo visto.

Mas e Lower Binfield? Onde estava a cidade que eu conhecera? Devia estar em algum lugar. Tudo que eu sabia era que provavelmente se encontrava no meio daquele mar de tijolos. Das cinco ou seis chaminés de fábrica visíveis, eu sequer poderia adivinhar qual pertencia à cervejaria. Em direção ao extremo leste da cidade havia duas enormes fábricas de vidro e concreto. *Isso explica o crescimento da cidade*, pensei, enquanto começava a absorver aquela visão. Ocorreu-me que a população desse lugar (que chegava a umas duas mil almas nos velhos tempos) devia ser de 25 mil, no mínimo. A única coisa que

aparentemente não mudara era a Binfield House. Não mais que um pontinho a distância, mas passível de identificar no morro em frente, com as faias a cercá-la, e a cidade não subira até tão alto. Enquanto eu observava, uma frota de bombardeiros negros sobrevoou o morro e atravessou ruidosamente a cidade.

Engatei a primeira e comecei a descida. As casas haviam subido até a metade do morro. Você sabe como são essas casinhas bem baratas que sobem um morro num correr contínuo, com os telhados se erguendo um acima do outro como os degraus de uma escada, todos iguaizinhos. Mas, pouco antes de chegar às casas, parei novamente. À esquerda da estrada notei outra coisa que era bem recente. O cemitério. Parei em frente ao tradicional portão de entrada de um cemitério inglês para dar uma olhada.

Era enorme, uns oito hectares, calculei. Há sempre uma espécie de aparência inóspita em um cemitério novo, com suas aleias áridas de cascalho e tufos de relva e os anjos de mármore feitos em série que lembram adornos de um bolo de noiva. Mas o que mais causou impacto naquele momento foi que nos velhos tempos aquele lugar não existia. Não havia, então, um cemitério separado, apenas o cemitério da igreja. Vagamente me lembrei do fazendeiro a que esses campos pertenciam — Blackett, chamava-se ele, que criava vacas. E por algum motivo o aspecto frio do lugar me obrigou a registrar como tudo havia mudado. Não era só que a cidade crescera tanto que agora precisava de oito hectares para enterrar seus cadáveres, mas o fato de situar o cemitério ali, nas fímbrias do perímetro urbano. Você já reparou que hoje em dia é sempre assim? Toda cidade nova põe seu cemitério na periferia. Empurre-o para longe — mantenha-o fora do alcance da vista! Ninguém aguenta mais ser lembrado da morte. Até as lápides reforçam

essa ideia. Jamais dizem que o sujeito ali debaixo "morreu", é sempre "faleceu" ou "repousou". Não era assim antigamente. Tínhamos o cemitério da igreja no meio da cidade, passávamos por ele diariamente, víamos o lugar onde nosso avô estava enterrado e onde algum dia iríamos ser enterrados também. Não nos importávamos de olhar os mortos. Quando fazia calor, admito, também éramos obrigados a sentir seu cheiro, porque alguns dos túmulos de família não eram muito bem lacrados.

Deixei o carro descer o morro devagar. Estranho! Você nem imagina quão estranho! Durante todo o percurso da descida eu via fantasmas, sobretudo os fantasmas de cercas e árvores e vacas. Era como se estivesse contemplando dois mundos ao mesmo tempo, uma espécie de bolha fininha de tudo que havia sido, com o que efetivamente existia brilhando através. Lá está o campo em que um touro perseguiu Ginger Rodgers! E aquele é o lugar onde brotavam os cogumelos selvagens! Mas não existia campo algum nem touro algum nem cogumelo algum. Só casas, casas por todos os lados, casinhas vermelhas com suas cortinas encardidas nas janelas e seus simulacros de jardins em que nada cresce, salvo alguns tufos de grama fedida ou um punhado de esporas que disputam espaço com o mato. Os homens todos andando de um lado para o outro e as mulheres sacudindo capachos e crianças remelentas brincando na rua. Todos desconhecidos! Haviam chegado aos magotes quando virei as costas. E, no entanto, eram eles que me encaravam como forasteiro, não sabiam coisa alguma a respeito da velha Lower Binfield, jamais ouviram falar de Shooter e Wetherall ou do sr. Grimmett e do tio Ezequiel, e pouco se importavam, com certeza.

É curiosa a rapidez com que a gente se adapta. Suponho que fazia cinco minutos que eu tinha parado no topo do morro, na verdade meio

sem fôlego ante a ideia de rever Lower Binfield, e já me habituara à ideia de que Lower Binfield havia sido engolida e enterrada como as cidades perdidas do Peru. Eu me preparei e enfrentei. Afinal, o que mais há de se esperar? As cidades precisam crescer, as pessoas têm que morar em algum lugar. Além disso, a velha cidade não fora aniquilada. Num ou noutro canto ela ainda existia, embora cercada de casas em vez de campos. Em poucos minutos eu a veria de novo, a igreja e a chaminé da cervejaria e a vitrine da loja do meu pai e o bebedouro de cavalos na praça do mercado. Cheguei ao sopé do morro onde a estrada se bifurcava. Peguei a da esquerda e um minuto depois me perdi.

Não me lembrava de coisa alguma. Sequer conseguia recordar se era naquele ponto que a cidade antes começava. Sabia apenas que nos velhos tempos aquela rua não existia. Dirigi durante uma centena de metros — uma rua desagradável, meio decadente, com casas à beira da calçada e aqui e acolá uma mercearia de esquina ou um pequeno pub nojento —, imaginando aonde diabos ela levaria. Por fim, parei ao lado de uma mulher usando um avental sujo e sem chapéu, que caminhava pela calçada. Pus a cabeça para fora da janela.

— Desculpe, poderia me dizer como eu chego à praça do mercado?

Ela "não sabia". Respondeu com um sotaque que se podia cortar com uma faca. Lancashire. Havia muitos oriundos de lá no sul da Inglaterra agora. Gente fugida de áreas devastadas. Então vi um sujeito de macacão com uma bolsa de ferramentas vindo em minha direção e tentei de novo. Dessa vez, a resposta veio em *cockney*, mas só depois de alguns segundos de reflexão.

— Praça do mercado? Praça do mercado? Hum... Ah! Quer dizer o VELHO mercado, né?

Confirmei que sim.

— Ah, bom... Pega a direita e vira...

Foi um longo caminho. Quilômetros, me pareceu, embora sequer chegasse a um quilômetro. Casas, lojas, cinemas, capelas, campos de futebol... Tudo novo. Mais uma vez tive aquela sensação de que uma invasão inimiga ocorrera à minha revelia. Toda aquela gente acorrendo de Lancashire e dos subúrbios de Londres, plantando-se ali nesse caos bestial, sem ao menos se dar ao trabalho de conhecer pelo nome os principais pontos de referência da cidade. Mas acabei registrando que o que chamávamos de praça do mercado era agora conhecido como Velho Mercado. Havia uma praça grande, embora não se pudesse propriamente chamá-la de praça, já que não tinha formato específico, no meio da nova cidade, com sinais luminosos e uma enorme estátua de bronze de um leão com uma águia entre as garras — o memorial da guerra, supus. Tudo tão novo! A aparência inóspita, desagradável. Você sabe como são as cidades novas que de repente brotaram como balões nos últimos anos, como Hayes, Slough, Dagenham e outras? Aquela frigidez, tijolos vermelhos por todo lado, a aparência temporária das vitrines cheias de chocolates em promoção e componentes de rádio. Lower Binfield estava exatamente assim. Mas subitamente entrei numa rua de casas mais velhas. Deus! A High Street!

Afinal, minha memória não me pregara uma peça. Reconheci cada centímetro dela. Mais alguns metros e chegaria à praça do mercado. A velha loja ficava no outro extremo da High Street. Eu iria até lá depois do almoço — pretendia me hospedar no George. E a cada centímetro uma lembrança! Eu conhecia todas as lojas, embora os nomes tivessem mudado, e a mercadoria à venda, em sua maioria, também. A do Lovegrove! E a do Todd! E uma grande e escura com vigas e águas-furtadas. Ali ficava a Lilywhite's, de tecidos, onde Elsie trabalhava. E a

do Grimmett! Aparentemente, continuava a ser uma mercearia. Agora eu ia ver o bebedouro de cavalos. Havia outro carro na minha frente me atrapalhando a visão.

O carro se afastou para o outro lado quando chegamos à praça do mercado. O bebedouro sumira.

Havia um agente da Associação Automobilística controlando o tráfego onde antes ficava o bebedouro. Deu uma olhada no carro, viu que não tinha um distintivo da associação e resolveu não acenar.

Virei a esquina e segui até o George. O sumiço do bebedouro me abalara de tal forma que nem procurei descobrir se a chaminé da cervejaria ainda estava de pé. O George também mudara, à exceção do nome. A frente tinha sido incrementada até parecer um daqueles hotéis litorâneos e a placa também era outra. O curioso é que até aquele momento eu não pensara nele sequer uma vez em vinte anos e de repente descobri que era capaz de recordar cada detalhe da velha placa que se balançara ali desde quando eu me dava por gente. Era uma pintura muito tosca, com são Jorge em cima de um cavalo muito magro pisando em um dragão bem gordo e, no canto, embora lascada e desbotada, podia-se ler a modesta assinatura "William Sandford, pintor & marceneiro". A nova placa tinha pretensões artísticas. Percebia-se que fora pintada por um artista de verdade. São Jorge tinha um jeito efeminado. O pátio de paralelepípedo, onde os fazendeiros deixavam suas carroças e os bêbados costumavam vomitar nas noites de sábado, fora aumentado para três vezes o tamanho original e pavimentado, com garagens à volta. Entrei de ré numa das garagens e desci do carro.

Uma coisa que já notei com relação à mente humana é que ela funciona em soluços. Não há emoção que dure muito. Ao longo dos

últimos 15 minutos eu tivera o que poderia ser perfeitamente chamado de choque. Levara quase um soco no estômago quando parei no topo do Chamford Hill e de repente me dei conta de que Lower Binfield sumira e senti mais uma estocada ao ver que o bebedouro de cavalos já não existia. Dirigira pelas ruas com uma sensação pesada, que poderia ser descrita tomando de empréstimo o nome de Icabode. [03] Mas, quando desci do carro e enfiei o chapéu na cabeça, percebi que isso não tinha a mínima importância. O dia estava ensolarado, o pátio do hotel exalava um clima estival, com as flores em potes verdes e tudo o mais. Ademais, eu estava faminto e ansioso para almoçar.

Entrei no hotel com a postura de alguém importante, seguido pelo carregador, que se apressara a sair para me receber, trazendo a mala. Eu me sentia bastante próspero e provavelmente dava tal impressão. Um empresário de peso, você diria, desde que não tivesse visto o carro. Fiquei feliz por ter vestido meu terno novo — de flanela azul com uma lista fina branca, que me vai muito bem, por produzir o que o alfaiate chama de "efeito redutor". E diga o que quiser, mas é muitíssimo agradável num dia de junho, com o sol brilhando nos gerânios cor-de-rosa nas floreiras da janela, entrar num bom hotel campestre com a perspectiva de saborear um cordeiro com molho de menta. Não que me seduza especialmente a hospedagem em hotéis. Deus sabe que já tive a minha cota deles, que em 99% das vezes são aqueles famigerados estabelecimentos "de lazer e negócios", como o Rowbottom, onde supostamente eu deveria estar alojado naquele momento, o tipo de lugar onde se paga cinco libras por quarto com café da manhã incluído e onde os lençóis estão sempre úmidos e as torneiras da banheira jamais funcionam. O George ficara tão chique que eu não o reconheceria. Nos velhos tempos, não era um hotel, mas apenas um

pub, embora tivesse um ou dois quartos para alugar e costumasse oferecer um almoço para fazendeiros (rosbife e pudim Yorkshire, sonhos salgados e queijo Stilton) nos dias de feira. Tudo parecia diferente, salvo o bar, do qual tive um vislumbre ao passar, que continuava igualzinho. Atravessei um corredor com carpete macio e gravuras de caçadas, além de panelas de cobre e cacarecos similares pendurados nas paredes. Vagamente me lembrei do corredor como ele era no passado, com as pedras ocas do chão e o cheiro de gesso misturado ao de cerveja. Uma jovem elegante, com cabelo ondulado e vestido preto, que supus ser a recepcionista ou algo assim, pediu meu nome no balcão.

— O senhor deseja um quarto? Claro, senhor. Pode me dar seu nome, por favor?

Fiz uma pausa. Afinal, esse era meu grande momento. Naturalmente ela conhecia meu sobrenome. Ele não é comum, e há muitos de nós no cemitério da igreja. Somos uma das famílias tradicionais de Lower Binfield, os Bowling de Lower Binfield. E, embora de certa forma incomode ser reconhecido, eu vinha ansiando por isso.

— Bowling — disse, com certa distinção. — Sr. George Bowling.

— Bowling. B-O-A... Ah! B-O-W? Muito bem. E o senhor veio de Londres?

Nenhuma reação. Nadinha. Ela jamais ouvira falar de mim. Jamais ouvira falar de George Bowling, filho de Samuel Bowling — Samuel Bowling, que, caramba!, tomara sua cerveja naquele pub todos os sábados ao longo de trinta anos.

O restaurante mudara também.

Eu me lembrava do antigo, embora jamais tivesse feito uma refeição ali, com sua lareira marrom, o papel de parede cor de bronze amarelado — nunca atinei se a cor era para ser aquela mesma ou se ficara assim devido ao uso e à fumaça — e o quadro a óleo, também de autoria de William Sandford, pintor & marceneiro, da batalha de Tel-el-Kebir. Agora, a reforma dera ao local um ar medieval. Lareira de tijolos com chaminé, uma enorme viga atravessando o teto, revestimento de madeira nas paredes, e cada pedacinho uma falsificação passível de ser descoberta a cinquenta metros de distância. A viga era de carvalho genuíno, tirada de algum velho barco à vela, provavelmente, mas não lhe cabia função alguma, e desconfiei do revestimento assim que botei os olhos nele. Quando me sentei e o jovem garçom elegante se aproximou brincando com seu guardanapo, bati na madeira atrás de mim. Sim! Eu sabia! Sequer era madeira! Forjam o troço com algum material barato e depois pintam por cima.

Mas o almoço não estava ruim. Comi meu cordeiro com molho de menta e tomei uma garrafa de vinho branco com um nome francês, que me fez arrotar um pouco, mas me deixou feliz. Havia outra pessoa almoçando, uma mulher de uns trinta anos com cabelo louro, parecendo ser viúva. Eu me perguntei se estaria hospedada no George e fiz vagos planos de me dar bem com ela. É engraçado como os nossos sentimentos se embaralham. Metade do tempo eu via fantasmas. O passado se intrometia no presente: dia de feira, e os fazendeiros corpulentos esparramados nas cadeiras com as pernas esticadas debaixo da mesa comprida, as esporas arranhado o chão de pedra, e

comendo uma quantidade de carne e acompanhamento difícil de crer que um corpo humano pudesse digerir. E agora as mesinhas com suas toalhas alvas brilhantes e taças de vinho e guardanapos dobrados e a decoração artificial e o clima de prosperidade apagava de novo essa imagem. E eu pensava "Tenho 12 libras e um terno novo. Quem diria que um dia o garoto Georgie Bowling voltaria a Lower Binfield dirigindo o próprio carro?", e então o vinho me aqueceu as entranhas e olhei de soslaio para a mulher de cabelo louro e mentalmente a despi.

Aconteceu o mesmo à tarde, enquanto eu estava no saguão — mais uma vez falso medieval, mas com poltronas aerodinâmicas de couro e mesas de tampo de vidro — tomando conhaque e fumando um charuto. Eu via fantasmas, sim, mas, de maneira geral, estava aproveitando. Na verdade, me sentia um pouco ébrio e torcia para que a mulher loura entrasse, de modo a podermos nos apresentar um ao outro. Ela não apareceu, porém. Por volta da hora do chá, me levantei e saí.

Andei até a praça do mercado e virei à esquerda. A loja! Foi engraçado. Vinte e um anos antes, no dia do enterro de mamãe, eu passara por ela no cabriolé da estação e a vira toda fechada com a placa queimada por um maçarico sem dar a mínima. E agora, quando já ampliara em muito a distância no tempo, quando já havia detalhes sobre o interior da casa de que eu não mais me lembrava, a ideia de vê-la de novo mexeu com meu coração e com minhas entranhas. Passei pela barbearia. Continuava a ser uma barbearia, embora com outro nome. Um odor suave, cálido, amendoado, vinha lá de dentro. Não tão bom quanto o velho odor de rum e fumo de cachimbo. A loja — a nossa loja — ficava vinte metros adiante. Ah!

Uma placa com aparência artística — pintada pelo mesmo sujeito que fizera a do George, o que não me surpreendeu — pendia acima da

porta:

CONFEITARIA DA WENDY
CAFÉ DA MANHÃ
BOLOS CASEIROS

Uma confeitaria!

Suponho que, se fosse um açougue ou uma loja de ferragens ou qualquer outra coisa que não uma loja de grãos, a minha reação fosse igualmente de choque. É absurdo que o fato de ter nascido numa determinada casa faça você se achar detentor de direitos sobre ela pelo resto da vida, mas a verdade é essa. O lugar fazia jus ao nome, sem dúvida. Cortinas azuis na vitrine e um ou dois bolos em exposição, o tipo de bolo coberto de chocolate e com uma única noz plantada no meio. Entrei. Na verdade, eu não queria comer nada, mas precisava ver a loja por dentro.

Evidentemente haviam transformado não apenas a loja, mas o que costumava ser a sala de estar em confeitaria. Quanto ao pátio dos fundos, onde ficava a lixeira e onde costumava crescer a hortinha do papai, o terreno havia sido cimentado e mobiliado com mesas rústicas e hortênsias. Entrei na sala de estar. Mais fantasmas! O piano e os textos na parede e as duas velhas poltronas vermelhas encaroçadas em que papai e mamãe se sentavam de frente para a lareira, lendo a *People* e o *News of the World* nas tardes de domingo! O lugar havia sido reformado num estilo ainda mais antigo do que o do George com mesinhas e um candelabro de ferro batido e pratos de estanho pendurados na parede. Você já notou como eles conseguem tornar escuras essas confeitarias sofisticadas? Suponho que seja parte da

atmosfera antiquada. E em lugar de uma garçonete comum, havia uma jovem usando uma espécie de guarda-pó estampado que me recebeu com expressão azeda. Pedi-lhe um chá, que ela levou dez minutos para trazer. Você sabe como é esse tipo de chá — chá chinês, tão fraco que parece água até botarmos o leite. Eu estava sentado quase exatamente onde a poltrona do meu pai ficava. Por pouco não dava para ouvir sua voz, lendo em voz alta uma "matéria", como ele chamava, da *People*, sobre as novas máquinas voadoras ou sobre o sujeito que tinha sido engolido por uma baleia, ou algo parecido. Foi uma sensação extremamente peculiar estar ali sob falsos pretextos e poder ser expulso se descobrissem quem eu era. Ao mesmo tempo, senti certa vontade de contar a alguém que eu nascera ali, que pertencia àquela casa, ou melhor (o que eu sentia realmente) que a casa pertencia a mim. Ninguém mais estava tomando chá. A moça de guarda-pó estampado não saía de perto da janela, e pude ver que, se não fosse pela minha presença, ela estaria palitando os dentes. Mordi uma das fatias de bolo que ela trouxera. Bolos caseiros uma ova! Desde quando bolos caseiros usam margarina e essência de ovo? Mas no final não resisti e disse:

— Você mora há muito tempo em Lower Binfield?

Ela levou um susto, pareceu surpresa e não respondeu. Tentei de novo:

— Eu já morei em Lower Binfield, muito tempo atrás.

De novo nenhuma resposta, ou apenas algo que não consegui ouvir. Ela me lançou um olhar gélido e depois voltou a olhar pela janela. Eu entendi. Demasiado bem-nascida para entabular conversa com fregueses. Além disso, provavelmente achou que eu estava flertando. De que adiantava eu lhe dizer que nascera na casa? Mesmo se ela

acreditasse, não lhe interessaria. Jamais ouvira falar em Samuel Bowling, comerciante de milho e grãos. Paguei a conta e fui embora.

Caminhei até a igreja. Uma coisa que eu temia um pouco e quanto à qual nutria alguma expectativa era ser reconhecido por gente que eu conhecia. Mas tal preocupação se revelou infundada: não vi um único rosto conhecido nas ruas. Era como se a cidade toda tivesse uma nova população.

Quando cheguei à igreja, vi por que havia sido necessário um novo cemitério. O da igreja estava cheio até o limite, e metade das sepulturas ostentava nomes desconhecidos. Mas os nomes que eu conhecia foram bem fáceis de achar. Circulei entre os túmulos. O sacristão acabara de cortar a grama e havia um odor de verão até ali. Estavam todos sozinhos, todos os adultos da minha infância. Gravitt, o açougueiro, e Winkle, o outro comerciante de grãos, e Trew, o antigo administrador do George, e a sra. Wheeler da loja de doces... todos jaziam ali. Shooter e Wetherall estavam um de frente para o outro de cada lado da aleia, como se ainda cantassem na igreja. Então Wetherall não chegara aos cem anos, afinal. Nascido em 1843 e "levado desta vida" em 1928. Mas ganhara de Shooter, como sempre. Shooter morrera em 1926. Como o velho Wetherall devia ter aproveitado aqueles últimos dois anos sem ninguém para concorrer com ele na cantoria! E o velho Grimmett, sob um enorme troço de mármore com o formato de uma torta de vitela e presunto e uma grade de ferro em volta, e num canto, toda uma fornada de Simmons debaixo de cruzinhas baratas. Todos de volta ao pó. O velho Hodges com seus dentes amarelados de tabaco, e Lovegrove com a basta barba marrom, e lady Rampling com o cocheiro e o lacaio, e a tia de Harry Barnes, que tinha um olho de vidro, e Brewer, da Fazenda do Moinho, com sua velha cara de mau como se

tivesse sido esculpida numa casca de noz — nada restara de nenhum deles, salvo uma placa de pedra e Deus sabe o que mais debaixo da terra.

Encontrei o túmulo de mamãe e, ao lado, o de papai. Ambos em ótimo estado de conservação. O sacristão havia mantido a grama cortada. Tio Ezekiel estava a uma pequena distância. Várias sepulturas antigas tinham sido aplainadas, e os antigos adornos de madeira, aqueles que antes pareciam arremates de cabeceiras de cama, haviam sido removidos. O que se sente ao ver os túmulos dos nossos pais depois de vinte anos? Não sei o que se deve sentir, mas vou dizer o que eu senti, ou seja, nada. Papai e mamãe jamais desapareceram da minha cabeça, como se existissem em algum lugar numa espécie de eternidade, mamãe atrás do bule marrom, papai com sua careca meio farinhenta e os óculos e o bigode grisalho, paralisados para sempre como as pessoas nas fotos, e mesmo assim, de alguma forma, vivos. Aquelas caixas de ossos ali na terra não me pareciam ter coisa alguma a ver com eles. Enquanto fiquei de pé ali, comecei a me perguntar o que sentimos quando somos nós debaixo da terra, se nos importamos muito e quando paramos de nos importar. Então, uma sombra pesada me abarcou e levei um susto.

Olhei por cima do ombro. Era apenas um bombardeiro que se interpusera entre mim e o sol. O lugar parecia fervilhar com eles, que abundavam na cidade.

Entrei na igreja. Pela primeira vez desde a minha volta a Lower Binfield, não tive a sensação fantasmagórica, ou melhor, a tive de um jeito diferente. Porque nada havia mudado. Nada, salvo que todos haviam sumido. Até os genuflexórios estavam iguais. O mesmo cheiro poeirento e adocicado de cadáver. E Deus do céu! O mesmo buraco na

janela, embora, por ser de noitinha e o sol estar do outro lado, o facho de luz não penetrasse na nave. Ainda havia bancos — não tinham sido trocados por cadeiras. Lá estava o nosso, e o que ficava na frente, de onde Wetherall bramia contra Shooter. Siom, rei dos amorreus, e Ogue, rei de Basã! E as pedras gastas no corredor onde ainda era quase possível ler os epitáfios dos sujeitos que jaziam debaixo elas. Eu me agachei para dar uma olhada na que ficava em frente ao nosso banco. Ainda sabia de cor os pedaços legíveis. Até o padrão que formavam parecia ter ficado gravado na minha memória. Deus sabe com que frequência eu lia aquilo durante o sermão.

Aqui ..... filho de.....
nesta paroq ..... justo &
exemplar .....
A suas ..... muitas bênçãos pessoais
acrescentou uma diligente .....
.....
..... amada esposa
Amelia, por ..... sete filhas .....

Lembrei como os longos S me confundiam na infância. Quando menino, eu me perguntava se nos velhos tempos pronunciavam os S como F e, se assim o faziam, por quê.

Ouvi o som de passos atrás de mim. Ergui o olhar. Um sujeito usando uma sotaina estava ao meu lado. Era o vigário.

Eu quis dizer O vigário! O velho Betterton, que já era vigário nos velhos tempos — não desde a minha mais tenra infância, mas a partir

de 1904 ou por aí. Eu o reconheci de imediato, embora seu cabelo estivesse branco.

Ele não me reconheceu. Eu não passava de um viajante gordo vestindo um terno azul e fazendo turismo na cidade. Deu boa-noite e logo engatou a conversa costumeira — que se eu gostasse de arquitetura aquele era um notável prédio antigo, as fundações remontavam à era saxônica e coisa e tal. Não demorou a assumir a função de guia, me mostrando o que havia para ver — o arco normando que levava à sacristia, a efígie de bronze de sir Roderick Bone, morto na Batalha de Newbury. E eu o segui com aquele tipo de expressão de cachorro magro que os empresários de meia-idade sempre ostentam quando alguém lhes mostra uma igreja ou uma galeria de arte. Por acaso eu lhe disse que era Georgie Bowling, filho de Samuel Bowling — ele se lembraria do meu pai ainda que não de mim —, e que eu não só ouvira seus sermões durante dez anos e frequentara suas aulas de Crisma, mas até mesmo pertencera ao Círculo de Leitura de Lower Binfield e lera trechos de *Sesame and Lilies* só para agradá-lo? Não, eu não disse. Simplesmente o segui, fazendo o tipo de observações de praxe quando alguém lhe diz que isso ou aquilo tem quinhentos anos e você não tem ideia do que responder, salvo "Quem diria!". Do momento em que lhe pus os olhos, resolvi deixá-lo pensar que eu era um desconhecido. Assim que considerei educadamente possível, deixei uma moeda de seis centavos cair na caixinha de coleta para as despesas da paróquia e me escafedi.

Mas por quê? Por que não fazer contato, já que finalmente eu encontrara alguém conhecido?

Porque a mudança em sua aparência após vinte anos realmente me aterrorizara. Suponho que você ache que ele me pareceu mais velho.

Mas não! Ele me pareceu MAIS JOVEM. E de repente isso me ensinou uma coisa a respeito da passagem do tempo.

Imagino que o velho Betterton tenha uns 65 anos, o que significa que quando o vi por último ele devia ter uns 45 — minha idade atual. Seu cabelo está branco agora, e no dia em que enterrou mamãe era grisalho, como um pincel de barba. No entanto, assim que o vi a primeira coisa que me ocorreu foi que ele parecia mais novo. Eu o imaginava como um velho bem velho e afinal ele não estava tão velho assim. Na infância, me lembrei, todos que tinham mais de quarenta me pareciam anciãos decrépitos, tão velhos que praticamente não se distinguiam uns dos outros. Um homem de 45 anos me parecera mais velho do que o velho cambaleante de 65 me parecia agora. Cristo! Eu mesmo estava com 45 anos. Fiquei assustado.

Quer dizer que essa é a minha aparência para sujeitos de vinte anos, pensei, enquanto saía por entre as sepulturas. Uma pobre carcaça velha. Um sujeito acabado. Era curioso. Via de regra, não dou a mínima para a minha idade. Por que deveria? Sou gordo, mas forte e saudável. Posso fazer tudo que quiser. Uma rosa tem o mesmo aroma que tinha para mim aos vinte anos. Mas será que eu tenho o mesmo aroma para a rosa? Como em resposta, uma garota de uns 18 anos vinha subindo o pátio do cemitério. Precisava passar a um ou dois metros de mim. Vi o olhar que me lançou, não mais que um rápido olhar momentâneo. Não, não foi um olhar amedrontado nem hostil. Apenas meio selvagem, distante, como o de um animal selvagem que fitamos nos olhos. Ela nascera e crescera nesses vinte anos em que estive longe de Lower Binfield. Todas as minhas lembranças soariam sem sentido para ela. Vivia num mundo diferente do meu, como um animal.

Voltei ao George. Queria uma bebida, mas o bar só abriria dali a meia hora. Estava no saguão, lendo um *Sporting and Dramatic* do ano anterior, quando a loura que eu achava ser viúva entrou. Senti um desejo repentino e ansioso de cortejá-la. Quis mostrar a mim mesmo que ainda havia vida nesta carcaça velha, mesmo que precise de dentes falsos. Afinal, pensei, se ela tem trinta anos e eu, 45, não há nada de inadequado. Eu estava de costas para a lareira fingindo aquecer o meu traseiro, do jeito como se faz num dia de verão. Com meu terno azul, minha aparência não era ruim. Meio gordo, sem dúvida, mas distinto. Um homem do mundo. Podia ser confundido com um corretor de ações. Adotei meu melhor sotaque e comentei casualmente:

— Que mês de junho maravilhoso este...

Uma observação bastante inofensiva, certo? Nada a ver com "Por acaso não nos conhecemos de algum lugar?".

Porém, não fez sucesso. Ela não respondeu, meramente baixou por meio segundo o jornal que lia e me lançou um olhar capaz de trincar uma vidraça. Foi horrível. Tinha aqueles olhos azuis que penetram na gente como uma bala. Naquele milésimo de segundo, percebi o quanto eu me equivocara na sua avaliação. Ela não era o tipo de viúva de cabelo tingido que gosta de ser levada para dançar. Pertencia à classe média-alta, provavelmente era filha de um almirante e frequentara uma dessas escolas de elite onde se joga hóquei. E eu me avaliara equivocadamente também. Com ou sem terno novo, eu não PODERIA passar por um corretor de ações. Parecia meramente um representante comercial itinerante que por acaso ganhou uma grana extra. Escapuli para o bar a fim de tomar uma ou duas cervejas antes do jantar.

A cerveja não era a mesma. Eu me lembro da de antigamente, a boa cerveja do Vale do Tâmisa que costumava ter algum sabor porque era

feita de água calcária. Perguntei à atendente do bar:

— Os Bessemer ainda são donos da cervejaria?

— Bessemer? Não, não! Eles se mudaram faz anos... Muito antes de virmos para cá.

Era do tipo amistoso, o que chamo de atendente de bar irmã mais velha, com uns 35 anos, um rosto simpático e os braços musculosos que resultam de manejar a alavanca da máquina de cerveja. Ela me forneceu o nome do grupo comercial que assumira a cervejaria. Dava para adivinhar pelo sabor, na verdade. Os três bares diferentes eram dispostos num círculo com divisórias. No lado oposto, que era aberto ao público, dois sujeitos jogavam dardos e no Jug and Bottle um outro cliente, que eu não conseguia ver, de vez em quando fazia uma observação num tom sepulcral. A atendente do bar apoiou os braços gordos no balcão e puxou conversa comigo. Listei os nomes das pessoas que eu conhecia, e ela jamais ouvira falar de nenhuma delas. Disse que tinha se mudado para Lower Binfield cinco anos antes. Sequer ouvira falar do velho Trew, que era dono do George nos velhos tempos.

— Eu morei em Lower Binfield — falei. — Faz um bocado de tempo, antes da guerra.

— Antes da guerra! Ora, ora! Você não parece tão velho.

— Deve ter visto muitas mudanças, imagino — disse o sujeito no Jug and Bottle.

— A cidade cresceu — falei. — São as fábricas, suponho.

— Claro que a maioria trabalha nas fábricas. Tem a de gramofones e a Truefitt, de meias. Mas é óbvio que no momento estão fabricando bombas.

Não entendi por que seria tão óbvio, mas ela começou a me contar sobre um jovem que trabalhava na fábrica Truefitt e às vezes ia ao George que lhe dissera que estavam fabricando bombas e meias, já que as duas coisas, por algum motivo que me escapou, eram fáceis de combinar. Depois, ela me falou sobre o grande aeródromo militar perto de Walton — o que explicava os bombardeiros que eu via a toda hora — e no instante seguinte começamos a falar da guerra, como de hábito. Engraçado. Era precisamente para escapar dos pensamentos de guerra que eu estava ali. Mas como escapar? Está no ar que respiramos.

Eu disse que a guerra viria em 1941. O sujeito no Jug and Bottle falou que considerava um mau negócio. A atendente do bar disse que a ideia a deixava arrepiada:

— Não parece haver remédio, no final das contas, certo? Às vezes, fico acordada à noite e escuto um daqueles monstrengos passar lá em cima e penso: "Ora, suponhamos que ele jogasse uma bomba neste instante em cima de mim!" E toda essa conversa de Defesa Passiva, e a srta. Todgers, que é a mandachuva, dizendo que não tem problema se a gente ficar calmo e cobrir as janelas com jornal e todos dizem que vão construir um abrigo antiaéreo debaixo da prefeitura. Mas, quando penso direito, me pergunto: "Como se bota uma máscara de gás num bebê?"

O sujeito no Jug and Bottle disse que lera no jornal que bastava entrar num banho quente até estar tudo acabado. Os caras no bar público escutaram e houve um pouco de discussão sobre o número de pessoas que poderia entrar no mesmo banho e ambos perguntaram à atendente do bar se podiam partilhar com ela a mesma banheira. Ela retrucou que os dois deixassem de ser engraçadinhos e foi até o outro extremo do bar e lhes pôs na frente mais algumas canecas de cerveja. Tomei um

gole da minha. Era um bocado ruim. *Bitter*, é como chamam. E era amarga mesmo, com certeza, demasiado amarga, com certo gosto de enxofre. Produtos químicos. Dizem que não botam mais lúpulo inglês na cerveja hoje em dia, que todo ele vira produto químico. Os produtos químicos, por sua vez, viram cerveja. Eu me peguei pensando no tio Ezekiel, o que ele diria sobre cervejas assim e o que teria a dizer sobre Defesa Passiva e os baldes de areia que supostamente apagam as bombas incendiárias. Quando a atendente voltou para o meu lado do balcão, perguntei:

— Por falar nisso, quem é o proprietário da Mansão atualmente?

Sempre nos referíamos ao lugar como a Mansão, embora o nome fosse Binfield House. De imediato, ela não entendeu.

— A Mansão?

— Ele está falando da Binfield House — explicou o sujeito no Jug and Bottle.

— Ah, a Binfield House! Achei que queria saber do Memorial. O dr. Merrall é o atual proprietário da Binfield House.

— Dr. Merrall?

— Sim, senhor. Ele tem mais de sessenta pacientes lá, dizem.

— Pacientes? Transformaram a mansão num hospital?

— Bom... Não é propriamente um hospital comum. É mais um sanatório. São doentes mentais, na verdade. O que chamam de asilo psiquiátrico.

Um hospício!

Mas afinal o que mais seria de se esperar?

Eu me levantei da cama com um gosto ruim na boca e os ossos estalando.

O fato é que, com uma garrafa de vinho no almoço e outra no jantar e várias cervejas no meio, eu bebera demais na véspera. Durante um bocado de tempo, fiquei ali plantado no tapete, olhando para o nada e demasiado zonzo para fazer algum movimento. Você sabe como é aquela sensação horrorosa que a gente às vezes tem logo cedo de manhã. Ela afeta basicamente as pernas, mas nos diz mais claramente que quaisquer palavras: "Por que diabos você continua insistindo? Anda, cara, vamos meu velho! Enfia a cabeça no forno a gás!"

Então enfiei a dentadura e me aproximei da janela. Novamente um lindo dia de junho, e o sol começava a se erguer acima dos telhados e iluminar a frente das casas do outro lado da rua. Os gerânios cor-de-rosa nas floreiras tinham certo charme. Embora fosse apenas oito e meia e essa não passasse de uma rua lateral à praça do mercado, havia uma boa quantidade de gente indo e vindo. Uma procissão de sujeitos com aspecto de auxiliares de escritório vestindo ternos escuros e carregando pastas de documentos andava apressada na mesma direção, como se esse fosse um subúrbio londrino e todos se dirigissem para o metrô. A garotada da escola seguia para a praça do mercado em pares e trios. Tive a mesma impressão que tivera na véspera quando vi a selva de casinhas vermelhas que engolira Chamford Hill. Malditos intrusos! Vinte mil invasores que sequer sabiam meu nome. E ali estava toda essa nova vida formigando, e ali estava eu, um pobre coitado gordo com dentes falsos, observando-os de uma janela e resmungando coisas que ninguém queria ouvir sobre fatos ocorridos trinta ou

quarenta anos antes. Cristo!, pensei, eu errei ao achar que estava vendo fantasmas. Eu sou o fantasma. Morri e eles estão vivos.

Mas depois do café da manhã — hadoque, fígado grelhado, torrada e geleia e um bule de café —, comecei a me sentir melhor. A loura cheia de pose não estava tomando café no restaurante, havia um ameno clima estival no ar e eu não conseguia me livrar da sensação de que naquele meu terno azul eu parecia um tantinho distinto. Pelo amor de Deus!, pensei, se sou um fantasma, hei de SER um fantasma. Vou caminhar, vou assombrar aqueles velhos locais. E talvez possa lançar magia negra sobre esses canalhas que afanaram minha terra natal.

Saí, mas não havia passado da praça do mercado quando fui surpreendido por algo que não esperara ver. Uma fila de uns cinquenta estudantes marchava pela rua em colunas de quatro — quase um desfile militar — com uma mulher de expressão fechada marchando ao lado como um sargento. Os quatro primeiros carregavam um cartaz com uma moldura em vermelho, branco e azul e a legenda PREPAREM-SE, BRITÂNICOS escrita em letras enormes. O barbeiro da esquina chegara até a porta da loja para observar. Falei com ele. Era um cara de cabelo preto brilhante e um rosto sem expressão.

— O que esses garotos estão fazendo?

— É um ensaio de ataque aéreo — respondeu ele, vagamente. — Defesa Passiva. Tipo um treinamento. Aquela ali é a srta. Todgers.

Eu devia ter adivinhado que era a srta. Todgers. Dava para ver no seu olhar. Você sabe como é esse tipo de demônio velho com cabelo grisalho e uma cara defumada que é sempre encarregada de comandar destacamentos de meninas escoteiras, albergues da juventude e congêneres. Ela vestia um paletó e uma saia que se assemelhavam a um uniforme e passavam a nítida impressão de que estava usando um cinto

Sam Browne,[04] embora, na verdade, não estivesse. Conheço esse tipo. Foi do Corpo Militar Auxiliar Feminino na guerra e desde então jamais teve qualquer diversão. Essa Defesa Passiva lhe caía como uma luva. Quando as crianças passaram, eu a ouvi comandá-las com um grito de sargento: "Mônica! Levante o pé do chão!", e vi que os últimos quatro levavam outro cartaz com a moldura em vermelho, branco e azul, em que se lia no meio:

ESTAMOS PRONTOS. E VOCÊ?

— Para que eles ficam marchando para cima e para baixo? — indaguei ao barbeiro.

— Sei lá. Acho que deve ser uma espécie de propaganda.

Eu sabia, claro. Mobilize as crianças em relação à guerra. Deem a todos nós a impressão de que não há como escapar dela, os bombardeiros estão chegando com a infalibilidade do Natal, então já para o porão sem discutir. Dois dos grandes aviões negros de Walton zumbiam acima, no extremo leste da cidade. Cristo!, pensei, quando começar, não haveremos de nos surpreender mais do que com uma chuvarada. Já estamos de ouvido atento à primeira bomba. O barbeiro prosseguiu dizendo que, graças ao esforço da srta. Todgers, os estudantes já haviam recebido suas máscaras de gás.

Bom, comecei a explorar a cidade. Passei dois dias apenas perambulando em torno dos velhos pontos de referência, aqueles que pude identificar. E durante todo esse tempo jamais cruzei com uma alma que me conhecesse. Eu era um fantasma, e ainda que não fosse efetivamente invisível, era assim que me sentia.

Foi estranho, mais estranho do que sou capaz de descrever. Você já leu um conto de H. G. Wells sobre um cara que estava em dois lugares ao mesmo tempo — ou seja, na verdade estava em casa, mas tinha uma espécie de alucinação em que ali era o fundo do mar? Andava pela sala, mas, em lugar das mesas e cadeiras, via as algas ondulando e os grandes caranguejos e lulas tentando pegá-lo. Durante horas eu vagara por um mundo que não estava lá. Contava meus passos na calçada e pensava: "Sim, aqui é onde começa o pasto de fulano. A cerca atravessa a rua e atravessa aquela casa. A bomba de gasolina na verdade é um olmo. E esta é a cerca dos lotes. E esta rua (uma pequena e lúgubre fileira de casas geminadas chamada de Cumberlegde Road, me lembro) era o caminho que a gente costumava fazer com Katie Simmons, e em ambos os lados cresciam nogueiras." Sem dúvida, eu estava errado quanto às distâncias, mas basicamente as direções eram as certas. Não creio que alguém que não tivesse nascido ali acreditaria que essas ruas eram campos há vinte anos apenas. Parecia que o interior fora enterrado por uma erupção vulcânica vinda da periferia. Quase tudo que antes era a propriedade do velho Brewer havia sido engolido pelo conjunto habitacional municipal. A fazenda do moinho sumira, o lago para gado onde pesquei meu primeiro peixe tinha sido drenado, aterrado e estava cheio de construções, de modo que nem dava para saber exatamente onde ficava no passado. Existiam somente casas e mais casas, pequenos cubos vermelhos todos iguais com cercas vivas e caminhos de asfalto até a porta da frente. Para além do conjunto habitacional, a cidade encolhia um pouco, mas os construtores de moradias baratas vinham se esforçando. E também havia pequenos núcleos de casas salpicados aqui e acolá, onde quer que alguém tivesse conseguido comprar um terreno, estradas improvisadas que levavam às

casas e lotes vazios com placas de construtores e pedaços de campos abandonados cobertos de mato e latas descartadas.

No centro da cidade velha, por outro lado, as coisas não haviam mudado muito, no que tange aos prédios. Boa parte das lojas ainda comercializava os mesmos produtos, embora os nomes fossem diferentes. A Lilywhite's continuava a ser uma loja de tecidos, mas não parecia muito próspera. A que antes pertencia a Gravitt, o açougueiro, agora vendia componentes de rádio. A pequena vitrine da sra. Wheeler tinha sido fechada com tijolos. A Grimmett ainda era uma mercearia, mas pertencia agora ao grupo International. Isso dá uma ideia do poder desses grandes conglomerados, capazes de engolir até mesmo um velho pão-duro como Grimmett. Mas pelo que conheço dele — sem falar naquela lápide chamativa no cemitério da igreja — aposto que saltou fora enquanto ia bem e levou para o céu com ele entre dez e 15 mil libras. A única loja que continuava nas mesmas mãos era o Sarazins', o pessoal que arruinou meu pai. Adquirira proporções enormes e contava com uma imensa filial na parte nova da cidade, mas partira para uma espécie de armazém geral e vendia móveis, remédios, cutelaria e ferragens, bem como utensílios de jardinagem.

Durante dois dias quase inteiros, perambulei pela cidade, sem gemer nem arrastar correntes, mas às vezes tentado a fazê-lo. Também estava bebendo mais do que seria saudável para mim. Praticamente assim que cheguei a Lower Binfield comecei a encher a cara, e depois disso os pubs quase nunca pareciam abrir cedo demais. Minha língua já estava seca meia hora antes do horário de abertura.

Veja bem, meu humor não era o mesmo o tempo todo. Às vezes eu tinha a impressão de não dar a mínima para o fato de Lower Binfield ter sido obliterada. Afinal, para que eu fora até lá, salvo para me afastar da

família? Não havia motivo para deixar de fazer as coisas que eu queria, inclusive pescar se me desse vontade. Na tarde de sábado, fui até a loja de equipamento de pesca na High Street e comprei uma vara de bambu (sempre desejei uma dessas quando era menino — custam um pouco mais que as de coração-verde) e anzóis, iscas e todo o resto. A atmosfera da loja me animou. Tudo pode mudar, mas equipamentos de pesca não mudam — porque, claro, os peixes também não mudam. E o lojista não viu nada de mais num gordo de meia-idade comprar uma vara de pesca. Ao contrário, tivemos uma conversinha sobre a pesca no rio Tâmisa e o baita ciprinídeo que alguém pegara no ano anterior com uma pasta feita de pão preto, mel e picadinho de coelho cozido. Cheguei mesmo — embora sem lhe dizer para o que o queria, já que até para mim era difícil admiti-lo — a comprar a linha de pesca mais resistente para salmões, bem como alguns anzóis nº 5, de olho naquelas carpas grandonas da Binfield House, caso ainda estivessem por lá.

Passei boa parte da manhã de domingo debatendo mentalmente: devia ou não ir pescar? Num momento eu pensava "por que não?". E no momento seguinte me parecia ser apenas uma daquelas coisas com que sonhamos e jamais fazemos. Mas à tarde peguei o carro e fui até Burford Weir. Achei que daria apenas uma olhada no rio e no dia seguinte, se o tempo estivesse bom, talvez levasse minha nova vara de pesca e vestisse o velho paletó e a calça cinza de flanela que estavam na mala para aproveitar um bom dia de pescaria. Ou três ou quatro, se me aprouvesse.

Dirigi até Chamford Hill. No sopé do morro, a estrada faz um desvio e corre paralela ao passeio da orla. Desci do carro e caminhei. Ah! Um aglomerado de pequenos bangalôs vermelhos e brancos brotara ao lado da estrada. Deveria ter previsto, claro. E parecia haver um monte de

carros estacionados. Quando me aproximei do rio ouvi o som — sim, aquele som! — de gramofones.

Fiz a curva e me deparei com o passeio da orla. Cristo! Mais um choque. O lugar estava coalhado de gente. E onde antes ficava a várzea haviam brotado confeitarias, máquinas caça-níqueis, quiosques de doces e sujeitos vendendo sorvete Walls. Era como estar em Margate. [05.] Eu me lembro do velho passeio da orla. Dava para caminhar ali por quilômetros e, com exceção dos vigias nas comportas e vez por outra um barqueiro caminhando devagar atrás do seu cavalo, jamais se via vivalma. Quando íamos pescar, sempre tínhamos o lugar só para nós. Em várias ocasiões fiquei sentado lá uma tarde inteira, e uma garça podia permanecer na parte rasa, a cinquenta metros da margem, pois durante três ou quatro horas seguidas não aparecia pessoa alguma para espantá-la. Mas de onde tirei a ideia de que homens adultos não pescam? Por todo lado nas margens, tanto quanto eu conseguia ver em ambas as direções, havia uma corrente contínua de pescadores, postados a cinco metros uns dos outros. Perguntei-me como teriam todos chegado lá, até me dar conta de que deveria haver algum clube de pesca ou algo do gênero por ali. E o rio estava cheio de barcos — barcos a remo, canoas, botes, lanchas a motor — cheios de jovens idiotas praticamente pelados, todos gritando e fazendo algazarra, a maioria carregando um gramofone a bordo também. As boias dos infelizes que tentavam pescar oscilavam para cima e para baixo ao sabor das marolas dos barcos a motor.

Caminhei um pouco. A água estava barrenta e agitada, a despeito do dia bonito. Ninguém pescava coisa alguma, nem mesmo vairões. Perguntei-me se nutriam alguma expectativa quanto a isso. Uma multidão como aquela bastaria para assustar qualquer peixe criado por

Deus. Na verdade, porém, enquanto observava as boias balançarem entre os copinhos de sorvete e os sacos de papel, tive dúvidas sobre se haveria peixes para serem pescados. Ainda existem peixes no rio Tâmisa? Suponho que sim. Mesmo assim, juro que a água do Tâmisa não é mais como a de antigamente. A cor é bem diferente. Claro que você vai pensar que não passa de imaginação da minha parte, mas garanto que não é isso. Sei que a água mudou. Lembro como a água do Tâmisa era antes, de um verde luminoso que nos deixava ver as profundezas e cardumes de escalos que deslizavam sob a superfície. Não era possível ver dois palmos abaixo da água agora. Tudo marrom e sujo, com uma camada de óleo deixada pelos barcos a motor, sem falar nas guimbas de cigarro e nos sacos de papel.

Passado um tempo, dei meia-volta. Não suportei mais o barulho dos gramofones. *Claro, era sábado*, pensei. Talvez não fosse tão ruim num dia de semana. Mas, afinal, eu sabia que jamais poria os pés novamente lá. Que apodreçam no inferno, que fiquem com a droga do rio. Onde quer que eu vá pescar não será no rio Tâmisa.

A multidão me atropelava. Uma multidão de malditos forasteiros e quase todos jovens. Rapazes e moças circulavam alegremente em duplas. Um bando de garotas passou por mim, usando calças boca de sino e quepes brancos como os da Marinha americana, com slogans pintados. Uma delas, devia ter uns 17 anos, estampava no seu POR FAVOR, ME BEIJE. Eu não me recusaria. Num impulso, de repente me virei e me apoiei numa das máquinas que leem a sorte. Ouvi um clique lá dentro — você sabe como elas funcionam: leem a sua sorte e dizem o seu peso — e dela saiu um cartão datilografado.

"Você é dono de talentos excepcionais", li, "mas devido à modéstia excessiva jamais recebeu sua recompensa. Os que o cercam

subestimam sua capacidade. Você aprecia em demasia ficar à margem e deixar que outros levem o crédito pelo que você fez. É sensível, afetuoso e sempre leal com seus amigos. Você exerce uma profunda atração sobre o sexo oposto. Seu maior defeito é a generosidade. Persevere, pois você vai longe!

"Peso: 88 quilos e novecentos gramas."

Eu ganhara um quilo e meio nos últimos três dias, notei. Provavelmente por causa da cerveja.

Dirigi de volta ao George, larguei o carro na garagem e tomei uma tardia xícara de chá. Como era domingo, o bar levaria mais uma ou duas horas para abrir. Na temperatura fresca do finzinho do dia, saí e caminhei em direção à igreja.

Eu atravessava a praça do mercado quando notei que uma mulher andava um pouquinho adiante de mim. Assim que pus os olhos nela, tive a peculiar impressão de já tê-la visto em algum lugar. Você conhece essa sensação. Não conseguia ver seu rosto, claro, e com o acesso restrito às suas costas, nada havia que me possibilitasse identificá-la. Mesmo assim, eu podia jurar que a conhecia.

Ela subiu a High Street e entrou numa das ruas laterais à direita, a rua onde ficava a loja de tio Ezequiel. Eu a segui. Não sei exatamente por quê — em parte por curiosidade, talvez, e em parte por precaução. Meu primeiro pensamento foi que ali estava, finalmente, alguém que eu conhecera nos velhos tempos de Lower Binfield, mas quase no mesmo instante me ocorreu que era igualmente provável que fosse uma pessoa de West Bletchley. Nesse caso, eu precisaria tomar cuidado, porque se a mulher descobrisse que eu estava ali, possivelmente a informação chegaria até Hilda. Por isso, eu a segui com cautela, mantendo uma distância segura e examinando-a pelas costas tanto quando podia. Nada havia que chamasse a atenção. Tratava-se de uma mulher meio alta, meio gorda, com quarenta ou cinquenta anos, usando um vestido preto surrado. Não usava chapéu, como se tivesse dado uma saidinha rápida de casa, e a maneira como andava passava a impressão de que os sapatos estavam com os saltos gastos. No todo, dera a leve impressão de ser uma mulher da vida. Ainda assim, não havia coisa alguma para

identificar, salvo um quê que me pareceu familiar. Talvez fosse algo em seus movimentos. A mulher entrou numa pequena papelaria que também vendia balas, o tipo de lojinha que sempre fica aberta aos domingos. A proprietária estava de pé na entrada, mexendo no mostruário de cartões-postais. A mulher que eu seguia parou para jogar conversa fora.

Parei também, assim que consegui encontrar uma vitrine que eu pudesse fingir examinar. Era de material de banheiro e decoração em geral, e várias amostras de papel de parede e torneiras estavam expostas. A essa altura, eu estava a 15 metros das duas. Podia ouvir suas vozes trocando frases numa dessas conversas fiadas que as mulheres têm quando estão apenas passando o tempo. "Sim, é isso mesmo. É lá mesmo. Eu mesma disse a ele: 'Ora, você esperava o quê?' Não parece direito, parece? Mas não adianta. É como falar com uma parede. Uma vergonha!", e daí em diante a mesma lenga-lenga. Comecei a entender melhor. Obviamente a mulher que eu seguira era esposa de um pequeno lojista, como a outra. Eu estava justamente me perguntando se ela não seria uma das pessoas que eu conhecera em Lower Binfield, quando ela se virou quase que para mim e vi três quartos do seu rosto. E meu Deus! Era Elsie!

Sim, era Elsie. Sem chance de erro. Elsie! Aquela bruaca gorda!

Levei tamanho choque — não, veja bem, por tê-la reconhecido, mas por ver que ela ficara daquele jeito — que durante um momento minha visão oscilou. As torneiras de bronze e as pias de porcelana e o resto me pareceram desaparecer aos poucos, de modo que eu as via e não as via ao mesmo tempo. Igualmente por um instante, senti um medo mortal de que ela me reconhecesse. Mas olhando diretamente para mim, não mostrou sinal algum de reconhecimento. Mais um instante, ela se virou

e seguiu em frente. Mais uma vez, eu a segui. Era perigoso, ela podia me flagrar seguindo-a e começar a se perguntar quem eu era, mas eu precisava dar outra olhada. O fato é que senti um terrível fascínio. De certa forma, eu a observara antes, mas agora eu a observava com olhos bem diferentes.

Era horrível, e ainda assim senti uma espécie de interesse científico em estudar suas costas. É assustador o que 24 anos podem fazer a uma mulher. Vinte e quatro anos apenas, e a moça que a gente conheceu, com a pele alva como leite, a boca vermelha e o cabelo quase dourado, se transformara nessa bruaca de ombros largos, tropeçando com seus sapatos de saltos desgastados. Fiquei muito feliz por ser homem. Nenhum homem decai tão completamente assim. Sou gordo, tudo bem. Não estou em boa forma, você pode dizer. Mas pelo menos TENHO forma. Elsie sequer estava especialmente gorda, mas simplesmente não tinha forma. Coisas horrendas haviam acontecido com seus quadris. Quanto à cintura, sumira. Ela não passava de um cilindro irregular, como uma saca de farinha.

Eu a segui durante um bom tempo, para fora da cidade velha e através de um monte de ruazinhas feias que me eram desconhecidas. Por fim, ela entrou numa outra loja. Pela maneira como entrou, obviamente a loja era sua. Parei um instante em frente à vitrine. "G. Cookson, Doces e Tabaco". Elsie era a sra. Cookson. A lojinha suja e mal-ajambrada se parecia muito com a outra em que ela parara antes, só que menor e em condições bem piores. Parecia não vender nada além de tabaco e do tipo mais barato de doces. Imaginei o que eu poderia comprar que levasse um ou dois minutos. Então, vi alguns cachimbos baratos na vitrine e entrei. Precisei acalmar um pouco os

nervos antes, porque seria preciso mentir bastante, se por acaso ela me reconhecesse.

Elsie desaparecera no cômodo atrás da loja, mas voltou quando bati no balcão. Ficamos cara a cara. Ah!, nenhum sinal. Ela não me reconheceu. Apenas me olhou como eles olham para qualquer freguês. Você conhece o jeito como esses pequenos lojistas olham para a gente — com total falta de interesse.

Era a primeira vez que via por completo seu rosto, e embora eu mais ou menos esperasse o que vi, levei um choque quase tão grande quanto o que senti no momento em que a reconheci. Suponho que, quando olhamos o rosto de alguém jovem, até mesmo de uma criança, sejamos capazes de antecipar qual será a sua aparência ao envelhecer. É tudo uma questão de estrutura óssea. Mas, se tivessem me perguntado, quando eu tinha vinte anos e ela, 22, como seria Elsie aos 47, nunca imaginaria que ela um dia pudesse ficar ASSIM. O rosto todo despencara, como se tivesse sido puxado para baixo. Sabe aquele tipo de mulher de meia-idade cujo rosto lembra a cara de um buldogue? Mandíbulas salientes, a boca curvada nos cantos, olhos encovados com bolsas embaixo. Exatamente como um buldogue. E ainda assim era o mesmo rosto, eu o reconheceria em meio a um milhão. O cabelo não estava de todo grisalho, tinha uma cor suja e escasseara bastante. Para ela, eu era um desconhecido. Não passava de um freguês, um estranho, um gordo desinteressante. É curioso o que um ou dois dedos de gordura podem fazer. Me pergunto se mudei ainda mais que ela, ou se foi apenas porque ela não esperava me ver, ou se — sendo essa a explicação mais provável — ela simplesmente se esquecera da minha existência.

— ‘Noite — disse ela, naquele tom apático comum a esses comerciantes.

— Eu queria um cachimbo — falei num tom monocórdio. — Um cachimbo de madeira.

— Um cachimbo. Hum... Sei que temos cachimbos em algum lugar. Onde foi que eu... Ah! Aqui estão.

Pegou uma caixa de papelão cheia de cachimbos que estava sob o balcão. Como seu jeito de falar piorara! Ou talvez fosse apenas imaginação minha, já que o meu padrão melhorara. Não, ela costumava ser tão “superior”, todas as moças da Lilywhite eram tão “superiores”, e fazia parte do Círculo de Leitura do vigário. Juro que não costumava falar assim. É estranho como essas mulheres desabam quando se casam. Remexi um instante na caixa e fingi examinar os cachimbos. Finalmente disse que queria um com boquilha de âmbar.

— Âmbar? Acho que não temos nenhum... — respondeu, virando-se para os fundos da loja e gritando: — George!

Então, o nome do outro também era George. Um ruído que soou como “Hã?” veio dos fundos da loja.

— George! Onde você botou a outra caixa de cachimbos?

George apareceu. Era um sujeito baixo e atarracado, em mangas de camisa, careca e com um bigode basto e ruivo. O queixo se mexia de um jeito ruminante. Obviamente havia sido interrompido enquanto jantava. Os dois começaram a revirar tudo em busca da outra caixa de cachimbos. Demoraram cinco minutos para encontrá-la atrás de alguns potes de balas. É incrível a quantidade de lixo que eles conseguem acumular nessas lojinhas mequetrefes em que o estoque inteiro não vale mais que cinquenta libras.

Observei enquanto Elsie remexia no lixo e resmungava para si mesma. Você sabe como são aqueles movimentos letárgicos, com os ombros encurvados, de uma velha que perdeu alguma coisa. Não adianta tentar descrever o que senti. Uma desolação mortal. Não é possível imaginá-la sem jamais tê-la sentido. Tudo que posso dizer é que, se algum dia houve uma moça de quem você gostou 25 anos atrás, volte lá e dê uma olhada nela. Talvez então você entenda a que me refiro.

Com efeito, porém, o principal pensamento que ocupava minha mente era como as coisas acabam sendo tão diferentes do esperado. Como eu me esbaldara com Elsie! As noites de julho sob os castanheiros! Não seria de supor que isso deixasse um certo pós-efeito na memória? Quem haveria de imaginar que chegaria o dia em que não restasse qualquer resquício de sentimento entre nós? Ali estava eu e ali estava ela, nossos corpos a um metro de distância talvez, e éramos tão estranhos um para o outro quanto se jamais tivéssemos nos conhecido. Ela nem ao menos me reconheceu. Se eu lhe dissesse quem sou, muito provavelmente Elsie não se lembraria. E, caso se lembrasse, o que sentiria? Nada. Provavelmente se zangaria porque eu agira mal com ela. Foi como se a coisa toda jamais tivesse acontecido.

E, por outro lado, quem haveria de prever que Elsie terminaria assim? Ela parecia o tipo de garota destinada a se perder na vida. Sei que houve no mínimo um outro homem antes que eu a conhecesse, e é seguro apostar na existência de outros entre mim e o segundo George. Não me causaria surpresa descobrir que ao todo tenha havido uma dúzia. Eu a tratei mal, sem dúvida, e muitas vezes esse pensamento me incomodou por uma meia hora. Ela acabaria nas ruas, eu costumava pensar, ou poria a cabeça dentro do forno a gás. E às vezes eu me sentia

meio canalha, embora em outras refletisse (o que era a pura verdade) que se não fosse eu teria sido outro em meu lugar. Mas a gente sabe como as coisas acontecem, a forma como costumam não fazer qualquer sentido. Quantas mulheres efetivamente acabam nas ruas? Um número bem maior acaba no rolo compressor da rotina. Ela não se desviara, mas também não acertara o caminho. Apenas terminara como todo mundo, uma velha gorda tocando uma lojinha mequetrefe com aquele George do bigode ruivo para chamar de marido. Provavelmente tinha um monte de filhos. Sra. George Cookson. Viveu dignamente e deixou saudade ao morrer — e talvez morresse sem falir, caso desse sorte.

Os dois encontraram a caixa de cachimbos. Claro que não havia nela nenhum com boquilha de âmbar.

— Lamento, mas acho que não temos nenhum com âmbar no momento. Âmbar, não. Mas temos alguns bem bonitos de ebonite.

— Eu queria com âmbar — falei.

— Temos cachimbos bem bons — disse ela, tirando um deles da caixa. — Esse é um cachimbo bonito, olhe. Custa meia coroa.

Peguei o cachimbo. Nossos dedos se tocaram. Nenhum clique, nenhuma reação. O corpo não se lembra. E suponho que você ache que comprei o cachimbo, em honra aos velhos tempos, a fim de pôr meia coroa no bolso de Elsie. Nada disso. Eu não queria aquele troço. Não fumo cachimbo. Minha intenção fora tão somente arrumar um pretexto para entrar na loja. Examinei-o um instante entre os dedos e depois o pousei no balcão.

— Não faz mal, obrigado. Por favor, um maço pequeno de Players.

Precisava comprar alguma coisa, depois de todo aquele incômodo. George II, ou talvez George III ou IV, pegou um maço de Players, ainda

ruminando atrás do bigode. Dava para ver seu mau humor por ter sido interrompido à toa enquanto jantava. Mas me pareceu demasiado idiota desperdiçar meia coroa. Saí da loja, e aquela foi a última vez que vi Elsie.

Voltei para o George e jantei. Depois saí com uma vaga intenção de ir ao cinema, se algum estivesse aberto, mas em vez disso acabei em um dos pubs grandes e barulhentos na parte nova da cidade. Lá esbarrei numa dupla de sujeitos de Staffordshire que viajava representando um fabricante de talheres e conversamos sobre a situação do comércio, jogamos dardos e bebemos Guinness. Na hora de fechar o pub, os dois estavam tão bêbados que precisei levá-los para casa de táxi. Eu também estava um pouco alto e na manhã seguinte acordei com uma baita ressaca.

Mas eu precisava ver a lagoa na Binfield House.

Eu realmente estava mal naquela manhã. A verdade é que desde o momento em que ancorara em Lower Binfield eu vinha bebendo quase continuamente da hora da abertura até a do fechamento dos pubs. O motivo, embora não tivesse me ocorrido até aquele minuto, era que nada havia para fazer ali além de beber. Esse era o resumo da minha viagem até então — três dias enchendo a cara.

Como acontecera na manhã anterior, me arrastei até a janela e observei os chapéus-coco e bonés de escola indo e vindo lá embaixo. *Meus inimigos*, pensei. O exército conquistador que saqueou a cidade e cobriu as ruínas com guimbas de cigarro e sacos de papel. Eu me perguntei por que me importava. Você deve achar, me atrevo a dizer, que se levei um choque ao ver Lower Binfield inchada a ponto de parecer uma espécie de Dagenham foi porque não me agrada ver o mundo ficar mais populoso e o campo ser transformado em cidade. Mas não é absolutamente isso. Não me incomoda o crescimento das cidades, desde que elas cresçam e não meramente se espalhem como gordura numa toalha de mesa. Sei que as pessoas precisam ter onde morar e que se uma fábrica não se instalar num lugar haverá de se instalar noutro. Quanto à aparência pitoresca, os ambientes falsamente rústicos, os revestimentos de madeira, os pratos de estanho, as panelas de cobre e o restante, tudo que sinto é vontade de vomitar. O que quer que tenhamos sido nos velhos tempos, não éramos pitorescos. Mamãe jamais veria qualquer sentido nas antiguidades com que Wendy enchera a nossa casa. Ela não gostava de mesas *gateleg* — dizia que "prendiam as pernas da gente". Quanto ao estanho, não admitia que

entrasse em casa. “Uma coisa gordurosa horrível”, rotulava. No entanto, digam o que disserem, tínhamos algo naquela época que não temos hoje, algo que provavelmente não se pode ter numa lanchonete moderna com o rádio ligado. Eu voltara em busca disso e não encontrara. Mesmo assim, de certa forma eu meio que acreditava em sua existência mesmo agora, quando ainda não pusera a dentadura e meu estômago ansiava por uma aspirina e uma xícara de chá.

E isso me levou a pensar novamente na lagoa da Binfield House. Depois de ver o que haviam feito à cidade, fui tomado pela sensação que só pode ser descrita como medo de ir verificar se a lagoa ainda existia. No entanto, quem sabe? Não dava para adivinhar. A cidade estava esmagada sob tijolos vermelhos, nossa casa, cheia de Wendy e seus cacarecos, o rio Tâmisa, contaminado por óleo de motor e sacos de papel. Mas talvez a lagoa ainda estivesse lá, com os grandes peixes negros ainda circulando sob a água. Talvez até continuasse escondida no mato e daquele dia até agora ninguém houvesse descoberto sua existência. Era bastante possível, visto que o mato era denso, cheio de amoreiras e mato podre (as faias cediam espaço aos olmos naquele lugar, o que tornava a vegetação rasteira mais espessa), o que desestimulava a maioria das pessoas a se aventurar ali. Coisas mais estranhas acontecem.

Só fui sair lá pelo final da tarde. Devia ser umas quatro e meia quando tirei o carro da garagem e peguei a estrada para Upper Binfield. A meio caminho do topo do morro, as casas ficavam mais esparsas e cessavam de todo onde as faias começavam. A estrada se bifurca por ali e tomei a direita, com a intenção de fazer um retorno e voltar até a Binfield House pela estrada. Mas logo parei para dar uma olhada no bosque através do qual eu passava. As faias estavam iguaizinhas. Nossa,

pareciam as mesmas! Encostei o carro sobre um pedaço de grama ao lado da estrada, sob uma pequena pedreira de cascalho, desci e caminhei. Tudo igual. A mesma quietude, os mesmos tapetes de folhas secas que aparentemente enfrentavam anos e anos sem apodrecer. Não havia sinal de criatura alguma, salvo os passarinhos no topo das árvores onde não podiam ser vistos. Não era fácil acreditar que a enorme barafunda ruidosa de uma cidade estava a meros cinco quilômetros de distância. Comecei a abrir caminho em meio ao pequeno bosque, em direção à Binfield House. Eu me lembrava vagamente do rumo das trilhas. Meu Deus! Sim! O mesmo buraco de calcário que vi quando lá estiva com a Mão Negra e atiramos com estilingues e Sid Lovegrove nos contou como nasciam os bebês no dia em que pesquei meu primeiro peixe, quase quarenta anos atrás!

Conforme as árvores escasseavam novamente, era possível ver a outra estrada e o muro da Binfield House. A velha cerca de madeira podre sumira, claro, e estavam erguendo um muro alto de tijolos com travas no topo, como se espera ver cercando um hospício. Eu refletira durante algum tempo sobre como fazer para entrar na Binfield House até que finalmente decidi que diria apenas que a minha esposa estava louca e eu, em busca de um lugar para interná-la. Depois disso, o pessoal decerto se disporia a me mostrar a propriedade. Em meu novo terno, eu provavelmente parecia próspero o bastante para internar a esposa em uma clínica psiquiátrica particular. Só quando eu já estava efetivamente no portão me ocorreu pensar se a lagoa ainda se encontrava dentro da propriedade.

O velho terreno da Binfield House media uns vinte hectares, suponho, e a parte que abrigava o hospício provavelmente não tinha mais que três ou quatro. Eles não haveriam de querer uma imensa

piscina para os malucos se afogarem. O bangalô, onde o velho Hodges morava, continuava o mesmo, mas o muro de tijolos amarelos e os grandes portões de ferro eram novos. Pela olhadela que dei através das grades, eu não reconheceria o lugar. Caminhos de cascalho, floreiras, gramados e alguns sujeitos de olhar vago perambulando — loucos, suponho. Subi a estrada em direção à direita. A lagoa — a lagoa grande, onde eu costumava pescar — ficava a uns cem ou duzentos metros além da casa. Devo ter andado uns cem até chegar à esquina do muro, o que me levou a deduzir que a outra lagoa não pertencia ao terreno. As árvores pareciam ter encolhido bastante. Ouvi vozes de crianças. E, Deus do céu! Lá estava a lagoa.

Parei um instante, matutando sobre o que acontecera com ela. Então vi: todas as árvores haviam sumido do entorno. Tudo parecia descampado e diferente, na verdade incrivelmente parecido com o lago em Kensington Gardens. Crianças brincavam em volta, com barquinhos a vela e a remo, e um punhado de outras, mais velhas, circulavam em pequenas canoas que se pode manejar girando uma manivela. À esquerda, onde antes ficava a casa de barcos meio apodrecida em meio aos bambus, vi uma espécie de pavilhão com um quiosque de doces e uma enorme placa branca com os dizeres: CLUBE DE MODELISMO NÁUTICO DE UPPER BINFIELD.

Olhei para a direita. Casas, casas e mais casas. Dava a impressão de se tratar de um subúrbio abastado distante do centro da cidade. Toda a mata que antes existia além da lagoa e era tão densa que parecia uma selva tropical fora derrubada. Apenas uns grupos de árvores ainda continuavam de pé em torno das casas, que tinham aparência sofisticada, formando mais uma daquelas colônias Tudor de imitação como a que eu vira no primeiro dia do alto de Chamford Hill, só que

mais elaborada. Que idiota eu fui de imaginar que esses bosques continuariam os mesmos. Entendi a situação. Havia não mais que um pedacinho de bosque, dois hectares talvez, que não fora ceifado, e por mera casualidade eu o atravessara para chegar até ali. Upper Binfield, que não passava de um nome nos velhos tempos, crescera e se tornara uma cidade de porte decente. Na verdade, era agora um bairro afastado de Lower Binfield.

Me aproximei da beira da lagoa. As crianças espadanavam água e faziam uma algazarra dos diabos. Tive a impressão de ver enxames delas. A água era meio morta. Nenhum peixe nadava ali agora. Um sujeito vigiava as crianças. Era meio velhusco, careca, com uns tufos de cabelo branco, usava um pincenê e tinha um rosto bronzeado. Havia algo vagamente estranho em sua aparência. Usava short e sandálias e uma daquelas camisas de acetato sem colarinho, notei, mas o que me impressionou de verdade foi a expressão em seus olhos. Ele tinha olhos muito azuis, do tipo que cintila através dos óculos. Dava para perceber que era um daqueles velhos que jamais se tornam adultos. Ou são fanáticos por comida saudável ou têm algo a ver com os escoteiros — de um ou de outro jeito, são adeptos da natureza e de atividades ao ar livre. Olhava para mim como se estivesse com vontade de conversar.

— Upper Binfield cresceu um bocado — falei.

Seu olhar cintilou na minha direção.

— Cresceu? Meu caro senhor, jamais permitiremos que Upper Binfield cresça. Temos orgulho de ser um grupo excepcional aqui em cima, acredite. Uma pequena colônia só nossa, exclusiva. Não há intrusos!

— Eu quis dizer em comparação ao pré-guerra — insisti. — Morei aqui na infância.

— Ah! Sem dúvida. Isso foi antes da minha época, claro, mas a Sociedade Empreendedora Upper Binfield é especial em termos de construção de propriedades. Somos praticamente um mundo particular. Tudo foi planejado pelo jovem Edward Watkin, o arquiteto. Naturalmente, o senhor já ouviu falar dele. Moramos no meio da natureza aqui em cima. Não temos contato com a cidade lá embaixo — explicou, estendendo o braço na direção de Lower Binfield —, os sinistros moinhos satânicos! [06]

Ele tinha uma risadinha benevolente e um jeito de enrugar o rosto que lembrava um coelho. Imediatamente, como se eu lhe tivesse perguntado, começou a me contar tudo sobre o Conjunto Upper Binfield e o jovem Edward Watkin, o arquiteto, que tinha um imenso apreço pelo estilo Tudor e era um sujeito ótimo para encontrar vigas genuinamente elizabetanas em velhas fazendas e comprá-las por preços módicos. E um jovem assim tão interessante era a alegria das festas nudistas. Repetiu várias vezes que os moradores de Upper Binfield eram gente excepcional, bem diferente dos habitantes de Lower Binfield, e se interessava pelo aprimoramento do campo em lugar de degradá-lo (uso precisamente o termo que ele empregou), e não havia um único pub no Conjunto.

— Falam das Cidades Jardins deles, mas chamamos Upper Binfield de Cidade Bosque! Natureza! — Apontou para o que sobrara das árvores. — A floresta virgem vicejante à nossa volta. Nossos jovens crescem em meio a um cenário de beleza natural. Somos quase todos indivíduos esclarecidos, claro. Dá para acreditar que três quartos de nós são vegetarianos? Os açougueiros locais não são nossos fãs, é claro! E tem gente muito importante morando aqui. A srta. Helena Thurloe, a romancista, o senhor já ouviu falar dela, claro. E o professor Woad, o

pesquisador da paranormalidade. Que criatura poética! Ele se embrenha na mata e a família não consegue encontrá-lo na hora das refeições. Diz que passeia com as fadas. O senhor acredita em fadas? Devo admitir que sou um pouquinho cético. Mas as fotografias dele são convincentes.

Comecei a me perguntar se o sujeito não seria um fugitivo da Binfield House. Mas não, o cara era são, à sua maneira. Eu conhecia o tipo: vegetariano, amante da vida simples, da poesia, adorador da natureza, adepto de rolar na grama orvalhada antes do café da manhã. Eu encontrara alguns deles anos antes em Ealing. Resolveu, então, me mostrar o lugar. Nada sobrara dos bosques. Só havia casas e mais casas — e que casas! Sabe essas casas em falso estilo Tudor com os telhados ondulados e pilares que não servem de suporte para coisa alguma e os jardins de pedra com bebedouros de pássaros de concreto e os anõezinhos vermelhos de gesso que podem ser comprados no florista? Dava para ver mentalmente uma gangue terrível de fanáticos por comida saudável, caçadores de gnomos e amantes da vida simples com renda de mil libras por ano que moravam ali. Até as calçadas eram esquisitas. Não me deixei levar muito longe. Algumas daquelas casas me fizeram desejar ter uma granada no bolso. Tentei diminuir seu entusiasmo perguntando se os moradores não se incomodavam de viver tão perto da clínica psiquiátrica, mas não surtiu muito efeito. Por fim, parei e disse:

— Antigamente havia outra lagoa, além da grande. Não deve ficar longe daqui.

— Outra lagoa? Decerto que não. Acho que nunca houve outra.

— Talvez tenha sido drenada — falei. — Era bem funda. Deixaria uma baita cratera.

Pela primeira vez, ele pareceu pouco à vontade. Coçou o nariz.

— Bom, claro que o senhor deve entender que a nossa vida aqui em cima é, sob certos aspectos, primitiva. A vida simples, sabe? Preferimos assim. Mas estar tão longe da cidade tem suas inconveniências, claro. Alguns dos nossos arranjos sanitários não são totalmente satisfatórios. O carro do lixo só passa uma vez por mês, acho.

— Quer dizer que vocês transformaram a lagoa num lixão?

— Bom, na verdade EXISTE algo em termos de um... — ele hesitou ante a palavra lixão. — Precisamos descartar latas e congêneres, claro. Logo ali, atrás daquele aglomerado de árvores.

Fomos até lá. Algumas árvores haviam sido deixadas para esconder o buraco. Mas, sim, ali estava ela. Era a minha lagoa, sem dúvida. A água fora drenada. Ficara um enorme buraco redondo, semelhante a um imenso poço, com vinte ou trinta pés de profundidade. Já estava pela metade de latas.

Fiquei parado olhando as latas.

— É uma pena ter sido drenada — falei. — Antigamente havia peixes enormes nessa lagoa.

— Peixes? Ah, eu nunca ouvi falar disso. Claro que não seria possível manter uma lagoa aqui no meio das casas. Os mosquitos, sabe? Mas isso foi antes do meu tempo.

— Suponho que essas casas tenham sido construídas há bastante tempo, não? — indaguei.

— Há uns dez ou 15 anos, acho.

— Conheci este lugar antes da guerra — esclareci. — Na época era tudo mato. Não havia casas, salvo a Binfield House. Mas aquele pedacinho de bosque ali daquele lado não mudou. Vim a pé por ele até aqui.

— Ah, aquilo! É sacrossanto. Decidimos jamais construir ali. É sagrado para os jovens. Natureza, o senhor sabe. — Ele piscou para mim, num olhar meio maroto, como se estivesse me contando um segredinho. — Nós o chamamos de Cantinho dos Duendes.

Cantinho dos Duendes. Livrei-me dele, voltei para o carro e desci para Lower Binfield. Cantinho dos Duendes. E tinham enchido a minha lagoa com latas. Que apodreçam e sejam postos para correr! Diga o que quiser — chame de tolice, infantilidade, o que for —, mas às vezes não lhe dá vontade de vomitar ao ver o que estão fazendo com a Inglaterra, com seus bebedouros de pássaros e gnomos de gesso e seus duendes e latas onde no passado ficavam os bosques?

Você me acha sentimental? Antissocial? Que eu não devia preferir árvores a homens? Pois eu digo que depende de que árvores e de que homens. Não que eu possa fazer algo a respeito, salvo desejar a eles um bom nó nas tripas.

Enquanto eu dirigia morro abaixo, pensei: chega dessa coisa de volta ao passado. De que adianta tentar revisitar os cenários da infância? Eles não existem. Um pouco de ar, por favor! Mas não existe ar nenhum. O lixão dentro do qual estamos chega até a estratosfera. De todo jeito, eu não me importava de verdade. Afinal, pensei, ainda tinha três dias. Vou aproveitar um pouco de paz e sossego e parar de me aborrecer com o que fizeram a Lower Binfield. Quando à ideia da pescaria — estava encerrada, claro. Pescar, imagine! Na minha idade! Hilda tinha razão.

Larguei o carro na garagem do George e entrei no saguão. Eram seis da tarde. Alguém ligara o rádio e o noticiário estava começando. Passei pela porta justo a tempo de ouvir as últimas palavras de um S.O.S. Isso me causou um choque, admito. Porque as palavras que ouvi foram:

"... onde sua esposa, Hilda Bowling, está gravemente enferma."

No instante seguinte, a voz pasteurizada prosseguiu: "Mais um S.O.S. Will Percival Chute, de quem se ouviu falar pela última vez..." Mas não esperei para ouvir mais nada. Apenas segui em frente. O que me fazia sentir bastante orgulho, quando pensava nisso depois, era que ao ouvir aquelas palavras saírem do alto-falante não bati uma pestana. Nem sequer diminuí o passo para deixar que alguém soubesse que eu era George Bowling, cuja esposa, Hilda Bowling, estava gravemente enferma.

A esposa do proprietário se encontrava no saguão e ela sabia que meu nome era Bowling, ou pelo menos se inteirara disso no registro da recepção. De resto, não havia pessoa alguma ali, salvo uma dupla de hóspedes do George, dupla essa que não fazia ideia de quem eu era. Mas mantive a calma. Não demonstrei qualquer nervosismo. Simplesmente entrei no bar privativo, que acabara de abrir, e pedi minha cerveja habitual.

Eu precisava refletir. Depois de tomar metade da minha cerveja, comecei a registrar a situação. Em primeiro lugar, Hilda NÃO ESTAVA doente, com ou sem gravidade. Eu sabia disso. Ela estava perfeitamente bem quando eu partira, e não era a época do ano em que apareciam as viroses ou coisas do gênero. Aquilo era uma invenção. Mas por quê?

Provavelmente não passava de mais um de suas artimanhas. Entendi tudo. Ela descobrira de algum jeito — nunca subestime Hilda! — que eu não estava de fato em Birmingham, e esse era exatamente o meio de me fazer voltar para casa. Não aguentava imaginar que eu passaria mais tempo com outra. Porque, claro, ela tinha certeza de que eu estava com outra mulher. Não podia conceber algum outro motivo. E

naturalmente presumiu que eu voltaria correndo para casa assim que soubesse da sua doença.

Mas é aí que você se engana, pensei comigo mesmo enquanto terminava a cerveja. Sou demasiado esperto para ser pego desprevenido. Lembrei-me das artimanhas que Hilda já utilizara e do trabalho extraordinário a que se daria para me desmascarar. Houve mesmo uma ocasião, quando embarquei em alguma viagem sobre a qual ela teve suspeitas, que ela chegou a checar tudo com um guia dos horários de trem e um mapa rodoviário, apenas para saber se eu estava dizendo a verdade sobre os meus movimentos. E depois teve a vez em que ela me seguiu até Colchester e de repente me encurralou no Temperance Hotel. E daquela vez, infelizmente, ela acertara — ao menos existiam circunstâncias que levaram a crer nisso, embora não houvesse nada suspeito. Não desconfiei por um segundo que ela estivesse doente. Na verdade, eu sabia que ela não estava, embora não pudesse dizer exatamente como sabia disso.

Tomei outra cerveja e as coisas me pareceram melhores. Claro que haveria uma briga me aguardando em casa, mas a briga ocorreria de qualquer maneira. Eu ainda tinha três dias, pensei. Curiosamente, agora que tudo que eu fora procurar se revelara inexistente, a ideia de tirar umas férias me atraía ainda mais. Ficar longe de casa — isso era o melhor. Paz absoluta com os entes queridos distantes, como diz a canção. E de repente resolvi que IRIA dormir com uma mulher se quisesse. Seria bem feito para Hilda por ter a mente tão suja e, além do mais, qual o sentido de ser suspeito se a suspeita for infundada?

Mas, conforme a segunda cerveja fazia efeito, a situação começou a me divertir. Perguntei-me como ela dera conta do S.O.S. Não faço ideia de como funciona o processo. É preciso ter um atestado médico ou

basta enviar o nome? Tive certeza de que aquela tal da Wheeler fora a mentora da coisa toda. Havia ali um toque dela.

Mas, de todo jeito, que audácia! O trabalho que as mulheres se dão! Às vezes não se pode evitar admirá-las.

Depois do café da manhã, caminhei até a praça do mercado. Era uma linda manhã, fresca e tranquila, com uma claridade pálida como vinho branco iluminando tudo. O aroma fresco da manhã se misturava ao cheiro do meu charuto. Mas de por detrás das casas vinha um zumbido, e de repente uma esquadrilha de grandes bombardeiros negros passou chispando no céu.

No instante seguinte, ouvi alguma coisa. E no mesmo instante, se por acaso estivesse lá, você teria uma situação interessante do que eu acredito se chame reflexo condicionado. Porque o que eu ouvi — sem qualquer possibilidade de erro — foi o zumbido de uma bomba. Fazia vinte anos que eu não ouvia uma coisa assim, mas ninguém precisaria me dizer o que era aquilo. E sem pensar racionalmente fiz a coisa certa. Eu me atirei no chão.

Aliás, fico feliz por você não ter me visto. Acredito que eu não fosse uma visão digna, esparramado na calçada como um rato quando se esgueira por baixo de uma porta. Ninguém mais havia reagido com metade da minha rapidez. Agi tão depressa que no átimo de segundo enquanto a bomba zumbia até cair cheguei a ter tempo de sentir medo de que tudo não passasse de um equívoco e eu fosse parecer um palhaço à toa.

Mas no momento seguinte... Ah!

BUMMM-BRRRR!

Um barulho como o Juízo Final, e depois o ruído como o de uma tonelada de carvão caindo sobre uma folha de alumínio. Eram tijolos caindo. Eu meio que me derreti na calçada. *Começou*, pensei. *Eu sabia!*

O velho Hitler não esperou. Simplesmente mandou seus bombardeiros sem aviso.

No entanto, eis uma coisa peculiar: mesmo no eco daquele terrível e ensurdecedor ruído, que me congelou da cabeça aos pés, tive tempo de pensar que existe alguma imponência na explosão de um grande projétil. Qual é o som que se ouve? É difícil dizer, pois o que escutamos está misturado ao que tememos. Basicamente, a visão é de metal explodindo. É como se víssemos folhas de ferro se abrindo. Mas é peculiar a sensação que se tem de ser atirado de repente contra a realidade. Como ser despertado por alguém que despeja um balde d'água em cima da gente. Somos repentinamente arrancados dos nossos sonhos pelo estrépito de metal se rompendo, e é terrível, e é real.

Houve gritos e urros e também freadas súbitas de carros. A segunda bomba que eu estava esperando não caiu. Ergui um pouco a cabeça. Por todo lado parecia haver gente correndo e gritando. Um carro derrapava na diagonal, e ouvi a voz de uma mulher gritando, histérica: "Os alemães! Os alemães!" À direita, tive a vaga impressão de ver um rosto redondo e pálido, que me lembrou um saco de papel amassado, olhando de cima para mim. O dono do rosto indagou num tom vacilante:

— O que é isso? O que houve? O que estão fazendo?

— Começou — respondi. — Isso foi uma bomba. Deite no chão.

Mas a segunda bomba não caiu. Mais 15 segundos, mais ou menos, e ergui de novo a cabeça. Algumas pessoas continuavam a correr, outras estavam de pé como se grudadas ao solo. De algum lugar detrás das casas uma imensa neblina de poeira se ergueu e em meio a ela subia uma fumaça negra. Então, tive uma visão extraordinária. No outro

extremo da praça do mercado, a High Street tem uma leve ladeira. E um rebanho de porcos vinha descendo essa pequena ladeira, numa espécie de enchente gigantesca de focinhos de porco. No instante seguinte, claro, percebi do que se tratava. Não eram porcos, definitivamente, mas a garotada da escola usando máscaras de gás. Suponho que corressem para algum porão onde lhes tivessem dito para se abrigarem em caso de bombardeios aéreos. Na retaguarda, cheguei a notar um porco mais alto que provavelmente era a srta. Todgers. Mas garanto a você que por um instante todos eles pareceram direitinho com um rebanho de porcos.

Ah, sim, você tem razão, claro. Não era, afinal, um avião alemão. A guerra não eclodira. Fora apenas um acidente. Os aviões estavam fazendo treinamento com bombas — ao menos levavam bombas — e alguém acionara por engano a alavanca errada. Faço votos de que tenha levado uma bela reprimenda. Quando o chefe dos Correios ligou para Londres para saber se começara a guerra e lhe responderam que não, todos entenderam que havia sido um acidente. Houve, porém, um intervalo de tempo, algo entre um e cinco minutos, em que vários milhares de pessoas acreditaram que estivéssemos em guerra. Ainda bem que não durou mais tempo. Mais 15 minutos e estaríamos linchando nosso primeiro espião.

Segui a multidão. A bomba caíra numa ruazinha lateral da High Street, a rua onde ficava, no passado, a loja do tio Ezekiel, e o acidente se dera a menos de cinquenta metros do local. Quando virei a esquina, pude ouvir vozes murmurando "Ohhh" — uma espécie de algaravia espantada, como se houvesse temor e, ao mesmo tempo, certa euforia. Felizmente cheguei poucos minutos antes da ambulância e do carro de

bombeiros, e a despeito das cerca de cinquenta pessoas já reunidas, vi tudo.

À primeira vista, a impressão era de que o céu despejara tijolos, legumes e verduras. Havia folhas de repolho por todo lado. A bomba varrera do mapa uma quitanda. A casa à direita ficou sem metade do telhado e as vigas que o sustentavam estavam em chamas, e todas as casas ao redor tinham sido mais ou menos danificadas e as janelas, quebradas. Mas o que atraía os olhares de todos era a casa à esquerda. A parede que a unia à quitanda fora arrancada tão cirurgicamente como se alguém tivesse usado um bisturi. E o extraordinário é que nos aposentos do andar superior nada fora tocado. Era como olhar o interior de uma casa de bonecas. Cômodas, cadeiras de quarto, papel de parede desbotado, uma cama ainda por fazer e um urinol sob a cama — tudo exatamente como uma casa ocupada, salvo pela ausência de uma parede. Os cômodos de baixo, porém, haviam sido atingidos pela força da explosão. Via-se uma assustadora barafunda de tijolos, gesso, pernas de cadeiras, pedaços de uma cômoda envernizada, trapos de toalhas de mesa, pilhas de pratos quebrados e pedaços de uma pia de cozinha. Um pote de geleia rolara pelo chão, deixando um rastro pelo caminho ao lado do qual corria uma faixa de sangue. Mas em meio a toda aquela cerâmica quebrada uma perna. Apenas uma perna, com a calça ainda vestida e uma bota com salto de borracha. Os *ohs* e *ahs* se deviam a essa visão.

Dei uma boa olhada e registrei. O sangue começava a se misturar à geleia. Quando o carro de bombeiros chegou, voltei para o George a fim de fazer a mala.

Este é o fim de Lower Binfield para mim, pensei. Vou para casa. Mas, na verdade, não limpei o pó do sapato e parti imediatamente. Nunca se faz

isso. Quando algo parecido acontece, o pessoal sempre debate o assunto durante horas. Não se trabalhou muito na parte velha de Lower Binfield naquele dia, todo mundo andava por demais ocupado falando da bomba, o barulho que fizera e o que cada um pensou ao ouvi-lo. A atendente do bar do George disse que a coisa a deixara de cabelo em pé. Que jamais voltaria a dormir na própria cama e que estava mais do que provado que com essas bombas nunca se podia prever coisa alguma. Uma mulher perdera parte da língua ao mordê-la devido ao susto que a explosão lhe provocara. Com efeito, enquanto no nosso lado da cidade todos tinham imaginado tratar-se de um bombardeio aéreo alemão, todos no outro lado pensaram ser uma explosão na fábrica de meias. Depois (eu soube disso através do jornal), o Ministério da Aeronáutica enviou um funcionário para inspecionar os danos e emitiu um relatório dizendo que os efeitos da bomba eram "decepcionantes". Na verdade, ela matara três pessoas apenas, o quitandeiro, que se chamava Perrott, e um casal idoso que morava na casa vizinha. A mulher não foi muito desfigurada e identificou-se o velho pelas botas, mas jamais encontraram vestígios de Perrott. Nem mesmo um botão para ser enterrado.

À tarde, paguei minha conta e parti. Não me sobraram mais de três libras após o pagamento da conta. Esses hotéis campestres metidos à besta sabem como extorquir os clientes e, com os drinques e outras coisinhas mais, eu andara gastando com largueza. Deixei minha vara de pesca nova no quarto, bem como o restante do equipamento. Podiam ficar com tudo. Nada disso tinha utilidade para mim. Não passara de uma libra que eu jogara fora para dar a mim mesmo uma lição. E eu aprendera direitinho essa lição. Gordos de 45 anos não vão

pescar. Esse tipo de coisa não acontece mais, é só um sonho, não haverá mais pescaria antes de baixar ao túmulo.

É engraçado como a gente registra as coisas aos poucos. O que eu realmente sentira quando a bomba explodiu? No momento exato, claro, a explosão me apavorou, e quando vi a casa destroçada e a perna do velho senti o mesmo vago interesse que se tem ao ver um acidente na rua. Repulsivo, claro. O suficiente para me deixar farto daquelas supostas férias. Mas a impressão não foi tão espantosa assim.

No entanto, quando deixei a periferia de Lower Binfield e tomei a direção leste, tudo me voltou à mente. Você sabe como é quando a gente está num carro sozinho. Existe algo, seja nos arbustos por que você passa, seja no ruído do motor, que leva seus pensamentos a adotarem um determinado ritmo. Você tem a mesma sensação num trem, às vezes. A de ser capaz de ver tudo numa perspectiva melhor que a habitual. Todo tipo de coisas sobre as quais eu tinha dúvidas de repente virou certeza. Para começar, eu fora até Lower Binfield com uma pergunta na cabeça. O que nos aguarda? Aquilo realmente acabou? Podemos voltar à vida que tínhamos ou ela terminou para sempre? Bom, eu descobrira a resposta. A vida antiga acabou, e voltar a Lower Binfield não basta para pôr Jonas de volta na barriga da baleia. Eu SABIA, embora não espere que você acompanhe a minha linha de raciocínio. E era curioso o que a minha ida até lá causara em mim. Durante todos aqueles anos, Lower Binfield estivera guardada em algum lugar da minha mente, um cantinho tranquilo que eu podia visitar sempre que me aprouvesse, e finalmente eu pisara de novo lá e descobrira que Lower Binfield não existia. Eu mesmo detonara uma granada explodindo meus sonhos e, a menos que tivesse havido algum equívoco, a Força Aérea Real me seguira com duzentos quilos de TNT.

A guerra está chegando. Vai começar em 1941, dizem. E haverá um bocado de cerâmica quebrada e casinhas dilaceradas como caixas de papelão rasgadas, e as vísceras do auxiliar de escritório do contador espalhadas sobre o piano que ele está pagando em prestações a perder de vista. Mas o que importa esse tipo de coisa, afinal? Vou lhe dizer o que a minha estadia em Lower Binfield me ensinou: TUDO VAI ACONTECER. Todas as coisas que estão nas profundezas da nossa mente, as coisas que nos aterrorizam, as coisas que dizemos a nós mesmos que não passam de um pesadelo ou que só acontecem em países estrangeiros. As bombas, as filas para comprar comida, os cassetetes de borracha, o arame farpado, as camisas coloridas, os slogans, os rostos enormes, as metralhadoras cuspindo das janelas de quartos. Tudo vai acontecer. Sei disso — ou ao menos sabia disso então. Não há escapatória. Pode lutar contra isso, se quiser, ou olhar para o outro lado e fingir não perceber ou pegar sua chave inglesa e correr para fazer sua parte e espatifar alguns rostos. Mas não tem saída. Simplesmente é algo que vai acontecer.

Pisei no acelerador, e o carro velho subia e descia os morrinhos, e as vacas e os olmos e os campos de trigo passavam pela janela até o motor já estar quase fervendo. Meu ânimo era o mesmo daquele dia em janeiro quando eu descia a Strand, o dia em que recebi minha dentadura nova. Foi como se o poder da profecia me tivesse sido conferido. Parecia possível para mim ver o todo da Inglaterra e todos os seus habitantes e todas as coisas que hão de acontecer a todos eles. Às vezes, claro, mesmo então, eu tinha uma ou duas dúvidas. O mundo é muito grande, isso é algo que se percebe dirigindo por aí num carro e de certa forma é reconfortante. Pensar nas extensas porções de terra por onde passamos quando se cruza um trecho de um único condado

inglês. É como a Sibéria. E os campos e bosques de faias e fazendas e igrejas e aldeias com suas pequenas mercearias e o salão paroquial e os patos atravessando gramados. Sem dúvida é grande demais para ser mudado, não? Está fadado a continuar mais ou menos igual. E então cheguei às fímbrias de Londres e segui pela Uxbridge Road até Southall. Quilômetros e quilômetros de casas feias, com gente chata morando nelas. E, para além, Londres se esparramava, ruas, praças, becos, cortiços, prédios de apartamentos, pubs, restaurantes de peixe frito, cinemas e tudo o mais ao longo de trinta quilômetros, e os oito milhões de pessoas com suas vidinhas que não querem que sejam alteradas. Não há como fabricar bombas que possam riscar tudo isso do mapa. E o caos! A privacidade de todas essas vidas! John Smith recortando cupons de futebol, Bill Willams trocando histórias no barbeiro. A sra. Jones voltando para casa com a cerveja do jantar. Oito milhões! Sem dúvida, darão conta de alguma maneira, com ou sem bombas, de continuar levando a vida a que estão habituados, certo?

Ilusão! Conversa fiada! Não importa quantos haja, todo mundo está no mesmo barco. Os maus tempos se aproximam, e os homens de uniforme, também. O que virá depois eu não sei, pouco me interessa. Só sei que, se existe algo que lhe importe minimamente, é melhor dizer adeus a isso, porque tudo que conhecemos até hoje irá por água abaixo, para o brejo, com as metralhadoras cuspindo fogo o tempo todo.

Mas, quando voltei ao subúrbio, meu ânimo de repente mudou.

De repente me dei conta — e sequer havia me ocorrido até aquele momento — de que Hilda, afinal, podia estar de fato doente.

Esse é o efeito do ambiente, veja. Em Lower Binfield eu presumira com toda a convicção que ela não estava doente, mas apenas fingindo a fim de me fazer voltar para casa. Parecera natural na ocasião, sei lá por

quê. Mas, quando entrei em West Bletchley e o Conjunto Hesperides se fechou em torno de mim como uma espécie de prisão de tijolos vermelhos, o que, na verdade, ele é, os hábitos rotineiros de raciocínio voltaram. Tive aquela sensação das manhãs de segunda-feira quando tudo parece desolador e familiar. Percebi que grande porcaria era aquela fantasia em que eu desperdiçara os últimos cinco dias. Fugir para Lower Binfield escondido e tentar recuperar o passado e depois, no carro voltando para casa, pensar um monte de maluquice sobre o futuro. O futuro! O que o futuro tem a ver com caras como você e eu? Manter nossos empregos — esse é o nosso futuro. Quanto a Hilda, ainda que as bombas estejam caindo, ela continuará pensando no preço da manteiga.

E, de repente, vi como eu tinha sido bobo de pensar que ela faria uma coisa assim. Claro que o S.O.S. não era falso! Como se Hilda tivesse tanta imaginação! Era a pura e crua verdade. Ela não fingira, estava mesmo doente. Meu Deus! Naquele momento ela podia estar deitada em algum lugar sofrendo dores pavorosas ou até mesmo morta, pelo que eu sabia. A ideia foi como uma estocada de pavor, causou uma sensação gélida nas minhas entranhas. Disparei pela Ellesmere Road a quase sessenta quilômetros por hora, e em vez de levar o carro para a garagem fechada, como de hábito, estacionei na porta de casa e desci apressado.

Então, afinal, eu gosto de Hilda, dirá você! Não sei exatamente o que você quer dizer com gostar. Você gosta do próprio rosto? Provavelmente não, mas não consegue se imaginar sem ele. Faz parte de você. Bom, é assim que me sinto em relação a Hilda. Quando as coisas vão bem, não aguento olhar para ela, mas a ideia de que ela possa estar morta ou mesmo sofrendo me encheu de medo.

Eu me atrapalhei com a chave, abri a porta de entrada e o cheiro familiar das velhas capas impermeáveis me assaltou.

— Hilda! — gritei. — Hilda!

Nenhuma resposta. Durante um instante fiquei gritando "Hilda! Hilda!" para o silêncio absoluto e comecei a suar frio. Talvez já a tivessem levado para o hospital — quem sabe havia um cadáver jazendo na casa vazia?

Comecei a subir correndo a escada, mas no mesmo instante meus dois filhos, vestindo pijamas, saíram de seus quartos um de cada lado do corredor. Eram oito ou nove da noite, suponho — de todo jeito, estava escurecendo. Lorna me olhou apoiada na balaustrada.

— Ah, papai! É o papai! Por que você voltou hoje? A mamãe disse que você só ia chegar na sexta.

— Cadê a sua mãe? — perguntei.

— Saiu. Saiu com a sra. Wheeler. Por que voltou hoje, papai?

— Então sua mãe não está doente?

— Não. Quem disse que ela está doente? Pai! Você estava em Birmingham?

— Sim. Voltem para a cama agora. Vão pegar um resfriado.

— E os nossos presentes, papai?

— Que presentes?

— Os que você trouxe para a gente de Birmingham.

— Vocês vão vê-los amanhã — respondi.

— Ah, pai! Não podemos ver agora?

— Não. Já chega. Voltem para a cama ou vão levar uma surra.

Então ela não estava doente, afinal. ESTIVERA fingindo. E para ser franco tive dúvida se deveria ficar feliz ou infeliz. Voltei para a porta da

frente, que eu deixara aberta, e ali, em tamanho natural, vi Hilda se aproximando.

Olhei-a enquanto ela vinha na minha direção sob a derradeira claridade do crepúsculo. Foi estranho pensar que menos de três minutos antes eu estava descontrolado, efetivamente suando frio, só de pensar que ela pudesse ter morrido. Bem, ela não morrera, estava igualzinha a sempre. A velha Hilda com seus ombros magrelos e o rosto ansioso, e a conta do gás e as mensalidades da escola, e o cheiro da capa impermeável e o escritório na segunda-feira — todos os fatos básicos para os quais invariavelmente voltamos, as verdades eternas, como chama o velho Porteous. Pude ver que Hilda não estava de muito bom humor. Lançou-me um olhar rápido, como faz às vezes, quando está arquitetando alguma coisa, o tipo de olhar que alguns animaizinhos, uma doninha, por exemplo, são capazes de nos lançar. Não pareceu surpresa de me ver de volta, porém.

— Ah, então você já voltou, hein? — falou.

Parecia bastante óbvio que eu tinha voltado e não respondi. Ela não fez qualquer movimento para me beijar.

— Não tem nada para você jantar — retorquiu prontamente.

Essa é Hilda, cuspida e escarrada. Sempre consegue dizer algo deprimente no momento em que ponho o pé em casa.

— Eu não estava esperando você — prosseguiu. — Vai ter que comer pão com queijo... mas acho que não tem queijo.

Segui-a para dentro de casa, para o cheiro das capas impermeáveis. Fomos para a sala. Fechei a porta e acendi a luz. Minha intenção era falar primeiro, e eu sabia que facilitaria as coisas se eu assumisse uma atitude firme desde o início.

— Bom — comecei. — Que diabos você pretendia usando aquele truque comigo?

Ela acabara de largar a bolsa em cima do rádio e por um instante pareceu genuinamente surpresa.

— Que truque? Como assim?

— Mandar um S.O.S.!

— Que S.O.S.? Do que você está FALANDO, George?

— Você está tentando me dizer que não mandou um pedido de S.O.S. dizendo que estava gravemente doente?

— Claro que não! Como assim? Eu não estava doente. Por que faria uma coisa dessas?

Antes mesmo que eu começasse a explicar atinei com o que acontecera. Fora tudo um equívoco. Eu só ouvira as últimas palavras do S.O.S., e obviamente tratava-se de outra Hilda Bowling. Suponho que haja um monte de Hilda Bowling na lista telefônica. Foi simplesmente o tipo idiota de equívoco que vive acontecendo. Hilda sequer demonstrara aquele pingo de imaginação que eu lhe creditara. O único interesse na coisa toda havia sido o espaço de cinco minutos quando a supus morta e descobri que me importava, afinal. Mas isso já eram águas passadas. Enquanto eu explicava, ela me observava, e pude ver em seus olhos que algum tipo de problema me aguardava. E então ela começou a me inquirir no que eu chamo de voz de terceiro grau, que não é, como seria de esperar, furiosa nem irritada, mas calma e vigilante.

— Então você ouviu esse S.O.S. no hotel em Birmingham?

— Sim, ontem à noite, no noticiário nacional.

— Quando você saiu de Birmingham, então?

— Hoje de manhã, claro.

(Eu planejara a viagem mentalmente, para o caso de haver necessidade de me safar mentindo. Partida às dez, almoço em Coventry, chá em Bedford. Eu tinha tudo esquematizado.)

— Então ontem à noite você achou que eu estava gravemente doente e só veio embora hoje de manhã?

— Eu não achei que você estivesse doente de verdade. Não expliquei? Achei que era apenas um dos seus truques. Pareceu-me um bocado mais provável.

— Então fico surpresa de você ter vindo embora — retorquiu Hilda, com tamanho azedume na voz que vi logo que não havia acabado. Ela prosseguiu, então, com mais calma: — Por isso, você veio embora hoje de manhã, certo?

— Sim, saí por volta das dez. Almocei em Coventry...

— Então como explica ISTO? — disparou ela de repente e, no mesmo instante, abriu com fúria a bolsa, tirou um pedaço de papel e o estendeu para mim, como se fosse um cheque falsificado ou algo do gênero.

Senti como se levasse um soco no estômago. Eu devia ter adivinhado! Ela me pegara, afinal. E ali estava a prova, o dossiê do caso. Eu sequer sabia do que se tratava, salvo que era algo que comprovava que eu estivera com uma mulher. Fiquei sem chão. Um instante antes eu a provocara, fingindo estar zangado por ter sido arrancado de Birmingham à toa, e agora, de repente, ela virava a mesa. Não é preciso me dizer o que pareci naquele momento. Eu sei. Culpado era o que se lia na minha testa — sei disso. E eu nem tinha culpa! Mas é uma questão de hábito. Estou habituado a levar sempre a culpa. Nem por cem libras eu poderia evitar soar culpado quando respondi:

— Como assim? Que coisa é essa que você tem aí?

— Leia e veja o que é.

Peguei o papel. Era uma carta enviada pelo que parecia ser um escritório de advogados, endereçada da mesma rua em que ficava o Hotel Rowbottom, notei.

"Cara senhora", li, "com referência à sua carta do dia 18, acreditamos haver algum engano. O Hotel Rowbottom fechou há dois anos e foi convertido num prédio de escritórios. Ninguém que corresponda à descrição do seu marido esteve aqui. Possivelmente..."

Parei por aí. Claro que vi tudo num flash. Eu tinha sido levemente esperto demais e dei com os burros n'água. Havia apenas um pálido raio de esperança — o jovem Saunders podia ter se esquecido de postar a carta que eu endereçara do Rowbottom, caso em que talvez fosse possível enfrentar a situação. Mas Hilda logo pôs a pá de cal nessa ideia.

— Ora, George, você viu o que diz a carta? No dia em que você partiu eu escrevi para o Hotel Rowbottom, foi só um bilhetinho, perguntando se você havia chegado lá. E você leu a resposta! Nem sequer existe um lugar chamado Hotel Rowbottom. E, no mesmo dia, postada na mesma agência de correio, recebi igualmente uma carta dizendo que você estava no hotel. Você arrumou alguém para postá-la para você, suponho. ESSE era o seu negócio em Birmingham!

— Mas olhe aqui, Hilda! Você entendeu tudo errado. Não é o que você está pensando. Você não está entendendo.

— Sim, George, estou entendendo PERFEITAMENTE.

— Mas olhe, Hilda...

De nada adiantou, claro. Ela me pegara. Eu nem conseguia olhá-la nos olhos. Dei meia-volta e tentei chegar à porta.

— Preciso levar o carro para a garagem — falei.

— Ah, não, George! Você não vai se safar dessa assim. Vai ficar aqui e ouvir o que eu tenho a dizer, por favor.

— Mas que droga! Preciso acender as luzes, não? Já passou da hora de acender as luzes. Você não quer que nos multem, quer?

Com isso, ela me liberou e saí para acender as luzes do carro, mas quando voltei Hilda continuava de pé na sala como uma figura do apocalipse, com as duas cartas, a minha e a do advogado, na mesa diante dela. Consegui me recuperar um pouco e fiz uma nova tentativa:

— Olhe aqui, Hilda. Você entendeu tudo errado. Posso explicar a coisa toda.

— Tenho certeza de que VOCÊ poderia explicar qualquer coisa, George. A questão é se eu acreditaria em você.

— Mas você está tirando conclusões apressadas! O que a fez escrever para o pessoal do hotel, aliás?

— A ideia foi da sra. Wheeler. Uma ótima ideia, a propósito, como ficou comprovado.

— Ah, a sra. Wheeler, é? Então você não se importa de deixar aquela maldita mulher se intrometer na nossa vida?

— Ela não precisou se intrometer. Foi ela que me avisou o que você estava tramando esta semana. Algo aparentemente a alertou. E ela estava certa, não é? Ela sabe tudo a seu respeito, George. O marido dela era IGUALZINHO a você.

— Mas, Hilda...

Olhei para ela. O rosto empalidecera, da forma como acontece quando ela pensa em mim com outra mulher. Uma mulher. Se ao menos fosse verdade!

Meu Deus! O que eu vi à minha espera! Você sabe como é. Semanas e mais semanas de implicância contínua e mau humor e as observações

maliciosas depois que se imagina que a paz foi selada, e as refeições sempre atrasadas, e as crianças querendo saber o que está acontecendo. Mas o que realmente me deprimiu foi o tipo de sordidez mental, o tipo de clima mental no qual o real motivo que me levara a Lower Binfield sequer seria concebível. Isso foi o que mais me atingiu no momento. Se eu passasse uma semana explicando a Hilda POR QUE eu fora a Lower Binfield, ela jamais entenderia. E quem ENTENDERIA, ali na Ellesmere Road? Deus! Será que eu mesmo entendia? A coisa toda parecia estar se apagando na minha mente. Por que eu fora a Lower Binfield? Será que eu efetivamente FORA a Lower Binfield? Nesse clima, isso simplesmente carecia de sentido. Nada é real na Ellesmere Road, salvo as contas de gás, as mensalidades escolares, o repolho cozido e o escritório na segunda-feira.

Mais uma tentativa:

— Olhe aqui, Hilda! Sei o que você acha. Mas está totalmente errada. Juro que você está errada.

— Ah, não, George. Se estou errada, por que você precisou me contar todas essas mentiras?

Não havia saída, claro.

Dei um passo ou dois para cima e para baixo. O cheiro das velhas capas impermeáveis era muito forte. Por que eu fugira daquele jeito? Por que me incomodara com o futuro e o passado, vendo que o futuro e o passado não importam? Quaisquer que tivessem sido os meus motivos, eu mal me lembrava deles agora. A antiga vida em Lower Binfield, a guerra e o pós-guerra, Hitler, Stalin, bombas, metralhadoras, filas de comida, cassetetes de borracha — tudo estava sumindo da minha cabeça. Nada sobrou, salvo uma briga vulgar e o odor das velhas capas impermeáveis.

Uma última tentativa:

— Hilda! Por favor, me escute. Olhe só, você não sabe onde eu estive durante toda a semana, sabe?

— Não quero saber onde você esteve. Eu sei o QUE você andou fazendo. Isso já basta para mim.

— Mas, Hilda...

Totalmente inútil, claro. Ela já me julgara culpado e agora ia dizer o que achava de mim. Isso poderia levar algumas horas. E depois disso mais problemas espreitavam no horizonte, porque talvez lhe ocorresse imaginar onde eu arrumara dinheiro para essa viagem, o que a levaria a descobrir que eu estivera mantendo em segredo as 17 libras. Com efeito, não havia motivo para que essa briga não se estendesse até as três da madrugada. Não adiantava mais posar de inocente ofendido. Tudo que eu queria era adotar a estratégia de menor resistência. E mentalmente avaliei as três possibilidades, que eram:

A. Contar a ela o que eu realmente fizera e de alguma forma convencê-la a acreditar.
B. Usar o velho recurso da perda de memória.
C. Deixá-la continuar pensando que eu estivera com uma mulher e aguentar as consequências.

Caramba! E eu bem sabia qual das três teria que escolher.



GEORGE

ORWELL



A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

ANIMAL FARM

Tradução de **ADALGISA CAMPOS DA SILVA**

Prefácio de **GABRIELA PRIOLI**

EDITORA NOVA FRONTEIRA

PREFÁCIO

Meu primeiro contato com *A revolução dos bichos* aconteceu num passado não tão distante. Ao contrário das pessoas cuja sorte lhes apresentou o texto ainda durante os anos de colégio, minha experiência foi postergada para a idade adulta. O texto, pensado por Orwell para ser fácil de compreender por qualquer pessoa, cumpre o esperado. Pode ser compreendido por crianças, adolescentes e adultos de qualquer idade e serve para ser relido de tempos em tempos. A obra passeia pelos anos de vida dos leitores com a mesma facilidade com que atravessa a história para se fazer atual mesmo que escrito há mais de setenta anos.

Orwell narra *A revolução dos bichos* inspirado na cena que descreve no prefácio que escreveu para a edição ucraniana de 1947: um imenso cavalo de tiro sendo chicoteado por um garoto de cerca de dez anos. Quão diferente seria aquela cena se o cavalo tivesse consciência de sua força. Por consequência, quão diferente seria o mundo se os explorados tivessem consciência da própria exploração e soubessem direcionar seu descontentamento.

Acontece — e é este o enredo do livro — que a consciência precisa de alimento, dedicação ativa, sob pena de tornar-se apenas aparência de

consciência a serviço da opressão. Com a mesma facilidade que numa noite os animais foram convencidos da tirania dos humanos, seriam convencidos de que "Napoleão tem sempre razão".

Espero que o passar dos capítulos cause no leitor a mesma sensação de aflição que a leitura me provoca. Os animais poderiam ter notado muito antes o que o futuro lhes reservava: desde a primeira assembleia, os ratos correram o risco de serem relegados a uma segunda classe de animais; tivessem os bichos aprendido a ler, notariam de pronto a manipulação dos princípios básicos do animalismo. Infelizmente, para quem nada sabe, qualquer resposta satisfaz.

Havia consenso sobre o repúdio ao retorno de Jones, e, a partir daí, sua capacidade crítica não lhes permitia nada além de concordar com quem falava no momento. Trabalhavam cada vez mais em favor da própria opressão e assim faziam porque gostavam de achar que antes era muito pior. Trocavam a realidade pelo que gostariam que fosse a realidade. Na sua ilusão, "eram livres, afinal", ainda que apenas nos versos já apagados da parede do fundo do celeiro.

É fácil descobrir Guerreiros, Flores, Mollies, ovelhas e galinhas entre os outros, assim como é também fácil reconhecer Napoleões e Améns distribuídos entre os adversários. Difícil é reconhecê-los em nós mesmos e entre nossos aliados. Não por acaso, na mesma granja onde não se reconhecia a exploração entre os animais, a exploração perpetrada por Jones — o outro — era consenso. Esse foi também o desafio enfrentado por Orwell na publicação do texto: era um socialista fazendo uma crítica ao regime soviético. Sua crítica desenvolvia-se "entre os seus".

O livro, antes de ser publicado, foi recusado por quatro editoras. Numa das justificativas, como citado por Orwell no texto proposto

como prefácio à primeira edição inglesa, a publicação foi considerada extremamente inconveniente tanto por fazer uma crítica específica ao regime soviético — e não às ditaduras no geral — quanto pelo fato de a casta dominante ter sido atribuída aos porcos. Na época, segundo o autor, vigorava na intelectualidade o silenciamento autoimposto de qualquer crítica à ortodoxia em vigor. Um movimento de censura voluntária. Até nos prefácios, como se vê, Orwell parece descrever os dias de hoje. Fica explícita a sua luta pela liberdade, para si e para os outros.

Das reflexões possíveis, fico com aquela que rechaça o entusiasmo alicerçado na esperança ingênua. Me posiciono, desde a primeira leitura, ao lado de Benjamin, que, quando questionado sobre estar mais feliz, diante da realidade da revolução, dizia apenas que "os burros vivem muito tempo".

Gabriela Prioli
Advogada e comentarista política

O sr. Jones, da Fazenda do Solar, fechara os galinheiros por causa da noite, mas estava bêbado demais para se lembrar de fechar as portinholas. Com o círculo de luz da lanterna dançando de um lado para o outro, atravessou, trôpego, o pátio, livrou-se das botas na porta dos fundos, serviu-se de um último copo de cerveja do barril que havia na copa e foi para a cama, onde a sra. Jones já roncava.

Assim que a luz do quarto se apagou, começou uma agitação em todas as edificações da fazenda. Durante o dia, correra o boato de que o velho Major, o premiado porco da raça Middle White, tivera um sonho estranho e desejava contá-lo aos outros animais. Ficara combinado que todos se encontrariam no grande celeiro tão logo o sr. Jones se retirasse. O velho Major (chamavam-no assim, embora tivesse participado da exposição como Belo de Willingdon) era tão conceituado na fazenda que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono para ouvir o que ele tinha a dizer.

Numa extremidade do grande celeiro, sobre uma espécie de estrado, o Major já estava acomodado em sua cama de palha, embaixo de um lampião que pendia de um caibro. Com seus 12 anos, apesar de ter engordado bastante ultimamente, conservava o porte majestoso, o ar sábio e benevolente, mesmo com aquelas presas que jamais tinham sido cortadas. Os outros animais logo começaram a chegar e se instalar, cada qual a seu modo. Primeiro vieram os três cachorros, Sininho, Jessie e Belisco, depois os porcos, que se sentaram na palha bem em frente ao estrado. As galinhas empoleiraram-se nos peitoris das janelas, os pombos voaram para as traves, as ovelhas e as vacas deitaram-se atrás dos porcos e se puseram a ruminar. Os dois cavalos de tração,

Guerreiro e Flor, chegaram juntos, andando muito devagarinho, e pousaram no chão com o maior cuidado os grandes cascos peludos para não pisar em algum bichinho escondido na palha. Flor era uma égua robusta e maternal quase na meia-idade que não recuperara a forma após o quarto potro. Guerreiro era um animal enorme, de quase 18 palmos de altura, forte como dois cavalos normais. Uma listra branca no nariz lhe dava um ar um tanto bobo, e de fato ele não primava pela inteligência, mas era respeitado por todos pela firmeza de caráter e pela incrível capacidade no trabalho. Depois dos cavalos, chegaram Muriel, a cabra branca, e Benjamin, o burro. Benjamin era o animal mais velho da fazenda e o de pior gênio. Raramente falava, e, quando o fazia, em geral era para dar algum aparte cínico — por exemplo, dizia que Deus lhe dera um rabo para espantar as moscas, mas seria preferível não ter rabo nem moscas. Entre os animais da fazenda, só ele nunca ria. Quando lhe perguntavam por quê, respondia não ver onde estava a graça. Porém, sem que admitisse abertamente, era afeiçoado a Guerreiro; os dois sempre passavam os domingos juntos no pequeno padoque atrás do pomar, pastando lado a lado em silêncio.

Os dois cavalos tinham acabado de se deitar quando uma fileira de patinhos órfãos entrou no celeiro, grasnando baixinho e andando para lá e para cá à procura de um lugar onde não fossem pisoteados. Flor dobrou a pata dianteira como uma espécie de muro em volta deles, que se aninharam ali e logo adormeceram. No último instante, Mollie, a bonita e tola égua branca que puxava a charrete do sr. Jones, entrou toda coquete, mascando um torrão de açúcar. Instalou-se quase na frente e pôs-se a sacudir a crina branca, esperando chamar atenção para as fitas vermelhas nela trançadas. Por último chegou a gata, que olhou em volta, como sempre, em busca do lugar mais quente, e

acabou se espremendo entre Guerreiro e Flor; ali passou todo o discurso do Major, ronronando satisfeita sem ouvir uma palavra do que ele dizia.

Todos os animais estavam presentes, exceto Moisés, o corvo domesticado, que dormia num poleiro atrás da porta dos fundos. Quando viu que todos estavam acomodados e aguardavam com atenção, Major pigarreou e começou:

— Camaradas, vocês já ouviram sobre o sonho estranho que tive ontem. Mas voltarei ao sonho mais tarde. Tenho outra coisa a dizer primeiro. Não creio, camaradas, estar aqui por muitos meses mais e, antes de morrer, sinto-me na obrigação de lhes transmitir a sabedoria que adquiri. Tive uma vida longa e, na solidão da minha baia, tive bastante tempo para pensar. Acho que posso dizer que entendo a natureza da vida nesta terra tão bem quanto qualquer outro animal vivo. É sobre isso que quero lhes falar.

"Então, camaradas, qual é a natureza desta nossa vida? Vamos encarar isto: nossa vida é miserável, trabalhosa e curta. Nascemos, recebemos apenas o mínimo de alimento necessário para nos manter respirando, e os aptos para o trabalho são obrigados a labutar até o fim das suas forças; e, no instante em que nossa utilidade acaba, somos abatidos com crueldade medonha. Nenhum animal na Inglaterra sabe o que é felicidade ou lazer após completar um ano de vida. Nenhum animal na Inglaterra é livre. A vida do animal é sofrimento e escravidão: essa é a verdade nua e crua.

"Mas será simplesmente assim a ordem natural das coisas? Será porque esta nossa terra é tão pobre que não tem condições de oferecer uma vida decente aos que nela habitam? Não, camaradas, mil vezes não! O solo da Inglaterra é fértil, o clima é bom, é capaz de fornecer

comida em abundância a um número de animais muitíssimo maior do que os que aqui habitam. Só esta nossa fazenda comportaria uma dúzia de cavalos, vinte vacas, centenas de ovelhas — todos vivendo com um conforto e uma dignidade que agora parecem quase além da nossa imaginação. Por que então continuamos nesta situação miserável? Porque os seres humanos roubam quase todo o produto do nosso trabalho. Aí está, camaradas, a resposta para todos os nossos problemas. Resume-se a uma só palavra: homem. O homem é o nosso único inimigo real. Sem o homem no cenário, a principal causa da fome e do excesso de trabalho desaparecerá para sempre.

"O homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não bota ovos, é fraco demais para puxar o arado, não corre o suficiente para apanhar coelhos. No entanto, é o senhor de todos os animais. Ele os põe para trabalhar, em troca lhes dá o mínimo para evitar que morram de fome e guarda o resto para si. Nosso trabalho cultiva o solo, nosso estrume o fertiliza, e, ainda assim, nenhum de nós possui mais que a própria pele. Vocês, vacas, que vejo aqui à minha frente, quantos milhares de litros de leite terão produzido neste último ano? E o que aconteceu com esse leite que deveria estar alimentando novilhos robustos? Desceu todo pela goela de nossos inimigos. E vocês, galinhas, quantos ovos botaram este ano, e quantos desses ovos se transformaram em frangos? Todo o resto foi para o mercado, para trazer dinheiro para Jones e seus homens. E você, Flor, onde estão aqueles quatro potros que pariu, que deveriam ser o apoio e o prazer da sua velhice? Foram vendidos com um ano de idade. Você nunca tornará a vê-los. Pelos seus quatro partos e por todo o seu trabalho nos campos, o que recebeu em troca a não ser ração e uma baia?

"E a nós não é permitido sequer chegar ao fim natural desta vida miserável que levamos. Não me queixo por mim, pois sou um dos felizardos. Estou com 12 anos e tive mais de quatrocentos filhos. Tal é a vida natural de um porco. Mas nenhum animal escapa da faca cruel no fim. Ó, jovens porcos sentados aí à minha frente, dentro de um ano todos vocês hão de grunhir até morrer no cepo. A esse horror, chegaremos todos: vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todos. Nem os cavalos e os cachorros têm melhor destino. Você, Guerreiro, no dia em que esses seus músculos poderosos se enfraquecerem, Jones o mandará para o açougueiro, que vai lhe cortar a garganta e fervê-lo para servir aos cães de caça. Quanto aos cachorros, depois de velhos e desdentados, Jones amarra-lhes um tijolo no pescoço e os afoga no lago mais próximo.

"Então, camaradas, não está claro como o dia que todos os males desta nossa vida vêm da tirania dos humanos? Basta nos livrarmos do Homem para que o produto de nosso trabalho seja nosso. Ficaremos ricos e livres quase da noite para o dia. E o que precisamos fazer? Ora, trabalhar noite e dia, de corpo e alma, pela derrubada da raça humana! Esta é minha mensagem a vocês, camaradas: Rebelião! Não sei quando chegará essa Rebelião, pode ser daqui a uma semana, ou daqui a cem anos, mas sei, com tanta certeza quanto vejo esta palha sob meus pés, que cedo ou tarde a justiça será feita. Foquem nisso, camaradas, pelo pouco tempo que lhes resta de vida! E, sobretudo, transmitam esta mensagem àqueles que os sucederão, para que as futuras gerações conduzam a luta até a vitória.

"E lembrem-se, camaradas, jamais fraquejem em sua determinação. Não se deixem desviar por nenhum argumento. Não deem ouvidos quando lhes disserem que o Homem e os animais têm um interesse

comum, que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. É tudo mentira. O homem não está a serviço de outra criatura que não ele mesmo. E que haja entre nós, animais, uma perfeita união, uma perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos. Todos os animais são camaradas."

Nesse momento, houve um tremendo alvoroço. Enquanto o Major falava, quatro ratazanas haviam saído de suas tocas e o escutavam, sentadas sobre as patas traseiras. De repente, os cachorros as viram, e foi graças à rapidez com que correram para as tocas que elas se salvaram. O Major ergueu o pé, pedindo silêncio.

— Camaradas — disse —, eis aqui uma questão que tem que ser esclarecida. As criaturas silvestres, como ratos e coelhos, são nossos amigos ou inimigos? Vamos submeter isso à votação. Proponho esta pergunta à assembleia: os ratos são camaradas?

A votação foi realizada imediatamente, e ficou decidido, por esmagadora maioria, que os ratos eram camaradas. Houve apenas quatro dissidentes, os três cachorros e a gata, que, depois se descobriu, votou nos dois lados. O Major prosseguiu:

— Pouco mais tenho a dizer. Repito apenas: lembrem-se sempre de seu dever de inimizade com o Homem em todos os seus aspectos. O que quer que ande sobre duas pernas é inimigo. O que quer que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo. E lembrem-se também de, na luta contra o Homem, não acabarem se parecendo com ele. Mesmo depois de conquistá-lo, não adotem os seus vícios. Nenhum animal deve morar em casas, dormir em camas, usar roupas, consumir bebidas alcoólicas, fumar, tocar em dinheiro nem se envolver em comércio. Todos os hábitos do Homem são ruins. E, sobretudo, nenhum animal deve tiranizar outros animais. Fracos ou fortes, espertos ou simplórios,

somos todos irmãos. Nenhum animal deve matar outro animal. Todos os animais são iguais.

"E agora, camaradas, vou lhes contar o sonho que tive ontem à noite. Não posso descrevê-lo. Sonhei com a terra como será depois que o Homem tiver desaparecido. Mas o sonho me lembrou de uma coisa que eu tinha esquecido há muito tempo. Muitos anos atrás, quando eu era um leitãozinho, minha mãe e as outras porcas cantavam uma velha canção da qual só sabiam a melodia e as três primeiras palavras. Eu conhecia essa canção desde a minha mais tenra infância, mas há muito tempo já não a tinha na memória. Ontem à noite, porém, sonhei com ela. E, ainda por cima, lembrei-me também da letra, que, tenho certeza, era cantada pelos animais do passado e foi esquecida por muitas gerações. Vou cantá-la para vocês agora, camaradas. Estou velho e minha voz é rouca, mas depois que eu lhes ensinar a melodia vocês podem cantá-la melhor sozinhos. Chama-se 'Bichos da Inglaterra'."

O velho Major pigarreou e começou a cantar. Como dissera, sua voz era rouca, mas ele cantou bem, e era uma música animada, algo entre "Clementine" e "La Cucaracha".

Eis a letra:

"*Bichos da Inglaterra e da Irlanda,*
Destas terras, destes ares,
Ouçam esta boa nova
Que se anuncia a nossos pares.

Cedo ou tarde podem crer,
O Tirano irá ao chão
E nos campos da Inglaterra

Só os bichos pisarão.

Adeus, argolas nas ventas,
Adeus, arreios no lombo,
Freio e espora enferrujando,
Tala não mais estalando.

Mais fartura do que nunca,
Trigo, cevada e aveia,
Feno, feijão e forragem
Teremos só para nós na ceia.

Luz nos campos da Inglaterra,
Cristalinas suas águas correrão,
Bafejo de doces brisas
No dia de nossa libertação.

Batalharemos por esse dia,
Ainda que não o vejamos.
Gansos, vacas e cavalos,
Por liberdade nos movamos.

Bichos da Inglaterra e da Irlanda,
Destas terras, destes ares,
Ouçam esta boa nova
Que se anuncia a nossos pares.”

A música levou os bichos à loucura. Mesmo antes que o Major chegasse ao fim, já tinham começado a cantar por conta própria. Até os mais tolos pegaram a melodia e algumas palavras soltas. Os mais espertos, como os porcos e os cachorros, decoraram letra e melodia em poucos minutos. Então, depois de algumas tentativas preliminares, a fazenda toda prorrompia em "Bichos da Inglaterra" em formidável uníssono. As vacas, os cachorros, as ovelhas, os cavalos, os patos, cada qual na sua voz, entoavam a canção. Estavam tão deliciados que a cantaram cinco vezes seguidas, e teriam cantado a noite inteira se não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente, a algazarra acordou o sr. Jones, que pulou da cama certo de que havia uma raposa no quintal. Pegou a espingarda que sempre ficava num canto do quarto e disparou uma carga de chumbinho na escuridão. Os projéteis encravaram na parede do celeiro e a reunião se dissolveu rapidamente. Todos fugiram para seus respectivos locais de descanso. As aves pularam para os poleiros, os animais se acomodaram na palha e a fazenda inteira adormeceu num instante.

Três noites depois, o velho Major morreu tranquilamente enquanto dormia. Seu corpo foi sepultado no sopé do pomar.

Isso foi no início de março. Nos três meses seguintes, houve muita atividade secreta. O discurso do Major tinha dado aos animais mais inteligentes uma visão completamente nova da vida. Não sabiam quando aconteceria a Rebelião prevista pelo Major, não tinham nenhum motivo para pensar que seria enquanto estivessem vivos, mas perceberam com clareza que era seu dever preparar-se para ela. O trabalho de instruir e organizar os outros recaiu naturalmente sobre os porcos, reconhecidos como os mais inteligentes dos bichos. Destacavam-se entre os porcos dois jovens reprodutores chamados Bola de Neve e Napoleão, que o sr. Jones estava engordando para vender. Napoleão era um macho Berkshire de ar feroz, o único Berkshire na fazenda, de poucas palavras, mas conhecido por conseguir o que queria. Bola de Neve era mais vivaz que Napoleão, mais falante e mais criativo, mas não parecia ter a mesma firmeza de caráter. Todos os outros porcos da fazenda eram destinados ao abate. O mais conhecido deles era um gordinho chamado Amém, de bochechas muito redondas, olhos cintilantes, movimentos ágeis e voz estridente. Era um orador brilhante e, quando discutia alguma questão mais difícil, tinha um jeito de saltitar para lá e para cá, abanando o rabo, que era muito persuasivo. Os outros diziam que Amém era capaz de transformar o preto em branco.

Esses três haviam organizado os ensinamentos do Velho Major num sistema de pensamento completo, a que deram o nome de Animalismo. Várias noites por semana, depois que o sr. Jones adormecia, eles faziam

reuniões secretas no celeiro e expunham aos outros os princípios do Animalismo. No início, a reação foi de muita burrice e apatia. Alguns animais falavam no dever de lealdade ao sr. Jones, a quem se referiam como "Senhor", ou faziam comentários simplórios como "O sr. Jones nos alimenta. Se ele fosse embora, morreríamos de fome". Outros faziam perguntas como "Por que devemos nos importar com o que acontecerá depois que morrermos?" ou "Se essa Rebelião for acontecer de qualquer maneira, que diferença faz trabalharmos por ela ou não?", e os porcos tinham grande dificuldade de fazê-los perceber que isso ia contra o espírito do Animalismo. As perguntas mais idiotas eram feitas por Mollie, a égua branca. A primeiríssima pergunta que ela fez a Bola de Neve foi: "Ainda haverá açúcar depois da Rebelião?"

— Não — respondeu Bola de Neve com firmeza. — Não temos meios de produzir açúcar aqui na fazenda. Além do mais, você não precisa de açúcar. Vai ter aveia e feno à vontade.

— E ainda vão me deixar usar fitas na crina? — perguntou Mollie.

— Camarada — disse Bola de Neve —, essas fitas que tanto aprecia são o símbolo da escravidão. Você não entende que a liberdade vale mais que uma fita?

Mollie concordou, mas não pareceu muito convencida.

Os porcos tiveram que se esforçar mais ainda para neutralizar as mentiras espalhadas por Moisés, o corvo domesticado. Moisés, o bicho de estimação do sr. Jones, era um espião fofoqueiro, mas também um orador astuto. Afirmava saber da existência de um lugar misterioso chamado Montanha de Açúcar, para onde os bichos iam quando morriam. Ficava em algum ponto do céu, um pouco para lá das nuvens, dizia Moisés. Na Montanha de Açúcar, todo dia era domingo, o ano inteiro era época de trevo e as sebes davam torrões de açúcar e torta de

linhaça. Os bichos odiavam Moisés porque ele contava histórias e não trabalhava, mas alguns acreditavam na Montanha de Açúcar, e os porcos tinham que apresentar argumentos incontestáveis para convencê-los de que o lugar não existia.

Os discípulos mais fiéis dos porcos eram os dois cavalos de tração, Guerreiro e Flor. Esses dois tinham muita dificuldade em pensar qualquer coisa pela própria cabeça, mas haviam aceitado os porcos como professores e absorviam tudo o que lhes era dito, passando adiante os ensinamentos aos outros animais com argumentos simples. Nunca faltavam aos encontros secretos no celeiro e puxavam o hino "Bichos da Inglaterra", com o qual as reuniões sempre se encerravam.

Pois bem, no fim das contas, a Rebelião aconteceu muito mais cedo e com muito mais facilidade do que se esperava. Antes, apesar de ser um patrão duro, o sr. Jones era um fazendeiro competente, mas agora andava numa fase ruim. Tinha se desanimado muito depois de perder dinheiro numa ação judicial e dera para beber mais do que devia. Passava dias inteiros sentado na cadeira Windsor da cozinha, lendo jornais, bebendo e alimentando Moisés com cascas de pão embebidas em cerveja. Seus homens eram preguiçosos e desonestos, os campos estavam infestados de ervas daninhas, as construções precisavam de reparos nos telhados, as cercas estavam descuidadas e os animais, subnutridos.

Junho chegou, e o feno estava quase pronto para o corte. Na véspera do solstício de verão, um sábado, o sr. Jones foi a Willingdon e se embebedou tanto no Red Lion que só voltou ao meio-dia de domingo. Os homens haviam ordenhado as vacas de manhã cedo e saído para caçar coelhos, sem se dar ao trabalho de alimentar os animais. Ao chegar, o sr. Jones logo foi dormir no sofá da sala com o *News of the*

World sobre o rosto, de modo que quando caiu a tarde os bichos ainda não tinham comido. Isso foi a gota d'água. Uma das vacas arrebentou a chifradas a porta da tulha, e os animais começaram a se servir nas caixas. Foi aí que o sr. Jones acordou. Logo em seguida, ele e os quatro homens estavam na tulha, chicotes em punho, distribuindo golpes às cegas. Isso era mais do que os animais famintos podiam suportar. De comum acordo, embora nada tivesse sido planejado, atiraram-se sobre seus algozes. Jones e seus homens de repente se viram levando marradas e coices de todo lado. A situação estava fora de controle. Nunca haviam visto os bichos daquele jeito, e o súbito levante das criaturas que eles estavam costumados a espancar e maltratar a seu bel-prazer deixou-os quase loucos de pavor. Em poucos instantes, desistiram de se defender e tentaram fugir. Logo depois, os cinco voavam pela trilha que levava à estrada, com os bichos triunfantes no seu encalço.

A sra. Jones olhou pela janela do quarto, viu o que se passava, jogou às pressas alguns pertences dentro de uma sacola de pano e saiu de fininho da fazenda por outro caminho. Moisés decolou do poleiro e bateu asas atrás dela, crocitando alto. Enquanto isso, os bichos tinham corrido com Jones e os homens para a estrada, fechando a porteira de cinco barras às costas deles. E assim, quando se deram conta, a Rebelião já tinha sido levada a cabo com sucesso: Jones fora expulso, e a Fazenda do Solar era deles.

Durante os primeiros minutos, os bichos mal conseguiram acreditar na sorte que tiveram. Seu primeiro ato foi galopar juntos pelos limites da fazenda, como se quisessem se certificar de que nenhum ser humano tivesse ficado escondido. Depois, voltaram correndo às construções da fazenda para apagar os últimos vestígios do odiado

império de Jones. O quarto dos arreios no fundo dos estábulos foi arrombado. Os freios, as argolas de nariz, as correntes de cachorro, as facas cruéis com que o sr. Jones costumava castrar porcos e carneiros, tudo foi atirado no poço. Rédeas, cabrestos, antolhos e as degradantes cevadeiras foram jogados na fogueira que ardia no quintal. Os chicotes também. Os bichos pularam de alegria ao ver os chicotes em chamas. Bola de Neve também jogou no fogo as fitas que enfeitavam as crinas e os rabos dos cavalos em dias de feira.

— Fitas — disse — devem ser consideradas roupas, que são a marca do ser humano. Todos os animais têm que andar nus.

Quando ouviu isso, Guerreiro foi buscar o chapeuzinho de palha que usava no verão para manter as moscas longe das orelhas e o atirou no fogo com o resto.

Em pouco tempo, os bichos tinham destruído tudo o que lhes lembrava o sr. Jones. Napoleão conduziu-os de volta à tulha, serviu a todos uma ração dupla de milho e ofereceu dois biscoitos a cada cachorro. Depois cantaram "Bichos da Inglaterra" do começo ao fim sete vezes seguidas e então se deitaram e dormiram como nunca.

Mas acordaram no alvorecer como de costume e, ao lembrarem-se do glorioso acontecimento, correram todos juntos para o pasto. Logo no início do campo, havia uma elevação de onde se avistava quase toda a fazenda. Os bichos subiram e olharam em volta, à luz clara da manhã. Sim, era deles — tudo o que enxergavam era deles! Em êxtase com a ideia, saltitaram numa ciranda, dando grandes pulos de alegria. Rolaram no orvalho, comeram bocados do capim doce de verão, arrancaram torrões de terra preta e aspiraram o seu rico aroma. Depois fizeram uma ronda de inspeção na fazenda inteira e visitaram com muita admiração a lavoura, o campo de feno, o pomar, o lago, o bosque.

Era como se nunca tivessem visto aquelas coisas, e mesmo agora mal podiam acreditar que tudo lhes pertencia.

Depois voltaram para as construções da fazenda e pararam em silêncio à porta da sede. Era deles também, mas ficaram com medo de entrar. Logo depois, porém, Bola de Neve e Napoleão forçaram a porta com os ombros e os bichos entraram em fila indiana, caminhando com o maior cuidado para não desordenar nada. Foram, pé ante pé, de um cômodo para o outro, temendo levantar a voz acima de um sussurro e olhando assombrados para todo aquele luxo, para as camas com seus colchões de plumas, os espelhos, o sofá de crina, o tapete de Bruxelas, a litografia da rainha Vitória sobre a lareira da sala de estar. Ao descer as escadas, deram por falta de Mollie. Voltando, descobriram que ela ficara no quarto principal. Pegara um pedaço de fita azul no toucador da sra. Jones e segurava-a junto ao ombro, admirando-se no espelho de uma forma muito tola. Repreenderam-na incisivamente e saíram. Levaram alguns presuntos pendurados na cozinha para enterrar, e Guerreiro arrebentou com um coice o barril de cerveja da copa. Fora isso, nada na casa foi tocado. Aprovaram ali mesmo uma resolução unânime determinando que a casa fosse preservada como museu. Concordaram que nenhum bicho jamais morasse lá.

Os bichos tomaram o desjejum e tornaram a ser convocados por Bola de Neve e Napoleão.

— Camaradas — disse Bola de Neve —, são seis e meia, e temos um longo dia pela frente. Hoje começamos a colheita do feno. Mas antes há outro assunto que precisa ser discutido.

Os porcos revelaram que, nos três últimos meses, tinham aprendido a ler e escrever num velho livro de ortografia que pertencera aos filhos do sr. Jones e fora jogado no lixo. Napoleão mandou buscar latas de tinta

preta e branca e conduziu os demais até a porteira das cinco barras que dava para a estrada principal. Depois, Bola de Neve (pois era quem escrevia melhor) pegou um pincel entre os dedos da pata, cobriu de tinta o nome FAZENDA DO SOLAR na barra superior da porteira e por cima pintou FAZENDA DOS BICHOS. Esse seria o nome da fazenda dali em diante. Depois voltaram para as construções da fazenda, onde Bola de Neve e Napoleão mandaram buscar uma escada de mão, que encostaram na parede do fundo do grande celeiro. Explicaram que, segundo seus estudos dos últimos três meses, os porcos haviam conseguido reduzir os princípios do Animalismo a Sete Mandamentos. Esses Sete Mandamentos agora seriam inscritos na parede; constituiriam uma lei inalterável segundo a qual todos os animais da Fazenda dos Bichos deveriam viver para sempre. Com alguma dificuldade (pois não é fácil para um porco equilibrar-se numa escada de mão), Bola de Neve subiu e pôs-se a trabalhar, com Amém alguns degraus abaixo, segurando a lata de tinta. Os Mandamentos foram escritos na parede alcatroada, em grandes letras brancas que podiam ser lidas a trinta metros de distância. Eis o que diziam:

OS SETE MANDAMENTOS

1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.
2. Qualquer coisa que ande sobre quatro pernas ou tenha asas é amigo.
3. Nenhum animal usará roupas.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal fará uso de bebida alcoólica.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais.

Foi tudo muito bem escrito e, tirante a palavra "inimigo" escrita "enimigo" e um dos "Ss" que vinha espelhado, a ortografia estava toda correta. Bola de Neve leu em voz alta para os demais. Todos os bichos balançaram a cabeça, em pleno acordo, e os mais espertos começaram logo a decorar os Mandamentos.

— Agora, camaradas — exclamou Bola de Neve, depondo o pincel —, ao campo de feno! Será questão de honra fazer a colheita mais depressa do que Jones e seus homens conseguiriam fazer.

Só que nesse momento as três vacas, que já pareciam inquietas havia algum tempo, mugiram alto. Não eram ordenhadas havia 24 horas e tinham os úberes a ponto de explodir. Depois de alguma reflexão, os porcos mandaram buscar baldes e ordenharam as vacas com bastante sucesso, suas mãos bem adaptadas para a tarefa. Em pouco tempo, havia cinco baldes de um leite espumante e cremoso, que muitos dos animais olharam com considerável interesse.

— O que vai acontecer com esse leite todo? — indagou alguém.

— Jones às vezes misturava um pouco à nossa papa — comentou uma das galinhas.

— Não se preocupem com o leite, camaradas — disse Napoleão, colocando-se na frente dos baldes. — Isso também será acertado. A colheita é mais importante. O camarada Bola de Neve abrirá o caminho. Seguirei em alguns minutos. Avante, camaradas! O feno espera.

Então os animais partiram para o campo de feno a fim de iniciar a colheita e, quando voltaram, à tardinha, perceberam que o leite desaparecera.

Como trabalharam e suaram para colher aquele feno! Mas seus esforços foram recompensados, pois a colheita teve ainda mais sucesso do que esperavam.

Às vezes o trabalho era duro; os implementos haviam sido concebidos para seres humanos e não para bichos, e foi uma grande desvantagem o fato de que nenhum animal era capaz de usar qualquer ferramenta que envolvesse ficar em pé nas patas traseiras. Mas os porcos eram tão espertos que conseguiam contornar todas as dificuldades. Quanto aos cavalos, eles conheciam cada centímetro do campo e, na verdade, sabiam ceifar e limpar muito melhor do que Jones e seus homens. Os porcos não trabalhavam de fato, mas orientavam e supervisionavam os outros. Com seu conhecimento superior, era natural que assumissem a liderança. Guerreiro e Flor atrelavam-se à ceifadeira ou ao ancinho (não havia mais necessidade de freios ou rédeas, é óbvio) e circulavam pelo campo com um porco gritando atrás "Vamos, camarada!" ou "Meia-volta, camarada!", conforme o caso. E cada animal, até o mais humilde, trabalhou para colher e juntar o feno. Até os patos e as galinhas labutavam para lá e para cá de sol a sol, carregando pequenos tufos de feno no bico. Por fim terminaram a colheita num prazo dois dias menor do que Jones e seus homens levavam. Além disso, foi a maior colheita que a fazenda já vira. Não houve desperdício nenhum; as galinhas e os patos, com sua vista aguçada, colheram até a ultimíssima haste. E nenhum bicho na granja roubou uma bocada sequer.

Durante todo aquele verão, o trabalho na fazenda andou em perfeita sincronia. Os bichos estavam felizes como jamais tinham imaginado

ser possível. Cada bocada de comida era um prazer profundo, agora que a comida era realmente deles, produzida por eles e para eles, e não distribuída a eles em pequenas quantidades por um senhor de cara amarrada. Sem os inúteis parasitas humanos, havia mais para todos comerem. Havia mais lazer também, embora os bichos fossem inexperientes nisso. Encontraram muitas dificuldades — por exemplo, no fim do ano, quando colheram o trigo, tiveram que pisá-lo à moda antiga e soprar para separá-lo do joio, pois a fazenda não possuía debulhadeira —, mas os porcos, com sua esperteza, e Guerreiro, com seus músculos fabulosos, sempre davam um jeito de superá-las. Guerreiro era a admiração de todos. Era um trabalhador dedicado mesmo na época de Jones, mas agora dava a impressão de valer por três; havia dias em que todo o trabalho da fazenda parecia recair sobre seus ombros fortes. De sol a sol, dedicava-se a puxar e empurrar, estando sempre no lugar onde o trabalho era mais duro. Fizera um trato com um dos galos para despertá-lo meia hora antes dos demais pela manhã, e se oferecia para fazer qualquer tarefa que parecesse mais necessária, antes que começasse o dia normal de trabalho. Sua resposta para todos os problemas e todos os contratempos era: "Me esforçarei ainda mais!", o que adotou como seu lema pessoal.

Mas cada um trabalhava de acordo com a sua capacidade. As galinhas e os patos, por exemplo, economizavam cinco baldes de milho na colheita ao catar os grãos extraviados. Ninguém roubava, ninguém reclamava de suas rações, as brigas, as mordidas e a ciumeira que faziam parte da vida nos velhos tempos tinham quase desaparecido. Ninguém fugia do batente — ou quase ninguém. Mollie, para dizer a verdade, não era boa em levantar cedo e tinha mania de abandonar o trabalho logo alegando estar com pedra no casco. E o comportamento

da gata era um tanto peculiar. Logo se notou que, quando havia trabalho a ser feito, a gata nunca era encontrada. Ela sumia por horas a fio e depois aparecia na hora das refeições, ou à noite, depois do expediente, como se nada tivesse acontecido. Mas sempre dava ótimas desculpas e ronronava de maneira tão amorosa que era impossível não acreditar em suas boas intenções. O velho Benjamin, o burro, parecia bem pouco mudado desde a Rebelião. Fazia o seu trabalho com a mesma lentidão obstinada dos tempos de Jones, nunca se esquivando do trabalho nem se oferecendo para tarefas extras. Sobre a Rebelião e seus resultados, não emitia opinião. Quando indagado se era mais feliz agora que Jones desaparecera, dizia apenas "Os burros vivem muito tempo. Nenhum de vocês jamais viu um burro morto", e os outros tinham que se contentar com essa resposta enigmática.

Aos domingos, não havia trabalho. O desjejum era uma hora mais tarde, e depois havia uma cerimônia que se realizava todas as semanas, religiosamente. Primeiro se hasteava a bandeira. Bola de Neve encontrara no quarto dos arreios uma velha toalha de mesa verde da sra. Jones e pintara nela, em branco, um casco e um chifre. Essa bandeira era erguida no mastro do jardim da casa nas manhãs de domingo. A bandeira era verde, explicou Bola de Neve, para representar os verdes campos da Inglaterra, ao passo que o casco e o chifre simbolizavam a futura República dos Bichos que nasceria quando a raça humana finalmente fosse derrubada. Após o hasteamento da bandeira, todos os animais iam até o grande celeiro para a assembleia geral, conhecida como Reunião. Lá planejavam o trabalho da semana seguinte e apresentavam e debatiam as resoluções. Sempre eram os porcos que apresentavam as resoluções. Os outros animais entendiam como votar, mas nunca conseguiam conceber por si

mesmos uma resolução. Bola de Neve e Napoleão eram de longe os mais ativos nos debates. Mas notou-se que os dois nunca estavam de acordo: qualquer sugestão de um podia contar com a oposição do outro. Mesmo quando se resolveu — coisa a que ninguém podia fazer objeção — reservar o pequeno padoque atrás do pomar para os animais que já não trabalhavam, houve uma discussão violenta sobre a idade correta de aposentadoria para cada categoria de animal. A Reunião sempre se encerrava com a canção "Bichos da Inglaterra", e a tarde era destinada ao lazer.

Os porcos reservaram o quarto dos arreios como seu quartel-general. Ali, à noite, estudavam metalurgia, carpintaria e outras artes necessárias, em livros trazidos da sede. Bola de Neve também se ocupava da organização dos outros bichos no que chamava de Comitês de Animais. Era incansável nesse aspecto. Formou o Comitê da Produção de Ovos para as galinhas, a Liga dos Rabos Limpos para as vacas, o Comitê de Reeducação dos Camaradas Descontrolados (cujo objetivo era domar ratos e coelhos), o Movimento em Prol da Lã Mais Branca para as ovelhas e vários outros, além da criação de cursos de alfabetização. De maneira geral, esses projetos foram um fracasso. A tentativa de domar as criaturas silvestres, por exemplo, logo malogrou. Elas continuavam a agir como antes e simplesmente se aproveitavam quando tratadas com generosidade. A gata entrou para o Comitê de Reeducação e passou alguns dias sendo muito ativa. Depois foi vista sentada num telhado, falando com alguns pardais que estavam pouco além do seu alcance. Dizia-lhes que todos os bichos eram agora camaradas, e que qualquer pardal que quisesse poderia vir pousar na sua pata; mas os passarinhos se mantiveram longe.

Contudo as aulas de alfabetização foram um grande sucesso. No outono, quase todos os bichos da fazenda já sabiam, em alguma medida, ler e escrever.

Os porcos faziam os dois com perfeição. Os cachorros aprenderam a ler razoavelmente bem, mas não se interessavam em ler nada além dos Sete Mandamentos. Muriel, a cabra, sabia ler um pouco melhor que os cachorros e algumas noites lia para os outros os restos de jornal que achava no lixo. Benjamin lia tão bem quanto qualquer porco, mas nunca exercia sua competência. Na opinião dele, dizia, não havia o que valesse a pena ler. Flor aprendeu o alfabeto inteiro, mas não conseguia formar uma palavra. Guerreiro não conseguia passar da letra D. Desenhava A, B, C, D na terra, depois ficava olhando para as letras com as orelhas deitadas, às vezes sacudindo o topete, fazendo o maior esforço para se lembrar do que vinha a seguir e sempre fracassando. Em várias ocasiões, de fato, aprendeu E, F, G, H, mas aí sempre se descobria que havia esquecido o A, o B, o C e o D. Por fim, decidiu ficar satisfeito com as quatro primeiras letras, e as escrevia uma ou duas vezes por dia, para refrescar a memória. Mollie se recusava a aprender mais que as letras do seu nome. Formava-as com muito esmero usando pedaços de graveto e decorava-as com uma ou duas flores antes de se pôr a andar em volta, admirando-as.

Nenhum dos outros animais da fazenda conseguiu passar da letra A. Descobriu-se também que os bichos mais ignorantes, como as ovelhas, as galinhas e os patos, eram incapazes de decorar os Sete Mandamentos. Depois de muito refletir, Bola de Neve declarou que os Sete Mandamentos poderiam efetivamente ser reduzidos a uma única e simples máxima, a saber: “Quatro pernas bom, duas pernas mau.” Aí estava contido o princípio essencial do Animalismo. Quem o

entendesse estaria a salvo das influências humanas. As aves, a princípio, contestaram, pois tinham a impressão de que também possuíam duas pernas, mas Bola de Neve provou-lhes que isso não era verdade.

— As asas das aves, camaradas — disse —, são órgãos de propulsão, não de manipulação. Portanto, devem ser consideradas pernas. A marca distintiva do homem é a MÃO, o instrumento com o qual ele faz toda a sua maldade.

As aves não entenderam as extensas palavras de Bola de Neve, mas aceitaram sua explicação, e todos os animais mais humildes puseram-se a decorar a nova máxima, QUATRO PERNAS BOM, DUAS PERNAS MAU, que foi escrita na parede do fundo do celeiro, acima dos Sete Mandamentos, em letras maiores. Depois que a memorizaram, as ovelhas desenvolveram uma grande predileção por essa máxima, e volta e meia, enquanto estavam deitadas no campo, ficavam todas balindo por horas a fio sem se cansar "Quatro pernas bom, duas pernas mau!".

Napoleão não se interessou pelos comitês de Bola de Neve. Dizia que a educação dos jovens era mais importante do que qualquer coisa que se pudesse fazer para os adultos. Aconteceu que Jessie e Sininho tinham dado cria logo depois da colheita do feno, parindo nove robustos filhotes. Tão logo foram desmamados, Napoleão tirou-os das mães, dizendo que ia se responsabilizar pela educação deles. Levou-os para um sótão e lá os manteve num isolamento tal que o resto da fazenda logo se esqueceu da existência deles.

O mistério do paradeiro do leite logo se esclareceu. Era misturado todos os dias à papa dos porcos. As primeiras maçãs já amadureciam e a relva do pomar estava coberta de frutas derrubadas pelo vento. Os

bichos acharam que seriam divididas equitativamente; só que um dia chegou a ordem de que todas as frutas derrubadas pelo vento deviam ser recolhidas e levadas ao quarto dos arreios para uso dos porcos. Diante disso, alguns bichos reclamaram, mas não adiantou. Os porcos todos estavam de pleno acordo quanto a essa questão, inclusive Bola de Neve e Napoleão. Amém foi enviado para dar as devidas explicações aos demais.

— Camaradas! — exclamou. — Vocês não imaginam, espero, que nós, os porcos, estejamos fazendo isso por egoísmo e em privilégio próprio. Muitos de nós, aliás, não gostamos de leite nem de maçãs. Eu sou um deles. Nosso único objetivo ao consumir essas coisas é preservar a nossa saúde. O leite e a maçã (está provado pela ciência, camaradas) contêm substâncias absolutamente necessárias ao bem-estar de um porco. Nós, porcos, trabalhamos com o cérebro. A administração e a organização desta fazenda dependem de nós. Dia e noite, velamos pelo bem-estar de vocês. É por VOCÊS que bebemos esse leite e comemos essas maçãs. Sabem o que aconteceria se nós, porcos, falhássemos no nosso compromisso? Jones voltaria! Sim! Jones voltaria! Com certeza, camaradas — gritou Amém quase em tom de súplica, saltitando de um lado para o outro e agitando o rabo. — Com certeza nenhum de nós quer ver Jones de volta, certo?

Ora, se havia uma coisa da qual os bichos tinham certeza absoluta era não quererem Jones de volta. Quando o assunto lhes foi exposto sob essa ótica, não tiveram mais o que dizer. A importância de manter os porcos bem de saúde era por demais óbvia. Então ficou resolvido sem mais discussões que o leite e as maçãs derrubadas pelo vento (assim como a safra principal de maçãs quando amadurecessem) seriam reservados exclusivamente aos porcos.

No fim do verão, a notícia do que acontecera na Fazenda dos Bichos se espalhara por metade do condado. Todos os dias, Bola de Neve e Napoleão enviavam bandos de pombos com a instrução de que se misturassem aos animais das fazendas vizinhas, contassem a história da Rebelião e ensinassem a todos a melodia de "Bichos da Inglaterra".

Jones passara a maior parte desse tempo sentado no bar do Red Lion em Willingdon, queixando-se a quem quisesse ouvir da monstruosa injustiça que sofrera ao ser expulso de sua propriedade por uma cambada de animais imprestáveis. Os outros fazendeiros em princípio se solidarizaram, mas não lhe deram muita ajuda no primeiro momento. No fundo, cada um deles se perguntava se poderia de alguma forma tirar partido da desventura de Jones. Era uma sorte o fato de que os dois proprietários das fazendas adjacentes à Fazenda dos Bichos não se dessem bem. Uma delas, chamada Foxwood, era uma fazenda grande, abandonada e antiquada, quase toda tomada pela mata, com os pastos cansados e as sebes em petição de miséria. O dono, o sr. Pilkington, era um cavalheiro agradável que passava a maior parte do tempo pescando ou caçando, conforme a estação. A outra fazenda, que se chamava Pinchfield, era menor e mais bem-cuidada. Seu dono era o sr. Frederick, um homem rústico e sagaz, sempre envolvido em litígios e com fama de ser bom negociador. Os dois se detestavam tanto que era difícil para eles chegar a qualquer acordo, mesmo em defesa dos próprios interesses.

Contudo, ambos estavam assustadíssimos com a rebelião na Fazenda dos Bichos e muito ansiosos para evitar que seus próprios animais viessem a saber do ocorrido. A pricípio, fingiram rir e fazer pouco da

ideia de bichos administrarem uma fazenda. O projeto todo estaria acabado em quinze dias, diziam. Espalharam que os animais da Fazenda do Solar (insistiam em chamá-la Fazenda do Solar; não toleravam o nome "Fazenda dos Bichos") viviam brigando entre si e também estavam morrendo de fome. Conforme o tempo passava e os bichos visivelmente não morriam de fome, Frederick e Pilkington mudaram de tom e começaram a falar na terrível perversidade que agora prosperava na Fazenda dos Bichos. Disseram que os animais ali praticavam canibalismo, torturavam uns aos outros com ferraduras em brasa e compartilhavam suas fêmeas. Isso é que dava se rebelar contra as leis da Natureza, alertavam Frederick e Pilkington.

No entanto, nunca se deu muito crédito a essas histórias. Boatos de uma fazenda maravilhosa, da qual os seres humanos haviam sido expulsos e onde os bichos administravam os próprios negócios, continuavam a circular de formas vagas e distorcidas, e durante todo aquele ano uma onda de rebeldia correu pela região. Touros que sempre haviam sido afáveis de repente viraram selvagens, ovelhas derrubavam sebes e devoravam o trevo, vacas chutavam o balde, cavalos refugavam diante das cercas e lançavam os cavaleiros do outro lado. Sobretudo, a melodia e até a letra de "Bichos da Inglaterra" eram conhecidas em toda parte. A canção se espalhara com incrível rapidez. Os seres humanos não continham a própria raiva quando ouviam esse hino, embora fingissem achá-lo meramente ridículo. Não conseguiam entender, diziam, como mesmo os animais eram capazes de cantar um lixo desprezível daqueles. Qualquer animal apanhado cantando aquilo era açoitado na hora. No entanto, a canção era irreprimível. Os melros a assoviavam nas sebes, os pombos a arrulhavam nos olmos, ela entrava nas marteladas dos ferreiros e no repicar dos sinos das igrejas.

E, quando a escutavam, os seres humanos tremiam em seu íntimo, identificando nela a profecia de sua perdição.

No início de outubro, quando o trigo já havia sido colhido, empilhado e, em parte, debulhado, uma revoada de pombos chegou fazendo piruetas no ar e pousou no terreiro da Fazenda dos Bichos na maior empolgação. Jones e todos os seus homens, mais uns seis outros da Foxwood e da Pinchfield, haviam entrado pela porteira das cinco barras e subiam a trilha que levava à fazenda. Todos carregavam paus, menos Jones, que marchava à frente com uma espingarda na mão. Era evidente que iam tentar reaver a fazenda.

Isso era esperado havia muito, e todos os preparativos tinham sido feitos. Bola de Neve, que estudara um livro antigo que encontrara na sede sobre as campanhas de Júlio César, estava encarregado das operações defensivas. Rapidamente deu suas ordens, e num instante todos os animais ocuparam seus postos.

Quando os seres humanos se aproximaram das edificações, Bola de Beve lançou o primeiro ataque. Os pombos, que somavam 35, ficaram sobrevoando a cabeça dos homens e defecando em cima deles; e, enquanto os homens lidavam com isso, os gansos, que estavam escondidos atrás da sebe, avançaram e começaram a lhes bicar cruelmente as panturrilhas. Mas isso foi apenas uma pequena manobra de distração, destinada a criar um pouco de confusão, e os homens facilmente enxotaram os gansos com seus paus. Bola de Neve então lançou sua segunda linha de ataque. Muriel, Benjamin e todas as ovelhas, com Bola de Neve à frente, investiram contra os homens empurrando e dando marradas para todos os lados, enquanto Benjamin virava-se e escoiceava-os com seus pequenos cascos. Porém, de novo, os homens, com seus paus e suas botas ferradas, eram fortes

demais para eles; e de repente, com um guincho de Bola de Neve, que era o sinal de retirada, todos os bichos deram meia-volta e fugiram pelo portão para dentro do terreiro.

Os homens deram um berro de triunfo. Viram, como imaginaram, seus inimigos em fuga e se lançaram em seu encalço desordenadamente. Era justo o que Bola de Neve pretendia. Tão logo os homens estavam dentro do terreiro, os três cavalos, as três vacas e o resto dos porcos, que estavam emboscados no curral, surgiram de repente na retaguarda, encurralando-os. Bola de Neve deu o sinal de investida. Ele próprio correu direto para Jones. Jones o viu chegar, levantou a espingarda e atirou. Os chumbinhos deixaram estrias sangrentas no lombo de Bola de Neve, e uma ovelha caiu morta. Sem parar um só instante, Bola de Neve lançou seus quase cem quilos contra as pernas de Jones. Jones foi atirado num monte de estrume e a espingarda lhe voou das mãos. Mas o espetáculo mais aterrorizante de todos foi Guerreiro, erguendo-se nas patas traseiras como um garanhão e golpeando com os enormes cascos ferrados. Seu primeiríssimo golpe acertou no crânio de um cavalariço da Foxwood, que caiu sem vida na lama. Diante disso, vários homens largaram os paus e tentaram correr. O pânico os venceu, e no momento seguinte todos os animais os perseguiram em volta do terreiro. Eles foram chifrados, escoiceados, mordidos, pisoteados. Não houve um bicho na fazenda que não se vingasse deles à sua moda. Até a gata de repente pulou de um telhado nos ombros de um vaqueiro e cravou-lhe as garras no pescoço, levando-o a gritar horrivelmente. Numa hora em que a saída estava livre, os homens conseguiram fugir do terreiro e dar no pé rumo à estrada principal. E assim, passados cinco minutos da invasão, batiam em retirada pelo mesmo caminho da vinda, com um bando de

gansos sibilando em seu encalço e bicando-lhes as panturrilhas o tempo todo.

Todos os homens haviam fugido, menos um. No terreiro, Guerreiro pateava com o casco o cavalariço que jazia estirado de bruços na lama, tentando virá-lo. O rapaz não se mexia.

— Está morto — disse Guerreiro, pesaroso. — Não tive intenção de fazer isso. Esqueci que estava com as ferraduras. Quem vai acreditar que não fiz isso de propósito?

— Nada de sentimentalismo, camarada! — gritou Bola de Neve, cujos ferimentos ainda sangravam. — Guerra é guerra. Humano bom é humano morto.

— Eu não desejo tirar a vida de ninguém, nem mesmo de um ser humano — repetia Guerreiro, com os olhos cheios d'água.

— Cadê Mollie?! — exclamou alguém.

Mollie na verdade tinha desaparecido. Por um instante, houve grande alarme; temeu-se que os homens a tivessem machucado, ou mesmo que a tivessem levado com eles. Mas afinal foi encontrada escondida na própria baia com a cabeça enterrada no feno da manjedoura. Fugira assim que a espingarda disparara. E, quando voltaram depois de encontrá-la, os bichos descobriram que o cavalariço, que na verdade estava apenas desacordado, já se recuperara e fugira.

Tornaram então a reunir-se na maior animação, cada qual contando a plenos pulmões as próprias façanhas na batalha. Imediatamente se improvisou uma celebração da vitória. A bandeira foi hasteada e "Bichos da Inglaterra" foi entoado várias vezes, depois a ovelha morta recebeu funerais solenes, e uma muda de espinheiro foi plantada em seu túmulo. À beira do túmulo, Bola de Neve fez um pequeno discurso,

sublinhando a necessidade de todos os bichos estarem dispostos a morrer pela Fazenda dos Bichos se preciso fosse.

Os animais decidiram por unanimidade criar uma condecoração militar, a "Herói Animal, Primeira Classe", conferida ali mesmo a Bola de Neve e Guerreiro. Consistia numa medalha de bronze (eram, na verdade, uns bronzes dos arreios achados no quarto dos arreios), para ser usada aos domingos e feriados. Criaram também a "Herói Animal, Segunda Classe", conferida postumamente à ovelha morta.

Discutiu-se muito qual nome deveria ser dado à batalha. Por fim foi chamada de Batalha do Curral, pois a emboscada havia sido montada lá. A espingarda do sr. Jones foi encontrada na lama, e era sabido que havia um suprimento de cartuchos na sede. Decidiu-se que a arma seria colocada ao pé do Mastro, como uma peça de artilharia, e seria disparada duas vezes por ano — uma no dia 12 de outubro, aniversário da Batalha do Curral, e outra no dia do Solstício do Verão, aniversário da Rebelião.

Com a chegada do inverno, Mollie tornou-se cada vez mais difícil. Atrasava-se para o trabalho todas as manhãs, desculpava-se dizendo que dormira demais e queixava-se de dores misteriosas, embora seu apetite fosse excelente. A qualquer pretexto, fugia do trabalho e ia para o açude, onde se deixava ficar contemplando estupidamente a própria imagem refletida na água. Mas corriam também boatos mais sérios. Um dia, quando Mollie entrou despreocupada no terreiro, balançando o longo rabo e mascando um talo de feno, Flor chamou-a de lado.

— Mollie — disse ela —, tenho uma coisa muito séria para lhe dizer. Hoje de manhã, vi você olhando por cima da sebe que divide a Fazenda dos Bichos da Foxwood. Um dos empregados do sr. Pilkington estava do outro lado. E ele, tenho quase certeza disso, embora eu estivesse longe, falava com você e você o deixava fazer carinho no seu nariz. O que isso quer dizer, Mollie?

— Ele não fez! Eu não estava! Não é verdade! — gritou Mollie, começando a empinar e patear o chão.

— Mollie! Olhe na minha cara. Você me dá sua palavra de honra de que aquele homem não fez carinho no seu nariz?

— Não é verdade — repetiu Mollie, mas não conseguia encarar Flor, e logo depois deu no pé e galopou para o campo.

Flor teve uma ideia. Sem dizer nada aos outros, foi à baia de Mollie e revirou a palha com o casco. Escondidos ali havia um montinho de torrões de açúcar e um bocado de fitas de diversas cores.

Três dias depois, Mollie desapareceu. Durante algumas semanas nada se soube sobre seu paradeiro, então os pombos informaram tê-la visto no outro extremo de Willingdon, entre os varais de uma elegante

charrete pintada de vermelho e preto e estacionada em frente a uma taverna. Um homem gordo de cara vermelha, calças xadrez e polainas, com aspecto de taverneiro, afagava-lhe o nariz e dava-lhe torrões de açúcar. Mollie tinha o pelo recém-aparado e usava uma fita escarlate no topete. Parecia feliz da vida, disseram os pombos. Os bichos nunca mais falaram nela.

Em janeiro, chegou o clima inóspito. A terra parecia ferro, e nada se podia fazer nos campos. Houve muitas reuniões no grande celeiro, e os porcos se ocupavam com o planejamento do trabalho da estação vindoura. Ficara acertado que os porcos, que visivelmente eram mais espertos que os outros bichos, decidiriam todas as questões referentes à política da fazenda, embora suas decisões tivessem que ser ratificadas pelo voto da maioria. Esse acerto teria funcionado bastante bem não fossem as disputas entre Bola de Neve e Napoleão. Os dois discordavam em todos os pontos em que era possível discordar. Se um propunha semear uma lavoura maior de cevada, era certo o outro exigir uma maior de aveia, e, se um deles dissesse que tal campo era ótimo para plantar repolho, o outro declarava que só servia para plantar raízes. Cada qual tinha os seus seguidores, e havia algumas discussões violentas. Nas Reuniões, Bola de Neve quase sempre conquistava a maioria por seus brilhantes discursos, mas Napoleão era melhor em pedir apoio para si mesmo nos intervalos. Era especialmente bem-sucedido com as ovelhas. Ultimamente, as ovelhas tinham dado para balir "Quatro pernas bom, duas pernas mau" tanto quando cabia quanto quando não cabia, e muitas vezes interrompiam a Reunião com esse refrão. Notou-se que tinham uma propensão especial para prorromper em "Quatro pernas bom, duas pernas mau" em momentos cruciais dos discursos de Bola de Neve. Bola de Neve estudara com

atenção alguns números antigos da revista *O Fazendeiro e o Criador de Gado* encontrados na sede e estava cheio de planos para inovações e melhorias. Falava com conhecimento sobre drenagens, silagens e escória básica, e elaborara um esquema complexo para que todos os bichos evacuassem diretamente nos campos, cada dia num ponto diferente, para poupar o trabalho do carreto. Napoleão não fazia nenhum projeto, mas dizia baixinho que os de Bola de Neve não dariam em nada, e parecia estar aguardando a oportunidade. Mas de todos os desentendimentos entre eles nenhum foi tão sério quanto o do moinho de vento.

No pasto comprido, não muito longe das construções da fazenda, havia um pequeno outeiro que era o ponto mais alto da propriedade. Depois de analisar o solo, Bola de Neve declarou que aquele era o lugar exato para a construção de um moinho de vento. O moinho acionaria um dínamo e forneceria energia elétrica para a fazenda. A energia iluminaria as baias e as aqueceria no inverno, além de fazer fucionar uma serra circular, um cortador de palha, um fatiador de beterraba forrageira e uma ordenhadeira mecânica. Os animais nunca tinham ouvido falar em nada parecido (a fazenda era antiquada e só possuía um maquinário ultrapassado) e escutaram espantados Bola de Neve evocar imagens de máquinas fantásticas que fariam o trabalho deles, deixando-os à vontade para pastar nos campos ou se dedicar à leitura e à conversação a fim de aprimorar a mente.

Em poucas semanas, o projeto de Bola de Neve para o moinho de vento estava todo pormenorizado. Os detalhes mecânicos foram retirados principalmente de três livros que tinham pertencido ao sr. Jones — *Mil coisas úteis para fazer em sua casa*, *Seja seu próprio empreiteiro* e *Eletricidade para iniciantes*. Bola de Neve usou como

escritório um galpão antes destinado a incubadoras, onde havia um piso de madeira lisa no qual se podia desenhar. Passava horas a fio trancado ali. Usando uma pedra para manter os livros abertos e com um pedaço de giz entre os dedos, andava ligeiro para lá e para cá, desenhando linhas e mais linhas e soltando guinchinhos de entusiasmo. Aos poucos, o projeto se transformou numa massa complicada de manivelas e engrenagens que cobria mais da metade do piso e que os outros bichos achavam completamente ininteligível, mas muito impressionante. Todos eles iam olhar os desenhos de Bola de Neve pelo menos uma vez por dia. Até as galinhas e os patos apareciam e pelejavam para não pisar nas marcas de giz. Só Napoleão mantinha-se alheio. Desde o início, declarara-se contra o moinho. Um dia, porém, chegou de surpresa para ver o projeto. Circulou pesadamente pelo galpão, examinou com atenção cada detalhe da planta, farejando-os uma ou duas vezes, em seguida contemplou por um tempinho, de rabo de olho, os desenhos; então de repente levantou a perna, urinou no projeto e saiu sem dizer palavra.

A fazenda estava profundamente dividida em relação à questão do moinho de vento. Bola de Neve não negava que construí-lo seria um trabalho difícil. Seria necessário carregar pedras e transformá-las em paredes, depois costruir as hélices, e ainda haveria a necessidade de dínamos e cabos. (Onde seriam encontrados, Bola de Neve não dizia.) Mas afirmava que tudo poderia ser feito em um ano. E dali em diante, declarou, seria poupado tanto tempo que bastariam apenas três dias de trabalho por semana. Napoleão, por outro lado, argumentava que a grande necessidade do momento era aumentar a produção de alimentos e que, se perdessem tempo com o moinho de vento, iam morrer de fome. Os bichos dividiram-se em duas facções representadas

pelos slogans: “Vote em Bola de Neve e na semana de três dias” e “Vote em Napoleão e na manjedoura cheia”. Benjamin foi o único animal que não tomou partido. Recusava-se a acreditar tanto que haveria mais fartura de alimentos quanto que o moinho de vento pouparia trabalho. Com moinho ou sem moinho, dizia, a vida seguiria como sempre fora — isto é, mal.

Fora as discordâncias sobre o moinho de vento, havia a questão da defesa da fazenda. Era ponto pacífico que, embora tivessem sido derrotados na Batalha do Curral, os seres humanos poderiam fazer uma tentativa mais determinada de reaver a fazenda e restaurar o sr. Jones. Tinham mais razão ainda para fazê-lo, pois as notícias de sua derrota haviam se espalhado pela região e deixado os animais das fazendas vizinhas mais relutantes do que nunca. Como sempre, Bola de Neve e Napoleão não estavam de acordo. Segundo Napoleão, o que os bichos precisavam fazer era arranjar armas de fogo e aprender a usá-las. Segundo Bola de Neve, eles deviam enviar cada vez mais pombos para incitar à rebelião os animais das outras fazendas. Um argumentava que, se não fossem capazes de se defender, fatalmente seriam conquistados. O outro argumentava que, se acontecessem rebeliões por toda parte, eles não teriam necessidade de se defender. Os bichos escutaram primeiro Napoleão, depois Bola de Neve, e não conseguiram decidir quem tinha razão; sempre se viam concordando com o orador do momento.

Afinal chegou o dia em que o projeto de Bola de Neve ficou pronto. Na Reunião do domingo seguinte, a questão de começar ou não a obra do moinho de vento foi posta em votação. Quando os animais estavam reunidos no grande celeiro, Bola de Neve se levantou e, apesar de interrompido de vez em quando pelo balido das ovelhas, apresentou

suas razões para defender a construção do moinho. Depois, Napoleão levantou-se para responder. Disse com muita calma que o moinho de vento não fazia sentido, aconselhou todos a votarem contra a obra e rapidamente tornou a sentar-se; sua fala nem levara trinta segundos, e ele parecia quase indiferente ao efeito que provocara. Diante disso, Bola de Neve levantou-se de um pulo e, calando aos gritos as ovelhas, que tinham recomeçado a balir, irrompeu num apelo apaixonado em favor do moinho de vento. Até então, os bichos estavam quase igualmente divididos em sua simpatia, mas num instante a eloquência de Bola de Neve os arrebatara. Em frases brilhantes, ele pintou um retrato de como poderia ser a Fazenda dos Bichos quando o trabalho sórdido fosse retirado do lombo dos animais. Sua imaginação ia agora muito além de cortadores de palha e fatiadores de nabo. A eletricidade, disse, poderia operar debulhadoras, arados, grades, rolos compressores, segadoras e enfardadeiras, além de dotar cada baia de sua própria iluminação, de água quente e fria e de um aquecedor elétrico. Quando terminou de falar, não havia dúvida quanto ao resultado da votação. Mas, justo aí, Napoleão levantou-se e, lançando um estranho olhar de esguelha para Bola de Neve, soltou um guincho estridente de um tipo inédito.

Nesse momento, um uivo terrível ecoou do lado de fora, e nove cachorros enormes usando coleiras com tachas de bronze entraram aos saltos no celeiro. Avançaram em Bola de Neve, que pulou de onde estava bem a tempo de escapar das mandíbulas ativas. Num instante, saiu porta afora com os cachorros em seu encalço. Espantados e aterrorizados demais para falar, os bichos saíram em peso para assistir à perseguição. Bola de Neve corria pelo pasto que ia dar na estrada. Corria como só um porco sabe correr, mas os cachorros estavam em

seu encalço. De repente, ele escorregou, e pareceu que tinha sido pego. Então tornou a se levantar, correndo mais do que nunca, e logo os cachorros tornaram a alcançá-lo. Um deles quase fechou as mandíbulas no rabo de Bola de Neve, que o sacudiu bem na hora. Então o porco deu mais uma arrancada e, por um triz, conseguiu escapar da mordida ao se enfiar num buraco na sebe e não foi mais visto.

Calados e apavorados, os bichos voltaram de fininho para dentro do celeiro. Num instante, chegaram os cachorros aos saltos. A princípio, ninguém fora capaz de imaginar de onde aquelas criaturas tinham vindo, mas logo o assunto foi resolvido: eram os filhotes que Napoleão tomara das mães e criara em segredo. Embora ainda não fossem adultos, eram cães enormes, de ar feroz como lobos. Mantiveram-se perto de Napoleão. Notou-se que abanavam o rabo para ele do mesmo modo como os outros cães faziam para o sr. Jones.

Napoleão, com os cães atrás, subiu na plataforma de onde o Major fizera o seu discurso. Anunciou que, daquele momento em diante, terminariam as Reuniões das manhãs de domingo. Eram desnecessárias, disse, e uma perda de tempo. No futuro, todas as questões relativas ao funcionamento da fazenda seriam resolvidas por uma comissão de porcos, presidida por ele. Essa comissão se reuniria em particular e depois comunicaria suas decisões aos outros. Os bichos continuariam a se reunir nas manhãs de domingo para saudar a bandeira, cantar "Bichos da Inglarerra" e receber as ordens da semana; mas não haveria mais debates.

Apesar do choque que a expulsão de Bola de Neve lhes causara, os animais ficaram consternados com esse anúncio. Vários deles teriam protestado se tivessem conseguido achar os argumentos certos. Até Guerreiro estava vagamente perturbado. Abaixou as orelhas, sacudiu o

topete várias vezes e tentou pôr as ideias em ordem; mas acabou não conseguindo pensar em nada para dizer. Alguns porcos, porém, tinham mais capacidade de expressar seus pensamentos. Quatro jovens criados para o abate, acomodados na primeira fila, soltaram guinchos estridentes de reprovação e se levantaram de um pulo, começando a falar imediatamente. Mas de repente os cachorros sentados em volta de Napoleão deram rosnados profundos e ameaçadores, e os porcos calaram-se e tornaram a sentar-se. Então as ovelhas irromperam num espantoso balido de "Quatro pernas bom, duas pernas mau!" que durou por quase 15 minutos, pondo fim a qualquer chance de discussão.

Depois Amém foi enviado numa missão pela fazenda, para explicar aos outros o novo acordo.

— Camaradas — começou ele —, creio que cada animal aqui agradece o sacrifício que o Camarada Napoleão fez ao assumir mais esse trabalho. Não imaginem, camaradas, que a liderança é um prazer! Ao contrário, é uma enorme e pesada responsabilidade. Ninguém acredita com mais firmeza que o Camarada Napoleão na igualdade de todos os bichos. Ele gostaria muito de deixá-los tomar suas próprias decisões. Mas às vezes vocês poderiam tomar as decisões erradas, camaradas, e como ficaríamos depois? Suponham que tivessem decidido seguir Bola de Neve, com seu disparate de moinhos de vento. Bola de Neve, que, como hoje sabemos, não valia mais que um criminoso?

— Ele lutou bravamente na Batalha do Curral — interveio alguém.

— Bravura não basta — disse Amém. — Lealdade e obediência são mais importantes. E, quanto à Batalha do Curral, acredito que chegará a hora em que descobriremos que o papel de Bola de Neve nela foi muito exagerado. Disciplina, camaradas, disciplina férrea! Essa é a palavra de ordem para hoje. Um passo em falso, e nossos inimigos

estarão em cima de nós. Com certeza, camaradas, vocês não querem Jones de volta, certo?

Mais uma vez, esse argumento era incontestável. Claro que os animais não queriam Jones de volta; se a realização de debates nas manhãs de domingo fossem trazê-lo de volta, então os debates deviam cessar. Guerreiro, que agora tivera tempo de refletir, expressou o sentimento geral, dizendo:

— Se o Camarada Napoleão diz, deve estar certo. — E dali em diante adotou a máxima "Napoleão tem sempre razão", acrescentando-a a seu lema particular "Me esforçarei ainda mais".

Àquela altura, o tempo melhorara e começara a lavra de primavera. O galpão onde Bola de Neve desenhara seu projeto do moinho de vento foi trancado, e presumiu-se que os desenhos do chão tivessem sido apagados. Todos os domingos, às dez horas, os animais reuniam-se no grande celeiro para receber as ordens da semana. A caveira do velho Major, agora já descarnada, fora desenterrada do pomar e colocada num toco ao pé do mastro, ao lado da espingarda. Após o hasteamento da bandeira, os bichos precisavam desfilar com reverência diante da caveira antes de entrar no celeiro. Agora não se sentavam todos juntos como no passado. Napoleão, com Amém e outro porco chamado Mínimo, que tinha um talento notável para compor canções e poemas, sentavam-se na frente da plataforma, com os nove jovens cachorros formando um semicírculo em volta deles, e os outros porcos atrás. O restante dos animais sentava-se no corpo principal do celeiro, de frente para eles. Napoleão lia as ordens da semana num azedo estilo militar, e após cantarem uma única vez "Bichos da Inglaterra" os animais se dispersavam.

No terceiro domingo após a expulsão de Bola de Neve, os bichos ficaram um tanto surpresos ao ouvir Napoleão anunciar que o moinho de vento afinal seria construído. Não deu nenhuma razão para ter mudado de ideia, mas apenas avisou os animais de que essa tarefa extra significaria trabalho muito árduo, e talvez até fosse necessário reduzir as rações. O projeto, porém, já estava todo detalhado. Uma comissão especial de porcos trabalhara nele durante as três últimas semanas. A construção do moinho de vento, com várias outras melhorias, deveria levar dois anos.

Naquela tarde, Amém explicou em particular aos outros bichos que Napoleão nunca fora de fato contra o moinho de vento. Pelo contrário, ele é que o tinha defendido no início, e o projeto que Bola de Neve traçara no chão do galpão das incubadoras fora, na verdade, roubado dos papéis de Napoleão. O moinho de vento era, na realidade, criação do próprio Napoleão. Por que, então, perguntaram, ele se opusera tanto a ele? Aí Amém mostrou-se muito astuto. Isso, disse, foi a esperteza do Camarada Napoleão. Ele DEU A IMPRESSÃO de ser contra o moinho de vento simplesmente para se ver livre de Bola de Neve, que era um grande mau-caráter e uma influência nociva. Agora, com Bola de Neve fora do caminho, o projeto podia prosseguir sem sua interferência. Tratava-se, disse Amém, de uma coisa chamada tática. Repetiu uma quantidade de vezes — "Tática, camaradas, tática!" —, saltitando em círculos e sacudindo o rabo com uma risada alegre. Os bichos não tinham muita certeza do significado da palavra, mas Amém falou de forma tão persuasiva, e os três cachorros que por acaso estavam com ele rosnaram tão ameaçadores, que eles aceitaram a explicação sem mais perguntas.

Durante aquele ano todo, os bichos trabalharam como escravos. Mas trabalhavam felizes; não relutavam em se esforçar ou se sacrificar, conscientes de que tudo o que faziam era para o bem deles mesmos e daqueles de sua espécie que estavam por vir, e não para um bando de seres humanos preguiçosos e ladrões.

Na primavera e no verão, trabalharam sessenta horas por semana, e em agosto Napoleão anunciou que haveria trabalho também nas tardes de domingo. Esse trabalho seria estritamente voluntário, mas quem faltasse teria sua ração reduzida à metade. Mesmo assim, foi necessário deixar certas tarefas por fazer. A colheita foi um pouco pior que no ano anterior, e dois campos deixaram de ser semeados com raízes no início do verão porque a lavra não fora concluída a tempo. Era possível prever que o inverno vindouro seria difícil.

O moinho de vento apresentou dificuldades inesperadas. Havia uma boa pedreira de calcário na fazenda, e grande quantidade de areia e cimento fora encontrada num dos depósitos, de modo que tinham à mão todo o material para a construção. Mas o problema que, de início, os bichos não conseguiram resolver era como quebrar a pedra em pedaços de tamanho adequado. Não parecia haver outra maneira de fazê-lo senão com picaretas e alavancas, coisas que nenhum deles conseguia usar, pois nenhum bicho conseguia ficar em pé nas pernas traseiras. Somente após semanas de esforço em vão, alguém teve a ideia certa — a saber, usar a força da gravidade. Pedras enormes, grandes demais para serem usadas como estavam, jaziam por todo o leito da pedreira. Os bichos amarravam cordas em volta dessas pedras, e depois todos juntos, vacas, cavalos, ovelhas, qualquer animal capaz

de segurar as cordas — até os porcos às vezes aderiam ao esforço em momentos cruciais —, arrastavam-nas com desesperadora lentidão até o topo da pedreira, de cuja borda eram derrubadas, para se espatifarem lá embaixo. Transportar as pedras uma vez quebradas era relativamente simples. Os cavalos carregavam-nas às carradas, as ovelhas arrastavam blocos únicos, e até Muriel e Benjamin atrelaram-se a uma velha charrete e fizeram sua parte. No fim do verão, já haviam acumulado um estoque suficiente de pedras, e então começou a construção sob a superintendência dos porcos.

Só que o processo era demorado e laborioso. Quase sempre era necessário um dia inteiro de trabalho exaustivo para arrastar uma única pedra até o topo da pedreira, e às vezes, quando atirada morro abaixo, ela não quebrava. Nada poderia ter sido feito sem Guerreiro, cuja força parecia se igualar à de todos os outros bichos juntos. Quando a pedra começava a escorregar e os animais gritavam desesperados ao verem-se arrastados ladeira abaixo, era sempre Guerreiro que segurava a corda e fazia a pedra parar. Vê-lo vencendo a subida, palmo a palmo, ofegando, cravando as pontas dos cascos no chão, com os flancos molhados de suor, enchia a todos de admiração. Flor às vezes aconselhava-o a tomar cuidado para não se esforçar demais, mas ele não lhe dava ouvidos. Seus dois lemas, "Me esforçarei ainda mais" e "Napoleão tem sempre razão", pareciam-lhe uma resposta adequada a todos os problemas. Combinara com o galo para que o chamasse 45 minutos mais cedo pela manhã, em vez de meia hora. E nos momentos de folga, que ultimamente não eram muitos, ia sozinho à pedreira, juntava um monte de pedras quebradas e arrastava-as até o local do moinho sem a ajuda de ninguém.

Os bichos não viveram mal durante aquele verão, apesar da dureza do trabalho. Se não tinham mais comida do que no tempo de Jones, pelo menos não tinham menos. A vantagem de ter apenas a si mesmos para alimentar, sem precisar sustentar cinco seres humanos extravagantes de quebra, era tão grande que compensaria até mesmo muitos fracassos. E em muitos aspectos o método animal de fazer as coisas era mais eficiente e poupava trabalho. Certas tarefas, como capinar, por exemplo, podiam ser feitas com um rigor impossível a seres humanos. E, como nenhum animal roubava, era desnecessário separar os pastos das terras aráveis, o que poupava muito trabalho na manutenção de sebes e porteiras. Todavia, à medida que o verão chegava ao fim, começaram a sentir uma escassez inesperada de vários itens. Faltavam óleo de parafina, pregos, barbante, biscoitos para os cachorros, ferraduras para os cavalos, produtos que não podiam ser produzidos na fazenda. Mais tarde, faltariam também sementes e adubo artificial, além de vários tipos de ferramentas e, finalmente, o mecanismo para o moinho de vento. Como obter essas coisas, ninguém era capaz de imaginar.

Um domingo de manhã, quando os bichos se reuniram para receber as ordens, Napoleão anunciou que decidira adotar uma nova política. Daquele momento em diante, a Fazenda dos Bichos passaria a negociar com as propriedades vizinhas: sem, é claro, nenhum objetivo comercial, mas simplesmente com vistas a obter certos materiais indispensáveis. As necessidades do moinho de vento deviam passar na frente de tudo, disse. Portanto, ele estava tomando providências para vender uma pilha de fardos de feno e parte da safra de trigo daquele ano. Mais tarde, se fossem necessários mais recursos, o dinheiro teria que vir da venda de ovos, para os quais sempre havia mercado em

Willingdon. As galinhas, informou Napoleão, deveriam encarar esse sacrifício como sua contribuição especial para a construção do moinho de vento.

Mais uma vez, os bichos sentiram um vago mal-estar. Nunca lidar com seres humanos, nunca se envolver em comércio, nunca usar dinheiro — não estavam esses preceitos entre as primeiras resoluções passadas naquela triunfante Reunião inaugural depois da expulsão de Jones? Todos os bichos se lembravam da aprovação desssas resoluções: ou pelo menos julgavam se lembrar delas. Os quatro jovens porcos que haviam protestado quando Napoleão aboliu as Reuniões levantaram timidamente a voz, mas logo foram silenciados por um respeitável rosnado dos cães. Depois, como sempre, as ovelhas irromperam em "Quatro pernas bom, duas pernas mau!" e o constrangimento inicial se dissipou. Por fim, Napoleão ergueu a mão pedindo silêncio e anunciou já ter tomado todas as providências. Nenhum animal precisaria entrar em contato com seres humanos, o que seria absolutamente indesejável. Ele pretendia responsabilizar-se por esse fardo. O sr. Whymper, um advogado residente em Willingdon, concordara em atuar como intermediário entre a Fazenda dos Bichos e o mundo exterior, e iria à fazenda todas as segundas-feiras pela manhã, para receber instruções. Napoleão encerrou sua fala com o costumeiro grito de "Viva a Fazenda dos Bichos!", e após cantarem "Bichos da Inglaterra" os animais foram dispensados.

Em seguida, Amém fez uma ronda na fazenda para sossegá-los. Assegurou-lhes que a resolução contra o envolvimento no comércio e o uso de dinheiro nunca fora aprovada, ou mesmo sugerida. Era pura imaginação, e sua origem devia estar nas mentiras espalhadas por Bola

de Neve. Alguns animais ainda ficaram em dúvida, mas Amém lhes perguntou, astucioso:

— Têm certeza de que não sonharam, camaradas? Possuem algum registro dessa resolução? Ela está escrita em algum lugar? — E, uma vez que de fato não existia nada escrito, os animais aceitaram que tinham se enganado.

Todas as segundas-feiras, o sr. Whymper ia à fazenda, como combinado. Era um homenzinho de aspecto ladino, de suíças, advogado de uma firma muito pequena, mas perspicaz o bastante para ter percebido antes de todo mundo que a Fazenda dos Bichos precisaria de um intermediário e que as comissões seriam interessantes. Os animais olhavam suas idas e vindas com certo receio e evitavam-no o máximo possível. No entanto, ver Napoleão, de quatro, dando ordens a Whymper, de pé sobre duas pernas, elevava o orgulho deles e os reconciliava parcialmente com o novo arranjo. Suas relações com a raça humana já não eram bem as mesmas que antes. Os seres humanos não odiavam menos a Fazenda dos Bichos agora que ela prosperava; na verdade, odiavam-na mais do que nunca. Todo humano acreditava piamente que a fazenda iria à falência cedo ou tarde e, sobretudo, que o moinho de vento seria um fracasso. Encontravam-se nas tavernas para provar uns aos outros, por meio de diagramas, que o moinho estava fadado a desabar, e que, caso se mantivesse de pé, jamais funcionaria. No entanto, a contragosto, tinham desenvolvido certo respeito pela eficiência com que os bichos administravam seus próprios assuntos. Um sintoma disso era que começaram a chamar a propriedade de Fazenda dos Bichos e pararam de fingir que seu nome era Fazenda do Solar. Tinham também deixado de defender Jones, que perdera as esperanças de reaver a fazenda e se mudara para outra região. A não

ser através de Whymper, ainda não havia contato da fazenda com o mundo exterior, mas dizia-se à boca pequena que Napoleão estava prestes a entrar num acordo de negócios decisivo ou com o sr. Pilkington da Foxwood ou com o sr. Frederick da Pinchfield — porém nunca, notou-se, com os dois simultameamente.

Foi por essa época que os porcos de repente se mudaram para a sede e lá passaram a residir. Mais uma vez, os animais pareciam se lembrar de que fora aprovada uma resolução contra isso nos primeiros dias, e de novo Amém conseguiu convecê-los de que não era esse o caso. Fazia-se absolutamente necessário, disse, que os porcos, que eram o cérebro da fazenda, tivessem um lugar sossegado onde trabalhar. Além disso, era mais adequado à dignidade do Líder (pois ultimamente dera para se referir a Napoleão pelo título de "Líder") morar numa casa do que num mero chiqueiro. No entanto, alguns animais se incomodaram quando souberam que os porcos não só faziam suas refeições na cozinha e usavam a sala de estar como local de lazer, como também dormiam nas camas. Guerreiro desconsiderou o assunto com aquele seu "Napoleão tem sempre razão!", mas Flor, que julgava lembrar-se de uma lei definida contra camas, foi para o fundo do celeiro e tentou decodificar os Sete Mandamentos lá escritos. Sentindo-se incapaz de ler mais do que algumas letras isoladas, foi buscar Muriel.

— Muriel — disse ela —, leia para mim o Quarto Mandamento. Não fala alguma coisa sobre nunca dormir em camas?

Com alguma dificuldade, Muriel soletrou o mandamento.

— Diz que "Nenhum animal dormirá em cama com lençóis" — anunciou por fim.

Curiosamente, Flor não se lembrava de o Quarto Mandamento mencionar lençóis; mas, como estava lá na parede, devia ser isso

mesmo. E Amém, que por acaso ia passando naquele momento, assistido por dois ou três cachorros, conseguiu colocar toda a questão na perspectiva adequada.

— Então vocês já souberam, camaradas, que nós porcos agora dormimos nas camas da sede? E por que não? Vocês não supunham, claro, que algum dia houve uma lei contra camas, certo? A cama não passa de um lugar onde se dorme. Um monte de palha numa baia é considerado cama. A lei era contra lençóis, que são uma invenção humana. Nós retiramos os lençóis das camas da sede e dormimos entre cobertores. E são camas muito confortáveis também! Mas não mais confortáveis do que precisamos, posso lhes afirmar, camaradas, com todo o trabalho intelectual que temos de fazer atualmente. Vocês não querem nos privar do nosso repouso, querem, camaradas? Não haveriam de querer nos ver cansados demais para cumprir com nossas obrigações, certo? Garanto que nenhum de vocês quer Jones de volta.

Os bichos imediatamente o tranquilizaram quanto a isso, e não se falou mais sobre a questão de os porcos dormirem nas camas da sede. E, quando se anunciou, alguns dias depois, que os porcos dali em diante se levantariam pela manhã uma hora mais tarde do que os outros animais, também não se ouviu nenhuma queixa quanto a isso.

No outono, os bichos estavam cansados mas felizes. Haviam tido um ano duro e, depois da venda de parte do feno e do trigo, os estoques de alimentos para o inverno não eram muito fartos, porém o moinho de vento compensava tudo. Metade dele já estava construída. Depois da colheita, houve um período de tempo bom, e os bichos trabalharam mais do que nunca, achando que valia a pena passar o dia andando para cima e para baixo carregando blocos de pedra se com isso conseguissem levantar as paredes mais um palmo. Guerreiro até ia, por

conta própria, trabalhar de noite por uma ou duas horas ao luar. Em seus momentos de folga, os animais passeavam em volta do moinho inacabado, admirando a força e a verticalidade de suas paredes, encantados com o fato de terem sido capazes de construir algo tão imponente. Só o velho Benjamin recusava-se a se entusiasmar com o moinho de vento, embora, como de hábito, não falasse nada além do comentário enigmático de que os burros vivem muito tempo.

Novembro chegou com violentos ventos de sudoeste. A obra precisou ser interrompida porque estava úmido demais para misturar cimento. Por fim, houve uma noite em que ventou tanto que os prédios da fazenda balançaram sobre os alicerces e várias telhas do celeiro foram arrancadas. As galinhas acordaram cacarejando de pavor, pois todas tinham sonhado ao mesmo tempo que ouviam um canhão disparar ao longe. Pela manhã, ao saírem de suas baias, encontraram o mastro derrubado e o olmo do pomar arrancado como um rabanete. Mal dera tempo de notar isso quando um grito de desespero irrompeu da garganta de todos os bichos. Tinham uma cena terrível diante dos olhos. O moinho estava em ruínas.

Correram juntos para o local. Napoleão, que raramenete acelerava o passo, correu na frente de todo mundo. Sim, lá estava o moinho, o fruto de todos os seus esforços, completamente arrasado, as pedras, que tão penosamente haviam quebrado e carregado, espalhadas. A princípio, incapazes de articular palavras, ficaram contemplando pesarosamente as pedras caídas. Napoleão andava de um lado para o outro em silêncio, de vez em quando farejando o chão. Seu rabo se retesara e se sacudia com força de um lado para o outro, um sinal de intensa atividade mental. De repente estacou, como se tivesse se decidido.

— Camaradas — disse calmamente —, sabem quem é o responsável por isso? Conhecem o inimigo que veio na calada da noite destruir o nosso moinho? BOLA DE NEVE! — rugiu de repente com voz de trovão. — Bola de Neve fez isso! De pura maldade, pensando em destruir os nossos planos e se vingar daquela ignominiosa expulsão, esse traidor entrou aqui, protegido pela escuridão, e destruiu nosso trabalho de quase um ano. Camaradas, aqui e agora pronuncio a sentença de morte de Bola de Neve. Uma condecoração "Herói Animal, Segunda Classe" e meio balde de maçãs para o animal que o entregar à justiça. Um balde inteiro a quem o capturar vivo!

Os animais ficaram profundamente chocados ao saber que Bola de Neve poderia ser culpado de um ato daqueles. Houve um grito de indignação, e todos começaram a pensar num modo de pegar Bola de Neve se algum dia ele voltasse. Quase de imediato foram descobertas as pegadas de um porco na relva não longe do outeiro. Era um rastro de poucos metros, mas parecia conduzir a um buraco na sebe. Napoleão farejou-as profundamente e declarou que eram de Bola de Neve. Era da opinião de que Bola de Neve devia ter vindo da Fazenda Foxwood.

— Chega de esperar! — gritou Napoleão depois de examinadas as pegadas. — Mãos à obra. Agora mesmo vamos começar a reconstruir o moinho de vento, e vamos trabalhar durante todo o inverno, chova ou faça sol. Ensinaremos a esse traidor miserável que ele não pode desfazer o nosso trabalho com essa facilidade. Lembrem, camaradas, não deve haver mudança em nossos planos: eles serão cumpridos à risca. Avante, camaradas! Viva o moinho de vento! Viva a Fazenda dos Bichos!

Foi um inverno severo. Tempestades foram seguidas de granizo e neve, depois de uma geada violenta que só derreteu em fevereiro. Os bichos prosseguiram como podiam na reconstrução do moinho de vento, sabendo que o mundo exterior estava de olho neles e que os invejosos seres humanos exultariam triunfantes se a obra não fosse concluída a tempo.

Por despeito, os seres humanos fingiam não acreditar que Bola de Neve destruíra o moinho: diziam que desmoronara por ter as paredes muito finas. Os animais sabiam que isso não tinha fundamento. Mesmo assim, decidiu-se que as paredes teriam noventa centímetros de largura em vez de 45 como antes, o que significava coletar quantidades muito maiores de pedra. A pedreira passou muito tempo repleta de neve trazida pelo vento e nada pôde ser feito. Houve algum progresso durante o tempo gelado e seco que se seguiu, mas foi um trabalho cruel, e os animais já não se sentiam tão esperançosos quanto antes. Viviam com frio e quase sempre com fome. Só Guerreiro e Flor nunca desanimavam. Amém fazia discuros excelentes sobre a alegria de servir e a dignidade do trabalho, mas os outros animais encontravam mais inspiração na força de Guerreiro e em seu indefectível brado de "Me esforçarei ainda mais!"

Em janeiro, a comida escasseou. A ração de milho foi drasticamente reduzida, e anunciou-se que uma ração extra de batata seria distribuída para compensar. Então descobriu-se que a maior parte da safra de batata congelara nas pilhas, que não haviam sido cobertas adequadamente. Moles e desbotadas, sobraram poucas consumíveis.

Durante dias a fio, os bichos não tiveram nada para comer senão palha e beterraba forrageira. A fome parecia encará-los de frente.

Era de vital importância esconder esse fato do mundo exterior. Encorajados pelo colapso do moinho de vento, os seres humanos estavam inventando novas mentiras sobre a Fazenda dos Bichos. Mais uma vez, dizia-se que todos os animais morriam de fome e doença, que brigavam continuamente entre si e que haviam recorrido ao canibalismo e ao infanticídio. Napoleão estava ciente dos maus resultados que poderiam advir caso a verdadeira situação alimentar fosse conhecida, e decidiu usar o sr. Whymper para espalhar uma impressão contrária. Até então, os animais haviam tido muito pouco ou nenhum contato com o sr. Whymper em suas visitas semanais: agora, porém, alguns animais selecionados, na maioria ovelhas, foram instruídos a comentar casualmente ao alcance dos ouvidos dele que as rações tinham sido aumentadas. Além disso, Napoleão deu ordem para que as caixas vazias na tulha fossem cheias de areia quase até a boca e depois completadas com grãos e farinha. Sob um pretexto adequado, Whymper foi levado à tulha e pôde ver as caixas. Foi enganado e continuou a relatar para o mundo que não faltava comida na Fazenda dos Bichos.

No fim de janeiro, porém, ficou óbvio que seria necessário conseguir mais grãos em algum lugar. Nessa época, Napoleão raramente aparecia em público, mas passava todo o tempo na sede, cujas portas eram guardadas por cães mal-encarados. Quando reaparecia, era de maneira cerimonial, com uma escolta de seis cachorros que o cercavam e rosnavam para quem se aproximava. Mesmo as Reuniões das manhãs de domingo só de vez em quando contavam com a sua presença, e era

por meio de um dos outros porcos, em geral Amém, que ele transmitia suas ordens.

Em uma manhã de domingo, Amém anunciou que as galinhas, que tinham acabado de acessar os ninhos para botar de novo, deviam entregar seus ovos. Napoleão aceitara, através de Whymper, um contrato de fornecimento de quatrocentos ovos por semana. O montante arrecadado com a venda pagaria por cereais e farinha suficientes para manter a fazenda até que chegasse o verão e as condições estivessem mais fáceis.

Ao ouvir isso, as galinhas protestaram com terrível veemência. Já tinham sido avisadas de que talvez esse sacrifício fosse necessário, mas não achavam que viria a acontecer. Acabavam de preparar os ninhos para o choco de primavera, e protestaram alegando que lhes tomar os ovos agora era assassinato. Pela primeira vez desde a expulsão de Jones, havia algo parecido com uma rebelião. Lideradas por três jovens frangas da raça minorca preta, as galinhas fizeram um esforço corajoso para frustrar os desejos de Napoleão. Seu método foi voar para os caibros e ali botar seus ovos, que vinham a espatifar-se no chão. Napoleão agiu com rapidez e crueldade. Cortou a ração das galinhas e decretou que o bicho que desse um único grão de milho a uma galinha seria condenado à morte. Os cachorros garantiam que essa ordem fosse obedecida. Durante cinco dias, as galinhas resistiram, depois cederam e voltaram aos respectivos ninhos. Nove haviam morrido. Seus corpos foram sepultados no pomar, e foi divulgado que haviam morrido de coccidiose. Whymper nada ouviu sobre esse caso, e os ovos foram devidamente entregues, sendo levados semanalmente pela caminhonete do armazém.

Durante todo esse tempo, não se teve mais notícias de Bola de Neve. Corria à boca pequena que ele estava escondido numa das fazendas vizinhas, a Foxwood ou a Pinchfield. Nessa época, Napoleão andava se dando relativamente melhor com os outros fazendeiros. Acontece que havia no terreiro uma pilha de madeira deixada ali dez anos antes, após a derrubada de um bosque de faias. Estava seca, e Whymper aconselhara Napoleão a vendê-la; tanto o sr. Pilkington como o sr. Frederick estavam ansiosos para comprá-la. Napoleão hesitava entre os dois, incapaz de se decidir. Notou-se que sempre que parecia chegar a um acordo com Frederick, afirmavam que Bola de Neve estava escondido na Foxwood, ao passo que, quando se inclinava para Pilkington, diziam que Bola de Neve estava na Pinchfield.

De repente, no início da primavera, houve uma descoberta alarmante. Bola de Neve estava frequentando a fazenda à noite! Os bichos ficaram tão perturbados que mal conseguiram dormir em suas baias. Todas as noites, dizia-se, vinha sob o manto da escuridão e perpetrava toda sorte de maldades. Roubava o milho, entornava os baldes de leite, quebrava os ovos, pisoteava as sementeiras, roía a casca das árvores frutíferas. Sempre que algo dava errado, passou a ser normal pôr a culpa em Bola de Neve. Se uma janela quebrava ou um dreno entupia, alguém com certeza dizia que Bola de Neve viera à noite e fizera aquilo, e, quando a chave da tulha foi perdida, a fazenda inteira convenceu-se de que Bola de Neve a jogara no poço. Curiosamente, insistiram nisso mesmo quando a chave perdida foi encontrada embaixo de um saco de farinha. As vacas declararam todas que Bola de Neve entrara em suas baias e as ordenhara durante o sono. Dizia-se também que os ratos, que haviam sido inconvenientes durante todo o inverno, estavam mancomunados com Bola de Neve.

Napoleão decretou que fosse feita uma investigação completa das atividades de Bola de Neve. Com a assistência dos cães, saiu e fez uma cuidadosa inspeção nos prédios da fazenda, com os outros animais a segui-lo a uma distância respeitável. De poucos em poucos passos, Napoleão parava e cheirava o chão em busca do rastro de Bola de Neve, a quem, dizia ele, podia detectar pelo faro. Farejou todos os cantos, no celeiro, no curral, nos galinheiros, na horta, e encontrou vestígios de Bola de Neve em quase toda parte. Encostava o focinho no chão, dava várias fungadas profundas e exclamava numa voz terrível:

— Bola de Neve! Ele passou por aqui! Sinto distintamente o cheiro dele! — E à menção do nome "Bola de Neve" todos os cachorros soltavam rosnados horripilantes e arreganhavam os dentes.

Os animais estavam absolutamente aterrorizados. Parecia-lhes que Bola de Neve era uma espécie de influência invisível, impregnando o ar em volta deles e ameaçando-os com todas as espécies de perigo. À noite, Amém os reuniu e, com expressão alarmada, disse que tinha algumas notícias sérias para dar.

— Camaradas! — gritou, dando saltinhos nervosos. — Descobrimos uma coisa terrível. Bola de Neve vendeu-se a Frederick da fazenda Pinchfield, que agora está planejando nos atacar e nos tomar a fazenda! Bola de Neve vai ser o guia dele quando o ataque começar. Mas há coisa ainda pior. Pensávamos que a rebelião de Bola de Neve fosse causada simplesmente pela vaidade e pela ambição. Mas estávamos enganados, camaradas. Sabem qual foi a verdadeira razão? Bola de Neve estava mancomunado com Jones desde o início! O tempo todo era agente secreto de Jones. Tudo isso está provado por documentos que ele deixou para trás e que acabamos de descobrir. Para mim, isso explica muita coisa, camaradas. Não vimos com nossos próprios olhos como

ele tentou, felizmente sem sucesso, fazer com que fôssemos derrotados na Batalha do Curral?

Os bichos estavam estupefatos. Isso era uma maldade muito maior do que a destruição do moinho de vento. Mas levaram alguns minutos para digerir totalmente a notícia. Todos se lembravam, ou julgavam se lembrar, de como haviam visto Bola de Neve liderando-os na Batalha do Curral, de como ele os mobilizava e os encorajava a cada instante, sem parar nem quando os chumbinhos da espingarda de Jones cravaram no seu lombo. A princípio foi um pouco difícil ver como isso se encaixava em sua associação com Jones. Até Guerreiro, que raramente fazia perguntas, ficou intrigado. Deitou-se, recolheu os cascos dianteiros para baixo do corpo, fechou os olhos e, com grande esforço, conseguiu formular seus pensamentos.

— Não acredito nisso — disse. — Bola de Neve lutou bravamente na Batalha do Curral. Vi com meus próprios olhos. Não o condecoramos logo depois com a Herói Animal, Primeira Classe?

— Nós erramos, camarada. Pois sabemos agora, está tudo escrito nos documentos secretos que encontramos, que na realidade ele estava tentando nos atrair para a nossa perdição.

— Mas ele foi ferido — disse Guerreiro. — Todos nós o vimos banhado em sangue.

— Aquilo fazia parte da combinação! — disse Amém. — O tiro de Jones só o pegou de raspão. Eu poderia lhes mostrar isso escrito com a letra dele, se vocês soubessem ler. O plano era Bola de Neve dar o sinal de retirada para deixar o campo para o inimigo. E ele quase conseguiu, direi até, camaradas, que teria conseguido se não fosse o nosso heróico líder, o Camarada Napoleão. Vocês lembram que, bem na hora em que Jones e o pessoal dele entraram no terreiro, Bola de Neve, de repente,

virou as costas e fugiu e muitos animais foram atrás dele? E lembram, também, que foi justo nessa hora, quando o pânico se espalhava e todo mundo parecia perdido, que o Camarada Napoleão se adiantou com um brado de "Morte à Humanidade!" e cravou os dentes na perna de Jones? Com certeza se lembram disso, camaradas — exclamou Amém, saltitando de um lado para o outro.

Agora que Amém descrevia a cena de forma tão clara, parecia aos animais que de fato eles lembravam. De qualquer forma, recordavam-se de que no momento crítico da batalha Bola de Neve virara as costas para fugir. Mas Guerreiro continuava um pouco incomodado.

— Não acredito que Bola de Neve fosse traidor desde o início — disse afinal. — O que fez depois é diferente. Mas acho que na Batalha do Curral ele foi um bom camarada.

— Nosso Líder, o Camarada Napoleão — anunciou Amém, falando muito devagar e com firmeza —, declarou categoricamente, categoricamente, camarada, que Bola de Neve era agente de Jones desde o início... sim, e muito antes até de a Rebelião ter sido concebida.

— Ah, isso é diferente! — disse Guerreiro. — Se o Camarada Napoleão diz, deve estar certo.

— Esse é o verdadeiro espírito, camarada! — exclamou Amém, mas notou-se que com seus olhinhos cintilantes ele lançou um olhar muito feio para Guerreiro. Virou-se para ir embora, porém se deteve e acrescentou, peremptório: — Aviso a todos os animais desta fazenda que fiquem de olhos bem abertos. Pois temos motivos para pensar que alguns dos agentes secretos de Bola de Neve estão escondidos entre nós agora mesmo!

Quatro dias depois, no fim da tarde, Napoleão mandou que todos os animais se reunissem no terreiro. Quando estavam todos ali, Napoleão

surgiu da sede, usando ambas as suas medalhas (pois recentemente concedera a si mesmo a "Herói Animal, Primeira Classe" e a "Herói Animal, Segunda Classe"), com seus nove cachorrões brincando à sua volta, emitindo rosnados que davam frio na espinha dos bichos. Todos se encolheram, calados em seus lugares, parecendo pressentir que alguma coisa estava para acontecer.

Napoleão quedou-se, observando severamente sua plateia; depois deu um guincho estridente. Imediatamente os cachorros avançaram, agarraram quatro porcos pela orelha e arrastaram-nos, aos gritos de dor e pavor, até os pés de Napoleão. As orelhas dos porcos sangravam, os cães haviam sentido gosto de sangue e, por alguns instantes, pareceram enlouquecer. Para espanto geral, três deles atiraram-se sobre Guerreiro. Vendo-os perto, este esticou a pata, apanhou um cachorro no ar e prendeu-o no chão. O cachorro ganiu pedindo misericórdia, e os dois outros fugiram de rabo entre as pernas. Guerreiro olhou para Napoleão, para saber se devia esmagar o cachorro ou soltá-lo. Napoleão pareceu mudar de expressão e, com rispidez, ordenou que soltasse o cachorro, então Guerreiro levantou a pata, e o cachorro saiu de fininho, machucado e uivando.

A confusão já diminuía. Os quatro porcos aguardavam, trêmulos, com a culpa estampada na cara. Napoleão então os intimou a confessarem seus crimes. Eram os mesmos que haviam protestado quando Napoleão aboliu as reuniões dominicais. Sem mais delongas, confessaram ter tido, em segredo, contato com Bola de Neve desde sua expulsão, ter colaborado com ele na destruição do moinho de vento e ter prometido entregar a Fazenda dos Bichos ao sr. Frederick. Acrescentaram que Bola de Neve confessou-lhes em particular ter sido durante muitos anos agente secreto de Jones. Terminada a confissão, os

cães logo estraçalharam suas gargantas, e, com uma voz tenebrosa, Napoleão perguntou se algum outro bicho tinha qualquer confissão a fazer.

As três galinhas que haviam liderado a tentativa de rebelião contra o sequestro dos ovos se adiantaram e declararam que Bola de Neve aparecera-lhes em sonho e incitara-as a desobedecer às ordens de Napoleão. Elas também foram massacradas. Aí veio um ganso e confessou ter escondido seis espigas de milho durante o último ano e as comido à noite. Depois, uma ovelha confessou ter urinado no açude — instada por Bola de Neve, disse — e duas outras confessaram ter assassinado um velho carneiro, um seguidor especialmente dedicado de Napoleão, perseguindo-o em volta de uma fogueira enquanto ele tinha uma crise de tosse. Foram trucidados ali mesmo. E assim prosseguiu a história das confissões e das execuções, até haver um monte de cadáveres aos pés de Napoleão e um cheiro forte de sangue no ar, que não se sentia desde a expulsão de Jones.

Quando tudo acabou, os bichos sobreviventes, exceto os porcos e os cães, saíram de fininho, em conjunto. Estavam abalados e deprimidos. Não sabiam o que era mais chocante — a traição dos animais que se mancomunaram com Bola de Neve ou a cruel represália a que tinham acabado de assistir. No passado, sempre havia cenas sangrentas igualmente terríveis, mas pareceu a todos que agora que aconteciam entre eles era muito pior. Desde que Jones deixara a fazenda até aquele dia, nenhum animal matara outro animal. Nem sequer um rato fora morto. Tinham se encaminhado para o pequeno outeiro do moinho inacabado onde, de comum acordo, todos se deitaram como se quisessem se aquecer uns encostados nos outros — Flor, Muriel, Benjamin, as vacas, as ovelhas e um bando de gansos e galinhas —,

todo mundo, na verdade, salvo a gata, que desaparecera de repente, justo antes de chegar a ordem de Napoleão para que os bichos se reunissem. Durante algum tempo, ninguém abriu a boca. Só Guerreiro permanecia em pé. Andava para lá e para cá, batendo com o longo rabo nos flancos e de vez em quando soltando um pequeno gemido de surpresa. Afinal disse:

— Não entendo. Nunca acreditei que coisas assim pudessem acontecer na nossa fazenda. Isso deve ser por causa de alguma falha nossa. A solução que vejo é dar mais duro ainda. De agora em diante, vou levantar uma hora mais cedo.

E lá se foi com seu trote pesado a caminho da pedreira. Lá chegando, recolheu duas cargas de pedra e arrastou-as até o moinho de vento antes de se recolher para dormir.

Os bichos aconchegaram-se em volta de Flor, em silêncio. O outeiro onde estavam dava-lhes uma ampla perspectiva da região. A maior parte da Fazenda dos Bichos descortinava-se diante deles — o pasto grande que se estendia até a estrada, o campo de feno, o bosquezinho, o açude, os campos arados onde o trigo novo estava farto e verde, e os telhados vermelhos dos prédios da fazenda com a fumaça saindo das chaminés. Era uma tarde límpida de primavera. A relva e as sebes em brotação estavam douradas aos raios horizontais do sol. Nunca a fazenda lhes parecera — e um tanto surpresos lembraram que cada centímetro dela lhes pertencia — um lugar tão desejável. Olhando do outeiro, Flor ficou com os olhos marejados. Se pudesse dizer o que pensava, diria que isso não era o que tinham em mente quando se puseram a trabalhar pela derrubada da raça humana. Essas cenas de terror e carnificina não eram o que ansiavam naquela noite em que o velho Major os incitara pela primeira vez à rebelião. Se ela própria

tivesse tido alguma visão do futuro, teria sido a de uma sociedade de animais livres da fome e do chicote, todos iguais, cada qual trabalhando de acordo com suas capacidades, os fortes protegendo os fracos, como ela protegera a ninhada perdida de patinhos na noite do discurso do Major. Em vez disso — não sabia por quê —, chegara uma época em que ninguém ousava falar o que pensava, em que cães ferozes rosnavam por toda parte e em que se tinha de assistir ao massacre de companheiros após a confissão de crimes chocantes. Não lhe passavam pela cabeça pensamentos de rebelião ou desobediência. Sabia, mesmo naquela situação, que viviam muito melhor do que na época de Jones e que acima de tudo era necessário impedir a volta dos humanos. Acontecesse o que acontecesse, ela continuaria fiel, daria duro, cumpriria as ordens que lhe dessem e aceitaria a liderança de Napoleão. Mas mesmo assim, não fora por isso que ela e os outros animais tinham torcido e trabalhado. Não fora por isso que tinham construído o moinho de vento e encarado as balas da arma de Jones. Tais eram seus pensamentos, embora lhe faltassem as palavras para expressá-los.

Por fim, sentindo que de algum modo aquilo substituía as palavras que não encontrava, começou a entoar "Bichos da Inglaterra". Os outros animais, sentados ao seu redor, cantaram o hino três vezes seguidas — com muita afinação, mas muito devagar e com tristeza, de um jeito que nunca haviam cantado.

Tinham acabado de cantar pela terceira vez quando Amém, acompanhado por dois cães, aproximou-se deles com ar solene. Anunciou que, por um decreto especial do Camarada Napoleão, o hino "Bichos da Inglaterra" fora abolido. Daquele momento em diante, era proibido cantá-lo.

Os bichos ficaram perplexos.

— Por quê? — perguntou Muriel.

— Já não é necessário — disse Amém com firmeza. — "Bichos da Inglaterra" era o hino da Rebelião. Mas a Rebelião já se completou. A execução dos traidores hoje à tarde foi o ato final. O inimigo, tanto interno quanto externo, foi derrotado. Em "Bichos da Inglaterra", expressávamos nosso desejo por uma sociedade melhor no futuro. Mas essa sociedade já se estabeleceu. Claramente, esse hino não tem mais propósito.

Embora estivessem apavorados, alguns animais poderiam ter protestado, mas aí as ovelhas começaram a entoar o refrão "Quatro pernas bom, duas pernas mau" de praxe, que durou vários minutos e encerrou a discussão.

E, assim, não mais se ouviu "Bichos da Inglaterra". Mínimo, o poeta, compusera outra canção, que começava dizendo:

"*Fazenda dos Bichos, Fazenda da Bicharada,*
Não será por mim que serás prejudicada!"

E era cantada em todas as manhãs de domingo após o hasteamento da bandeira. Mas, de algum modo, os animais não acharam nem a letra nem a melodia à altura de "Bichos da Inglaterra".

Poucos dias depois, arrefecido o terror causado pelas execuções, alguns animais lembraram — ou julgaram lembrar — que o Sexto Mandamento rezava "Nenhum animal matará outro animal". E, embora ninguém se interessasse em mencioná-lo na audiência dos porcos ou dos cães, sentia-se que as execuções ocorridas não condiziam com isso. Flor pediu a Benjamin para ler o Sexto Mandamento, e quando Benjamin, como sempre, disse que se recusava a se meter nessas questões, ela foi buscar Muriel. Muriel leu o Mandamento para ela. Dizia: "Nenhum animal matará outro animal SEM MOTIVO." Por uma razão ou outra, as últimas duas palavras haviam escapado à memória dos bichos. Mas eles viam agora que o Mandamento não fora violado; pois claramente havia boas razões para matar os traidores que se mancomunaram com Bola de Neve.

Durante aquele ano, os bichos deram mais duro ainda do que nos anos anteriores. Reconstruir o moinho de vento com paredes com o dobro da espessura, no prazo estabelecido, juntamente com o trabalho normal da fazenda era um esforço imenso. Às vezes, os animais tinham a impressão de que trabalhavam mais tempo e não se alimentavam melhor do que na época de Jones. Nas manhãs de domingo, Amém, prendendo uma comprida tira de papel com a pata, lia em voz alta para eles listas de números provando que a produção de todas as classes de gêneros alimentícios aumentara duzentos, trezentos ou quinhentos por cento, conforme o caso. Os animais não tinham por que duvidar, especialmente por já não se lembrarem com muita clareza de como eram as condições antes da Rebelião. Mesmo assim, havia dias em que preferiam ter menos números e mais comida.

Todas as ordens eram agora transmitidas através de Amém ou outro porco. O próprio Napoleão só era visto em público de quinze em quinze dias. Quando aparecia, era assistido não só por seu séquito de cães mas também por um galo preto que marchava à sua frente como uma espécie de corneteiro, soltando um *cocoricó* antes de Napoleão falar. Mesmo na sede, dizia-se, Napoleão ocupava um apartamento separado dos demais. Fazia as refeições sozinho, com dois cachorros para servi-lo, e sempre comia no aparelho de jantar Crown Derby da cristaleira da sala. Anunciou-se também que a espingarda seria disparada anualmente no dia do aniversário de Napoleão, bem como nos outros dois aniversários.

Agora não se referiam a Napoleão simplesmente como "Napoleão", mas sim como "Nosso Líder, o Camarada Napoleão", e os porcos gostavam de inventar para ele títulos como Pai de Todos os Animais, Terror da Humanidade, Protetor dos Rebanhos de Ovelhas, Amigo dos Patinhos, e assim por diante. Em seus discursos, Amém falava, com lágrimas lhe escorrendo pelo rosto, da sabedoria de Napoleão, da bondade de seu coração, do amor profundo que dedicava aos animais em toda parte, especialmente aos infelizes que ainda viviam na ignorância e na escravidão em outras fazendas. Passara a ser normal dar a Napoleão o crédito por todos os êxitos e todos os golpes de sorte. Era comum ouvir uma galinha comentar com a outra: "Sob a orientação do nosso Líder, o Camarada Napoleão, botei cinco ovos em seis dias"; ou duas vacas, bebendo juntas no açude, exclamarem: "Graças à liderança do Camarada Napoleão, que gosto maravilhoso tem essa água!" O sentimento geral na fazenda era bem expresso num poema intitualado "Camarada Napoleão", de autoria de Mínimo, que dizia o seguinte:

"*Defensor dos órfãos!*
Fonte de felicidade!
Senhor do balde das sobras! Oh, minh'alma arde
Em fogo quando vejo
Em teu sereno olhar de líder
O próprio sol na imensidão,
Camarada Napoleão!

És tu quem dá às criaturas
Tudo aquilo que elas amam,
Pança cheia, almoço e janta, palha limpa onde rolar;
Cada bicho, grande ou miúdo,
Dorme em paz em sua baia,
Pois tu velas por nós com prontidão,
Camarada Napoleão!

Tivesse eu um bacorinho,
Antes mesmo de chegado ao talhe
Dum quartilho ou dum rolo de pastel,
Já teria passado a ser
Teu seguidor mais leal e fiel
Cujo primeiro guincho seria o refrão:
'Camarada Napoleão!'"

Napoleão aprovou esse poema e mandou escrevê-lo no grande celeiro, na parede oposta à dos Sete Mandamentos. Foi encimado por

um retrato de Napoleão de perfil, executado em tinta branca por Amém.

Enquanto isso, por intermédio de Whymper, Napoleão envolveu-se em complicadas negociações com Frederick e Pilkington. A pilha de madeira ainda não fora vendida. Dos dois, Frederick era o mais ansioso para se apossar dela, mas não oferecia um preço razoável. Ao mesmo tempo, corriam novos boatos de que Frederick e seus homens planejavam atacar a Fazenda dos Bichos e destruir o moinho de vento, cuja construção lhe despertara um ciúme violento. Era sabido que Bola de Neve continuava escondido na Fazenda Pinchfield. No meio do verão, os animais ficaram alarmados ao saber que três galinhas haviam confessado que, inspiradas por Bola de Neve, haviam participado de um complô para assassinar Napoleão. Foram executadas no ato e tomaram-se novas precauções para a segurança de Napoleão. Quatro cachorros guardavam sua cama à noite, um em cada canto, e um jovem porco chamado Rosadinho recebeu a missão de provar toda a sua comida para evitar que ele fosse envenenado.

Mais ou menos nessa época, anunciou-se que Napoleão combinara de vender a pilha de madeira ao sr. Pilkington; ia fazer também um acordo para a troca de certos produtos entre a Fazenda dos Bichos e a Foxwood. As relações entre Napoleão e Pilkington, embora mantidas apenas por intermédio de Whymper, eram agora quase amistosas. Os bichos não confiavam em Pilkington, como ser humano, mas preferiam-no a Frederick, a quem temiam e odiavam. Com o passar do verão e a iminente conclusão da obra do moinho de vento, os boatos de um próximo ataque traiçoeiro ganhavam cada vez mais força. Frederick, dizia-se, pretendia trazer contra eles vinte homens armados de espingardas e já subornara os magistrados e a polícia para que não

houvesse perguntas caso conseguisse se apoderar da escritura da Fazenda dos Bichos. Além disso, vazavam de Pinchfield histórias terríveis a respeito de crueldades que Frederick cometia contra seus animais. Matara um cavalo velho a chicotadas, deixava as vacas morrerem de fome, assassinara um cachorro jogando-o na fornalha, divertia-se à noite fazendo seus galos brigarem com fragmentos de lâminas de barbear amarrados nos esporões. O sangue dos bichos fervia de raiva quando ouviam que essas coisas eram feitas com seus camaradas e às vezes pediam que lhes fosse permitido sair em bloco para atacar a Fazenda Pinchfield, expulsar os humanos e libertar os animais. Mas Amém aconselhou-os a evitar ações violentas e confiar na estratégia do Camarada Napoleão.

Todavia, a aversão a Frederick continuava forte. Um domingo de manhã, Napoleão apareceu no celeiro e explicou que nunca em tempo algum pensara em vender a pilha de madeira a Frededick; considerava indigno de sua parte, disse, fazer negócios com canalhas daquela laia. Os pombos, que ainda eram enviados para espalhar notícias da Rebelião, foram proibidos de pôr os pés em qualquer ponto da Foxwood e instruídos a substituir seu slogan de "Morte à humanidade" por "Morte a Frederick". No fim do verão, outra das maquinações de Bola de Neve veio à luz. A lavoura de trigo estava infestada de ervas daninhas, e descobriu-se que, em uma de suas visitas noturnas, Bola de Neve misturara sementes de joio às de trigo. Um ganso que participara do complô confessou sua culpa a Amém e suicidou-se em seguida comendo bagas de beladona. Os bichos também ficaram sabendo que Bola de Neve nunca — como muitos pensavam até então — recebera a medalha de Herói Animal, Primeira Classe. Tratava-se apenas de uma lenda espalhada pouco tempo depois da Batalha do Curral pelo próprio

Bola de Neve. Longe de ser condecorado, ele fora censurado por demonstrar covardia na batalha. Mais uma vez, os animais ouviram isso com certa perplexidade, mas Amém logo conseguiu convencê-los de que suas memórias haviam falhado.

No outono, depois de um esforço colossal e exaustivo — pois a colheita teve que ser feita quase ao mesmo tempo —, o moinho de vento ficou pronto. Faltava ainda instalar o mecanismo, e Whymper estava negociando a sua compra, mas a estrutura estava concluída. Contra todas as dificuldades, apesar da inexperiência, dos implementos primitivos, da má sorte e da traição de Bola de Neve, a obra estava concluída exatamente no dia marcado! Esfalfados mas orgulhosos, os bichos puseram-se a dar voltas em torno de sua obra-prima, que lhes parecia mais linda ainda do que quando a construíram a primeira vez. Além disso, as paredes tinham o dobro da espessura. Agora, só explosivos poderiam derrubá-las! E quando pensaram no quanto haviam trabalhado, no desânimo que haviam superado e na enorme diferença que suas vidas conheceriam quando as hélices estivessem girando e os dínamos, funcionando — quando pensavam em tudo isso, o cansaço os abandonava e eles saltitavam em volta do moinho de vento, aos gritos de alegria. O próprio Napoleão, assistido por seus cães e seu galo, foi inspecionar a obra concluída. Cumprimentou pessoalmente os animais pela façanha e enunciou que o moinho se chamaria Moinho Napoleão.

Dois dias depois, os animais foram convidados para uma reunião especial no celeiro. Ficaram aparvalhados de surpresa quando Napoleão anunciou que vendera a pilha de madeira a Frederick. No dia seguinte, as caminhonetes de Frederick chegariam e começariam a

carregá-las dali. Durante todo o período de sua aparente amizade com Pilkington, Napoleão na verdade estivera de conchavo com Frederick.

Todas as relações com a Foxwood foram cortadas; mensagens insultuosas foram enviadas a Pilkington. Os pombos receberam a ordem de evitar a Fazenda Pinchfield e mudar seu slogan de "Morte a Frederick" para "Morte a Pilkington". Ao mesmo tempo, Napoleão garantiu-lhes que as histórias de um ataque iminente à Fazenda dos Bichos eram completamente inverídicas, e que as lendas sobre a crueldade de Frederick com seus próprios animais haviam sido muito exageradas. Todos esses boatos provavelmente partiam de Bola de Neve e seus agentes. Agora parecia que Bola de Neve não estava, afinal de contas, escondido na Fazenda Pinchfield, e na verdade nunca estivera lá em toda a sua vida: vivia — em grande luxo, dizia-se — na Foxwood e na realidade recebia dinheiro de Pilkington havia anos.

Os porcos estavam extasiados com a esperteza de Napoleão. Fingindo ser amigo de Pilkington, forçara Frederick a aumentar sua oferta em doze libras. Mas a qualidade superior da mente de Napoleão, disse Amém, ficava patente no fato de ele não confiar em ninguém, nem mesmo em Frederick. Este quisera pagar pela madeira com uma coisa chamada cheque, que, ao que parecia, era um pedaço de papel com uma promessa de pagamento escrita. Mas Napoleão era muito inteligente para ele. Exigira o pagamento em notas de cinco libras, que deveriam ser entregues antes da retirada da madeira. Frederick já pagara, e a quantia era suficiente para comprar o mecanismo do moinho de vento.

Enquanto isso, a madeira era retirada a toque de caixa. Quando foi toda embora, outra reunião especial foi realizada no celeiro para que os bichos inspecionassem as notas de Frederick. Sorrindo beatificamente,

e usando suas duas condecorações, Napoleão repousava numa cama de palha sobre a plataforma, com o dinheiro ao seu lado, cuidadosamente empilhado num prato de porcelana da cozinha da sede. Os animais passavam em fila devagar, e cada um olhava pelo tempo que desejasse. Guerreiro espichou o nariz para cheirar as notas, e os frágeis papeizinhos brancos mexeram e farfalharam com a sua respiração.

Três dias depois, houve uma confusão terrível. Whymper, branco como um defunto, subiu a trilha desabalado em sua bicicleta, largou-a no terreiro e correu para a sede. Em seguida, ouviu-se um rugido sufocado de raiva vindo do apartamento de Napoleão. A notícia do que acontecera espalhou-se pela fazenda como um rastilho de pólvora. A notas eram falsas. As notas eram falsas! Frederick ficara com a madeira de graça!

Napoleão imediatamente chamou os animais e com uma voz medonha proclamou a sentença de morte contra Frederick. Quando capturado, disse, Frederick devia ser escaldado vivo. Ao mesmo tempo, avisou-os de que depois daquela traição deveriam esperar pelo pior. Frederick e seus homens poderiam realizar o seu esperado ataque a qualquer momento. Sentinelas foram colocadas em todos os caminhos que levavam à fazenda. Além disso, quatro pombos foram enviados à Foxwood com uma mensagem conciliatória, que, esperava-se, pudesse restabelecer boas relações com Pilkington.

Logo na manhã seguinte, veio o ataque. Os animais estavam no desjejum quando as sentinelas chegaram correndo com a notícia de que Frederick e seus seguidores já haviam passado pela porteira das cinco barras. Corajosos, os animais saíram ao seu encontro, mas dessa vez não tiveram uma vitória fácil como a da Batalha do Curral. Havia quinze homens, com meia dúzia de espingardas, que abriram fogo tão

logo chegaram a cinquenta metros de distância. Os animais não conseguiram enfrentar as terríveis explosões e os projéteis lancinantes e, apesar dos esforços de Napoleão e Guerreiro para reuni-los, foram logo repelidos. Muitos deles já estavam feridos. Refugiaram-se nos prédios da fazenda e ficaram espiando cuidadosamente de frestas e buracos. Todo o pasto grande, incluindo o moinho de vento, estava nas mãos do inimigo. Até Napoleão parecia perdido. Andava para cima e para baixo sem abrir a boca, o rabo esticado e trêmulo. Olhares melancólicos eram lançados na direção da Foxwood. Se Pilkington e seus homens quisessem ajudá-los, poderiam ainda ter o dia ganho. Mas naquele momento os quatro pombos enviados na véspera voltaram, um deles trazendo um pedaço de papel da parte de Pilkington. Nele, escritas a lápis liam-se as palavras: "Bem feito."

Enquanto isso, Frederick e seus homens detinham-se em volta do moinho de vento. Dois deles haviam sacado um pé de cabra e uma marreta. Iam botar abaixo o moinho de vento.

— Impossível! — exclamou Napoleão. — Construímos paredes grossas demais para isso. Nem em uma semana conseguiriam. Coragem, camaradas!

Mas Benjamin observava com atenção os movimentos dos homens. Os dois com a marreta e o pé de cabra estavam abrindo um buraco na base do moinho de vento. Lentamente, com ar quase de quem se diverte, Benjamin balançou afirmativamente o longo focinho.

— Foi o que pensei — disse. — Não veem o que eles estão fazendo? Já, já vão encher aquele buraco de pólvora.

Apavorados, os animais esperaram. Era impossível agora deixar a proteção dos prédios. Pouco depois, os homens corriam para todo lado. Então, ouviu-se um rugido ensurdecedor. Os pombos rodopiaram no

ar, e os animais todos, exceto Napoleão, atiraram-se no chão, escondendo o rosto. Quando tornaram a se levantar, uma enorme nuvem de fumaça negra pairava no lugar onde se erguera o moinho de vento. Aos poucos, a brisa a dissipou. O moinho de vento desaparecera!

Diante disso, a coragem dos bichos voltou. O medo e o desespero que haviam sentido momentos antes foram afogados em sua raiva contra aquele ato vil e desprezível. Um poderoso brado de vingança subiu no ar, e sem esperar outras ordens avançaram em bloco contra o inimigo. Dessa vez, não respeitaram a saraivada de projéteis cruéis que desabava sobre eles. Foi uma batalha selvagem, cruel. Os homens atiravam sem parar e, quando os animais os alcançavam, desferiam golpes com os paus e as botas pesadas. Uma vaca, três ovelhas e dois gansos foram mortos, e quase todo mundo estava ferido. Até Napoleão, que dirigia as operações da retaguarda, teve a ponta do rabo estilhaçada por um projétil. Mas os homens também não saíram ilesos. Três deles tiveram a cabeça quebrada por coices de Guerreiro; outro, a barriga perfurada pelo chifre de uma vaca; outro, ainda, as calças quase arrancadas por Jessie e Sininho. E quando os nove cachorros da guarda pessoal de Napoleão, instruídos por ele a fazer um desvio por trás da sebe, apareceram de repente no flanco dos homens, latindo ferozmente, os humanos foram dominados pelo pânico. Viram que corriam o risco de ser cercados. Frederick gritou a seus homens que se retirassem enquanto a situação permitia, e logo o inimigo covarde fugia para salvar a pele. Os animais os perseguiram até o fundo do campo e acertaram ainda uns últimos coices enquanto eles atravessavam a sebre de espinho.

Haviam vencido, mas estavam desgastados e sangravam. Lentamente, começaram a voltar para a fazenda. A visão dos

camaradas mortos estirados na relva comoveu alguns até as lágrimas. E, por um instante, detiveram-se num silêncio pesaroso no local onde se erguera o moinho de vento. Sim, ele desaparecera; quase sumira o último vestígio de seu trabalho! Até as fundações estavam parcialmente destruídas. E na reconstrução dessa vez não poderiam, como antes, usar as pedras caídas. Agora, as pedras também haviam sumido. A força da explosão as arremessara a centenas de metros. Era como se o moinho de vento nunca tivesse existido.

Quando se aproximavam da fazenda, Amém, que estivera inexplicavelmente ausente durante a luta, veio saltitando na direção deles, sacudindo o rabo e sorrindo de satisfação. E os animais ouviram, vindo da direção dos prédios da fazenda, o disparo solene de uma espingarda.

— Esse disparo é para quê? — perguntou Guerreiro.

— Para celebrar a nossa vitória! — exclamou Amém.

— Que vitória? — retrucou Guerreiro. Com os joelhos sangrando, perdera uma ferradura, rachara o casco e tinha doze projéteis cravados na pata traseira.

— Que vitória, camarada? Não expulsamos o inimigo do nosso solo? O solo sagrado da Fazenda dos Bichos?

— Mas eles destruíram o moinho de vento. E trabalhamos dois anos nele!

— E daí? Construiremos outro. Construiremos mais seis se quisermos. Você não entende, camarada, a coisa importante que fizemos. O inimigo estava ocupando este mesmo chão sobre o qual nos encontramos. E agora, graças à liderança do Camarada Napoleão, nós reconquistamos cada centímetro dele!

— Então reconquistamos o que tínhamos antes — disse Guerreiro.

— Esta é a nossa vitória — retrucou Amém.

Foram mancando até o terreiro. Os projéteis encravados sob o couro de Gerreiro causavam-lhe dor. Ele antevia o árduo trabalho de reconstrução do moinho de vento desde os alicerces e já se preparava mentalmente para a tarefa. Mas pela primeira vez ocorreu-lhe que já tinha onze anos e talvez seus músculos não fossem mais os mesmos de antes.

No entanto, quando viram a bandeira verde tremulando e escutaram a espingarda tornar a disparar — sete tiros ao todo — e ouviram o discurso de Napoleão, congratulando-os pela conduta, os bichos tiveram a impressão de que afinal haviam conquistado uma grande vitória. Os animais massacrados na batalha receberam um funeral solene. Guerreiro e Flor puxaram a carroça que serviu de carro fúnebre, e o próprio Napoleao abriu o cortejo. Dois dias inteiros foram dedicados às celebrações. Houve canções, discursos, mais disparos de espingarda, o prêmio especial de uma maçã para cada animal, com sessenta gramas de milho para cada ave e três biscoitos para cada cachorro. Anunciou-se que a batalha seria chamada de Batalha do Moinho de Vento e que Napoleão criara uma nova condecoração, a Ordem da Bandeira Verde, que conferira a si mesmo. Em meio ao entusiasmo geral, o infausto caso das notas falsas foi esquecido.

Foi alguns dias depois disso que os porcos se depararam com uma caixa de uísque no porão da sede. Passara despercebida na época da ocupação da casa. Aquela noite, vinda da sede, ouviu-se uma forte cantoria, em que, para surpresa geral, os acordes de "Bichos da Inglaterra" estavam truncados. Por volta das nove e meia, Napoleão, usando um velho chapéu-coco do sr. Jones, foi visto claramente emergindo da porta dos fundos, dando um rápido galope em volta do

terreiro e tornando a sumir porta adentro. Mas, pela manhã, um silêncio profundo pairava na sede. Ao que parecia, nenhum porco se mexia. Eram quase nove horas quando Amém apareceu, abatido, andando devagar, os olhos baços, o rabo murcho, e com todo aspecto de estar seriamente doente. Chamou os animais e lhes disse que tinha uma péssima notícia para dar. O Camarada Napoleão estava morrendo!

Ouviu-se um grito de lamento. Colocaram palha do lado de fora da sede, e os bichos andavam pé ante pé. Com lágrimas nos olhos, perguntavam uns aos outros o que fariam se seu líder lhes fosse tirado. Correu o boato de que Bola de Neve conseguira afinal envenenar a comida de Napoleão. Às 11 horas, Amém saiu com outro anúncio. Como último ato sobre a terra, o Camarada Napoleão baixara um decreto solene: o consumo de bebidas alcoólicas seria punido com a morte.

À noite, porém, Napoleão pareceu um pouco melhor, e na manhã seguinte Amém pôde anunciar que vinha se recuperando bem. No fim do dia, Napoleão voltava ao trabalho, e no dia seguinte soube-se que dera instruções a Whymper para comprar em Willingdon alguns folhetos sobre fermentação e destilação. Uma semana depois, Napoleão ordenou que se arasse o pequeno padoque atrás do pomar, que já se cogitara reservar como pasto para os animais aposentados. Anunciou-se que o pasto estava cansado e precisava ser ressemeado; mas logo se soube que Napoleão pretendia semeá-lo com cevada.

Mais ou menos nessa época, aconteceu um incidente que quase ninguém conseguiu entender. Um dia, por volta de meia-noite, ouviu-se um estrondo no terreiro, e os bichos saíram correndo das baias. A noite estava iluminada pela lua. Junto à parede do fundo do grande celeiro, na qual estavam escritos os Sete Mandamentos, havia uma

escada de mão partida ao meio. Amém, momentaneamente aturdido, jazia esparramado ao lado dela, tendo ao alcance da mão uma lanterna, um pincel e uma lata de tinta branca entornada. Os cachorros logo fizeram um círculo em volta de Amém e o escoltaram até a sede tão logo ele pôde andar. Os bichos não conseguiam imaginar o que significava aquilo, exceto Benjamin, que balançou o focinho com um ar entendido, como quem sabia das coisas, mas se calava.

Alguns dias mais tarde, porém, Muriel, lendo os Sete Mandamentos, notou que havia mais um de que os animais não se lembravam direito. Pensavam que o Quinto Mandamento fosse "Nenhum animal consumirá bebidas alcoólicas", mas haviam esquecido duas palavras. Na verdade, o Mandamento rezava: "Nenhum animal consumirá bebidas alcoólicas EM EXCESSO".

O casco fraturado de Guerreiro estava levando muito tempo para sarar. Começaram a reconstrução do moinho de vento um dia depois de encerradas as comemorações da vitória. Guerreiro recusou-se a tirar um dia de folga sequer e fez questão de não demonstrar sentir dor. À noite, confessava a Flor em particular que o casco o incomodava bastante. Flor tratava-o com cataplasmas de ervas que preparava mascando, e tanto ela quanto Benjamin insistiam para que Guerreiro não trabalhasse tanto.

— Pulmão de cavalo não é eterno — dizia-lhe. Mas Guerreiro não lhe dava ouvidos. Dizia que só tinha uma verdadeira ambição: ver o moinho bem adiantado antes de chegar à idade de se aposentar.

No início, quando as leis da Fazenda dos Bichos foram formuladas, estabelecera-se a idade de aposentadoria aos 12 anos para cavalos e porcos, aos 14 para as vacas, aos nove para os cães, aos sete para as ovelhas e aos cinco para as galinhas e os gansos. Estipularam-se pensões generosas por idade. Até então, nenhum bicho recebera esse tipo de pensão, mas ultimamente o assunto era cada vez mais discutido. Agora que o pequeno campo atrás do pomar fora reservado para cevada, corria à boca pequena que um canto do pasto grande deveria ser cercado e reservado aos idosos. Para os cavalos, dizia-se, a pensão seria de dois quilos e meio de milho por dia e, no inverno, oito quilos de feno, com uma cenoura ou talvez uma maçã nos feriados. O 12º aniversário de Guerreiro seria no fim do verão do ano seguinte.

Enquanto isso, a vida estava dura. O inverno foi tão frio quanto o anterior, e a comida, ainda mais escassa. Mais uma vez, todas as rações foram reduzidas, exceto as dos porcos e as dos cachorros. Uma

igualdade muito rígida nas rações, explicou Amém, seria contrária ao espírito do Animalismo. De qualquer maneira, ele não teve dificuldade de provar aos outros bichos que na verdade NÃO lhes faltava comida, apesar das aparências. Por ora, certamente, fora necessário reajustar as rações (Amém sempre falava em "reajuste", nunca em "redução"), mas em comparação com o tempo de Jones a melhora era enorme. Lendo os números com uma voz estridente e corrida, provou-lhes com detalhes que tinham mais aveia, mais feno, mais nabos do que na época de Jones, que trabalhavam menos, que a água potável era de melhor qualidade, que viviam mais, que uma grande proporção de suas crias sobrevivia à infância, que tinham mais palha nas baias e sofriam menos com as pulgas. Os bichos acreditaram em cada palavra. Verdade seja dita, Jones e tudo o que ele representava praticamente já tinham se apagado de sua memória. Eles sabiam que a vida agora era dura e árida, que viviam com fome e com frio e que, em geral, quando não estavam dormindo, estavam trabalhando. Mas, sem dúvida, antes era pior. Gostavam de achar isso. Ademais, naquela época, eram escravos e agora eram livres. Isso fazia toda a diferença, como Amém nunca deixava de dizer.

Agora, havia muito mais bocas a alimentar. No outono, as quatro porcas deram cria quase simultaneamente, produzindo 31 leitõezinhos ao todo. Os leitões eram malhados, e, como Napoleão era o único porco reprodutor da fazenda, era fácil adivinhar sua linhagem. Anunciou-se que, mais tarde, depois de comprados os tijolos e a madeira, seria construída uma escola no jardim da sede. Por enquanto, os leitões eram instruídos pelo próprio Napoleão na cozinha da sede. Faziam exercícios no jardim e eram aconselhados a não brincar com os outros jovens animais. Mais ou menos nessa época, determinou-se que, ao cruzar

com um porco num caminho, qualquer outro animal deveria lhe dar passagem: e também que todos os porcos, qualquer que fosse sua formação, deviam ter o privilégio de usar fitas verdes no rabo aos domingos.

A fazenda tivera um ano razoavelmente bom, mas continuava sem dinheiro. Havia tijolos, areia e cal a comprar para a escola, e também seria necessário começar a economizar para o mecanismo do moinho de vento. Depois, havia necessidade de querosene para os lampiões e de velas para a casa, de açúcar para a mesa de Napoleão (ele o proibia aos outros porcos, alegando que engordava) e de todos os itens normais de reposição, tais como ferramentas, pregos, barbante, carvão, arame, ferro de sucata e biscoitos de cachorro. Venderam um fardo de feno e parte da safra de batatas, e o contrato de fornecimento de ovos foi aumentado para seiscentos por semana, de modo que naquele ano as galinhas mal puderam produzir pintos suficientes para manter sua população estável. As rações, reduzidas em dezembro, tornaram a ser reduzidas em fevereiro, e foram proibidos lampiões nas baias, para poupar querosene. Mas os porcos pareciam bem confortáveis, e na verdade até ganhavam peso.

Uma tarde, no fim de fevereiro, um cheiro apetitoso, como os bichos nunca haviam sentido, espalhou-se pelo terreiro, vindo da casinha de fermentação, desativada na época de Jones e que ficava atrás da cozinha. Alguém disse que estavam cozinhando cevada. Os bichos farejaram o ar avidamente e se perguntaram se estaria sendo preparada uma nova papa quente para a sua janta. Mas não apareceu papa quente alguma e, no domingo seguinte, anunciou-se que dali em diante toda a cevada seria reservada aos porcos. O campo atrás do pomar já tinha sido semeado com cevada. E logo vazou a notícia de que cada porco

agora recebia uma ração de um quartilho de cerveja por dia, sendo que Napoleão recebia meio galão, sempre servido na sopeira de porcelana Crown Derby.

Mas, se havia problemas a enfrentar, eles eram compensados em parte pelo fato de que a vida agora tinha uma dignidade maior. Havia mais canções, mais discursos, mais desfiles. Napoleão decretara que uma vez por semana houvesse uma coisa chamada Demonstração Espontânea, cujo objetivo era celebrar as lutas e os triunfos da Fazenda dos Bichos. Na hora marcada, os animais deviam deixar o trabalho e marchar pelo recinto da fazenda em formação militar, com os porcos à frente, vindo depois os cavalos, as vacas, as ovelhas e, por fim, as aves. Os cachorros flanqueavam o cortejo, encabeçado pelo galo negro de Napoleão. Guerreiro e Flor sempre carregavam uma faixa verde estampada com o casco e o chifre e a inscrição "Viva o Camarada Napoleão!". Em seguida, havia declamações de poemas compostos em homenagem a Napoleão e um discurso de Amém dando detalhes dos últimos aumentos na produção de alimentos, e às vezes se disparava um tiro da espingarda. As ovelhas eram as maiores apreciadoras da Demonstração Espontânea e, se algum bicho reclamava (como alguns de vez em quando faziam, quando não havia porcos nem cachorros por perto) que era perda de tempo e um sacrifício ficar em pé no frio, elas logo o calavam com um balido estrondoso de "Quatro pernas bom, duas pernas mau!". Mas, de modo geral, os bichos apreciavam essas celebrações. Achavam reconfortante ser lembrados de que, afinal de contas, eram seus próprios patrões e o trabalho que faziam era em seu próprio benefício. De modo que com os hinos, os desfiles, os números de Amém, o estampido da espingarda, o canto do galo e o tremular da

bandeira, conseguiam esquecer que estavam de barriga vazia, pelo menos parte do tempo.

Em abril, a Fazenda dos Bichos foi proclamada República, e tornou-se necessário eleger um Presidente. Havia um candidato único, Napoleão, que foi eleito por unanimidade. No mesmo dia, anunciou-se a descoberta de novos documentos que revelavam mais detalhes da cumplicidade de Bola de Neve com Jones. Agora parecia que Bola de Neve não só tentara perder a Batalha do Curral por meio de um estratagema, como os bichos haviam imaginado, mas que também andara lutando abertamente ao lado de Jones. Na verdade, ele é que liderara as forças humanas e lançara-se na batalha com as palavras "Viva a humanidade!" nos lábios. Os ferimentos em seu dorso, que alguns bichos ainda se lembravam de ter visto, haviam sido causados pelos dentes de Napoleão.

No meio do verão, Moisés, o corvo, reapareceu de repente na fazenda, após uma ausência de vários anos. Pouco mudara, não trabalhava e falava no mesmo tom sobre a Montanha de Açúcar. Encarapitava-se num toco, batia as asas negras e falava por uma hora para quem quisesse ouvir.

— Lá em cima, camaradas — dizia solenemente, apontando o grande bico para o céu —, logo atrás daquela nuvem escura que vocês podem ver, lá está ela, a Montanha de Açúcar, aquela terra feliz onde nós, pobres animais, descansaremos para sempre da nossa labuta!

Afirmava inclusive ter estado lá em um de seus voos mais altos e ter visto os campos infinitos de trevo e torta de linhaça, e torrões de açúcar crescendo nas sebes. Muitos animais acreditavam. A vida deles agora, raciocinavam, era de fome e trabalho; não era certo e mais que justo que um mundo melhor existisse em algum lugar? Uma coisa difícil de

determinar era a atitude dos porcos em relação a Moisés. Todos declaravam com desdém que suas histórias sobre a Montanha de Açúcar eram mentirosas, mas assim mesmo permitiam que ele continuasse na fazenda, sem trabalhar, com direito a meia xícara de cerveja por dia.

Sarado o casco, Guerreiro trabalhou mais que nunca. Aliás, todos os bichos trabalharam como escravos naquele ano. Além do trabalho normal da fazenda e da reconstrução do moinho de vento, havia a construção da escola para os jovens porcos, iniciada em março. Às vezes era difícil aguentar as longas horas sem comida suficiente, mas Guerreiro não faltava. Em nada do que dizia ou fazia havia qualquer sinal de que sua força já não era o que fora. Só seu aspecto mudara um pouco; seu pelo estava menos lustroso e suas ancas pareciam ter encolhido. Os outros diziam: "Guerreiro vai se recuperar quando o capim de primavera brotar"; mas a primavera chegou e Guerreiro não engordou. Volta e meia, na subida para a pedreira, quando tensionava os músculos para aguentar o peso de um pedregulho, parecia que nada o mantinha em pé senão o desejo de continuar. Nesses momentos, via-se que seus lábios formavam as palavras: "Me esforçarei ainda mais", mas não lhe sobrava voz. Mais uma vez, Flor e Benjamin aconselharam-no a cuidar da saúde, mas Guerreiro não prestou atenção. Seu 12º aniversário se aproximava. Não lhe importava o que acontecesse desde que houvesse um bom estoque de pedras acumulado antes de sua aposentadoria.

No fim de uma noite de verão, correu um boato pela fazenda de que algo acontecera com Guerreiro. Ele havia saído sozinho para puxar uma carga de pedra para o moinho de vento. E era verdade. Alguns minutos depois, dois pombos chegaram céleres com a notícia:

— Guerreiro está caído! Não consegue se levantar!

Metade dos animais da fazenda correu para o outeiro do moinho de vento. Lá estava Guerreiro, caído entre os varais da carroça, o pescoço esticado, sem conseguir sequer levantar a cabeça. Tinha os olhos vidrados e os flancos cobertos de suor. Um filete de sangue lhe escorrera pala boca. Flor ajoelhou-se ao seu lado.

— Guerreiro! — exclamou. — Como você está?

— É o meu pulmão — disse ele num fio de voz. — Não tem importância. Acho que vocês conseguirão terminar o moinho de vento sem mim. Tem uma boa quantidade de pedras acumulada. De qualquer maneira, só faltava um mês para eu me aposentar. Para dizer a verdade, andei torcendo para esta hora chegar. E, como Benjamin também está ficando velho, talvez o deixem se aposentar junto, para me fazer companhia.

— Temos que conseguir ajuda já — disse Flor. — Alguém vá correndo contar a Amém o que aconteceu.

Os outros bichos todos correram à sede para dar a notícia a Amém. Só ficaram Flor e Benjamin, que se deitou ao lado de Guerreiro e, sem dizer palavra, pôs-se a afastar dele as moscas com seu rabo comprido. Mais ou menos 15 minutos depois, Amém apareceu, todo solidário e preocupado. Disse que o Camarada Napoleão, com a mais profunda tristeza, soubera daquele infortúnio com um dos trabalhadores mais leais da fazenda e já estava tomando providências para que Guerreiro fosse tratar-se no hospital em Willingdon. Os bichos sentiram-se meio incomodados com isso. Exceto Mollie e Bola de Neve, ninguém mais havia saído da fazenda, e eles não gostavam de imaginar um camarada doente entregue nas mãos de seres humanos. No entanto, Amém facilmente os convenceu de que o cirurgião-veterinário de Willigdon

poderia tratar o caso de Guerreiro muito melhor do que eles na fazenda. Mais ou menos meia hora depois, quando Guerreiro já se recuperara um pouco, conseguiram colocá-lo em pé, e ele pôde ir mancando para sua baia, onde Flor e Benjamin lhe haviam preparado uma boa cama de palha.

Pelos dois dias seguintes, Guerreiro permaneceu na baia. Os porcos enviaram um vidro grande de um remédio cor-de-rosa que haviam encontrado no armário de remédios do banheiro, e Flor ministrava-o ao amigo duas vezes ao dia, após as refeições. À noite, deitava-se a seu lado e conversava com ele, enquanto Benjamin espantava as moscas. Guerreiro declarava não lamentar o que tinha ocorrido. Se tivesse uma boa recuperação, poderia esperar viver mais três anos, e aguardava ansioso os dias pacatos que passaria no canto do pasto grande. Seria a primeira vez que teria tempo livre para estudar e aprimorar a mente. Pretendia, disse, dedicar o resto da vida ao aprendizado das restantes 22 letras do alfabeto.

No entanto, Benjamin e Flor só podiam estar com Guerreiro depois das horas de trabalho, e foi durante o dia que a carroça chegou para levá-lo. Os bichos estavam todos no batente, capinando nabos sob a supervisão de um porco, e espantaram-se quando Benjamin chegou galopando dos lados da sede, zurrando a plenos pulmões. Era a primeira vez que viam Benjamin agitado — aliás, era a primeira vez que alguém o via galopar.

— Depressa, depressa! — gritava. — Venham logo! Estão levando Guerreiro embora.

Sem esperar ordens do porco, os bichos largaram o trabalho e correram para os prédios da fazenda. De fato, no terreiro encontraram uma carroça grande, puxada por dois cavalos, com uma inscrição na

lateral e um homem de ar sonso com um chapéu-coco sentado na boleia. E a baia de Guerreiro estava vazia.

Os bichos aglomeraram-se em volta da carroça.

— Adeus, Guerreiro! — entoaram em coro. —Adeus!

— Tolos! Tolos! — gritou Benjamin, empinando em volta deles e batendo com os pequenos cascos no chão. — Tolos! Não veem o que está escrito na lateral da carroça?

Isso fez os animais refletirem, e pediu-se silêncio. Muriel começou a soletrar as palavras, mas Benjamin empurrou-a para um lado e, em meio a um silêncio sepulcral, leu:

— "Alfred Simmonds, Açougueiro de Cavalos e Fabricante de Cola, Willingdon. Comerciante de Couros e Farinha de Ossos. Fornece para Canis". Vocês não entendem o que isso significa? Estão levando Guerreiro para o matadouro.

Um grito de horror explodiu do peito bichos. Nesse momento, o homem da boleia chicoteou sua parelha e a carroça deixou o terreiro num trote elegante. Os bichos foram atrás, gritando a plenos pulmões. Flor forçou passagem até a frente. A carroça começou a ganhar velocidade. Flor tentou fazer com que suas pernas fortes galopassem e conseguiu um meio galope.

— Guerreiro! — gritou com uma voz assustadora. — Guerreiro! Saia daí! Saia depressa! Estão levando você para o matadouro!

Os bichos aderiram ao grito de "Saia daí, Guerreiro! Saia daí!", mas a carroça já ganhava velocidade e se afastava deles. Não se sabia ao certo se Guerreiro havia entendido o que Flor dissera. Mas logo depois sua cara desapareceu da janela e ouviu-se o barulho de uma tremenda percussão de cascos dentro da carroça. Ele distribuía coices para se safar dali. Houvera um tempo em que alguns coices de Gerreiro teriam

transformado a carroça em palitinhos. Mas que pena! Sua força o abandonara; e pouco depois o barulho de cascos diminuiu e desapareceu. Desesperados, os animais começaram a apelar aos dois cavalos, que estacaram.

— Camaradas, camaradas! — gritavam. — Não levem seu irmão para a morte! — Mas os bichos, muito ignorantes para perceber o que estava acontecendo, limitaram-se a deitar as orelhas e apertar o passo. A cara de Guerreiro não tornou a aparecer na janela. Alguém pensou em correr à frente e fechar a porteira das cinco barras, mas já era tarde demais, e logo a carroça passava e desaparecia rapidamente na estrada. Guerreiro nunca mais foi visto.

Três dias depois, anunciou-se que ele tinha morrido no hospital de Willingdon, apesar de ter recebido todas as atenções que um cavalo poderia receber. Amém veio dar a notícia. Estivera presente nos últimos momentos de Guerreiro, disse.

— Foi a cena mais comovente que já vi! — disse Amém, erguendo a pata e enxugando uma lágrima. — Eu estive à sua cabeceira até o último instante. E, no fim, quase fraco demais para falar, ele sussurrou no meu ouvido que sua única tristeza era morrer antes da conclusão do moinho de vento. "Avante, camaradas!", sussurrou. "Avante em nome da Rebelião. Viva a Fazenda dos Bichos! Viva o Camarada Napoleão! Napoleão tem sempre razão." Estas foram suas últimas palavras, camaradas.

Aí a atitude de Amém mudou de repente. Ele calou-se por um momento, e seus olhinhos dispararam olhares desconfiados de um lado para o outro antes de prosseguir.

Chegara ao seu conhecimento, disse, que correra um boato idiota e perverso no momento do traslado de Guerreiro. Alguns animais

haviam notado que a carroça que o levou tinha a inscrição "Açougueiro de Cavalos" e chegaram precipitadamente à conclusão de que Guerreiro estava sendo mandado para o matadouro. Era quase inacreditável, disse Amém, que um bicho pudesse ser tão idiota. Com certeza, gritou indignado, sacudindo o rabo e saltitando de um lado para o outro, com certeza todos sabiam muito bem quem era o seu amado Líder, o Camarada Napoleão, certo? Mas a explicação era realmente muito simples. A carroça pertencera antes ao abatedouro e fora comprada pelo cirurgião-veterinário, que ainda não apagara o nome antigo. Eis como surgira o equívoco.

Os bichos ficaram aliviadíssimos com isso. E, quando Amém continuou dando detalhes minuciosos do leito de morte de Guerreiro, dos extraordinários cuidados que recebera e dos remédios caros pelos quais Napoleão pagara sem pensar no custo, suas últimas dúvidas desapareceram e a tristeza que sentiam pela morte do camarada foi amenizada pela ideia de que pelo menos ele morrera feliz.

O próprio Napoleão apareceu na Reunião do domingo seguinte e pronunciou uma curta oração em homenagem a Guerreiro. Não fora possível, disse, trazer de volta os despojos do saudoso camarada para o enterro na fazenda, mas ele mandara que uma grande coroa fosse feita com os louros do jardim da sede e fosse enviada para ser depositada no túmulo de Guerreiro. E anunciou que poucos dias depois os porcos pretendiam dar um banquete em memória de Guerreiro. Napoleão encerrou seu discurso relembrando duas das máximas prediletas de Guerreiro: "Me esforçarei ainda mais" e "O Camarada Napoleão tem sempre razão" — máximas, disse ele, que todo animal devia adotar.

No dia marcado para o banquete, chegou de Willingdon a caminhonete de um armazém e entregou um grande caixote de

madeira na sede. Naquela noite, ouviu-se uma cantoria animada, seguida por algo que parecia uma discussão violenta e que terminou por volta de 11 horas com um grande estrondo de vidro sendo quebrado. Ninguém se mexeu na sede antes do meio-dia, e circulou a história de que os porcos de algum jeito tinham conseguido dinheiro para comprar outra caixa de uísque.

Passaram-se anos. As estações iam e vinham, a curta vida dos animais voava. Chegou um momento em que ninguém mais se lembrava dos velhos tempos de antes da Rebelião, a não ser Flor, Benjamin, o corvo Moisés e alguns porcos.

Muriel morreu; Sininho, Jessie e Belisco morreram. Jones também morreu numa casa para alcoólatras em outra parte do condado. Bola de Neve foi esquecido. Guerreiro foi esquecido, exceto pelos poucos que o conheceram. Flor era agora uma égua velha e corpulenta, de juntas enrijecidas e com tendência a apresentar secreção ocular. Já haviam passado dois anos da idade de se aposentar, mas a verdade era que nenhum animal chegara de fato a se aposentar. A conversa de reservar um canto do pasto para os animais idosos havia muito já fora esquecida. Napoleão era agora um reprodutor maduro de dez arrobas. Amém estava tão gordo que mal conseguia abrir os olhos. Só o velho Benjamin continuava o mesmo, apenas com o focinho mais grisalho e, desde a morte de Guerreiro, mais sombrio e taciturno que nunca.

Agora havia muito mais criaturas na fazenda, embora o crescimento populacional não fosse tão grande quanto se esperava nos primeiros anos. Haviam nascido muitos animais para quem a Rebelião não passava de uma vaga tradição, transmitida oralmente, e haviam sido comprados outros que nunca tinham ouvido falar em tal coisa antes de sua chegada. Na fazenda agora havia três cavalos além de Flor. Eram bichos honrados, trabalhadores dispostos e bons camaradas, mas muito ignorantes. Nenhum deles mostrou-se capaz de aprender o alfabeto além da letra B. Aceitavam tudo o que lhes era dito sobre a Rebelião e os princípios do Animalismo, especialmente por Flor, por

quem tinham um respeito quase filial; mas era duvidoso que entendessem grande coisa.

A fazenda estava mais próspera e mais bem organizada: fora até aumentada pela aquisição de dois campos do sr. Pilkington. O moinho de vento acabara sendo concluído com sucesso, e a fazenda possuía uma debulhadeira e um elevador de feno próprios e várias novas construções haviam sido acrescentadas. Whymper comprara uma charrete. No entanto, acabou que o moinho de vento não fora usado para gerar energia elétrica. Era usado para moer cereais, e dava um bom dinheiro. Os bichos estavam envolvidos na construção de outro moinho; quando estivesse pronto, dizia-se, os dínamos seriam instalados. Mas não se falava mais nos luxos com que Bola de Neve os fizera sonhar: as baias com luz elétrica e água quente e fria e a semana de três dias. Napoleão denunciara essas ideias como contrárias ao espírito do Animalismo. A verdadeira felicidade, dizia, estava em trabalhar duro e viver com simplicidade.

De algum modo, era como se a fazenda tivesse enriquecido sem que nenhum bicho tivesse enriquecido junto, a não ser, claro, os porcos e os cachorros. Talvez em parte isso se devesse ao fato de lá haver tantos porcos e tantos cachorros. Não que essas criaturas não trabalhassem, à maneira delas. Havia, como Amém não se cansava de explicar, um sem-fim de trabalho na supervisão e na organização da fazenda, sobretudo de um tipo que escapava ao entendimento dos outros animais, ignorantes demais. Por exemplo, Amém lhes dizia que os porcos tinham que dedicar esforços enormes a coisas chamadas "arquivos", "relatórios" e "memorandos", ou grandes folhas de papel que precisavam ser todas cobertas com escritos e logo em seguida eram jogadas no fogo. Isso era da maior importância para o bem-estar da

fazenda, afirmava Amém. Mas, mesmo assim, nem porcos nem cachorros produziam qualquer tipo de alimento com o próprio trabalho; e eles eram muitos, sempre com bom apetite.

Quanto aos outros, sua vida, ao que sabiam, continuava como sempre fora. Costumavam viver com fome, dormiam na palha, bebiam no açude, trabalhavam nos campos; no inverno, sofriam com o frio e, no verão, com as moscas. Às vezes os mais velhos puxavam pela vaga memória e tentavam determinar se nos primeiros dias da Rebelião, quando a expulsão de Jones ainda era recente, as coisas eram melhores ou piores que agora. Não conseguiam lembrar. Não tinham nenhum termo de comparação com a vida atual: não tinham em que se basear, exceto pelas listas de números de Amém, que invariavelmente demonstravam que tudo estava cada vez melhor. Os bichos consideravam o problema insolúvel; em todo caso, agora não tinham tempo para especular sobre essas coisas. Só o velho Benjamin afirmava lembrar-se de cada detalhe de sua longa vida para saber que a situação nunca fora, nem nunca poderia ser, muito melhor nem muito pior — sendo a fome, as adversidades e a decepção, dizia ele, a lei inalterável da vida.

No entanto, os bichos nunca perdiam a esperança. Mais ainda, nunca perderam, sequer por um instante, o sentimento de honra, de privilégio por serem membros da Fazenda dos Bichos. Aquela continuava sendo a única fazenda do condado — de toda a Inglaterra! — pertencente a animais e por eles administrada. Nenhum deles, nem mesmo os mais jovens, nem mesmo os recém-trazidos de fazendas situadas a 15 ou trinta quilômetros de distância, jamais cessava de se maravilhar com isso. E, quando ouviam o tiro da espingarda e viam a bandeira verde tremulando no mastro, o coração deles inchava de orgulho, e a

conversa sempre se voltava para o passado heroico da expulsão de Jones, da instituição dos Sete Mandamentos, das grandes batalhas em que os invasores humanos tinham sido derrotados. Nenhum dos velhos sonhos fora abandonado. A República dos Bichos que o Major previra, quando os verdes campos da Inglaterra não mais seriam pisados por seres humanos, era um ideal em que ainda acreditavam. Um dia se tornaria realidade. Até o hino "Bichos da Inglaterra" talvez fosse cantarolado em segredo aqui e ali: fosse como fosse, era fato que todo animal da fazenda o sabia, embora nenhum deles se atrevesse a cantá-lo em voz alta. Talvez fosse verdade que a vida era dura e que nem todas as suas esperanças haviam se realizado, mas eles tinham consciência de que não eram como os outros animais. Se passavam fome, não era por alimentarem seres humanos tirânicos; se davam duro, pelo menos trabalhavam para si mesmos. Nenhuma criatura entre eles andava sobre duas pernas. Nenhuma criatura tratava a outra de "Senhor". Todos os animais eram iguais.

Um dia, no início do verão, Amém ordenou às ovelhas que o seguissem e conduziu-as a um terreno no outro extremo da fazenda, infestado de mudas de vidoeiro. As ovelhas passaram o dia inteiro ali, pastando as folhas sob a supervisão de Amém. À tardinha, ele voltou para a sede, mas, como o tempo estava quente, disse às ovelhas que permanecessem onde estavam. Elas acabaram ficando lá a semana toda, durante a qual os outros bichos não as viram. Amém passava com elas a maior parte do dia. Estava, disse, ensinando-lhes uma nova canção, e isso exigia privacidade.

Foi logo depois do retorno das ovelhas, numa noite agradável enquanto os bichos voltavam para as construções da fazenda após o trabalho, que se ouviu, vindo do terreiro, o relincho assustador de um

cavalo. Assustados, os animais estacaram. Era a voz de Flor. Ela tornou a relinchar, e todos os bichos correram a galope para o terreiro. Então viram o que Flor havia visto.

Era um porco andando nas patas traseiras.

Sim, era Amém. De modo um tanto canhestro, como se não estivesse muito habituado a sustentar seu peso considerável naquela posição, mas em perfeito equilíbrio, passeava pelo terreiro. Pouco depois, saiu pela porta da sede uma longa fila de porcos, todos eles andando nas patas traseiras. Uns mellhor que outros, um ou dois até meio desequilibrados, como se achassem bem-vindo o apoio de uma bengala, mas todos deram a volta no terreiro com sucesso. E, por fim, após um estrondoso coro de latido dos cães e um canto agudo do galo negro, eis que surge o próprio Napoleão, majestoso em duas pernas, lançando olhares arrogantes para os lados, com os cães brincando em volta.

Segurava um chicote na pata.

Houve um silêncio mortal. Espantados, apavorados, chegando-se uns aos outros, os bichos olhavam os porcos marcharem em fila ao redor do terreiro. Era como se o mundo estivesse de cabeça para baixo. Então chegou um momento em que, passado o primeiro choque e apesar de tudo, apesar do pavor dos cachorros e do hábito desenvolvido durante muitos anos de nunca se queixarem, nunca criticarem, acontecesse o que acontecesse, poderiam ter dito uma palavra de protesto. Mas justo nesse instante, como se obedecessem a um sinal, todas as ovelhas irromperam em uníssono num espantoso balido.

— Quatro pernas bom, duas pernas MELHOR! Quatro pernas bom, duas pernas MELHOR!

Baliram durante cinco minutos sem parar. E, quando se calaram, a oportunidade de protesto passara, pois os porcos já haviam marchado de volta para dentro da sede.

Benjamin sentiu um focinho esfregar-lhe o garrote. Olhou em volta. Era Flor. Seus olhos cansados pareciam mais toldados do que nunca. Sem dizer palavra, ela puxou-o delicadamente pela crina e o levou para o fundo do grande celeiro, onde estavam escritos os Sete Mandamentos. Durante um ou dois minutos, ficaram olhando a parede escura com suas letras brancas.

— Minha vista está falhando — disse ela, afinal. — Nem quando eu era moça dava para ler o que estava escrito ali. Mas estou achando a parede diferente. Os Sete Mandamentos continuam os mesmos, Benjamin?

Pela primeira vez, Benjamin consentiu em quebrar sua regra e leu para ela o que estava escrito na parede. Nada havia ali, exceto um único Mandamento, que dizia:

TODOS OS BICHOS SÃO IGUAIS,
MAS UNS SÃO MAIS IGUAIS QUE OUTROS

Depois disso, não pareceu estranho quando, no dia seguinte, os porcos que estavam supervisionando o trabalho na fazenda surgiram carregando chicotes nas patas. Não pareceu estranho que tivessem comprado um rádio, estivessem providenciando a instalação de um telefone e a assinatura de revistas e jornais. Nem pareceu estranho quando Napoleão foi visto passeando no jardim da sede com um cachimbo na boca — e nem mesmo quando os porcos retiraram as roupas do sr. Jones dos armários e as vestiram, o próprio Napoleão aparecendo com um paletó preto, calções de caça e perneiras de couro,

enquanto sua porca favorita exibia-se com o vestido de *moiré* que a sra. Jones usava aos domingos.

Uma semana depois, à tarde, chegaram várias charretes na fazenda. Uma representação de fazendeiros vizinhos fora convidada para fazer uma visita de inspeção. Mostraram-lhes a fazenda toda, e eles manifestaram grande admiração por tudo o que viram, especialmente o moinho de vento. Os bichos estavam capinando o campo de rabanetes. Trabalhavam com diligência, mal levantando os olhos do chão, sem saber se tinham que temer mais os porcos do que os visitantes humanos.

Naquela noite, ruidosas gargalhadas e explosões de cantoria chegaram da sede. E, de repente, ao ouvirem as vozes misturadas, os bichos ficaram curiosos. O que poderia estar acontecendo lá dentro, agora que pela primeira vez os animais e os seres humanos se encontravam em pé de igualdade? Em conjunto, insinuaram-se no maior silêncio possível no jardim da sede.

No portão hesitaram, meio receosos de continuar, mas acompanharam Flor, que tomou a dianteira. Andaram pé ante pé até a casa, e os mais altos espiaram pela janela da sala de jantar. Lá dentro, em volta de uma mesa comprida, estavam sentados seis fazendeiros e seis dos porcos mais eminentes, Napoleão ocupando o lugar de honra à cabeceira. Os porcos pareciam totalmente à vontade nas cadeiras. O grupo andara jogando cartas, mas interrompera o jogo por ora, obviamente para fazer um brinde. Um grande jarro circulava, e as canecas estavam sendo reabastecidas de cerveja. Ninguém notou as caras admiradas dos bichos que espiavam pela janela.

O sr. Pilkington, da Foxwood, levantara-se com a caneca na mão. Já, já ia convidar os presentes a fazer um brinde, disse. Antes, porém,

achava-se no dever de fazer um pequeno pronunciamento.

Era motivo de grande satisfação para ele — e tinha certeza de que para todos os presentes — sentir que um longo período de desconfiança e desentendimento chegara ao fim. Houvera um tempo, não que ele, ou qualquer um dos que ali se encontravam, tivesse tais sentimentos, mas houvera um tempo em que os respeitados proprietários da Fazenda dos Bichos eram olhados, ele não diria que com hostilidade, mas talvez com certa dose de apreensão por seus vizinhos humanos. Tinham ocorrido incidentes infaustos, e ideias equivocadas eram correntes. Achara-se que a existência de uma fazenda pertencente a porcos e por eles operada fosse uma coisa anormal e pudesse ter um efeito desestabilizador na vizinhança. Muitos fazendeiros presumiram, sem as devidas averiguações, que em tal fazenda prevaleceria um espírito de licenciosidade e indisciplina. Tinham andado aflitos com os efeitos de tudo isso nos seus animais, ou mesmo nos seus empregados humanos. Mas todas essas dúvidas estavam agora dissipadas. Hoje ele e seus amigos tinham visitado a Fazenda dos Bichos, inspecionando cada centímetro com os próprios olhos, e o que acharam? Não só os métodos mais modernos como também uma disciplina e uma ordem que deviam servir de exemplo a todos os fazendeiros. Julgava ter razão ao dizer que os animais inferiores da Fazenda dos Bichos trabalhavam mais e recebiam menos comida do que quaisquer animais do condado. De fato, ele e seus compaheiros visitantes haviam observado naquele dia muitos recursos que desejavam introduzir imediatamente nas próprias fazendas.

Finalizaria seus comentários, disse, enfatizando mais uma vez os sentimentos de amizade que perduravam, e deviam perdurar, entre a Fazenda dos Bichos e seus vizinhos. Entre os porcos e os seres humanos

não havia nem precisava haver quaisquer conflitos de interesse. Suas lutas e suas dificuldades eram uma só. O problema do trabalho não era o mesmo em toda parte? Aí ficou evidente que o sr. Pilkington estava prestes a contemplar o grupo com um dito espirituoso, mas por um momento esteve dominado demais pelo próprio gracejo para conseguir proferi-lo. Depois de muita sufocação, durante a qual seus vários queixos ficaram roxos, conseguiu soltá-lo:

— Se vocês têm seus animais inferiores para enfrentar — disse —, nós temos nossas classes inferiores! — Este BON MOT deixou a mesa às gargalhadas; e o sr. Pilkington mais uma vez parabenizou os porcos pelas pequenas rações, pelas longas horas de trabalho e pela ausência de mimos que observara na Fazenda dos Bichos.

E agora, disse por fim, convidaria o grupo para se pôr de pé e verificar se seus copos estavam cheios.

— Cavalheiros — concluiu o sr. Pilkington —, cavalheiros, proponho um brinde: à prosperidade da Fazenda dos Bichos!

Eles aplaudiram e bateram os pés no chão com entusiasmo. Napoleão estava tão satisfeito que deixou o seu lugar e deu a volta na mesa para brindar com seu copo no do sr. Pilkington antes de esvaziá-lo. Quando os vivas acabaram, Napoleão, que permanecera de pé, declarou que também tinha algumas palavras a dizer.

Como todos os discursos de Napoleão, aquele foi curto e direto. Ele também, declarou, estava feliz com o fim do período de desentendimentos. Por muito tempo houvera rumores — espalhados, tinha razões para pensar, por algum inimigo maldoso — de que havia algo de subversivo e até de revolucionário na visão dele e de seus colegas. Atribuiu-se a eles a tentativa de fomentar a rebelião entre os animais das fazendas vizinhas. Nada poderia estar mais longe da

verdade! Seu único desejo, agora como no passado, era viver em paz e mantendo relações profissionais normais com seus vizinhos. Esta fazenda que ele tinha a honra de controlar, acrescentou, era um empreendimento cooperativo. Os títulos de propriedade, que estavam em seu poder, pertenciam a todos os porcos em conjunto.

Não acreditava que ainda restassem quaisquer suspeitas, mas haviam sido feitas certas mudanças na rotina da fazenda cujo efeito deveria ser promover ainda mais confiança. Até então, os animais haviam conservado o hábito um tanto tolo de se dirigir uns aos outros como "Camarada". Isso seria abolido. Houvera também outro hábito estranho, de origem desconhecida, de desfilar nas manhãs de domingo diante da caveira de um porco pregada num poste no jardim. Isso também seria abolido, e a caveira já fora enterrada. Seus visitantes poderiam ter observado, inclusive, a bandeira verde que tremulava no mastro. Nesse caso, talvez tivessem notado que já não trazia estampados em branco os emblemas do chifre e do casco. De agora em diante, seria uma bandeira toda verde.

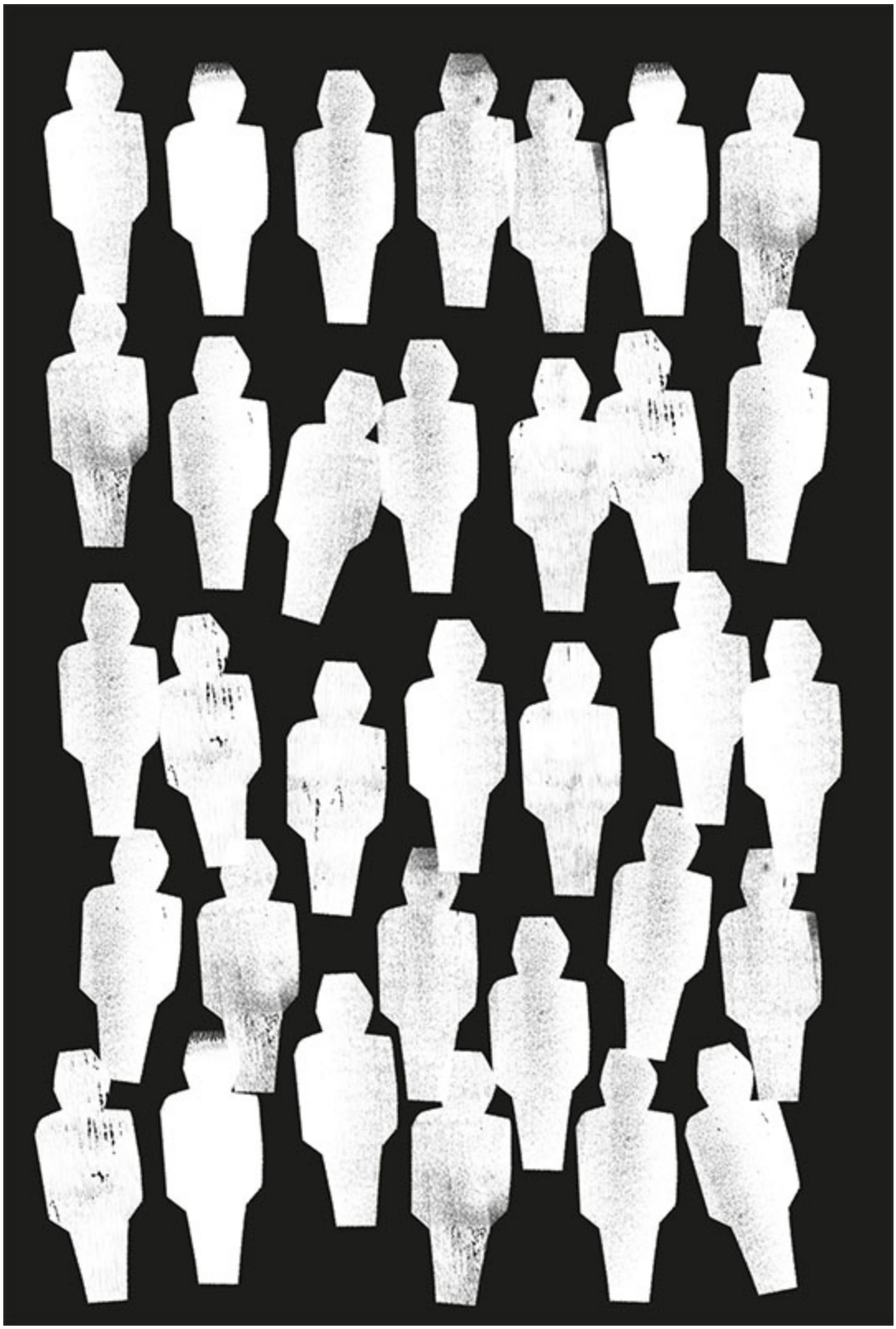
Tinha, acrescentou, apenas uma crítica a fazer ao excelente discurso amistoso do sr. Pilkington, que se referira o tempo todo à "Fazenda dos Bichos". Obviamente o vizinho não poderia saber — uma vez que ele, Napoleão, só agora anunciava pela primeira vez — que a denominação de "Fazenda dos Bichos" fora abolida. Doravante, a fazenda deveria ser conhecida como a "Fazenda do Solar" — que, no seu entender, era seu nome correto e original.

— Cavalheiros — concluiu Napoleão. — Farei o mesmo brinde, mas de forma diferente. Encham até a borda seus copos. Cavalheiros, eis o meu brinde: à prosperidade da Fazenda do Solar!

Houve os mesmos vivas calorosos de antes, e as canecas foram esvaziadas. Mas os bichos, ao contemplarem a cena pela janela, tiveram a impressão de que aconteciam algumas coisas estranhas. O que mudara na cara dos porcos? Os olhos cansados de Flor iam de uma cara a outra. Umas tinham cinco queixos, outras, quatro, outras, três. Mas o que parecia estar derretendo e se modificando? Então, terminados os aplausos, o grupo pegou as cartas, continuando a partida interrompida, e os bichos se retiraram de mansinho.

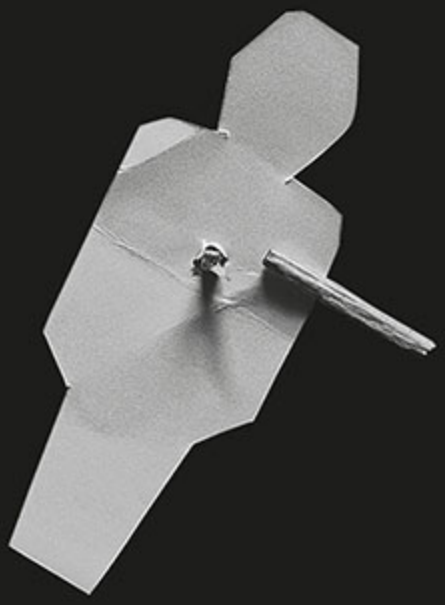
Mas não tinham andado nem vinte metros quando estacaram. Da sede, ouvia-se um tumulto de vozes. Voltaram depressa e tornaram a espiar pela janela. Sim, estava havendo uma discussão violenta. Havia gritos, murros na mesa, olhares desconfiados, furiosas negativas. A origem da briga parecia estar no fato de Napoleão e o sr. Pilkington terem baixado ao mesmo tempo um ás de espadas. Doze vozes gritavam iradas, e eram todas iguais. Não havia dúvida, agora, quanto ao que acontecera às caras dos porcos. As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco, e de novo de um porco para um homem; mas já era impossível dizer quem era quem.

Novembro de 1943-fevereiro de 1944



GEORGE

ORWELL



1984

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Tradução de **ADALGISA CAMPOS DA SILVA**

Prefácio de **JOSÉ ROBERTO DE CASTRO NEVES**

PREFÁCIO

1984 — "O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ"

Eric Arthur Blair nasceu na Índia britânica, em 1903. Oriundo de uma família nobre, ainda cedo voltou para a Inglaterra, matriculando-se em escolas de elite, inclusive em Eton, possivelmente a mais célebre instituição de ensino médio daquele país. Lá aprendeu francês com Aldous Huxley, autor, entre outros, de *Admirável mundo novo*. Aluno medíocre, Blair, ao contrário da maioria de seus companheiros de escola, não seguiu para a universidade, mas viajou para a distante Burma (hoje Myanmar), na época ainda sob o domínio britânico, para tornar-se funcionário público. Em 1927, ele contrai dengue — isso mesmo, dengue. Por conta da doença, retorna para a Inglaterra. Blair queria ser escritor. Muda-se para Paris, atrás de inspiração. Adoece mais uma vez e acaba retornando para a casa dos pais. Sem sucesso editorial, torna-se professor escolar. Em 1936, entretanto, entusiasmado com a Guerra Civil espanhola e encantado com os ideais socialistas, ele se alista como voluntário para combater as forças conservadoras do general Franco e então segue para Barcelona com Henry Miller — outro que se tornaria um escritor icônico. Em batalha, Blair toma um tiro de raspão no pescoço — possivelmente por conta de sua elevada estatura: seus quase um metro e noventa o

tornavam um alvo mais fácil. Ao regressar mais uma vez para a Inglaterra, parte para o jornalismo. Embora tente lutar na Segunda Grande Guerra, é recusado pelo exército britânico. Logo após o fim da contenda na Europa, em 1945, Blair publica um livro que seria um de seus grandes sucessos: *A revolução dos bichos — Animal Farm* no original. Como havia feito antes, decide omitir seu nome e se valer de um pseudônimo que se tornaria célebre: George Orwell.

O livro conta a história de uma fazenda na qual os animais, insatisfeitos com o tratamento que recebem dos humanos, resolvem rebelar-se, liderados pelos porcos, e conseguem expulsar os homens. Inicialmente, os líderes revolucionários pregam ideais de igualdade e liberdade, os quais deveriam reger a vida dos animais. Entretanto, com o tempo, os porcos passam a defender que "alguns são mais iguais que outros".

Nessa fábula moderna, mesmo entre os suínos e outros bichos, há traições. Aos poucos, os porcos, líderes do movimento revolucionário, passam a agir exatamente como os humanos, tratando os demais animais de forma despótica e contrariando exatamente aquilo que, antes, juraram defender.

Em *A revolução dos bichos* fica claro que a democracia não é uma conquista definitiva, mas uma conquista constante, que se renova a cada manhã. O livro é interpretado como uma crítica ao stalinismo. Com efeito, naquele momento histórico, do pós-guerra, o mundo fora dividido, de forma relativamente clara, em dois eixos, sendo um deles liderado pela União Soviética, num modelo que mostrava pouco respeito pelas liberdades individuais.

A revolução dos bichos faz de Orwell uma celebridade. Porém, sua obra-prima ainda estava por ser escrita.

Poucos anos depois, em 1949, George Orwell apresenta *1984*. O escritor havia recebido, em 1947, o diagnóstico de tuberculose. Fumante inveterado e de saúde frágil, ele vem a falecer no início de 1950. *1984*, portanto, registra o último suspiro de um homem desenganado. E transmite um importante recado para o futuro.

Com *A revolução dos bichos*, Orwell sentira a força da literatura como instrumento de crítica ao sistema. Ele não via a literatura como diversão, porém como uma arma de conscientização. Segundo o crítico literário Harold Bloom, "uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação". [07] Como se sabe, apenas se cultiva um espírito crítico com reflexão. Informação é poder. Cultura é poder. O livro não é um fim — é um meio.

Ciente da força de sua mensagem, em *1984* Orwell dirige sua crítica ao totalitarismo. Na definição de Otto Maria Carpeaux, "*1984* é uma típica antiutopia: pesadelo do futuro totalitarismo que esmagará o indivíduo com requintes de desumanidade". [08]

A obra se tornou imediatamente um clássico da literatura distópica. No livro, conta-se a história do mundo num futuro não tão distante, dominado pela vigilância do Estado. O "Grande Irmão" — "Big Brother" no original — espreita, por uma tela, os atos de todas as pessoas. Não é possível sequer esquecer essa circunstância invasiva, pois em toda parte cartazes e telas registram: "O Grande Irmão está de olho em você" — "Big Brother is watching you". Nesse tenebroso mundo futuro, não há espaço para a privacidade.

O Estado, por meio do seu Ministério da Verdade, impõe uma realidade que lhe parece a adequada, com o declarado propósito de manutenção do poder. Há a institucionalização das "fake news" e da censura. Proíbe-se o sexo, e até mesmo o passado é recontado.

Manipula-se a língua. Uma nova forma de falar — a "Novilíngua" — é imposta, noutro meio de garantir o domínio sobre as pessoas. O desejo manifesto dos detentores do poder é o de reduzir a capacidade de pensar nas pessoas, sendo um dos objetivos declarados do Partido totalitário "extinguir de uma vez para sempre qualquer possibilidade de pensamento independente".

Pensamentos revolucionários, desde os mais inocentes, são proibidos pelo Ministério do Pensamento — e quem se alijar do sistema, ou mesmo questioná-lo, torna-se proscrito, uma "despessoa" ("unperson", no original). O Ministério do Amor, por sua vez, funciona como local de tortura. Afinal, nesse mundo desumano, condena-se o amor. Os amantes sofrem severa repressão e são "reeducados".

Em notável biografia de George Orwell, Richard Bradford inicia o capítulo destinado ao livro que agora o leitor tem nas mãos dizendo: "*1984* é a obra literária mais importante dos últimos cem anos pela simples razão de que nenhuma outra causou tanto debate e controvérsia." [09] Para se ter noção da sua relevância, em janeiro de 2017, *1984* estava no topo das vendas da Amazon nos Estados Unidos.

1984 tornou-se um grito de alerta contra o Estado totalitário. Uma obra repleta de temas que fomentam a reflexão. Não sem razão, a circulação da obra foi proibida em diversas ditaturas (o livro, por exemplo, foi banido na União Soviética e foi publicado na China apenas em 1979, numa versão adaptada pelos membros do partido. Ainda hoje na China, o romance sofre restrições — e o acesso nos sites de busca a "1", "9", "8", "4" nessa sequência seguem bloqueados). Como pontuou Hannah Arendt, "não resta nenhuma outra causa a não ser a mais antiga de todas, a única, de fato, que desde o início da nossa

história determinou a própria existência da política: a causa da liberdade em oposição à tirania". [10]

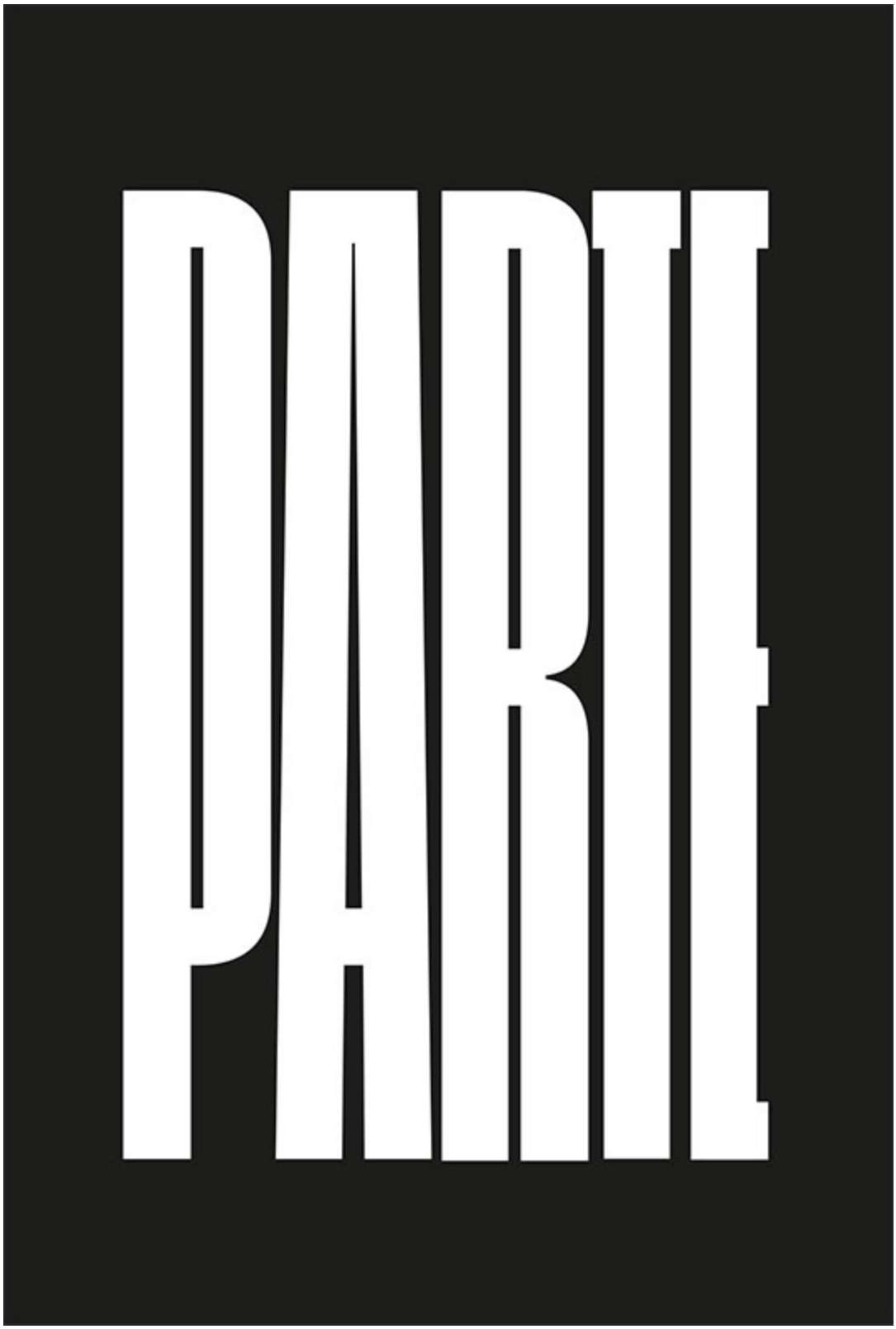
Embora se consiga compreender o mundo de Orwell e sua experiência pessoal refletida em sua obra, o tema de *1984* revela-se universal, pulsante e atemporal. A ameaça de "Big Brothers", como mostra a história, é uma das mais duras e insistentes maldições da humanidade — assim como lutar pela liberdade uma das causas mais nobres. Eis por que *1984* passou, desde a sua publicação, a ser considerado um livro fundamental. Um poderoso soro antiofídico ao "Grande Irmão" e ao Estado que busca controlar nossos pensamentos, manipulando os fatos e censurando as opiniões. Nele, a literatura resplandece com uma das suas mais vivas qualidades: nos emociona e faz pensar.

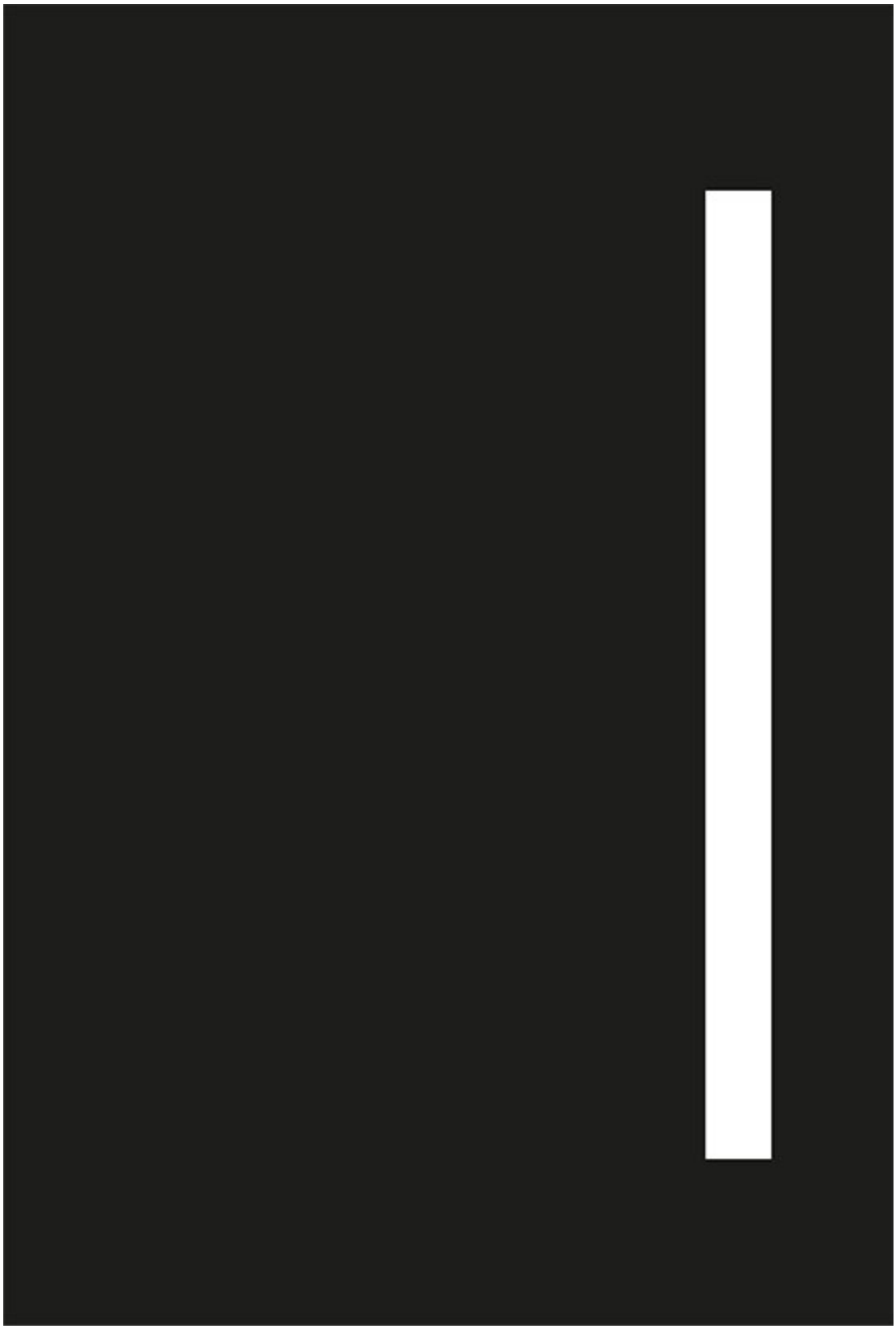
O tema é atual. No começo de 2019, o jornal *Washington Post* registrou que, desde a sua posse, o então presidente norte-americano fizera cerca de nove mil declarações falsas. Em muitos pontos do planeta, alguns líderes promovem o culto de suas personalidades, invariavelmente de forma ridícula, mas não raro com sucesso. O Grande Irmão não está apenas no livro do Orwell.

Como informei, Orwell morreu pouco depois da publicação do livro. Há escassos registros de suas considerações sobre seu seminal romance. Uma declaração dele ficou conhecida, ditada a um amigo que o visitou no sanatório em que o escritor morava, já bem combalido pela tuberculose. Orwell disse sobre *1984*: "A moral a ser tirada dessa perigosa situação de pesadelo é simples. *Não deixe isso acontecer. Depende de você*." Pois é, depende de você, leitor.

José Roberto de Castro Neves

Advogado e escritor


PART



Era um dia frio e luminoso de abril, e os relógios marcavam 13 horas. Winston Smith, com o queixo encostado no peito em uma tentativa de escapar do vento cruel, atravessou correndo as portas de vidro das Mansões Victory, mas não foi rápido o bastante para conseguir evitar que uma lufada de poeira grossa entrasse com ele.

O vestíbulo recendia a repolho cozido e tapetes velhos de retalhos. Numa das extremidades, pregado na parede, havia um pôster colorido, grande demais para ser exibido em ambientes fechados. Mostrava simplesmente um rosto enorme, com mais de um metro de largura: o rosto de um homem de uns 45 anos, com um farto bigode negro e feições marcantes, fortes e agradáveis. Winston encaminhou-se para as escadas. Não adiantava tentar o elevador. Mesmo nas melhores épocas, quase nunca funcionava, e no momento a energia era cortada enquanto havia luz do dia. Isso fazia parte do arrocho econômico durante as preparações para a Semana do Ódio. O apartamento era no sétimo andar, e Winston, que tinha 39 anos e uma úlcera varicosa acima do tornozelo direito, subiu devagar, descansando várias vezes no caminho. Em cada andar, em frente ao elevador, o pôster com a cara enorme o observava da parede. Era uma daquelas imagens pensadas para que os olhos pareçam acompanhar a pessoa quando ela se movimenta. O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia a legenda.

Dentro do apartamento, uma voz suave lia uma lista de números que tinham alguma relação com a produção de ferro-gusa. A voz saía de uma placa de metal oblonga parecida com um espelho fosco que cobria parte da superfície da parede à direita. Winston girou um interruptor e a voz saiu um pouco mais baixa, embora as palavras continuassem

discerníveis. O instrumento (chamava-se teletela) podia ter o volume diminuído, mas não havia como desligá-lo. Ele foi até a janela: um corpo miúdo, frágil, a magreza meramente enfatizada pelo macacão azul que era o uniforme do Partido. Tinha o cabelo muito louro. O rosto, naturalmente sanguíneo, tinha a pele áspera devido ao sabão grosseiro, às lâminas de barbear cegas e ao frio do inverno que acabara havia pouco.

Lá fora, mesmo através da vidraça fechada, o mundo parecia frio. Na rua, pequenos rodamoinhos de vento criavam espirais de poeira e papel picado e, apesar do sol fulgurante e do céu de um azul agressivo, parecia não haver cor em coisa alguma, exceto nos pôsteres colados por toda parte. O rosto com bigode preto olhava de todos os cantos. Havia um na fachada da casa bem em frente. O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia a legenda, enquanto os olhos escuros penetravam os de Winston. No nível da rua, outro pôster, rasgado num canto, ondulava espasmodicamente ao vento, ora cobrindo, ora descobrindo uma palavra: SOCING. Ao longe, um helicóptero deslizou por entre os telhados, pairou um instante como uma mosca-varejeira azul e tornou a se afastar a toda, descrevendo uma curva. Era a patrulha policial, bisbilhotando pela janela das pessoas. No entanto, as patrulhas não importavam. Só o que importava era a Polícia do Pensamento.

Atrás de Winston, a voz que saía da teletela continuava tagarelando sobre ferro-gusa e a superação da meta estabelecida pelo Nono Plano Trienal. A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer barulho que Winston fizesse, acima do nível de um sussurro muito baixo, seria captado por ela; além disso, enquanto permanecesse no campo de visão que a placa de metal enquadrava, ele podia ser visto

também. Era impossível saber, é claro, se você estava sendo vigiado num dado momento. Com que frequência, ou com que tipo de sistema, a Polícia do Pensamento se conectava a qualquer aparelho individual era pura especulação. Era até concebível que vigiasse todo mundo o tempo todo. Havia só uma certeza: ela podia se conectar ao aparelho de qualquer um sempre que quisesse. Era preciso viver — e você vivia, por um hábito que já virara instinto — supondo que cada ruído que se fazia era ouvido, e, exceto no escuro, cada movimento era observado atentamente.

Winston se manteve de costas para a teletela. Era mais seguro; embora, como bem sabia, até as costas possam ser reveladoras. A um quilômetro dali, o Ministério da Verdade, seu local de trabalho, erguia-se branco e grandioso acima da paisagem encardida. Aquela, pensou ele com uma espécie de desgosto vago, aquela era Londres, principal cidade da Faixa Aérea Um, a terceira província mais populosa da Oceania. Tentou resgatar alguma lembrança da infância que lhe confirmasse que Londres sempre fora mais ou menos assim. Aquelas paisagens de casas do século XIX sempre haviam sido tão deterioradas, com as paredes laterais sustentadas por escoras de madeira, as janelas remendadas com papelão, os telhados reforçados com chapas de ferro corrugado, os muros instáveis dos jardins pendendo para um lado? E as áreas bombardeadas, onde a poeira do reboco dançava no ar e erva de salgueiro se alastrava sobre montes de entulho? E os locais onde as bombas tinham aberto crateras em que brotaram sórdidas colônias de barracões de madeira com aspecto de galinheiros? Mas não adiantava, ele não conseguia se lembrar: nada ficara de sua infância, exceto uma série de quadros muito iluminados desprovidos de pano de fundo e praticamente ininteligíveis.

O Ministério da Verdade — Miniver, em Novilíngua[11] — era espantosamente diferente de qualquer outro objeto à vista. Era uma enorme estrutura piramidal de concreto branco cintilante, erguendo-se, terraço após terraço, trezentos metros acima. De onde Winston estava, mal dava para ler, destacados em letras elegantes na fachada branca, os três slogans do Partido:

GUERRA É PAZ
LIBERDADE É ESCRAVIDÃO
IGNORÂNCIA É FORÇA

Dizia-se que o Ministério da Verdade continha três mil salas acima do térreo, e ramificações correspondentes abaixo. Espalhados ao redor de Londres, havia apenas três outros prédios de aparência e tamanho similares. Sobrepujavam de tal maneira a arquitetura circundante que, do telhado das Mansões Victory, era possível ver todos ao mesmo tempo. Eram as sedes dos quatro ministérios entre os quais se dividia todo o aparato do governo. O Ministério da Verdade, que cuidava de notícias, entretenimento, educação e belas-artes. O Ministério da Paz, que se dedicava à guerra. O Ministério do Amor, que mantinha a lei e a ordem. E o Ministério da Riqueza, responsável pelos assuntos econômicos. Seus nomes, em Novilíngua: Miniver, Minipaz, Miniamor e Minirique.

De todos, o Ministério do Amor era o mais assustador. O edifício era totalmente desprovido de janelas. Winston nunca entrara no Ministério do Amor, sequer estivera a quinhentos metros de sua sede. Era impossível entrar lá, a não ser com uma justificativa oficial, e mesmo assim era preciso atravessar um labirinto de emaranhados de arame

farpado, portas de aço e metralhadoras ocultas. Até as ruas de acesso aos muros externos eram percorridas por guardas com cara de gorila em uniformes pretos, armados com cassetetes articulados.

Winston se virou abruptamente. Manteve o rosto na expressão de tranquilo otimismo que era aconselhável mostrar ao encarar a teletela. Atravessou a sala e entrou na minúscula cozinha. Ao sair do ministério àquela hora do dia, sacrificara o almoço na cantina, e sabia que não havia comida na cozinha a não ser um naco de pão escuro que deveria guardar para o desjejum do dia seguinte. Tirou da prateleira uma garrafa de líquido incolor com rótulo branco simples em que se lia GIM VICTORY. Exalava um cheiro enjoativo e untuoso, como o de aguardente de arroz chinesa. Winston se serviu de praticamente uma xícara, preparou-se para um choque e engoliu o líquido como se fosse uma dose de remédio.

No mesmo instante, seu rosto ficou vermelho e escorreram lágrimas de seus olhos. A bebida parecia ácido nítrico, e além disso, ao engoli-la, você tinha a sensação de levar um golpe de cassetete na nuca. No momento seguinte, porém, a queimação em sua barriga passou, e o mundo começou a ter um aspecto mais alegre. Winston pegou um cigarro de um maço amassado em que se lia CIGARROS VICTORY e, distraído, segurou-o na vertical, o que fez o fumo cair no chão. Com o seguinte, teve mais sucesso. Voltou para a sala de estar e se sentou a uma pequena mesa que ficava ao lado da teletela. Da gaveta da mesa, tirou um porta-penas, um tinteiro e um caderno grosso em formato *in-quarto* com a lombada vermelha e a capa marmorizada.

Por alguma razão, a teletela da sala fora instalada em uma posição pouco usual. Em vez de colocada, como de hábito, na parede do fundo, de onde podia controlar a sala inteira, estava na parede mais comprida,

em frente à janela. Em um de seus lados, havia um nicho onde Winston estava sentado agora, e que, quando os apartamentos tinham sido construídos, provavelmente fora concebido para abrigar uma estante de livros. Sentado no nicho, e mantendo-se bem no fundo, Winston podia ficar fora do alcance da teletela, pelo menos em termos de visibilidade. Podia ser ouvido, claro, mas, desde que permanecesse na posição atual, não podia ser visto. Em parte, tinha sido a topografia inusitada da sala que lhe sugerira fazer o que estava agora prestes a fazer.

Mas aquilo também lhe fora sugerido pelo caderno que acabara de tirar da gaveta. Era um caderno de uma beleza única. Seu papel acetinado creme, um pouco amarelado pela idade, era de uma qualidade que não vinha mais sendo fabricada pelo menos nos últimos quarenta anos. No entanto, Winston podia adivinhar que o caderno era muito mais velho que isso. Vira-o exposto na vitrine de uma lojinha desleixada em um setor decadente da cidade (exatamente que setor não se lembrava agora) e fora invadido de imediato por um desejo avassalador de possuí-lo. Membros do Partido não deveriam entrar em lojas comuns (“voltadas para o mercado livre”, dizia-se), mas a regra não era estritamente obedecida, porque havia várias coisas, tais como cadarços e lâminas de barbear, que eram impossíveis de conseguir de outro modo. Depois de olhar de relance para um lado e para o outro da rua, se esgueirara para dentro e comprara o caderno por dois dólares e cinquenta. Na época, não tinha consciência de querer o objeto para algum fim específico. Levara-o para casa, dentro da pasta, com um sentimento de culpa. Mesmo em branco, aquele era um bem comprometedor.

O que Winston estava prestes a fazer era iniciar um diário. Isso não era ilegal (nada era ilegal, uma vez que já não havia lei alguma), mas, se o descobrissem, era quase certo que seria condenado à morte ou, pelo menos, a 25 anos num campo de trabalhos forçados. Winston encaixou a pena no porta-penas e a sugou para eliminar a gordura. A pena era um instrumento arcaico, raramente usado para assinaturas, e ele obtivera uma, furtivamente e com alguma dificuldade, apenas por causa do sentimento de que o belo papel creme merecia que escrevessem nele com uma pena de verdade, em vez de que o rabiscassem com um lápis-tinta. Na verdade, não estava acostumado a escrever à mão. À parte bilhetes muito curtos, era comum ditar tudo no ditógrafo, o que, naturalmente, era impossível nesse caso. Mergulhou a pena na tinta e hesitou por um instante apenas. Um tremor lhe percorrera as entranhas. Marcar o papel era o ato decisivo. Em miúdas letras canhestras, escreveu:

4 de abril de 1984.

Recostou-se na cadeira. Uma sensação de absoluto desamparo se abatera sobre ele. Para começar, não sabia ao certo se este era mesmo o ano de 1984. Devia ser por volta disso, pois tinha quase certeza de ter 39 anos, e julgava ter nascido em 1944 ou 1945. Mas nos dias de hoje era impossível determinar qualquer data sem errar em um ou dois anos.

Para quem, ocorreu-lhe de repente, estava escrevendo aquele diário? Para o futuro, para os não nascidos. Sua mente pairou por um instante ao redor da data duvidosa na página, e depois, com um baque, acabou colidindo em uma palavra da Novilíngua: DUPLIPENSAR. Pela

primeira vez compreendeu a magnitude do que empreendera. Como era possível se comunicar com o futuro? Era impossível por natureza. Ou o futuro seria semelhante ao presente e não lhe daria ouvidos, ou seria diferente, e sua situação não faria sentido.

Por algum tempo, ficou sentado olhando estupidamente para o papel. A teletela passara a transmitir uma música militar estridente. Era curioso que ele parecesse não apenas ter perdido o poder de se expressar, mas até tivesse esquecido o que originalmente pretendera dizer. Preparara-se nas últimas semanas para esse momento e nunca lhe passara pela cabeça que fosse necessária qualquer coisa senão coragem. A escrita propriamente dita seria fácil. Tudo o que tinha a fazer era transferir para o papel o interminável e incansável monólogo que lhe andava literalmente correndo pela cabeça havia anos. Nesse momento, porém, o monólogo secara. Ademais, sua úlcera varicosa começara a coçar insuportavelmente. Ele não ousava coçá-la porque, quando o fazia, sempre inflamava. Os segundos passavam. Não tinha consciência de nada a não ser a página em branco à sua frente, a coceira da pele acima de seu tornozelo, a música aos berros e uma ligeira tontura causada pelo gim.

De repente, começou a escrever por puro pânico, apenas mais ou menos consciente do que colocava no papel. Sua letra miúda e infantil estendia-se para cima e para baixo na página, abandonando primeiro as maiúsculas e finalmente até os pontos finais:

4 de abril de 1984. Ontem à noite fui ao cinema. Todos filmes de guerra. Um muito bom de um navio cheio de refugiados sendo bombardeado em algum ponto do mar Mediterrâneo. O público achou muita graça nas cenas de um gordo enorme tentando fugir a nado da

perseguição de um helicóptero, primeiro a gente o via nadando como um golfinho, depois ele aparecia através da mira das metralhadoras dos helicópteros e, em seguida, todo furado e o mar em volta ficou cor-de-rosa e ele afundou de repente como se os furos tivessem deixado entrar água, a plateia urrando de rir quando ele afundou. depois aparecia um bote salva-vidas cheio de crianças sobrevoado por um helicóptero. tinha uma mulher de meia-idade que devia ser judia sentada na proa com um garotinho de uns três anos nos braços. o garotinho gritando de medo e escondendo a cara entre os seios dela como se tentasse se enfiar dentro dela e a mulher colocando os braços em volta dele e reconfortando-o, embora estivesse morta de medo também, o tempo todo cobrindo-o o máximo possível como se achasse que seus braços pudessem protegê-lo das balas. aí o helicóptero plantou uma bomba de vinte quilos no meio deles clarão terrível e o bote se desintegrou. aí teve uma cena maravilhosa do braço de uma criança subindo no ar um helicóptero com uma câmera no nariz deve ter acompanhado a subida do braço e houve muitos aplausos das poltronas do partido mas uma mulher sentada na parte dos proletas de repente começou a criar confusão gritando que não deviam exibir aquilo na frente das crianças não deviam não até que a polícia botou ela pra fora acho que não aconteceu nada com ela ninguém liga para o que os proletas dizem reação típica de proleta eles nunca...

Winston parou de escrever, em parte porque sentiu cãibra. Não sabia o que o fizera derramar aquela torrente de besteiras. Mas o curioso é que, enquanto o fazia, uma lembrança totalmente diferente se aclarara em sua mente, a ponto de ele quase se sentir animado a registrá-la. Era,

agora se dava conta, por causa desse outro incidente que de repente resolvera voltar para casa e começar o diário.

Acontecera aquela manhã no ministério, se é que se podia chamar algo tão nebuloso de acontecimento.

Eram quase 11 da manhã, e no Departamento de Registros, onde Winston trabalhava, as cadeiras estavam sendo arrastadas para fora das baias e reunidas no centro do salão em frente à grande teletela, nos preparativos para os Dois Minutos de Ódio. Winston tomava o seu lugar em uma das fileiras do meio quando duas pessoas que conhecia de vista, mas com quem nunca falara antes, entraram de surpresa na sala. Uma delas era uma garota com quem cruzava sempre nos corredores. Não sabia o nome dela, apenas que trabalhava no Departamento de Ficção. Imaginava — pois a vira algumas vezes com as mãos sujas de graxa e munida de uma chave inglesa — que fizesse um serviço mecânico em algumas das máquinas para a escrita de romances. Ela tinha aspecto arrojado, cerca de 27 anos, cabelos cheios, rosto sardento e movimentos ágeis e atléticos. Usava uma faixa escarlate estreita, emblema da Liga Júnior Antissexo, enrolada várias vezes em volta da cintura do macacão, apertada apenas o suficiente para realçar o belo torneado de seus quadris. Winston antipatizara com ela desde o primeiro instante. Sabia o motivo. Era por causa do ar de quadras de hóquei, banhos frios, caminhadas comunitárias e mente limpa que ela exibia. Antipatizava com quase todas as mulheres, sobretudo as jovens e bonitas. As mulheres eram sempre as adeptas mais fanáticas do Partido, sobretudo as mais jovens, devoradoras de slogans, espiãs amadoras e farejadoras da não ortodoxia. Mas essa garota, em especial, lhe dava a impressão de ser mais perigosa do que a maioria. Uma vez, quando se cruzaram no corredor, ela lhe dirigira um

rápido olhar de esguelha que parecera perfurá-lo e, por um momento, o aterrorizara. Até lhe passara pela cabeça que ela talvez fosse uma agente da Polícia do Pensamento. Isso, verdade seja dita, era muito improvável. Mesmo assim, continuava a sentir um desconforto estranho, que combinava elementos de medo e hostilidade, sempre que ela estava por perto.

A outra pessoa era um homem chamado O'Brien, membro do Partido Interno e detentor de um posto tão importante e remoto que Winston tinha apenas uma vaga ideia de sua natureza. Por um momento, as pessoas no grupo ao redor das cadeiras fizeram silêncio ao verem a aproximação do uniforme preto de um membro do Partido Interno. O'Brien era um homem grande, corpulento, de pescoço grosso e cara rude, irônica, brutal. Apesar da aparência temível, não era desprovido de algum charme. Tinha a mania de reposicionar os óculos no nariz que era estranhamente tranquilizadora — de um modo indefinível, curiosamente civilizado. Era um gesto que, se alguém ainda pensasse nesses termos, poderia lembrar um nobre do século XVIII oferecendo sua caixa de rapé. Winston vira O'Brien talvez uma dúzia de vezes ao longo de quase o mesmo número de anos. Sentia-se profundamente atraído por ele, e não só porque o contraste entre o jeito civilizado e o físico de boxeador profissional de O'Brien o intrigasse. Era muito mais por causa de uma convicção secreta — ou talvez nem sequer uma convicção, simplesmente uma esperança — de que a ortodoxia política de O'Brien não fosse perfeita. Algo naquela cara sugeria isso de modo irresistível. E, de novo, talvez nem fosse a ortodoxia que estivesse estampada naquela cara, mas simplesmente inteligência. De qualquer forma, ele parecia ser uma pessoa com quem se podia conversar, caso de alguma maneira fosse possível burlar a teletela e encontrá-lo a sós.

Winston nunca fizera o menor esforço para confirmar seu palpite: na verdade, não havia como fazê-lo. Nesse momento, O'Brien olhou o relógio de pulso, viu que já eram quase 11 da manhã e evidentemente resolveu ficar no Departamento de Registros até o fim dos Dois Minutos de Ódio. Tomou um assento na mesma fileira de Winston, dois lugares adiante. Uma mulher baixa de cabelo louro que trabalhava na baia vizinha à de Winston ficou entre eles. A garota de cabelo escuro estava sentada logo atrás.

Em seguida, um rangido medonho, como o barulho de uma máquina monstruosa funcionando sem lubrificacão, irrompeu da grande teletela no fundo da sala. Era um ruído que dava aflição nos dentes e arrepiava os pelos da nuca. O Ódio começara.

Como sempre, o rosto de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, surgira na tela. Ouviram-se vaias aqui e ali na plateia. A mulherzinha de cabelo louro soltou um guincho de medo e asco. Goldstein era o renegado e apóstata que um dia, havia muito tempo (quanto, ninguém se lembrava bem), fora uma das principais figuras do Partido, quase do mesmo nível do próprio Grande Irmão, e que depois se envolvera em atividades contrarrevolucionárias, fora condenado à morte e em seguida escapara e desaparecera misteriosamente. Os programas dos Dois Minutos de Ódio variavam de dia para dia, mas não havia um em que Goldstein não fosse a figura principal. Ele era o traidor primal, o primeiro contaminador da pureza do Partido. Todos os crimes subsequentes contra o Partido, traições, atos de sabotagens, heresias, desvios, brotavam diretamente de seus ensinamentos. Em algum lugar, continuava vivo e tramando suas conspirações: talvez do outro lado do mar, sob a proteção de seus patrocinadores estrangeiros, ou até —

assim se dizia ocasionalmente — em algum esconderijo na própria Oceania.

O diafragma de Winston estava contraído. Não conseguia ver a cara de Goldstein sem uma dolorosa mistura de emoções. Era um rosto judaico macilento, com uma grande auréola de cabelos brancos crespos e um pequeno cavanhaque — um rosto inteligente, e no entanto, de alguma forma inerentemente desprezível, com uma espécie de tolice senil no nariz comprido e fino, em cuja ponta se equilibrava um par de óculos. Parecia o rosto de uma ovelha, e a voz também tinha um quê meio ovino. Goldstein desferia seu costumeiro ataque venenoso sobre as doutrinas do Partido — um ataque tão exagerado e perverso que uma criança seria capaz de enxergar quão vazio era, mas, no entanto, suficientemente plausível para deixar o ouvinte alarmado com a possibilidade de que outras pessoas, menos equilibradas que ele, pudessem ser enganadas pelo discurso. Goldstein insultava o Grande Irmão, denunciava a ditadura do Partido, exigia um acordo de paz imediato com a Eurásia, defendia a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião, a liberdade de pensamento, gritava histericamente que a revolução fora traída — e tudo isso num rápido discurso polissilábico que era uma espécie de paródia do estilo usual dos oradores do Partido, e até continha palavras em Novilíngua: mais palavras em Novilíngua, aliás, do que qualquer membro do Partido usaria na vida real. E o tempo todo, para que ninguém tivesse qualquer dúvida quanto à realidade do que o besteirol sedutor de Goldstein encobria, por trás de sua cabeça na teletela, marchavam as intermináveis colunas do exército eurasiano — fileira após fileira de homens de aspecto forte com feições asiáticas inexpressivas, que subiam à superfície da tela e desapareciam, para serem substituídos

por outros exatamente iguais. A batida monótona e ritmada das botas dos soldados formava o pano de fundo para a os balidos de Goldstein.

Antes que se passassem trinta segundos do início do Ódio, exclamações de raiva incontroláveis já eram emitidas por metade das pessoas na sala. A cara ovina na tela e a força terrível do exército eurasiano por trás dela eram demais para suportar; além disso, produziam medo e raiva automaticamente. Goldstein era um objeto de ódio mais constante do que a Eurásia ou a Lestásia, uma vez que a Oceania, quando em guerra com uma dessas forças, estava em paz com a outra. Mas o estranho era que, apesar de odiado e desprezado por todos e, em plataformas, na teletela, em jornais, livros, suas teorias fossem refutadas, esmagadas, ridicularizadas, expostas a todos pelo lixo lamentável que eram — apesar de tudo isso, sua influência nunca parecia diminuir. Havia sempre novos ingênuos esperando para serem seduzidos por ele. Não se passava um dia sem que espiões e sabotadores que agiam sob sua orientação não fossem desmascarados pela Polícia do Pensamento. Ele era o comandante de um vasto exército obscuro, uma rede clandestina de conspiradores dedicados à derrubada do Estado. A Irmandade, supunha-se ser o seu nome. Havia também rumores de histórias sobre um livro terrível, um compêndio de heresias, cujo autor era Goldstein e que circulava clandestinamente aqui e ali. Era um livro sem título. As pessoas se referiam a ele, se o faziam, simplesmente como O LIVRO. Mas só se sabia essas coisas por boatos vagos. Nem a Irmandade nem O LIVRO eram um assunto que qualquer membro comum do Partido mencionasse se houvesse como evitá-lo.

Em seu segundo minuto, o Ódio se elevou a um furor. As pessoas pulavam em seus lugares e gritavam a plenos pulmões, tentando abafar

o balido enlouquecedor que vinha da tela. A mulherzinha de cabelo louro já estava rubra, e sua boca abria e fechava como a de um peixe fora d'água. Até o rosto sério de O'Brien ficara vermelho. Ele estava muito empertigado sentado na cadeira, com o peito vigoroso estufado e trêmulo como se estivesse enfrentando a investida de uma onda. A garota de cabelo escuro atrás de Winston começara a gritar "Porco! Porco! Porco!" e, de repente, pegou um pesado dicionário de Novilíngua e o arremessou contra a tela. O livro acertou o nariz de Goldstein e quicou. A voz continuou inexoravelmente. Num momento de lucidez, Winston viu que gritava com os outros e batia com o calcanhar violentamente na trave da cadeira. O mais horrível em relação ao programa dos Dois Minutos de Ódio não era o fato de a pessoa ser obrigada a cumprir um papel nele, mas sim, ao contrário, o de ser impossível evitar fazer parte dele. Depois de trinta segundos, não era mais preciso fingir. Um êxtase medonho de pavor e desejo de vingança, um desejo de matar, de torturar, de afundar caras com uma marreta parecia circular por todo o grupo como uma corrente elétrica, transformando cada um, mesmo contra a vontade, num louco aos berros fazendo caretas. E, no entanto, a raiva que se sentia era uma emoção abstrata, sem direção, que podia ser transferida de um objeto a outro como a chama de um maçarico. Assim, às vezes o ódio de Winston não estava absolutamente voltado para Goldstein, mas sim, ao contrário, contra o Grande Irmão, o Partido e a Polícia do Pensamento. Nesses momentos, seu coração se solidarizava com o herege solitário ridicularizado na tela, único guardião da verdade e da sanidade num mundo de mentiras. Mas logo em seguida se unia às pessoas ao redor, e tudo o que se dizia de Goldstein lhe parecia verdade. Naqueles momentos, sua abominação secreta pelo Grande Irmão virava

adoração, e o Grande Irmão parecia adquirir uma estatura colossal, passava a ser um protetor invencível e destemido, erguendo-se como uma rocha contra as hordas da Ásia, e Goldstein, apesar de seu isolamento, de seu desamparo, e da dúvida que pairava sobre sua própria existência, parecia um mago sinistro, capaz de, pela mera força de sua voz, destruir a estrutura da civilização.

Às vezes, era até possível direcionar o ódio para um alvo ou outro por um ato de vontade. De repente, graças a um esforço violento, como o que fazemos ao levantar a cabeça do travesseiro durante um pesadelo, Winston conseguiu transferir seu ódio do rosto na tela para a garota de cabelos escuros atrás dele. Alucinações vívidas, belas, lhe passaram pela cabeça. Iria matá-la a golpes de cassetete de borracha. Iria amarrá-la nua a uma estaca e crivá-la de flechas como são Sebastião. Iria violentá-la e cortar-lhe a garganta no momento do clímax. Além disso, agora enxergava com mais nitidez POR QUE a odiava. Odiava-a porque ela era jovem e bonita e assexuada, porque queria ir para a cama com ela e nunca o faria, porque em volta de sua linda cintura flexível que parecia lhe pedir para envolvê-la com o braço havia apenas a odiosa faixa escarlate, símbolo agressivo de castidade.

O Ódio chegou ao clímax. A voz de Goldstein se tornara um verdadeiro balido de ovelha e, por um instante, seu rosto se transformou na cara de uma ovelha. Então a cara ovina se dissolveu e virou a figura de um soldado eurasiano que parecia avançar, colossal e terrível, com a submetralhadora rugindo e parecendo saltar da superfície da tela, fazendo com que algumas pessoas na primeira fila de fato jogassem o corpo para trás nos assentos. Mas no mesmo instante, provocando um profundo suspiro de alívio em todos, a figura hostil se dissolveu, transformando-se no rosto do Grande Irmão, cabelo preto,

bigode preto, cheio de força e misteriosa calma, e tão enorme que quase tomava a tela toda. Ninguém ouviu o que o Grande Irmão estava dizendo. Eram meras palavras de encorajamento, o tipo de palavras que são proferidas no fragor da batalha, não distinguíveis isoladamente, mas que restauram a confiança pelo fato de serem ditas. Então o rosto do Grande Irmão tornou a se dissipar, e os três slogans do Partido se destacaram em letras maiúsculas:

GUERRA É PAZ
LIBERDADE É ESCRAVIDÃO
IGNORÂNCIA É FORÇA

Mas o rosto do Grande Irmão pareceu persistir por vários segundos na tela, como se o impacto que causara nas retinas de toda a plateia fosse vívido demais para desaparecer de imediato. A mulherzinha loura se jogara para a frente, debruçando-se nas costas da cadeira à sua frente. Com um murmúrio trêmulo que soava como "Meu Salvador!", estendeu os braços para a tela. Depois, escondeu o rosto entre as mãos. Era evidente que fazia uma oração.

Nesse momento, toda a plateia irrompeu num canto grave, lento e ritmado em que entoava "G-I!... G-I!" repetidamente, muito devagar, com uma longa pausa entre o G e o I — um som pesado, em surdina, de alguma forma curiosamente selvagem, em cujo segundo plano parecia ouvir-se a marcação de pés descalços no chão e o palpitar de tantãs. Talvez por uns trinta segundos, continuaram com isso. Era um refrão muitas vezes ouvido em momentos de emoção avassaladora. Em parte, era uma espécie de hino à sabedoria e à majestade do Grande Irmão. Mas, mais do que isso, era um ato de auto-hipnose, um abafamento

voluntário da consciência por meio de um ruído rítmico. Winston sentiu um frio na barriga. Durante os Dois Minutos, não podia deixar de participar do delírio coletivo, mas esse cântico sub-humano de "G-I!... G-I!" sempre o enchia de horror. É claro que cantou com os demais: era impossível não o fazer. Disfarçar os sentimentos, controlar a expressão facial, fazer o que todos os outros faziam era uma reação instintiva. Mas tinha havido um hiato de alguns segundos durante o qual seu olhar talvez o tivesse traído. E foi exatamente nesse momento que a coisa significativa aconteceu — se é que de fato aconteceu.

Por um instante, seu olhar cruzou com o de O'Brien. O'Brien havia se levantado. Tirara os óculos e os estava reposicionando no nariz com aquele seu gesto característico. Mas houve uma fração de segundo em que seus olhos se encontraram, e no instante em que aquilo durou, Winston soube — sim, ele SOUBE! — que O'Brien estava pensando a mesma coisa que ele. Uma mensagem inequívoca fora transmitida. Era como se as mentes de ambos tivessem se aberto e os pensamentos fluíssem de uma para a outra através de seus olhos. "Estou com você", O'Brien pareceu lhe dizer. "Sei exatamente o que está sentindo. Sei tudo sobre seu desprezo, seu ódio, sua repulsa. Mas não se preocupe, estou do seu lado!" Em seguida, o clarão de lucidez desapareceu, e o rosto de O'Brien ficou tão inescrutável quanto o de todos os outros.

Isso foi tudo, e ele já estava em dúvida se havia acontecido. Tais incidentes nunca tinham qualquer consequência. Apenas mantinham viva nele a convicção, ou a esperança, de que outros além dele fossem inimigos do Partido. Talvez os rumores de vastas conspirações clandestinas fossem verdadeiros, afinal — talvez a Irmandade realmente existisse! Era impossível, apesar da infinidade de prisões, confissões e execuções, ter certeza de que a Irmandade não era

simplesmente um mito. Em certos dias, acreditava nisso, em outros, não. Não havia provas, apenas vislumbres fugazes que podiam ou não ter algum significado: trechos de conversas entreouvidas, rabiscos esmaecidos em paredes de lavatórios — uma vez, até, quando dois estranhos se encontraram, um pequeno movimento de mão que lhe parecera um sinal de reconhecimento. Tudo era conjectura: muito provavelmente, imaginação sua. Voltara para sua baia sem tornar a olhar para O'Brien. A ideia de levar adiante aquele contato momentâneo não lhe passava pela cabeça. Teria sido perigosíssimo, mesmo se soubesse como começar a fazê-lo. Por um ou dois segundos, eles haviam trocado um olhar equívoco, e ponto final. Mas até isso era um acontecimento memorável, na solidão enclausurada em que era preciso viver.

Winston saiu da letargia e se endireitou na cadeira. Soltou um arroto. O gim lhe subia do estômago.

Seus olhos voltaram a focar na página. Descobriu que enquanto ficara ali sentado meditando, impotente, andara escrevendo também, como um autômato. E já não era a letra espasmódica e canhestra de antes. A pena deslizara voluptuosamente sobre o papel macio, escrevendo em nítidas letras garrafais, repetidas vezes, enchendo metade da página:

ABAIXO O GRANDE IRMÃO
ABAIXO O GRANDE IRMÃO
ABAIXO O GRANDE IRMÃO
ABAIXO O GRANDE IRMÃO

ABAIXO O GRANDE IRMÃO

Ele não pôde evitar sentir uma pontada de pânico. Era absurdo, uma vez que a escrita daquelas palavras específicas não era mais perigosa do que o ato inicial de começar o diário, mas, por um momento, foi tentado a arrancar aquelas páginas arruinadas e abandonar completamente o projeto.

Não o fez, entretanto, pois sabia que era inútil. Dava no mesmo se escrevesse ou deixasse de escrever ABAIXO o GRANDE IRMÃO, dava no mesmo se seguisse ou não com o diário. A Polícia do Pensamento haveria de apanhá-lo de qualquer maneira. Cometera — e teria cometido, mesmo se nunca tivesse encostado a pena no papel — o crime essencial que continha todos os outros. Pensamento-crime, o chamavam. O pensamento-crime não era algo que se pudesse esconder para sempre. A pessoa podia até conseguir disfarçar por algum tempo, anos até, porém cedo ou tarde certamente seria apanhada.

Era sempre à noite — as prisões invariavelmente aconteciam à noite. O sono bruscamente interrompido, a mão áspera sacudindo o ombro da pessoa, as luzes ofuscando os olhos, a roda de rostos severos em volta da cama. Na grande maioria dos casos, não havia julgamento, não havia registro de prisão. As pessoas simplesmente desapareciam, sempre durante a noite. Seus nomes eram removidos dos registros, toda referência a qualquer coisa que tivessem feito era apagada, suas existências pregressas eram negadas e depois esquecidas. Você era cancelado, aniquilado. VAPORIZADO era a palavra usual.

Por um momento, Winston foi tomado por uma espécie de histeria. Começou a escrever em garranchos apressados e descuidados:

vão me dar um tiro não ligo vão me dar um tiro na nuca, não ligo abaixo o grande irmão sempre te dão um tiro na nuca não ligo abaixo o grande irmão...

Recostou-se na cadeira, um pouco envergonhado de si mesmo, e pousou a pena. Logo em seguida, estremeceu violentamente. Ouviu baterem à porta.

Já?! Ficou sentado imóvel como um rato, na esperança vã de que, quem quer que fosse, pudesse ir embora após uma única tentativa. Mas não. Bateram de novo. A pior coisa seria adiar. Seu coração batia como um tambor, mas seu rosto, pelo hábito de longa data, devia estar inexpressivo. Levantou-se e se encaminhou pesadamente para a porta.

Ao pôr a mão na maçaneta, Winston viu que deixara o diário aberto sobre a mesa. ABAIXO o GRANDE IRMÃO estava escrito na página inteira, em letras de um tamanho quase suficiente para serem lidas do outro lado da sala. Era algo de uma estupidez inconcebível. Mas ele percebeu que, apesar do pânico, não queria borrar o papel creme fechando o caderno com a tinta úmida.

Respirou fundo e abriu a porta. No mesmo instante, uma sensação cálida de alívio o percorreu. Uma mulher pálida, de aparência emaciada, cabelo fino e rosto enrugado estava em pé do lado de fora.

— Ah, camarada — começou ela com uma voz monótona e chorosa —, pensei que tivesse ouvido você chegar. Acha que pode ir lá em casa dar uma olhada na pia da cozinha? Está entupida e...

Era a sra. Parsons, a esposa de um vizinho de andar. ("sra." era uma forma de tratamento um tanto desencorajada pelo Partido — devia-se chamar todo mundo de "camarada" —, mas, com algumas mulheres, era um tratamento quase instintivo.) A sra. Parsons devia ter uns trinta anos, mas aparentava muito mais. Dava a impressão de ter poeira nas rugas do rosto. Winston acompanhou-a pelo corredor. Esses pequenos consertos eram uma irritação quase diária. Os apartamentos das Mansões Victory eram antigos, construídos nos anos 1930, ou por volta disso, e estavam caindo aos pedaços. O reboco do teto e das paredes vivia escamando, os canos estouravam com qualquer geada forte, havia goteiras no telhado sempre que nevava, o sistema de calefação funcionava precariamente quando não estava desligado por razões de economia. Os reparos, salvo os que o morador conseguia fazer sozinho,

precisavam ser sancionados por comitês remotos capazes de atrasar por dois anos até o conserto de uma vidraça.

— Claro, é só porque o Tom não está em casa — disse vagamente a sra. Parsons.

O apartamento dos Parsons era maior que o de Winston, e apresentava um tipo de desgaste diferente. Tudo tinha um aspecto surrado, maltratado, como se tivesse acabado de receber a visita de um bicho grande e violento. Havia material esportivo — bastões de hóquei, luvas de boxe, uma bola de futebol americano furada, um calção suado virado pelo avesso — pelo chão todo, e sobre a mesa havia um monte de pratos sujos e livros de exercício com cantos de página dobrados. Nas paredes, bandeiras escarlate da Liga da Juventude e dos Espiões, e um pôster do Grande Irmão em tamanho natural. Sentia-se o costumeiro cheiro de repolho cozido, comum a todo o prédio, mas impregnado de um fedor mais acentuado de suor, que — percebia-se à primeira farejada, embora fosse difícil dizer como — era o suor de uma pessoa ausente no momento. Em outro cômodo, alguém com um pente e um pedaço de papel higiênico tentava acompanhar o ritmo da música militar que continuava saindo da teletela.

— São as crianças — disse a sra. Parsons, lançando um olhar meio apreensivo para a porta. — Ainda não saíram hoje. E, claro...

Tinha o hábito de deixar as frases pela metade. A pia da cozinha estava cheia quase até a borda de uma água esverdeada imunda que fedia mais que nunca a repolho. Winston ajoelhou-se e examinou a conexão do encanamento. Odiava usar as mãos, e odiava abaixar-se, o que sempre lhe provocava um acesso de tosse. A sra. Parsons olhava sem poder fazer nada.

— É claro, se Tom estivesse em casa, teria arrumado isso num instante — disse. — Ele adora essas coisas. É muito habilidoso, o Tom.

Parsons era colega de Winston no Ministério da Verdade. Era um homem gordinho e ativo, de uma estupidez paralisante, uma massa de entusiasmos imbecis — um daqueles burros de carga dedicados de quem dependia, mais até do que da Polícia do Pensamento, a estabilidade do Partido. Aos 35 anos, acabara de ser expulso contra a vontade da Liga da Juventude e, antes de ingressar nela, conseguira ficar nos Espiões por um ano a mais do que a idade estatutária. No ministério, era empregado em alguma função subalterna para a qual não se exigia inteligência, mas, por outro lado, era a figura principal no Comitê Esportivo e todos os outros comitês envolvidos na organização de caminhadas comunitárias, demonstrações espontâneas, campanhas de economia e atividades voluntárias em geral. Com discreto orgulho, entre baforadas de cachimbo, contava que aparecera no Centro Comunitário todas as noites nos últimos quatro anos. Um cheiro de suor, uma espécie de testemunho inconsciente da vida extenuante que levava, acompanhava-o onde quer que ele fosse, e até permanecia no ar depois que saía.

— A senhora tem uma chave inglesa? — perguntou Winston mexendo na rosca do joelho.

— Uma chave inglesa? — repetiu a sra. Parsons, tornando-se imediatamente uma invertebrada. — Não sei, não. Talvez as crianças...

Ouviu-se um tropel de botas e outra batida do pente quando as crianças irromperam na sala. A sra. Parsons trouxe a chave inglesa. Winston deixou a água escoar e retirou o bolo de cabelo humano que entupira o cano. Limpou os dedos como pôde na água fria da torneira e voltou para o outro cômodo.

— Mãos ao alto! — berrou uma voz selvagem.

Um garoto de nove anos, bonito e com cara de durão, tinha surgido de trás da mesa e o ameaçava com uma pistola automática de brinquedo, enquanto sua irmãzinha, uns dois anos mais moça, fazia o mesmo gesto com um pedaço de pau. Ambos vestiam calções azuis, camisas cinzentas e os lenços vermelhos de amarrar no pescoço que eram o uniforme dos Espiões. Winston levantou as mãos acima da cabeça, mas ficou incomodado. O menino tinha uma atitude tão perversa que aquilo não era totalmente uma brincadeira.

— Você é um traidor! — gritou o garoto. — É um criminoso do pensamento! É um espião eurasiano! Vou atirar em você, vaporizar você, mandar você para as minas de sal!

As crianças de repente começaram a pular em volta dele.

— Traidor! — gritavam, e também: — Criminoso do pensamento!

A garotinha imitava o irmão em cada movimento. Era meio assustador, como pinotes de filhotes de tigre que logo se transformarão em devoradores de humanos. Havia uma espécie de ferocidade calculista no olhar do menino, um desejo bem visível de bater ou dar chutes em Winston e a consciência de já ser quase grande o bastante para fazer isso. Ainda bem que não tinha na mão uma pistola de verdade, pensou Winston.

Os olhos da sra. Parsons moviam-se nervosamente de Winston para as crianças, e destas para ele. À luz mais clara da sala de estar, ele reparou com interesse que de fato havia poeira nas rugas do rosto dela.

— Eles são tão barulhentos — disse. — Estão desapontados porque não poderão assistir ao enforcamento, é isso. Estou muito ocupada para levá-los, e Tom não vai chegar a tempo do trabalho.

— Por que não podemos ir ver o enforcamento? — rugiu o garoto com seu vozeirão.

— Quero ver o enforcamento! Quero ver o enforcamento! — entoou a garotinha, ainda aos pinotes.

Alguns prisioneiros eurasianos, culpados de crimes de guerra, seriam enforcados no Parque aquela noite, lembrou-se Winston. Isso acontecia cerca de uma vez por mês, e era um espetáculo popular. As crianças sempre imploravam para serem levadas para assistir. Despediu-se da sra. Parsons e encaminhou-se para a porta. Mas não dera seis passos no corredor quando sentiu uma pancada extremamente dolorosa na nuca. Foi como se tivesse sido espetado por um ferro em brasa. Winston virou-se a tempo de ver a sra. Parsons arrastando o filho porta adentro enquanto o menino guardava no bolso um estilingue.

— Goldstein! — berrou o menino enquanto a porta se fechava diante dele. Mas o que mais impressionou Winston foi a expressão de pavor impotente no rosto acinzentado da mulher.

De volta em casa, passou rapidamente pela teletela e sentou-se à mesa, ainda esfregando o pescoço. A música da teletela cessara. Em vez disso, uma voz militar antipática lia, com uma espécie de prazer brutal, uma descrição dos armamentos da nova Fortaleza Flutuante que acabara de ancorar entre a Islândia e as Ilhas Faroe.

Com aqueles filhos, pensou ele, aquela infeliz mulher deve levar uma vida de terror. Mais um ou dois anos, estarão sempre a vigiá-la noite e dia, à procura de sintomas de inortodoxia. Quase todas as crianças atualmente eram horríveis. O pior de tudo era que, por meio de organizações como a dos Espiões, transformavam-se sistematicamente em pequenos selvagens ingovernáveis e, no entanto, isso não produzia

nelas tendência alguma a se rebelar contra a disciplina do Partido. Pelo contrário, adoravam o Partido e tudo relacionado a ele. As músicas, os desfiles, as bandeiras, as caminhadas, os exercícios com espingardas de faz de conta, a adoração ao Grande Irmão — tudo isso era uma espécie de brincadeira gloriosa para elas. Toda a sua ferocidade era voltada para fora, contra os inimigos do Estado, contra estrangeiros, traidores, sabotadores, criminosos do pensamento. Era quase normal as pessoas de mais de trinta anos terem medo dos próprios filhos. E com razão, pois não se passava uma semana sem que o *Times* trouxesse um parágrafo descrevendo como um bisbilhoteirozinho — "herói mirim" era a expressão geralmente usada — entreouvira algum comentário comprometedor e denunciara os pais à Polícia do Pensamento.

A ferroada do projétil lançado pelo estilingue passara. Winston pegou a pena um pouco desanimado, perguntando-se se poderia encontrar mais alguma coisa para escrever no diário. De repente, começou a pensar de novo em O'Brien.

Anos atrás — quantos? Devia fazer uns sete anos — sonhara que estava andando numa sala totalmente escura. E alguém sentado ao seu lado dissera quando ele passou: "Nos encontraremos no lugar onde não há escuridão." Isso foi dito com muita calma, de um jeito quase despreocupado — uma afirmação, não uma ordem. Ele seguira em frente, sem se deter. O curioso era que nessa época, no sonho, as palavras não o impressionaram muito. Só mais tarde, e aos poucos, é que pareceram ganhar significado. Agora não lembrava se fora antes ou depois desse sonho que vira O'Brien pela primeira vez, e também não lembrava quando identificara aquela voz como sendo a de O'Brien. Mas, de todo modo, a identificação existiu. Tinha sido O'Brien a lhe falar no escuro.

Winston nunca conseguira ter certeza — mesmo depois do olhar daquela manhã, era impossível afirmar se O'Brien era amigo ou inimigo. Mas isso não parecia importar muito. Havia entre eles um elo de entendimento, mais importante do que afeição ou partidarismo. "Nos encontraremos no lugar onde não há escuridão", dissera ele. Winston não sabia o que isso significava, apenas que, de uma maneira ou de outra, aquilo se realizaria.

A voz transmitida pela teletela fez uma pausa. Um toque de clarim, límpido e belo, entrou no ar estagnado. A voz prosseguiu com aspereza:

— Atenção! Atenção, por favor! Acaba de chegar uma notícia de última hora do front malabarense. Nossas forças no Sul da Índia conquistaram uma vitória gloriosa. Estou autorizado a dizer que a ação que estamos relatando pode deixar a guerra a uma distância mensurável do final. Eis a notícia de última hora...

Más notícias chegando, pensou Winston. E, claro, logo depois da descrição sangrenta da aniquilação de um exército eurasiano, com um número estupendo de mortos e prisioneiros, veio o anúncio de que, a partir da próxima semana, a ração de chocolate seria reduzida de trinta para vinte gramas.

Winston tornou a arrotar. O efeito do gim estava passando, deixando uma sensação de vazio. A teletela — talvez para celebrar a vitória, ou para abafar a lembrança da ração de chocolate perdida — começou a reproduzir *Glória à Oceania.* As pessoas deviam se colocar em posição de sentido.

Porém, de onde ele estava, Winston ficara invisível.

O hino deu lugar a músicas mais leves. Winston foi até a janela, sempre de costas para a teletela. O dia continuava frio e aberto. Em algum lugar distante, uma bomba-foguete explodiu com um estrondo

surdo, reverberante. Caíam atualmente cerca de vinte ou trinta delas por semana em Londres.

Na rua, o vento balançava o cartaz rasgado de um lado a outro, e a palavra SOCING ora aparecia, ora sumia. Os princípios sagrados do Socing, Novilíngua, duplipensar, a mutabilidade do passado. Winston sentiu como se estivesse perambulando pelas florestas do fundo do mar, perdido num mundo monstruoso onde ele próprio era o monstro. Estava só. O passado morrera, o futuro era inimaginável. Que certeza podia ter de que alguma criatura humana estivesse do seu lado? E como saber se o domínio do Partido duraria PARA SEMPRE? Como resposta, os três slogans na fachada branca do Ministério da Verdade lhe vieram à mente.

GUERRA É PAZ
LIBERDADE É ESCRAVIDÃO
IGNORÂNCIA É FORÇA

Tirou do bolso uma moeda de 25 centavos. Ali também, em letrinhas nítidas, estava inscrito o mesmo slogan, e na outra face da moeda, a efígie do Grande Irmão. Até na moeda os olhos perseguiam a pessoa. Em moedas, selos, capas de livros, bandeiras, pôsteres e maços de cigarro — em toda parte. Os olhos sempre vigilantes, e a voz envolvendo você. Dormindo ou acordado, trabalhando ou comendo, em ambientes fechados ou ao ar livre, no banho ou na cama — não dava para fugir. Nada lhe pertencia senão os poucos centímetros cúbicos dentro de seu crânio.

O sol havia se posto, e a miríade de janelas do Ministério da Verdade, onde já não batia luz, parecia lúgubre como as seteiras de uma

fortaleza. Seu coração se apertou diante da gigantesca forma piramidal. Era muito forte, não podia ser invadida. Mil foguetes não a derrubariam. Winston tornou a se perguntar para quem estava escrevendo o diário. Para o futuro, para o passado — para uma era que talvez fosse imaginária. E diante dele estava não a morte, mas sim a aniquilação. O diário seria reduzido a cinzas, e ele, a vapor. Só a Polícia do Pensamento leria o que ele escrevera, antes de apagarem aquilo da existência e da memória. Como era possível fazer um apelo ao futuro quando nem um rastro seu, nem mesmo uma palavra anônima rabiscada num pedaço de papel podia sobreviver fisicamente?

A teletela mostrava 14 horas. Ele devia sair em dez minutos. Tinha que estar de volta no trabalho às 14h30.

Curiosamente, a batida da hora pareceu lhe dar um novo ânimo. Era um fantasma solitário dizendo uma verdade que ninguém jamais ouviria. Mas, desde que a dissesse, de alguma forma obscura, a continuidade não estaria quebrada. Não se transmitia a herança humana ao se fazer ouvir, mas sim ao manter a sanidade. Voltou para a mesa, molhou a pena e escreveu:

> *Para o futuro ou o passado, para um tempo em que o pensamento seja livre, em que os homens sejam diferentes uns dos outros e não vivam sozinhos — para um tempo em que a verdade exista e o que está feito não possa ser desfeito: da era da uniformidade, da era da solidão, da era do Grande Irmão, da era do duplipensar — saudações!*

Ele já estava morto, refletiu. Parecia-lhe que só agora, quando começara a ser capaz de formular seus pensamentos, dera o passo

decisivo. As consequências de cada ação estão contidas na própria ação. Escreveu:

> *O pensamento-crime não acarreta a morte: o pensamento-crime É a morte.*

Agora que se reconhecia como um homem morto, tornava-se importante permanecer vivo o máximo de tempo possível. Dois de seus dedos da mão direita estavam sujos de tinta. Era exatamente o tipo de detalhe que podia traí-lo. Algum fanático bisbilhoteiro no ministério (provavelmente uma mulher: alguém como a mulher loura ou a garota de cabelos escuros do Departamento de Ficção) poderia começar a se perguntar por que ele tinha andado escrevendo no intervalo do almoço, por que usara uma pena antiquada, o QUE andara escrevendo — e depois soltar uma indireta na divisão adequada. Foi ao banheiro e esfregou cuidadosamente a mão para tirar a tinta com o sabão marrom-escuro com consistência de lixa que, por esse motivo, adaptava-se bem a essa finalidade.

Guardou o diário na gaveta. Era inútil pensar em escondê-lo, mas podia pelo menos se assegurar de saber se o haviam ou não encontrado. Um fio de cabelo atravessado na extremidade das páginas era muito óbvio. Com a ponta do dedo, pegou um grão identificável de poeira esbranquiçada e depositou-o no canto da capa, de onde fatalmente cairia se mexessem no caderno.

Winston estava sonhando com a mãe.

Devia ter uns dez ou onze anos quando sua mãe desapareceu. Era uma mulher alta, escultural, mais para calada, de movimentos lentos e magnífica cabeleira loura. Do pai, lembrava-se mais vagamente como alto e magro, sempre usando roupas escuras impecáveis (Winston lembrava-se especialmente das solas muito finas dos sapatos do pai) e óculos. Ambos deviam obviamente ter sido engolidos em um dos primeiros expurgos da década de 1950.

Sua mãe estava sentada em algum lugar muito abaixo dele, com sua irmã mais nova nos braços. Ele não tinha lembrança alguma da irmã, salvo como um bebê fraquinho, sempre calado, com grandes olhos atentos. As duas olhavam para Winston. Estavam em algum lugar subterrâneo — o fundo de um poço, por exemplo, ou dentro de uma sepultura muito profunda —, mas era um lugar que, mesmo já estando tão abaixo dele, continuava a afundar mais e mais. Estavam no salão de um navio indo a pique erguendo os olhos para ele através da água que escurecia. Ainda havia ar no salão, elas ainda conseguiam vê-lo, e ele as via, mas, o tempo todo, estavam afundando nas águas verdes que num instante as ocultariam para sempre. Ele estava fora, na luz, no seco, enquanto elas iam sendo sugadas para a morte, e estavam lá embaixo porque ele estava ali em cima. Ele sabia e elas sabiam, e ele via no rosto das duas que elas sabiam. Não havia censura nem no rosto nem no coração delas, só a consciência de que deviam morrer para que ele pudesse continuar vivo, e de que aquilo fazia parte da ordem inevitável das coisas.

Não conseguia se lembrar do que acontecera, mas, no sonho, sabia que, de alguma forma, as vidas de sua mãe e de sua irmã haviam sido sacrificadas à sua. Era um daqueles sonhos que, embora guardando o cenário onírico característico, são uma continuação da vida intelectual do sonhador, e em que ele toma consciência de fatos e ideias que ainda lhe parecem valiosos depois de acordar. O que de repente ocorreu a Winston foi que a morte de sua mãe, havia quase trinta anos, fora trágica e dolorosa de uma forma que já não era possível. A tragédia, percebeu, pertencia a um tempo remoto, a um tempo em que ainda havia privacidade, amor e amizade, e em que os membros de uma família se apoiavam uns aos outros sem precisar saber o motivo. A lembrança de sua mãe dilacerava seu coração porque ela morrera amando-o, quando ele era muito jovem e egoísta para retribuir o seu amor, e porque, de alguma forma, ele não lembrava como, ela se sacrificara a uma concepção de lealdade que era privada e inalterável. Essas coisas, ele via, não poderiam acontecer hoje. Hoje havia medo, ódio e dor, mas sem dignidade de emoção, sem tristezas profundas e complexas. Tudo isso ele parecia ver nos olhos grandes da mãe e da irmã erguidos em sua direção das profundezas da água verde e continuando a afundar.

De repente, ele estava de pé em cima de uma relva fofa e curta, numa tarde de verão, quando os raios oblíquos do sol douravam o chão. A paisagem para a qual olhava era tão recorrente em seus sonhos que nunca tinha certeza se já a vira ou não no mundo real. Em seus pensamentos conscientes, chamava-a de Terra Dourada. Era um pasto comido por coelhos, atravessado por uma trilha sinuosa e pontilhado aqui e ali por montículos de terra. Na sebe danificada do outro lado do campo, a brisa balançava muito de leve os galhos dos olmos, cujas

folhas apenas estremeciam em densas massas semelhantes a cabeleiras de mulher. Em algum lugar próximo, mas não à vista, havia um riacho límpido onde nadavam bordalos nas poças sob os chorões.

A garota de cabelos escuros atravessava o campo na direção deles. Com o que pareceu um único movimento, arrancou as roupas e atirou-as com desdém. Seu corpo era branco e macio, mas não lhe despertou nenhum desejo; aliás, ele mal o notou. O que o fascinou naquele instante foi o gesto com que a garota descartou as roupas. Com sua graça e displicência, parecia aniquilar toda uma cultura, todo um sistema de pensamento, como se o Grande Irmão e a Polícia do Pensamento pudessem ser lançados no nada com um único e soberbo movimento do braço. Aquele também era um gesto da antiguidade. Winston acordou com a palavra Shakespeare nos lábios.

A teletela emitia um assovio de rachar as orelhas que permaneceu no mesmo tom por trinta segundos. Eram 7h15 da manhã, hora de os funcionários de escritório se levantarem. Winston saiu da cama a duras penas — nu, pois um membro do Partido Exterior recebia apenas três mil cupons de vestuário por ano, e um pijama custava seiscentos — e pegou uma camiseta encardida e um calção que estavam em cima de uma cadeira. As Atividades Físicas começariam em três minutos. No instante seguinte, foi acometido por um violento acesso de tosse que quase sempre o atacava logo depois de despertar. O ataque esvaziou tão completamente seus pulmões que ele só conseguiu voltar a respirar deitando-se de costas e fazendo uma série de inspirações profundas. Suas veias incharam com o esforço da tosse, e a úlcera varicosa começou a comichar.

— Grupo de trinta a quarenta! — ganiu uma voz feminina estridente. — Grupo de trinta a quarenta! Tomem seus lugares, por favor. Trinta a

quarenta!

De um pulo, Winston colocou-se em posição de sentido diante da teletela, na qual já tinha aparecido a imagem de uma mulher jovem, magra mas musculosa, vestindo túnica e sapatos de ginástica.

— Dobrando e alongando os braços! — disparou ela. — Acompanhem-me. UM, dois, três, quatro! UM, dois, três, quatro! Vamos, camaradas, coloquem um pouco de energia nisso. UM, dois, três, quatro!...

A dor do acesso de tosse não afastara por completo da mente de Winston a impressão deixada pelo sonho, e os movimentos ritmados do exercício a recompuseram em parte. Enquanto jogava mecanicamente os braços para a frente e para trás, fazendo a cara de prazer penoso considerada adequada durante as Atividades Físicas, esforçava-se para levar o pensamento para o período vago de sua primeira infância. Era dificílimo. Da década de 1950 para trás, tudo se dissipava. Quando não havia registros externos para servir de referência, até mesmo o panorama de sua própria vida perdia a nitidez. Você se lembrava de acontecimentos importantes que provavelmente não haviam ocorrido, lembrava-se dos detalhes de incidentes sem conseguir recuperar sua atmosfera, e havia longos períodos em branco aos quais nada conseguia atribuir. Tudo era diferente naquela época. Até o nome dos países, e suas formas no mapa, eram diferentes. A Faixa Aérea Um, por exemplo, não se chamava assim naquele tempo: chamava-se Inglaterra ou Grã-Bretanha, embora Londres, tinha quase certeza, sempre se chamara Londres.

Winston definitivamente não conseguia se lembrar de uma época em que seu país não estivera em guerra, mas era evidente que houvera um intervalo de paz bastante longo em sua infância, porque uma de suas primeiras lembranças era a de um ataque aéreo que pareceu

surpreender a todos. Talvez fosse a vez em que a bomba atômica caíra em Colchester. Ele não se lembrava do ataque em si, mas se lembrava da mão de seu pai segurando a sua enquanto desciam e desciam, às pressas, para algum lugar subterrâneo, dando voltas e mais voltas por uma escada em caracol que gemia sob seus pés e acabou por lhe cansar tanto as pernas que ele começou a choramingar, e eles tiveram que parar para descansar. Sua mãe, de seu jeito lento e sonhador, vinha muito atrás deles. Carregava sua irmãzinha — ou talvez carregasse apenas uma trouxa de cobertores: não tinha certeza se a irmã já era nascida na época. Finalmente emergiram em um lugar barulhento apinhado de gente, que ele percebera ser uma estação de metrô.

Havia pessoas sentadas por todo o chão de pedra, e algumas, coladas umas às outras, estavam sentadas em beliches de ferro, umas por cima das outras. Winston, sua mãe e seu pai arranjaram um lugar no chão, e perto deles havia um velho e uma velha sentados lado a lado num beliche. O velho tinha um terno escuro respeitável e um barrete de tecido preto afastado em direção à nuca sobre o cabelo muito branco: seu rosto estava escarlate, e os olhos azuis, marejados de lágrimas. Fedia a gim. Parecia exalar a bebida em vez de suor, e era possível imaginar que as lágrimas que lhe brotavam nos olhos eram gim puro. Contudo, apesar de ligeiramente embriagado, ele também estava sofrendo sob o peso de uma tristeza genuína e insuportável. À sua maneira infantil, Winston captou que algo terrível, algo imperdoável e irremediável acabara de acontecer. Pareceu-lhe também saber o que era. Alguém que o velho amava — uma netinha, talvez — fora morto. O velho ficava repetindo a cada poucos minutos:

— Não devíamos ter confiado neles. Eu disse, Ma, não disse? É nisso que dá confiar neles. Eu disse desde o início. Não devíamos ter

confiado naqueles safados.

Mas em que safados não deviam ter confiado, Winston não conseguia se lembrar agora.

Desde por volta daquela época, a guerra fora literalmente contínua, embora, a rigor, nem sempre fora a mesma. Durante vários meses em sua infância, houvera lutas de rua confusas em Londres, e de algumas delas ele se lembrava nitidamente. Mas definir a história do período inteiro, dizer quem lutava com quem num dado momento, seria absolutamente impossível, uma vez que nenhum registro escrito, nem relatos orais algum dia mencionaram qualquer outro alinhamento além do existente. Nesse momento, por exemplo, em 1984 (se é que era mesmo 1984), a Oceania estava em guerra com a Eurásia e aliada à Lestásia. Em nenhum pronunciamento público ou privado jamais se admitiu que as três potências tinham estado, em algum momento, agrupadas em linhas diferentes. Na verdade, como Winston bem sabia, havia apenas quatro anos que a Oceania estava em guerra com a Lestásia e em aliança com a Eurásia. Mas isso era um mero conhecimento furtivo que por acaso tinha porque sua memória não estava suficientemente sob controle. Oficialmente, a troca de aliados jamais acontecera. A Oceania estava em guerra com a Eurásia: portanto, a Oceania sempre estivera em guerra com a Eurásia. O inimigo do momento sempre representava o mal absoluto, e, por conseguinte, qualquer acordo passado ou futuro com ele era impossível.

O mais assustador, refletiu ele pela décima milésima vez enquanto forçava os ombros para trás dolorosamente (com as mãos nos quadris, giravam o tronco da cintura para cima, um exercício que se supunha benéfico para os músculos das costas), o mais assustador era que aquilo

tudo talvez fosse verdade. Se o Partido era capaz de meter a mão no passado e declarar que esse ou aquele fato JAMAIS ACONTECERA — isso, com certeza, era mais apavorante que a mera tortura ou a morte.

O Partido declarava que a Oceania nunca fora aliada da Eurásia. Ele, Winston Smith, sabia que a Oceania fora aliada da Eurásia havia apenas quatro anos. Mas onde existia esse conhecimento? Só em sua consciência, que, de qualquer maneira, devia ser aniquilada em breve. Se todos os outros aceitassem a mentira imposta pelo Partido — se todos os registros contassem a mesma lenda —, então a mentira entrava para a história e se tornava verdade. "Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado", dizia o slogan do Partido. No entanto, o passado, apesar de alterável por natureza, nunca fora alterado. O que era verdade agora era verdade desde sempre. Era bastante simples. Bastava a pessoa conquistar uma série interminável de vitórias sobre a própria memória. "Controle da Realidade", chamavam. Em Novilíngua: "duplipensar".

— Descansar! — gritou a instrutora, de um jeito um pouquinho mais amável.

Winston deixou os braços caírem ao lado do corpo e lentamente tornou a encher de ar os pulmões. Sua mente deslizou para o labiríntico mundo do duplipensar. Saber e não saber, ter consciência de toda a verdade ao contar mentiras cuidadosamente elaboradas, ter simultaneamente duas opiniões que se excluem, saber que são contraditórias e acreditar em ambas, usar a lógica contra a lógica, repudiar a moralidade reivindicando-a para si, acreditar que a democracia era impossível e que o Partido era o guardião da democracia, esquecer o que fosse necessário esquecer, depois recordar no momento em que fosse necessário, e então prontamente tornar a

esquecer: sobretudo, aplicar o mesmo processo ao próprio processo. Esta era a suprema sutileza: conscientemente induzir à inconsciência, e depois, de novo, tornar-se inconsciente do ato de hipnose que você acabou de realizar. Até entender a palavra "duplipensar" envolvia o uso do duplipensar.

A instrutora os chamara outra vez para a posição de sentido.

— Agora, vamos ver quais de nós são capazes de tocar nos dedos dos pés! — falou com entusiasmo. — Mantenham os joelhos esticados, camaradas. UM-dois! UM-dois!...

Winston abominava esse exercício, que lhe provocava fisgadas dos calcanhares até as nádegas e muitas vezes acabava ocasionando outro acesso de tosse. O traço semiprazeroso abandonou suas meditações. O passado, refletiu, não tinha sido apenas alterado; na verdade, fora destruído. Pois como alguém podia estabelecer até mesmo o fato mais óbvio quando não existiam registros fora de sua memória? Winston tentou lembrar em que ano ouvira a primeira menção ao Grande Irmão. Achou que talvez tivesse sido em algum momento da década de 1960, mas era impossível ter certeza. Nas histórias do Partido, claro, o Grande Irmão figurava como líder e guardião da Revolução desde os seus primórdios. Seus feitos haviam sido gradualmente recuados no tempo, até chegarem ao fabuloso mundo dos anos 1940 e 1930, quando os capitalistas, com seus estranhos chapéus cilíndricos, ainda circulavam pelas ruas de Londres em grandiosos automóveis reluzentes ou em carruagens puxadas por cavalos com laterais de vidro. Não havia como saber quanto daquela lenda era verdade e quanto era invenção. Winston nem sequer se lembrava em que data o próprio Partido nascera. Não acreditava ter ouvido a palavra Socing antes de 1960, mas era possível que, na forma da Velhalíngua, ou seja,

“socialismo inglês”, ela já fosse de uso corrente. Tudo se dissolvia em névoa. Às vezes, de fato, era possível apontar uma mentira clara. Não era verdade, por exemplo, como se afirmava nos livros de história do Partido, que o Partido tivesse inventado o avião. Ele se lembrava dos aviões desde a mais tenra infância. Mas não se podia provar nada. Nunca havia prova alguma. Só uma vez na vida tivera nas mãos uma prova documental inequívoca da falsificação de um fato histórico. E naquela ocasião...

— Smith! — gritou a voz irritante da tela. — 6079 Smith W! Sim, VOCÊ! Dobre-se mais, por favor! Dá para fazer melhor. Você não está tentando de verdade. Mais próximo dos pés, por favor! ASSIM está melhor, camarada. Agora, turma, posição de descanso, e observem.

Suor quente brotara de repente por todo o corpo de Winston. Seu rosto permanecia totalmente inescrutável. Nunca demonstre desânimo! Nunca demonstre ressentimento! Um único movimento dos olhos podia trair você. Ficou observando enquanto a instrutora erguia os braços acima da cabeça — não se podia dizer que com graça, mas com precisão e eficiência extraordinárias —, dobrava o corpo e inseria as pontas dos dedos das mãos embaixo dos dedos dos pés.

— Pronto, camaradas! É assim que quero ver vocês fazerem. Observem de novo. Tenho 39 anos e tive quatro filhos. Agora olhem. — Tornou a se inclinar. — Vejam que meus joelhos não estão dobrados. Todos vocês podem fazer isso, se quiserem — acrescentou enquanto se endireitava. — Qualquer um com menos de 45 anos é perfeitamente capaz de tocar nos pés. Nem todos temos o privilégio de lutar no front, mas pelo menos podemos todos nos manter em forma. Lembrem-se dos nossos rapazes no front de Malabar! E dos marinheiros nas Fortalezas Flutuantes! Imaginem o que eles têm que aguentar. Agora,

tentem de novo. Melhorou, camarada, melhorou MUITO — acrescentou em tom encorajador, quando Winston, com uma violenta investida, conseguiu tocar nos dedos dos pés sem dobrar os joelhos, pela primeira vez em muitos anos.

Com o suspiro profundo e inconsciente que nem mesmo a proximidade da teletela conseguiu impedi-lo de soltar quando seu dia de trabalho começou, Winston puxou o ditógrafo para perto de si, soprou a poeira do bocal e colocou os óculos. Depois, abriu e prendeu com um clipe quatro pequenos rolos de papel que já haviam caído do tubo pneumático do lado direito da mesa.

Nas paredes da baia havia três orifícios. À direita do ditógrafo, um pequeno tubo pneumático para mensagens escritas, à esquerda, um maior para jornais; e na parede lateral, ao alcance da mão de Winston, uma grande fresta oblonga protegida por uma grade de arame. Esta última era para o descarte de papéis. Havia frestas semelhantes aos milhares ou às dezenas de milhares pelo prédio, não só em todas as salas, mas também a pequenos intervalos em cada corredor. Por alguma razão, eram apelidadas de buracos da memória. Quando se sabia que qualquer documento devia ser destruído, ou mesmo quando se via largado em algum canto um pedaço de papel usado, era uma reação automática levantar a aba do buraco da memória mais próximo e jogar o papel lá dentro, no que o papel seria impelido num torvelinho de ar quente para as enormes fornalhas ocultas em algum lugar nos recessos do prédio.

Winston examinou as quatro tiras de papel que desenrolara. Cada uma continha uma mensagem de apenas uma ou duas linhas, no jargão abreviado — não propriamente a Novilíngua, mas com predominância de palavras em Novilíngua — que era usado no ministério para comunicações internas. Diziam:

times 17.3.84 retificar discurso gi deturpado áfrica
times 19.12.83 previsões p3 quarto tri 83 gralhas verificar edição hoje
times 14.2.84 minirique chocolate malcitado retificar
times 3.12.83 reportagem ordemdia gi duplomaisdesbom refs despessoas reescrever todamente exporsup antearquiv

Com um vago sentimento de satisfação, Winston pôs de lado a quarta mensagem. Era um serviço complicado, de muita responsabilidade, e era melhor ser tratado por último. As outras três eram assuntos de rotina, embora a segunda provavelmente o obrigaria a examinar tediosamente incontáveis listas de números.

Winston discou "edições anteriores" na teletela e solicitou as edições adequadas do *Times,* que deslizaram do tubo pneumático em questão de minutos. As mensagens que recebera referiam-se a artigos ou notícias que, por uma razão ou outra, julgava-se necessário alterar, ou, na expressão oficial, retificar. Por exemplo, de acordo com o *Times* de 17 de março, parecia que o Grande Irmão, no discurso da véspera, previra que o front do Sul da Índia permaneceria calmo, mas em breve seria lançada uma ofensiva eurasiana no Norte da África. Na realidade, o Alto Comando eurasiano lançara sua ofensiva no Sul da Índia e deixara o Norte da África em paz. Era necessário, portanto, reescrever um parágrafo do discurso do Grande Irmão, de forma a fazê-lo prever o que de fato acontecera. Ou ainda, o *Times* de 19 de dezembro publicara as previsões de produção oficiais para várias classes de bens de consumo no primeiro trimestre de 1983, que era também o sexto trimestre do Nono Plano Trienal. A edição do *Times* daquele dia trazia a informação da produção efetiva, a partir da qual parecia que em todos

os casos as previsões estavam grosseiramente erradas. O trabalho de Winston era retificar os números originais, fazendo com que concordassem com os últimos. Já a terceira mensagem fazia referência a um erro muito simples, que podia ser corrigido em questão de minutos. Em fevereiro último, o Ministério da Riqueza fizera a promessa ("assumira o compromisso categórico" foram as palavras oficiais) de que não haveria redução na ração de chocolate em 1984. Na verdade, como Winston sabia, a ração de chocolate seria reduzida de trinta para vinte gramas no fim daquela semana. Bastava substituir a promessa original por um aviso de que provavelmente seria necessário reduzir a ração em abril.

Ao terminar de cuidar das mensagens, Winston imediatamente anexou com clipes as correções ditografadas de cada uma das mensagens ao exemplar do *Times* correspondente e as introduziu no tubo pneumático. Então, com um movimento que, na medida do possível, era quase inconsciente, amassou a mensagem original e todas as anotações de sua autoria e jogou-as no buraco da memória para serem consumidas pelas chamas.

O que acontecia no labirinto invisível a que os tubos pneumáticos conduziam, Winston não sabia em detalhes, mas tinha uma noção geral do processo. Tão logo todas as correções que parecessem necessárias a uma determinada edição do *Times* tivessem sido reunidas e cotejadas, aquela edição seria reimpressa, a cópia original, destruída, e a cópia corrigida, arquivada em seu lugar. Esse processo de alteração contínua era aplicado não só a jornais, mas também a livros, periódicos, panfletos, pôsteres, folhetos, filmes, trilhas sonoras, caricaturas, fotografias — a cada tipo de literatura ou documentação que pudesse ter algum significado político ou ideológico. Dia a dia, e

quase minuto a minuto, o passado era atualizado. Assim, era possível demonstrar, por provas documentais, toda previsão feita pelo Partido, e não se permitia que ficassem registradas quaisquer notícias ou expressões de opiniões conflitantes com as necessidades do momento. Toda a história era um palimpsesto, apagado e reescrito tantas vezes quantas fosse necessário. Era absolutamente impossível, uma vez executado o serviço, provar que tinha havido uma falsificação. A maior seção do Departamento de Registros, muito maior do que aquela onde Winston trabalhava, era composta simplesmente de pessoas cuja obrigação era localizar e recolher todos os exemplares de livros, jornais e outros documentos que tivessem sido substituídos e destinados à destruição. Algumas edições do *Times* que, devido a mudanças no alinhamento político, ou a profecias equivocadas feitas pelo Grande Irmão, tinham sido reescritas dezenas de vezes, permaneciam nos arquivos com a data original, e não existia outra cópia para contradizê-lo. Livros também eram recolhidos e reescritos repetidas vezes sem que nas reedições se admitisse a realização de qualquer alteração. Mesmo as instruções por escrito que Winston recebia, e das quais se livrava tão logo se desincumbia delas, jamais afirmavam ou insinuavam que uma falsificação devia ser cometida; a referência era sempre a deslizes, erros, erros tipográficos ou citações equivocadas os quais era necessário corrigir em benefício da precisão.

Mas, na verdade, pensou ele ao reajustar os números do Ministério da Riqueza, aquilo nem falsificação era. Era apenas a substituição de um absurdo por outro. Praticamente todo o material com que se lidava não tinha qualquer ligação com o mundo real, nem mesmo a ligação contida numa mentira direta. As estatísticas eram tão fantasiosas na versão original quanto na retificada. Praticamente o tempo todo,

esperava-se que a pessoa as inventasse. Por exemplo, a previsão do Ministério da Riqueza estimara a produção de botas para o trimestre em 145 milhões de pares. A produção efetiva foi dada como de 62 milhões. Winston, porém, ao reescrever a previsão, reduzira o número para 57 milhões, para dar margem à afirmação costumeira de que a cota fora superada. De qualquer maneira, o número de 62 milhões não estava mais próximo da verdade que 57 milhões ou 145 milhões. Era bem provável que bota nenhuma tivesse sido produzida. Mais provável ainda era que ninguém soubesse, nem quisesse saber, quantas haviam sido produzidas. Só se sabia que, todo trimestre, números de botas astronômicos eram produzidos no papel, enquanto metade da população da Oceania andava descalça. E assim era com toda espécie de fato registrado, importante ou não. Tudo se apagava num mundo de sombras em que, por fim, até o ano da data se tornara incerto.

Winston olhou para o lado oposto da sala. Na baia correspondente do outro lado, um homenzinho de aspecto rigoroso e cavanhaque escuro chamado Tillotson trabalhava com afinco, tendo um jornal dobrado sobre os joelhos e o bocal do ditógrafo muito perto da boca. Dava a impressão de estar tentando fazer com que o que dizia fosse mantido em segredo entre ele e a teletela. Ergueu os olhos, e seus óculos lançaram um brilho hostil na direção de Winston.

Winston mal conhecia Tillotson, não fazia ideia de que função ele desempenhava. As pessoas no Departamento de Registros não gostavam de falar sobre seu trabalho. Na sala comprida e desprovida de janelas, com suas duas fileiras de baias, o interminável farfalhar de papéis e o burburinho de vozes murmurando nos ditógrafos, havia bem umas dez pessoas que Winston não conhecia nem de nome, embora as visse diariamente se apressando de um lado para o outro nos

corredores e gesticulando nos Dois Minutos de Ódio. Ele sabia que, na baia vizinha à sua, a mulherzinha de cabelo louro labutava, dia após dia, simplesmente localizando e apagando da Imprensa os nomes de pessoas que haviam sido vaporizadas e, por isso, nunca poderiam ter existido. Havia certa conveniência nisso, uma vez que seu marido fora vaporizado uns dois anos antes. Algumas baias adiante, uma criatura ineficaz, mansa e sonhadora chamada Ampleforth, com orelhas cabeludas e um talento surpreendente para jogar com rimas e métricas, estava envolvida em produzir versões deturpadas — textos definitivos, como eram chamados — de poemas que haviam se tornado ideologicamente ofensivos, mas que, por uma razão ou outra, deviam ser conservados em antologias. E aquela sala, com seus cinquenta funcionários mais ou menos, era apenas uma única subseção, uma única célula, por assim dizer, na enorme complexidade do Departamento de Registros. Mais além, acima e abaixo, havia outros formigueiros de funcionários que estavam todos envolvidos em uma quantidade inimaginável de atividades. Havia as enormes tipografias, com seus subeditores, seus tipógrafos especialistas e seus estúdios ricamente equipados para a falsificação de fotografias. Havia a seção de teleprogramas, com seus engenheiros, seus produtores e suas equipes de atores especialmente escolhidos pela habilidade de imitar vozes. Havia os exércitos de escreventes, cujo trabalho era simplesmente redigir listas de livros e periódicos a serem recolhidos. Havia os vastos depósitos onde os documentos corrigidos eram armazenados, e as fornalhas ocultas onde os exemplares originais eram incinerados. E em algum lugar, totalmente anônimos, havia os cérebros dirigentes que coordenavam todo o esforço e estabeleciam as diretrizes da política

que tornavam necessário que esse fragmento do passado fosse preservado, aquele, falsificado e aquele outro, apagado para sempre.

E o Departamento de Registros, afinal, era apenas um ramo do Ministério da Verdade, cuja função primária não era reconstruir o passado, mas suprir os cidadãos da Oceania de jornais, filmes, livros escolares, programas de teletela, peças, romances — todo tipo de informação, instrução ou entretenimento concebível, de uma estátua a um slogan, de um poema lírico a um tratado de biologia, e de uma cartilha para alfabetização infantil a um dicionário de Novilíngua. E o ministério não só tinha que suprir as múltiplas necessidades do Partido, mas também repetir toda a operação num nível inferior em benefício do proletariado. Havia toda uma cadeia de departamentos independentes dedicados a literatura proletária, música, teatro e entretenimento em geral. Ali eram produzidos jornais sem outro conteúdo além de esporte, crimes e astrologia, romances sensacionalistas baratos, filmes cheios de cenas de sexo e canções sentimentais compostas por meios inteiramente mecânicos numa espécie de caleidoscópio conhecido como versificador. Havia até toda uma subseção — Pornodiv, como se chamava em Novilíngua — envolvida na produção do tipo mais baixo de pornografia, que era despachado em pacotes lacrados e que nenhum membro do Partido, exceto os que trabalhavam na produção, tinha permissão de ver.

Três mensagens haviam deslizado do tubo pneumático enquanto Winston trabalhava, mas eram questões simples, e ele as resolvera antes de ser interrompido pelos Dois Minutos de Ódio. Terminado o Ódio, voltou à sua baia, pegou na prateleira o dicionário de Novilíngua, empurrou o ditógrafo para o lado, limpou os óculos e se concentrou em sua principal tarefa da manhã.

O trabalho era o maior prazer da vida de Winston. A maioria das tarefas era uma tediosa rotina, mas havia também entre elas trabalhos tão difíceis e intrincados que a pessoa podia se perder neles, como nas profundezas de um problema matemático — delicadas falsificações em que sua única orientação era o seu conhecimento dos princípios do Socing e uma estimativa do que o Partido desejava que fosse dito. Winston era bom nesse tipo de coisa, ocasionalmente já tinha sido até incumbido da retificação dos editoriais do *Times,* que eram redigidos inteiramente em Novilíngua. Abriu a mensagem que deixara de lado mais cedo. Dizia:

> times 3.12.83 reportagem ordemdia gi duplomaisdesbom refs despessoas reescrever todamente exporsup antearquiv

Em Velhalíngua (ou inglês padrão) isso deveria ser interpretado:

> A reportagem do *Times* de 3 de dezembro de 1983 sobre a Ordem do Dia do Grande Irmão é péssima e faz referência a pessoas não existentes. Reescreva-a e apresente seu rascunho a uma autoridade superior antes de arquivá-la.

Winston leu o artigo ofensivo. Ao que parecia, o objetivo principal da Ordem do Dia do Grande Irmão fora elogiar o trabalho de uma organização conhecida como FFCC, que fornecia cigarros e outros confortos aos marinheiros das Fortalezas Flutuantes. Um certo Camarada Withers, membro proeminente do Partido Interno, merecera menção especial e fora condecorado com a Ordem do Mérito Conspícuo, Segunda Classe.

Três meses depois, de uma hora para outra, a FFCC fora dissolvida sem explicações. Podia-se presumir que Withers e seus sócios tivessem caído em desgraça, mas nem a Imprensa nem a teletela tocaram no assunto. O que estava dentro do esperado, uma vez que era incomum infratores políticos serem levados a julgamento ou mesmo denunciados publicamente. Os grandes expurgos envolvendo milhares de pessoas, com julgamentos públicos de traidores e criminosos do pensamento que faziam confissões abjetas e em seguida eram executados, eram atrações especiais que só aconteciam uma vez a cada par de anos. O mais comum era que as pessoas que desagradavam o Partido simplesmente desaparecessem e nunca mais se ouvisse falar nelas. Nunca se tinha a menor pista do que lhes acontecera. Em alguns casos, podiam nem estar mortas. Uns trinta conhecidos de Winston, sem contar seus pais, haviam desaparecido em algum momento.

Winston tocou delicadamente o nariz com um clipe. Na baia do outro lado da sala, o Camarada Tillotson continuava debruçado misteriosamente sobre seu ditógrafo. Ergueu a cabeça por um instante: outra vez o brilho hostil dos óculos. Winston se perguntou se o Camarada Tillotson estava envolvido no mesmo trabalho que ele. Era perfeitamente possível. Uma tarefa tão complicada nunca seria confiada a uma só pessoa: por outro lado, entregá-la a uma comissão seria admitir abertamente que estava ocorrendo uma adulteração. Era muito provável que houvesse no momento umas dez pessoas trabalhando em versões rivais daquilo que o Grande Irmão de fato dissera. E logo um gênio no Partido Interior escolheria essa ou aquela versão, reeditando-a e colocando em marcha o complexo processo de referência cruzada que seria exigido, e em seguida a mentira selecionada entraria nos registros permanentes e se tornaria verdade.

Winston não sabia por que Withers caíra em desgraça. Talvez fosse por corrupção ou incompetência. Talvez o Grande Irmão estivesse apenas se livrando de um subordinado excessivamente popular. Talvez Withers ou alguém próximo a ele fosse suspeito de tendências heréticas. Ou talvez — o que era o mais provável — a coisa simplesmente acontecera porque expurgos e vaporizações eram uma parte necessária da mecânica do governo. A única pista real estava nas palavras "refs despessoas", o que indicava que Withers já estava morto. Nem sempre se podia presumir isso quando pessoas eram presas. Às vezes elas eram liberadas e autorizadas a permanecer em liberdade por um ou dois anos antes de serem executadas. Mais raramente, uma pessoa considerada morta havia muito tempo fazia uma reaparição fantasmagórica em algum julgamento público onde implicaria centenas de outras em seu testemunho antes de desaparecer, dessa vez para sempre. Withers, porém, já era uma DESPESSOA. Não existia, nunca existira. Winston decidiu que não bastaria simplesmente reverter a tendência do discurso do Grande Irmão. Era melhor fazê-lo tratar de algo que não tivesse nada a ver com o tema original.

Poderia transformar o discurso na costumeira denúncia de traidores e criminosos do pensamento, mas isso era um pouco óbvio demais, ao passo que inventar uma vitória no front, ou um triunfo de superprodução no Nono Plano Trienal, talvez complicasse muito os registros. Ele precisava de uma peça de pura fantasia. De repente, veio-lhe à cabeça a imagem, mais ou menos pronta, de um certo Camarada Ogilvy, recentemente morto em combate em circunstâncias heroicas. Havia ocasiões em que o Grande Irmão dedicava sua Ordem do Dia para homenagear algum membro raso e humilde do Partido cuja vida e morte ele apontava como um exemplo digno de ser seguido. Naquele

dia, ele celebraria o Camarada Ogilvy. Era verdade que não existia nenhum Camarada Ogilvy, mas algumas linhas impressas e um par de fotografias falsas logo o fariam ganhar vida.

Winston pensou um pouco, depois puxou o ditógrafo para junto de si e começou a ditar no conhecido estilo do Grande Irmão: um estilo ao mesmo tempo militar e pedante que, graças ao estratagema de fazer perguntas e prontamente responder a elas ("Que lições tiramos desse fato, camarada? A lição — que é também um dos principais fundamentos do Socing — de que..." etc. etc.), era fácil de imitar.

Aos três anos de idade, o Camarada Ogilvy rejeitara todos os brinquedos, salvo um tambor, uma submetralhadora e um helicóptero em miniatura. Aos seis — um ano antes do que ditava o regulamento, por uma concessão especial —, ingressara no grupo dos Espiões, aos nove, se tornara o líder de uma tropa. Aos 11, já tinha denunciado o tio à Polícia do Pensamento após entreouvir uma conversa que lhe pareceu ter tendências criminosas. Aos 17, fora organizador distrital da Liga Juvenil Antissexo. Aos 19, projetara uma granada de mão que fora adotada pelo Ministério da Paz e que, no primeiro teste, matara 31 prisioneiros eurasianos de uma só vez. Aos 23 morrera em combate. Perseguido por jatos inimigos enquanto sobrevoava o oceano Índico com despachos importantes, amarrara a metralhadora ao corpo para fazer peso e saltara do helicóptero em alto-mar com despachos e tudo — um fim, disse o Grande Irmão, impossível de contemplar sem sentimentos de inveja. O Grande Irmão acrescentou alguns comentários sobre a pureza e a determinação da vida de Ogilvy. Era abstêmio, não fumava, não tinha passatempo algum além de exercitar-se uma hora por dia na academia de ginástica, e fizera voto de celibato, achando que o casamento e as preocupações com uma família eram

incompatíveis com uma vida de dedicação exclusiva ao dever. Seu único assunto de conversa eram os princípios do Socing, e seu único objetivo na vida era derrotar o inimigo eurasiano e caçar espiões sabotadores, criminosos do pensamento e traidores em geral.

Winston refletiu sobre a possibilidade de conceder ou não ao Camarada Ogilvy a Ordem do Mérito Conspícuo: por fim, desistiu da ideia por causa do trabalho desnecessário de referência cruzada que a concessão acarretaria.

Tornou a olhar de relance para o rival na baia em frente. Algo pareceu lhe assegurar que Tillotson estava ocupado com o mesmo trabalho que ele. Não havia como saber qual dos dois seria por fim adotado, mas ele sentiu uma profunda convicção de que seria o seu. O Camarada Ogilvy, que uma hora atrás não existia nem na imaginação, agora era uma realidade. Achou curioso que se pudessem criar homens mortos, mas não homens vivos. O Camarada Ogilvy, que jamais existira no presente, agora existia no passado, e assim que o ato da falsificação fosse esquecido, existiria de forma tão autêntica e com base no mesmo tipo de evidência que Carlos Magno ou Júlio César.

Na cantina de teto baixo, situada no subsolo do edifício, a fila do almoço avançava aos arrancos, muito lentamente. A sala já estava lotada e o barulho era ensurdecedor. Os vapores do ensopado escapavam pela grade do balcão com um cheiro acre, metálico, que não encobria totalmente a névoa do Gim Victory. No outro extremo da sala havia um pequeno bar, um mero buraco na parede, onde era possível comprar por dez centavos uma dose das grandes.

— Exatamente a pessoa que eu procurava — disse alguém atrás de Winston.

Ele se virou. Era seu amigo Syme, que trabalhava no Departamento de Pesquisa. Talvez "amigo" não fosse bem a palavra certa. Era impossível ter amigos hoje em dia, tinha-se camaradas: mas havia alguns camaradas cuja companhia era mais agradável que a de outros. Syme era filólogo, especialista em Novilíngua. Na verdade, fazia parte da enorme equipe de especialistas engajados na compilação da Décima Primeira Edição do Dicionário de Novilíngua. Era um sujeito miúdo, menor que Winston, de cabelos pretos e grandes olhos protuberantes, a um tempo tristes e debochados, que pareciam investigar o semblante do interlocutor enquanto falava com ele.

— Eu queria perguntar se você conseguiu alguma lâmina de barbear — disse.

— Nenhuma! — respondeu Winston com uma pressa culpada. — Procurei por toda parte. Parece que isso não existe mais.

Todo mundo vivia pedindo lâminas de barbear. Na verdade, ele tinha duas sem uso, que estava guardando. Fazia meses que havia escassez delas. Sempre havia algum artigo necessário que as lojas do Partido não

conseguiam fornecer. Ora eram botões, ora era lã para cerzir, ora eram cadarços de sapato. No momento, eram lâminas de barbear. Só se podia conseguir alguma, quando se conseguia, procurando mais ou menos furtivamente no mercado "livre".

— Tenho usado a mesma lâmina há seis semanas — acrescentou mentirosamente.

A fila deu mais uma arrancada à frente. Quando pararam, Winston se virou e tornou a encarar Syme. Cada um pegou uma bandeja de aço engordurada de uma pilha no fim do balcão.

— Foi ver o enforcamento dos prisioneiros ontem? — perguntou Syme.

— Eu estava no trabalho — disse Winston com indiferença. — Acho que vou ver no cinema.

— Um substituto muito inadequado — retrucou Syme.

Seus olhos debochados passearam pelo o rosto de Winston. "Conheço você", pareciam dizer, "você é transparente para mim. Sei muito bem por que não foi ver o enforcamento dos prisioneiros." De um jeito intelectual, Syme era venenosamente ortodoxo. Falava com uma satisfação antipática de ataques de helicópteros a aldeias inimigas, de julgamentos e confissões de criminosos do pensamento, das execuções nos porões do Ministério do Amor. Conversar com ele era basicamente uma questão de desviá-lo desse tipo de assunto e envolvê-lo, se possível, nas tecnicidades da Novilíngua, nas quais tinha autoridade e era interessante. Winston virou a cabeça meio de lado para evitar o exame dos grandes olhos escuros.

— Foi um enforcamento bem feito — lembrou-se Syme. — Acho que estraga tudo quando amarram os pés deles. Gosto de ver quando

esperneiam. E sobretudo, no fim, a língua toda de fora, e azul... bem azul. Esse é o detalhe que mais me atrai.

— Próximo, por favor! — gritou o proleta de avental branco com a concha na mão.

Winston e Syme passaram suas bandejas por baixo da grade. Em cada uma delas foi jogado na mesma hora o almoço regulamentar — uma panelinha de metal de ensopado cinza-rosado, um naco de pão, um cubo de queijo, uma caneca de café Victory sem leite e um tablete de sacarina.

— Tem uma mesa ali, embaixo da teletela — disse Syme. — Vamos pegar um gim no caminho.

O gim era servido em canecas de louça sem asa. Os dois foram abrindo caminho pela sala apinhada e largaram as bandejas na mesa de tampo de aço, em cujo canto alguém deixara uma poça de ensopado, uma coisa aguada imunda que parecia vômito. Winston pegou sua caneca de gim, parou um instante para tomar coragem e engoliu o líquido com gosto de óleo. Quando parou de piscar para afastar as lágrimas dos olhos, descobriu de repente que estava com fome. Começou a engolir colheradas do ensopado aguado, em que nadavam cubos rosados esponjosos que deviam ser alguma coisa à base de carne. Nenhum dos dois tornou a falar até terem esvaziado suas panelinhas. Da mesa à esquerda de Winston, um pouco atrás dele, alguém falava rápida e continuamente, uma tagarelice áspera, quase como o grasnado de um pato, que varava o tumulto geral da sala.

— Como vai indo o Dicionário? — perguntou Winston, elevando a voz para vencer o barulho.

— Devagar — disse Syme. — Estou nos adjetivos. É fascinante.

Ele logo se animara diante da menção à Novilíngua. Empurrou a panelinha para o lado, pegou o pedaço de pão com uma das mãos delicadas e o queijo com a outra, depois se debruçou sobre a mesa para conseguir falar sem gritar.

— A Décima Primeira Edição é a definitiva — disse. — Estamos dando a forma final à língua, a forma que vai ter quando ninguém mais falar outra coisa. Quando tivermos terminado, pessoas como você terão que aprender tudo de novo. Você pensa, me atrevo a dizer, que nosso trabalho principal é inventar palavras novas. Mas não é nada disso! Estamos destruindo palavras. Dezenas, centenas delas, todos os dias. Estamos reduzindo a língua ao máximo. A Décima Primeira Edição não vai conter uma única palavra que se torne obsoleta antes do ano de 2050.

Deu uma mordida faminta no pão e engoliu alguns bocados, depois continuou falando, com uma espécie de paixão pedante. Seu rosto magro e moreno se animara, seus olhos haviam perdido a expressão debochada e adquiriram um ar quase sonhador.

— É uma coisa linda, a destruição das palavras! Claro que o grande desperdício está nos verbos e adjetivos, mas há centenas de substantivos dos quais também podemos nos livrar. Não são só os sinônimos. Há também os antônimos. Afinal, o que justifica a existência de uma palavra que é simplesmente o contrário de outra? Uma palavra contém em si o seu oposto. Tome "bom", por exemplo. Se você tem uma palavra como "bom", qual é a necessidade de uma palavra como "mau"? Desbom cabe muito bem. É até melhor, porque é um antônimo perfeito, o que a outra palavra não é. Ou então, se você quiser uma versão mais forte de "bom", qual é o sentido de usar palavras como "excelente" e "esplêndido" e todas as demais?

“Maisbom” cobre o significado, ou “duplimaisbom”, se quiser um sentido mais forte ainda. Claro, já usamos essas formas. Mas, na versão final da Novilíngua, só haverá isso. No fim, todo o conceito de bondade e ruindade será coberto por apenas seis palavras — na verdade, uma única. Você enxerga a beleza disso, Winston? A ideia partiu do Grande Irmão, é óbvio — acrescentou como uma reflexão posterior.

À menção do Grande Irmão, uma espécie de entusiasmo inconsistente atravessou o rosto de Winston. Mas Syme na mesma hora detectou uma certa falta de animação.

— Você não aprecia de verdade a Novilíngua, Winston — disse quase com tristeza. — Mesmo quando a usa ao escrever, continua pensando em Velhalíngua. Já li uns artigos que de vez em quando você escreve no *Times*. São bastante bons, mas são traduções. No fundo, você preferiria continuar com a Velhalíngua, com toda a sua imprecisão e as nuances inúteis de significado. Não entende a beleza da destruição das palavras. Sabia que a Novilíngua é a única língua do mundo cujo vocabulário encolhe a cada ano?

Winston sabia, claro. Sorriu, com empatia, esperava, sem confiar em si mesmo para falar. Syme mordeu outro pedacinho do pão escuro, mastigou-o depressa e prosseguiu:

— Não vê que o objetivo primordial da Novilíngua é estreitar o alcance do pensamento? No fim, tornaremos o pensamento-crime literalmente impossível, porque não haverá palavras para expressá-lo. Todo conceito que algum dia possa ser necessário será expresso por exatamente uma palavra, com seu significado rigidamente definido e todos os seus significados subsidiários apagados e esquecidos. Na Décima Primeira Edição, já não estamos longe desse ponto. Mas o processo ainda continuará até bem depois que você e eu estivermos

mortos. Menos palavras a cada ano, e o alcance da consciência sempre um pouquinho menor. Mesmo agora, claro, não há razão nem desculpa para se cometerem crimes de pensamento. É apenas uma questão de autodisciplina, de controle da realidade. Mas, no fim, nem isso será necessário. A revolução estará completa quando a língua for perfeita. A Novilíngua é o Socing e o Socing é a Novilíngua — acrescentou com uma espécie de satisfação mística. — Já lhe ocorreu, Winston, que no ano de 2050, o mais tardar, não haverá um único ser humano vivo capaz de entender uma conversa como a que estamos tendo agora?

— A não ser... — começou Winston, indeciso, mas se calou.

Estivera prestes a dizer "A não ser os proletas", mas resistira, sem se sentir totalmente seguro de que o comentário não teria sido, de certo modo, inortodoxo. Syme, porém, adivinhara o que ele estava prestes a dizer.

— Os proletas não são seres humanos — disse, despreocupado. — Em 2050, ou provavelmente antes, todo o conhecimento da Velhalíngua terá desaparecido. Toda a literatura do passado terá sido destruída. Chaucer, Shakespeare, Milton, Byron só existirão em versões de Novilíngua, transformados não só em uma coisa diferente, mas também no contrário do que costumavam ser. Até a literatura do Partido mudará. E também os slogans. Como será possível haver um slogan como "liberdade é escravidão" quando o conceito de liberdade foi abolido? Todo o clima do pensamento será diferente. Na verdade, não existirá pensamento, da forma como o entendemos agora. Ortodoxia significa não pensar, não haver necessidade de pensar. Ortodoxia é inconsciência.

Um dia desses, pensou Winston, de repente profundamente convicto, Syme será vaporizado. É inteligente demais. Vê com muita

clareza e fala de forma muito direta. O Partido não gosta desse tipo de gente. Um dia, ele desaparecerá. Está estampado na cara dele.

Winston tinha terminado o pão e o queijo. Virou-se meio de lado na cadeira para beber a caneca de café. Na mesa à sua esquerda, o homem de voz estridente continuava falando sem remorso. Uma jovem, que talvez fosse sua secretária, ouvia-o e parecia concordar avidamente com tudo o que ele dizia. De vez em quando, Winston captava um comentário do tipo "Acho que tem razão, concordo plenamente com você", pronunciado em uma voz feminina bem tola. Mas a outra voz não parava de falar, nem quando a moça se pronunciava. Winston conhecia o homem de vista, embora só soubesse que ocupava uma posição importante no Departamento de Ficção. Era um homem de uns trinta anos, com um pescoço musculoso e uma bocarra dinâmica. Tinha a cabeça meio jogada para trás e, pelo ângulo em que estava sentado, seus óculos refletiam a luz e apresentavam a Winston dois discos vazios no lugar dos olhos. O ruim era que era quase impossível distinguir uma única palavra da torrente de sons que jorrava de sua boca. Winston só captou uma frase: "completa e definitiva eliminação do goldsteinismo", cuspida muito depressa, num jato único, como uma linha de tipos moldados de forma compacta. O restante era apenas ruído, um quá-quá-quá grasnado. No entanto, embora não se pudesse ouvir direito as palavras do homem, não havia qualquer dúvida quanto à natureza do que dizia. Podia estar denunciando Goldstein e exigindo medidas mais severas contra criminosos do pensamento e sabotadores, fazendo ataques fulminantes às atrocidades do exército eurasiano, elogiando o Grande Irmão ou os heróis no front de Malabar — não fazia diferença. Fosse o que fosse, era certo que cada palavra de seu discurso era ortodoxia pura, Ingsoc puro. Enquanto observava a cara desprovida

de olhos e o movimento rápido da mandíbula para cima e para baixo, Winston teve a sensação curiosa de que aquilo não era um ser humano de verdade, mas uma espécie de fantoche. Não era o cérebro do homem que falava, era a laringe. O que saía consistia em palavras, mas não era fala no verdadeiro sentido: era um barulho proferido sem consciência, como o grasnido de um pato.

Syme ficara em silêncio por um momento, e com o cabo da colher desenhava na poça de ensopado. A voz do outro lado da sala continuava grasnando, acelerada, facilmente audível apesar do burburinho em volta.

— Há uma palavra em Novilíngua — disse Syme —, não sei se a conhece: PATOFALA, grasnar como um pato. É uma dessas palavras interessantes que têm dois sentidos contraditórios. Usada para qualificar um oponente, é ofensa, usada para alguém com quem concordamos, é elogio.

Sem dúvida Syme será vaporizado, tornou a pensar Winston. O pensamento veio com uma espécie de tristeza, mesmo sabendo muito bem que Syme o desprezava e até antipatizava um pouco com ele, e que seria capaz de denunciá-lo como criminoso do pensamento se visse qualquer motivo para isso. Havia algo de sutilmente errado com Syme. Faltavam-lhe discrição, alheamento, uma espécie de estupidez salvadora. Não se podia dizer que ele fosse inortodoxo. Acreditava nos princípios do Socing, venerava o Grande Irmão, regozijava-se com as vitórias, odiava os hereges, não apenas com sinceridade, mas com uma espécie de zelo incansável, uma atualidade de informações de que os membros comuns do Partido nem chegavam perto. No entanto, um leve ar de inidoneidade não o abandonava. Dizia coisas que deveriam ser silenciadas, lera livros demais, frequentava o Café da Castanheira,

reduto de pintores e músicos. Não havia lei, escrita ou não escrita, que proibisse alguém de frequentar o Café da Castanheira, e, no entanto, o lugar, de alguma forma, era de mau agouro. Os antigos líderes do Partido, agora desacreditados, costumavam se reunir ali antes serem expurgados. O próprio Goldstein, dizia-se, tinha sido visto lá algumas vezes, anos e décadas atrás. O destino de Syme não era difícil de prever. No entanto, era certo que, se Syme percebesse, nem que por um segundo, a natureza das opiniões secretas de Winston, imediatamente o denunciaria à Polícia do Pensamento. Aliás, qualquer um faria isso, mas Syme mais do que ninguém. Zelo não bastava. Ortodoxia era inconsciência.

Syme ergueu os olhos.

— Lá vem o Parsons — disse.

Algo em seu tom de voz pareceu acrescentar "aquele perfeito idiota". Parsons, vizinho de Winston nas Mansões Victory, na verdade atravessava a sala a duras penas — um gordinho de estatura mediana, cabelo claro e cara de sapo. Aos 35 anos, já estava acumulando gordura no pescoço e na cintura, mas seus movimentos eram enérgicos e infantis. Sua aparência era a de um garotinho que tinha aumentado de tamanho, tanto que, embora estivesse vestido com o macacão regulamentar, era quase impossível não o visualizar de calção azul e camisa cinzenta com o lenço dos Espiões no pescoço. Evocar sua imagem significava pensar em uma figura com covinhas nos joelhos e mangas arregaçadas nos braços rechonchudos. Na verdade, sempre que uma caminhada comunitária ou qualquer outra atividade física lhe dava uma desculpa, Parsons voltava ao calção. Cumprimentou os dois com um "Alô, alô!" animado e sentou-se à mesa, exalando um forte cheiro de suor. Seu rosto rosado estava todo molhado. Seu poder de

produção de suor era extraordinário. No Centro Comunitário, sempre se podia dizer, pelo cabo molhado da raquete, quando ele havia jogado tênis de mesa. Syme tinha sacado de algum lugar uma tira de papel onde havia uma longa coluna de palavras e a observava com um lápis-tinta entre os dedos.

— Olhe só ele trabalhando na hora do almoço — disse Parsons, cutucando Winston. — Isso é que é entusiasmo, hein? O que você tem aí, garotão? Alguma coisa muito brilhante para mim, imagino. Smith, meu velho, vou lhe dizer por que ando atrás de você. É aquela contrib que você se esqueceu de me dar.

— Que contrib é essa? — perguntou Winston, automaticamente apalpando os bolsos à cata de dinheiro. Cerca de um quarto do salário das pessoas tinha que ser reservado para contribuições voluntárias, tão numerosas que era difícil controlá-las.

— Para a Semana do Ódio. O fundo casa a casa, você sabe. Sou o tesoureiro do nosso quarteirão. Estamos fazendo um grande esforço. Vamos montar um espetáculo incrível. Estou lhe dizendo: se a nossa velha Mansões Victory não tiver o maior conjunto de bandeiras da rua toda, a culpa não vai ser minha. Dois dólares, você prometeu.

Winston lhe entregou duas notas amarrotadas imundas, que Parsons registrou num caderninho com a letra desenhada dos analfabetos.

— Por sinal, garotão — disse —, soube que aquele meu danadinho acertou você com o estilingue ontem. Passei-lhe um bom sabão por isso. Na verdade, falei que tomaria o estilingue dele se ele tornar a fazer isso.

— Acho que ele estava meio chateado por não ir à execução — disse Winston.

— Ah, bom, o que eu quero dizer é que isso mostra o espírito certo, não? Danadinhos levados, eles são, mas que entusiasmo! Só pensam nos Espiões, e na guerra, claro. Sabe o que a minha filha fez sábado passado, quando a tropa dela fazia uma caminhada para as bandas de Berkhamsted? Convenceu duas outras meninas a irem com ela, saiu de fininho da caminhada e passou a tarde inteira seguindo um sujeito estranho. Ficaram duas horas na cola dele atravessando a mata, e depois, quando chegaram em Amersham, entregaram o homem às patrulhas.

— Por que fizeram isso? — perguntou Winston, meio espantado. Parsons prosseguiu triunfante.

— Minha filha tinha certeza de que o homem era algum tipo de agente inimigo. Podia ter sido lançado de paraquedas, por exemplo. Mas a questão é essa, meu velho. Por que acha que ela começou a desconfiar dele? Ela viu que ele estava com uns sapatos engraçados e falou que nunca tinha visto ninguém com sapatos daqueles. Então o cara devia ser estrangeiro. Bem esperta para uma guria de sete anos, hã?

— O que aconteceu com o homem? — perguntou Winston.

— Ah, isso eu não sei, claro. Mas não ficaria muito surpreso se... — Parsons gesticulou como se apontasse uma espingarda e estalou a língua para imitar o tiro.

— Ótimo — disse Syme, distraído, sem erguer os olhos da tira de papel.

— Claro que não podemos nos dar ao luxo de correr riscos — concordou Winston com lealdade.

— O que quero dizer é que estamos numa guerra — disse Parsons.

Como para confirmar suas palavras, um toque de clarim flutuou da teletela logo acima da cabeça deles. No entanto, dessa vez não era a proclamação de uma vitória militar, mas um anúncio do Ministério da Riqueza.

— Camaradas! — gritou uma ávida voz juvenil. — Atenção, camaradas! Temos notícias gloriosas para vocês. Vencemos a batalha da produção! A renda obtida com a produção de todos os tipos de bens de consumo mostra que o padrão de vida subiu nada menos que 20% em relação ao ano passado. Esta manhã, por toda a Oceania, houve manifestações espontâneas incontroláveis quando trabalhadores deixaram em marcha suas fábricas e seus escritórios para desfilar pelas ruas com bandeiras, manifestando sua gratidão ao Grande Irmão pela vida nova e feliz que sua sábia liderança nos proporciona. Aqui estão alguns dos números totalizados. Gêneros alimentícios...

A expressão "vida nova e feliz" foi repetida várias vezes. Ultimamente, essa expressão era a favorita do Ministério da Riqueza. Parsons, a atenção despertada pelo toque de clarim, ficou ali sentado ouvindo com uma espécie de afetação embasbacada, uma espécie de tédio edificado. Não conseguia acompanhar os números, mas tinha noção de que eram de alguma forma motivo de satisfação. Puxara um enorme cachimbo imundo, cheio até a metade de fumo carbonizado. Com a ração semanal de tabaco limitada a cem gramas, raramente era possível encher completamente um cachimbo. Winston fumava um cigarro Victory, segurando-o cuidadosamente na horizontal. A nova ração só seria distribuída no dia seguinte, e lhe sobravam apenas quatro cigarros. Naquele momento, tapara os ouvidos para os ruídos mais afastados e escutava a transmissão da teletela. Parecia que tinha havido inclusive demonstrações de agradecimento ao Grande Irmão

pelo aumento da ração de chocolate para vinte gramas semanais. E ainda ontem, refletiu ele, fora anunciado que a ração seria REDUZIDA para vinte gramas semanais. Seria possível as pessoas engolirem isso, passadas apenas 24 horas? Sim, elas engoliam. Parsons engoliu facilmente, com a estupidez de um animal. A criatura sem olhos na outra mesa engoliu fanática e apaixonadamente, com um desejo furioso de localizar, denunciar e vaporizar quem quer que sugerisse que a ração da semana anterior fora de trinta gramas. Syme, também — de uma forma mais complexa, envolvendo duplipensamento, engoliu. Seria ele, Winston, então, o ÚNICO a possuir memória?

Estatísticas fabulosas continuavam saltando da tela. Em comparação com o ano anterior, havia mais comida, mais roupas, mais casas, mais móveis, mais panelas, mais combustível, mais navios, mais helicópteros, mais livros, mais bebês — mais tudo, menos doenças, crimes e insanidade. Ano após ano, minuto após minuto, todo mundo e todas as coisas subiam depressa em escala ascendente. Como Syme fizera havia pouco, Winston pegara sua colher e brincava com o molho de cor pálida respingado na mesa, fazendo um risco comprido que virava um padrão. Meditava com ressentimento sobre a estrutura física da vida. Teria sido sempre assim? A comida sempre tivera esse gosto? Correu os olhos pela cantina. Uma sala de teto baixo lotada, as paredes encardidas em função do contato com incontáveis corpos; mesas e cadeiras de aço amassadas, colocadas num espaço tão espremido que as pessoas sentavam-se com os cotovelos encostados umas nas outras; colheres tortas, bandejas com mossas, canecas brancas grosseiras; todas as superfícies engorduradas, sujeira em cada fresta; e um cheiro azedo que misturava gim e café ruins, ensopado de sabor metálico, e roupas sujas. Todo o tempo, no estômago, na pele, havia sempre uma

espécie de protesto, uma sensação de que você tinha sido lesado em algo a que tinha direito. Era verdade que ele não se lembrava de nada que fosse muito diferente daquilo. Em qualquer época que sua memória alcançasse com precisão, a comida sempre fora escassa, as roupas íntimas e as meias tinham sido sempre cheias de furos, os móveis eram surrados e bambos, os aposentos eram mal aquecidos, os trens de metrô superlotavam, as casas caíam aos pedaços, o pão era escuro, o chá uma raridade, o café era intragável e os cigarros, insuficientes — nada era barato e abundante, com a exceção do gim sintético. E embora, é claro, tudo piorasse à medida que o corpo envelhecia, não seria sinal de que NÃO era a ordem natural das coisas a pessoa sentir o coração confrangido por causa do desconforto, da sujeira e da escassez, dos invernos intermináveis, das meias sebosas, dos elevadores que nunca funcionavam, da água fria e do sabão áspero, dos cigarros que se desfaziam, da comida com seus estranhos gostos ruins. Por que alguém acharia aquilo intolerável se não tivesse alguma memória ancestral de que as coisas já haviam sido diferentes?

Tornou a correr os olhos pela cantina. Quase todos ali eram feios, e ainda o seriam mesmo se vestissem outra roupa além dos macacões azuis padronizados. Do outro lado da sala, sentado a uma mesa sozinho, um homenzinho miúdo surpreendentemente parecido com um besouro bebia uma xícara de café, os olhinhos dardejando olhares suspeitos para todos os lados. Como era fácil, pensou Winston, quando não se olhava em volta, acreditar que o tipo físico estabelecido como ideal pelo Partido — jovens altos e musculosos, donzelas de seios fartos, todos louros, viçosos, queimados de sol, despreocupados — existia e até predominava. Na verdade, até onde era capaz de julgar, a maioria das pessoas na Faixa Aérea Um era baixa, morena e pouco

favorecida. Era curioso como proliferavam nos ministérios os tipos com aquele aspecto de besouro: homenzinhos atarracados que engordavam precocemente, de pernas curtas, movimentos rápidos de invertebrados e caras gordas de olhos muito miúdos. Era o tipo que parecia se desenvolver melhor sob o domínio do Partido.

O anúncio do Ministério da Riqueza terminou com outro toque de clarim e deu lugar a uma música metálica. Parsons, com um vago entusiasmo atiçado pelo bombardeio de números, retirou o cachimbo da boca.

— O Ministério da Riqueza fez mesmo um bom trabalho este ano — disse balançando a cabeça com ar de quem sabe das coisas. — Aliás, Smith, meu velho, você não teria uma lâmina de barbear para me ceder?

— Nem uma — respondeu Winston. — Tenho usado a mesma há seis semanas.

— Ah, bem, só pensei em lhe perguntar, meu velho.

— Sinto muito — disse Winston.

A voz grasnada da mesa ao lado, temporariamente silenciada durante o anúncio do ministério, voltara à carga, estridente como antes. Por alguma razão, Winston de repente se viu pensando na sra. Parsons, com aquele cabelo fino e pó nas rugas do rosto. Em dois anos, aquelas crianças a estariam denunciando à Polícia do Pensamento. A sra. Parsons seria vaporizada. Syme seria vaporizado. Winston seria vaporizado. O'Brien seria vaporizado. Parsons, por outro lado, jamais seria vaporizado. A criatura sem olhos com voz grasnada jamais seria vaporizada. Os homenzinhos semelhantes a besouros, tão ágeis nas suas corridinhas pelos labirínticos corredores dos ministérios, esses também jamais seriam vaporizados. E a garota de cabelos escuros, a

garota do Departamento de Ficção, tampouco seria vaporizada. Winston julgava saber instintivamente quem sobreviveria e quem pereceria: embora não fosse fácil dizer o que contribuía para a sobrevivência.

Naquele momento, foi arrancado de seu devaneio com um tranco violento. A garota da mesa ao lado se virara um pouco e estava olhando para ele. Era a garota de cabelo escuro, olhando-o de esguelha, mas com curiosa intensidade. Tão logo cruzou o olhar com o dele, tornou a desviar a vista.

O suor começou a brotar na nuca de Winston. Uma terrível pontada de pavor o percorreu. Passou logo, mas deixou uma espécie de inquietação desconfortável. Por que a moça o observava? Por que o seguia? Infelizmente, não se lembrava se ela já estava à mesa quando ele chegara, ou se viera depois. Mas no dia anterior, de qualquer maneira, durante os Dois Minutos de Ódio, sentara-se logo atrás dele quando não havia necessidade aparente de fazê-lo. Muito provavelmente, seu objetivo verdadeiro fora ouvir o que ele dizia e assegurar-se de que gritava alto o suficiente.

O pensamento anterior lhe voltou: provavelmente, ela não devia mesmo ser da Polícia do Pensamento, mas o maior perigo de todos era exatamente o espião amador. Ele não sabia por quanto tempo ela ficara observando, talvez por uns cinco minutos, e era possível que suas feições não estivessem perfeitamente sob controle. Era perigosíssimo deixar os pensamentos à solta quando se estava em qualquer lugar público ou no campo de alcance de uma teletela. Qualquer coisinha podia denunciá-lo. Um tique nervoso, um olhar inconsciente de ansiedade, o hábito de falar consigo mesmo — tudo que sugerisse qualquer anormalidade, ou que se tinha algo a esconder. Fosse como

fosse, exibir uma expressão inadequada no rosto (parecer incrédulo quando era anunciada uma vitória, por exemplo) era uma infração punível. Havia até uma palavra para isso em Novilíngua: FACECRIME.

A garota tornara a lhe dar as costas. Talvez afinal não o estivesse seguindo realmente, talvez o fato de ter se sentado dois dias seguidos tão perto dele fosse coincidência. O cigarro de Winston se apagara, e ele o depositou com cuidado na beirada da mesa. Terminaria de fumá-lo depois do trabalho, se conseguisse manter o tabaco dentro do invólucro. Era bem provável que a pessoa na mesa ao lado fosse um espião da Polícia do Pensamento, e era provável também que, dali a três dias, ele estivesse nos porões do Ministério do Amor, mas uma guimba de cigarro não devia ser desperdiçada. Syme dobrara a tira de papel e a guardara no bolso. Parsons recomeçara a falar.

— Meu velho — disse, rindo com a piteira do charuto na boca —, já lhe contei da vez que aqueles meus dois pimpolhos tocaram fogo na saia da velha do mercado porque a viram embrulhar salsichas num pôster do G. I.? Foram de fininho para trás dela e tocaram-lhe fogo na saia com uma caixa de fósforos. Acho que ficaram queimaduras bem feias. Danadinhos, não? Mas transbordantes de entusiasmo! É de primeira o treinamento que eles recebem hoje nos Espiões. Melhor até do que no meu tempo. Qual você acha que foi a última coisa que deram a eles? Cornetas acústicas, para escutar pelos buracos das fechaduras! Minha filhinha levou uma para casa ontem à noite. Testou o aparelho na fechadura lá da sala e achou que conseguia ouvir duas vezes mais do que encostando a orelha na porta. Claro que é só um brinquedo, imagine. Mesmo assim, dá às crianças a ideia certa, sabe?

Nesse momento, a teletela emitiu um assobio agudo. Era o sinal de que era hora de voltar ao trabalho. Os três homens se levantaram de

um pulo para entrar na luta pelos elevadores, e o que sobrara do tabaco caiu do cigarro de Winston.

Winston escrevia no diário:

> *Foi há três anos. Era uma noite escura, numa rua estreita perto de uma das grandes estações de trem. Ela estava parada perto de uma porta no muro, embaixo de um poste que não iluminava coisa alguma. Tinha um rosto jovem, pintado com uma maquiagem muito pesada. Foi mesmo a pintura que me atraiu, a brancura daquilo, como uma máscara, e o vermelho-vivo dos lábios. As mulheres do Partido nunca pintam o rosto. Não havia mais ninguém na rua, nem teletelas. Ela disse dois dólares. Eu...*

Por ora, estava muito difícil prosseguir. Winston fechou os olhos e pressionou-os com os dedos, tentando expulsar a visão que teimava em voltar. Sentia uma tentação quase avassaladora de gritar a plenos pulmões uma sequência de palavras obscenas. Ou de bater com a cabeça na parede, chutar a mesa e jogar o tinteiro pela janela — qualquer ato violento ou barulhento ou doloroso capaz de apagar a lembrança que o atormentava.

O pior inimigo de uma pessoa, conforme ele refletiu, era seu próprio sistema nervoso. A qualquer momento, a tensão interna podia se traduzir em algum sintoma visível. Lembrou-se de um homem com quem cruzara na rua semanas atrás. Um sujeito de aparência bastante normal, membro do Partido, entre 35 e quarenta anos, esguio, carregando uma pasta. Estavam a alguns metros de distância quando o lado esquerdo do rosto do homem contorceu-se de repente ao sofrer

uma espécie de espasmo. Aconteceu de novo no momento em que se cruzaram: foi apenas uma contração, um estremecimento, rápido como o clique do obturador de uma câmera fotográfica, mas visivelmente habitual. Winston se lembrava de ter pensado na hora: esse pobre diabo está perdido. E o mais assustador era que o ato, muito possivelmente, era inconsciente. O perigo mais mortal era o de se falar dormindo. Não havia como se precaver disso, até onde ele podia ver.

Respirou fundo e recomeçou a escrever:

Entrei com ela pela porta, atravessamos um quintal e entramos numa cozinha de porão. Havia uma cama encostada na parede, e um lampião em cima da mesa, com a chama muito baixa. Ela...

Sentia os nervos à flor da pele. Queria cuspir. Ao se lembrar da mulher na cozinha do porão, pensou em Katharine, sua esposa. Winston era casado — fora casado, de qualquer maneira: provavelmente continuava casado, pois, até onde sabia, sua mulher não morrera. Teve a sensação de tornar a respirar o cheiro quente e sufocante da cozinha subterrânea, um cheiro composto de percevejos, roupas sujas e perfume barato, mas mesmo assim sedutor, porque as mulheres do Partido jamais se perfumavam, e não podia passar pela cabeça de ninguém que o fizessem. Só os proletas usavam perfume. Para Winston, o cheiro de perfume estava inextricavelmente associado a fornicação.

Estar com aquela mulher tinha sido o seu primeiro deslize em cerca de dois anos. Ter relações com prostitutas era proibido, claro, mas era uma daquelas regras que às vezes a pessoa podia arranjar coragem para quebrar. Era perigoso, mas não uma questão de vida ou morte. Ser pego

com uma prostituta podia significar cinco anos num campo de trabalhos forçados: não mais que isso se a pessoa não tivesse cometido nenhuma outra infração. E era muito fácil, contanto que se evitasse ser flagrado no ato. Os bairros mais pobres estavam infestados de mulheres prontas para se vender. Algumas se vendiam até por uma garrafa de gim, bebida que os proletas não tinham licença para consumir. De forma tácita, o Partido até tendia a encorajar a prostituição, como válvula de escape para instintos que não podiam ser completamente suprimidos. A simples devassidão não importava muito, desde que fosse furtiva e sem alegria e envolvesse mulheres de uma classe empobrecida e desprezada. O crime imperdoável era a promiscuidade entre membros do Partido. Mas — embora esse fosse um dos crimes que os acusados nos grandes expurgos mais confessavam — era difícil imaginar uma coisa daquelas acontecendo de verdade.

O objetivo do Partido não era apenas evitar que homens e mulheres criassem laços de lealdade que poderiam não conseguir controlar. Sua intenção verdadeira e não declarada era eliminar todo prazer do ato sexual. Não tanto o amor, mas sim o erotismo era o inimigo, tanto dentro quanto fora do casamento. Todos os casamentos entre membros do Partido tinham que ser aprovados por uma comissão designada para esse fim e, embora o princípio jamais fosse exposto com clareza, a permissão era sempre recusada se, entre o casal, houvesse indícios de atração física mútua. O único propósito reconhecido do casamento era gerar filhos para servir ao Partido. A relação sexual devia ser encarada como uma operação sem importância ligeiramente repulsiva, como submeter-se a um enema. Isso tampouco era dito abertamente, mas era incutido de forma indireta em todos os membros do Partido desde

a infância. Havia até organizações como a Liga Juvenil Antissexo, que defendia o celibato total para ambos os sexos. Todas as crianças seriam geradas por inseminação artificial (SEMART, em Novilíngua) e criadas em instituições públicas. Winston tinha noção de que isso não era para ser levado muito a sério, mas de certa maneira se encaixava na ideologia geral do Partido. O Partido estava tentando eliminar o instinto sexual, ou, se não o pudesse eliminar, ao menos distorcê-lo e degradá-lo. Winston não sabia o motivo disso, mas parecia natural que assim fosse. E, no que dizia respeito às mulheres, os esforços do Partido eram em grande parte bem-sucedidos.

Tornou a pensar em Katharine. Devia fazer nove, dez, quase onze anos que haviam se separado. Era curioso como raramente pensava nela. Podia passar dias sem se lembrar de que já fora casado. Só tinham estado juntos por 15 meses. O Partido não permitia o divórcio, mas estimulava a separação em casos em que não havia filhos.

Katharine era uma moça alta, loura, muito aprumada, de movimentos esplêndidos. Tinha um rosto corajoso, de feições aquilinas, um rosto que se poderia chamar de nobre até se descobrir que não havia praticamente nada por trás dele. Logo no início da vida em comum, Winston decidira — embora talvez apenas pelo fato de que a conhecia mais intimamente do que conhecia a maioria das pessoas — que a mulher possuía a mente mais estúpida, vulgar e vazia que já encontrara. Não tinha um único pensamento na cabeça que não fosse um slogan, e não havia imbecilidade que não fosse capaz de engolir se o Partido lhe impusesse. "A trilha sonora humana", apelidara-a para si mesmo. No entanto, teria suportado viver com ela se não fosse uma outra coisa — o sexo.

Tão logo a tocava, ela parecia estremecer e se contrair. Abraçá-la era como abraçar um boneco articulado de madeira. E o estranho era que, mesmo quando Katharine o apertava contra si, ele tinha a sensação de que ao mesmo tempo ela o repelia com todas as forças. Essa impressão era transmitida pela rigidez dos músculos dela. Ela ficava deitada de olhos fechados, nem resistindo nem cooperando, mas se SUBMETENDO. Era constrangedor ao extremo, e, depois de algum tempo, horrível. Mas mesmo então ele poderia ter aguentado viver com ela se os dois tivessem concordado em se manter celibatários. Mas curiosamente foi Katharine quem recusou o acordo. Deviam, dizia, gerar uma criança, se pudessem. Então a performance continuou acontecendo uma vez por semana, de forma bem assídua, sempre que não fosse impossível. Katharine até o lembrava do projeto de manhã, como se fosse algo que tivessem de pôr em prática aquela noite e não devessem esquecer. Tinha dois nomes para aquilo. Um era "fazer bebê" e o outro era "nosso dever para com o Partido" (sim, ela usara mesmo essa expressão). Logo, logo, ele começou a sentir um medo verdadeiro quando chegava o dia marcado. Mas, por sorte, não veio criança nenhuma. Afinal, ela acabou concordando em desistir de tentar, e pouco depois os dois se separaram.

Winston deu um suspiro inaudível. Tornou a pegar a pena e escreveu:

Ela se jogou na cama e, imediatamente, sem nenhum tipo de preliminar, da forma mais grosseira e horrível que se possa imaginar, levantou a saia. Eu...

Winston se viu ali parado à luz fraca do lampião, com o cheiro de percevejo e perfume barato nas narinas e, no coração, um sentimento

de derrota e ressentimento que, mesmo naquele momento, vinha misturado com a lembrança do corpo claro de Katharine, congelado para sempre pelo poder hipnótico do Partido. Por que tinha que ser sempre assim? Por que não podia ter uma mulher que fosse sua em vez daqueles confrontos obscenos com intervalos de alguns anos? Mas um verdadeiro caso de amor era algo quase impensável. As mulheres do Partido eram todas iguais. A castidade era tão arraigada nelas quanto a lealdade ao Partido. Graças a um cuidadoso condicionamento precocemente iniciado, com jogos e água fria, com as bobagens que lhes impingiam na escola, nos Espiões e na Liga Juvenil, com as palestras, os desfiles, as canções, os slogans e a música marcial, todo sentimento natural fora expulso delas. A razão de Winston lhe dizia que devia haver exceções, mas seu coração não acreditava nisso. Eram todas inexpugnáveis, como o Partido desejava que fossem. E o que ele queria, mais ainda do que ser amado, era pôr abaixo aquele muro de virtude, mesmo que fosse apenas uma vez na vida. O ato sexual bem realizado era rebeldia. Desejo era pensamento-crime. Mesmo ter despertado Katherine, se ele tivesse conseguido isso, teria sido considerado sedução, embora ela fosse esposa dele.

Mas o resto da história tinha que ser escrito. Winston escreveu:

Aumentei a chama do lampião. Quando a vi na luz...

Depois da escuridão, a luz fraca do lampião a querosene parecera muito forte. Pela primeira vez, Winston conseguiu ver direito a mulher. Dera um passo em direção a ela e em seguida se deteve, cheio de desejo e terror. Estava dolorosamente consciente do risco que assumira em ir até lá. Era bastante possível que as patrulhas o pegassem na

saída; aliás, talvez já estivessem esperando do lado de fora. Se ele saísse sem sequer fazer o que fora fazer ali...!

Aquilo tinha que ser escrito, tinha que ser confessado. O que ele vira de repente à luz do lampião era que a mulher era VELHA. A pintura estava tão emplastrada em seu rosto que dava impressão de poder rachar como uma máscara de papelão. Havia mechas brancas em seu cabelo; mas o detalhe verdadeiramente horrível foi que sua boca se entreabrira, revelando nada mais que um negrume cavernoso. A mulher era totalmente desdentada.

Winston escreveu apressadamente, aos garranchos:

Sob a luz, vi que ela era uma mulher bem velha, de uns cinquenta anos pelo menos. Mas fui em frente e fiz o serviço assim mesmo.

Tornou a pressionar as pálpebras com os dedos. Afinal escrevera, mas não fazia diferença. A terapia não funcionara. O ímpeto de gritar palavras obscenas a plenos pulmões estava mais forte do que nunca.

"Se há esperança", escreveu Winston, "está nos proletas."

Se havia esperança, DEVIA estar nos proletas, porque só ali, naquelas massas negligenciadas, 85% da população da Oceania, poderia ser gerada a força capaz de destruir o Partido. O Partido não podia ser derrubado de dentro. Seus inimigos, se é que possuía quaisquer inimigos, não tinham como se agrupar e nem mesmo como identificar uns aos outros. Ainda que existisse a lendária Irmandade, como talvez era possível, era inconcebível que seus membros conseguissem se reunir em grupos de mais de duas ou três pessoas. Revolta significava olhar nos olhos, uma inflexão na voz, no máximo uma palavra sussurrada de vez em quando. Mas os proletas, se porventura pudessem de algum modo se conscientizar da própria força, não teriam necessidade de conspirar. Só precisavam se levantar e se sacudir, como um cavalo se sacudindo para espantar as moscas. Se quisessem, podiam explodir o Partido na manhã seguinte. Certamente, cedo ou tarde, lhes ocorreria fazer isso. E, no entanto...!

Lembrou-se de uma vez em que ia andando por uma rua repleta de gente quando um grito tremendo formado por centenas de vozes — vozes femininas — irrompera de uma rua secundária um pouco adiante. Era um grito impressionante de raiva e desespero, um "oh-oo-o-oh!" forte e profundo que ecoava como a reverberação de um sino. Seu coração pulou. Começou!, pensara. Uma revolta! Os proletas estão se libertando, afinal! Quando chegou ao local, viu uma multidão formada por duzentas ou trezentas mulheres reunidas ao redor das barracas de uma feira, ostentando no rosto a expressão trágica que teriam os passageiros condenados de um naufrágio. Mas então o

desespero geral se dividiu, transformando-se em várias brigas individuais. Aparentemente, uma das barracas andara vendendo panelas de lata. Eram recipientes frágeis e vagabundos, mas era sempre difícil encontrar qualquer tipo de panela. De repente, o estoque se esgotara. As mulheres que tinham tido sucesso, empurradas pelas demais, tentavam sair dali com suas panelas enquanto dezenas de outras reclamavam em volta da barraca, acusando o feirante de favoritismo e de ter mais panelas de reserva em algum lugar. Irromperam mais gritos. Duas mulheres gordas, uma delas com o cabelo desfeito, tinham conseguido agarrar a mesma panela, que uma tentava arrancar da mão da outra. Cada uma puxava para um lado, até que o cabo se soltou. Winston as observava, repugnado. No entanto, por um instante, que força quase assustadora soara naquele grito de apenas algumas centenas de gargantas! Por que não podiam gritar assim por alguma coisa importante?

Escreveu:

Enquanto não se conscientizarem, jamais se rebelarão e, enquanto não se rebelarem, não podem se conscientizar.

Aquilo, pensou, quase poderia ter sido a transcrição de uma das cartilhas do Partido. O Partido afirmava, é claro, ter libertado os proletas da escravidão. Antes da Revolução, eles eram oprimidos de forma odiosa pelos capitalistas. Passavam fome, eram açoitados, as mulheres eram forçadas a trabalhar em minas de carvão (na verdade, as mulheres ainda trabalhavam nas minas de carvão), crianças eram vendidas a fábricas aos seis anos. Mas, ao mesmo tempo, fiel aos princípios do duplipensar, o Partido ensinava que os proletas eram

naturalmente inferiores e deviam ser dominados, como animais, mediante a aplicação de regras simples. Na verdade, muito pouco se sabia a respeito dos proletas. Não era necessário saber muito. Desde que continuassem a trabalhar e procriar, suas atividades não tinham importância. Abandonados à própria sorte, como gado solto nos pampas da Argentina, haviam regredido a um estilo de vida que lhes parecia natural, uma espécie de padrão ancestral. Nasciam, cresciam nas sarjetas, começavam a trabalhar aos 12 anos, viviam um breve desabrochar de beleza e desejo sexual, casavam-se aos vinte anos, aos trinta estavam na meia-idade e em geral morriam aos sessenta. Trabalho físico pesado, cuidados com a casa e os filhos, desentendimentos banais com os vizinhos, filmes, futebol, cerveja e, sobretudo, jogos de azar preenchiam o horizonte de suas mentes. Mantê-los sob controle não era difícil. Alguns agentes da Polícia do Pensamento andavam sempre infiltrados entre eles, espalhando boatos e identificando e eliminando os poucos indivíduos julgados capazes de se tornarem perigosos. Mas ninguém tentava doutriná-los com a ideologia do Partido. Não era desejável que os proletas tivessem ideias políticas firmes. Tudo o que se exigia deles era um patriotismo primitivo, ao qual se podia apelar sempre que necessário para fazê-los aceitar horários de trabalho mais longos ou rações reduzidas. E mesmo quando ficavam insatisfeitos, como acontecia às vezes, sua insatisfação não levava a lugar algum, porque, sem ter ideias gerais, só conseguiam focar em queixas específicas menores. Os males maiores sempre escapavam à sua atenção. A grande maioria dos proletas sequer tinha teletela em casa. Até mesmo a polícia civil interferia muito pouco com eles. A criminalidade grassava em Londres, onde havia um mundo de ladrões, bandidos, prostitutas, traficantes de drogas e escroques de

todo tipo. Mas, uma vez que tudo acontecia entre os próprios proletas, não tinha importância alguma. Em todas as questões de moral, eles eram autorizados a seguir seu código ancestral. O puritanismo sexual do Partido não lhes era imposto. Não se punia a promiscuidade, permitia-se o divórcio. Aliás, até cultos religiosos seriam permitidos se os proletas demonstrassem, de alguma forma, sentir necessidade ou desejo de ter uma religião. Eles estavam aquém de suspeitas. Como dizia o slogan do Partido: "Proletas e animais são livres."

Winston esticou o braço e coçou com cuidado a úlcera varicosa. O ponto ao qual você invariavelmente voltava era a impossibilidade de saber como era de fato a vida antes da Revolução. Tirou da gaveta um exemplar de um livro infantil de história que a sra. Parsons lhe emprestara e começou a copiar uma passagem no diário:

Antigamente (dizia o livro), antes da gloriosa Revolução, Londres não era a bela cidade que conhecemos hoje. Era um lugar escuro, sujo e miserável onde quase ninguém tinha comida suficiente e onde centenas de milhares de pobres não possuíam botas nos pés, nem sequer um teto sob o qual dormir. Crianças da sua idade tinham que trabalhar 12 horas por dia para patrões cruéis que as chicoteavam se elas fossem muito lentas no trabalho e só as alimentavam com casca de pão dormido e água. Mas no meio de toda essa pobreza terrível, havia só uns poucos casarões bonitos, onde moravam homens ricos que tinham trinta criados para cuidar deles. Esses homens ricos eram chamados de capitalistas. Eram homens gordos, feios, com cara de mau, como o da ilustração na página ao lado. Você pode ver que ele está vestido com um casaco preto comprido que era chamado de sobrecasaca, e um chapéu esquisito, brilhante, em forma de chaminé, que se chamava cartola.

Esse era o uniforme dos capitalistas, e ninguém mais estava autorizado a usá-lo. Os capitalistas eram donos de tudo no mundo, e todas as demais pessoas eram suas escravas. Eles eram donos de todas as terras, todas as casas, todas as fábricas e todo o dinheiro. A pessoa que os desobedecesse, eles podiam jogar na prisão, despedi-la do emprego e fazê-la morrer de fome. Quando um ser humano comum falava com um capitalista, tinha que se encolher e se curvar, além de tirar o chapéu e chamá-lo de "Senhor". O chefe de todos os capitalistas era chamado de Rei, e...

Mas ele conhecia o resto da lista. Haveria menção aos bispos com suas sotainas, aos juízes com seus mantos de arminho, os pelourinhos, os cepos, a monotonia, os chicotes, o Banquete do Prefeito de Londres e a prática de beijar os pés do Papa. Também havia uma coisa chamada JUS PRIMAE NOCTIS, que provavelmente não seria mencionada num livro para crianças. Era a lei que dizia que todo capitalista tinha direito de dormir com qualquer mulher que trabalhasse em uma de suas fábricas.

Como seria possível saber o quanto disso era mentira? TALVEZ fosse verdade que a vida do ser humano médio estivesse melhor agora do que antes da Revolução. A única prova em contrário era o protesto mudo que se sentia nos ossos, a sensação instintiva de que as condições em que se vivia eram intoleráveis e que em outros tempos elas deviam ter sido diferentes. Parecia-lhe que a verdadeira característica da vida moderna não era a crueldade nem a insegurança, mas simplesmente a pobreza, a esqualidez, a apatia. A vida, quando se olhava em torno, não tinha a menor semelhança com as mentiras que jorravam das teletelas, nem com os ideais que o Partido estava tentando alcançar. Grandes áreas dela, mesmo para um membro do

Partido, eram neutras e apolíticas, uma questão de dar duro em trabalhos monótonos, disputar um lugar no metrô, cerzir meias puídas, mendigar um tablete de sacarina, poupar uma guimba de cigarro. O ideal definido pelo Partido era uma coisa imensa, terrível e cintilante — um mundo de aço e concreto, de máquinas monstruosas e armas aterrorizantes — uma nação de guerreiros e fanáticos, marchando adiante em perfeita união, todos pensando os mesmos pensamentos e gritando os mesmo slogans, perpetuamente trabalhando, lutando, triunfando, perseguindo — trezentos milhões de pessoas, todas com a mesma cara. A realidade eram cidades sombrias e decadentes onde pessoas subalimentadas andavam de um lado para o outro calçando sapatos furados, no interior de casas do século XIX precariamente reformadas cheirando sempre a repolho e banheiros entupidos. Winston parecia ter uma visão de Londres, vasta e arruinada, uma cidade de um milhão de latas de lixo, e envolvida nessa visão estava uma imagem da sra. Parsons, uma mulher de rosto enrugado e cabelo fino, mexendo num cano entupido sem saber o que fazer.

Ele esticou o braço e tornou a coçar o tornozelo. Dia e noite as teletelas agrediam os ouvidos das pessoas com estatísticas provando que as pessoas hoje em dia tinham mais comida, mais roupas, casas melhores, entretenimentos melhores — que viviam mais, trabalhavam menos, eram mais altas, mais saudáveis, mais fortes, mais felizes, mais inteligentes e recebiam uma educação melhor do que as de cinquenta anos atrás. Não se podia provar nem refutar uma só dessas afirmações. O Partido afirmava, por exemplo, que atualmente 40% dos proletas adultos eram alfabetizados: antes da Revolução, a proporção era de apenas 15%. O Partido afirmava que o índice de mortalidade infantil agora era de apenas 160 a cada mil, ao passo que antes da Revolução

era de trezentos — e assim por diante. Era como uma equação simples com duas incógnitas. Era muito possível que literalmente cada palavra dos livros de história, mesmo as coisas que eram aceitas sem questionamento, fosse pura fantasia. Até onde ele sabia, era possível que nunca tivesse existido uma lei como a de JUS PRIMAE NOCTIS, nem uma criatura como o capitalista, ou uma peça de vestuário como a cartola.

Tudo se transformava em névoa. O passado era apagado, a rasura era esquecida, a mentira se tornava verdade. Só uma vez na vida ele possuíra — DEPOIS do acontecimento: era isso que contava — provas concretas e inequívocas de um ato de falsificação. Tivera a prova entre os dedos por trinta segundos. Devia ter sido em 1973 — de qualquer modo, foi mais ou menos na época em que ele e Katharine tinham se separado. Mas o dado realmente relevante ocorrera sete ou oito anos antes.

A história começou realmente em meados da década de 1960, o período dos grandes expurgos em que os líderes originais da Revolução haviam sido eliminados de uma vez por todas. Em 1970, não sobrava nenhum deles, exceto o próprio Grande Irmão. Os demais, a essa altura, tinham sido expostos como traidores e contrarrevolucionários. Goldstein fugira e estava escondido não se sabia onde e, quanto aos outros, alguns haviam simplesmente desaparecido, enquanto a maioria fora executada depois de julgamentos públicos espetaculares em que confessavam seus crimes. Entre os últimos sobreviventes, estavam três homens chamados Jones, Aaronson e Rutherford. Os três provavelmente foram presos em 1965. Como sempre acontecia, eles sumiram por um ano ou mais, de modo que ninguém sabia se estavam vivos ou mortos, e depois reapareceram de repente para se incriminar

da maneira usual. Confessaram passar informações ao inimigo (naquela data, também, o inimigo era a Eurásia), desvio de dinheiro público, assassinato de vários membros leais do Partido, intrigas contra a liderança do Grande Irmão iniciadas bem antes da Revolução, e atos de sabotagem que causaram a morte de centenas de milhares de pessoas. Depois de confessar esses crimes, eles haviam sido perdoados, reconduzidos ao Partido e contemplados com postos que na verdade eram sinecuras, mas que soavam importantes. Os três haviam publicado artigos longos e abjetos no *Times,* analisando as razões de sua defecção e prometendo se corrigir.

Algum tempo depois da libertação deles, Winston efetivamente vira os três no Café da Castanheira. Lembrou-se do fascínio aterrorizado com que os observara de rabo de olho. Eram homens bem mais velhos do que ele, relíquias de um mundo antigo, quase as últimas figuras remanescentes dos dias heroicos do Partido. O glamour da luta clandestina e da guerra civil ainda se colava a eles. Tinha a sensação, embora já naquela época fatos e datas estivessem ficando confusos em sua mente, de que já conhecia os nomes deles muito antes de conhecer o Grande Irmão. Mas eles também eram foras da lei, inimigos, intocáveis, condenados, com absoluta certeza, à extinção em um ou dois anos. Eles eram cadáveres aguardando serem mandados de volta à sepultura.

Não havia ninguém nas mesas mais próximas a eles. Não era sensato ser visto na vizinhança desse tipo de gente. Estavam sentados em silêncio diante de copos do gim aromatizado com cravos que era a especialidade do café. Dos três, foi Rutherford o que mais impressionou Winston em termos de aparência. Rutherford tinha sido um caricaturista famoso, cujos cartuns violentos haviam ajudado a

inflamar a opinião pública antes e durante a Revolução. Mesmo agora, esporadicamente, seus cartuns saíam no *Times*. Eram simplesmente uma imitação de seu estilo anterior, curiosamente insípidos e pouco convincentes. Eram sempre uma repetição dos temas antigos: favelas, crianças famintas, brigas de rua, capitalistas de cartola — até nas barricadas os capitalistas pareciam se aferrar às suas cartolas, um esforço infinito e desesperado para voltar ao passado. Era um homem monstruoso, com uma juba de cabelo grisalho seboso, cara estufada e amassada, com grossos lábios negroides. Um dia deve ter sido fortíssimo. Agora seu corpanzil era flácido, desaprumado, inchado, todo despencado. O homem parecia estar se desintegrando à vista de todos, como uma montanha desmoronando.

Era a hora solitária, três da tarde. Winston não conseguia lembrar o que fazia no café numa hora daquelas. O lugar estava quase vazio. Uma música metálica fluía das teletelas. Os três homens estavam sentados em seu canto quase imóveis, mudos. Sem que ninguém pedisse, o garçom trouxe uma nova rodada de gim. Havia um tabuleiro de xadrez na mesa ao lado da deles, as peças posicionadas, mas nenhum jogo iniciado. Então, por talvez trinta segundos ao todo, algo aconteceu com as teletelas. A melodia que estava sendo tocada mudou, e o tom da música também. Uma nota entrou na melodia — mas era algo difícil de descrever. Uma nota peculiar, rachada, forte; mentalmente, Winston chamou-a de nota amarela. Então uma voz da teletela cantava:

"*À sombra da castanheira*
Vendi você, você me vendeu:
Lá estão eles, aqui, você e eu
À sombra da castanheira."

Os três homens não se mexeram. Mas, quando tornou a olhar para o rosto arruinado de Rutherford, Winston viu que ele tinha os olhos marejados. E pela primeira vez notou, com uma espécie de estremecimento interno, mas sem saber o MOTIVO daquele estremecimento, que Aaronson e Rutherford tinham o nariz quebrado.

Pouco depois, os três foram presos novamente. Aparentemente, tinham se envolvido em novas conspirações tão logo foram postos em liberdade. No segundo julgamento, tornaram a confessar todos os crimes antigos e mais uma série de novos. Cinco anos depois, em 1973, Winston estava abrindo um maço de documentos que acabara de cair do tubo pneumático sobre sua mesa quando se deparou com um fragmento de papel que evidentemente fora enfiado entre os outros e depois esquecido. No instante em que o abriu, viu sua importância. Era uma meia página arrancada de uma edição do *Times* de uns dez anos antes — a parte superior da página, de modo a incluir a data — e continha uma foto dos delegados presentes em alguma recepção do Partido em Nova York. Em destaque no centro do grupo estavam Jones, Aaronson e Rutherford. Não havia como confundi-los. De qualquer maneira, seus nomes constavam na legenda embaixo.

O problema era que, nos dois julgamentos, os três haviam confessado terem estado naquela data em solo eurasiano. Tinham partido de um campo de aviação secreto no Canadá para uma reunião em algum ponto da Sibéria, onde conferenciaram com eminentes membros do Estado-Maior eurasiano, a quem entregaram importantes segredos militares. Winston guardara a data porque, por acaso, era o dia do solstício de verão. Mas a história toda devia estar também registrada

em inúmeros outros lugares. Só havia uma conclusão possível: as confissões eram mentirosas.

Em si, isso não era uma descoberta, claro. Mesmo naquela época, Winston não imaginara que as pessoas que eram eliminadas nos expurgos tinham mesmo cometido os crimes de que eram acusadas. Mas aquilo era uma prova concreta. Era um fragmento do passado abolido, como um fóssil que aparece na camada errada e destrói uma teoria geológica. Era suficiente para desintegrar o Partido, se de alguma forma pudesse ser divulgada para o mundo, com sua importância revelada.

Winston seguira com seu trabalho. Assim que viu o que era a foto, e o que significava, cobriu-a com outra folha de papel. Felizmente, quando a desenrolara, ela estava de cabeça para baixo do ponto de vista da teletela.

Pôs a prancheta sobre o joelho e chegou a cadeira para trás, afastando-se o máximo possível da teletela. Conservar o rosto inexpressivo não era difícil, e até a respiração podia ser controlada, com algum esforço. Mas era impossível controlar os batimentos cardíacos, e a teletela era suficientemente sensível para captá-los. Deixou passar o que imaginou serem dez minutos, o tempo todo atormentado pelo temor de que algum acidente — uma corrente de ar repentina que soprasse por cima de sua mesa, por exemplo — o traísse. Depois, sem tornar a descobri-la, jogara a foto no buraco da memória, junto com outros papéis usados. Em mais um minuto, talvez, a foto teria virado cinzas.

Isso se passara havia dez, onze anos. Hoje, provavelmente, ele teria guardado a foto. Era curioso que o fato de a ter segurado entre os dedos lhe parecesse fazer diferença mesmo agora, quando a foto em si, bem

como o acontecimento que ela registrava, não passava de uma lembrança. Estaria o controle do Partido sobre o passado menos firme, perguntou-se ele, porque uma prova que não existia mais JÁ tinha existido?

Mas hoje, supondo que, de alguma maneira, pudesse ressurgir das cinzas, a foto poderia nem ser uma prova. Já na época em que ele fez a descoberta, a Oceania não estava mais em guerra com a Eurásia, e devia ter sido para os agentes da Lestásia que os três falecidos traíram seu país. Desde então, houve outras mudanças — duas, três, ele já perdera a conta. Muito provavelmente, as confissões tinham sido reescritas e reescritas, até os fatos originais e as datas perderem totalmente a importância. O passado, além de mudar, mudava continuamente. O que mais lhe dava uma sensação de pesadelo era nunca ter entendido com clareza por que a enorme impostura fora praticada. As vantagens imediatas de falsificar o passado eram óbvias, mas o motivo último era misterioso. Winston tornou a pegar da pena e escreveu:

Entendo COMO*, mas não entendo* POR QUÊ.

Perguntou-se, como já fizera tantas vezes antes, se era maluco. Talvez maluco fosse simplesmente uma minoria de um. Um dia, fora sinal de loucura achar que a Terra girasse em torno do Sol. Hoje, era acreditar que o passado é inalterável. Talvez fosse o ÚNICO a ter essa convicção, e sendo o único, seria maluco. Mas a ideia de ser maluco não o perturbava muito: o horror era que além disso ele estivesse errado.

Pegou o livro infantil de história e contemplou o retrato do Grande Irmão que compunha o frontispício. Os olhos hipnóticos fitavam os

dele. Era como se uma força gigantesca estivesse pressionando você — uma coisa que penetrava seu crânio, agredia seu cérebro, assustando-o a ponto de fazê-lo abandonar suas convicções, persuadindo-o quase a negar a evidência de seus sentidos. No fim, o Partido anunciaria que dois e dois eram cinco, e você teria que acreditar. Era inevitável que, mais dia menos dia, fizessem essa afirmação: a lógica da posição deles o exigia. Sua filosofia negava não só a validade da experiência, mas também a própria existência da realidade externa. A heresia das heresias era o senso comum. O mais apavorante não era eles matarem quem pensasse de outra maneira, mas a possibilidade de terem razão. Pois, afinal de contas, como sabemos que dois e dois são quatro? Ou que a força da gravidade atua? Ou que o passado é imutável? Se o passado e o mundo externo existem apenas na mente, e se a mente é controlável, e depois?

Mas não! Sua coragem de repente pareceu se firmar por conta própria. A cara de O'Brien, não evocada por quaisquer associações óbvias, veio-lhe à mente. Ele soube, com mais certeza que antes, que O'Brien estava do seu lado. Winston estava escrevendo o diário por O'Brien — para O'Brien: era como uma carta interminável que ninguém jamais leria, mas que era dirigida a uma determinada pessoa e, a partir daí, assumia um estilo.

O Partido lhe dizia para rejeitar a prova diante de seus olhos e seus ouvidos. Essa era sua ordem final, a mais essencial de todas. Winston ficou deprimido ao pensar no imenso poder organizado contra ele, na facilidade com que qualquer intelectual do Partido o derrubaria num debate, os argumentos sutis que ele não conseguiria entender e muito menos contestar. No entanto, ele tinha razão! Os outros estavam errados e ele estava certo. O óbvio, o tolo e o verdadeiro tinham que ser

defendidos. Os truísmos são verdadeiros, não se esqueça disso! O mundo real existe, suas leis não mudam. As pedras são duras, a água é molhada, os objetos sem apoio caem em direção ao centro da Terra. Com a sensação de que falava com O'Brien, e também apresentava um importante axioma, escreveu:

> *Liberdade é a liberdade de dizer que dois e dois são quatro. Se isso for garantido, tudo mais é consequência.*

Do fundo de uma galeria, o aroma de café sendo torrado — café de verdade, não o Café Victory — se propagava para a rua. Winston parou de forma involuntária. Por dois segundos, talvez, estava de volta ao mundo semiesquecido de sua infância. Então uma porta bateu, parecendo cortar o cheiro tão bruscamente quanto se fosse um som.

Ele andara vários quilômetros nas calçadas, e sua úlcera varicosa latejava. Era a segunda vez em três semanas que faltava a uma reunião no Centro Comunitário: um ato imprudente, pois podia-se ter certeza de que seu número de presenças no Centro era cuidadosamente monitorado. Em princípio, um membro do Partido não dispunha de tempo livre e nunca estava sozinho a não ser na cama. Presumia-se que, quando não estivesse trabalhando, comendo ou dormindo, estaria participando de alguma atividade de lazer comunitária: fazer qualquer coisa que sugerisse gosto pela solidão, mesmo sair sozinho para passear, era sempre ligeiramente perigoso. Havia uma palavra para isso em Novilíngua: VIDAPRÓPRIA, significando individualismo ou excentricidade. Mas naquela noite, quando saiu do ministério, foi tentado pelo ar ameno de abril. O céu estava de um azul mais cálido do que já vira naquele ano, e de repente a noite barulhenta no Centro, os jogos exaustivos e tediosos, as palestras, a falsa camaradagem movida a gim lhe pareceram intoleráveis. Por impulso, desviou do ponto de ônibus e se embrenhou no labirinto de Londres, primeiro na direção sul, depois oeste, depois de novo ao norte, perdendo-se por ruas desconhecidas sem se preocupar para que lado ia.

"Se há esperança, está nos proletas", escrevera no diário. As palavras ficavam voltando à sua cabeça, afirmação de uma verdade mística e de

um absurdo palpável. Ele estava em algum lugar das favelas confusas meio marrons, a norte e a leste do que no passado fora a Estação de Saint Pancras. Caminhava por uma rua de calçamento de pedra ladeada de casas de dois andares e portas desgastadas que davam direto na calçada e curiosamente pareciam buracos de rato. Havia poças de água suja aqui e ali no meio da rua. Entrando e saindo dos portais escuros e andando por becos estreitos que saíam de cada lado da rua, havia um enxame espantoso de gente — mocinhas na flor da idade, com os lábios grosseiramente pintados de batom, e rapazes que corriam atrás das mocinhas, e mulheres inchadas, com andar de pinguim, que eram uma amostra de como as mocinhas seriam dali a dez anos, e velhos curvados arrastando os pés virados para fora, e crianças descalças e maltrapilhas que brincavam nas poças e depois se dispersavam ao ouvir os gritos coléricos das mães. Talvez um quarto das janelas na rua estivessem quebradas e tampadas com tapumes. Quase ninguém reparava em Winston. Uns poucos o espiavam com uma espécie de curiosidade cautelosa. Duas mulheres monstruosas de antebraços cor de tijolo cruzados sobre os aventais conversavam em frente a uma porta. Winston captou trechos da conversa enquanto se aproximava.

— "É", eu falei pra ela, "tá tudo muito bem", falei. "Mas, no meu lugar, você tinha feito a mesma coisa. Criticar é fácil", eu falei, "mas você não tem os mesmos problemas que eu."

— Ah — disse a outra. — É mesmo. É isso mesmo.

As vozes estridentes calaram-se de repente. As mulheres o observaram num silêncio hostil enquanto ele passava. Mas não era bem hostilidade, apenas uma espécie de cautela, uma tensão momentânea, como a reação que se tem à passagem de um bicho desconhecido. Os

macacões azuis do Partido não podiam ser uma visão comum numa rua como aquela. Na verdade, não era prudente ser visto em lugares como aquele, a não ser que se tivesse um negócio definido na região. A pessoa podia ser detida se porventura topasse com as patrulhas. "Posso ver seus documentos, camarada? O que está fazendo aqui? A que horas saiu do trabalho? Esse é o seu caminho usual para ir para casa?", e assim por diante. Não que houvesse algum regulamento proibindo ir para casa por um caminho diferente: mas isso bastava para deixar a Polícia do Pensamento de olho em você, se viesse a saber.

De repente a rua inteira se alvoroçou. Gritos de alerta vinham de todos os lados. As pessoas entravam correndo como coelhos para se fechar em casa. Pouco à frente de Winston, uma jovem saiu correndo por uma porta, agarrou uma criancinha que brincava numa poça, envolveu-a com o avental e voltou voando para dentro, tudo num só movimento. No mesmo instante, um homem com um terno que parecia uma sanfona, saindo de um beco transversal, correu na direção de Winston e apontou todo alvoroçado para o céu.

— Vapor! — gritou. — Cuidado, patrão! Lá em cima! Depressa, se jogue no chão!

Vapor era o apelido que, por alguma razão, os proletas davam aos mísseis. Winston prontamente se atirou de bruços no chão. Os proletas quase sempre tinham razão quando davam esse tipo de aviso. Pareciam possuir uma espécie de instinto que avisava com vários segundos de antecedência da aproximação de um míssil, embora os mísseis supostamente voassem a velocidades supersônicas. Winston protegeu a cabeça com os braços. Houve um rugido que pareceu fazer a calçada tremer. Uma chuva de objetos leves caiu nas suas costas. Quando se

levantou, viu que estava coberto de estilhaços de vidro da janela mais próxima.

Seguiu em frente. A bomba demolira um grupo de casas da rua, duzentos metros adiante. Uma coluna de fumaça negra pairava no céu sobre uma nuvem de poeira dentro da qual já se formava uma multidão ao redor dos escombros. Mais adiante, avistou um monte de entulho em cujo centro havia uma risca bem vermelha. Quando chegou mais perto, viu que era uma mão humana decepada no punho. Com a exceção do coto ensanguentado, a mão estava tão branca que parecia um molde de gesso.

Chutou aquilo para a sarjeta e depois, para evitar a multidão, entrou numa ruela à direita. Em três ou quatro minutos, estava fora da área atingida pela bomba, e a vida sórdida e fervilhante das ruas seguia como se nada tivesse acontecido. Eram quase oito da noite, as casas que vendiam bebidas e eram frequentadas pelos proletas ("pubs" era como as chamavam) estavam apinhadas de fregueses. Das portas de vaivém encardidas que abriam e fechavam sem parar, vinha um cheiro de urina, serragem e cerveja azeda. Num ângulo formado pela fachada saliente de uma casa, havia três homens bem próximos uns dos outros, o do meio segurava um jornal dobrado que os outros dois estudavam por cima dos ombros dele. Mesmo antes de estar perto o suficiente para distinguir a expressão que tinham no rosto, Winston notou a concentração em todos os detalhes de suas posturas. Nitidamente, liam uma notícia séria. Estava a dois passos deles quando o grupo se desfez e dois dos homens começaram uma altercação violenta. Por um momento, pareceram a ponto de chegar às vias de fato.

— Não dá para você ouvir o que eu digo? Estou falando que em 14 meses não deu nenhum número terminado em sete!

— Deu, sim!

— Não deu, não! Lá em casa tenho todos os resultados dos últimos dois anos anotados num papel. Anoto sempre, regularmente, feito um relógio. E te digo que não saiu nada terminando em sete...

— Deu um sete, sim! Posso te dizer até o raio do número. Terminava em quatro zero sete. Foi em fevereiro. Na segunda semana de fevereiro.

— Fevereiro uma ova! Tenho tudo preto no branco. E te digo que nenhum número...

— Ah, parem com isso! — disse o terceiro homem.

Falavam da Loteria. Winston olhou para trás depois de andar trinta metros. Continuavam discutindo, os rostos animados, apaixonados. A Loteria, com seus enormes prêmios semanais, era o único acontecimento público ao qual os proletas de fato prestavam atenção. Era provável que houvesse alguns milhões de proletas para quem a Loteria era a principal, senão a única, razão de continuarem vivos. Era seu deleite, sua loucura, seu analgésico, seu estimulante intelectual. No que dizia respeito à Loteria, até mesmo pessoas que mal sabiam ler e escrever pareciam capazes de cálculos intrincados e incríveis façanhas mnemônicas. Havia toda uma tribo de homens que ganhavam a vida vendendo sistemas, prognósticos e amuletos da sorte. Winston nada tinha a ver com o funcionamento da Loteria, que era administrada pelo Ministério da Riqueza, mas estava ciente (na verdade, todos no Partido estavam cientes) de que os prêmios eram em grande parte imaginários. Só as quantias pequenas eram efetivamente pagas, e pessoas inexistentes eram as vencedoras dos prêmios maiores. Na ausência de qualquer intercomunicação real entre as partes da Oceania, não era difícil montar a estratégia. Mas, se havia esperança, estaria nos proletas. Era preciso se aferrar a isso. Verbalizada assim, a afirmação

fazia sentido: quando se olhava para os seres humanos na rua é que ela se transformava em ato de fé. A rua em que Winston estava era em declive. Ele teve a sensação de já ter estado ali antes, e de que havia uma grande avenida nas proximidades. De algum lugar mais adiante, chegava uma grande gritaria. A rua fazia uma curva acentuada e terminava numa escadaria que dava acesso a um beco onde alguns feirantes vendiam verduras um tanto murchas. Foi quando Winston se lembrou de onde estava. O beco ia dar na rua principal, e na próxima curva, a menos de cinco minutos dali, ficava a loja de quinquilharias onde ele comprara o caderno em branco que agora era o seu diário. E, numa pequena papelaria pertinho dali, ele comprara o porta-pena e o vidro de tinta.

Ficou um instante parado no alto da escadaria. Do outro lado do beco, viu um pequeno pub sujo cujas vidraças pareciam foscas, mas só estavam cobertas de poeira. Um homem muito velho, encurvado mas vigoroso, de bigodes brancos que se eriçavam para a frente como os de um camarão, empurrou a porta de vaivém e entrou. Enquanto observava, ocorreu-lhe que o velho, que devia ter no mínimo oitenta anos, já era um homem de meia-idade durante a Revolução. Ele e uns poucos como ele eram os únicos elos então existentes com o mundo extinto do capitalismo. No próprio Partido, não restava muita gente cujas ideias tivessem sido formadas antes da Revolução. Quase toda a geração mais velha tinha sido eliminada nos grandes expurgos dos anos 1950 e 1960, e os poucos sobreviventes foram levados pelo medo a um estado de rendição intelectual total. Se havia alguém vivo capaz de fazer um relato verdadeiro das condições na primeira metade do século, esse alguém só podia ser um proleta. De repente, voltou-lhe à cabeça um trecho do livro de história que ele copiara no diário, e ele foi

tomado por um impulso louco. Entraria no pub, faria amizade com aquele velho e o interrogaria. Diria: "Me fale da sua vida quando você era menino. Como era a vida nessa época? As coisas eram melhores que agora ou piores?"

Depressa, para não ter tempo de sentir medo, desceu a escadaria e atravessou a rua estreita. Era loucura, claro. Como sempre, não havia uma regra definida proibindo que se falasse com os proletas e se frequentasse seus pubs, mas era uma atitude muito pouco usual para passar despercebida. Se as patrulhas aparecessem, ele podia alegar um ataque de fraqueza, mas era provável que não acreditassem nele. Empurrou a porta e levou na cara um bafo horrível de cerveja azeda. Quando entrou, o barulho do vozerio caiu pela metade. Às suas costas, sentia todos os olhares examinando seu macacão azul. Um jogo de dardos que acontecia do outro lado do salão foi interrompido por uns trinta segundos, talvez. O velho que ele seguira estava em pé junto ao bar, discutindo com o barman, um rapaz alto e forte de nariz aquilino e antebraços enormes. Uma rodinha compacta de outros clientes em volta deles observava a cena de copo na mão.

— Perguntei com educação, não foi? — dizia o velho, endireitando os ombros, belicoso. — Está dizendo que não tem uma caneca de um quartilho nesta droga de boteco?

— E que raio é isso de quartilho? — indagou o barman, inclinando-se à frente com a ponta dos dedos sobre o balcão.

— Olha só! Se intitula barman e nem sabe o que é um quartilho! Ora, um quartilho é um quarto de galão. Tenho que te ensinar o abecê depois.

— Nunca ouvi falar — disse o barman bruscamente. — Litro e meio litro, é só o que a gente serve aqui. Os copos estão na prateleira aí na

sua frente.

— Eu quero um quartilho — insistiu o velho. — Você podia ter me tirado um quartilho com um pé nas costas. No meu tempo não tinha essas drogas de litros.

— No seu tempo, todo mundo ainda vivia em cima das árvores — disse o barman, com uma olhadela para os outros fregueses.

Houve uma gargalhada geral, e o mal-estar causado pela chegada de Winston pareceu desaparecer. O rosto do velho, com a barba branca despontando, ficou vermelho. Ele se virou, resmungando sozinho, e deu de cara com Winston. Winston pegou-o delicadamente pelo braço.

— Posso lhe oferecer uma bebida? — perguntou.

— Você é um cavalheiro — disse o outro, tornando a endireitar os ombros. Parecia não ter reparado no macacão azul de Winston.

— Um quartilho! — acrescentou agressivamente para o barman. — Um quartilho da loura.

O barman encheu com uma cerveja marrom-escura dois copos grossos de meio litro que enxaguara num balde embaixo do balcão. Nos bares dos proletas, cerveja era a única bebida que havia. Os proletas não deviam beber gim, embora, na prática, pudessem obter a bebida com bastante facilidade. O jogo de dardos estava novamente a pleno vapor, e a rodinha de homens no bar começara a falar sobre bilhetes de loteria. A presença de Winston foi esquecida por algum tempo. Havia uma mesa de pinho embaixo da janela, onde ele e o velho podiam conversar sem receio de serem ouvidos. Era perigosíssimo, mas de qualquer maneira não havia teletela na sala, detalhe de que Winston se certificara no momento em que lá entrou.

— Ele podia ter me tirado um quartilho — resmungou o velho ao se sentar atrás de seu copo. — Meio litro não basta. Não me satisfaz. E um

litro é demais. Solta a minha bexiga. Sem falar no preço.

— Você deve ter visto grandes mudanças desde que era moço — tentou Winston.

Os olhos azul-claros do velho moveram-se da placa do jogo de dardos para o bar, e dali para a porta do banheiro masculino, como se esperasse que as mudanças tivessem acontecido dentro daquele recinto.

— A cerveja era melhor — disse afinal. — E mais barata! Quando eu era moço, a cerveja jovem, que a gente chamava de loura, custava quatro *pence* o quartilho. Isso foi antes da guerra, claro.

— Que guerra foi essa? — perguntou Winston.

— É tudo guerra — disse o velho vagamente. Ergueu o copo e tornou a endireitar os ombros. — Um brinde para lhe desejar muita saúde!

Naquele pescoço magro, o pomo de adão pontiagudo fez um movimento surpreendentemente rápido para cima e para baixo, e a cerveja desapareceu. Winston foi até o bar e voltou com mais dois copos de meio litro. O velho aparentemente tinha se esquecido do preconceito contra beber um litro inteiro.

— Você é muito mais velho que eu — disse Winston. — Já devia ser adulto quando nasci. Pode se lembrar de como eram as coisas nos velhos tempos, antes da Revolução. Gente da minha idade não sabe quase nada dessa época. Só podemos ler sobre esses tempos em livros, e o que se diz nos livros pode não ser verdade. Eu gostaria de ter a sua opinião sobre isso. Os livros de história dizem que a vida antes da Revolução era totalmente diferente do que é agora. Era a maior opressão, injustiça e uma pobreza pior do que qualquer coisa que a gente possa imaginar. Aqui em Londres, as pessoas passavam a vida inteira sem conseguir comida suficiente para se alimentar bem. Metade

delas nem tinha uma bota para calçar. Trabalhavam 12 horas por dia, paravam de estudar aos nove anos e dormiam dez num quarto. E ao mesmo tempo havia um número muito pequeno de felizardos, só uns poucos mil, chamados de capitalistas, que eram ricos e poderosos. Eram donos de tudo que podia ser possuído. Viviam em casarões maravilhosos com trinta criados, circulavam de automóveis e carruagens puxadas por quatro cavalos, bebiam champanhe, usavam cartola...

O velho se animou de repente.

— Cartola! Engraçado você falar nisso. Ontem mesmo pensei em cartola, não sei por quê. Me dei conta de que não vejo uma há anos. Saiu de moda. A última vez que vi foi no funeral da minha cunhada. E isso foi em... bom, não sei dizer a data, mas deve ter sido há uns 15 anos. Era alugada, claro, você entende.

— As cartolas não têm muita importância. A questão é que esses capitalistas... eles e também uns poucos advogados e padres, e por aí vai, que viviam à custa deles... eram os senhores desta Terra. Tudo que existia era em proveito deles. O povão e os trabalhadores eram escravos deles. Podiam fazer o que bem entendessem com vocês. Podiam despachar vocês para o Canadá feito gado. Podiam ir para a cama com as filhas de vocês se quisessem. Podiam mandar açoitar vocês. Vocês tinham que tirar o chapéu quando passavam por eles. Todo capitalista andava com um bando de lacaios que...

O velho se animou de novo.

— Lacaios! — falou. — É uma palavra que não ouço há um tempão. Lacaios! Essa me leva lá pra trás, se leva! Eu me lembro, ah, faz tempo pra burro, às vezes eu ia no Hyde Park domingo à tarde pra ouvir os caras discursando. Exército da Salvação, católicos romanos, judeus,

indianos; tinha de tudo lá. E tinha um sujeito, bem, não sei lhe dizer o nome dele, mas era um orador fabuloso. E não usava meias palavras! "Lacaios!", dizia, "lacaios da burguesia! Puxa-sacos da classe dominante! Parasitas", essa era outra palavra para eles. E "hienas", chamava mesmo eles de "hienas". Claro que se referia ao Partido Trabalhista, você entende.

Winston teve a impressão de que os dois não estavam se entendendo.

— O que eu queria mesmo saber era o seguinte — disse. — Acha que você tem mais liberdade hoje do que naquela época? Tratam você mais como um ser humano? Antigamente, os ricos, as pessoas que estavam no poder...

— A Câmara dos Lordes — interveio o velho trazendo reminiscências.

— A Câmara dos Lordes, se quiser. O que estou perguntando é se essas pessoas podiam tratar vocês como inferiores só porque eram ricas e vocês eram pobres? É verdade, por exemplo, que vocês tinham que tratar os ricos de "*Sir*" e descobrir a cabeça quando passavam por eles?

O velho pareceu refletir profundamente. Bebeu mais ou menos um quarto da cerveja antes de responder.

— É — disse. — Gostavam que a gente desse um toque no chapéu pra eles. Mostrava respeito, parece. Eu não concordava com isso, mas fiz muito. Era obrigado, vamos dizer assim.

— E era comum, só estou citando o que já li nos livros de história, era comum essas pessoas e os criados delas empurrarem vocês da calçada para a sarjeta?

— Me empurraram uma vez — comentou o velho. — Lembro como se fosse hoje. Foi na noite da Regata das universidades. Ficavam muito briguentos na noite da Regata. E eu esbarrei com um rapaz na avenida Shaftsbury. Era gente fina: camisa social, cartola, casacão preto. Vinha

meio em zigue-zague pela calçada, e eu esbarrei nele sem querer. Ele falou: "Por que não olha por onde anda?" Aí eu respondi: "Tá pensando que é dono da calçada?" E ele falou: "Eu torço esse seu pescoço se você se meter comigo." Aí eu disse: "Você tá bêbado. Entrego você já, já." E, você não vai acreditar, ele botou as mãos no meu peito e me deu um empurrão que quase me jogou embaixo de um ônibus. Bem, eu era moço nessa época, e ia dar um soco nele, só que...

Uma sensação de impotência tomou conta de Winston. A memória do velho não passava de um monte de detalhes bobos. Podia passar o dia inteiro interrogando-o sem conseguir nenhuma informação relevante. As histórias do Partido ainda podiam ser verdade, até certo ponto: podiam até ser inteiramente verdade. Fez uma última tentativa.

— Talvez eu não tenha sido claro — insistiu. — O que estou tentando dizer é o seguinte: você já viveu muito. Viveu metade da sua vida antes da Revolução. Em 1925, por exemplo, já era adulto. Diria que, pelo que se lembra, a vida em 1925 era melhor que agora, ou pior? Se pudesse escolher, preferiria viver naquela época ou agora?

O velho olhou pensativo para a placa dos dardos. Terminou a cerveja, mais devagar que antes. Quando falou, foi com um ar tolerante e filosófico, como se a cerveja o tivesse amolecido.

— Sei o que espera que eu diga — falou. — Espera que eu diga que preferia ser moço de novo. Quase todo mundo responde que prefere ser moço, quando perguntam. Você é forte e saudável na juventude. Quando chega na minha idade, a gente nunca está bem. Sofro dos pés, e a minha bexiga está um horror. Me faz levantar da cama seis ou sete vezes por noite. Por outro lado, ser velho tem grandes vantagens. A gente não tem as mesmas preocupações. Não quer saber de mulher, e

isso é ótimo. Tem quase trinta anos que não tenho mulher, se quiser acreditar. Nem quis ter, ainda por cima.

Winston se recostou no parapeito da janela. Não adiantava prosseguir. Já ia comprar mais cerveja quando o velho de repente se levantou e correu arrastando os pés para o mictório fedorento do outro lado da sala. O meio litro adicional já estava fazendo efeito. Winston continuou sentado por um ou dois minutos, contemplando o copo vazio, e mal notou quando seus pés o levaram de novo para a rua. Em vinte anos no máximo, refletiu, deixaria de ser possível responder, de uma vez por todas, a importantíssima e simples pergunta "A vida era melhor antes da Revolução do que agora?". Mas, mesmo agora, efetivamente, era impossível respondê-la, uma vez que os esparsos sobreviventes do mundo antigo eram incapazes de comparar uma época com a outra. Lembravam-se de milhões de coisas inúteis, uma discussão com um colega de trabalho, a busca por uma bomba de bicicleta perdida, a expressão no semblante de uma irmã há muito falecida, as espirais de poeira numa manhã ventosa setenta anos atrás: mas todos os fatos relevantes estavam fora do alcance de sua visão. Eram como a formiga, capaz de enxergar pequenos objetos, mas não os grandes. E, quando a memória falhava e os registros escritos eram falsificados — quando isso acontecia, a afirmação do Partido de ter melhorado as condições da vida humana tinha que ser aceita, porque não existia, e nunca mais poderia existir, qualquer parâmetro em relação ao qual isso pudesse ser testado.

Nesse momento, o fio de seu raciocínio se interrompeu bruscamente. Ele estacou e ergueu os olhos. Estava numa rua estreita, com algumas lojinhas escuras entremeadas de casas residenciais. Logo acima de sua cabeça, viu penduradas três bolas de metal que aparentavam já terem

sido douradas. Pareceu-lhe reconhecer o lugar. Claro! Estava em frente à lojinha onde comprara o diário. Sentiu um arrepio de medo. Comprar o caderno já fora um ato suficientemente irresponsável, e ele jurara nunca mais chegar perto daquele lugar. Mas, no minuto em que dera asas aos seus pensamentos, seus pés, por conta própria, levaram-no de volta até lá. Era exatamente contra impulsos suicidas desse tipo que ele esperara se proteger iniciando o diário. Ao mesmo tempo, reparou que, apesar de serem nove horas da noite, a loja continuava aberta. Sentindo que chamaria menos atenção lá dentro do que parado na calçada, entrou. Se interrogado, podia plausivelmente dizer que estava tentando comprar lâminas de barbear.

O proprietário tinha acabado de acender um lampião a óleo que exalava um cheiro sujo, porém amigável. Era um homem de uns sessenta anos, talvez, frágil e encurvado, com um simpático nariz comprido e olhos afáveis distorcidos pelas grossas lentes dos óculos. Tinha a cabeça quase branca, mas as sobrancelhas eram fartas e ainda pretas. Os óculos, os movimentos agitados e o fato de estar usando um paletó velho de veludo preto davam-lhe um vago ar intelectual, como se ele tivesse sido uma espécie de literato, ou talvez músico. Sua voz era suave, como se apagada, e seu sotaque era menos corrompido que o da maioria dos proletas.

— Reconheci-o na calçada — disse imediatamente. — É o cavalheiro que comprou o álbum de recordações feminino. Era um belo papel. Chamava-se vergê creme. Não se faz mais papel assim há... eu diria que há uns cinquenta anos. — Espreitou Winston por cima dos óculos. — Posso ajudá-lo em alguma coisa? Ou só quer dar uma olhada pela loja?

— Eu estava de passagem — disse Winston vagamente. — Só entrei. Não estava procurando nada em especial.

— Melhor assim — disse o outro —, porque não acredito que eu pudesse servi-lo. — Fez um gesto com a mão de palma macia, desculpando-se. — Está vendo como é. A loja está vazia. Cá entre nós, o comércio de antiguidades praticamente acabou. Não há mais demanda, nem estoque. Móveis, louças, vidros, tudo foi se quebrando aos poucos. E claro, a maioria das coisas de metal já foi fundida. Há anos não vejo um castiçal de latão.

O interior minúsculo da loja de fato estava desconfortavelmente atulhado, mas ali não havia quase nada de algum valor. O espaço para circulação era muito restrito, pois, ao longo das paredes, havia uma quantidade enorme de molduras empoeiradas. Na vitrine, havia bandejas de porcas e parafusos, formões gastos, canivetes com lâminas quebradas, relógios manchados que nem sequer fingiam estar em condições de funcionar, e uma miscelânea de outros refugos. Só numa mesinha no canto havia uma confusão de bugigangas — caixas de rapé de laca, broches de ágata e coisas desse tipo — que dava a impressão de poder incluir algo de interessante. Quando Winston se aproximou da mesa, bateu os olhos numa coisa redonda e lisa que brilhava suavemente à luz do lampião, e pegou-a nas mãos.

Era um pedaço de vidro pesado, curvo de um lado e chato do outro, quase em forma de um hemisfério. Tinha, na cor e na textura, uma maciez peculiar, como a de água da chuva. No centro, ampliado pela superfície curva, via-se um estranho objeto cor-de-rosa enrolado que lembrava uma rosa ou uma anêmona.

— O que é isso? — perguntou Winston, fascinado.

— É um coral — respondeu o velho. — Deve ter vindo do oceano Índico. Costumavam incrustar corais em vidro. Isso tem no mínimo cem anos. Ou mais, pelo aspecto.

— É lindo — disse Winston.

— É lindo mesmo — concordou o outro, mostrando-se agradecido. — Mas hoje em dia não há muitos que dizem isso. — Tossiu. — Agora, se por acaso quiser comprar, são quatro dólares. Ainda me lembro quando uma peça como essa custava oitenta libras, e oitenta libras eram... bem, não consigo calcular agora, só sei que era muito dinheiro. Mas quem liga para antiguidades autênticas hoje, mesmo as poucas que restaram?

Winston imediatamente pagou os quatro dólares e enfiou no bolso o objeto cobiçado. O que o atraía naquilo não era tanto a beleza, mas o aspecto de que pertencia a uma época bem diferente da atual. O vidro delicado, parecendo molhado de chuva, não era como nenhum vidro que ele já tivesse visto. A coisa era duplamente atraente devido a sua aparente inutilidade, embora ele pudesse imaginar que fora concebida para servir de peso de papel. Pesava bastante em seu bolso, mas felizmente não fazia muito volume. Era um objeto esquisito, até comprometedor, para um membro do Partido carregar consigo. Qualquer coisa velha, ou qualquer coisa bela, era vagamente suspeita. O velho ficara visivelmente mais animado depois de receber os quatro dólares. Winston percebeu que ele teria aceitado três, ou mesmo dois.

— Há outra sala lá em cima em que talvez queira dar uma olhada — disse. — Não tem muita coisa. Só umas poucas peças. Vamos precisar de uma luz, se formos subir.

Acendeu outro lampião e, com as costas encurvadas, conduziu Winston lentamente pelos degraus íngremes e gastos através de um corredor minúsculo, entrando depois num cômodo que não dava para a rua, mas sim para um pátio calçado de seixos e para uma floresta de chapéus de chaminé. Winston reparou que a mobília continuava disposta como se o aposento estivesse arrumado para ser usado. Havia

uma passadeira no chão, um ou dois quadros nas paredes e uma poltrona funda e maltratada puxada para junto da lareira. Sob a janela, e ocupando um quarto do cômodo, havia uma cama enorme com o colchão ainda em cima.

— Moramos aqui até minha mulher morrer — disse o velho, como quem se desculpa. — Estou vendendo a mobília aos poucos. Pois bem, essa é uma bela cama de mogno, ou pelo menos seria se desse para tirar os percevejos. Mas acho que você a acharia meio pesada.

O lojista segurava o lampião no alto, para iluminar o quarto todo, e, àquela luz reduzida e quente, o ambiente parecia curiosamente acolhedor. Passou por um instante pela cabeça de Winston a ideia de que poderia ser bastante fácil alugar o quarto por uns poucos dólares por semana, se ousasse correr o risco. Era uma ideia descabida e absurda, a ser descartada tão logo concebida. Mas o aposento despertara nele uma espécie de nostalgia, uma espécie de memória ancestral. Parecia-lhe saber exatamente como seria a sensação de estar sentado num quarto como aquele, numa poltrona ao lado da lareira, com os pés apoiados no guarda-fogo e uma chaleira na placa de metal, completamente sozinho, completamente a salvo, sem ninguém vigiando, sem ninguém perturbando com chamados, sem nenhum barulho a não ser o assovio da chaleira e o tique-taque simpático do relógio.

— Não tem teletela! — murmurou, sem conseguir evitar.

— Ah — disse o velho. — Eu nunca tive essas coisas. É muito caro. E acho que nunca me fez falta, de certa forma. Olhe que bela mesinha de dobrar, aquela ali no canto. Mas claro que você precisaria trocar as dobradiças se quisesse usar as abas.

Havia uma pequena estante de livros no outro canto, e Winston já fora atraído em sua direção. A estante continha apenas coisas sem valor. A busca e a destruição de livros haviam sido feitas nos bairros proletas com tanto rigor quanto em qualquer outro lugar. Era muito improvável que existisse em qualquer ponto da Oceania um exemplar de um livro impresso antes de 1960. O velho, ainda segurando o lampião, estava parado diante de um quadro emoldurado em jacarandá do outro lado da lareira, em frente à cama.

— Agora, se por acaso tiver algum interesse em gravuras antigas... — começou delicadamente.

Winston se aproximou para examinar o quadro. Era uma gravura em metal representando um prédio oval de janelas retangulares, e uma pequena torre na frente. Havia uma grade rodeando o prédio e, nos fundos, algo que parecia ser uma estátua. Winston contemplou a gravura por alguns instantes. Pareceu-lhe vagamente familiar, embora não se lembrasse da estátua.

— A moldura está aparafusada na parede — disse o velho —, mas acho que eu conseguiria soltá-la para você.

— Eu conheço esse prédio — disse Winston, por fim. — Agora é uma ruína. Fica no meio da rua, em frente ao Palácio da Justiça.

— Isso mesmo. Em frente aos Tribunais de Justiça. Foi bombardeado em... ah, faz muitos anos. Era uma igreja, na época, São Clemente dos Dinamarqueses, chamava-se. — Riu, como quem se desculpa por estar dizendo conscientemente uma coisa meio ridícula, e acrescentou: — Laranjas e limões com sementes, dizem os sinos da São Clemente!

— O que é isso? — quis saber Winston.

— Ah, "Laranjas e limões com sementes, dizem os sinos da São Clemente". Era uma canção que cantávamos quando eu era pequeno.

Como continua eu não me lembro, mas sei que terminava assim: Tome uma vela para iluminar a cama, tome o cutelo para decapitar quem você ama. Era uma espécie de dança. As pessoas levantavam os braços para a gente passar por baixo, e quando cantavam "Tome o cutelo para decapitar quem você ama", abaixavam os braços e prendiam a gente. Eram só nomes de igrejas. De todas as igrejas de Londres... isto é, das principais.

Winston se perguntou vagamente de que século era a igreja. Era sempre difícil determinar a idade de um prédio de Londres. Tudo que fosse grande e imponente, se tivesse uma aparência razoavelmente nova, era automaticamente classificado como uma construção posterior à Revolução, ao passo que tudo que fosse visivelmente de uma data anterior era atribuído a um período turvo chamado Idade Média. Os séculos de capitalismo, considerava-se, não haviam produzido nada de valor. Aprender sobre história pela arquitetura era tão impossível quanto conhecê-la pelos livros. Estátuas, inscrições, lápides comemorativas, nomes de ruas — tudo o que pudesse lançar alguma luz sobre o passado tinha sido completamente alterado.

— Nunca soube que esse prédio tinha sido uma igreja — disse.

— Ainda sobrou um monte delas — disse o velho —, só que passaram a ser usadas para outros fins. Mas como era mesmo aquela canção? Ah! Já sei.

"*Laranjas e limões com sementes, dizem os sinos da São Clemente,*
Esse tostão é pra mim, dizem os sinos da São Martim..."

— Pronto, só vou até aí. Um tostão era uma moedinha de cobre parecida com a de um centavo.

— Onde era a São Martim? — perguntou Winston.

— A São Martim? Essa ainda está de pé. Fica na praça Victory, ao lado da galeria de quadros. Um prédio com uma espécie de pórtico triangular e pilares na frente, uma grande escadaria.

Winston conhecia bem o lugar. Era um museu usado para exibições de vários tipos de propaganda — miniaturas de mísseis e Fortalezas Flutuantes, cenas moldadas em cera ilustrando atrocidades cometidas pelos inimigos, e coisas desse tipo.

— São Martim dos Campos, se chamava — completou o homem —, embora eu não me lembre de nenhum campo por aquelas bandas.

Winston não comprou a gravura. Teria sido um objeto cuja posse seria ainda mais inconveniente que a do peso de papel, e impossível de levar para casa, a menos que fosse retirada da moldura. Mas demorou-se por mais alguns minutos, conversando com o velho, cujo nome, conforme descobriu, não era Weeks — como se depreenderia pelo letreiro na fachada da loja —, mas Charrington. O sr. Charrington, ao que parecia, era um viúvo de 63 anos e morava nessa loja havia trinta anos. Durante todo esse tempo, tivera a intenção de mudar o nome na vitrine, mas nunca chegou a concretizá-la. Enquanto conversavam, a canção não saía da cabeça de Winston. "Laranjas e limões com sementes, dizem os sinos da São Clemente", "Esse tostão é para mim, dizem os sinos da São Martim!" Era curioso como, quando recitava isso para si mesmo, você tinha de fato a ilusão de ouvir sinos, os sinos de uma Londres perdida que ainda existia em algum lugar. De um campanário fantasmagórico após outro, ele teve a impressão de ouvi-los repicarem. No entanto, até onde se lembrava, na vida real, nunca ouvira sinos de igreja tocando.

Despediu-se do sr. Charrington e desceu a escada sozinho, para não deixar o velho o ver fazer o reconhecimento da rua antes de sair. Já tinha decidido que, passado um tempo adequado — um mês, digamos —, se arriscaria a voltar à loja. Não seria mais perigoso do que gazetear por uma noite no Centro. A loucura grave tinha sido voltar ali depois da compra do diário e sem saber se o dono da loja era de confiança. Porém...!

Sim, pensou de novo, ele voltaria. Compraria outros belos refugos. Compraria a gravura da São Clemente dos Dinamarqueses e a levaria para casa escondida por baixo da jaqueta do macacão. Arrancaria da memória do sr. Charrington o resto daquele poema. Até o projeto louco de alugar o quarto do andar de cima tornou a passar rapidamente por sua cabeça. Por uns cinco segundos, talvez, a euforia o deixou descuidado, e ele saiu para a calçada sem antes dar uma olhada pela janela. Tinha até começado a cantarolar, numa melodia improvisada:

"*Laranjas e limões com sementes, dizem os sinos da São Clemente,*
Esse tostão é pra mim, dizem os..."

De repente, sentiu o coração gelar e as entranhas virarem água. Um vulto de macacão azul vinha pela calçada, a menos de dez metros de distância. Era a moça do Departamento de Ficção, a garota de cabelo escuro. A luz estava caindo, mas não foi difícil reconhecê-la. Ela o encarou, depois foi andando depressa como se não o tivesse visto.

Por alguns segundos, Winston ficou paralisado demais para se mexer. Depois, virou à direita e foi se afastando com passos pesados, sem reparar que ia para o lado errado. De qualquer maneira, isso resolvia uma questão. Não havia mais dúvida de que a garota o estava

espionando. Com certeza o seguira até ali, não dava para acreditar que fosse apenas por obra do acaso que ela estivesse passando pela mesma ruazinha obscura, a quilômetros de distância de qualquer bairro onde moravam os membros do Partido, na mesma noite que ele. Era muita coincidência. Se era mesmo uma agente da Polícia do Pensamento, ou simplesmente uma espiã amadora querendo mostrar serviço, não importava muito. Bastava que o estivesse vigiando. Provavelmente também o vira entrar no pub.

Caminhar era um esforço. A peça de vidro no seu bolso batia em sua coxa a cada passo, e ele estava quase decidido a jogá-la fora. O pior era a cólica na barriga. Por alguns minutos, teve a sensação de que morreria se não conseguisse chegar logo num banheiro. Mas, num bairro como esse, não devia haver nenhum banheiro público. Depois o espasmo passou, deixando em seu lugar uma pontada desagradável.

A rua era um beco sem saída. Winston estacou e ficou algum tempo se perguntando o que fazer até dar meia-volta e refazer os seus passos. Ao se virar, ocorreu-lhe que a garota passara por ele havia três minutos apenas e que, se corresse, talvez pudesse alcançá-la. Poderia segui-la até um lugar sossegado e depois esmagar seu crânio com uma pedra do calçamento. A peça de vidro em seu bolso teria peso suficiente para fazer o serviço. Mas logo abandonou a ideia, pois pensar em qualquer esforço físico já era intolerável. Não conseguiria correr, não conseguiria golpear ninguém. Além disso, a moça era jovem e forte e iria se defender. Winston pensou em ir depressa até o Centro Comunitário e ficar lá até o lugar fechar, e assim estabelecer um álibi parcial para aquela noite. Mas isso também era impossível. Estava tomado por uma lassidão mortal. Tudo o que queria era chegar em casa depressa, sentar-se e ficar quieto.

Passava das dez da noite quando chegou ao apartamento. Às 11, a central cortaria a luz. Entrou na cozinha e tomou quase uma xícara de Gim Victory. Depois foi até a mesa da alcova, sentou-se e tirou o diário da gaveta. Mas não o abriu logo. Da teletela, uma voz feminina estridente se esgoelava em uma canção patriótica. Ele fitava a capa marmorizada do caderno, tentando em vão calar a voz da sua consciência.

Era à noite que iam atrás de você, sempre à noite. O mais certo era você se matar antes de ser preso. Sem dúvida, muitos faziam isso. Muitos desaparecimentos eram, de fato, suicídios. Mas era preciso ter uma coragem desesperada para se matar num mundo em que as armas de fogo, ou qualquer tipo de veneno rápido e eficaz, eram completamente inacessíveis. Pensou com certa perplexidade na inutilidade biológica da dor e do medo, na traição do corpo humano que sempre se paralisa num estado de inércia exatamente no momento de necessidade de um esforço especial. Poderia ter silenciado a moça de cabelo escuro se tivesse agido com rapidez; precisamente pela seriedade do perigo que corria, perdera a capacidade de agir. Ocorreu-lhe que, em momentos de crise, nunca se está lutando contra um inimigo externo, mas sim contra o próprio corpo. Mesmo agora, apesar do gim, a pontada desagradável em sua barriga o impedia de raciocinar. E o mesmo acontecia, percebeu ele, em todas as situações aparentemente heroicas ou trágicas. No campo de batalha, na câmara de tortura ou num navio indo a pique, os problemas contra os quais a pessoa está lutando são sempre esquecidos, porque o corpo se dilata até ocupar todo o universo, e, mesmo quando não está paralisada pelo medo ou gritando de dor, a vida é uma luta incessante contra a fome ou

o frio ou o sono, contra uma queimação no estômago ou uma dor de dente.

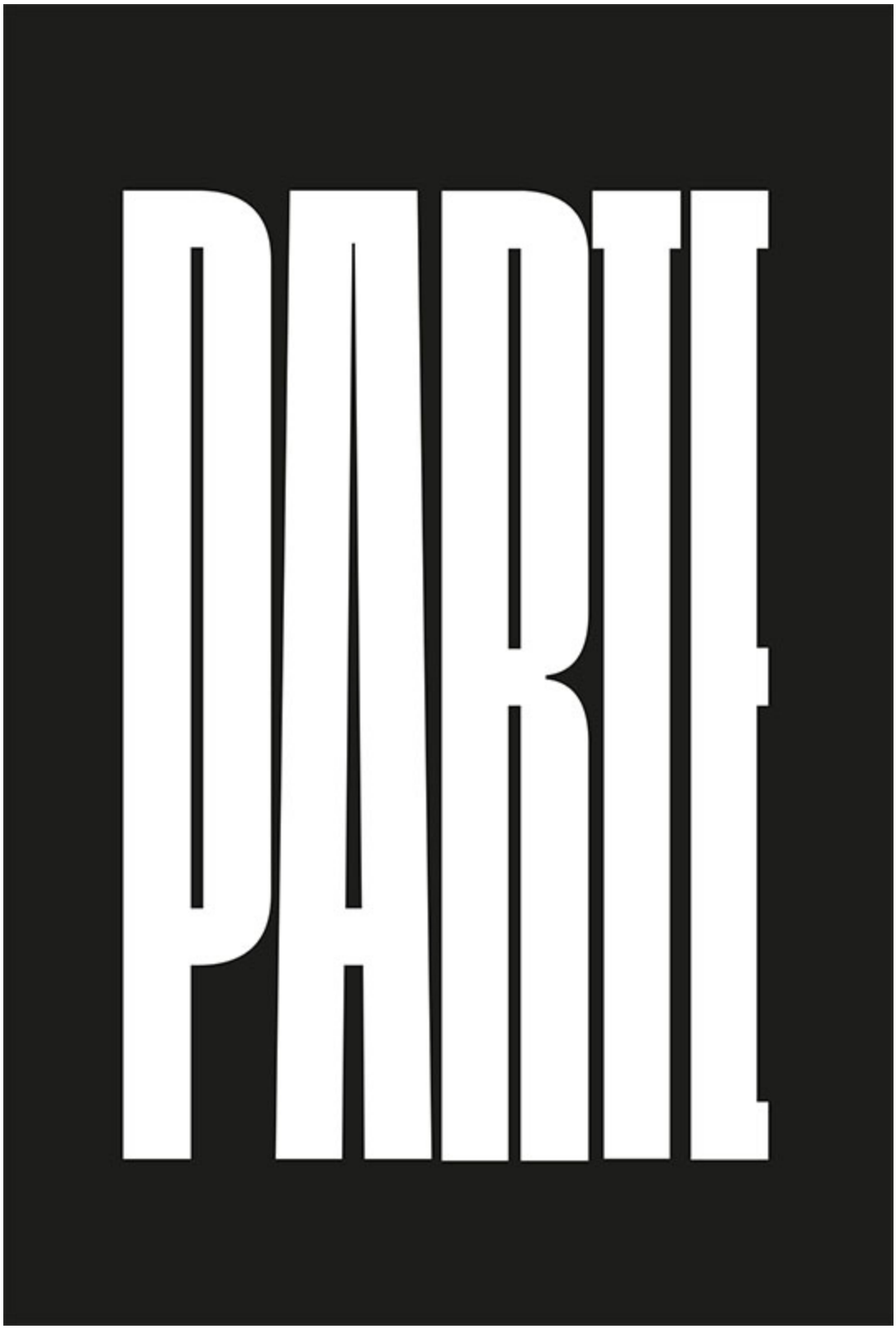
Abriu o diário. Era importante escrever algo. A mulher na teletela começara uma nova canção. Sua voz parecia enterrar-se no cérebro de Winston como estilhaços pontiagudos de vidro. Tentou pensar em O'Brien, por quem, ou para quem, o diário estava sendo escrito, mas em vez disso começou a pensar nas coisas que lhe aconteceriam depois que a Polícia do Pensamento o levasse. Não importava se matassem você na mesma hora. Ser morto era a sua expectativa. Porém, antes da morte (ninguém falava sobre isso, mas todos sabiam), havia todo o ritual da confissão: rastejar pelo chão e gritar por piedade, o estalo dos ossos se partindo, os dentes quebrados e os chumaços de cabelo ensanguentados.

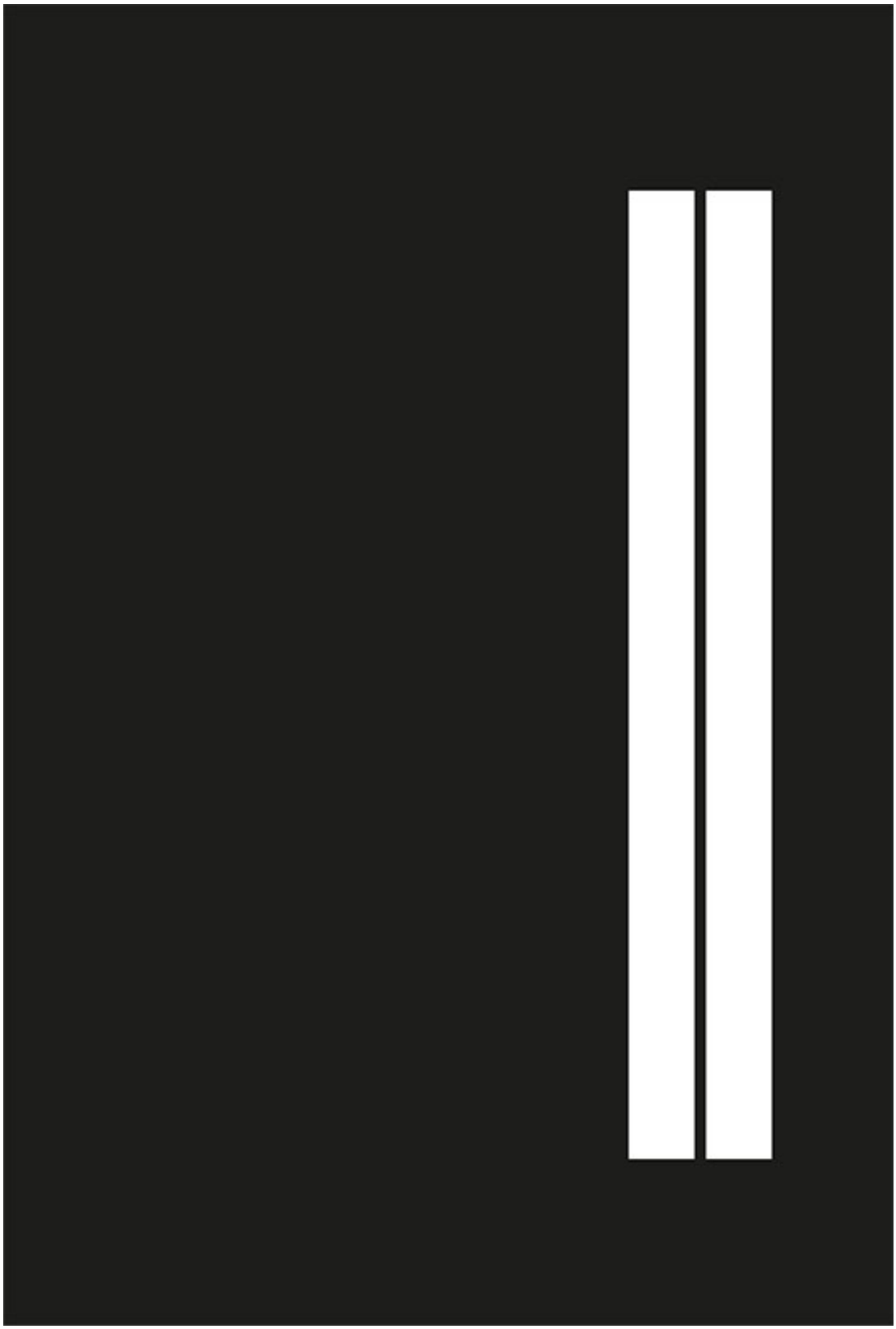
Por que você tinha que passar por isso, uma vez que o fim era sempre o mesmo? Por que não podia cortar uns poucos dias ou umas poucas semanas da vida? Ninguém escapava da detenção, e ninguém deixava de confessar. Uma vez que a pessoa sucumbia ao pensamento-crime, era certo que estivesse morta em determinada data. Por que então aquele terror, que nada alterava, tinha que estar incorporado no futuro?

Winston tentou, com um pouco mais de sucesso que antes, evocar a imagem de O'Brien. "Nos encontraremos no lugar onde não há escuridão", dissera-lhe O'Brien. Sabia, ou julgava saber, o que isso significava. O lugar onde não havia escuridão era o futuro imaginado, que ninguém jamais veria, mas que, por pressentimento, era possível compartilhar misticamente. Só que, com a voz da teletela se lamuriando em seus ouvidos, ele não conseguia continuar raciocinando. Pôs um cigarro na boca. Metade do tabaco logo lhe caiu na língua, um pó amargo que era difícil cuspir. O rosto do Grande

Irmão se insinuou em sua mente, desalojando o de O'Brien. Assim como fizera uns dias antes, tirou uma moeda do bolso e olhou para ela. A efígie lhe devolvia o olhar pesado, protetor: mas que tipo de sorriso se escondia por trás daquele bigode? Como um dobre fúnebre, as palavras lhe voltaram:

GUERRA É PAZ
LIBERDADE É ESCRAVIDÃO
IGNORÂNCIA É FORÇA


PART



Era o meio da manhã, e Winston deixara a baia para ir ao banheiro.

Uma figura solitária avançava em sua direção, vindo do outro extremo do longo corredor excessivamente iluminado. Era a garota de cabelo escuro. Quatro dias haviam se passado desde a noite em que a vira diante da loja de quinquilharias. Quando ela chegou mais perto, Winston viu que seu braço direito estava numa tipoia, o que não se percebia de longe porque a tipoia era da mesma cor do macacão. Provavelmente esmagara a mão ao manejar um dos grandes caleidoscópios que montavam as versões preliminares dos enredos dos romances. Era um acidente comum no Departamento de Ficção.

Estavam a cerca de quatro metros um do outro quando a garota tropeçou e se estatelou de cara no chão. A dor lhe arrancou um grito agudo. Ela devia ter caído bem em cima do braço machucado. Winston parou. A garota começara a se levantar e estava ajoelhada. No rosto empalidecido, destacava-se a boca mais vermelha que nunca. Tinha os olhos fixos nos dele, com uma expressão suplicante que parecia mais de medo que de dor.

Uma emoção estranha se manifestou no coração de Winston. Diante dele estava uma inimiga que tentava matá-lo. Diante dele, também, encontrava-se um ser humano com dor, e talvez com um osso quebrado. Instintivamente, deu um passo à frente para ajudá-la. No instante em que a viu cair sobre o braço enfaixado, foi como se sentisse a dor no próprio corpo.

— Você se machucou? — perguntou.

— Não é nada. Meu braço. Daqui a pouco fica bom.

Falava como se seu coração palpitasse. Ficara mesmo muito pálida.

— Não quebrou nada?

— Não, estou bem. Doeu na hora, só isso.

Ela estendeu a mão livre, e ele a ajudou a se levantar. Ela já recuperara a cor e parecia bem melhor.

— Não é nada — repetiu secamente. — Só levei uma pancada forte no punho. Obrigada, camarada!

E, em seguida, prosseguiu na direção em que ia antes, lépida como se de fato não fosse nada. O incidente todo não devia ter durado mais que meio minuto. Não permitir que os sentimentos transparecessem no rosto era um hábito que já adquirira a condição de instinto, e, de qualquer maneira, eles estavam bem na frente da teletela quando aquilo aconteceu. Mesmo assim, tinha sido muito difícil não trair uma surpresa momentânea, pois, nos dois ou três segundos em que ele a ajudara a se levantar, a garota passara alguma coisa para sua mão. Não havia dúvida de que fizera isso de propósito. Era uma coisinha pequena e plana. Quando passou pela porta do banheiro, colocou-a no bolso e apalpou-a com a ponta dos dedos. Era um pedacinho de papel dobrado em um quadrado.

Em pé diante do mictório, conseguiu desdobrar o papel com os dedos. Claro que devia haver algum tipo de mensagem escrita ali. Por um momento, ficou tentado a entrar numa das cabines e lê-la logo. Mas isso seria uma loucura completa, como bem sabia. Não havia lugar onde as teletelas fossem mais vigiadas.

Voltou para sua baia, sentou-se, jogou com displicência o pedacinho de papel no meio dos outros sobre a mesa, pôs os óculos e virou o ditógrafo em sua direção. Cinco minutos, disse a si mesmo. Cinco minutos no mínimo! Ouvia o coração bater no peito com uma força assustadora. Felizmente, o trabalho que fazia no momento era mera

rotina, a retificação de uma longa lista de números, algo que não necessitava de muita atenção.

O que quer que estivesse escrito no papel, devia ter algum sentido político. Até onde podia imaginar, havia duas possibilidades. Uma, a mais provável, era que a garota fosse uma agente da Polícia do Pensamento, como ele temera. Não sabia dizer por que a Polícia do Pensamento escolheria entregar suas mensagens daquela maneira, mas talvez tivessem suas razões. O que estava escrito no papel devia ser uma ameaça, uma convocação, uma ordem de suicídio, uma armadilha de algum tipo. Mas outra possibilidade mais extravagante assomava o tempo todo em seus pensamentos, embora ele tentasse em vão suprimi-la. A de que a mensagem não vinha da Polícia do Pensamento, mas sim de algum tipo de organização clandestina. Talvez a Irmandade existisse, afinal de contas! Talvez a garota fizesse parte dela! Não havia dúvida de que era uma ideia absurda, mas lhe viera à cabeça no instante em que sentira o papelzinho na mão. Só alguns minutos depois a outra explicação, bem mais provável, lhe ocorrera. E mesmo agora, embora seu intelecto lhe dissesse que a mensagem significava morte, ainda assim não era nisso que acreditava, e a esperança irracional persistia, e seu coração batia com força, e foi com dificuldade que não deixou a voz tremer enquanto murmurava os números para o ditógrafo.

Enrolou o lote de trabalho concluído e o enfiou no tubo pneumático. Oito minutos tinham se passado. Tornou a ajustar os óculos no nariz, suspirou e puxou para si o novo lote de trabalho, com o papelzinho em cima. Abriu-o. Nele estava escrito, numa letra grande e irregular:

AMO VOCÊ.

Por vários segundos, Winston ficou atordoado demais até para jogar o objeto incriminatório no buraco da memória. Quando o fez, embora perfeitamente ciente do perigo de mostrar muito interesse, não resistiu a lê-lo outra vez, só para se assegurar de que as palavras estavam mesmo ali.

Pelo resto da manhã, foi muito difícil trabalhar. O que era ainda pior do que ter que focar a mente numa série de tarefas irritantes era a necessidade de disfarçar a agitação diante da teletela. Sentia como se tivesse um incêndio dentro da barriga. O almoço na cantina quente, lotada e barulhenta foi um tormento. Esperara ficar algum tempo sozinho durante a hora de almoço, mas por azar o imbecil do Parsons surgira ao lado dele, com o odor forte de seu suor quase sobrepujando o cheiro metálico do ensopado, e não parou de falar sobre os preparativos da Semana do Ódio. Estava especialmente entusiasmado com um modelo em papel machê da cabeça do Grande Irmão, de dois metros de largura, que estava sendo confeccionado para a ocasião pelo grupo de Espiões de sua filha. O mais irritante era que, com todo aquele vozerio, Winston mal conseguia ouvir o que Parsons dizia, e a toda hora tinha que pedir que ele repetisse alguma observação idiota. Só por uma vez, vislumbrou a garota, sentada com duas outras a uma mesa no fundo da sala. Ela pareceu não o ver, e ele não tornou a olhar naquela direção.

A tarde foi mais suportável. Logo depois do almoço, chegou uma tarefa delicada e difícil que consumiria várias horas de trabalho e exigiria que deixasse tudo o mais de lado. Consistia em falsificar uma série de relatórios de produção de dois anos antes, de modo a desacreditar um membro importante do Partido Interno, que agora era visto com desconfiança. Era o tipo de trabalho que Winston fazia bem,

e por mais de duas horas conseguiu manter a garota longe de seu pensamento. Depois, a lembrança do rosto dela voltou, junto com um desejo avassalador, intolerável de ficar só. Enquanto não conseguisse ficar sozinho, seria impossível refletir sobre esse novo desdobramento. Aquela era uma de suas noites de Centro Comunitário. Engoliu outra refeição insossa na cantina, correu para o Centro, participou da tolice solene de um "grupo de discussão", jogou duas partidas de tênis de mesa, bebeu vários copos de gim e passou meia hora sentado ouvindo uma palestra intitulada "O Socing e o xadrez". Sua alma se contorcia de tédio, mas pela primeira vez não sentiu vontade de cabular sua noite no Centro. Diante das palavras AMO VOCÊ, o desejo de continuar vivo cresceu dentro dele, e a ideia de correr riscos menores de repente lhe pareceu idiota. Só depois das 11 da noite, quando já estava em casa deitado na cama — no escuro, onde ficaria protegido até da teletela desde que permanecesse calado —, conseguiu pensar com coerência.

Era um problema físico que tinha que ser resolvido: como entrar em contato com a garota e combinar um encontro. Já não pensava mais na possibilidade de ela estar lhe preparando alguma espécie de armadilha. Sabia que não, pela inequívoca agitação dela ao lhe entregar o bilhete. Estava visivelmente fora de si de tanto medo, como tinha razão para estar. A ideia de se furtar às investidas dela também não lhe passava pela cabeça. Havia apenas cinco noites que considerara a hipótese de afundar seu crânio com uma pedra, mas isso não era importante. Pensou em seu jovem corpo nu, como o vira no sonho. Imaginava-a tola como todas as outras, com a cabeça recheada de mentiras e ódio, o ventre cheio de gelo. Foi acometido por uma espécie de febre diante da ideia de que poderia perdê-la, de que aquele corpo claro e jovem pudesse lhe escapar! O que mais temia era a possibilidade de que ela

mudasse de ideia se ele não entrasse logo em contato com ela. Mas a dificuldade física do encontro era imensa. Era como tentar fazer uma jogada na partida de xadrez depois de já ter levado o xeque-mate. Para qualquer lado que virasse, havia uma teletela a encará-lo. Aliás, todos os meios possíveis de se comunicar com ela lhe ocorreram em menos de cinco minutos após a leitura do bilhete. Mas agora, com tempo para pensar, examinou um por um, como quem examina uma fileira de instrumentos colocados sobre uma mesa.

Obviamente, o tipo de encontro ocorrido aquela manhã não poderia se repetir. Se ela trabalhasse no Departamento de Registros, talvez fosse relativamente mais simples, mas ele só tinha uma ideia muito vaga da localização do Departamento de Ficção, e não tinha nenhuma desculpa para ir até lá. Se soubesse onde ela morava e a que horas saía do trabalho, poderia encontrar um jeito de encontrá-la em algum ponto do caminho para casa. Mas tentar segui-la até onde ela morava não era seguro, pois precisaria circular em frente ao ministério, o que certamente seria notado. Quanto a lhe enviar uma carta pelo correio, estava fora de questão. Nem sequer era um segredo o fato de que todas as cartas eram abertas em trânsito. Na verdade, poucos escreviam cartas. Para as mensagens que ocasionalmente precisavam ser enviadas, havia cartões-postais impressos com longas listas de frases, e bastava riscar as que não se aplicavam. De todo modo, nem sabia o nome da garota, e muito menos seu endereço. Finalmente, decidiu que o lugar mais seguro era a cantina. Se conseguisse apanhá-la sentada sozinha a uma mesa localizada mais para o meio da sala, não muito perto das teletelas, e com suficiente burburinho de conversas ao redor — se essas condições durassem por, digamos, trinta segundos, talvez fosse possível trocar algumas palavras com ela.

Por uma semana inteira depois disso, a vida pareceu um sonho agitado. No dia seguinte, ela só apareceu na cantina quando ele ia saindo, já depois do toque da cigarra. Era presumível que tivesse sido colocada em um turno posterior. Os dois se cruzaram sem se olhar. No dia seguinte, ela estava na cantina no horário habitual, mas com três outras garotas, e bem embaixo de uma teletela. Depois, por três dias atrozes, não apareceu. A mente e o corpo de Winston pareciam atormentados por uma sensibilidade insuportável, uma espécie de transparência, que transformava em agonia cada movimento, cada som, cada contato, cada palavra que ele tivesse que falar ou ouvir. Nem dormindo conseguia escapar completamente da imagem dela. Durante esses dias, não tocou no diário. Se havia algum alívio, estava em seu trabalho, durante o qual às vezes conseguia esquecer de si mesmo por dez minutos seguidos. Não tinha a menor ideia do que podia ter acontecido com ela. Não havia como investigar. Ela poderia ter sido vaporizada, ter se suicidado, ter sido transferida para o outro extremo da Oceania. Ou pior e mais provável ainda: poderia simplesmente ter mudado de ideia e resolvido evitá-lo.

No dia seguinte, ela reapareceu. Tirara a tipoia e tinha um esparadrapo em volta do pulso. O alívio de vê-la foi tão grande que ele não conseguiu resistir a olhar diretamente para ela por vários segundos. No outro dia, quase conseguiu falar com ela. Ao entrar na cantina, viu-a sentada a uma mesa bem afastada da parede, e sozinha. Era cedo, e o lugar ainda não estava muito cheio. A fila andou até Winston quase chegar ao balcão, depois parou por dois minutos porque uma pessoa na frente reclamava de não ter recebido o tablete de sacarina. Mas a garota continuava sozinha quando Winston pegou a bandeja e começou a se encaminhar para a mesa dela. Andava

displicentemente em sua direção, os olhos procurando um lugar em alguma mesa logo atrás. Ela estava a uns três metros dele. Dois segundos mais, e a coisa estaria feita. Então uma voz às suas costas chamou: "Smith!" Ele fingiu não ouvir. "Smith!", repetiu a voz, mais alto. Não adiantava. Ele se virou. Um jovem louro com cara de bobo chamado Wilsher, que ele mal conhecia, convidava-o com um sorriso para um lugar vago à sua mesa. Não era seguro recusar. Após ter sido reconhecido, ele não podia ir se sentar a uma mesa com uma garota desacompanhada. Chamaria muita atenção. Sentou-se com um sorriso simpático. A cara loura, boba, abriu-lhe um sorriso. Numa alucinação, Winston se viu dando com uma picareta bem no meio dela. Minutos depois, a vaga na mesa da garota foi ocupada.

Mas ela devia ter visto que ele ia na direção dela, e talvez tivesse captado o sinal. No dia seguinte, Winston teve o cuidado de chegar cedo. De fato, ela estava a uma mesa mais ou menos no mesmo lugar, e de novo sozinha. A pessoa logo à frente de Winston na fila era um homenzinho baixo, lépido de movimentos, semelhante a um besouro, com uma cara chata e olhinhos miúdos desconfiados. Ao se afastar do balcão com sua bandeja, Winston viu que o baixinho ia se dirigindo direto para a mesa da garota. De novo, suas esperanças naufragaram. Havia um lugar vago numa mesa mais afastada, mas algo na aparência do baixinho sugeria que ele estaria atento o bastante ao próprio conforto para escolher a mesa mais vazia. Com um banho de gelo no coração, Winston continuou andando. Não adiantava, a não ser que conseguisse encontrar a garota sozinha. Foi quando se ouviu um estrondo tremendo. O baixinho estava de quatro no chão. A bandeja tinha voado longe, dois rios de sopa e café escorriam pelo chão. Ele começou a se pôr de pé com uma cara feia para Winston, a quem

visivelmente atribuía a culpa por seu tropeção. Mas deu tudo certo. Cinco segundos depois, com o coração batendo forte, Winston estava sentado à mesa da garota.

Não olhou para ela. Retirou as coisas da bandeja e logo começou a comer. Era de suma importância falar imediatamente, antes que chegasse mais alguém, mas ele havia sido dominado por um medo terrível. Passara-se uma semana desde que ela se aproximara dele. Devia ter mudado de ideia, tinha de ter mudado de ideia! Era impossível que aquele caso terminasse bem; essas coisas não aconteciam na vida real. Talvez tivesse desistido completamente de falar com a garota se, naquele momento, não tivesse visto Ampleforth, o poeta de orelha cabeluda, vagar claudicantemente pela sala com uma bandeja, procurando um lugar para se sentar. Daquele seu jeito confuso, Ampleforth era apegado a Winston, e certamente viria sentar-se à sua mesa, se o visse. Tinha, talvez, um minuto para agir. Winston e a garota comiam em ritmo contínuo. O que comiam era um ensopado ralo, na verdade, uma sopa de vagem. Num murmúrio, Winston começou a falar. Nenhum deles ergueu os olhos; no mesmo ritmo, levavam à boca as colheradas do caldo aguado, e entre uma colherada e outra, trocavam as poucas palavras necessárias numa voz baixa e sem expressão.

— A que horas sai do trabalho?

— Às seis e meia da tarde.

— Onde podemos nos encontrar?

— Na praça Victory, perto do monumento.

— Está cheio de teletelas.

— Não tem importância, se tiver muita gente.

— Algum sinal?

— Não. Não se aproxime de mim enquanto não me vir no meio de um monte de gente. E não olhe para mim. Só fique por perto.

— A que horas?

— Às sete.

— Está certo.

Ampleforth não viu Winston e sentou-se a outra mesa. A garota e Winston não tornaram a falar e, até onde era possível em se tratando de duas pessoas sentadas uma em frente à outra, não se entreolharam. A garota terminou depressa de almoçar e foi embora, enquanto Winston ficou para fumar um cigarro.

Winston chegou à praça Victory antes da hora marcada. Ficou andando ao redor da base da enorme coluna canelada, de cujo topo a estátua do Grande Irmão olhava para o sul, em direção aos céus onde vencera os aviões eurasianos (os aviões da Lestásia, alguns anos antes) na Batalha da Faixa Aérea Um. Na rua em frente, havia uma estátua equestre de um homem que supostamente representava Oliver Cromwell. Às sete e cinco, a garota ainda não tinha aparecido. De novo, o medo terrível se apossou de Winston. Ela não vinha, mudara de ideia. Ele andou devagar para o norte da praça e sentiu uma espécie de prazer pálido ao identificar a Igreja São Martim, cujos sinos, na época em que tinha sinos, repicavam "Esse tostão é pra mim". Então ele viu a garota parada junto à base do monumento, lendo ou fingindo ler um pôster que subia em espiral coluna acima. Não era seguro se aproximar dela enquanto não houvesse uma aglomeração maior de gente. Havia teletelas ao redor de todo o frontão. Mas aí ouviu-se uma gritaria e uma barulheira de veículos pesados à esquerda. De repente, todo mundo parecia estar atravessando a praça correndo. A garota, lépida, contornou os leões da base e se juntou ao corre-corre. Winston foi

atrás. Enquanto corria, deduziu, pelo que as pessoas gritavam, que um comboio de prisioneiros eurasianos estava passando.

Uma massa compacta de gente já bloqueava o lado sul da praça. Winston, normalmente o tipo de pessoa que se afasta de qualquer tumulto, foi abrindo caminho a empurrões, safanões e contorcionismos até o centro da multidão. Logo estava a um braço de distância da garota, mas o espaço estava bloqueado por um proleta enorme e uma mulher tão grande quanto ele, provavelmente sua esposa, que pareciam formar uma muralha inexpugnável de carne. Winston virou de lado e, com uma arremetida violenta, conseguiu se espremer, passando o ombro entre eles. Por um momento, parecia que suas entranhas estavam sendo reduzidas a pasta entre aqueles dois quadris musculosos, depois, se viu do outro lado, suando um pouco. Estava ao lado da garota. Ombro a ombro, os dois olhavam fixamente à frente.

Uma longa fileira de caminhões, com guardas de expressão impassível armados com submetralhadoras em riste posicionados nos quatro cantos, descia lentamente a rua. Nos caminhões, espremidos e de cócoras, iam homenzinhos amarelos vestindo uniformes esverdeados surrados. Suas caras mongólicas tristes olhavam com o olhar parado, sem a mínima curiosidade, pelas laterais dos veículos. Às vezes, quando um caminhão sacolejava, ouvia-se um tinido de metal. Todos os prisioneiros vinham agrilhoados. Um atrás do outro, passavam os caminhões carregados de rostos tristes. Winston sabia que estavam ali, mas os via apenas intermitentemente. O ombro e o braço da garota até a altura do cotovelo estavam comprimidos contra os dele. Seu rosto estava tão perto que ele quase conseguia sentir seu calor. Ela imediatamente tomara conta da situação, como fizera na cantina. Começou a falar no mesmo tom de voz inexpressivo de antes, mal

movendo os lábios, um mero murmúrio facilmente abafado pelo rumor das vozes e dos caminhões.

— Está me ouvindo?

— Estou.

— Consegue ter a tarde de domingo livre?

— Consigo.

— Então ouça com atenção. Vai precisar se lembrar disso. Vá à estação Paddington...

Com uma espécie de precisão militar que deixou Winston espantado, ela traçou o itinerário que ele deveria seguir. Uma viagem de meia hora de trem; virar à esquerda ao sair da estação; dois quilômetros pela estrada; um portão sem a barra superior; uma trilha através de um campo; uma pista de grama; um caminho entre arbustos: uma árvore morta coberta de musgo. Era como se ela tivesse um mapa na cabeça.

— Vai conseguir se lembrar de tudo isso? — murmurou ela, por fim.

— Vou.

— Você vira à esquerda, depois à direita, e de novo à esquerda. E o portão não tem a barra de cima.

— Sim. A que horas?

— Lá pelas três da tarde. Talvez você tenha que esperar. Vou chegar por outro caminho. Tem certeza de que vai se lembrar de tudo?

— Tenho.

— Então se afaste de mim o mais depressa que puder.

Ela não precisava ter dito isso. Mas, no momento, não conseguiam se desvencilhar da multidão. A fileira de caminhões continuava passando, as pessoas continuavam insaciavelmente embasbacadas. No início, houvera algumas vaias e assovios, mas vinham somente dos membros do Partido que se encontravam no meio da aglomeração. A emoção

predominante era apenas de curiosidade. Os estrangeiros, fossem da Eurásia ou da Lestásia, eram uma espécie de animal estranho. Literalmente, nunca eram vistos senão em forma de prisioneiros, e mesmo como prisioneiros só se conseguia vê-los de passagem. Tampouco se sabia o que era feito deles, com a exceção dos poucos que eram enforcados como criminosos de guerra; os outros só desapareciam, e presumia-se que fossem enviados para campos de trabalhos forçados. As caras redondas de feições mongólicas deram lugar a rostos de tipo mais europeu, sujos, barbados e exaustos. De cima de maçãs do rosto raquíticas, olhos fitavam os de Winston, às vezes com estranha intensidade, e tornavam a se desviar. O comboio ia chegando ao fim. No último caminhão, ele viu um homem idoso, o rosto um emaranhado de pelos grisalhos, em pé e de punhos cruzados à frente, como se estivesse habituado a andar com eles amarrados. Estava quase na hora de Winston e a garota se separarem. Mas, no último momento, enquanto a multidão ainda os cercava, a mão dela procurou a dele e lhe deu um aperto fugaz.

Não deve ter durado nem mesmo dez segundos, e, no entanto, pareceu muito longo o tempo em que suas mãos se apertaram. Ele pôde aprender cada detalhe da mão dela. Explorou os longos dedos, as unhas bem-proporcionadas, a palma áspera e calejada pelo trabalho, a carne macia na parte interna do punho. Depois de senti-la meramente pelo tato, seria capaz de reconhecê-la de longe. No mesmo instante, ocorreu-lhe que não sabia de que cor eram os olhos dela. Deviam ser castanhos, mas havia algumas pessoas de cabelo escuro que tinham olhos azuis. Virar a cabeça e olhar para ela teria sido uma loucura inconcebível. De mãos dadas, invisíveis no meio dos corpos espremidos uns contra os outros, olhavam firmemente à frente, e em

vez dos olhos da garota, eram os olhos do prisioneiro idoso que miravam com tristeza Winston, perdidos em um ninho de pelos.

Winston avançou por um caminho que alternava trechos de luz e de sombra, pisando em poças douradas onde os galhos se separavam. Sob as árvores à esquerda, os jacintos toldavam o chão. O ar parecia beijar a pele. Era o dia dois de maio. De algum lugar mais coração da mata, vinha o arrulho de pombos-torcazes.

Estava um pouco adiantado. A viagem não apresentara dificuldades, e a garota demonstrara tanta experiência que ele se sentia menos assustado do que normalmente estaria. Era de presumir que podia confiar nela para encontrar um lugar seguro. De um modo geral, não se podia supor que no campo seria muito mais seguro que em Londres. Não havia teletelas, claro, mas sempre havia o perigo de microfones ocultos, que captavam sua voz e a reconheciam. Além disso, não era fácil viajar sozinho sem chamar a atenção. Para distâncias de menos de cem quilômetros, não era necessário visto no passaporte, mas às vezes havia patrulhas nas estações ferroviárias, e elas examinavam os documentos de qualquer membro do Partido que lá encontrassem e faziam perguntas inconvenientes. Porém nenhuma patrulha aparecera, e ao sair da estação, tendo o cuidado de olhar várias vezes para trás, Winston se certificara de que não era seguido. O trem estava cheio de proletas, todos em clima de festa por causa do bom tempo. No vagão com assentos de madeira em que viajou, uma única família lotara todos os lugares, a ponto de superlotar o carro. Espremiam-se lá desde uma avó desdentada a um bebê de um mês, todos indo passar a tarde com os contraparentes no campo e, como explicaram espontaneamente a Winston, comprar um pouco de manteiga no mercado negro.

O caminho se alargou, e um minuto depois ele chegou à trilha de que ela lhe falara, uma mera trilha para gado que mergulhava entre os arbustos. Não tinha relógio, mas ainda não deviam ser três horas. Os jacintos cresciam tão juntinhos que era impossível não pisar neles. Ele se ajoelhou e se pôs a colher alguns para passar o tempo, mas também com a vaga ideia de que gostaria de ter um ramo de flores para oferecer à garota quando se encontrassem. Reunira um grande ramo e estava aspirando seu cheiro levemente enjoativo quando um som às suas costas o paralisou, o inconfundível estalar de gravetos sendo pisados. Continuou colhendo os jacintos. Era o melhor a fazer. Podia ser a garota, ou talvez tivesse sido seguido, afinal de contas. Olhar em volta seria um atestado de culpa. Colheu uma flor, e mais outra. Uma mão pousou delicadamente em seu ombro.

Ergueu os olhos. Era a garota. Ela balançou a cabeça, nitidamente como um aviso de que ele devia manter silêncio, depois afastou os arbustos e o conduziu depressa pela trilha estreita que se embrenhava na mata. Era evidente que ela já passara por ali, pois se esquivava dos trechos pantanosos como se por hábito. Winston a acompanhava, ainda segurando o buquê de flores. Sua primeira sensação foi de alívio, mas, enquanto olhava para aquele corpo esguio andando à sua frente, com a faixa escarlate ajustada na cintura apenas o suficiente para realçar as curvas sinuosas, a sensação de sua própria inferioridade começou a lhe pesar. Mesmo agora, parecia muito provável que, quando se virasse e olhasse para ele, ela recuaria. A doçura do ar e o verde das folhas o intimidavam. Já ao sair da estação, o sol de maio o fizera sentir-se sujo e debilitado, um ser de ambientes fechados, com a poeira fuliginosa de Londres entranhada nos poros. Ocorreu-lhe que, até aquele momento, provavelmente ela nunca o vira ao ar livre em

plena luz do dia. Chegaram à árvore caída mencionada. A garota pulou por cima do tronco e forçou para os lados os arbustos, nos quais não parecia haver qualquer brecha. Quando a seguiu, Winston viu que estavam numa clareira natural, um morrinho coberto de relva rodeado de mudas altas que o encerravam completamente. A garota parou e virou-se.

— Chegamos — disse.

Ele estava a vários passos de distância, diante dela. Por enquanto, não ousava se aproximar.

— Eu não queria falar nada no caminho — prosseguiu ela —, pois podia haver algum microfone escondido. Há sempre o risco de um daqueles porcos reconhecer a nossa voz. Aqui é seguro.

Ele continuava sem coragem de se aproximar.

— Aqui é seguro? — repetiu tolamente.

— Sim. Veja as árvores. — Eram pequenos freixos brotados após um corte, criando uma floresta de postes, nenhum deles mais grosso que um punho. — Nenhum tem tamanho para ocultar um microfone no interior do tronco. Além disso, já estive aqui antes.

Estavam apenas jogando conversa fora. Agora, ele já conseguira se aproximar mais. Ela estava em pé à sua frente, muito empertigada, sorrindo com o que aparentava ser uma leve ironia de quem se pergunta por que ele está demorando tanto para agir. Os jacintos tinham despencado no chão. Pareciam ter caído por vontade própria. Winston pegou a mão dela.

— Você acredita — disse — que até agora eu não sabia a cor dos seus olhos? — Eram castanhos, notou, de um tom bastante claro, com cílios escuros. — Agora que já me viu como eu realmente sou, ainda aguenta olhar para mim?

— Sim, com facilidade.

— Tenho 39 anos. Tenho uma esposa da qual não consigo me livrar. Tenho varizes. Tenho cinco dentes postiços.

— Não dou a mínima — disse a garota.

De repente, é difícil dizer por iniciativa de quem, ela estava nos braços dele. No início, Winston não sentiu nada a não ser pura incredulidade. O corpo jovem pressionava o seu, a cabeleira escura colava-se em sua cara, e sim! Ela de fato virara o rosto para cima e ele estava beijando aquela generosa boca vermelha. Ela envolvera seu pescoço com os braços, chamava-o de querido, tesouro, meu amor. Ele a puxara para se deitar no chão, ela não ofereceu a menor resistência, ele podia fazer com ela o que quisesse. Mas a verdade era que ele não experimentava nenhuma sensação física a não ser a do simples contato. Tudo o que sentia era incredulidade e orgulho. Estava contente por aquilo estar acontecendo, mas não sentia desejo físico. Tudo tinha sido muito rápido, a juventude e a beleza dela o assustavam, já havia se acostumado a viver sem mulheres — não sabia por quê. A garota se soergueu e tirou um jacinto da cabeça. Sentou-se encostada nele, envolvendo sua cintura com o braço.

— Não se preocupe, querido. Não há pressa. Temos a tarde inteira. Não é maravilhoso este esconderijo? Descobri-o uma vez em que me perdi numa caminhada comunitária. Daqui se ouve uma pessoa andando a cem metros de distância.

— Qual é o seu nome? — perguntou Winston.

— Julia. O seu, eu sei. É Winston. Winston Smith.

— Como descobriu?

— Imagino que sou melhor do que você para descobrir as coisas, querido. Me diga, o que achava de mim antes do dia em que lhe

entreguei o bilhete?

Winston não se sentia nada tentado a mentir para ela. Era até uma espécie de oferenda de amor começar contando o pior.

— Eu sentia raiva só de olhar pra você — disse. — Queria estuprá-la e depois matá-la. Há duas semanas, pensei seriamente em esmagar a sua cabeça com uma pedra do calçamento. Se quiser mesmo saber, pensei que você tivesse alguma ligação com a Polícia do Pensamento.

A garota riu deliciada, nitidamente levando isso como um tributo à excelência de seu disfarce.

— A Polícia do Pensamento! Você pensou mesmo isso?

— Bem, talvez não exatamente isso. Mas pelo seu aspecto... só o fato de você ser jovem e saudável, entende, achei que provavelmente...

— Você achou que eu fosse um bom membro do Partido. Pura em palavras e obras. Bandeiras, desfiles, slogans, jogos, caminhadas comunitárias e essa coisa toda. E achou que, se eu tivesse alguma chance, denunciaria você como criminoso do pensamento e faria com que fosse executado?

— É, mais ou menos por aí. Muitas moças são assim, você sabe.

— É essa coisa nojenta que faz isso — disse ela, arrancando a faixa escarlate da Liga Juvenil Antissexo e atirando-a para cima de um galho. Depois, como se o ato de tocar na cintura a tivesse lembrado de alguma coisa, pôs a mão no bolso do macacão e sacou dali uma barrinha de chocolate. Partiu-a em dois e deu uma metade a Winston. Mesmo antes de pegá-la, ele soube pelo cheiro que era um tipo muito incomum de chocolate. Era escuro, brilhante, e vinha embrulhado em papel prateado. Chocolate costumava ser uma coisa castanha fosca farinhenta com gosto de fumaça de incinerador de lixo, se é que se podia descrever algo dessa maneira. Logo de cara, o aroma daquele lhe

despertou uma lembrança que ele não conseguiu identificar, mas era forte e perturbadora.

— Onde arranjou isso? — perguntou.

— No mercado negro — respondeu ela com indiferença. — Acho que sou mesmo esse tipo de garota, para quem vê de fora. Sou boa nos jogos. Fui comandante da tropa nos Espiões. Faço trabalho voluntário três vezes por semana para a Liga Juvenil Antissexo. Já passei horas e horas colando o raio do lixo deles por toda Londres. Sempre carrego uma ponta da faixa nos desfiles. Vivo de cara alegre e nunca me esquivo de nada. Grite sempre com a multidão, é o que eu digo. É o único jeito de estar em segurança.

O primeiro pedacinho do chocolate tinha derretido na língua de Winston. O sabor era delicioso. Mas ainda havia aquela lembrança rondando os limites de sua consciência, alguma coisa intensamente sentida, mas não redutível a uma forma definida, como algo visto de rabo de olho. Afastou-a para longe, ciente apenas de que era a lembrança de um ato que ele gostaria de desfazer, mas não podia.

— Você é muito jovem — disse. — Tem dez ou 15 anos a menos do que eu. O que viu de atraente num homem como eu?

— Foi alguma coisa no seu rosto. Resolvi arriscar. Sou boa em identificar pessoas que não se enquadram. Assim que o vi, soube que era contra ELES.

ELES, ao que parecia, significava o Partido, e sobretudo o Partido Interno, sobre o qual ela falava com um ódio declarado e sarcástico que fazia Winston se sentir desconfortável, embora soubesse que estavam em segurança ali, se é que podiam estar em segurança em algum lugar. Uma coisa que o espantava nela era o linguajar grosseiro. Os membros do Partido não deviam praguejar, e o próprio Winston raramente o

fazia. Em voz alta, pelo menos. Julia, no entanto, parecia incapaz de mencionar o Partido, e especialmente o Partido Interno, sem usar palavras do tipo que se viam rabiscadas a giz nos becos cheios de infiltrações. Aquilo não o desagradava. Era meramente o sintoma de sua revolta contra o Partido e todos os seus métodos, e de alguma forma parecia natural e saudável, como o espirro de um cavalo que sente o cheiro de feno estragado. Tinham saído da clareira e passeavam de novo na sombra quadriculada, com os braços em volta das respectivas cinturas sempre que a trilha se alargava o suficiente para que caminhassem lado a lado. Ele reparou que a cintura dela parecia muito mais macia agora sem a faixa. Só falavam baixinho. Fora da clareira, disse Julia, era melhor ir em silêncio. Agora tinham chegado no limite do bosquezinho. Ela o deteve.

— Não saia em campo aberto. Pode haver alguém vigiando. É mais seguro ficarmos atrás da vegetação.

Estavam à sombra de umas aveleiras. A luz do sol, coada por incontáveis folhas, continuava quente em seus rostos. Winston olhou para o campo adiante e teve um curioso e lento choque de reconhecimento. Conhecia o campo de vista. Um pasto antigo, roído rente, atravessado por uma trilha sinuosa e pontilhado de montículos de terra aqui e ali. Na sebe danificada do outro lado do campo, a brisa balançava muito de leve os galhos dos olmos, cujas folhas apenas estremeciam em densas massas semelhantes a cabeleiras de mulher. Com certeza, em algum lugar próximo, mas não à vista, devia haver um riacho formando poças verdes onde nadavam bordalos.

— Não tem um riacho por aqui? — sussurrou ele.

— Tem, sim. Fica no limite do próximo campo, na verdade. E tem peixes. Uns bem grandes. Dá pra gente os ver abanando o rabo nas

poças embaixo dos salgueiros.

— É a Terra Dourada... quase — murmurou ele.

— Terra Dourada?

— Não é nada, sério. É uma paisagem que já vi umas vezes em sonhos.

— Olhe! — sussurrou Julia.

Um tordo pousara num galho a menos de cinco metros dali, quase no nível do rosto deles. Talvez não os tivesse visto. Estava ao sol, eles à sombra. Abriu as asas, tornou a recolhê-las cuidadosamente, abaixou a cabeça por um instante, como se estivesse fazendo uma reverência ao sol, e depois começou a desenvolver um canto caudaloso. No silêncio da tarde, o volume do canto era espantoso. Winston e Julia se abraçaram, fascinados. A melodia prosseguia, minuto após minuto, com variações incríveis, que nunca se repetiam, quase como se o pássaro estivesse deliberadamente exibindo o seu virtuosismo. Às vezes se interrompia por alguns segundos, abria e recolhia as asas, depois estufava o peito sarapintado e recomeçava a cantar. Winston observava com uma espécie de vago respeito. Para quem, para quê, a ave estaria cantando? Não havia cara-metade nem rival olhando. O que o levara a pousar na margem do bosque solitário e derramar sua música no nada? Perguntou-se se afinal não haveria algum microfone por ali. Ele e Julia haviam falado aos sussurros, e o dispositivo não captaria o que tinham dito, mas captaria o tordo. Talvez, do outro lado do aparelho, houvesse um homenzinho com aspecto de besouro ouvindo atentamente — ouvindo aquilo. Mas, aos poucos, a enxurrada de música expulsou de sua mente todas as especulações. Era como um líquido despejado sobre ele, algo que se combinava com a luz do sol coada pelas folhas. Winston parou de raciocinar e simplesmente sentiu.

A cintura da garota estava macia e quente na dobra de seu braço. Puxou-a para si, de modo que o peito dela tocasse o seu. O corpo dela pareceu fundir-se com o dele. Onde quer que passassem, suas mãos encontravam a mesma resistência da água. Suas bocas se colaram uma na outra. Foi bem diferente dos beijos que haviam trocado mais cedo. Quando tornaram a se descolar um do outro, ambos deram suspiros profundos.

Winston encostou os lábios na orelha de Julia.

— Agora — murmurou.

— Aqui não — murmurou ela em resposta. — Vamos voltar para o esconderijo. É mais seguro.

Depressa, com um ou outro estalar de gravetos, refizeram seus passos até a clareira. Quando já estavam dentro do círculo das árvores brotadas, Julia se virou para ele. Estavam ambos ofegantes, mas o sorriso voltara ao canto dos lábios dela. Ela ficou um instante olhando para Winston, depois procurou o zíper do macacão. E, sim!, era quase como no sonho dele. Com uma agilidade bem parecida com a que ele imaginara, ela arrancou as roupas, e quando as atirou para o lado foi com o mesmo gesto magnífico pelo qual toda uma civilização parecia ser aniquilada. Seu corpo branco cintilava ao sol. Mas, por um momento, ele não olhou para o corpo dela. Seus olhos estavam ancorados no rosto sardento com aquele leve sorriso atrevido. Ajoelhou-se diante dela e segurou suas mãos.

— Já fez isso antes?

— Claro. Centenas de vezes... bom, uma porção de vezes.

— Com membros do Partido?

— Sim, sempre com membros do Partido.

— Com membros do Partido Interno?

— Não, com aqueles porcos, não. Mas um monte deles FARIA isso, se tivesse oportunidade. Eles não são os santos fingem ser.

Winston exultou. Uma porção de vezes, ela fizera aquilo: ele desejou que tivessem sido centenas — milhares. Qualquer coisa que sugerisse corrupção sempre lhe dava uma esperança louca. Vai ver que, sob a superfície, o Partido estava podre, seu culto ao trabalho extenuante e à abnegação não passava de uma farsa encobrindo a iniquidade. Se ele pudesse infectar aquele bando todo com lepra ou sífilis, com que alegria o faria! Qualquer coisa para apodrecer, enfraquecer, minar! Puxou-a para baixo, de modo que ficaram ajoelhados um de frente para o outro.

— Escute. Quanto mais homens você tiver tido, maior o meu amor por você. Entende isso?

— Sim, perfeitamente.

— Odeio pureza, odeio bondade! Não quero que virtude exista em lugar nenhum. Quero que todo mundo seja corrupto até os ossos.

— Pois então eu sirvo para você, querido. Sou corrupta até os ossos.

— Você gosta de fazer isso? Não falo só disso comigo: mas da coisa em si?

— Adoro.

Aquilo superava tudo o que ele queria ouvir. Não apenas o amor de uma única pessoa, mas o instinto animal, o desejo simples e indiferenciado: essa era a força que despedaçaria o Partido. Apertou-a sobre a relva, entre os jacintos caídos. Dessa vez, não foi difícil. Agora o movimento para cima e para baixo dos peitos de ambos voltava à velocidade normal e, numa espécie de abandono prazeroso, separaram-se. O sol parecia ter esquentado mais. Estavam ambos

sonolentos. Adormeceram quase imediatamente, e dormiram por cerca de meia hora.

Winston acordou primeiro. Sentou-se e observou o rosto sardento de Julia, ainda serenamente adormecido, apoiado na palma da mão. A não ser pela boca, não se podia dizer que ela fosse bonita. Olhando de perto, viam-se uma ou duas rugas em volta de seus olhos. O cabelo preto e escuro era extraordinariamente farto e macio. Ocorreu-lhe que ainda não sabia o sobrenome dela, nem onde morava.

O corpo jovem, saudável, agora inerme a dormir, despertou nele um sentimento de compaixão, de proteção. Mas a ternura irracional que sentira sob a aveleira, enquanto o tordo cantava, não voltara inteiramente. Puxou o macacão de lado e observou aquele flanco branco e macio. Antigamente, pensou, um homem olhava para o corpo de uma mulher, via que era desejável e a história acabava aí. Mas nos dias de hoje não se podia sentir o amor puro ou o desejo puro. Nenhuma emoção era pura, porque tudo se misturava com medo e ódio. O abraço dos dois fora uma batalha, o clímax, uma vitória. Era um golpe desferido no Partido. Era um ato político.

— Podemos vir aqui de novo — disse Julia. — Costuma ser seguro usar o mesmo esconderijo duas vezes. Mas só daqui a um mês ou dois, claro.

Tão logo ela acordou, sua atitude mudara. Ficou alerta e pragmática, vestiu-se, amarrou a faixa escarlate na cintura e começou a organizar os detalhes da viagem de volta. Parecia natural deixar isso com ela. Além de nitidamente ter um senso prático que Winston não tinha, ela parecia ter um conhecimento exaustivo dos arredores de Londres, acumulado graças a inúmeras caminhadas comunitárias. O roteiro que apresentou a Winston era bem diferente do que ele usara na ida, e levou-o a uma estação ferroviária diferente.

— Nunca volte para casa pelo mesmo caminho que saiu — disse ela, como se enunciasse um importante princípio. Partiria na frente, e Winston deveria aguardar meia hora antes de segui-la.

Ela indicara um lugar onde poderiam se encontrar depois do trabalho, dali a quatro noites. Era uma rua dos bairros mais pobres, onde havia uma feira livre sempre apinhada de gente e barulhenta. Estaria passeando no meio das barracas, fingindo estar à procura de cadarços de sapato ou linha de costura. Se considerasse que a barra estivesse limpa, assoaria o nariz quando ele se aproximasse. Do contrário, ele deveria passar por ela sem reconhecê-la. Mas com sorte, no meio da multidão, não seria arriscado conversar por 15 minutos e combinar outro encontro.

— Agora, tenho que ir — disse, assim que Winston aprendeu todas as instruções. — Preciso estar de volta às sete e meia. Tenho que dedicar duas horas à Liga Juvenil Antissexo, distribuindo panfletos ou algo

assim. Não é infernal? Passe a mão em mim para limpar o que estiver agarrado, sim? Tem algum gravetinho no meu cabelo? Tem certeza? Então até logo, meu amor, até logo.

Atirou-se nos braços dele, beijou-o quase com violência e logo depois passou por entre as mudas de árvores e desapareceu na mata quase sem fazer ruído. Ele continuava sem saber seu sobrenome e seu endereço. No entanto, não fazia diferença, pois era inconcebível que algum dia pudessem se encontrar em ambientes fechados ou trocar qualquer tipo de comunicação escrita.

Na realidade, eles nunca voltaram à clareira no bosque. Durante o mês de maio, só houve uma única ocasião em que conseguiram de fato fazer amor. Foi em outro esconderijo conhecido de Julia, o campanário de uma igreja em ruínas numa área rural quase deserta onde caíra uma bomba atômica trinta anos antes. Era um bom esconderijo, mas chegar lá era muito perigoso. De resto, só podiam se encontrar nas ruas, cada noite em um lugar diferente, e por no máximo meia hora. Na rua, normalmente era possível conversar, de certo modo. Enquanto andavam pelas calçadas apinhadas, não exatamente lado a lado e nunca olhando um para o outro, travavam uma estranha conversa intermitente, que acendia e apagava como a luz de um farol, cortada de repente pela aproximação de um uniforme do Partido ou a proximidade de uma teletela, depois retomada minutos depois no meio de uma frase, e interrompida de chofre quando se separavam no ponto combinado, para continuar quase sem introdução no dia seguinte. Julia parecia estar bastante acostumada a esse tipo de conversa, que ela chamava de "conversa a prestação". Era também surpreendentemente boa em falar sem mover os lábios. Só uma vez, em quase um mês de encontros noturnos, conseguiram trocar um beijo. Passavam em

silêncio por uma ruazinha (Julia nunca falava quando estavam fora das ruas principais) quando se ouviu um rugido ensurdecedor, a terra estremeceu, o ar escureceu e Winston se viu deitado de lado, machucado e apavorado. Uma bomba-foguete devia ter caído por perto. De repente, notou o rosto de Julia pertinho do seu, mortalmente branco, branco como giz. Até os lábios estavam brancos. Ela morrera! Apertou-a contra si e viu que beijava um rosto vivo e quente. Mas havia um material poeirento que atrapalhava seus lábios. Os dois tinham o rosto coberto por uma camada espessa de estuque.

Havia noites em que chegavam ao lugar de encontro e depois tinham que passar um pelo outro sem dar sinal, porque uma patrulha tinha acabado de virar a esquina ou um helicóptero pairava lá no alto. Mesmo se fosse menos perigoso, ainda assim seria difícil arranjar tempo para os encontros. Winston trabalhava sessenta horas por semana, Julia mais ainda, e seus dias de folga variavam conforme a pressão do trabalho e nem sempre coincidiam. De qualquer maneira, Julia raramente tinha uma noite completamente livre. Passava uma quantidade de tempo espantosa assistindo a palestras e demonstrações, distribuindo material impresso para a Liga Juvenil Antissexo, preparando faixas para a Semana do Ódio, fazendo coletas para a campanha da poupança e outras atividades do tipo. Compensava, dizia, era camuflagem. Se você obedecesse às regrinhas, podia quebrar as regras importantes. Ela até induziu Winston a comprometer outra de suas noites alistando-se para trabalhar semanalmente em meio expediente na fábrica de munições, onde o serviço era feito voluntariamente por zelosos membros do Partido. Assim, uma noite por semana, Winston passava quatro horas de um tédio paralisante, aparafusando pedacinhos de metal que

provavelmente eram partes de fusíveis de bomba, numa oficina varrida por correntes de ar, mal iluminada, onde o barulho das marteladas se misturava tristemente à música das teletelas.

Quando se encontraram no campanário, as lacunas em suas conversas fragmentárias foram preenchidas. Era uma tarde escaldante. O ar no quartinho quadrado acima dos sinos estava quente e estagnado e cheirava fortemente a fezes de pombo. Os dois passaram horas conversando, sentados no chão coberto de pó e gravetos de onde um ou outro se levantava de vez em quando para dar uma olhada pelas seteiras e certificar-se de que ninguém estava por perto.

Julia tinha 26 anos. Morava num *hostel* com trinta outras garotas ("Sempre no meio de morrinha de mulher! Como eu odeio mulher!", dizia entre parênteses), e trabalhava, como ele imaginara, nas máquinas redatoras de romance no Departamento de Ficção. Gostava de sua função, que consistia basicamente em operar um potente motor elétrico manhoso e fazer a sua manutenção. Era "inesperta", mas gostava de usar as mãos e se sentia bem lidando com máquinas. Podia descrever todo o processo de composição de um romance, desde a diretriz geral emitida pelo Comitê de Planejamento até os retoques finais realizados pela Divisão de Reescritura. Mas não se interessava pelo produto final. Não era "muito fã de leitura", disse. Os livros eram simplesmente uma *commodity* que precisava ser produzida, como geleias ou cadarços.

Não se recordava de nada anterior ao início dos anos 1960, e seu único conhecido que falava frequentemente do tempo pré-Revolução era um avô que desaparecera quando ela tinha oito anos. Fora chefe de tropa dos Espiões e secretária de seção na Liga da Juventude antes de ingressar na Liga Juvenil Antissexo. Sempre demonstrara ótimo

caráter. Chegara até a ser selecionada (marca infalível de boa reputação) para trabalhar na Pornodiv, a divisão do Departamento de Ficção que produzia pornografia barata para distribuir entre os proletas. A divisão fora apelidada de Casa da Imundície pelas pessoas que trabalhavam lá, comentou. Ficara um ano nessa divisão, ajudando a produzir livretos em pacotes lacrados com títulos como *Histórias de espancamento* ou *Uma noite numa escola feminina*, para serem comprados furtivamente por jovens proletários convencidos de estarem comprando algo ilegal.

— Como são esses livros? — perguntou Winston, curioso.

— Ah, um lixo horroroso. São mesmo muito chatos. São só seis enredos, e as partes vão sendo trocadas entre si. Claro, eu só trabalhei nos caleidoscópios. Nunca fui da Divisão de Reescritura. Não sou literata, querido... nem para isso eu dou.

Winston soube, com espanto, que na Pornodiv, com a exceção dos chefes de departamento, todos os funcionários eram mulheres. Em tese, os homens, cujos instintos sexuais eram menos controláveis que os das mulheres, corriam um risco maior de se corromperem com a imundície daquele material de trabalho.

— Eles não gostam nem de ter mulher casada trabalhando lá — acrescentou Julia. — As mulheres têm que ser sempre tão puras. Bem, aqui está uma que não é.

Ela tivera o primeiro caso aos 16 anos, com um sexagenário membro do Partido que mais tarde se suicidou para evitar ser preso.

— Foi bom também — disse Julia —, do contrário eles o fariam entregar o meu nome quando confessasse.

Desde então, houvera vários outros. A vida, para ela, era bastante simples. Você queria se divertir; "eles", ou seja, o Partido, queriam

impedir que se divertisse; você fazia de tudo para infringir as regras. Julia parecia achar tão natural que "eles" quisessem roubar os prazeres da pessoa quanto ela querer evitar ser apanhada. Odiava o Partido, e dizia isso com os termos mais grosseiros, mas sem fazer uma crítica geral. Salvo no que dizia respeito à sua vida, a doutrina do Partido não lhe interessava. Winston reparou que ela nunca usava palavras em Novilíngua, com a exceção das que haviam se tornado de uso corrente. Ela nunca ouvira falar na Irmandade e se recusava a acreditar em sua existência. Qualquer tipo de revolta organizada contra o Partido, coisa que estava fadada ao fracasso, parecia-lhe burrice. O inteligente era quebrar as regras e continuar vivo. Ele se perguntou vagamente quantos como ela haveria na geração mais jovem que crescera no mundo da Revolução, sem conhecer nada além disso, aceitando o Partido como algo inalterável como céu, sem se rebelar contra a sua autoridade, mas simplesmente fugindo dela, como um coelho se esquiva de um cão.

Não discutiram a possibilidade de se casarem. Era muito remota para que valesse a pena pensar nela. Nenhum comitê imaginável sancionaria um casamento como aquele, mesmo que de alguma forma fosse possível livrarem-se de Katharine, a esposa de Winston. Tratava-se de um plano sem futuro, mesmo como devaneio.

— Como era a sua mulher? — perguntou Julia.— Era... conhece aquela palavra em Novilíngua, BEMPENSANTE? Com o sentido de naturalmente ortodoxo, incapaz de ter um mau pensamento?

— Não, eu não conhecia a palavra, mas conheço bem esse tipo de gente.

Ele começou a contar a história de sua vida de casado, mas, por incrível que parecesse, Julia parecia já conhecer os pontos essenciais.

Descreveu para ele, quase como se tivesse visto ou sentido, o enrijecimento do corpo de Katharine ao primeiro toque dele, o jeito dela de parecer rechaçá-lo com todas as forças mesmo estando abraçada com ele. Com Julia, ele não sentia nenhuma dificuldade em conversar sobre essas coisas: de qualquer maneira, fazia muito tempo que Katharine deixara de ser uma lembrança dolorosa e passara a ser apenas uma lembrança desagradável.

— Eu teria suportado, a não ser por uma coisa — disse ele. Contou da cerimoniazinha frígida que Katharine o obrigava a enfrentar toda semana, sempre na mesma noite. — Ela odiava fazer aquilo, mas não deixava de fazer por nada no mundo. Chamava de... ah, você nunca vai adivinhar.

— Nosso dever para com o Partido — disse Julia prontamente.

— Como você sabia?

— Eu também frequentei a escola, querido. Conversas mensais sobre sexo, para jovens acima de 16 anos. E o Movimento da Juventude. Eles passam anos catequizando as pessoas em relação a isso. Ouso dizer que, em muitos casos, funciona. Mas claro que nunca se sabe. As pessoas são muito hipócritas.

Julia começou a desenvolver o tema. Com ela, tudo sempre voltava à sua própria sexualidade. Assim que tocavam de alguma forma nesse assunto, ela revelava grande acuidade. Diferentemente de Winston, entendera o significado profundo do puritanismo do Partido. Não era apenas que o instinto sexual, por criar um mundo próprio fora do controle do Partido, tivesse que ser destruído se possível. O mais importante era que a privação sexual levava à histeria, que era desejável porque podia ser transformada em entusiasmo guerreiro e culto ao líder. A forma como Julia expunha a questão era:

— Quando faz amor, você está consumindo energia; depois, se sente feliz e não se importa com nada. Eles não toleram que você se sinta assim. Querem que esteja o tempo todo explodindo de energia. Essa coisa toda de marchar para cima e para baixo, de ovacionar e agitar bandeiras não passa de sexo que azedou. Se, no íntimo, você está feliz, por que se excitar com o Grande Irmão, os Planos Trianuais, os Dois Minutos de Ódio e todo o resto dos disparates deles?

Isso era muito verdadeiro, pensou ele. Havia uma conexão íntima e direta entre castidade e ortodoxia política. Pois de que maneira seria possível manter o medo, o ódio e a credulidade alucinada de que o Partido necessitava em seus membros, a não ser pela repressão de um instinto poderoso a ser usado posteriormente como força motriz? A pulsão sexual era perigosa para o Partido, e o Partido a aproveitara para seus objetivos. O instinto de paternidade fora distorcido da mesma maneira. Na verdade, era impossível abolir a família e, de fato, as pessoas eram encorajadas a gostar dos filhos mais ou menos da forma antiquada. Por outro lado, as crianças eram sistematicamente voltadas contra os pais e ensinadas a espioná-los e comunicar seus desvios. A família se tornara efetivamente uma extensão da Polícia do Pensamento. Era um instrumento pelo qual todos podiam estar dia e noite cercados por informantes que os conheciam intimamente.

De repente, a mente de Winston voltou para Katharine. Katharine sem dúvida o denunciaria à Polícia do Pensamento se não fosse muito burra para detectar a inortodoxia das opiniões dele. Mas o que realmente o fez pensar nela naquele momento tinha sido o calor abafado da tarde, que o fez suar na testa. Começou contando a Julia uma coisa que acontecera, ou antes, que deixara de acontecer em outra tarde sufocante de verão, 11 anos atrás.

Estavam casados fazia três ou quatro meses. Tinham se perdido numa caminhada comunitária, em algum lugar de Kent. Só tinham ficado para trás por uns minutos, mas seguiram para o lado errado e acabaram se vendo obrigados a parar de repente ao chegarem na beira do despenhadeiro de uma antiga pedreira de giz. Era um paredão de dez ou vinte metros, com pedras no fundo. Não havia ninguém a quem pudessem perguntar o caminho. Tão logo perceberam que estavam perdidos, Katharine ficou muito aflita. Afastar-se, por um instante que fosse, do grupo barulhento de caminhantes lhe dava a sensação de estar cometendo um delito. Queria voltar depressa por onde tinham vindo e começar a procurar na outra direção. Mas, naquele momento, Winston viu uns tufos de salgueirinha crescendo nas fendas do penhasco lá embaixo. Um deles era de duas cores, magenta e vermelho-tijolo, aparentemente crescendo na mesma raiz. Nunca vira nada do tipo, e chamou Katharine para ver também.

— Olhe, Katharine! Olhe aquelas flores. Aquela touceira lá perto do fundo. Está vendo que são de duas cores diferentes?

Ela já se virara para seguir adiante, mas acabou retornando até ele, um tanto irritada. Chegou até a se inclinar sobre o paredão para ver o lugar que ele indicava. Winston estava um pouco atrás dela e segurou-a pela cintura para lhe dar firmeza. Nesse momento, ocorreu-lhe de repente que estavam completamente sozinhos. Não havia um único ser humano em lugar nenhum, nenhuma folha se mexia, não havia sequer uma ave desperta. Num lugar daqueles, o risco de haver microfones escondidos era muito pequeno, e mesmo que houvesse algum, só captaria sons. Era o momento mais quente e sonolento da tarde. O sol os escaldava, o rosto de Winston coçava de suor. E ele teve a ideia...

— Por que você não deu um bom empurrão nela? — perguntou Julia. — Eu teria dado.

— Sim, querida, você teria. Eu teria, se eu fosse a mesma pessoa que sou hoje. Ou talvez eu tivesse... não tenho certeza.

— Você se arrepende de não ter empurrado?

— Sim. De modo geral, me arrependo de não ter empurrado.

Estavam sentados lado a lado no chão poeirento. Ele a puxou mais para perto. Julia encostou a cabeça em seu ombro, o cheiro agradável do cabelo dela sobrepujando o das fezes de pombo. Ela era muito jovem, pensou ele, ainda esperava alguma coisa da vida. Não entendia que empurrar uma pessoa inconveniente despenhadeiro abaixo não resolve nada.

— Na verdade, não teria feito diferença — disse ele.

— Então por que se arrepende de não ter empurrado?

— Só porque prefiro usar o sim ao não. Neste jogo que estamos jogando, não podemos vencer. Alguns tipos de fracasso são melhores que outros, só isso.

Ele sentiu os ombros dela fazerem um movimento de discordância. Ela sempre o contradizia quando ele falava alguma coisa daquele tipo. Não aceitava como uma lei da natureza que o indivíduo sempre fosse derrotado. De certo modo, percebia que ela mesma estava condenada, que mais cedo ou mais tarde a Polícia do Pensamento iria pegá-la e matá-la, mas com outra parte da mente acreditava que, de alguma forma, era possível construir um mundo secreto em que a pessoa podia viver do jeito que quisesse. Bastava ter sorte, esperteza e coragem. Ela não entendia que isso que chamam de felicidade não existia, que a única vitória estava no futuro remoto, muito depois da sua morte, que a

partir do momento em que se declarava guerra ao Partido era melhor já se considerar um cadáver.

— Nós somos os mortos — disse ele.

— Ainda não morremos — retrucou Julia, pragmática.

— Fisicamente, não. Seis meses, um ano... cinco anos, no máximo. Não tenho medo da morte. Você é jovem, então suponho que tenha mais medo da morte que eu. É óbvio que vamos adiá-la quanto for possível. Mas não faz muita diferença. Desde que os seres humanos permaneçam humanos, morte e vida são a mesma coisa.

— Ah, que bobagem! Com quem você preferiria ir para a cama: comigo ou com um esqueleto? Não sente prazer em estar vivo? Não gosta de sentir: este sou eu, esta é a minha mão, esta é a minha perna, sou real, sou saudável, estou vivo! Não gosta *disso*?

Torceu o corpo e comprimiu o peito contra ele. Ele sentiu seus seios maduros e firmes por baixo do macacão. O corpo dela parecia infundir um pouco de sua juventude e de seu vigor no dele.

— Gosto, sim — disse ele.

— Então pare de falar em morrer. E agora ouça, querido, temos que combinar o nosso próximo encontro. Podemos voltar àquele lugar no bosque. Já lhe demos um bom descanso. Mas dessa vez você precisa chegar lá por outro caminho. Já planejei tudo. Você pega o trem... Mas olhe, vou desenhar para você.

E, com seu jeito prático, reuniu a poeira formando um pequeno quadrado e, com um graveto retirado de um ninho de pombo, começou a desenhar um mapa no chão.

Winston correu os olhos pelo quartinho esquálido em cima da loja do sr. Charrington. Ao lado da janela, a enorme cama estava arrumada, com cobertores esfarrapados e um travesseiro sem fronha. O relógio antiquado com o mostrador de 12 horas tiquetaqueava sobre o console da lareira. No canto sobre a mesa dobrável, o peso de vidro que ele comprara na última visita cintilava suavemente na penumbra.

Junto à proteção da lareira, viam-se um velho fogareiro a óleo, uma panela e duas xícaras, fornecidos pelo sr. Charrington. Winston acendeu o fogareiro e pôs uma panela de água para ferver. Trouxera um envelope cheio de café Victory e uns tabletes de sacarina. Os ponteiros do relógio marcavam cinco e vinte da tarde: eram sete e meia da noite, na verdade. Ela chegaria às sete e meia.

Loucura, loucura, seu coração não parava de dizer: loucura consciente, gratuita e suicida. De todos os crimes que um membro do Partido podia cometer, aquele era o mais impossível de esconder. Na verdade, a ideia primeiro lhe ocorrera na forma da visão do peso de papel refletido na superfície da mesa dobrável. Como ele previra, o sr. Charrington não colocara nenhuma dificuldade para alugar o quarto. Ficou visivelmente satisfeito com os poucos dólares que isso lhe renderia. Tampouco parecera chocado ou torcera o nariz quando ficou claro que Winston queria usar o quarto por causa de um caso amoroso. Em vez disso, desviou a vista e falou de generalidades com um ar tão delicado que dava a impressão de ter se tornado quase invisível. A privacidade, disse, era uma coisa muito valiosa. Todo mundo queria um lugar onde pudesse estar a sós de vez em quando. E, quando a pessoa tinha um lugar assim, era só uma questão de educação que

quem estivesse ciente da situação guardasse para si o que sabia. Chegou até a acrescentar, dando quase a impressão de desaparecer no ar, que a casa tinha duas entradas, uma delas pelo quintal, que dava num beco.

Embaixo da janela, alguém cantava. Protegido pela cortina de musselina, Winston olhou para fora. O sol de junho ainda ia alto no céu, e no pátio ensolarado uma mulher descomunal, sólida como um pilar normando, com braços fortes e vermelhos e um avental de tecido grosseiro amarrado na cintura, andava para cá e para lá entre um tanque e um varal, pendurando uma série de quadrados brancos que Winston reconheceu como fraldas de bebê. Sempre que não tinha a boca entupida de pregadores, ela estava cantando num contralto vigoroso:

"*Foi só um capricho inútil*
Que passou num mês de abril,
Mas me deu muita emoção
E roubou meu coração!"

Fazia semanas que a canção era uma obsessão em Londres. Era uma das incontáveis canções similares publicadas em benefício dos proletas por uma subseção do Departamento de Música. As letras dessas canções eram compostas sem nenhuma intervenção humana num instrumento conhecido como versificador. Mas a mulher cantava com tanta afinação que transformava aquela baboseira horrível num som quase agradável. Winston ouvia o canto dela e o arrastar dos seus sapatos nas lajes, os gritos das crianças na rua e, bem ao longe, um leve

ronco do tráfego, mas assim mesmo o quarto parecia curiosamente silencioso, graças à ausência de uma teletela.

"Loucura, loucura, loucura!", tornou a pensar. Era inconcebível que pudessem frequentar aquele lugar por mais do que umas poucas semanas sem serem pegos. Mas a tentação de ter um esconderijo que fosse realmente só deles, num ambiente fechado e de fácil acesso, era grande demais para resistirem. Depois da visita ao campanário da igreja, tinha sido impossível combinar encontros. O horário de trabalho fora drasticamente ampliado em função dos preparativos da Semana do Ódio. Ainda faltava mais de um mês, mas, dada a grandeza e a complexidade do evento, todo mundo tinha que aumentar a carga horária no trabalho. Afinal, ambos conseguiram uma tarde livre no mesmo dia. Tinham combinado de voltar à clareira no bosque. Na véspera do encontro, encontraram-se rapidamente na rua. Como sempre, Winston mal olhou para Julia enquanto se aproximavam um do outro no meio da multidão, contudo, ao vê-la de relance, pareceu-lhe que ela estava mais pálida que de hábito.

— Está cancelado — murmurou ela tão logo considerou seguro falar. — Amanhã, quero dizer.

— O quê?

— Amanhã à tarde. Não posso ir.

— Por quê?

— Ah, o de sempre. Começou antes dessa vez.

Por um momento, Winston ficou muito zangado. Ao longo daquele mês, desde que a conhecera, a natureza de seu desejo por ela mudara. No início, não incluía muita sensualidade. A primeira relação sexual entre os dois não passara de um ato de vontade. Mas, depois da segunda vez, tudo mudou. O cheiro do cabelo, o gosto da boca, a

textura da pele dela pareciam entranhados nele, ou no ar que o envolvia. Julia se tornara uma necessidade física, algo que ele não só queria como também se achava no direito de ter. Quando ela disse que não poderia ir, ele teve a sensação de que ela o estava passando para trás. Foi nesse momento que foram espremidos um contra o outro pela multidão, e suas mãos por acaso se encontraram. Ela apertou por um instante a ponta de seus dedos, um gesto que parecia um convite não ao desejo, mas sim à afeição. Ele pensou que, quando um homem vivia com uma mulher, decepções como aquela deviam ser acontecimentos normais, recorrentes. E uma profunda ternura, como ainda não havia sentido por ela, invadiu-o de súbito. Desejou que fossem um casal com dez anos de vida em comum. Desejou andar pelas ruas com Julia assim como estavam agora, mas abertamente e sem medo, conversando sobre banalidades e comprando bugigangas para a casa. Desejou sobretudo que tivessem um lugar onde pudessem estar juntos só os dois, sem se sentirem obrigados a fazer amor cada vez que se encontravam. Não foi efetivamente naquela hora, mas sim em algum momento do dia seguinte que lhe ocorreu a ideia de alugar o quarto do sr. Charrington. Quando sugeriu aquilo para Julia, ela concordou com uma rapidez inesperada. Ambos sabiam que era loucura. Era como se estivessem intencionalmente dando um passo em direção às respectivas sepulturas. Sentado na beirada da cama, tornou a pensar nos porões do Ministério do Amor. Era curioso como aquele horror predestinado vinha à sua consciência e depois ia embora. Ficava ali, fixado no futuro, precedendo a morte com a mesma certeza que o 99 precedia o cem. Não se podia evitá-lo, mas podia-se talvez postergá-lo: só que em vez disso, volta e meia, por um ato consciente e voluntário, você optava por encurtar o intervalo antes daquilo acontecer.

Nesse instante, ouviram-se passos rápidos na escada. Julia irrompeu quarto adentro. Carregava uma bolsa de ferramentas, uma sacola de lona marrom rústica, como a que ele já a vira carregar de um lado para o outro no ministério. Winston precipitou-se para tomá-la nos braços, mas ela se desvencilhou dele um tanto às pressas, em parte porque ainda estava segurando a sacola.

— Um segundinho — disse. — Deixe-me mostrar o que eu tenho. Você trouxe aquele Café Victory nojento? Achei que traria. Pode jogar fora, porque não vamos precisar dele. Olhe aqui.

Pôs-se de joelhos, abriu a bolsa e jogou no chão algumas chaves de fenda e uma chave inglesa que estavam por cima. Na parte de baixo, havia uma quantidade de pacotinhos de papel bem-feitos. O primeiro que passou a Winston tinha uma consistência estranha e, no entanto, vagamente familiar. Seu conteúdo era uma coisa que parecia uma areia pesada e cedia ao ser tocado.

— Não é açúcar? — perguntou ele.

— Açúcar de verdade. Não é sacarina, é açúcar. E aqui tem um pão de forma... pão mesmo, não o raio daquela nossa coisa... e um vidrinho de geleia. E aqui, uma lata de leite. Mas olhe! Isso é o que mais me deixa orgulhosa. Tive que embrulhar num pano, porque...

Mas ela não precisava dizer por que embrulhara aquilo. O cheiro já impregnava o quarto, um cheiro gostoso, forte, que parecia a Winston uma emanação de sua primeira infância, mas que ainda podia sentir de vez em quando, propagando-se por um corredor antes de uma porta ser fechada, ou dispersando-se misteriosamente por uma rua movimentada, inalado por um momento e logo tornando a se dissipar.

— É café — murmurou ele. — Café de verdade.

— É café do Partido Interno. Aqui tem um quilo — disse ela.

— Como conseguiu todas essas coisas?

— É tudo do Partido Interno. Aqueles porcos têm de tudo, tudinho. Mas é claro que garçons, empregados e outras pessoas pegam umas coisinhas, e, olhe, consegui um pacotinho de chá também.

Winston estava de cócoras ao lado dela. Rasgou um canto do pacote.

— É chá mesmo. Não são folhas de amora.

— Tem tido muito chá ultimamente. Eles conquistaram a Índia, ou coisa assim — disse ela vagamente. — Mas escute, querido, quero que fique de costas para mim por três minutos. Vá se sentar do outro lado da cama. E só se vire quando eu mandar.

Winston olhou distraidamente através da cortina de musselina. Lá embaixo, a mulher de braços vermelhos continuava marchando para lá e para cá entre o tanque e o varal. Tirou mais dois pregadores da boca e cantou com muito sentimento:

"*Dizem que o tempo cura tudo,*
e que a gente esquece tudo,
mas o riso e o pranto
sempre hão de mover o meu canto!"

A mulher parecia saber de cor todos os versos daquela canção boba. Sua voz flutuava com o ar agradável de verão, muito afinada, impregnada de uma espécie de melancolia feliz. Dava a impressão de que, se a noite de junho e o estoque de roupas não terminassem nunca, continuaria absolutamente satisfeita ainda que precisasse passar mil anos ali, pendurando fraldas e cantando bobagens. Winston achou curioso o fato de nunca ter ouvido um membro do Partido cantar sozinho e espontaneamente. Seria uma atitude considerada até

ligeiramente não ortodoxa, uma excentricidade perigosa, como falar sozinho. Talvez fosse preciso estar à beira da inanição para que as pessoas tivessem algum tema sobre o qual cantar.

— Já pode se virar — disse Julia.

Ele se virou e, por um instante, quase não a reconheceu. O que esperara, na verdade, era vê-la nua. Mas ela não estava nua. A transformação que ocorrera era muito mais surpreendente que isso. Ela pintara o rosto.

Devia ter entrado de fininho em alguma loja dos bairros proletários e comprado um estojo de maquiagem completo. Tinha os lábios muito vermelhos, as maçãs do rosto realçadas com rouge, o nariz empoado; sob os olhos, tinha até um toque de alguma coisa que os deixava mais brilhantes. O trabalho não tinha sido feito com muita habilidade, mas os parâmetros de Winston nesses assuntos não eram altos. Nunca vira nem imaginara uma mulher do Partido com cosméticos no rosto. A melhora na aparência de Julia era espantosa. Com algumas pinceladas de cor nos lugares certos, ela ficara não só mais bonita, mas sobretudo muito mais feminina. O cabelo curto e o macacão masculino meramente realçavam esse efeito. Quando ele a tomou nos braços, sentiu uma onda de violetas sintéticas invadir suas narinas. Lembrou-se da penumbra de uma cozinha de porão, e da boca cavernosa de uma mulher. Era o mesmo perfume; mas, no momento, isso não pareceu ter importância.

— Perfume também! — exclamou ele.

— Sim, querido, perfume também. E sabe qual vai ser a próxima coisa que vou fazer? Vou arranjar em algum lugar um vestido de verdade para usar em vez do raio dessas calças. Vou calçar meias de seda e sapatos

de salto alto! Neste quarto, vou ser uma mulher, não uma camarada do Partido.

Tiraram depressa as roupas e subiram na enorme cama de mogno. Era a primeira vez que ele se despia diante dela. Até então, sentira muita vergonha de seu corpo pálido e magro, com varizes salientes nas panturrilhas e a mancha descorada acima do tornozelo. Não havia lençóis, mas o cobertor sobre o qual deitaram era surrado e macio, e o tamanho da cama, bem como a flexibilidade do colchão de molas, deixou os dois espantados.

— Garanto que está cheio de percevejos, mas quem se importa? — disse Julia.

Não se viam mais camas de casal hoje em dia, exceto nas casas dos proletas. Quando criança, Winston já tinha dormido algumas vezes em uma cama de casal. Julia, até onde se lembrava, nunca se deitara numa.

Logo adormeceram por um tempo. Quando Winston acordou, os ponteiros do relógio marcavam quase nove horas. Ele não se mexeu, porque Julia dormia com a cabeça na dobra de seu braço. A maior parte da maquiagem se transferira para seu rosto ou para o travesseiro na cama, mas uma leve mancha de ruge ainda realçava a beleza da maçã do rosto dela. Um raio amarelo do sol poente passava pelo pé da cama e iluminava a lareira, onde a água fervia dentro da panela. Lá embaixo, a mulher parara de cantar, mas os gritos das crianças ainda ecoavam da rua. Ele se perguntou vagamente se, no passado abolido, era uma experiência normal um homem e uma mulher despidos estarem deitados numa cama como aquela, numa noite fresca de verão, fazendo amor quando queriam, falando o que queriam, sem sentirem nenhuma compulsão para se levantar, apenas se permitindo ficar ali, ouvindo os pacatos ruídos externos. Impossível ter havido um tempo em que isso

parecesse banal. Julia acordou, esfregou os olhos e se apoiou no cotovelo para olhar o fogareiro.

— Metade da água evaporou — disse. — Vou me levantar e fazer café daqui a pouco. Temos uma hora. A que horas apagam as luzes no seu prédio?

— Às 11 e meia.

— No *hostel* é às 11. Mas a gente tem que entrar antes disso, porque... Ei! Sai daí seu bicho imundo!

Julia de repente torceu o corpo na cama, pegou um sapato no chão e o atirou no canto do quarto com um movimento brusco do braço, um gesto de menino, exatamente como Winston a vira atirar o dicionário em Goldstein, naquela manhã durante os Dois Minutos de Ódio.

— O que foi? — perguntou surpreso.

— Um rato. Vi quando botou aquele focinho nojento para fora do lambri. Tem um buraco ali embaixo. Pelo menos, dei um bom susto nele.

— Ratos? — murmurou Winston. — Aqui neste quarto?

— Estão por todos os lados — disse Julia com indiferença, tornando a se deitar. — Tem até na cozinha do *hostel*. Algumas partes de Londres estão infestadas deles. Sabia que atacam crianças? Atacam, sim. Em algumas ruas, as mães não se atrevem a deixar os bebês dois minutos sozinhos. São as ratazanas marrons que atacam. E o pior é que elas sempre...

— PODE PARAR! — disse Winston, de olhos bem fechados.

— Querido! Você ficou pálido. O que houve? Esses bichos deixam você enjoado?

— De todos os horrores do mundo... logo um rato!

Ela recostou-se nele e o envolveu com as pernas, como se quisesse tranquilizá-lo com o calor de seu corpo. Ele não abriu logo os olhos. Por alguns instantes, teve a sensação de estar tendo de novo o pesadelo que de vez em quando lhe voltava. Era sempre quase o mesmo. Ele se via na frente de um muro de escuridão, e do outro lado havia uma coisa insuportável, pavorosa demais para ser encarada. No sonho, seu sentimento mais profundo era sempre de autoengano, porque na verdade sabia o que estava atrás do muro de escuridão. Com um esforço mortal, como o de arrancar um pedaço do próprio cérebro, poderia até ter arrastado a coisa para o espaço aberto. Sempre acordava sem descobrir o que era: mas de alguma forma se relacionava com o que Julia estava dizendo quando ele a interrompeu.

— Me desculpe — disse. — Não é nada. Não gosto de ratos, só isso.

— Não se preocupe, querido, não vamos deixar esses bichos imundos entrarem aqui. Vou tapar o buraco com um pedaço de pano antes de irmos embora. E da próxima vez trago um pouco de massa de reboco para fechar tudo direito.

O momento obscuro de pânico já estava quase esquecido. Ligeiramente envergonhado de si mesmo, Winston se recostou na cabeceira da cama. Julia se levantou, vestiu o macacão e fez o café. O aroma que saía da panela era tão forte e excitante que eles fecharam a janela, com medo de que alguém do lado de fora sentisse e ficasse curioso. Melhor ainda que o cheiro do café era a textura aveludada que o açúcar lhe dava, coisa que Winston já havia quase esquecido depois de anos de sacarina. Com uma das mãos no bolso e a outra segurando um pedaço de pão com geleia, Julia andou pelo quarto, olhando com indiferença para a estante de livros, indicando a melhor forma de consertar a mesa dobrável, deixando-se cair na poltrona surrada para

ver se era confortável e examinando o absurdo relógio de 12 horas com uma espécie de condescendência divertida. Levou o peso de papel de vidro para a cama para poder vê-lo sob uma luz melhor. Winston tirou-o de sua mão, fascinado, como sempre, pelo aspecto macio e molhado de chuva do vidro.

— O que acha que é isso? — perguntou Julia.

— Acho que não é nada, quero dizer, acho que nunca foi usado para nada. É disso que gosto nele. É um pedacinho de história que eles se esqueceram de alterar. É uma mensagem de cem anos atrás, se alguém souber lê-la.

— E aquele quadro ali — Julia fez um gesto com a cabeça indicando a gravura na parede oposta —, será que tem cem anos?

— Mais. Uns duzentos, eu diria. Não dá para saber. É impossível descobrir a idade de qualquer coisa hoje em dia.

Julia foi olhar a gravura mais de perto.

— Foi aqui que aquele bicho botou o focinho para fora — disse, chutando o lambri logo abaixo do quadro. — Que lugar é este? Já vi não sei onde.

— É uma igreja, ou pelo menos era. Chamava-se São Clemente dos Dinamarqueses. — O trecho do versinho que o sr. Charrinton lhe ensinara lhe veio à cabeça, e ele acrescentou meio nostálgico: — "Laranjas e limões com sementes, dizem os sinos da São Clemente!"

Para seu espanto, Julia completou:

"*Esse tostão é pra mim, dizem os sinos da São Martim.*
E quando pagará, afinal?, cantam os sinos do Tribunal..."

— Não me lembro do resto. Mas eu lembro de como termina: "Tome uma vela para iluminar a cama, tome o cutelo para decapitar quem você ama!"

Era como as duas partes de uma contrassenha. Mas devia ter outra estrofe depois de "os sinos do Tribunal". Talvez pudesse ser desencavado da memória do sr. Charrington, se ele recebesse a deixa adequada.

— Quem lhe ensinou isso? — perguntou ele.

— Meu avô. Ele recitava para mim quando eu era pequena. Foi vaporizado quando eu tinha oito anos... enfim, desapareceu. Eu me pergunto o que seria um limão — acrescentou, sem coerência. — Já vi laranja. É um tipo de fruta amarela redonda com uma casca grossa.

— De limão, eu lembro — disse Winston. — Era muito comum nos anos 1950. Era tão azedo que só o cheiro já dava aflição nos dentes.

— Aposto que atrás desse quadro tem percevejo — disse Julia. — Vou tirá-lo da parede e dar uma boa limpeza nele um dia desses. Acho que está quase na hora de irmos embora. Preciso começar a tirar essa pintura. Que chato! Depois eu limpo o batom do seu rosto.

Winston não se levantou logo. O quarto estava escurecendo. Virou-se na direção da luz e ficou contemplando o peso de papel de vidro. O mais interessante não era o fragmento de coral, mas o próprio interior do vidro. Havia tanta profundidade ali e, no entanto, era quase tão transparente quanto o ar. Era como se a superfície do vidro fosse o arco do céu, encerrando um mundo minúsculo em sua atmosfera completa. Winston tinha a sensação de que poderia entrar ali, e que de fato já estava lá dentro, com a cama de mogno, a mesinha dobrável, o relógio, a gravura de aço e o próprio peso de papel. O peso de papel era o quarto

em que ele estava, e o coral era a vida dele e a de Julia, fixadas numa espécie de eternidade no coração do cristal.

Syme tinha sido vaporizado. Numa manhã, ele não apareceu no trabalho: algumas pessoas desavisadas comentaram sobre sua ausência. No dia seguinte, ninguém mais falou nele. No terceiro dia, Winston entrou no vestíbulo do Departamento de Registros para ver o quadro de avisos. Um dos avisos trazia uma lista impressa dos membros do Comitê de Xadrez, do qual Syme fizera parte. A lista tinha praticamente a mesma aparência de antes — nada fora riscado —, mas faltava um nome. Bastava isso. Syme tinha deixado de existir. Na verdade, nunca existira.

Estava um calor de rachar. No labiríntico ministério, as salas sem janelas, refrigeradas por aparelhos de ar-condicionado, mantinham a temperatura normal, mas do lado de fora os calçamentos queimavam os pés, e o fedor do metrô nas horas de pico era um horror. Os preparativos para a Semana do Ódio seguiam a todo vapor, e as equipes de todos os ministérios faziam serão no trabalho. Procissões, reuniões, desfiles militares, palestras, cenários em cera, vitrines, exibições de filmes, programas de teletela — tudo tinha que ser organizado; era preciso erguer estandes, construir efígies, cunhar slogans, compor canções, espalhar boatos, forjar fotos. A unidade de Julia no Departamento de Ficção tinha sido desvinculada da produção de romances e estava produzindo às pressas uma série de panfletos sobre atrocidades. Winston, além de seu trabalho normal, passava longos períodos todos os dias examinando arquivos antigos do *Times* e alterando e floreando artigos que seriam lidos em discursos. Tarde da noite, quando bandos de proletas desordeiros perambulavam pelas ruas, a cidade tinha um ar curiosamente febril. Caíam mais bombas-

foguetes do que nunca e, às vezes, ouviam-se ao longe enormes explosões que ninguém sabia explicar e sobre as quais corriam boatos delirantes.

A nova melodia que seria a canção-tema da Semana do Ódio (Canção do Ódio, chamava-se) já fora composta e era tocada sem cessar nas teletelas. Era um ritmo selvagem como um latido, e não podia exatamente ser chamado de música, mas parecia uma percussão de tambor. Bradada por centenas de vozes que acompanhavam o ritmo dos pés em marcha, era aterrorizante. Os proletas se apaixonaram pela música, e na madrugada das ruas competia com a ainda popular "Foi só um capricho inútil". Os filhos dos Parsons tocavam a Canção do Ódio dia e noite a qualquer hora, improvisando uma gaita com pente e papel higiênico. As noites de Winston estavam mais cheias do que nunca. Grupos de voluntários, organizados por Parsons, preparavam a rua para a Semana do Ódio, costurando faixas, pintando pôsteres, erguendo mastros nos telhados e, perigosamente, esticando de um lado ao outro da rua os arames que receberiam as faixas. Parsons gabava-se de que a Mansões Victory, sozinha, exibiria quatrocentos metros de bandeirinhas. Estava feliz como um pinto no lixo. O calor e o trabalho lhe serviam de pretexto para, depois do expediente, vestir um calção e uma camisa aberta. Estava em todo lugar ao mesmo tempo, empurrando, puxando, serrando, martelando, improvisando, animando todo mundo com exortações amistosas e exalando de cada dobra do corpo o que parecia ser uma reserva inesgotável de suor de cheiro acre.

Um novo pôster surgira de repente por toda Londres. Não tinha legenda, e representava simplesmente a figura monstruosa de um soldado eurasiano, de três a quatro metros de altura, avançando com

sua inexpressiva cara mongólica, calçado com botas enormes, apontando uma submetralhadora apoiada no quadril. De qualquer ângulo que se olhasse para o pôster, o cano da arma, ampliado pela perspectiva, parecia apontar direto para você. O cartaz fora colado em todos os espaços vazios de todas as paredes, superando em número até os retratos do Grande Irmão. Os proletas, normalmente apáticos em relação à guerra, estavam sendo instigados a entrar num de seus furores periódicos de patriotismo. Como se para combinar com o estado de espírito geral, as bombas-foguetes matavam mais do que o normal. Uma delas caiu num cinema lotado em Stepney, soterrando centenas de vítimas entre os escombros. A vizinhança em peso se reuniu para acompanhar o longo e interminável cortejo fúnebre, que na verdade foi uma manifestação de indignação. Outra bomba caiu num terreno baldio usado como parquinho, e dezenas de crianças foram destroçadas. Houve outras demonstrações raivosas, a efígie de Goldstein foi queimada, centenas de cópias do cartaz do soldado eurasiano foram arrancadas e jogadas na fogueira, e várias lojas foram saqueadas durante o tumulto. Depois correu o boato de que espiões estavam direcionando as bombas-foguetes por controle remoto, e um casal idoso, suspeito de ser de procedência estrangeira, teve a casa incendiada e morreu sufocado pela fumaça.

No quarto em cima da loja do sr. Charrington, quando conseguiam chegar lá, Julia e Winston ficavam deitados lado a lado no colchão por forrar, embaixo da janela aberta, nus por causa do calor. O rato nunca mais voltara, mas com o calor os percevejos tinham se multiplicado terrivelmente. Ao que parecia, não importava. Sujo ou limpo, o quarto era o paraíso. Tão logo chegavam, pulverizavam tudo com pimenta-do-reino comprada no mercado negro, arrancavam a roupa e faziam amor

com corpos suados, depois adormeciam e despertavam para descobrir que os percevejos haviam se reunido em massa e preparavam um contra-ataque.

Quatro, cinco, seis — sete vezes, eles se encontraram durante o mês de junho. Winston abandonara o hábito de beber gim a qualquer hora. Parecia não necessitar mais disso. Engordara, a úlcera varicosa acalmara, deixando apenas uma mancha marrom na pele acima do tornozelo, e os acessos matinais de tosse haviam acabado. O processo de viver deixara de ser intolerável, ele já não tinha ímpetos de fazer caretas para a teletela ou de gritar imprecações a plenos pulmões. Agora que tinham um esconderijo seguro, quase um lar, nem parecia um sofrimento o fato de só poderem se encontrar por um par de horas de cada vez. O importante era que o quarto em cima da loja de quinquilharias existia. Saber que estava lá, inviolado, era quase o mesmo que estar nele. O quarto era um mundo, um bolsão do passado onde animais extintos andavam. O sr. Charrington, pensava Winston, era outro animal extinto. Em geral, ao subir para o quarto, parava uns minutinhos para conversar com o sr. Charrington. O velho, pelo visto, nunca, ou quase nunca, saía de casa, nem tinha muitos fregueses. Levava uma existência fantasmagórica entre a minúscula lojinha escura e uma cozinha menor ainda nos fundos, onde preparava suas refeições e que continha, entre outras coisas, um gramofone antiquíssimo com uma trompa enorme. Ele parecia feliz com a oportunidade de falar. Circulando entre o estoque sem valor, com aquele nariz comprido, aqueles óculos grossos e os ombros caídos vestidos no paletó de veludo, sempre dava a impressão de ser antes um colecionador do que um comerciante. Com uma espécie de entusiasmo murcho, tocava numa ou noutra bugiganga — uma rolha de porcelana,

a tampa pintada de uma caixa de rapé quebrada, um medalhão sem valor contendo uma mecha de cabelo de alguma criança havia muito falecida —, nunca pedindo que Winston a comprasse, apenas que a admirasse. Falar com ele era como ouvir o tilintar de uma caixa de música deteriorada. Ele extraíra dos recônditos da memória outros fragmentos de canções infantis esquecidas. Havia uma sobre 24 melros, e outra sobre uma vaca de chifre torto, outra sobre a morte do pobre pintarroxo. "Achei que você poderia se interessar", dizia, com uma risadinha depreciativa, sempre que aparecia com um novo fragmento. Mas nunca conseguia se lembrar mais que de uns poucos versos de qualquer cançãozinha.

Winston e Julia sabiam — de certa maneira, tinham sempre aquilo em mente — que aquela situação não poderia durar muito. Em certos momentos, a morte iminente parecia tão palpável quanto a cama onde estavam deitados, e eles se abraçavam com uma espécie de sensualidade desesperada, como uma alma condenada agarrando-se à última migalha de prazer cinco minutos antes de o relógio bater. Mas também havia vezes em que tinham a ilusão não só de segurança como também de permanência. Enquanto estivessem naquele quarto, acreditavam, nada de ruim poderia lhes acontecer. Chegar lá era difícil e perigoso, mas o quarto em si era um refúgio. Era como se Winston tivesse olhado o centro do peso de papel com a sensação de que seria possível entrar naquele mundo de vidro e, uma vez lá dentro, poderiam parar o tempo. Muitas vezes os dois entregavam-se a devaneios de fuga. A sorte deles duraria para sempre, e eles levariam o caso adiante pelo resto da vida. Ou Katharine morreria e, por meio de manobras sutis, Winston e Julia conseguiriam se casar. Ou cometeriam suicídio juntos. Ou desapareceriam, se modificariam e se tornariam

irreconhecíveis, aprenderiam a falar com sotaque proletário, arrumariam emprego numa fábrica e viveriam sua vida despercebidos numa ruela qualquer. Tudo disparates, como ambos sabiam. Na verdade, não havia escapatória. Nem o único plano factível, o suicídio, eles tinham intenção de levar a adiante. Ir levando dia após dia e semana após semana, prolongando um presente que não tinha futuro, parecia um instinto irrefreável, assim como os pulmões sempre hão de buscar a inspiração seguinte enquanto houver ar disponível.

Às vezes, também, falavam em se envolver em atos de rebelião contra o Partido, mas sem ter ideia de como dar o primeiro passo. Mesmo se a mítica Irmandade fosse real, ainda restava a dificuldade de descobrir como ingressar nela. Winston lhe falou da estranha intimidade que existia, ou parecia existir, entre ele e O'Brien, e do impulso que às vezes sentia de simplesmente se apresentar diante de O'Brien, anunciar que era inimigo do Partido e pedir sua ajuda. Curiosamente, Julia não achou que fazer isso fosse uma atitude absurdamente irrefletida. Estava acostumada a julgar as pessoas pela cara, e lhe parecia natural que Winston considerasse O'Brien confiável com base em apenas um único lampejo do olhar. Além disso, dava como certo que todo mundo, ou quase todo mundo, secretamente odiava o Partido e infringiria as regras se julgasse seguro fazê-lo. Mas recusava-se a acreditar que existisse ou pudesse existir uma oposição ampla e organizada. As lendas sobre Goldstein e seu exército clandestino, dizia, não passavam de um monte de bobagens que o Partido inventara para atingir os seus próprios objetivos, nas quais você tinha que fingir acreditar. Vezes sem conta, em reuniões do Partido e demonstrações espontâneas, ela pedira a plenos pulmões a execução de pessoas cujos nomes nunca ouvira e em cujos supostos crimes não

acreditava nem um pouco. Quando havia julgamentos públicos, ela se colocava em meio aos destacamentos da Liga Juvenil que cercavam os tribunais da manhã à noite, entoando esporadicamente "Morte aos traidores!" Durante os dois Minutos de Ódio, era sempre quem mais insultava Goldstein aos gritos. No entanto, só sabia muito por alto quem era Goldstein e que doutrinas ele supostamente representava. Crescera sob a Revolução e era muito jovem para se lembrar das batalhas políticas dos anos 1950 e 1960. Algo como um movimento político independente não lhe passava pela cabeça: de qualquer maneira, o Partido era invencível. Existiria sempre, e seria sempre o mesmo. Só por meio da desobediência secreta ou, no máximo, pela prática de atos isolados de violência, tais como matar alguém ou explodir alguma coisa, era possível rebelar-se contra ele.

Em alguns aspectos, ela era muito mais sagaz do que Winston e muito menos suscetível à propaganda do Partido. Uma vez, quando por acaso ele, por algum motivo, mencionou a guerra contra a Eurásia, ela o surpreendeu dizendo de forma despreocupada que, em sua opinião, essa guerra não estava acontecendo. As bombas-foguetes que caíam todos os dias sobre Londres provavelmente eram disparadas pelo próprio governo da Oceania, "só para manter o povo amedrontado". Essa era uma ideia que literalmente nunca lhe ocorrera. Ela também lhe despertava certa inveja ao lhe dizer que durante os Dois Minutos de Ódio sua maior dificuldade era evitar cair na gargalhada. Mas só questionava os ensinamentos do Partido quando interferiam de alguma forma em sua vida. Muitas vezes, estava pronta a aceitar a mitologia oficial apenas porque a diferença entre verdade e falsidade não lhe parecia importante. Acreditava, por exemplo, tendo aprendido isso na escola, que o Partido havia inventado o avião. (Em seus próprios

tempos de escola, Winston se lembrava, no fim dos anos 1950, o Partido reivindicava apenas a invenção do helicóptero. Uns dez anos depois, quando Julia estava na escola, já reivindicava a do avião; em mais uma geração, estaria reivindicando a da máquina a vapor.) E, quando ele lhe contou que já existiam aviões muito antes de ele nascer e muito antes da Revolução, Julia achara o fato absolutamente desinteressante. Afinal, que importância tinha quem inventara o avião? Ele ficou mais chocado ainda quando descobriu, graças a um comentário casual, que ela não lembrava que, quatro anos antes, a Oceania estivera em guerra com a Lestásia e em paz com a Eurásia. Era verdade que ela considerava que a guerra toda era um embuste: mas, aparentemente, nem notara que o nome do inimigo mudara.

— Pensei que sempre tínhamos estado em guerra com a Eurásia — disse vagamente.

Isso o assustou um pouco. A invenção do avião era muito anterior ao nascimento dela, mas a troca de inimigos na guerra acontecera havia quatro anos, quando Julia já era adulta havia muito. Passaram uns 15 minutos discutindo isso. No fim, ele conseguiu forçar sua memória a recuar até ela ter uma vaga ideia de que houvera um tempo em que a Lestásia, e não a Eurásia, era o inimigo. Mas ela continuava achando a questão irrelevante.

— E daí? — disse, impaciente. — É sempre o raio de uma guerra atrás da outra, e a gente sabe que as notícias são só mentiras.

Às vezes, ele falava com ela sobre o Departamento de Registros e as fraudes descaradas que cometera ali. Essas coisas não pareciam horrorizá-la. Ela não sentia o abismo abrir-se sob seus pés ao pensar em mentiras que se tornavam verdades. Ele lhe contou a história de Jones, Aaronson e Rutherford e do memorável pedaço de papel que tivera nas

mãos. Julia não se impressionou muito. A princípio, de fato, ela não entendeu o ponto principal da história.

— Eles eram seus amigos? — perguntou.

— Não, eu nem os conhecia. Eram membros do Partido Interno. Além disso, eram muito mais velhos que eu. Eram dos velhos tempos, de antes da Revolução. Eu só os conhecia de vista.

— Então que preocupação é essa? As pessoas são mortas o tempo todo, não são?

Ele tentou fazê-la entender.

— Esse foi um caso excepcional. Não era só uma questão de alguém sendo morto. Percebe que o passado, começando por ontem, foi efetivamente abolido? Se sobrevive em algum lugar, é em uns poucos objetos concretos, sem palavras associadas, feito aquele pedaço de vidro ali. Nós já não sabemos nada sobre a Revolução e os anos pré-Revolução. Todos os registros foram destruídos ou falsificados, todos os livros foram reescritos, todos os quadros, repintados, todas as estátuas, todas as ruas e todos os prédios foram renomeados, todas as datas foram alteradas. E esse processo continua dia a dia, minuto a minuto. A história parou. Nada existe, exceto um presente interminável no qual o Partido tem sempre razão. Sei, claro, que o passado é falsificado, mas eu jamais poderia provar isso, mesmo quando eu mesmo fui o autor da falsificação. Depois que a coisa está feita, nunca resta nenhuma prova. A única prova está dentro da minha cabeça, e eu não tenho certeza nenhuma de que algum outro ser humano compartilhe as minhas lembranças. Só naquela única vez, na minha vida inteira, eu tive em meu poder uma prova concreta depois do fato acontecido. Anos depois.

— E de que adiantou?

— De nada, porque logo depois eu joguei fora o papel. Mas se a mesma coisa acontecesse hoje, eu guardaria.

— Pois eu não! — disse Julia. — Estou preparada para correr riscos, mas só por uma coisa que valha a pena, não por pedaços de jornal velho. O que você poderia ter feito com aquele papelzinho, se tivesse ficado com ele?

— Quase nada, talvez. Mas era uma prova. Poderia ter plantado algumas dúvidas aqui e ali, na hipótese de eu ter tido coragem para mostrá-lo a alguém. Acho que não dá para alterar alguma coisa durante a nossa vida. Mas dá para imaginar pequenos núcleos de resistência surgindo aqui e ali. Pequenos grupos de pessoas se unindo e crescendo aos poucos, até deixando alguns registros feitos, para que as gerações seguintes possam continuar do ponto em que paramos.

— Não estou interessada na próxima geração, querido. Estou interessada em NÓS.

— Você só é rebelde da cintura para baixo — disse-lhe ele.

Ela achou essa tirada brilhante e envolveu-o nos braços, encantada.

Nas ramificações da doutrina do Partido, Julia não tinha o menor interesse. Sempre que ele começava a falar dos princípios do Socing, duplipensar, mutabilidade do passado e da negação da realidade objetiva, e a usar palavras em Novilíngua, ela se entediava, ficava confusa e dizia que nunca prestava atenção naquele tipo de coisa. Sabia que era tudo besteira, então por que se preocupar com aquilo? Ela sabia quando aplaudir e quando vaiar, e era o que bastava. Se ele insistia em falar desses assuntos, ela tinha o hábito desconcertante de cair no sono. Era uma daquelas pessoas que conseguem adormecer a qualquer hora e em qualquer posição. Falando com ela, ele percebeu como era fácil apresentar uma aparência de ortodoxia sem ter a menor ideia do que

significava ortodoxia. De certo modo, a visão de mundo do Partido se impunha com mais sucesso aos que eram incapazes de entendê-la. Essas pessoas podiam ser obrigadas a aceitar as mais flagrantes violações da realidade porque, além de não entenderem plenamente o que se exigia delas, não se interessavam o bastante pelos acontecimentos públicos para perceber o que estava havendo. Por falta de entendimento, conservavam a sanidade. Limitavam-se a engolir tudo, e o que engoliam não lhes fazia mal, porque não deixava resíduos, assim como um grão de milho passa pelo corpo de uma ave sem ser digerido.

Finalmente acontecera. A mensagem tão aguardada chegara. Winston parecia ter passado a vida esperando que isso acontecesse.

Ele estava andando pelo longo corredor do ministério, já quase no ponto onde Julia lhe passara o bilhete, quando percebeu que alguém mais alto que ele caminhava logo às suas costas. A pessoa, quem quer que fosse, tossiu de leve, evidentemente como um preâmbulo para o discurso. Winston parou e se virou. Era O'Brien.

Finalmente estavam frente a frente, e parecia que seu único impulso era fugir dali. Tinha o coração aos pulos. Não seria capaz de falar. O'Brien, porém, seguira em frente sem se deter, tocando amigavelmente no braço de Winston por um instante, de modo que os dois passaram a caminhar lado a lado. Começou a falar com aquela sua polidez séria que o diferenciava da maioria dos Membros do Partido Interno.

— Eu estava torcendo para ter uma oportunidade de lhe falar — disse. — Li um dos seus artigos sobre a Novilíngua outro dia no *Times*. Você tem um interesse acadêmico pela Novilíngua, não é?

Winston recobrara um pouco da presença de espírito.

— Acadêmico, certamente não. Sou apenas um diletante. Não é a minha área. Nunca tive nada a ver com a construção da língua.

— Mas escreve com muita elegância — continuou O'Brien. — E essa não é só a minha opinião. Recentemente, conversei com um amigo seu que sem dúvida é um especialista no assunto. Agora me escapou o nome dele.

De novo, o coração de Winston palpitou de maneira dolorosa. Era inconcebível que isso fosse outra coisa a não ser uma referência a

Syme. Mas Syme, além de estar morto, tinha sido vaporizado, era uma despessoa. Qualquer referência identificável a ele seria mortalmente perigosa. O comentário de O'Brien só podia ser um sinal, uma senha. Ao compartilhar um pequeno ato de pensamento-crime, ele transformara a ambos em cúmplices. Continuaram caminhando lentamente pelo corredor, mas então O'Brien se deteve. Com a simpatia curiosa e desarmante que ele sempre conseguia incluir no gesto, ajeitou os óculos no nariz. Depois prosseguiu:

— O que eu pretendia mesmo lhe dizer era que, no seu artigo, você usa duas palavras obsoletas. Mas só muito recentemente elas caíram em desuso. Já viu a décima edição do Dicionário da Novilíngua?

— Não — disse Winston. — Acho que ainda não foi publicada. Continuamos usando a nona no Departamento de Registros.

— A décima edição só vai sair daqui a alguns meses, acredito. Mas alguns exemplares foram distribuídos antecipadamente. Eu mesmo tenho um. Quem sabe você gostaria de dar uma olhada?

— Gostaria muito — respondeu Winston, percebendo logo onde aquilo ia dar.

— Alguns dos novos desdobramentos são muito engenhosos. A redução do número de verbos... acho que é o aspecto que vai interessá-lo, na minha opinião. Deixe-me ver, posso lhe enviar o dicionário por um mensageiro... Mas, infelizmente, sempre acabo me esquecendo desse tipo de coisa. Se lhe convier, quem sabe você pode buscá-lo no meu apartamento. Espere. Vou lhe dar o meu endereço.

Estavam diante de uma teletela. Um tanto distraidamente, O'Brien apalpou dois de seus bolsos e sacou uma caderneta de capa de couro e um lápis-tinta de ouro. Na frente da teletela. Numa posição tal que quem estivesse do outro lado do aparelho poderia ler o que ele

escrevia, rabiscou um endereço, arrancou a página e entregou-a a Winston.

— Normalmente estou em casa à noite — disse. — Se não estiver, meu empregado lhe dará o dicionário.

Foi embora, deixando Winston com o pedaço de papel na mão, só que dessa vez não havia necessidade de escondê-lo. Mesmo assim, Winston memorizou com cuidado as palavras escritas nele, e algumas horas depois jogou-o no buraco da memória junto com um bolo de outros papéis.

A conversa não durara mais do que alguns minutos. O episódio só podia ter um significado. Fora tramado como uma forma de passar a Winston o endereço de O'Brien. Foi necessário, porque a única maneira de descobrir onde uma pessoa morava era perguntando-lhe diretamente. Não havia nenhum tipo de catálogo de endereços.

"Se algum dia quiser falar comigo, é aí que pode me encontrar", fora o que O'Brien lhe dissera. Talvez houvesse até uma mensagem escondida no dicionário. De qualquer maneira, uma coisa era certa. A conspiração com a qual sonhara existia, sim, e ele se aproximara de seus limites externos.

Sabia que, cedo ou tarde, atenderia à convocação de O'Brien. Talvez no dia seguinte, talvez dali a um bom tempo — não tinha certeza. O que estava acontecendo era apenas o desenvolvimento de um processo que começara anos atrás. O primeiro passo fora um pensamento secreto e involuntário, o segundo, o início do diário. Ele passara dos pensamentos às palavras, e agora das palavras aos atos. O último passo seria algo que aconteceria no Ministério do Amor. Ele aceitara isso. O fim estava contido no início. Mas era assustador: ou, mais exatamente, era como um prenúncio da morte, como estar um pouco menos vivo.

Mesmo enquanto conversava com O'Brien, quando o significado das palavras foi ficando claro, sentiu calafrios. Teve a sensação de estar pondo os pés num túmulo úmido, e o pior é que sempre soubera que o túmulo estava ali à sua espera.

Winston acordara com lágrimas nos olhos. Sonolenta, Julia rolou para o lado dele, murmurando alguma coisa que poderia ser "O que foi?"

— Eu sonhei... — começou, e depois se calou. Era muito complexo para ser colocado em palavras. Havia o sonho em si, e havia a lembrança associada ao sonho que se infiltrara em sua mente segundos depois do despertar.

Continuou deitado de olhos fechados, ainda imbuído da atmosfera do sonho. Tinha sido um sonho vasto, luminoso, em que sua vida inteira parecia se estender diante dele como a paisagem de uma tarde de verão depois da chuva. O sonho todo se passara dentro do peso de papel de vidro, mas a superfície do vidro era a abóbada celeste, e no interior da abóbada tudo estava inundado de uma luz clara e suave em que era possível enxergava infinitamente longe. O sonho também estava compreendido — de fato, em certo sentido, consistia nisso — num gesto com o braço feito por sua mãe, e repetido trinta anos depois pela mulher judia que ele vira no noticiário tentando proteger o menininho das balas, antes de ambos serem alvejados e destroçados pelo helicóptero.

— Sabe — disse ele —, até este momento eu achava que tinha assassinado a minha mãe.

— Assassinou por quê? — perguntou Julia, quase dormindo.

— Eu não a assassinei. Fisicamente, não.

No sonho, ele se lembrara da última vez em que vira a mãe, e durante alguns instantes depois de acordar, o amontoado de pequenos acontecimentos que envolvia a lembrança voltara todo. Era uma recordação que ele devia ter deliberadamente empurrado para fora de

sua consciência durante muitos anos. Não estava certo da data, mas ele não podia ter menos de dez anos, talvez 12, quando tudo acontecera.

Seu pai desaparecera algum tempo antes, quanto, ele não se lembrava. Lembrava-se melhor das circunstâncias difíceis, tumultuadas: os pânicos periódicos envolvendo ataques aéreos e a fuga para buscar abrigo nas estações de metrô, os montes de escombros por toda parte, os avisos ininteligíveis afixados nas esquinas, as gangues de jovens vestidos com camisas da mesma cor, as filas enormes em frente às padarias, as rajadas intermitentes de metralhadoras ao longe — acima de tudo, o fato de nunca haver comida suficiente. Lembrava-se de passar longas tardes com outros garotos revirando latas de lixo e montes de detritos, catando talos de couve, cascas de batata, às vezes até restos de pão velho dos quais limpavam cuidadosamente as cinzas; e também esperando pela passagem de caminhões que viajavam por uma determinada estrada e eram conhecidos por transportarem ração para gado, e, quando sacolejavam ao passar nos remendos toscos da estrada, às vezes deixavam cair alguns fragmentos de bagaço de oleaginosas.

Quando seu pai desapareceu, sua mãe não demonstrara surpresa nem angústia violenta, mas sofreu uma mudança súbita. Parecia ter perdido todo o ânimo. Era evidente até mesmo para Winston que estava à espera de algo que sabia que iria acontecer. Fazia todas as tarefas necessárias — cozinhava, lavava, remendava, arrumava a cama, varria a casa, tirava o pó do console da lareira — sempre muito devagar e, o que era curioso, sem qualquer movimento supérfluo, como um manequim de artista movendo-se por conta própria. Seu corpo grande e bem-feito parecia recair naturalmente na inércia. Passava horas quase imóvel sentada na cama, acalentando a irmã caçula de Winston,

uma menina miudinha de dois ou três anos muito calada, cujo rosto a magreza tornara simiesco. Muito de vez em quando, ela pegava Winston nos braços e o apertava contra o peito por um bom tempo sem dizer nada. Ele percebia, apesar da pouca idade e do egoísmo, que essa atitude tinha alguma conexão com aquela coisa nunca mencionada que estava prestes a acontecer.

Lembrava-se do quarto onde viviam, um cômodo escuro, cheirando a ambiente fechado, que parecia quase todo tomado por uma cama coberta por uma colcha branca. Havia um fogareiro a gás na lareira, e uma prateleira onde se guardavam os mantimentos, e, do lado de fora, no patamar, havia uma pia marrom de terracota, comum a vários quartos. Lembrava-se do corpo escultural da mãe inclinando-se sobre o fogareiro para mexer alguma coisa numa panela. Acima de tudo, lembrava-se de sua fome constante, e das brigas ferozes e sórdidas durante as refeições. De birra, perguntava insistentemente à mãe por que não havia mais comida, gritava e esbravejava com ela (lembrava-se até do tom de sua voz, que começava prematuramente a engrossar e às vezes retumbava de um jeito estranho), ou dramatizava, choramingando para tentar ser contemplado com uma cota extra. A mãe sempre estava pronta para lhe dar uma cota extra. Achava natural que ele, "o menino", recebesse a porção maior. Só que, quanto mais ela lhe dava, mais ele exigia. A cada refeição, ela lhe implorava para que deixasse de ser egoísta e se lembrasse de que a irmãzinha estava doente e também precisava comer, mas não adiantava. Winston chorava de raiva quando ela parava de lhe servir a comida no prato, tentava lhe arrancar a panela e a concha das mãos, roubava comida do prato da irmã. Sabia que ela também passava fome, mas aquilo era mais forte do que ele; e às vezes até se achava no direito de fazer isso. A

fome clamorosa que sentia parecia justificar sua atitude. Entre uma refeição e outra, se sua mãe não vigiasse, ele estava sempre roubando comida do miserável estoque da prateleira.

Um dia, distribuíram uma ração de chocolate. Havia semanas ou meses que isso não acontecia. Ele se lembrava com bastante clareza daquele precioso pedacinho de chocolate. Era óbvio que devia ser dividido entre os três. De repente, como se estivesse ouvindo outra pessoa falar, Winston se ouviu exigindo aos berros que a mãe lhe desse o pedaço inteiro. Sua mãe lhe disse para não ser guloso. Seguiu-se uma discussão longa e irritante que não parava, com gritos, gemidos, lágrimas, repreensões, barganhas. A irmãzinha, agarrada à mãe com as duas mãos, exatamente como um filhotinho de macaco, olhava para ele por cima do ombro dela com olhos grandes e tristes. No fim, a mãe repartiu o chocolate entre os filhos, dando a Winston três quartos do tablete e o resto à filha. A menininha agarrou o seu pedaço e ficou olhando para aquilo com cara de idiota, talvez sem saber o que era. Winston observou-a por um instante. Em seguida, num gesto como que movido por uma mola, arrancou o chocolate da mão da irmã e correu para a porta.

— Winston! Winston! — gritara a mãe. — Volte aqui! Devolva o chocolate da sua irmã.

Ele parou, mas não voltou. Os olhos ansiosos da mãe estavam fixos em seu rosto. Mesmo naquele instante, pensando nisso, ele não sabia o que estava prestes a acontecer. A irmã, consciente de ter sido roubada, começara um choramingo débil. A mãe envolveu a menina com o braço e estreitou a carinha dela contra o peito. Alguma coisa nesse gesto deu a entender a Winston que a irmã estava morrendo. Virou-se e correu escada abaixo, com o chocolate derretendo na mão.

Nunca mais tornou a ver a mãe. Depois de devorar o chocolate, sentiu-se um pouco envergonhado e passou horas perambulando pelas ruas, até que a fome o fez voltar para casa. Quando chegou, a mãe tinha sumido. Isso já estava ficando normal na época. Nada desaparecera, a não ser a mãe e a irmã. Elas não tinham levado nenhuma roupa, nem mesmo o casacão da mãe. Até hoje, Winston não sabia ao certo se a mãe tinha morrido. Era perfeitamente possível que simplesmente tivesse sido enviada para um campo de trabalhos forçados. Já sua irmã poderia ter sido removida, como ele próprio, para uma das colônias para crianças sem lar (os chamados Centros de Recuperação) que haviam se desenvolvido em decorrência da guerra civil, ou poderia ter sido enviada para o campo de trabalhos forçados junto com a mãe, ou simplesmente ter sido abandonada em algum lugar para morrer.

O sonho ainda estava vívido em sua mente, em especial o gesto protetor da mãe envolvendo a filha com o braço, e que parecia conter todo o seu significado. A mente de Winston voltou a outro sonho, de dois meses antes. A posição em que a mãe estava sentada na surrada cama de colcha branca com a filha agarrada a ela era exatamente a mesma em que estava sentada dentro do navio que afundava, já bem abaixo do local em que ele se encontrava, mas ainda erguendo os olhos para ele através da água cada vez mais escura.

Contou a Julia a história do desaparecimento da mãe. Sem abrir os olhos, ela rolou na cama e se pôs numa posição mais confortável.

— Imagino que você era uma peste naquela época — disse embolando as palavras. — Criança é tudo uma peste.

— É, mas o ponto importante da história...

Pela respiração, via-se que Julia ia tornar a adormecer. Ele teria gostado de continuar falando sobre a mãe. Não achava, pelo que se

lembrava, que ela tivesse sido uma mulher invulgar, muito menos inteligente; no entanto, possuía uma espécie de nobreza, uma espécie de pureza, simplesmente porque os padrões a que obedecia eram íntimos. Seus sentimentos eram só dela e não podiam ser alterados por razões externas. Não lhe passaria pela cabeça que, por ser ineficaz, um ato perdesse o sentido. Quando se amava alguém, amava-se esse alguém, e quando não sobrava mais nada para dar ainda havia amor para lhe dar. Quando não havia mais chocolate, a mãe abraçara a filha. Não adiantava, não mudava nada, não fazia aparecer mais chocolate, não evitava a morte da menina nem a dela; mas pareceu-lhe natural fazer isso. A mulher refugiada no barco também cobrira o garotinho com o braço, que, contra as balas, era tão eficaz quanto uma folha de papel. O que o Partido fizera de terrível fora convencer as pessoas de que meros impulsos, meros sentimentos não valiam nada, ao mesmo tempo em que as despojava de todo o poder sobre o mundo material. A partir do momento em que você caía nas garras do Partido, o que sentia ou não sentia, o que fazia ou deixava de fazer, não fazia literalmente diferença nenhuma. O que quer que acontecesse, você sumiria, e nunca mais se ouviria falar de você ou de suas ações. Você era retirado do curso da história. Isso não teria muita importância para pessoas de apenas duas gerações atrás, pois elas não tentavam modificar a história. Eram regidas por lealdades íntimas que não questionavam. O importante eram as relações individuais, e um gesto completamente incontrolável, um abraço, uma lágrima, uma palavra dirigida a um moribundo, podiam ter valor em si. Os proletas, ocorreu-lhe de repente, haviam continuado assim. Não eram leais a um partido, a um país ou a uma ideia. Eram leais uns aos outros. Pela primeira vez na vida, não desprezou os proletas, nem pensou neles apenas como uma

força inerte que um dia despertaria para a vida e regeneraria o mundo. Os proletas tinham permanecido humanos. Não se enrijeceram por dentro. Haviam se aferrado às emoções primitivas que ele próprio tinha que reaprender por um esforço consciente. Ao pensar nessas coisas, lembrou-se, aparentemente sem dar importância, de como algumas semanas antes vira uma mão decepada caída no chão e a chutara para a sarjeta como se fosse um talo de couve.

— Os proletas são seres humanos — disse em voz alta. — Nós não somos humanos.

— Por quê? — perguntou Julia, que tornara a acordar.

Ele pensou um pouco.

— Alguma vez já lhe ocorreu que o melhor para nós seria simplesmente ir embora daqui antes que seja tarde demais, e nunca mais nos vermos?

— Já, querido, já me ocorreu várias vezes. Mesmo assim, não vou fazer isso.

— Temos tido sorte — disse ele —, mas essa sorte não pode durar por muito mais tempo. Você é jovem. Tem uma cara normal e inocente. Se ficar afastada de pessoas como eu, talvez ainda viva mais cinquenta anos.

— Não. Já planejei tudo. O que você fizer, também vou fazer. E não fique tão desanimado. Sou muito boa em me manter viva.

— Podemos continuar juntos por mais seis meses, um ano, não dá para saber. No fim, com certeza, estaremos separados. Você se dá conta de quão profundamente sozinhos estaremos? Depois que eles nos pegarem, não haverá nada, absolutamente nada, que um de nós possa fazer pelo outro. Se eu confessar, eles fuzilam você, e se eu me recusar a confessar, fuzilam você também. Nada que eu possa fazer ou dizer, ou

deixar de dizer, adiará sua morte por cinco minutos que seja. Nenhum de nós sequer saberá se o outro está vivo ou morto. Estaremos totalmente destituídos de qualquer tipo de poder. A única coisa que importa é que a gente não traia um ao outro, embora nem isso possa fazer a menor diferença.

— Se está falando de confessar — disse ela —, nós faremos isso. Com certeza. Todo mundo sempre confessa. Não dá para evitar. Eles torturam a gente.

— Não falo de confessar. Confissão não é traição. O que se diz ou se faz não importa; só os sentimentos importam. Se conseguirem fazer com que eu deixe de amar você, isso, sim, seria a verdadeira traição.

Julia refletiu sobre o assunto.

— Eles não conseguem — disse por fim. — É a única coisa que não conseguem fazer. Podem nos fazer dizer qualquer coisa. QUALQUER COISA. Mas não podem nos fazer acreditar no que dizemos. Não podem entrar dentro de nós.

— Não — disse ele um pouco mais esperançoso —, é verdade. Não podem entrar dentro de nós. Se conseguirmos SENTIR que continuar humano vale a pena, mesmo que isso não dê em nada, nós os vencemos.

Winston pensou na teletela com aquele ouvido que nunca dormia. Podiam espionar você noite e dia, mas, se não perdesse a cabeça, você conseguiria ser mais esperto que eles. Com toda a sua inteligência, eles nunca haviam dominado o segredo de descobrir o que outro ser humano pensa. Talvez isso fosse menos verdadeiro quando se estava de fato nas mãos deles. Niguém sabia o que se passava no Ministério do Amor, mas era possível adivinhar: torturas, drogas, instrumentos delicados que registravam suas reações nervosas, desgaste progressivo

por privação de sono, solidão e interrogatórios permanentes. Os fatos, de todo modo, não podiam ser mantidos ocultos. Podiam ser rastreados por meio de interrogatórios, podiam ser arrancados de você por tortura. Mas se o objetivo não fosse permanecer vivo, mas sim permanecer humano, que diferença faria, em última instância? Não podiam alterar seus sentimentos: aliás, nem você conseguiria alterá-los, mesmo se quisesse. Podiam expor nos mínimos detalhes tudo o que você fazia ou pensava, mas o seu íntimo, misterioso até para você mesmo, continuava inexpugnável.

Tinham conseguido, afinal tinham conseguido!

A sala em que se encontravam era comprida e suavemente iluminada. O volume do som da teletela estava reduzido a um murmúrio; a espessura do tapete azul-escuro dava a impressão de que se pisava em veludo. No outro extremo do aposento, O'Brien estava sentado a uma mesa sob uma luminária verde, entre duas pilhas de papéis. Não se dera ao trabalho de erguer os olhos quando o criado fez Julia e Winston entrarem.

O coração de Winston batia tão forte que ele não sabia se seria capaz de falar. Tinham conseguido, afinal tinham conseguido, era só o que conseguia pensar. Fora um ato imprudente ir até lá, e uma loucura completa terem chegado juntos; embora fosse verdade que tivessem chegado por caminhos diferentes, encontrando-se apenas na porta do apartamento de O'Brien. Mas só o ato de entrar num lugar como aquele exigia um esforço de coragem. Apenas em ocasiões muito raras alguém via o interior das residências dos membros do Partido Interno, ou mesmo entrava no bairro da cidade em que eles moravam. A atmosfera do enorme prédio, a opulência e a amplidão de tudo, os aromas desconhecidos de comida e tabaco de primeira, os elevadores silenciosos que subiam e desciam a uma velocidade incrível, os criados de paletó branco andando de um lado a outro — tudo era intimidador. Embora tivesse um bom pretexto para estar ali, a cada passo Winston era assombrado pelo medo de que de repente surgisse de um canto um guarda de uniforme preto, exigisse seus documentos e mandasse que ele se retirasse. O empregado de O'Brien, porém, admitira-os sem nenhuma objeção. Era um homem baixo de cabelos escuros usando um

paletó branco, com um rosto em forma de losango completamente inexpressivo que poderia ser de um chinês. Conduziu-os por um corredor atapetado, com papel de parede creme e lambris brancos, tudo limpíssimo. Isso também intimidava. Winston não se lembrava de ter visto um corredor cujas paredes não estivessem encardidas pelo contato de corpos humanos.

O'Brien segurava uma tira de papel entre os dedos e parecia estudá-la com atenção. Tinha o rosto de feições pesadas inclinado num ângulo que deixava ver o contorno do nariz, e parecia assustador e inteligente. No primeiro momento, permaneceu imóvel. Depois, puxou para si o ditógrafo e ditou uma mensagem no jargão híbrido dos ministérios:

> Itens um vírgula cinco vírgula sete aprovados integralmente ponto sugestão contida item seis duplomais ridícula beirando crimepensar cancelar ponto improsseguir construtivamente prerecepção estimativas satisfatórias maquinário acima ponto fim mensagem.

O'Brien ergueu-se decidido da cadeira e aproximou-se deles pelo tapete que abafava seus passos. A atmosfera oficial pareceu afastar-se dele após as palavras em Novilíngua, mas sua expressão estava mais carregada que de costume, como se a interrupção o tivesse incomodado. O pavor que Winston já sentia ganhou uma pitada de embaraço. Pareceu-lhe bem possível que tivesse cometido um erro idiota. Pois que prova concreta tinha de que O'Brien fosse um conspirador político? Nada, além de um lampejo nos olhos e um único comentário ambíguo: além disso, somente suas lucubrações secretas, baseadas num sonho. Não podia nem recorrer ao pretexto de ter ido

pegar emprestado o dicionário, pois, nesse caso, era impossível explicar a presença de Julia. Ao passar pela teletela, O'Brien pareceu ter uma ideia. Parou, virou para o lado e apertou um interruptor na parede. Ouviu-se um estalido seco. A voz cessara.

Julia emitiu um som agudo, uma espécie de guincho de surpresa. Mesmo em pânico, Winston estava espantado demais para segurar a língua na boca.

— Vocês podem desligar! — exclamou.

— Sim — disse O'Brien —, podemos. Temos esse privilégio.

Estava na frente deles agora. Sua figura maciça elevava-se sobre os dois, e a expressão em seu rosto continuava indecifrável. Aguardava, com alguma severidade, que Winston falasse, mas sobre o quê? Mesmo então, era perfeitamente concebível que ele fosse só um homem ocupado que se perguntava, irritado, por que havia sido interrompido. Ninguém falava. Depois que a teletela foi desligada, um silêncio mortal reinava na sala. Os segundos se arrastavam, enormes. Com dificuldade, Winston continuou sustentando o olhar de O'Brien. Então, de repente, a expressão carregada se descontraiu um pouco, transformando-se no que poderia ser o esboço de um sorriso. Com o gesto que lhe era característico, O'Brien ajeitou os óculos no nariz.

— Falo eu ou falam vocês? — disse.

— Eu falo — disse Winston prontamente. — Essa coisa está mesmo desligada?

— Sim, está tudo desligado. Estamos sozinhos.

— Viemos aqui porque...

Winston fez uma pausa, dando-se conta pela primeira vez da inconsistência de seus motivos. Como não sabia efetivamente que tipo de ajuda esperava de O'Brien, não era fácil dizer o que o fizera ir lá.

Prosseguiu, consciente de que o que dizia devia soar confuso e pretensioso:

— Acreditmos que há algum tipo de conspiração, algum tipo de organização secreta trabalhando contra o Partido, e que o camarada está envolvido nela. Queremos aderir e trabalhar para ela. Somos inimigos do Partido. Descremos dos princípios do Socing. Somos criminosos do pensamento. Somos também adúlteros. Conto-lhe isso porque queremos nos colocar em suas mãos. Se quiser que nos incriminemos de alguma outra forma, estamos prontos.

Parou e olhou por cima do ombro, com a sensação de que a porta se abrira. De fato, o criado de cara amarela entrara sem bater. Winston viu que trazia um decanter e taças.

— Martin é um de nós — disse O'Brien, impassível. — Traga a bebida aqui, Martin. Pouse as taças na mesa redonda. Temos cadeiras suficientes? Então podemos nos sentar e conversar confortavelmente. Puxe uma cadeira para você, Martin. Isso é uma negociação. Pode deixar de ser criado pelos próximos dez minutos.

O homenzinho sentou-se, bem à vontade, mas sem perder o ar servil, o ar de um camareiro desfrutando de um privilégio. Winston olhou-o de rabo de olho. Ocorreu-lhe que a vida do homem se resumia a desempenhar um papel, e que ele achava muito perigoso abandonar sua persona nem que fosse por um instante. O'Brien pegou o decanter pelo gargalo e encheu as taças com um líquido vermelho-escuro. O gesto despertou em Winston lembranças vagas de alguma coisa que vira havia muito tempo num muro ou num cartaz — uma enorme garrafa composta de lâmpadas elétricas que pareciam se mover para cima e para baixo e verter seu conteúdo numa taça. Visto de cima, o líquido parecia quase preto, mas no decanter tinha um brilho de rubi. O

aroma era agridoce. Winston viu Julia pegar sua taça e cheirá-la com franca curiosidade.

— Chama-se vinho — disse O'Brien com um leve sorriso. — Devem ter lido a respeito em livros, sem dúvida. Infelizmente, quase não costuma chegar ao Partido Externo. — Seu rosto tornou a assumir um ar solene, e ele ergueu a taça. — Acho que seria apropriado começarmos fazendo um brinde. Ao nosso Líder: a Emmanuel Goldstein.

Winston pegou o copo com certa avidez. Vinho era uma coisa sobre a qual lera e com a qual sonhara. Como o peso de papel de vidro ou as estrofes das canções infantis que voltavam à lembrança do sr. Charrington, pertencia ao passado extinto, romântico, ao tempo antigo, como gostava de chamar em seus pensamentos secretos. Por alguma razão, sempre imaginara que vinho teria um sabor intensamente doce, o de geleia de amora, e um efeito imediatamente inebriante. Aliás, depois de sorvê-lo, ficou bastante decepcionado. A verdade era que, depois de anos bebendo gim, mal conseguia sentir o sabor daquilo. Pousou o copo vazio.

— Quer dizer que existe mesmo uma pessoa chamada Goldstein? — perguntou.

— Existe, sim, e ele está vivo. Onde, não sei.

— E a conspiração... a organização? Não é só uma invenção da Polícia do Pensamento?

— Não, é real. Nós a chamamos de Irmandade. Vocês nunca vão saber muito mais sobre a Irmandade além do fato de que ela existe e de que pertencem a ela. Logo voltarei a essa questão. — Consultou o relógio de pulso. — É imprudência, até para membros do Partido Interno, manter a teletela desligada por mais de meia hora. Vocês não

deviam ter vindo juntos e terão que sair separados. Você, camarada — indicou Julia com a cabeça —, sairá primeiro. Temos vinte minutos. Vocês entenderão que devo começar lhes fazendo determinadas perguntas. Em linhas gerais, o que estão preparados para fazer?

— Tudo que formos capazes de fazer — respondeu Winston.

O'Brien se virara um pouco na cadeira, de modo a ficar de frente para Winston. Praticamente ignorava Julia, parecendo dar como certo que Winston podia falar por ela. Semicerrou as pálpebras por um instante. Começou a fazer as perguntas numa voz baixa e inexpressiva, como se aquilo fosse de praxe, uma espécie de catecismo cujas respostas, na maioria, soubesse de antemão.

— Estão preparados para dar a vida?

— Sim.

— Estão preparados para cometer assassinato?

— Sim.

— Para cometer atos de sabotagem que podem causar a morte de centenas de inocentes?

— Sim.

— Para trair seu país com potências estrangeiras?

— Sim.

— Estão preparados para enganar, falsificar, chantagear, corromper crianças, distribuir drogas aditivas, estimular a prostituição, disseminar doenças venéreas, fazer tudo que possa desmoralizar ou enfraquecer o poder do Partido?

— Sim.

— Se, por exemplo, de alguma forma for útil a nossos interesses jogar ácido sulfúrico na cara de uma criança, estariam preparados para fazer isso?

— Sim.

— Está preparado para perder a identidade e passar o resto da vida trabalhando como garçom ou estivador?

— Sim.

— Está preparado para cometer suicídio se e quando receber a ordem de fazer isso?

— Sim.

— Estão preparados, vocês dois, a se separarem e nunca mais se reverem?

— Não! — interveio Julia.

Winston teve a impressão de que muito tempo se passou antes que ele respondesse. Por um momento, pareceu-lhe até ter perdido a fala. Sua língua trabalhava em silêncio, formando repetidamente as sílabas iniciais primeiro de uma palavra, depois de outra. Até pronunciá-la, não sabia que palavra diria.

— Não — disse, afinal.

— Fizeram bem em me informar — disse O'Brien. — Precisamos saber de tudo.

Virou-se para Julia e acrescentou numa voz um pouco mais expressiva:

— Entende que, se ele sobreviver, talvez se torne outra pessoa? Podemos ser obrigados a lhe dar uma nova identidade. O rosto, os movimentos, o formato das mãos, a cor do cabelo, até a voz dele mudariam. E você também poderia virar outra pessoa. Nossos cirurgiões são capazes de transformar as pessoas, tornando-as irreconhecíveis. Isso pode ser necessário. Às vezes até amputamos um braço ou uma perna.

Winston não pode deixar de lançar outro olhar de esguelha para a cara mongólica de Martin. Não viu nenhuma cicatriz. Julia empalidecera ligeiramente, denunciando suas sardas, mas encarava O'Brien com audácia. Murmurou algo que pareceu uma anuência.

— Ótimo. Então está resolvido.

Havia uma caixa de prata para cigarros sobre a mesa. Com ar um tanto distraído, O'Brien empurrou a caixa para os outros, tirou um cigarro, depois se levantou e começou a andar devagar de um lado para o outro, como se, de pé, raciocinasse melhor. Eram cigarros muito bons, grossos e bem embalados em papel com um toque sedoso incomum. O'Brien tornou a consultar o relógio de pulso.

— É melhor você voltar para a copa, Martin — disse. — Vou ligar daqui a 15 minutos. Antes de ir, olhe bem para a cara desses camaradas. Vai tornar a vê-los. Eu, talvez, não.

Da mesma forma como haviam feito à porta de entrada, os olhos escuros do homenzinho passaram depressa pelo rosto dos dois. Sua atitude era totalmente desprovida de cordialidade. Ele estava memorizando a aparência deles, mas não se interessava, ou parecia não se interessar, por nenhum dos dois. Ocorreu a Winston que uma cara artificial talvez fosse incapaz de mudar de expressão. Sem falar ou fazer nenhum tipo de cumprimento, Martin saiu, fechando a porta ao passar. O'Brien andava para lá e para cá, uma mão no bolso do macacão preto, a outra segurando o cigarro.

— Vocês entendem — disse — que estarão lutando no escuro. Estarão sempre no escuro. Vão receber ordens e vão obedecê-las sem saber por quê. Mais tarde, eu lhes enviarei um livro onde aprenderão sobre a verdadeira natureza da sociedade em que vivemos, e a estratégia pela qual a destruiremos. Depois que lerem o livro, serão membros plenos

da Irmandade. Mas, com a exceção dos objetivos gerais de nossa luta e das tarefas imediatas do momento, vocês nunca saberão de nada. Garanto-lhes que a Irmandade existe, mas não posso dizer se tem cem ou dez milhões de membros. Por conhecimento próprio, vocês nunca serão capazes de dizer se tem mais de uma dúzia. Vocês terão três ou quatro contatos, que serão renovados de tempos em tempos à medida que desaparecerem. Como este foi o primeiro contato de vocês, ele será preservado. Será de mim que receberão ordens. Se julgarmos necessário nos comunicarmos com vocês, será por meio de Martin. Quando finalmente forem pegos, vocês confessarão. É inevitável. Mas terão muito pouco a confessar, além de seus próprios atos. Não conseguirão trair mais que um punhado de gente sem importância. É provável que nem a mim vocês traiam. Talvez eu já tenha morrido ou tenha me tornado outra pessoa, com outra cara.

O'Brien continuava andando de um lado para o outro no tapete macio. Apesar da corpulência, seus movimentos tinham uma graça extraordinária, que aparecia até no gesto com que ele enfiava a mão no bolso ou utilizava um cigarro. Mais ainda do que de força, dava uma impressão de confiança e de percepção com um toque de ironia. Por mais sério que fosse, não tinha a mente focada em um objetivo único como têm os fanáticos. Quando falava de assassinato, suicídio, doenças venéreas, braços e pernas amputados e caras modificadas, fazia-o com um leve ar de zombaria. "Isso é inevitável", sua voz parecia dizer."É o que temos que fazer, impassivelmente. Mas não é isso que faremos quando a vida voltar a valer a pena." Uma onda de admiração, quase de veneração, fluía de Winston para O'Brien. No momento, Winston nem se lembrava da figura sombria de Goldstein. Quando se olhava para os ombros fortes de O'Brien e para seu rosto de feições grosseiras, tão feio

e, no entanto, tão civilizado, era quase impossível acreditar que ele pudesse ser derrotado. Não havia estratagema do qual não estivesse à altura, perigo que não conseguisse prever. Até Julia parecia impressionada. Deixara o cigarro apagar e ouvia com atenção. O'Brien prosseguiu:

— Vocês já devem ter ouvido boatos sobre a existência da Irmandade. Sem dúvida criaram sua própria imagem dela. Devem ter imaginado um vasto submundo de conspiradores, encontrando-se secretamente em porões, rabiscando mensagens em muros, reconhecendo uns aos outros por senhas ou gestos de mão especiais. Nada disso existe. Os membros da Irmandade não têm como identificar uns aos outros, e é impossível um membro saber a identidade de mais que um punhado de outros. O próprio Goldstein, se caísse nas mãos da Polícia do Pensamento, não seria capaz de dar uma lista completa de membros, ou qualquer informação que os levasse a uma lista completa. Não existe uma lista assim. A Irmandade não pode ser aniquilada porque não é uma organização no sentido comum do termo. Nada a sustenta, a não ser a ideia de que é indestrutível. Vocês nunca poderão se apoiar em nada senão nessa ideia. Não saberão o que é camaradagem nem encorajamento. Quando afinal forem apanhados, não receberão ajuda. Nunca ajudarão nossos membros. No máximo, quando é absolutamente necessário alguém ser silenciado, às vezes conseguimos fazer uma navalha chegar clandestinamente à cela de um prisioneiro. Vocês terão que se acostumar a viver sem resultados e sem esperança. Trabalharão por algum tempo, serão presos, confessarão, depois morrerão. São esses os únicos resultados que hão de ver. Não há possibilidade de que ocorra qualquer mudança perceptível enquanto vivermos. Somos os mortos. Nossa única vida verdadeira está no

futuro. Participaremos dela como punhados de pó e lascas de osso. Mas quão distante está esse futuro, não há como saber. Pode estar a mil anos de hoje. Atualmente, nada é possível, a não ser ampliar paulatinamente a área de sanidade. Não podemos agir coletivamente. Só podemos difundir nosso conhecimento de um indivíduo a outro, geração após geração. Em face da Polícia do Pensamento, não há outra saída. — Interrompeu-se e consultou pela terceira vez o relógio de pulso. — Está quase na hora de você ir embora, camarada — disse a Julia. — Espere. O decanter ainda está pela metade.

Encheu as taças e ergueu a sua pela haste.

— A que brindaremos dessa vez? — perguntou, ainda com a mesma leve sugestão de ironia. — À confusão da Polícia do Pensamento? À morte do Grande Irmão? À humanidade? Ao futuro?

— Ao passado — disse Winston.

— O passado é mais importante — concordou O'Brien com gravidade.

Esvaziaram seus copos, e pouco depois Julia se levantou para partir. O'Brien tirou uma caixinha do alto de um armário e deu-lhe um tablete, recomendando que o colocasse na língua. Era importante, disse, não sair cheirando a vinho: os ascensoristas eram muito observadores. Tão logo a porta se fechou atrás dela, O'Brien pareceu ter se esquecido de sua existência. Deu mais uns passos para lá e para cá, e parou.

— Há detalhes a acertar — disse. — Presumo que tenha algum tipo de esconderijo.

Winston falou sobre o quarto em cima da loja do sr. Charrington.

— Por ora, serve. Mais tarde, arrumaremos outra coisa para você. É importante trocar sempre de esconderijo. Enquanto isso, lhe mandarei um exemplar do LIVRO... — até O'Brien, Winston reparou, parecia pronunciar as palavras como se estivessem em itálico — ... o livro de

Goldstein, sabe, o quanto antes. Talvez leve alguns dias para conseguir um exemplar. Não existem muitos, como pode imaginar. A Polícia do Pensamento os caça e os destrói quase tão depressa quanto somos capazes de imprimi-los. Não faz muita diferença. O livro é indestrutível. Se o último exemplar desaparecesse, poderíamos reproduzi-lo quase que palavra por palavra. Você leva uma pasta quando vai para o trabalho?

— Normalmente, sim.

— Como ela é?

— Preta, muito surrada. Com duas alças.

— Preta, duas alças, muito surrada... ótimo. Um dia, no futuro próximo, não posso precisar uma data, uma das mensagens que você recebe na parte da manhã conterá uma palavra com um erro de impressão, e você terá que solicitar que seja repetida. No dia seguinte, irá para o trabalho sem a pasta. Em algum momento durante o dia, na rua, um homem tocará em seu braço e dirá: "Acho que você deixou cair sua pasta." A que ele lhe dará conterá um exemplar do livro de Goldstein. Você o devolverá em 14 dias.

Ficaram calados por um instante.

— Temos alguns minutos antes de você ter que ir embora — continuou O'Brien. — Devemos nos encontrar de novo... se nos encontrarmos de novo...

Winston ergueu os olhos para ele.

— No lugar onde não há escuridão? — perguntou hesitante.

O'Brien fez que sim com a cabeça sem demonstrar surpresa.

— No lugar onde não há escuridão — disse, como se tivesse reconhecido a alusão. — Enquanto isso, há alguma coisa que queira dizer antes de sair? Alguma mensagem? Alguma pergunta?

Winston pensou. Não parecia haver mais nenhuma pergunta que quisesse fazer e não sentia nenhum impulso de dizer generalidades empoladas. Em vez de algo diretamente ligado a O'Brien ou à Irmandade, veio-lhe à mente uma espécie de composição retratando o quarto escuro onde sua mãe passara os últimos dias, o quartinho em cima da loja do sr. Charrington, o peso de papel de vidro, e a gravura em aço na moldura de jacarandá. Quase aleatoriamente, disse:

— Por acaso já ouviu uma canção infantil que começa assim: "Laranjas e limões com sementes, dizem os sinos da São Clemente?"

O'Brien tornou a fazer que sim com a cabeça. Com uma espécie de mesura séria, completou a estrofe:

"*Laranjas e limões com sementes, dizem os sinos da São Clemente.*
Esse tostão é pra mim, dizem os sinos da São Martim.
E quando pagará, afinal?, cantam os sinos do Tribunal.
Quando eu enriquecer, os sinos de Shoreditch vêm dizer."

— Você sabe o último verso! — disse Winston.

— Sim, eu sei o último verso. E agora, infelizmente, está na hora de você ir. Mas espere um pouco. É melhor mascar um desses tabletes.

Quando Winston se levantou, O'Brien estendeu a mão. Com um aperto forte, esmagou os ossos da palma de Winston. À porta, Winston olhou para trás, mas O'Brien já parecia estar no processo de tirá-lo da cabeça. Aguardava com a mão no interruptor que controlava a teletela. Atrás dele, Winston viu a escrivaninha com sua lâmpada verde, o ditógrafo e os cestos de arame abarrotados de documentos. O episódio estava encerrado. Em trinta segundos, pensou, O'Brien retomaria, após a interrupção, o importante trabalho que realizava para o Partido.

Winston estava gelatinoso de cansaço. Gelatinoso era a palavra certa. Surgira espontaneamente em sua cabeça. Era como se seu corpo tivesse não só a moleza da gelatina, mas também a translucidez. Sentia que se levantasse a mão, veria a luz através dela. Todo o sangue e toda a linfa haviam sido drenados de seu corpo por uma estúpida orgia de trabalho, deixando apenas uma frágil estrutura de nervos, ossos e pele. Todas as sensações pareciam ampliadas. O macacão lhe irritava os ombros, o pavimento lhe dava cócega nos pés, até o esforço de abrir e fechar a mão fazia suas juntas rangerem.

Trabalhara mais de noventa horas em cinco dias. Ele e todo mundo no ministério. Agora estava tudo pronto, e Winston não tinha mais literalmente nada a fazer, nenhum tipo de tarefa do Partido até a manhã seguinte. Podia passar seis horas no esconderijo e outras nove na própria cama. Devagar, sob o sol ameno da tarde, seguiu por uma rua sórdida na direção da loja do sr. Charrington, sempre de olho nas patrulhas, mas irracionalmente convencido de que naquela tarde não havia risco de alguém se meter com ele. A pesada pasta lhe batia no joelho a cada passo, causando um formigamento que lhe subia e descia pela perna. Dentro da pasta, estava o livro, já há seis dias ali e ainda por abrir. Ele nem sequer o olhara.

No sexto dia da Semana do Ódio, depois dos desfiles, dos discursos, dos berros, da cantoria, das bandeiras, dos cartazes, dos filmes, dos cenários de cera, do rufar dos tambores, dos guinchos das cornetas, da percussão dos pés em marcha, do rangido das esteiras dos tanques, do ronco das esquadrilhas de aviões, do troar dos canhões — depois de seis dias disso tudo, quando o grande orgasmo se aproximava, trêmulo, do

clímax, e o ódio geral da Eurásia transformara-se em tal delírio após ter entrado em ebulição que, se a multidão pudesse pôr as mãos nos dois mil criminosos de guerra eurasianos que seriam enforcados em praça pública no último dia dos festejos, sem dúvida os teria estraçalhado — aí, nesse exato momento, fora anunciado que a Oceania afinal não estava em guerra com a Eurásia. A Oceania estava em guerra com a Lestásia. A Eurásia era uma aliada.

Naturalmente, não houve nenhum reconhecimento de que algo mudara. Apenas tomou-se conhecimento, de modo extremamente repentino e em toda parte a um só tempo, de que a Lestásia e não a Eurásia era o inimigo. Winston participava de uma manifestação numa das praças centrais de Londres no momento em que isso aconteceu. Era noite, e as caras brancas e as bandeiras escarlates tinham um brilho lúgubre à luz dos holofotes. Havia vários milhares de pessoas apinhadas na praça, entre as quais um grupo de cerca de mil alunos do ensino fundamental envergando o uniforme dos Espiões. Num palanque decorado com panos encarnados, um orador do Partido Interno, um homem baixo e magro, com braços desproporcionalmente longos e um vasto crânio calvo sobre o qual escorria uma ou outra mecha perdida, discursava para o povo. Um verdadeiro Rumpelstiltskin, contorcido de ódio, empunhava o microfone numa mão enquanto a outra, enorme na ponta de um braço ossudo, arranhava o ar, ameaçadora, acima de sua cabeça. Sua voz, à qual os amplificadores davam um tom metálico, estrondeava uma interminável lista de atrocidades, massacres, deportações, pilhagens, estupros, torturas de prisioneiros, bombardeio de civis, propagandas enganosas, agressões injustas, tratados quebrados. Era quase impossível ouvi-lo sem primeiro ficar convencido, depois revoltado. A toda hora, a fúria da

multidão transbordava e a voz do orador era abafada por um rugido selvagem que se elevava, descontrolado, de milhares de gargantas. Os gritos mais selvagens vinham dos alunos do ensino fundamental. O discurso já durava uns vinte minutos quando um mensageiro subiu correndo no palanque e enfiou um papelzinho na mão do orador, que o desdobrou sem interromper o discurso. Nada se modificou em sua voz ou em sua postura, ou mesmo no teor do que dizia, mas de repente os nomes estavam diferentes. Sem que se dissesse uma palavra, uma onda de compreensão percorreu a multidão. A Oceania estava em guerra com a Lestásia! Em seguida, houve uma comoção tremenda. As bandeiras e os pôsteres que decoravam a praça estavam todos errados! Mais de metade deles reproduzia as caras erradas. Era sabotagem! Os agentes de Goldstein tinham andado em ação! Houve um interlúdio tumultuado enquanto pôsteres eram arrancados das paredes, bandeiras eram despedaçadas e pisoteadas. Os Espiões executaram atos prodigiosos trepando nos telhados e cortando as bandeirinhas que tremulavam presas às chaminés. Mas em dois ou três minutos tudo cessou. O orador, ainda empunhando o microfone, os ombros curvados, a mão livre arranhando o ar, prosseguira com seu discurso. Um minuto depois, os rugidos ferozes de fúria tornavam a irromper da multidão. O Ódio prosseguiu exatamente como antes, apenas voltado para outro alvo.

O que mais impressionava Winston, em retrospecto, era o fato de o orador ter trocado de uma posição a outra realmente no meio da frase, não apenas sem pausa, mas também sem sequer quebrar a sintaxe. Agora, porém, tinha outras preocupações. Foi durante o momento da desordem, enquanto os cartazes eram rasgados, que um homem, cujo rosto ele não viu, lhe dera um tapinha no ombro, dizendo:

— Com licença, acho que você deixou cair a sua pasta.

Winston pegou a pasta distraidamente, sem abrir a boca. Sabia que levaria dias para ter a oportunidade de olhar seu conteúdo. Assim que a manifestação terminou, foi direto para o Ministério da Verdade, embora já fossem quase 11 horas da noite. Todo o pessoal do ministério fizera o mesmo. As ordens que a teletela já emitia, convocando-os a retomar seus postos, eram redundantes.

A Oceania estava em guerra com a Lestásia; a Oceania sempre estivera em guerra com a Lestásia. Grande parte da literatura política de cinco ou seis anos agora estava totalmente obsoleta. Relatórios e registros de todo tipo, jornais, livros, panfletos, filmes, trilhas sonoras, fotografias — tudo tinha que ser retificado a toque de caixa. Embora nenhuma orientação fosse dada, era de conhecimento geral que os chefes do Departamento pretendiam que em uma semana já não houvesse em lugar nenhum referências à guerra com a Eurásia, nem à aliança com a Lestásia. O trabalho era avassalador, ainda mais porque os processos que envolvia não podiam ser chamados pelos nomes verdadeiros. Todos no Departamento de Registros trabalhavam 18 horas por dia, com duas pausas de três horas para dormir. Colchões foram trazidos dos porões e espalhados pelos corredores: as refeições consistiam em sanduíches e Café Victory levados em carrinhos pelos atendentes da cantina. Toda vez que interrompia o trabalho para uma das pausas do sono, Winston tentava deixar sua mesa limpa, e sempre que voltava se arrastando, estremunhado e todo dolorido, encontrava a mesa inundada de cilindros de papel, de modo que sua primeira tarefa era arrumá-los numa pilha mais ou menos organizada a fim de ter espaço para trabalhar. O pior era que o trabalho não era puramente mecânico. Muitas vezes bastava substituir um nome por outro, mas

qualquer relatório detalhado exigia cuidado e imaginação. Mesmo o conhecimento geográfico necessário para que se transferisse a guerra de uma parte do mundo a outra era considerável.

No terceiro dia, sentia uma dor insuportável nos olhos que o obrigava a limpar os óculos a toda hora. Era como se debater com uma tarefa física esmagadora, algo que a pessoa tinha direito de recusar e mesmo assim se empenhava compulsivamente em terminar. Até onde conseguia se lembrar, Winston não se perturbava com o fato de que toda palavra que murmurava ao ditógrafo, todo traço de seu lápis-tinta, eram uma mentira deliberada. Sua ansiedade para que a falsificação ficasse perfeita era a mesma de todos os outros funcionários do Departamento. Na manhã do sexto dia, o fluxo de cilindros diminuiu. Durante meia hora, nada saiu do tubo; aí veio mais um cilindro, depois mais nenhum. Por toda parte, mais ou menos à mesma hora, o trabalho foi ficando menos intenso. Um suspiro profundo e por assim dizer secreto percorreu o Departamento. Uma façanha hercúlea que jamais podia ser mencionada fora executada. Agora, nenhum ser humano poderia provar por documentos concretos que a guerra com a Eurásia algum dia existira. À meia-noite veio o anúncio inesperado comunicando que todos os funcionários do ministério estavam de folga até a manhã seguinte. Winston, ainda carregando a pasta com o livro que permanecera entre seus pés enquanto ele trabalhava e sob seu corpo enquanto dormia, foi para casa, barbeou-se e quase adormeceu na banheira, embora a água estivesse pouco mais que morna.

Com um estalo quase voluptuoso nas juntas, subiu a escada que levava ao sobrado em cima da loja do sr. Charrington. Estava cansado, mas não mais sonolento. Abriu a janela, acendeu o sujo fogareirinho a óleo e pôs para ferver uma panela de água para um café. Julia chegaria

em breve: enquanto isso, havia o livro. Sentou-se na poltrona maltratada e abriu a pasta.

Um pesado volume amadoristicamente encadernado de preto, sem nome nem título na capa. A impressão também parecia meio irregular. As páginas estavam gastas nas bordas e soltavam-se facilmente, como se o livro tivesse passado por muitas mãos. No frontispício, lia-se:

TEORIA E PRÁTICA DO

COLETIVISMO OLIGÁRQUICO

DE

EMMANUEL GOLDSTEIN

Winston começou a ler:

CAPÍTULO I

IGNORÂNCIA É FORÇA

Desde que se tem registro, e provavelmente desde o fim do Neolítico, há três tipos de pessoas no mundo: os Elevados, os Médios e os Baixos. Essas pessoas já foram subdivididas de várias maneiras, tiveram inúmeros nomes diferentes, e seus totais relativos, bem como sua atitude umas para com as outras, variam de uma era para outra, mas a estrutura essencial da sociedade nunca mudou. Mesmo depois de enormes turbulências e mudanças aparentemente irrevogáveis, o mesmo padrão se afirma, assim como um giroscópio sempre volta ao ponto de equilíbrio, por mais que seja empurrado para um lado ou para outro.

Os objetivos desses grupos são absolutamente irreconciliáveis...

Winston parou de ler, simplesmente para apreciar o fato de estar lendo, com conforto e em segurança. Estava sozinho, nada de teletela, nada de ouvido no buraco da fechadura, nada de impulso nervoso de olhar por cima do ombro ou tapar a página com a mão. A brisa agradável de verão brincava em sua face. Ao longe, ouviam-se gritinhos de crianças: no quarto propriamente dito, não se ouvia nenhum som, a não ser o cricrilar do relógio. Afundou-se mais na poltrona e colocou os pés em cima do protetor de lareira. Aquilo era uma bênção, era a eternidade. De repente, como às vezes se faz com um livro que se sabe que acabará sendo lido e relido, abriu-o numa página diferente e caiu no Capítulo III. Continuou lendo:

CAPÍTULO III

GUERRA É PAZ

A divisão do mundo em três grandes superestados foi um acontecimento que poderia ter sido, e de fato foi, previsto antes de meados do século XX. Com a absorção da Europa pela Rússia e do Império Britânico pelos Estados Unidos, duas das três potências existentes, a Eurásia e a Oceania, já existiam efetivamente. A terceira, Lestásia, só emergiu como uma unidade distinta depois de uma década de conflitos confusos. As fronteiras entre os três superestados são arbitrárias em alguns lugares, e em outros flutuam ao sabor dos rumos da guerra, mas em geral acompanham traçados geográficos. A Eurásia compreende a totalidade da parte setentrional dos continentes europeu e asiático, de Portugal ao estreito de Bering. A Oceania compreende as Américas, as ilhas Atlânticas incluindo as Ilhas Britânicas, a Australásia e a África Meridional. A Lestásia, menor que as outras e com uma fronteira

ocidental menos definida, compreende a China e os países ao sul da China, o arquipélago do Japão e uma parcela grande, mas flutuante, da Manchúria, da Mongólia e do Tibete.

Em uma ou outra combinação, esses três superestados vivem em guerra, e assim estão há 25 anos. A guerra, porém, já não é o conflito desesperado, aniquilador que foi nas primeiras décadas do século XX. É uma batalha de objetivos limitados entre combatentes que não têm capacidade de se destruir mutuamente, não têm causa material para lutar e não estão divididos por nenhuma diferença ideológica genuína. Isso não significa que o comportamento bélico, ou a atitude predominante em relação a ele, tenha se tornado menos sanguinário e mais cavalheiresco. Ao contrário, a histeria bélica é contínua e universal em todos os países, e atos como estupros, saques, assassinatos de crianças, redução de populações inteiras à escravidão e represálias contra prisioneiros que incluíam até a morte por imersão em água fervente ou por exposição ao fogo são considerados normais e, quando cometidos pelo lado amigo e não pelo inimigo, meritórios. Mas, num sentido físico, a guerra envolve quantidades muito reduzidas de combatentes, em geral especialistas bem treinados, e causa relativamente poucas baixas. A luta, quando há luta, acontece em fronteiras imprecisas cuja localização o homem comum só pode adivinhar, ou em volta das Fortalezas Flutuantes que vigiam pontos estratégicos das rotas marítimas. Nos centros de civilização, guerra significa apenas a escassez constante de bens de consumo, e a explosão eventual de uma bomba-foguete capaz de causar dezenas de mortes. Na verdade, a natureza da guerra mudou. Mais exatamente, a ordem de importância das razões pelas quais as guerras são travadas

mudou. Motivos que até certo ponto já estavam presentes nas grandes guerras do início do século XX agora se tornaram dominantes, são conscientemente reconhecidos e ditam as ações.

Para compreender a natureza da guerra atual — pois, apesar do reagrupamento que ocorre periodicamente, é sempre a mesma guerra —, é preciso que se perceba, em primeiro lugar, que é impossível que ela seja decisiva. Nenhum dos três superestados poderia ser conquistado definitivamente, nem mesmo pelos dois em aliança. Há um equilíbrio muito forte entre os três, e suas defesas naturais são colossais. A Eurásia é protegida por seus vastos espaços territoriais, a Oceania, pela extensão do Atlântico e do Pacífico, a Lestásia, pela fecundidade e habilidade de seus habitantes. Em segundo lugar, já não há, no sentido material, alguma coisa pela qual lutar. Com o estabelecimento das economias autônomas, em que produção e consumo se ajustam mutuamente, a disputa de mercados, que era uma das principais causas das guerras passadas, chegou ao fim, ao passo que a competição por matérias-primas já não é uma questão de vida e morte. Seja como for, cada um dos três superestados é tão vasto que pode obter quase todos os materiais de que necessita dentro de suas próprias fronteiras. Na medida em que a guerra tem um objetivo econômico direto, trata-se de guerra por força de trabalho. Localizado entre as fronteiras dos superestados, sem estar na posse permanente de nenhum deles, fica um quadrilátero grosseiro com as arestas em Tânger, Brazzaville, Darwin e Hong Kong, que contém cerca de um quinto da população da Terra. É pela posse dessas áreas densamente povoadas e pela calota de gelo setentrional que os três poderes vivem em guerra. Na prática,

nenhuma potência jamais controla a totalidade da área disputada. Trechos dela estão constantemente mudando de mãos, e é a chance de se apoderar desse ou daquele por um ato súbito de traição que determina as intermináveis mudanças de alinhamento.

Todos os territórios disputados contêm minerais valiosos, e alguns deles produzem commodities agrícolas importantes, como a borracha que, em climas mais frios, é preciso produzir de forma sintética, a um custo comparativamente maior. Mas, acima de tudo, esses territórios contêm uma reserva inesgotável de mão de obra barata. A potência que controla a África Equatorial ou os países do Oriente Médio, ou a Índia Meridional, ou o Arquipélago da Indonésia, também dispõe dos corpos de dezenas ou centenas de milhões de trabalhadores braçais esforçados. Os habitantes dessas áreas, reduzidos de forma mais ou menos aberta à condição de escravos, passam continuamente das mãos de um conquistador a outro e são consumidos como se fossem carvão ou óleo na corrida para produzir mais armamento, conquistar mais territórios e assim por diante. É importante notar que os combates nunca ultrapassam as fronteiras das áreas disputadas. As fronteiras da Eurásia avançam e recuam entre a bacia do Congo e a costa norte do Mediterrâneo; as ilhas do oceano Índico e do Pacífico estão constantemente sendo capturadas e recapturadas pela Oceania ou pela Lestásia; na Mongólia, a linha divisória entre a Eurásia e a Lestásia nunca é estável; em torno do Polo, todas as três potências reivindicam enormes territórios em grande parte desabitados e inexplorados, mas o equilíbrio de poder sempre se mantém *grosso modo* estável, e o território que forma o interior de cada superestado sempre permanece inviolado. Além disso, o trabalho

dos povos explorados nas regiões da linha do Equador não é realmente necessário à economia mundial. Esses povos nada acrescentam à riqueza do mundo, pois tudo o que produzem é usado para fins de guerra, e o objetivo de se travar uma guerra é sempre melhorar de posição para travar outra guerra. Com seu trabalho, as populações escravas permitem que se acelere o ritmo do conflito contínuo. Mas, se não existissem, a estrutura da sociedade mundial e o processo pelo qual ela se mantém não seriam fundamentalmente diferentes.

O objetivo principal da guerra moderna (de acordo com os princípios do DUPLIPENSAR, esse objetivo é ao mesmo tempo reconhecido e não reconhecido pelos cérebros dirigentes do Partido Interno) é consumir os produtos da máquina sem elevar o padrão geral de vida. Desde o fim do século XIX, decidir o que fazer com o excedente da produção de bens de consumo é um problema latente na sociedade industrial. Hoje, quando poucos seres humanos têm sequer o que comer, esse problema, obviamente, não é urgente, e talvez nunca tivesse se tornado urgente, mesmo sem o impacto dos processos artificiais de destruição. O mundo atual é um lugar exposto, faminto, dilapidado se comparado ao mundo que existia antes de 1914, e mais ainda se comparado ao futuro imaginário pelo qual as pessoas daquele período ansiavam. No início do século XX, a visão de uma sociedade futura incrivelmente rica, ociosa, organizada e eficiente — um cintilante mundo antisséptico de vidro, aço e concreto imaculadamente branco — fazia parte da consciência de toda pessoa escolarizada. A ciência e a tecnologia se desenvolviam a uma velocidade vertiginosa, e parecia natural presumir que

continuariam se desenvolvendo. Isso não aconteceu, em parte devido ao empobrecimento causado por uma longa série de guerras e revoluções, em parte porque o progresso tecnológico e científico dependia do hábito empírico de raciocinar, que não podia sobreviver numa sociedade estritamente regimentada. O mundo hoje, como um todo, é mais primitivo do que era há cinquenta anos. Algumas regiões desfavorecidas progrediram, e vários dispositivos, sempre de alguma maneira associados à guerra e à espionagem policial, foram desenvolvidos, mas a experimentação e a invenção se interromperam, e a devastação causada pela guerra atômica dos anos 1950 jamais foi inteiramente reparada. Todavia, os perigos inerentes à máquina continuam existindo. Quando ela surgiu, todas as pessoas pensantes tiveram certeza de que o ser humano não precisaria mais dar duro no trabalho e que, por conseguinte, em grande medida, desapareceria a desigualdade. Se a máquina fosse usada deliberadamente para esse fim, a fome, o trabalho excessivo, a sujeira, o analfabetismo e a doença poderiam ser eliminados em algumas gerações. E de fato, sem ser usada para tais fins, mas por uma espécie de processo automático — a produção de uma riqueza que às vezes é impossível deixar de distribuir —, a máquina elevou consideravelmente o padrão de vida do ser humano médio num período de cerca de cinquenta anos entre o fim do século XIX e o início do XX.

Mas também ficou claro que o aumento geral da riqueza encerrava a ameaça de destruição — na verdade, em certo sentido foi a destruição — de uma sociedade hierárquica. Num mundo em que todos dedicassem poucas horas ao trabalho, tivessem o que comer, vivessem numa casa com banheiro e geladeira e possuíssem

carro ou até avião, a forma mais óbvia, e talvez mais importante, de desigualdade já teria desaparecido. Tornando-se generalizada, a riqueza deixaria de ser um sinal distintivo. Era possível, sem dúvida, imaginar uma sociedade em que a RIQUEZA, no sentido de bens e luxos pessoais, era distribuída equitativamente, enquanto o PODER permanecia nas mãos de uma pequena casta privilegiada. Mas, na prática, era impossível uma sociedade desse tipo permanecer estável por muito tempo. Pois, se todos usufruíssem igualmente de lazer e segurança, a grande massa de seres humanos que costuma ser embrutecida pela pobreza iria se escolarizar e aprender a pensar por si; quando isso acontecesse, cedo ou tarde perceberia que a minoria privilegiada não tinha função, e acabaria com ela. A longo prazo, uma sociedade hierárquica só era possível com base na pobreza e na ignorância. Voltar ao passado agrícola, como sonhavam alguns pensadores do início do século XX, era uma solução impraticável. Entrava em conflito com a tendência para a mecanização que se tornara instintiva quase no mundo inteiro, e além disso, o país que não tivesse se modernizado industrialmente era indefeso no sentido militar e estava fadado a ser dominado, direta ou indiretamente, por seus rivais mais avançados.

Tampouco era satisfatória a solução de manter as massas em estado de pobreza pela restrição da produção de bens. Isso aconteceu em grande medida na fase final do capitalismo, mais ou menos entre 1920 e 1940. Permitiu-se que a economia de muitos países estagnasse, terras deixaram de ser cultivadas, não se acrescentaram bens de capital, grandes parcelas da população foram impedidas de trabalhar e eram mantidas num estado

semivivo pela benevolência do Estado. Mas isso também acarretava fraqueza militar e, uma vez que as privações infligidas eram obviamente desnecessárias, a oposição se tornava inevitável. O problema era manter as rodas da indústria girando sem aumentar a riqueza real do mundo. Era preciso produzir mercadorias, mas não se devia distribuí-la. E, na prática, a única forma de conseguir isso era com a guerra ininterrupta.

O ato essencial da guerra é a destruição, não necessariamente de vidas humanas, mas dos produtos do trabalho humano. A guerra é uma forma de destroçar, ou de despejar na estratosfera, ou jogar no fundo do mar, matérias que, se não fosse por isso, poderiam ser usadas para dar um conforto excessivo às massas e, assim, a longo prazo, torná-las inteligentes demais. Mesmo quando as armas de guerra não são efetivamente destruídas, sua fabricação continua sendo uma forma conveniente de usar mão de obra e não produzir nada que seja consumível. Uma Fortaleza Flutuante, por exemplo, encerra em si a força de trabalho que poderia construir centenas de navios cargueiros. Afinal, acaba sendo sucateada como obsoleta, sem nunca ter proporcionado benefício material de espécie alguma a ninguém e, com mais uma enorme quantidade de mão de obra, outra Fortaleza Flutuante é construída. Em princípio, o esforço de guerra é sempre planejado de modo a consumir o excedente que possa haver depois de atendidas as necessidades básicas da população. Na prática, as necessidades da população são sempre subestimadas, o que gera uma escassez crônica de metade dos itens necessários à vida. Isso, porém, é visto como vantagem. É política deliberada manter até mesmo os grupos favorecidos à beira da pobreza, porque um estado geral de escassez aumenta a

importância dos pequenos privilégios, e dessa forma amplia a distinção entre um grupo e outro. Pelos padrões do século XX, mesmo um membro do Partido Interno vive uma vida austera e laboriosa. No entanto, os poucos luxos de que usufrui — seu apartamento bem-equipado, a textura melhor de suas roupas, a melhor qualidade do que ele come, bebe e fuma, seus dois ou três criados, seu carro ou helicóptero — colocam-no num mundo diferente daquele em que vive um membro do Partido Externo, e os membros do Partido Externo têm uma vantagem semelhante em relação às massas subjugadas a que chamamos "proletas". A atmosfera social é a de uma sociedade sitiada, onde a posse de um naco de carne de cavalo faz a diferença entre riqueza e pobreza. E ao mesmo tempo, a consciência de estar em guerra, e, por conseguinte, em perigo, faz com que a concessão de todo o poder a uma pequena casta pareça a condição natural e inevitável de sobrevivência.

A guerra, como se verá, realiza a destruição necessária, mas de uma forma psicologicamente aceitável. Em princípio, seria bastante simples gastar toda a mão de obra excedente no mundo para construir templos e pirâmides, cavar buracos e tornar a enchê-los, ou mesmo para produzir grandes quantidades de mercadorias e depois incinerá-las. Mas com isso, só se criaria a base econômica, e não a emocional, para uma sociedade hierárquica. O que interessa aqui não é o moral das massas, cuja atitude não tem importância, desde que sejam mantidas sempre trabalhando, mas sim o moral do próprio Partido. Espera-se que mesmo o membro mais humilde do Partido seja competente, industrioso, e até inteligente dentro de certos limites, mas é necessário também que ele seja um fanático

crédulo e ignorante cujo estado de espírito reflita medo, ódio, adulação e triunfo orgiástico. Em outras palavras, é necessário que tenha a mentalidade adequada a um estado de guerra. É irrelevante se a guerra está de fato ocorrendo, e, já que é impossível uma vitória decisiva, não importa se a guerra vai bem ou mal. A única coisa necessária é a existência de um estado de guerra. A desagregação da inteligência que o Partido exige de seus membros, e que se obtém mais facilmente numa atmosfera de guerra, agora é quase universal, mas, quanto mais alto o escalão em que se está, mais a desagregação se acentua. É precisamente no Partido Interno que a histeria guerreira e o ódio ao inimigo são mais fortes. Na condição de administrador, muitas vezes é necessário que um membro do Partido Interno saiba que essa ou aquela notícia de guerra é inverídica, e ele pode estar ciente de que a guerra toda é espúria, e ou não está acontecendo ou está sendo travada por motivos bem diferentes dos declarados: mas esse conhecimento é facilmente neutralizado pela técnica do DUPLIPENSAR. Ao mesmo tempo, nenhum membro do Partido Interno vacila um instante em sua crença mística de que a guerra é real, e está fadada a terminar em vitória, com a Oceania passando a ser a senhora inconteste do mundo.

Todos os membros do Partido Interno acreditam nessa conquista futura como um artigo de fé. Ela será obtida seja pela aquisição gradual de mais território, com a construção de uma avassaladora preponderância de poder, ou pela descoberta de alguma arma nova e definitiva. A busca por novas armas prossegue incessantemente, e é uma das pouquíssimas atividades em que o tipo de mente inventiva ou especulativa pode encontrar uma válvula de escape.

Hoje em dia, na Oceania, a ciência, no sentido antigo, quase deixou de existir. Em Novilíngua não há palavra para "ciência". O método empírico de raciocínio, que fundamenta todas as conquistas científicas do passado, opõe-se à maioria dos princípios mais básicos do Socing. Mesmo o progresso tecnológico só ocorre quando seus produtos podem de alguma forma ser usados para a diminuição da liberdade humana. Em todas as artes úteis, o mundo está imóvel ou retrocedendo. Os campos são cultivados por arados puxados por cavalos, enquanto os livros são escritos por máquinas. Mas, em questões de importância vital — ou seja, a guerra e a espionagem policial —, a abordagem empírica ainda é encorajada, ou pelo menos tolerada. Os dois objetivos do Partido são conquistar toda a superfície da Terra e extinguir de uma vez por todas a possibilidade de pensamento independente. Há, portanto, dois grandes problemas que o Partido se preocupa em resolver. Um é como descobrir, contra a vontade do pensador, o que ele está pensando, e a outra é como matar milhões e milhões de pessoas em poucos segundos sem aviso prévio. Na medida em que a pesquisa científica continua existindo, esse é o seu tema. O cientista de hoje ou é um misto de psicólogo e inquisidor, estudando minuciosamente o significado de expressões faciais, gestos e tons de voz, e analisando como as drogas, os choques elétricos, a hipnose e a tortura física induzem uma pessoa a revelar a verdade; ou é um químico, um físico ou um biólogo preocupado apenas com as ramificações de sua área de estudo relevantes para a destruição da vida. Nos vastos laboratórios do Ministério da Paz e nas estações experimentais ocultas nas florestas do Brasil ou no deserto da Austrália, ou em ilhas perdidas da Antártica, as equipes de

especialistas trabalham incansavelmente. Algumas preocupam-se apenas com o planejamento da logística de guerras futuras; outras criam bombas-foguetes cada vez maiores, explosivos cada vez mais potentes e blindagens cada vez mais impenetráveis; outras procuram descobrir gases novos e mais letais, ou venenos solúveis que possam ser produzidos em quantidade suficiente para destruir a vegetação de continentes inteiros, ou linhagens de germes patogênicos imunizados contra todos os anticorpos possíveis; outras se esforçam para produzir um veículo que consiga se deslocar no subsolo como um submarino na água, ou um avião tão independente de sua base como um veleiro; outras exploram possibilidades ainda mais remotas, como focalizar os raios solares através de lentes suspensas a milhares de quilômetros no espaço, ou produzir terremotos artificiais ou tsunamis mediante a canalização do calor do centro da Terra.

Mas nenhum desses projetos jamais chega perto de se realizar, e nenhum dos três superestados jamais conquista uma dianteira significativa em relação aos outros. O mais extraordinário é que as três potências já possuem, na bomba atômica, uma arma muito mais poderosa do que qualquer uma de suas pesquisas atuais tem probabilidade de descobrir. Embora o Partido, segundo seu hábito, reivindique a invenção para si, a bomba atômica surgiu nos anos 1940 e começou a ser usada em larga escala cerca de dez anos depois. Nessa época, centenas de bombas foram jogadas em centros industriais, sobretudo na Rússia europeia, na Europa Ocidental e na América do Norte. O resultado foi convencer os grupos governantes de todos os países de que mais algumas bombas atômicas significariam o fim da sociedade organizada, e

consequentemente de seu próprio poder. A partir de então, embora nenhum acordo formal tenha sido celebrado ou sugerido, não se jogaram mais bombas atômicas. As três potências simplesmente continuam produzindo bombas atômicas e armazenando-as para a oportunidade decisiva que todas acreditam que, cedo ou tarde, chegará. Enquanto isso, a arte da guerra permaneceu quase estacionária por trinta, quarenta anos. Os helicópteros são mais usados hoje do que no passado, os aviões bombardeiros foram suplantados por projéteis autopropulsados, e o frágil e móvel navio de guerra deu lugar à quase insubmersível Fortaleza Flutuante; mas, fora isso, quase não houve desenvolvimento. O tanque, o submarino, o torpedo, a metralhadora, até o fuzil e a granada de mão seguem sendo usados. E, apesar dos massacres intermináveis noticiados na Imprensa ou nas teletelas, as batalhas desesperadas das guerras antigas, em que centenas de milhares ou até milhões de homens muitas vezes eram mortos em algumas semanas, nunca mais se repetiram.

Nenhum dos três superestados jamais realiza manobras que envolvam o risco de uma derrota séria. Quando alguma operação de grandes proporções é empreendida, normalmente é um ataque surpresa contra um aliado. A estratégia que todas as potências estão seguindo, ou fingindo seguir, é a mesma. O plano é adquirir, graças a uma combinação de combates, barganhas e golpes de traição oportunos, um círculo de bases que cerque completamente um ou outro dos Estados rivais, e depois assinar um pacto de amizade com esse rival e permanecer em termos pacíficos por tempo suficiente para acalmar as suspeitas. Durante esse período, foguetes carregados de bombas atômicas podem ser montados em

todos os pontos estratégicos; finalmente, serão todos disparados ao mesmo tempo, com efeitos tão devastadores que será impossível retaliar. Então estará na hora de assinar um pacto de amizade com a potência mundial remanescente, em preparação para mais um ataque. Esse esquema, é escusado dizer, é um mero devaneio, e é inexequível. Além disso, os confrontos só ocorrem nas áreas disputadas em torno do Equador e do Polo: os territórios inimigos nunca são invadidos. Isso explica o fato de as fronteiras entre os superestados serem arbitrárias em alguns lugares. A Eurásia, por Exemplo, poderia facilmente conquistar as Ilhas Britânicas, que pertencem geograficamente à Europa, ou, por outro lado, a Oceania poderia empurrar suas fronteiras até o Reno, ou até o Vistula. Mas isso violaria o princípio, acatado por todas as partes, embora nunca formulado, da integridade cultural. Se a Oceania fosse conquistar as áreas que no passado eram conhecidas como França e Alemanha, seria necessário exterminar seus habitantes, tarefa fisicamente muito difícil, ou assimilar a população de cerca de cem milhões de pessoas, que, em termos de desenvolvimento tecnológico, encontram-se mais ou menos no nível da Oceania. O problema é o mesmo para os três superestados. É absolutamente necessário para suas estruturas que não haja contato com estrangeiros, com a exceção, até certo ponto, de criminosos de guerra e escravos negros. Mesmo o aliado oficial do momento é sempre olhado com a mais pesada suspeita. Além dos prisioneiros de guerra, o cidadão médio da Oceania jamais põe os olhos num cidadão da Eurásia ou da Lestásia, e o conhecimento de línguas estrangeiras lhe é vedado. Se tivesse permissão para ter contato com estrangeiros, descobriria que são criaturas semelhantes a ele, e

que quase tudo o que lhe contaram sobre eles é mentira. O mundo fechado em que vive seria escancarado, e o medo, o ódio e a presunção da qual depende a sua disposição para a luta poderiam evaporar. Portanto, todos os lados se dão conta de que, por mais que Pérsia, ou Egito, ou Java ou Ceilão mudem de mãos, as fronteiras principais jamais deverão ser cruzadas por coisa alguma além de bombas.

Por trás de tudo isso, há um fato nunca mencionado em voz alta, mas que é entendido tacitamente e fundamenta as ações tomadas: as condições de vida nos três superestados são muito semelhantes. Na Oceania, a filosofia dominante tem o nome de Socing, na Eurásia, chama-se neobolchevismo, e na Lestásia tem um nome chinês cuja tradução normalmente é Culto da Morte, mas cuja ideia seria expressa com mais fidelidade pela expressão Obliteração do Eu. Ao cidadão da Oceania, é vedado ter qualquer informação sobre o teor das outras filosofias, mas lhe ensinam a execrá-las como ultrajes bárbaros à moral e ao bom senso. Na verdade, as três filosofias mal se distinguem, e os sistemas sociais que sustentam são absolutamente idênticos. Em toda parte, existe a mesma estrutura piramidal, a mesma devoção ao líder semidivino, a mesma economia que só existe para e por causa da guerra contínua. Assim, além de ser impossível os três superestados conquistarem uns aos outros, eles não ganhariam nada se o fizessem. Ao contrário, enquanto permanecerem em conflito, promovem-se mutuamente, como três feixes de milho. E, como de hábito, os grupos dominantes das três potências sabem e ao mesmo tempo não sabem o que estão fazendo. Dedicam suas vidas a conquistar o mundo, mas também sabem que a guerra deve

prosseguir indefinidamente e sem vitória de nenhuma parte. Enquanto isso, a INEXISTÊNCIA de perigo de conquista possibilita a negação da realidade, o que é a principal característica do Socing e de seus sistemas rivais de pensamento. Aqui, é necessário repetir o que se disse antes: ao se tornar contínua, a guerra mudou fundamentalmente de caráter.

No passado, uma guerra, quase por definição, era algo que cedo ou tarde terminava, em geral com uma vitória ou uma derrota inequívoca. No passado, também, a guerra era um dos principais instrumentos pelos quais as sociedades humanas eram mantidas em contato com a realidade física. Todos os governantes de todos os tempos tentavam impor a seus seguidores uma falsa visão de mundo, mas não podiam se dar ao luxo de encorajar qualquer ilusão que viesse a prejudicar a eficiência militar. Uma vez que a derrota significaria perda de independência, ou algum outro resultado em geral tido como indesejável, era preciso que fossem tomadas sérias precauções para evitá-la. É impossível ignorar fatos físicos. Em filosofia, religião, ética ou política, dois mais dois podiam ser cinco, mas quando se projetava um canhão ou um avião tinham que somar quatro. Nações ineficientes, cedo ou tarde, eram sempre conquistadas, e a luta por eficiência era hostil a ilusões. Além disso, para ser eficiente era preciso aprender com o passado, o que significava ter uma ideia razoavelmente precisa do que ocorrera no passado. Jornais e livros de história, é claro, sempre tiveram um matiz ou um viés, mas a falsificação do tipo que se pratica atualmente seria impossível. A guerra era uma salvaguarda segura da sanidade mental, e no tocante às classes dominantes, era provavelmente a mais importante de todas. Enquanto se pudesse

ganhar ou perder uma guerra, nenhuma classe dirigente podia ser completamente isenta de responsabilidade.

Mas, quando se torna, literalmente, contínua, a guerra também deixa de ser perigosa. Quando é contínua, não existe a chamada "necessidade militar". O progresso técnico pode cessar, e os fatos mais palpáveis podem ser negados ou desconsiderados. Como vimos, pesquisas que poderiam ser chamadas de científicas ainda são realizadas para atender a objetivos bélicos, mas são essencialmente um tipo de devaneio, e o fato de não mostrarem resultados é irrelevante. A eficiência, mesmo a militar, não é mais necessária. Nada é eficiente na Oceania, salvo a Polícia do Pensamento. Uma vez que os três superestados são inconquistáveis, cada um é, com efeito, um universo independente dentro do qual quase qualquer tipo de perversão do pensamento pode ser praticado com segurança. A realidade só exerce sua pressão através das necessidades da vida diária — a necessidade de comer, de beber, de conseguir abrigo e roupas, de evitar ingerir veneno ou cair de janelas do último andar, e coisas desse tipo. Entre a vida e a morte, e entre o prazer e a dor físicos, ainda há uma distinção, mas isso é tudo. Privado do contato com o mundo externo e com o passado, o cidadão da Oceania é como um homem no espaço interestelar que não tem como saber qual lado está em cima e qual está embaixo. Os governantes desse tipo de estado são mais absolutistas do que os faraós e os césares. São obrigados a evitar que um número inconvenientemente elevado de seus seguidores morra de fome, e são obrigados a manter o baixo nível de técnica militar dos rivais; mas, uma vez obtido o mínimo, podem torcer a realidade a seu bel-prazer.

A guerra, portanto, se julgada pelos padrões das guerras anteriores, é meramente uma impostura. É como as lutas entre certos ruminantes cujos chifres estão posicionados num ângulo que impossibilita que um fira o outro. Mas mesmo sendo irreal, a guerra não é insignificante. Ela consome o excedente de bens de consumo e ajuda a preservar uma atmosfera mental especial de que a sociedade hierárquica necessita. A guerra, como se verá, é agora puramente uma questão interna. No passado, os grupos dirigentes de todos os países, embora reconhecessem seus interesses comuns e, dessa forma, limitassem o poder destruidor da guerra, lutavam uns contra os outros, e o vencedor sempre saqueava o vencido. Hoje em dia, eles não lutam entre si. A guerra é travada entre cada grupo dominante e seus respectivos súditos, e o objetivo da guerra não é obter ou evitar conquistas territoriais, mas manter intacta a estrutura da sociedade. A própria palavra "guerra", portanto, tornou-se enganosa. Provavelmente, seria correto dizer que, ao se tornar contínua, a guerra tenha deixado de existir. A pressão peculiar que exerceu sobre os seres humanos entre o Neolítico e o início do século XX desapareceu e foi substituída por algo bem diferente. O efeito seria mais ou menos o mesmo se os três superestados, em vez de lutar uns com os outros, concordassem em viver numa paz perpétua, cada qual inviolado dentro das próprias fronteiras. Pois, nesse caso, cada qual continuaria a ser um universo independente, para sempre liberto da influência moderadora do perigo externo. Uma paz que fosse verdadeiramente permanente seria o mesmo que uma guerra permanente. Esse — embora a imensa maioria dos membros do

Partido só o compreenda num sentido superficial — é o significado profundo do lema do Partido "GUERRA É PAZ".

Winston interrompeu a leitura por um momento. Ouviu-se ao longe a explosão de uma bomba-foguete. A deliciosa sensação de estar sozinho com o livro proibido, num quarto sem teletela, não se dissipara. Solidão e segurança eram sensações físicas, mescladas de alguma forma ao cansaço de seu corpo, à maciez da poltrona, ao afago feito em seu rosto pela brisa que entrava pela janela. O livro o fascinava, ou, mais exatamente, tranquilizava-o. Num sentido, não lhe contava nenhuma novidade, mas isso era parte da atração. Dizia o que ele teria dito, se tivesse conseguido organizar seus pensamentos dispersos. Era o produto de uma mente semelhante à sua, porém muitíssimo mais poderosa, mais sistemática, menos amedrontada. Os melhores livros, percebeu, são os que dizem o que já se sabe. Acabara de voltar ao Capítulo I quando ouviu os passos de Julia na escada e levantou-se da poltrona para ir ao encontro dela. Julia largou a bolsa de ferramentas marrom no chão e atirou-se em seus braços. Fazia mais de uma semana que não se viam.

— Estou com o LIVRO — disse ele quando os dois se soltaram.

— Ah, está? Ótimo — respondeu ela sem muito interesse, e quase de imediato ajoelhou-se ao lado do fogareiro a óleo para fazer café.

Só voltaram ao assunto depois de terem passado meia hora na cama. A noite estava fresca o suficiente para que valesse a pena puxar a colcha. De baixo, vinha o ruído familiar de cantoria e de botas pisando nas lajes. A mulher forte de braços vermelhos que Winston vira na primeira visita era quase um acessório do pátio. Ao que parecia, enquanto houvesse luz do dia, ela não parava de andar para cá e para lá

entre o tanque e o varal, ora se sufocado com pregadores, ora soltando a voz em canções eróticas. Julia se acomodara no seu canto e parecia prestes a adormecer. Winston esticou o braço, pegou o livro no chão e sentou-se, recostado na cabeceira da cama.

— Precisamos ler este livro. Você também. Todos os membros da Irmandade têm que ler.

— Leia você — disse ela de olhos fechados. — Leia em voz alta. É a melhor maneira. Depois você pode ir me explicando enquanto lê.

Os ponteiros do relógio marcavam seis, isto é, 18 horas. Tinham três ou quatro horas pela frente. Ele apoiou o livro nos joelhos e começou a ler:

CAPÍTULO I

IGNORÂNCIA É FORÇA

Desde que se tem registro, e provavelmente desde o fim do Neolítico, há três tipos de pessoas no mundo: os Elevados, os Médios e os Baixos. Essas pessoas já foram subdivididas de várias maneiras, tiveram inúmeros nomes diferentes, e seus totais relativos, bem como sua atitude umas para com as outras, variam de uma era para outra, mas a estrutura essencial da sociedade nunca mudou. Mesmo depois de enormes turbulências e mudanças aparentemente irrevogáveis, o mesmo padrão se afirma, assim como um giroscópio sempre volta ao ponto de equilíbrio, por mais que seja empurrado para um lado ou para outro.

— Julia, você está acordada? — perguntou Winston.

— Estou, meu amor, estou ouvindo. Continue. É maravilhoso.

Ele continuou a ler:

Os objetivos desses três grupos são inconciliáveis. O objetivo dos Elevados é continuar onde estão. O dos Médios é trocar de lugar com

os Elevados. O dos Baixos, quando têm algum — pois uma característica permanente dos Baixos é viverem tão esmagados de trabalho que só intermitentemente têm consciência de alguma coisa fora de seu cotidiano —, é abolir todas as diferenças e criar uma sociedade em que todos os homens sejam iguais. Assim, ao longo da história, acontece uma luta recorrente com as mesmas características básicas. Por longos períodos, os Elevados parecem estar firmes no poder, mas, cedo ou tarde, sempre chega o momento em que perdem ou a fé em si mesmos, ou a capacidade de governar com eficiência, ou as duas coisas. São, então, derrubados pelos Médios, que conseguem o apoio dos Baixos fingindo lutar por liberdade e justiça. Assim que atingem seu objetivo, os Médios empurram de volta os Baixos para sua antiga posição de servidão, e se tornam eles próprios os Elevados. Logo um novo grupo de Médios se separa de um dos outros grupos, ou de ambos, e a luta recomeça. Dos três grupos, só os Baixos jamais conseguem conquistar seus objetivos, mesmo de forma temporária. Seria exagero dizer que ao longo da história nunca houve progresso material. Mesmo hoje, num período de declínio, o ser humano Médio está fisicamente em melhor condição do que alguns séculos atrás. Nenhum progresso na riqueza, nenhuma humanização no modo de ser, nenhuma reforma ou revolução jamais fez a igualdade entre os homens aumentar um milímetro que fosse. Do ponto de vista dos Baixos, nenhuma mudança histórica jamais significou muito mais que uma mudança no nome de seus senhores.

No fim do século XIX, a recorrência desse padrão tornou-se evidente para muitos observadores. Surgiram, então, escolas de pensadores que interpretavam a história como um processo cíclico e pretendiam demonstrar que a desigualdade era uma lei inalterável da vida humana.

Essa doutrina, é claro, sempre teve os seus adeptos, mas havia uma mudança significativa na forma como ela era apresentada. No passado, a necessidade de uma forma hierárquica de sociedade fora a doutrina específica dos Elevados. Era defendida por reis e aristocratas, além de sacerdotes, advogados e outros da mesma laia que os parasitavam, tendo sido atenuada por promessas de compensação num mundo imaginário além-túmulo. Os Médios, enquanto havia luta pelo poder, sempre utilizavam termos como liberdade, justiça e fraternidade. Naquele momento, porém, o conceito de fraternidade humana começou a ser atacado por pessoas que ainda não ocupavam posições de poder, mas meramente esperavam fazê-lo em breve. No passado, os Médios fizeram revoluções sob a bandeira da igualdade, em seguida estabeleceram uma nova tirania tão logo a antiga foi derrubada. Os novos grupos Médios, com efeito, já proclamavam sua tirania de antemão. O socialismo, uma teoria que surgiu no início do século XIX e foi o último elo de uma cadeia de pensamento que remontava às revoltas de escravos da antiguidade, ainda estava profundamente contagiado pelo Utopismo de eras passadas. Mas em cada variante do socialismo que apareceu a partir de cerca de 1900, o objetivo de estabelecer liberdade e igualdade foi sendo abandonado cada vez mais abertamente. Os novos movimentos que surgiram em meados do século, o Socing na Oceania, o neobolchevismo na Eurásia, o Culto à Morte, como costuma ser chamado, na Lestásia, tinham o objetivo consciente de perpetuar a DESigualdade e a Iliberdade. Esses novos movimentos, claro, derivaram dos antigos, cujos nomes tendiam a conservar enquanto apoiavam suas ideologias da boca para fora. Mas o objetivo de todos era estancar o progresso e congelar a história num momento dado. O conhecido movimento pendular aconteceria mais

uma vez, e depois se interromperia. Como de hábito, os Elevados seriam derrubados pelos Médios, que então se tornariam Elevados; mas dessa vez, por uma estratégia consciente, os Elevados conseguiriam manter permanentemente sua posição.

As novas doutrinas surgiram em parte graças à acumulação de conhecimento histórico e ao desenvolvimento do senso histórico, quase inexistentes antes do século XIX. O movimento cíclico da história passava a ser inteligível, ou assim parecia; e sendo inteligível, era alterável. Mas a causa principal, subjacente, foi o fato de que a igualdade humana passou a ser tecnicamente possível desde o início do século XIX. Continuava sendo verdade que os homens não são iguais em seus talentos inatos, e que funções tinham que ser especializadas de modo a favorecer alguns indivíduos em detrimento de outros; mas a existência de distinções de classe ou de grandes diferenças em termos de riqueza já não era uma necessidade real. Em épocas anteriores, as distinções de classe eram não só inevitáveis como também desejáveis. A desigualdade era o preço da civilização. Com o desenvolvimento da produção mecanizada, a situação mudou. Embora ainda fosse necessário que os seres humanos realizassem tipos diferentes de trabalho, já não havia necessidade de viverem em diferentes níveis sociais ou econômicos. Assim, do ponto de vista dos novos grupos, que estavam a ponto de tomar o poder, a igualdade humana já não era um ideal a ser perseguido, mas um perigo a ser evitado. Em épocas mais primitivas, quando de fato era impossível existir uma sociedade justa e pacífica, havia sido muito fácil acreditar nesse ideal. A ideia de um paraíso terreno onde os homens vivessem juntos num estado de fraternidade, sem leis nem trabalho físico, assombrava o imaginário humano havia milhares de anos. E essa visão, de certa maneira,

dominou até mesmo os grupos que efetivamente se beneficiavam de cada mudança histórica. Os herdeiros das revoluções francesa, americana e inglesa tinham, em parte, acreditado nos próprios bordões sobre direitos do homem, liberdade de expressão, igualdade perante a lei e outros clichês do gênero, permitindo mesmo, até certo ponto, que sua conduta fosse influenciada por eles. Porém, na quarta década do século XX, as principais correntes de pensamento político eram autoritárias. O paraíso terrestre fora desacreditado exatamente no momento em que se tornou exequível. Cada nova teoria política, seja lá como se autodenominasse, retomava as ideias de hierarquia e regimentação. E, no enrijecimento geral de concepções que se instalou por volta dos anos 1930, práticas havia muito abandonadas, em alguns casos havia centenas de anos — prisões sem julgamento, escravização de prisioneiros de guerra, execuções públicas, tortura para extrair confissões, uso de reféns e deportação de populações inteiras —, não só voltaram a ser comuns como eram toleradas e até defendidas por pessoas que se consideravam razoáveis e progressistas.

Só depois de uma década de guerras nacionais, guerras civis, revoluções e contrarrevoluções pelo mundo inteiro, o Socing e seus rivais emergiram como teorias políticas plenamente desenvolvidas. Mas elas haviam sido empanadas pelos diversos sistemas, comumente denominados totalitários, surgidos no início do século, e o perfil do mundo que emergiria do caos predominante estava óbvio havia muito tempo. O tipo de gente que controlaria esse mundo estava igualmente óbvio. A nova aristocracia era formada na maior parte por burocratas, cientistas, técnicos, dirigentes de sindicatos, especialistas em publicidade, sociólogos, professores, jornalistas e políticos profissionais. Essas pessoas, originárias das classes médias assalariadas

e das categorias superiores da classe trabalhadora, foram moldadas e agrupadas pelo mundo exposto do monopólio industrial e do governo centralizado. Comparadas aos aristocratas do passado, eram menos avarentas, menos tentadas pelo luxo, mais famintas de poder, e, acima de tudo, mais conscientes do que faziam e mais determinadas a esmagar a oposição. Essa última diferença era fundamental. Comparadas às de hoje, todas as tiranias do passado eram frouxas e ineficazes. Até certo ponto, os grupos dirigentes eram sempre contagiados por ideias liberais, e não viam problema em deixar ações incompletas por todo lado, considerando apenas os atos explícitos, sem se interessar pelo que seus súditos pensavam. Até a Igreja Católica da Idade Média era tolerante para os padrões modernos. Em parte, isso se devia ao fato de que, no passado, nenhum governo tinha o poder de manter seus cidadãos em constante vigilância. A invenção da imprensa, contudo, facilitou a manipulação da opinião pública, e o cinema e o rádio levaram o processo adiante. Com o desenvolvimento da televisão e o avanço tecnológico que permitiu a recepção e a transmissão simultâneas no mesmo aparelho, a vida privada chegou ao fim. Cada cidadão, ou pelo menos cada cidadão importante o suficiente para justificar a vigilância, podia ser monitorado 24 horas por dia pela polícia ao som da propaganda oficial, com todos os outros canais de comunicação fechados. Era a primeira vez em que existia a possibilidade de impor não só a obediência completa à vontade do Estado, como também a completa uniformização da opinião pública em todos os assuntos.

Após o período revolucionário dos anos 1950 e 1960, a sociedade se reagrupou, como sempre, em Elevados, Médios e Baixos. Mas o novo grupo Elevado, diferentemente de seus antecessores, agia não por

instinto, mas sim por estar ciente do que era necessário fazer para salvaguardar sua posição. Havia muito se sabia que a única base segura para a oligarquia era o coletivismo. É mais fácil defender riquezas e privilégios detidos em conjunto. A chamada "abolição da propriedade privada", ocorrida em meados do século, significou, efetivamente, a concentração da propriedade em um número menor de mãos do que antes; mas com a diferença de que os novos proprietários eram um grupo e não uma massa de indivíduos. Individualmente, nenhum membro do Partido possui coisa alguma, a não ser bens pessoais insignificantes. Coletivamente, o Partido possui tudo o que há na Oceania, porque controla tudo, e dispõe dos produtos como bem entende. Nos anos que se seguiram à Revolução, logrou chegar a essa posição de comando quase sem oposição, porque o processo como um todo era representado como um ato de coletivização. Sempre se presumiu que, com a expropriação da classe capitalista, o socialismo viria a seguir; e, inquestionavelmente, os capitalistas foram expropriados. Fábricas, minas, terras, casas, transporte — tudo lhes foi tirado; e, uma vez que essas coisas não mais eram propriedade privada, concluía-se que tinham que ser propriedade pública. O Socing, derivado dos primórdios do movimento socialista e herdeiro de sua fraseologia, na verdade realizou o item mais importante do programa Socialista; com o resultado, previsto e almejado, de que a desigualdade econômica se tornara permanente.

Mas os problemas de perpetuar uma sociedade hierárquica são mais profundos que isso. Há somente quatro maneiras de um grupo dirigente perder o poder. Ou é conquistado de fora, ou governa tão mal que as massas são levadas a se revoltar, ou permite que um grupo Médio forte e descontente passe a existir, ou perde a autoconfiança e o

desejo de governar. Essas causas não agem individualmente, e as quatro costumam estar presentes em alguma medida. Uma classe dirigente capaz de se proteger de todas elas permaneceria permanentemente no poder. Em última instância, o fator determinante é a atitude mental da própria classe dirigente.

Depois de meados do século XX, o primeiro perigo realmente desapareceu. Cada uma das três potências que agora dividem o mundo é, de fato, inconquistável, e só poderia tornar-se conquistável mediante lentas mudanças demográficas que um governo com amplos poderes pode facilmente evitar. O segundo perigo, também, é apenas teórico. As massas nunca se revoltam por iniciativa própria, e nunca se revoltam meramente por estarem oprimidas. Na verdade, enquanto não lhes for permitido ter um termo de comparação, elas nunca se conscientizam de que estão sendo oprimidas. As crises econômicas recorrentes do passado foram totalmente desnecessárias, e, hoje, não se permite que ocorram, mas transtornos igualmente grandes podem acontecer, e acontecem, sem resultados políticos, porque não há como articular o descontentamento. Quanto ao problema do excedente de produção, latente em nossa sociedade desde o desenvolvimento da tecnologia das máquinas, é solucionado com o expediente da guerra contínua (ver Capítulo III), que também é útil para ajustar o moral público ao tom necessário. Do ponto de vista de nossos governantes atuais, portanto, os únicos perigos genuínos são a derivação de um novo grupo de pessoas aptas, subempregadas, sedentas de poder, e o crescimento do liberalismo e do ceticismo em suas próprias fileiras. Isso significa que o problema é educacional. É uma questão de moldar continuamente a consciência do grupo dirigente e do grupo executivo

situado logo abaixo dele. A consciência das massas só precisa ser influenciada negativamente.

Dado esse contexto, seria possível deduzir, caso já não fosse conhecida, a estrutura geral da sociedade da Oceania. No ápice da pirâmide está o Grande Irmão. O Grande Irmão é infalível e todo-poderoso. Todos os sucessos, todas as realizações, todas as vitórias, todas as descobertas científicas, todo o conhecimento, toda a sabedoria, toda a felicidade emanam diretamente de sua liderança e inspiração. Ninguém jamais viu o Grande Irmão. Ele é um rosto nos cartazes, uma voz na teletela. É razoável crer que ele nunca morrerá, e ainda há considerável incerteza quanto a sua data de nascimento. O Grande Irmão é o disfarce escolhido pelo Partido para se mostrar ao mundo. Sua função é atuar como um ponto focal de amor, medo e reverência, emoções mais fáceis de sentir por um indivíduo do que por uma organização. Abaixo do Grande Irmão, vem o Partido Interno, limitado a seis milhões de pessoas, ou pouco menos de 2% da população da Oceania. Abaixo do Partido Interno vem o Partido Externo. Se o Partido Interno é descrito como o cérebro do Estado, o Partido Externo pode corretamente ser comparado às suas mãos. Abaixo estão as massas sem voz a quem costumamos chamar de "proletas", totalizando cerca de 85% da população. Seguindo nossa classificação anterior, os proletas são os Baixos (pois a população escrava das terras equatoriais que passam constantemente de um conquistador a outro não é uma parte permanente ou necessária da estrutura).

Em princípio, a filiação a esses três grupos não é hereditária. O filho de pais pertencentes ao Partido Interno, em teoria, não nasceu no ambiente do Partido Interno. A admissão a um ou outro ramo do

Partido depende de um exame, realizado aos 16 anos. Tampouco existe qualquer tipo de discriminação racial, ou domínio marcado de uma província por outra. Judeus, negros, sul-americanos de sangue exclusivamente índio estão presentes nos mais altos escalões do Partido, e os administradores de uma área, qualquer que seja, são sempre escolhidos entre seus habitantes. Em nenhum ponto da Oceania, os habitantes se sentem como uma população colonial governada a partir de uma capital distante. A Oceania não tem capital, e seu chefe titular é uma pessoa cujo paradeiro ninguém conhece. À exceção do fato de que o inglês é sua principal língua franca, e a Novilíngua, sua língua oficial, nada ali é centralizado. Seus dirigentes não estão ligados por laços de parentesco, mas pela adesão a uma doutrina comum. É verdade que nossa sociedade é estratificada, e de forma muito rígida, no que, à primeira vista, parece sugerir linhagens hereditárias. Há muito menos mobilidade entre os grupos do que durante o capitalismo, ou mesmo durante o período pré-industrial. Entre os dois ramos do Partido, existe uma certa dose de intercâmbio, mas apenas o suficiente para garantir que os fracos sejam excluídos do Partido Interno e que membros ambiciosos do Partido Externo, autorizados a satisfazer o seu desejo de ascensão, se tornem inofensivos. Os proletários, na prática, não têm autorização para entrar no Partido. Os mais dotados entre eles, que poderiam vir a se tornar núcleos de descontentamento, são simplesmente identificados pela Polícia do Pensamento e eliminados. Mas esse estado de coisas não é necessariamente permanente, nem é uma questão de princípios. O Partido não é uma classe no antigo sentido do termo. Seu objetivo não é transmitir poder aos próprios filhos, como tais; se não existisse outro meio de manter os mais aptos no topo, estaria perfeitamente preparado

para recrutar toda uma nova geração das fileiras do proletariado. Nos anos cruciais, o fato de o Partido não ser um corpo hereditário contribuiu muito para neutralizar a oposição. Os socialistas mais antigos, que haviam sido treinados para lutar contra a denominada "classe privilegiada", presumiam que o que não fosse hereditário não podia ser permanente. Não viam que a continuidade de uma oligarquia não precisa ser física, nem pararam para pensar que as aristocracias hereditárias sempre tiveram vida curta, ao passo que organizações de adoção como a Igreja Católica às vezes duravam centenas ou milhares de anos. A essência de um governo oligárquico não é a herança passada de pai para filho, mas a persistência de uma certa visão de mundo e um certo estilo de vida, impostos pelos mortos aos vivos. Um grupo dirigente é um grupo dirigente desde que possa nomear seus sucessores. O Partido não está preocupado em perpetuar seu sangue, mas em perpetuar a si mesmo. QUEM detém o poder é irrelevante, desde que a estrutura permaneça.

As crenças, os hábitos, os gostos, as emoções e as atitudes mentais que caracterizam a nossa época, tudo isso é realmente concebido para sustentar a mística do Partido e evitar que a natureza da sociedade atual seja percebida. A rebelião física, ou qualquer movimentação preliminar com vistas a rebelião, hoje em dia, é impossível. Dos proletários não há o que temer. Abandonados a si mesmos, seguirão trabalhando, procriando e morrendo, de geração em geração, século após século, não apenas sem nenhum impulso à rebeldia, como também sem conseguir entender que o mundo poderia ser diferente do que é. Só poderiam vir a ser perigosos se o avanço da técnica industrial tornasse necessário dar-lhes uma melhor educação; mas, como a rivalidade militar e comercial já não é importante, o nível da educação

popular de fato está caindo. A opinião das massas, seja ela qual for, é olhada com indiferença. Como são desprovidas de intelecto, não há problema em lhes conceder liberdade intelectual. A um membro do Partido, no entanto, não se tolera o menor desvio, mesmo no mais insignificante dos assuntos.

Um membro do Partido passa a vida, do nascimento até a morte, sob a vigilância da Polícia do Pensamento. Mesmo quando está só, nunca pode ter certeza de estar sozinho. Onde quer que se encontre, dormindo ou acordado, trabalhando ou descansando, no banho ou na cama, pode ser inspecionado sem aviso e sem saber que está sendo inspecionado. Nada do que faz é indiferente. Seus amigos, suas distrações, seu comportamento em relação à esposa e aos filhos, a expressão de seu rosto quando está só, as palavras que murmura durante o sono, até os movimentos característicos de seu corpo, tudo isso é zelosamente analisado. Não apenas qualquer desvio efetivo de conduta, mas também qualquer excentricidade, por menor que seja, qualquer mudança de hábito, qualquer tique nervoso que possa ser sintoma de uma luta interna é sempre detectável. Um membro do Partido não tem liberdade de escolha sobre coisa alguma. Por outro lado, seus atos não são regulamentados por lei nem por qualquer outro código de comportamento. Na Oceania, não existe lei. Pensamentos e atos que, quando identificados, significam morte certa, não são formalmente proibidos, e os expurgos, detenções, torturas, encarceramentos e vaporizações sem fim não são infligidos como punição por crimes cometidos de fato, são apenas o apagamento de pessoas que talvez pudessem eventualmente vir a cometer um crime. De um membro do Partido exige-se que tenha não só as opiniões certas como os instintos certos. Muitas das convicções e atitudes que dele se

exigem nunca são expostas com clareza, nem poderiam sê-lo sem deixar expostas as contradições inerentes ao Socing. Se ele for uma pessoa naturalmente ortodoxa (um BEMPENSANTE, em Novilíngua), em toda e qualquer circunstância, saberá automaticamente que convicção é a verdadeira e que emoção é desejável. De qualquer maneira, um treinamento mental elaborado a que foi submetido na infância e relacionado às palavras ESTANCACRIME, PRETOBRANCO e DUPLIPENSAR o torna incapaz de pensar muito profundamente em qualquer assunto.

Espera-se que um membro do partido não tenha emoções particulares, nem dê descanso ao entusiasmo. Deve viver num frenesi constante de ódio aos inimigos estrangeiros e aos traidores internos, de regozijo diante das vitórias, de autodepreciação diante do poder e da sabedoria do Partido. A insatisfação provocada por sua vida simples e medíocre é deliberadamente voltada para o exterior e dissipada por expedientes como os Dois Minutos de Ódio, e as especulações que poderiam induzir a uma atitude cética ou rebelde não chegam à sua consciência graças à disciplina interna adquirida na infância. A primeira e mais simples etapa dessa disciplina, que pode até ser ensinada a crianças pequenas, chama-se em Novilíngua ESTANCACRIME. ESTANCACRIME é a faculdade de se deter, como se por instinto, no limiar de qualquer pensamento perigoso. Inclui a capacidade de não entender analogias, de deixar de perceber erros lógicos, de compreender mal o mais simples dos argumentos se for prejudicial ao Socing e de se sentir entediado ou repugnado por qualquer linha de raciocínio capaz de conduzir a heresias. ESTANCACRIME, em suma, significa burrice protetora. Mas burrice não basta. Ao contrário, a ortodoxia no sentido pleno exige um controle

tão completo sobre os próprios processos mentais quanto o do contorcionista sobre o próprio corpo. A sociedade oceânica repousa, em última instância, na fé na onipotência do Grande Irmão e na infalibilidade do Partido. Mas como, na realidade, o Grande Irmão não é onipotente e o Partido não é infalível, faz-se necessário o uso permanente de flexibilidade no tratamento dos fatos. A palavra-chave aqui é PRETOBRANCO. Como tantas outras palavras em Novilíngua, essa tem dois sentidos mutuamente contraditórios. Aplicada a um oponente, significa o hábito de afirmar descaradamente que preto é branco, contradizendo os fatos simples. Aplicada a um membro do Partido, significa a leal disposição de afirmar que preto é branco quando a disciplina do Partido o exigir. Mas significa também a capacidade de ACREDITAR que preto é branco, e, mais, de SABER que preto é branco, esquecendo-se de que algum dia já acreditou no oposto. Isso exige uma contínua alteração do passado, tornada possível pelo sistema de pensamento que realmente abrange tudo o mais, e que é conhecido em Novilíngua como DUPLIPENSAR.

A alteração do passado é necessária por duas razões, uma delas secundária e, por assim dizer, preventiva. A razão secundária é que o membro do Partido, como o proletário, tolera as condições atuais, em parte, por não ter termos de comparação. Ele deve ser desligado do passado, assim como deve ser desligado de países estrangeiros, porque é necessário que acredite estar melhor de vida do que seus ancestrais, e que o nível médio de conforto material sobe constantemente. Mas a razão, de longe, mais importante para o reajuste do passado é a necessidade de salvaguardar a infalibilidade do Partido. Não se trata apenas de atualizar discursos, estatísticas e registros de todo tipo a fim de demonstrar que as previsões do Partido estavam corretas em todos

os casos. Trata-se, também, de jamais admitir mudanças na doutrina ou no alinhamento político. Pois mudar de ideia, ou mesmo de política, é uma confissão de fraqueza. Se, por exemplo, a Eurásia ou a Lestásia (indiferentemente) for o inimigo de hoje, é necessário então que esse país tenha sido sempre o inimigo. E se os fatos disserem o contrário, então é preciso alterar os fatos. Assim, a história é constantemente reescrita. Essa falsificação diária do passado, realizada pelo Ministério da Verdade, é tão necessária à estabilidade do regime quanto o trabalho de repressão e espionagem realizado pelo Ministério do Amor.

A mutabilidade do passado é o dogma central do Socing. Afirma-se que os fatos passados não têm existência objetiva, e que sobrevivem apenas em registros escritos e nas memórias humanas. O passado é aquilo sobre o qual os registros e as memórias concordam. E se o Partido tem total controle de todos os registros e de todas as mentes de seus membros, conclui-se que o passado é tudo aquilo que o Partido decida que seja. Conclui-se também que, embora alterável, o passado jamais foi alterado em nenhuma instância específica. Pois, ao ser recriado na forma que o momento exige, essa nova versão passa a SER o passado, sendo impossível a existência de um passado diferente. Isso funciona mesmo quando, como acontece com frequência, o mesmo acontecimento tem que ser alterado diversas vezes no curso de um ano. Sempre o Partido detém a verdade absoluta, e é óbvio que o absoluto nunca pode ser diferente do que é agora. Veremos que o controle do passado depende sobretudo do treinamento da memória. Garantir que todos os registros escritos concordem com a ortodoxia vigente é um mero ato mecânico. Mas é necessário LEMBRAR-SE de que os fatos ocorreram da maneira desejada. E, se necessário, reorganizar as lembranças da pessoa ou manipular os registros escritos, e em seguida

é necessário ESQUECER que se fez isso. O truque para isso pode ser aprendido como qualquer outra técnica mental. É aprendido pela maioria dos membros do Partido, e certamente por todos os que são inteligentes tanto quanto ortodoxos. Em Velhalíngua, isso recebe o nome de "controle de realidade". Em Novilíngua chama-se DUPLIPENSAR, embora DUPLIPENSAR tenha um sentido mais amplo.

DUPLIPENSAR é a capacidade de acomodar na cabeça duas crenças contraditórias e aceitar ambas. O intelectual do Partido sabe em que direção suas memórias devem ser alteradas e, por isso, sabe que está enganando a realidade; mas, através do exercício do DUPLIPENSAR, ele também se convence de que a realidade não está sendo violada. O processo tem que ser consciente, do contrário não seria realizado com precisão suficiente, mas também tem que ser inconsciente, do contrário traria consigo um sentimento de falsidade e, portanto, de culpa. O DUPLIPENSAR está no âmago do Socing, uma vez que o ato essencial do Partido é usar o engano consciente e ao mesmo tempo conservar a firmeza de propósito que acompanha a total honestidade. Contar mentiras deliberadas e ao mesmo tempo acreditar genuinamente nelas, esquecer qualquer fato que tenha se tornado inconveniente e depois, quando ele se tornar necessário de novo, retirá-lo do esquecimento apenas pelo tempo devido, negar a existência da realidade objetiva e ao mesmo tempo tomar conhecimento dessa realidade negada — tudo isso é indispensável. Mesmo ao se usar a palavra DUPLIPENSAR, é necessário praticar o DUPLIPENSAR. Pois, ao se usar a palavra, admite-se que se está adulterando a realidade; um novo ato de DUPLIPENSAR apaga esse conhecimento; e assim indefinidamente, com a mentira sempre um passo à frente da verdade.

Em última análise, foi graças ao DUPLIPENSAR que o Partido conseguiu — e pode continuar conseguindo por milhares de anos — deter o curso da história.

Todas as oligarquias do passado caíram ou porque se calcificaram ou porque amoleceram. Ou se tornaram estúpidas e arrogantes, deixaram de se ajustar às circunstâncias e foram derrubadas; ou se tornaram liberais e covardes, fizeram concessões quando deveriam ter usado a força e, por isso, também foram derrubadas. Ou seja, caíram ou por causa da consciência ou por causa da inconsciência. A façanha do Partido é ter produzido um sistema de pensamento em que ambas as condições podem coexistir. E sobre nenhuma outra base intelectual o domínio do Partido poderia se perpetuar. Se quiser governar, e continuar governando, a pessoa tem que ser capaz de mudar o sentido de realidade. Pois o segredo da governança é combinar a crença na própria infalibilidade à capacidade de aprender com os erros passados.

É escusado dizer que os praticantes mais sutis do DUPLIPENSAR são os que inventaram o DUPLIPENSAR e sabem que se trata de um vasto sistema de traição mental. Em nossa sociedade, aqueles que têm mais conhecimento do que acontece são também os que estão mais longe de ver o mundo como ele é. Em geral, quanto maior o conhecimento, maior a ilusão; quanto mais inteligente, mais insano. Uma ilustração clara disso é o fato de que a histeria de guerra se intensifica à medida que se sobe na escala social. Aqueles cuja atitude em relação à guerra é predominantemente racional são os povos subjugados dos territórios em disputa. Para essas pessoas, a guerra é simplesmente uma calamidade contínua que passa sobre seus corpos de um lado para o outro como um tsunami. Para elas, tanto faz que lado esteja ganhando. Elas sabem que uma alteração na suserania significa apenas que

continuarão trabalhando como antes para novos senhores que os tratarão do mesmo modo que os antigos. Os trabalhadores ligeiramente mais favorecidos, a quem chamamos de "proletas", têm consciência da guerra de modo intermitente. Quando é necessário, podem ser incitados a furores de medo e ódio, mas, se abandonados a si mesmos, são capazes de esquecer por longos períodos que há uma guerra em curso. É nas fileiras do Partido, e sobretudo do Partido Interno, que se encontra o verdadeiro entusiasmo bélico. Aqueles que sabem ser impossível conquistar o mundo são os que mais acreditam nessa quimera. Essa estranha conexão de opostos — conhecimento e ignorância, cinismo e fanatismo — é uma das principais características da sociedade oceânica. A ideologia oficial está cheia de contradições, mesmo quando não há nenhuma razão prática para elas. Assim, o Partido rejeita e avilta cada um dos princípios originalmente defendido pelo movimento socialista, e escolhe fazê-lo em nome do socialismo. Prega um desprezo pela classe trabalhadora sem precedentes nos últimos séculos e veste seus membros com um uniforme que, em outros tempos, identificava os trabalhadores manuais, e por isso foi adotado. Mina sistematicamente a solidariedade da família, e chama seu líder por um nome que é um apelo direto ao sentimento de lealdade familiar. Até os nomes dos quatro ministérios que nos governam exibem uma espécie de descaramento em sua deliberada inversão dos fatos. O Ministério da Paz ocupa-se da guerra; o Ministério da Verdade, das mentiras; o Ministério do Amor, da tortura; e o Ministério da Riqueza, da fome. Essas contradições não são acidentais e não resultam de hipocrisia comum; são exercícios deliberados de DUPLIPENSAR. Pois só ao reconciliar contradições é possível exercer o poder indefinidamente. É o único modo de quebrar o ciclo. Para se

evitar definitivamente a igualdade humana — para que os Elevados, como os chamamos, mantenham para sempre suas posições — o estado mental predominante deve ser o da insanidade controlada.

Mas uma questão permanece quase ignorada até hoje: POR QUE se deve evitar a igualdade humana? Supondo que o mecanismo do processo tenha sido descrito corretamente, por que fazer esse esforço hercúleo, minuciosamente planejado para congelar a história num determinado momento do tempo?

Aqui chegamos ao segredo central. Como vimos, a mística do Partido, sobretudo do Partido Interno, depende do DUPLIPENSAR. Mais profundamente que isso, no entanto, está o motivo original, o instinto jamais questionado que pela primeira vez levou à tomada do poder e acarretou o DUPLIPENSAR, a Polícia do Pensamento, a guerra contínua e o resto da parafernália necessária. Esse motivo realmente consiste...

Winston se deu conta do silêncio, assim como alguém se dá conta de um ruído novo. Pareceu-lhe que Julia andava muito quieta havia algum tempo. Ela estava deitada de lado, nua da cintura para cima, o rosto sobre a mão e uma mecha escura caindo sobre os olhos. Seu peito subia e descia devagar e com regularidade.

— Julia.

Nenhuma resposta.

— Julia, você está acordada?

Silêncio. Julia dormia. Ele fechou o livro, pousou-o cuidadosamente no chão, deitou-se e puxou a colcha sobre os dois. Ainda não sabia qual era o último segredo, pensou. Entendia COMO, mas não entendia POR QUÊ. Tal como o Capítulo III, o Capítulo I não lhe dissera nada que ele

não soubesse, apenas sistematizara o conhecimento que já possuía. Mas, depois de lê-lo, via com mais clareza que não estava louco. Pertencer a uma minoria, mesmo uma minoria de um, não significava que a pessoa fosse louca. Havia verdade e havia inverdade e, se a pessoa se aferrasse à verdade, mesmo contra o mundo inteiro, ela não era louca. Um raio amarelo do sol poente entrou enviesado pela janela e caiu no travesseiro. Winston fechou os olhos. O sol no rosto e o corpo macio de Julia encostado no seu lhe deram um sentimento forte, sonolento e confiante. Estava seguro, tudo ia bem. Adormeceu murmurando "Sanidade mental não é algo estatístico" com o sentimento de que essa observação encerrava uma profunda sabedoria.

Quando acordou, Winston teve a sensação de ter dormido durante muito tempo, mas, ao olhar para o relógio antiquado, viu que eram só oito e meia. Cochilou mais um pouco, até que começou a cantoria a plenos pulmões no pátio:

"*Foi só um capricho inútil*
Que passou num mês de abril,
Mas me deu muita emoção
E roubou meu coração!"

Ao que parecia, a canção sentimental continuava popular. Podia ser ouvida em todo canto. Sobrevivera à Canção do Ódio. Julia acordou com o ruído, espreguiçou-se exageradamente e saiu da cama.

— Estou com fome — disse. — Vamos fazer mais café. Droga! O fogareiro apagou e a água está fria. — Pegou o fogareiro e o sacudiu. — Está sem óleo.

— Podemos conseguir um pouco com o velho Charrington, espero.

— O engraçado é que eu conferi se estava cheio. Vou me vestir — acrescentou. — Parece que esfriou.

Winston também se levantou e se vestiu. A voz incansável continuava cantando:

"*Dizem que o tempo cura tudo,*
e que a gente esquece tudo,
mas o riso e o pranto
sempre hão de mover o meu canto!"

Afivelando o cinto do macacão, Winston foi até a janela. O sol devia ter se escondido atrás das casas; já não brilhava no pátio. As lajes estavam úmidas como se tivessem acabado de ser lavadas, e ele teve a sensação de que o céu também fora lavado, tão limpo e claro era o azul entre as coifas das chaminés. A mulher, incansável, andava para lá e para cá, arrolhando-se e desarrolhando-se, cantando e emudecendo, pendurando mais fraldas, e mais e mais ainda. Ele se perguntou se ela ganhava a vida como lavadeira ou simplesmente era a escrava de vinte ou trinta netos. Julia viera para o seu lado; juntos, olharam meio fascinados para a figura robusta lá embaixo. Observando a mulher naquela postura característica, braços grossos erguidos para alcançar a corda, o traseiro protuberante lembrando o de uma égua, Winston se deu conta pela primeira vez de que ela era bonita. Nunca lhe ocorrera que o corpo de uma cinquentona, inchado pela maternidade até atingir proporções monstruosas, depois enrijecido e enrugado pelo trabalho até adquirir uma textura áspera como a de um nabo passado, pudesse ser bonito. Mas era, e afinal de contas, pensou ele, por que não? Aquele corpo forte, sem contornos, como um bloco de granito, e a áspera pele vermelha estavam para um corpo de garota assim como o fruto da roseira-brava estava para a rosa. Por que o fruto devia ser considerado inferior à flor?

— Ela é bonita — murmurou.

— Tem um metro de quadris, fácil — disse Julia.

— É o estilo dela de beleza — observou Winston.

Envolveu sem dificuldade a cintura flexível de Julia com o braço. Da anca ao joelho, o corpo dela estava encostado ao seu. De seus corpos, jamais sairiam filhos. Um filho era a única coisa que eles nunca

poderiam fazer. Só poderiam transmitir o segredo passando-o oralmente, mentalmente. A mulher lá embaixo não tinha mente, tinha apenas braços fortes, um coração quente e um ventre fértil. Ele se perguntou quantos filhos teria tido. Talvez uns 15. Tivera o seu florescer passageiro, por um ano, talvez, com a beleza da rosa silvestre, depois inchara de repente como uma fruta fertilizada, tornando-se dura, vermelha e áspera, e sua vida passara a ser lavar roupa, esfregar, cerzir, cozinhar, varrer, lustrar, remendar, esfregar, lavar roupa, primeiro para os filhos, depois para os netos, ao longo de trinta anos ininterruptos. Depois desses anos todos, continuava cantando. A reverência mística que Winston sentiu por ela de certa forma se embaralhava com o aspecto do céu claro e limpo que se estendia a perder de vista por trás das coifas de chaminé. Era curioso pensar que o céu era o mesmo para todos, na Eurásia ou na Lestásia, assim como ali. E as pessoas sob o céu também eram muito semelhantes — em toda parte, no mundo inteiro, centenas de milhares de milhões de pessoas exatamente como ela, pessoas que ignoravam a existência umas das outras, isoladas por muros de ódio e mentiras, e, no entanto, quase exatamente iguais — pessoas que nunca aprenderam a pensar, mas estavam armazenando no coração, no ventre, nos músculos, o poder que um dia subverteria o mundo. Se há esperança, está nos proletas! Mesmo sem ter lido o fim do livro, Winston sabia que essa devia ser a mensagem final de Goldstein. O futuro pertencia aos proletas. E era possível ele ter certeza de que, quando chegasse a hora deles, o mundo que construiriam não seria tão estranho a ele, Winston Smith, quanto o mundo do Partido? Sim, porque pelo menos seria um mundo são. Onde há igualdade pode haver sanidade. Cedo ou tarde, aconteceria. A força se transformaria em consciência. Os proletas eram imortais, não se podia duvidar disso

quando se olhava para aquela figura valente no pátio. No fim, o despertar deles chegaria. E, enquanto isso não acontecia, mesmo que levasse mil anos, permaneceriam vivos apesar de todas as dificuldades, como pássaros, transmitindo de um corpo a outro a vitalidade que o Partido não compartilhava e que não conseguia destruir.

— Você se lembra — disse ele — do tordo que cantou para nós naquele primeiro dia, na margem do bosque?

— Ele não estava cantando para nós — respondeu Julia. — Estava cantando para se satisfazer. Nem isso. Estava só cantando.

Os pássaros cantavam, os proletas cantavam. O Partido não cantava. No mundo inteiro, em Londres e em Nova York, na África e no Brasil, e nas regiões misteriosas e proibidas para além das fronteiras, nas ruas de Paris e Berlim, nas aldeias da interminável estepe russa, nos bazares da China e do Japão — em toda parte —, estava a mesma personagem forte e invencível, desfigurada pelo trabalho e pela maternidade, dando duro do nascimento à morte e ainda assim cantando. Daquela pelve forte um dia sairia uma raça de seres conscientes. Os mortos eram os outros, o futuro era deles. Mas, se se mantivesse a mente viva como eles mantinham vivo o corpo, transmitindo a doutrina secreta de que dois e dois são quatro, era possível participar desse futuro.

— Nós somos os mortos — disse Winston.

— Nós somos os mortos — repetiu Julia obedientemente.

— Vocês são os mortos — disse atrás dele uma voz rígida.

Pularam um para cada lado. As entranhas de Winston pareciam transformadas em gelo. Ele via o branco em volta da íris dos olhos de Julia. O rosto dela ficara de um amarelo leitoso. As manchas de ruge ainda presentes nas maçãs do rosto se destacavam nitidamente, como se estivessem desligadas da pele embaixo.

— Vocês são os mortos — repetiu a voz metálica.

— Estava atrás do quadro... — sussurrou Julia.

— Estava atrás do quadro — disse a voz. — Fiquem exatamente onde estão. Não façam nenhum movimento até segunda ordem.

Estava começando, estava começando afinal! Não podiam fazer nada a não ser olhar para os olhos um do outro. Fugir para salvar a pele, sair da casa antes que fosse tarde demais — não lhes passou pela cabeça nenhuma dessas ideias. Impensável desobedecer à voz metálica que vinha da parede. Ouviu-se um estalo como se uma lingueta tivesse sido solta, e um estrondo de vidro quebrando. O quadro caíra no chão, revelando a teletela atrás dele.

— Agora eles podem nos ver — afirmou Julia.

— Agora podemos ver vocês — disse a voz. — Vão para o meio do quarto. Fiquem de costas um para o outro. Ponham as mãos atrás da cabeça. Não se toquem.

Não estavam se tocando, mas Winston tinha a impressão de sentir o corpo de Julia tremendo. Ou talvez fosse apenas o tremor de seu próprio corpo. Com muito custo, conseguia não bater o queixo, mas seus joelhos estavam descontrolados. Ouviram passos de botas no térreo, dentro e fora da casa. O pátio parecia cheio de homens. Alguma coisa estava sendo arrastada pela laje. A cantoria da mulher se interrompera abruptamente. Ouviu-se um longo rolar barulhento, como se a tina tivesse sido arremessada para o outro lado do pátio, depois uma confusão de berros irados que terminaram com um grito de dor.

— A casa está cercada — disse Winston.

— A casa está cercada — repetiu a voz.

Winston ouviu Julia trincar os dentes.

— Acho que é melhor a gente se despedir — disse ela.

— É melhor se despedirem — confirmou a voz.

Em seguida, outra voz bem diferente, uma voz fina, educada, que Winston teve a impressão de já ter ouvido antes, interveio:

— E por sinal, já que tocamos no assunto, "Tome o cutelo para decapitar quem você ama!".

Algo despencou sobre a cama, atrás de Winston. A ponta de uma escada fora enfiada pela janela e arrebentara o caixilho. Alguém vinha entrando pela janela. Ouvia-se o ruído de botas subindo a escada. O quarto ficou cheio de homens fortes envergando uniformes pretos, calçados com botas ferradas e empunhando cassetetes.

Winston já não tremia. Mal movia os olhos. Só uma coisa importava: ficar imóvel, ficar imóvel e não lhes dar uma desculpa para que batessem nele! Um homem com a mandíbula de um boxeador, na qual a boca era apenas uma fenda, parou na frente dele balançando o cassetete pensativamente entre o polegar e o indicador. Winston olhou-o nos olhos. A sensação de nudez, quando se tinha as mãos atrás da cabeça e a cara e o corpo totalmente expostos, era quase insuportável. O homem mostrou a ponta de uma língua branca, passou-a no local onde deveriam estar seus lábios e foi em frente. Ouviu-se outro estrondo. Alguém pegara na mesa o peso de papel de vidro e o espatifara na lareira.

O fragmento de coral, uma coisinha torcida cor-de-rosa lembrando um confeito de bolo, rolou pelo tapete. Como era minúsculo, pensou Winston, como sempre tinha sido minúsculo! Depois de ouvir um arquejo e um baque às suas costas, recebeu um chute violento no tornozelo que quase o fez perder o equilíbrio. Um dos homens dera um murro no plexo solar de Julia, fazendo-a se dobrar ao meio como uma

régua de bolso. Ela se debatia no chão, tentando recuperar o fôlego. Winston não ousava virar a cabeça nem um milímetro, mas às vezes o rosto lívido e ofegante da moça entrava em seu campo de visão. Mesmo apavorado, parecia sentir a dor dela no próprio corpo, a dor mortal que, no entanto, era menos urgente que a luta para conseguir respirar. Ele sabia como era aquilo; a dor terrível e atroz presente o tempo todo, mas que devia ser ignorada, porque antes de tudo era preciso conseguir respirar. Então, dois dos homens a ergueram pelas pernas e pelos ombros e a levaram para fora do quarto como um saco. Winston viu de relance o seu rosto, de cabeça para baixo, amarelo e contorcido, de olhos fechados, e ainda conservando o rouge aplicado nas bochechas; e aquela foi a última vez em que a viu.

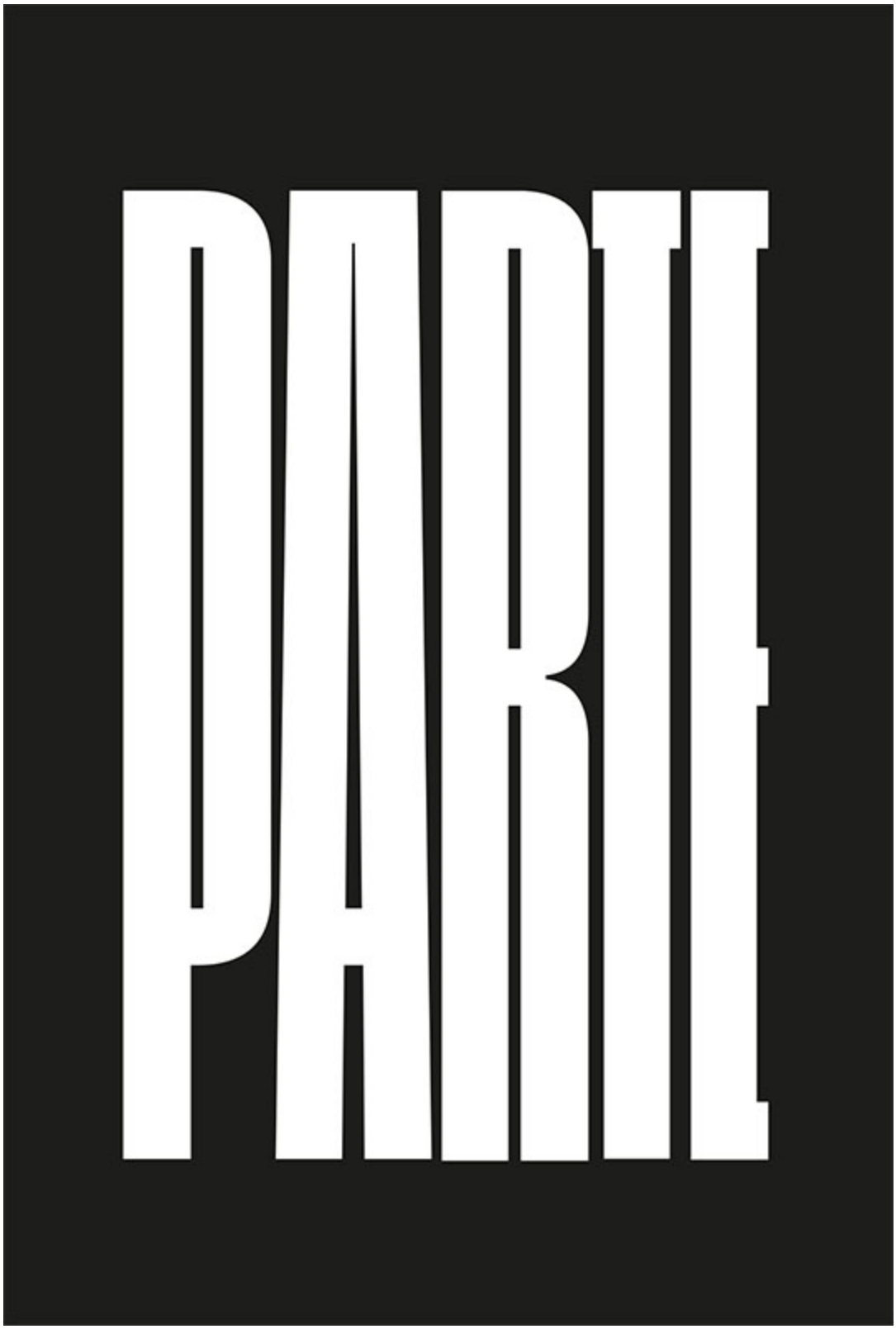
Permaneceu completamente imóvel. Ninguém batera nele ainda. Pensamentos que vinham por vontade própria, mas lhe pareciam totalmente desinteressantes, começaram a lhe passar pela cabeça. Perguntou-se se tinham pego o sr. Charrington. O que haviam feito com a mulher no pátio. Percebeu que queria desesperadamente urinar, e ficou um pouco surpreso, porque urinara havia apenas duas ou três horas. Percebeu que o relógio no console da lareira marcava nove, significando 21 horas. Mas parecia muito claro. A luz já não estaria declinando às 21 horas de uma noite de agosto? Perguntou-se se, afinal de contas, ele e Julia haviam se confundido com a hora — será que tinham dormido a noite inteira e acharam que fossem oito e meia da noite quando eram oito e meia da manhã do dia seguinte? Mas não pensou mais nisso. Não era interessante.

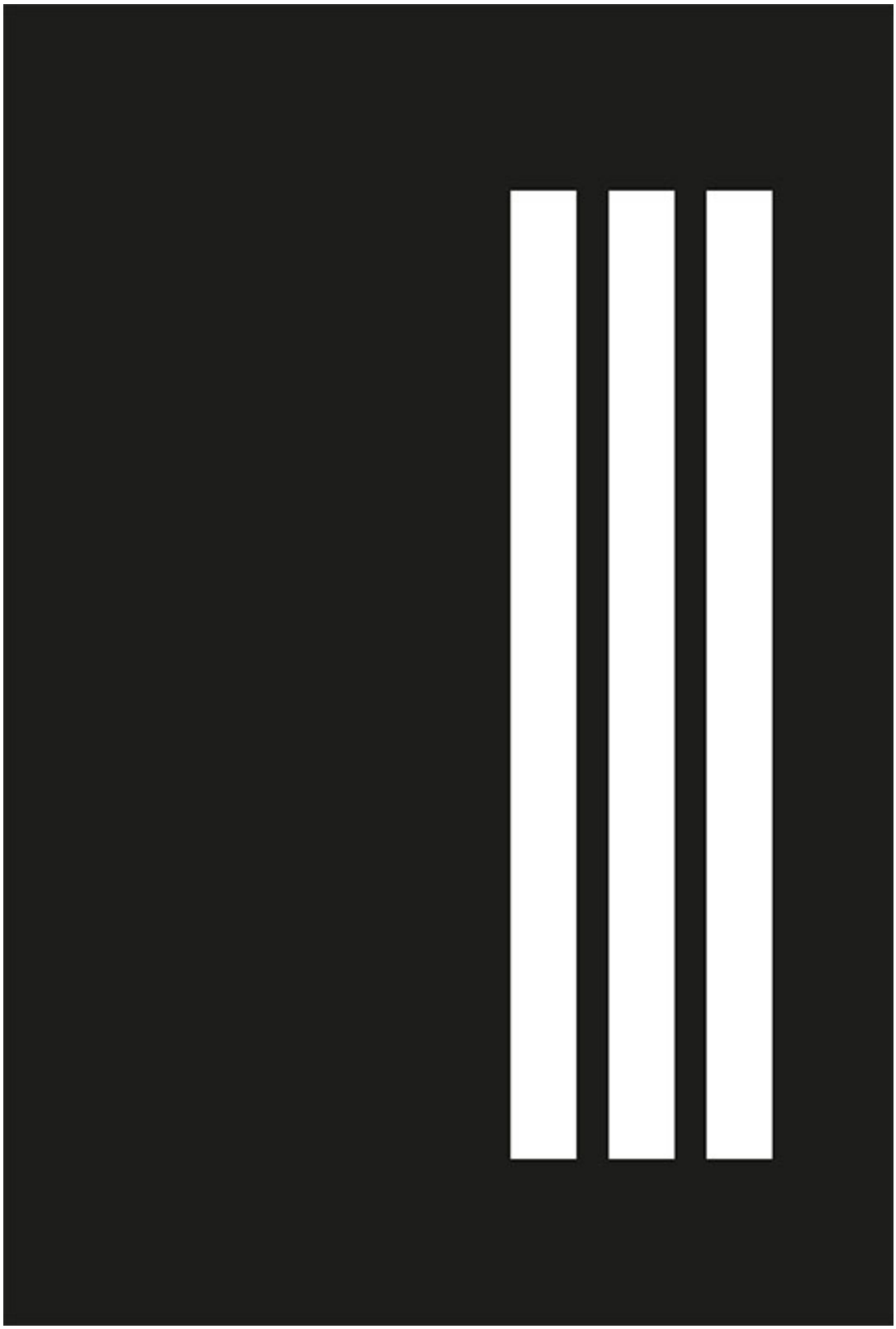
Ouviu-se um passo diferente, mais leve, no corredor. O sr. Charrington entrou no quarto. A atitude dos homens uniformizados de preto de repente ficou mais branda. Algo também mudara na aparência do sr.

Charrington. Seus olhos bateram nos fragmentos do peso de papel de vidro.

— Recolham esses cacos — disse rispidamente.

Um homem curvou-se para obedecer. O sotaque *cockney* desaparecera; Winston se deu conta de quem era a voz ouvida instantes atrás na teletela. O sr. Charrington ainda usava o velho paletó de veludo, mas seu cabelo, que antes era quase totalmente branco, estava preto. E também não estava de óculos. Lançou um olhar severo para Winston, como se verificando sua identidade, depois não prestou mais atenção nele. Continuava reconhecível, mas não era mais a mesma pessoa. Seu corpo se endireitara, e parecia ter ficado maior. Seu rosto sofrera apenas minúsculas alterações, mas que produziram uma transformação completa. As sobrancelhas pretas estavam menos espessas, as rugas haviam sumido, todos os contornos do rosto pareciam ter se alterado; até o nariz parecia mais curto. Era o rosto alerta e frio de um homem de uns 35 anos. Winston pensou que pela primeira vez na vida estava olhando, sabendo disso, para um membro da Polícia do Pensamento.


PART



Ele não sabia onde estava. Possivelmente, no Ministério do Amor, mas não havia como ter certeza.

Era uma cela sem janelas, de pé-direito alto, com paredes de reluzente porcelana branca. Lâmpadas ocultas inundavam-na de uma luz fria, e ouvia-se um zumbido surdo e constante que ele imaginou ter algo a ver com o fornecimento de ar. Um banco, ou prateleira, de largura apenas suficiente para que alguém se sentasse, corria ao longo da parede, interrompido apenas pela porta. Na parede oposta à porta, um vaso sanitário sem tampo de madeira. Havia quatro teletelas, uma em cada parede.

Sentia uma dor desagradável na barriga. Ela o incomodava desde que o haviam jogado na van fechada e o levado embora. Mas também estava com fome, uma fome nociva, corrosiva. Não comia havia 24 horas, ou talvez 36. Ainda não sabia, provavelmente nunca saberia, se fora preso de manhã ou de noite. Desde então, não fora alimentado.

Estava sentado tão imóvel quanto podia no banco estreito, com as mãos cruzadas sobre o joelho. Já aprendera a sentar-se imóvel. Se fizesse movimentos inesperados, gritavam com ele da teletela. Mas sua ânsia por comida aumentava. O que mais desejava era um pedaço de pão. Tinha ideia de que havia umas migalhas de pão no bolso de seu macacão. Era até possível — achava isso porque, de vez em quando, tinha a impressão de que alguma coisa lhe fazia cócegas na coxa — que houvesse um bom pedaço de casca. Afinal, a tentação de descobrir foi mais forte que o medo; enfiou a mão no bolso.

— Smith! — gritou uma voz da teletela. — 6079 Smith W.! Nada de mão no bolso nas celas!

Ele tornou a ficar imóvel, mãos cruzadas sobre o joelho. Antes de ser levado para lá, estivera em outro lugar que devia ser uma prisão comum ou um depósito temporário usado pelas patrulhas. Não sabia quanto tempo ficara lá; algumas horas, de qualquer maneira. Sem relógios nem luz do dia, era difícil calcular o tempo. Era um lugar barulhento, malcheiroso. Colocaram-no em uma cela semelhante à que estava agora, mas imunda e lotada o tempo todo com dez ou 15 pessoas. Em sua maioria, eram criminosos comuns, mas havia alguns presos políticos. Sentara-se em silêncio encostado à parede, empurrado por corpos sujos, consumido demais pelo medo e pela dor na barriga para sentir mais interesse pelo seu entorno, mas mesmo assim notando a espantosa diferença de comportamento entre os prisioneiros do Partido e os outros. Os prisioneiros do Partido estavam sempre calados e apavorados, mas os comuns pareciam não dar a mínima para ninguém. Insultavam os guardas aos berros, reagiam ferozmente quando seus pertences eram confiscados, escreviam palavras obscenas no chão, comiam alimentos trazidos clandestinamente que sacavam de misteriosos esconderijos nas roupas e até desligavam a teletela quando o objeto tentava restabelecer a ordem. Por outro lado, alguns deles pareciam manter boas relações com os guardas, tratavam-nos por apelidos e tentavam passar-lhes cigarros pelo olho mágico da porta. Os guardas também tratavam os criminosos comuns com certa indulgência, mesmo quando tinham que ser duros com eles. Falava-se muito sobre campos de trabalhos forçados para os quais a maioria dos prisioneiros esperava ser enviada. Nos campos, estava "tudo bem", pelo que entendeu, desde que se tivesse bons contatos e se conhecesse o caminho das pedras. Havia suborno, favoritismo e negócios fraudulentos de todo tipo, havia homossexualidade e prostituição,

havia até bebida alcoólica ilegal destilada de batatas. Nas posições de confiança só eram colocados os criminosos comuns, especialmente mafiosos e assassinos, que formavam uma espécie de aristocracia. Todo o trabalho sujo era feito pelos presos políticos.

Havia um vaivém constante de prisioneiros de todo tipo: traficantes de droga, ladrões, bandidos, agentes do mercado negro, bêbados, prostitutas. Alguns dos bêbados eram tão violentos que os outros presos tinham que se juntar para freá-los. Um caco de mulher, enorme, de uns sessenta anos, com grandes peitos caídos e grossos cachos de cabelo branco desfeitos durante as brigas, foi trazida, aos gritos e distribuindo pontapés, por quatro guardas que a seguravam, um em cada membro. Arrancaram as botas com que ela tentava chutá-los e a atiraram no colo de Winston, quase lhe quebrando os fêmures. A mulher se endireitou e disparou-lhes aos gritos um "filhos da puta" enquanto eles saíam da cela. Depois, ao perceber que estava sentada em algo desnivelado, escorregou dos joelhos de Winston para o banco.

— Me desculpe, amoreco. Eu não queria me sentar no seu colo, mas aqueles viados me botaram aí. Não sabem como tratar uma dama, sabem? — Fez uma pausa, bateu no peito e soltou um arroto. — Desculpe, eu não estou muito bem.

Inclinou-se à frente e vomitou copiosamente no chão.

— Já melhorei — afirmou, recostando-se na parede de olhos fechados. — Eu nunca seguro, é o que eu digo. Deixa subir enquanto tá fresco no estômago.

Recuperou-se, virou-se para dar mais uma olhada em Winston e deu a impressão de logo ter gostado dele. Passou um braço enorme em volta de seu ombro e puxou-o para si, exalando um bafo de cerveja e vômito na cara dele.

— Qual é seu nome, amoreco? — perguntou.

— Smith — respondeu Winston.

— Smith? — disse a mulher. — Engraçado. Meu nome também é Smith. Ora — acrescentou, sentimental —, eu podia ser sua mãe!

Podia mesmo, pensou Winston. Tinha a idade e o físico adequados, e era provável que as pessoas mudassem um pouco depois de vinte anos num campo de trabalhos forçados.

Ninguém mais falara com ele. Surpreendentemente, os criminosos comuns ignoravam os prisioneiros do Partido. "Os polititicos", chamavam-nos, com uma espécie de desprezo e falta de interesse. Os prisioneiros do Partido pareciam apavorados de falar com quem quer que fosse, e, sobretudo, de falar uns com os outros. Só uma vez, quando dois membros do Partido, duas mulheres, estavam lado a lado no banco, espremidas, ele entreouviu, em meio ao burburinho de vozes, umas poucas palavras sussurradas com pressa; e em particular, uma referência a algo chamado "quarto um-zero-um", que não entendeu.

Devia fazer umas duas ou três horas que havia sido levado para lá. A dor incômoda em sua barriga não passava nunca, mas ora melhorava e ora piorava, e seus pensamentos se expandiam e se contraíam de acordo. Quando piorava, ele só pensava na dor propriamente dita, e na vontade de comer. Quando melhorava, era dominado pelo pânico. Havia momentos em que antevia as coisas que lhe aconteceriam com tanta clareza que seu coração disparava e o ar lhe faltava. Sentia a pancada dos cassetetes nos cotovelos e as botas ferradas nas canelas; via-se rastejando no chão, com os dentes quebrados, gritando por clemência. Mal pensava em Julia. Não conseguia fixar a mente nela. Amava-a e não a trairia; mas isso era apenas um fato, tão sabido como ele sabia as regras da aritmética. Não sentia amor por ela, e quase não

se perguntava o que lhe estava acontecendo. Pensava com mais frequência em O'Brien, com um fio de esperança. O'Brien talvez soubesse que ele tinha sido preso. A Irmandade, dissera ele, nunca traía seus membros. Mas havia a lâmina de barbear; se pudessem, mandariam a lâmina de barbear. Talvez se passassem cinco segundos até o guarda entrar correndo na cela. A lâmina rasgaria sua carne com uma espécie de frieza quente, e mesmo os dedos que a seguravam estariam cortados até o osso. Seu corpo doente, que se encolhia, trêmulo, diante de qualquer dorzinha, recordava tudo isso. Não estava convencido de que usaria a lâmina de barbear se tivesse a oportunidade. Era mais natural existir de momento a momento, aceitando mais dez minutos de vida mesmo com a certeza de que, no fim de tudo, haveria tortura.

Às vezes tentava calcular o número de azulejos nas paredes da cela. Deveria ser fácil, mas ele sempre perdia a conta em algum momento. Mais amiúde, perguntava-se onde estava, e que horas seriam. Às vezes, tinha certeza de que era dia lá fora, depois tinha igual certeza de que era noite fechada. Sabia instintivamente que, naquele lugar, as luzes nunca se apagavam. Era o lugar onde não havia escuridão: agora via por que O'Brien parecera reconhecer a alusão. No Ministério do Amor, não havia janelas. Sua cela podia estar no centro do prédio ou ter a parede externa como um de seus lados; poderia estar dez andares abaixo do térreo ou trinta acima. Deslocou-se mentalmente de um lugar para o outro, e procurou determinar pela sensação do corpo se estava encarapitado nas alturas ou enterrado nas profundezas do solo.

Ouviu passos do lado de fora. A porta de aço se abriu com ruído. Um jovem oficial, uma figura enxuta de uniforme preto que parecia reluzir todo no couro encerado e cujo rosto pálido de feições retilíneas

lembrava uma máscara de cera, adentrou rapidamente a cela. Fez um gesto indicando aos guardas do lado de fora que trouxessem o prisioneiro que conduziam. O poeta Ampleforth entrou se arrastando. A porta se fechou também com ruído.

Ampleforth fez um ou dois movimentos incertos de um lado para outro, como se tivesse a noção de que havia outra porta com a qual sair, em seguida começou a andar para cima e para baixo na cela. Ainda não notara a presença de Winston. Seus olhos perturbados fitavam a parede, mais ou menos um metro acima da cabeça de Winston. Estava descalço; dedos grandes e sujos escapavam pelos furos das meias. Também não se barbeava fazia vários dias. Uma barba rala cobria-lhe a cara até as maçãs do rosto, dando-lhe um ar de proxeneta que não combinava com seu físico avantajado e seus movimentos nervosos.

Winston despertou um pouco da letargia. Devia falar com Ampleforth e correr o risco de ouvir o berro da teletela. Era até plausível que Ampleforth fosse o portador da lâmina de barbear.

— Ampleforth — falou.

Não saiu nenhum grito da teletela. Ampleforth parou, um tanto espantado. Seus olhos focalizaram lentamente Winston.

— Ah, Smith! — exclamou. — Você também!

— Por que você está preso?

— Para dizer a verdade... — Sentou-se um pouco desajeitado no banco em frente a Winston. — Só existe um crime, não?

— E você o cometeu?

— Aparentemente, sim.

— Ele colocou a mão na testa e apertou as têmporas por um instante, como se tentasse lembrar-se de alguma coisa.

— Essas coisas acontecem — começou vagamente. — Consegui me lembrar de uma vez... uma vez possível. Foi uma indiscrição, sem dúvida. Estávamos produzindo uma edição definitiva dos poemas de Kipling. Deixei a palavra "Deus" no final de um verso. Foi mais forte que eu! — acrescentou, quase indignado, erguendo o rosto para olhar Winston. — Era impossível mudar o verso, por causa da rima. Sabia que só existem 12 palavras com essa rima em toda a língua? Passei vários dias quebrando a cabeça. Não havia outra rima.

Sua expressão mudou. O aborrecimento desapareceu e, por um momento, ele pareceu quase satisfeito. Uma espécie de entusiasmo intelectual, a alegria do pedante que faz um achado inútil brilhou entre o cabelo sujo e ralo.

— Já lhe ocorreu que toda a história da poesia inglesa foi determinada pela falta de rimas que há na língua?

Não, essa ideia específica nunca ocorrera a Winston. E, dadas as circunstâncias, tampouco lhe parecia muito importante ou interessante.

— Você sabe que horas são? — perguntou ele.

Ampleforth tornou a fazer uma cara espantada.

— Eu nem tinha pensado sobre isso. Eles me prenderam... pode ter sido há dois dias... talvez três. — Seus olhos relancearam as paredes, como se esperasse encontrar uma janela em algum lugar. — Aqui não há diferença entre dia e noite. Não vejo como se possa calcular o tempo.

Tiveram uma conversa incoerente por alguns minutos, depois, sem razão aparente, um grito da teletela ordenou que se calassem. Winston sentou-se imóvel, com os dedos entrelaçados. Ampleforth, grande demais para sentar-se com conforto no banco estreito, remexia-se de

um lado para o outro, cruzando as mãos descarnadas em volta ora de um joelho, ora de outro. A teletela rosnou para que ficasse quieto. Passou-se algum tempo. Vinte minutos, uma hora — era difícil determinar. Mais uma vez, ouviram passos do lado de fora. As entranhas de Winston se contraíram. Logo, muito em breve, talvez em cinco minutos, talvez já, os passos iriam significar que sua hora tinha chegado.

A porta se abriu. O jovem oficial de expressão fria entrou na cela. Com um breve gesto de mão, indicou Ampleforth.

— Quarto 101 — disse.

Ampleforth saiu canhestramente escoltado pelos guardas, com o rosto vagamente perturbado, mas sem entender nada.

Passou-se um tempo que pareceu longo. A dor na barriga de Winston retornara. Sua mente recaía sempre em torno do mesmo ponto, como uma bola que cai sempre na mesma série de fendas. Ele tinha apenas seis pensamentos. A dor na barriga; um pedaço de pão; o sangue e os gritos; O'Brien; Julia; a lâmina de barbear. Sentiu outro espasmo nas entranhas, as pesadas botas se aproximavam. Quando a porta se abriu, a onda de ar criada trouxe para dentro um cheiro forte de suor frio. Parsons entrou na cela. Vestia um calção cáqui e uma camisa esporte.

Dessa vez, Winston espantou-se a ponto de não pensar em si mesmo.

— VOCÊ aqui! — exclamou.

Parsons dirigiu-lhe um olhar em que não havia interesse nem surpresa, só infelicidade. Começou a andar aos trancos para cima e para baixo, visivelmente incapaz de ficar quieto. Cada vez que esticava os joelhos rechonchudos, dava para notar que tremiam. Tinha um olhar esgazeado, como se não conseguisse deixar de contemplar alguma coisa a média distância.

— Por que está preso? — perguntou Winston.

— Pensamento-crime! — disse Parsons, quase soluçando. Seu tom de voz indicava a um tempo uma completa admissão de culpa e o espanto com o fato de que a expressão pudesse se aplicar a ele. Parou na frente de Winston e começou a lhe fazer apelos, ansiosamente: — Você não acha que vão me fuzilar, acha, meu velho? Eles não fuzilam quem não fez efetivamente nada, só teve pensamentos, o que não dá para evitar? Sei que vão fazer um interrogatório justo. Ah, tenho certeza de que vão! Eles conhecem a minha ficha, não conhecem? VOCÊ sabe que tipo de sujeito eu era. Um bom sujeito, à minha moda. Não muito inteligente, claro, mas esforçado. Tentei fazer o meu melhor para o Partido, não tentei? Saio dessa em cinco anos, não acha? Ou talvez em dez? Um cara feito eu pode ser muito útil num campo de trabalhos forçados. Será que vão me fuzilar por eu ter saído da linha uma única vez?

— Você é culpado? — perguntou Winston.

— Claro que sou! — exclamou Parsons com um olhar servil para a teletela. — Você não acha que o Partido iria prender um homem inocente, acha? — Sua cara de sapo ficou mais calma e até assumiu uma expressão ligeiramente hipócrita. — Pensamento-crime é uma coisa horrível, meu velho — disse, sentencioso. — É insidioso. Pode dominar a pessoa sem que ela se dê conta. Sabe como me dominou? Enquanto eu dormia! Sim, é verdade. Lá estava eu, trabalhando, tentando fazer a minha parte... eu nunca soube que tivesse na cabeça alguma coisa que não prestasse. Aí comecei a falar dormindo. Sabe o que eles me ouviram dizer?

Ele baixou o tom de voz como alguém obrigado por razões médicas a dizer uma obscenidade.

— Abaixo o Grande Irmão! Sim, eu disse isso! Várias vezes, parece. Cá entre nós, meu velho, ainda bem que me pegaram antes que a coisa fosse adiante. Sabe o que vou dizer a eles quando comparecer perante o tribunal? "Obrigado", vou dizer, "obrigado por me salvar antes que fosse tarde demais."

— Quem denunciou você? — perguntou Winston.

— Foi minha filhinha — respondeu Parsons com um orgulho triste. — Ela ouviu pelo buraco da fechadura. Ouviu o que eu dizia, e logo no dia seguinte correu para as patrulhas. Muito esperta para uma guria de sete anos, não acha? Não guardo nenhum ressentimento. Na verdade, estou orgulhoso dela. Mostra que foi educada no espírito certo, afinal.

Fez mais alguns movimentos convulsivos para cima e para baixo, várias vezes, lançando um olhar comprido para o vaso sanitário. Então, de repente arriou o calção.

— Me desculpe, meu velho — disse. — É mais forte do que eu. É a espera.

Encaixou o grande traseiro no vaso. Winston tapou o rosto com as mãos.

— Smith! — berrou a voz da teletela. — 6079 Smith W.! Tire as mãos do rosto. Não esconda o rosto nas celas.

Winston tirou as mãos do rosto. Parsons usou a privada, ruidosa e abundantemente. Depois aconteceu de a válvula estar com defeito, e um fedor abominável impregnou a cela por muitas horas.

Parsons foi retirado. Mais presos chegaram e partiram, misteriosamente. Um deles, uma mulher, foi designada para o "quarto 101", e Winston a viu parecer encolher e empalidecer ao ouvir essas palavras. Chegou um momento em que, se ele tivesse sido levado para lá de manhã, seria de tarde; ou se tivesse sido levado de tarde, seria

meia-noite. Havia seis presos na cela, homens e mulheres. Todos sentados muito quietos. Diante de Winston, estava um homem sem queixo e dentuço, parecido com um grande roedor inofensivo. Suas bochechas gordas, sarapintadas, tinham bolsas tão acentuadas na parte de baixo que era difícil não pensar que ele tivesse pequenos estoques de comida guardados ali dentro. Seus olhos cinza-claros corriam receosos de um rosto a outro e desviavam depressa quando encontravam o olhar de alguém.

A porta se abriu, e introduziram outro preso cuja aparência provocou um arrepio em Winston. Era um homem comum, de péssima aparência, quem sabe um engenheiro ou um técnico de algum tipo. Mas o espantoso era a magreza de seu rosto. Parecia uma caveira. Por causa da magreza, a boca e os olhos davam a impressão de ser desproporcionalmente grandes, e os olhos transmitiam um ódio assassino implacável em relação a alguém ou alguma coisa.

O homem sentou-se no banco, perto de Winston. Winston não tornou a olhar para ele, mas a cara atormentada de caveira estava tão viva em sua mente quanto se ele estivesse bem diante de seus olhos. De repente, percebeu qual era o problema. O homem estava morrendo de inanição. A mesma ideia pareceu ocorrer simultaneamente a todos na cela. Houve uma agitação quase imperceptível no banco. Os olhos do homem sem queixo insistiam em se voltar para o da cara de caveira para logo desviarem, culpados, e em seguida eram arrastados de volta por uma atração irresistível. Pouco depois, começou a se remexer no banco. Por fim, levantou-se e atravessou a cela desajeitadamente, enfiou a mão no bolso do macacão e, com ar envergonhado, estendeu um pedaço de pão encardido ao homem com cara de caveira.

Um rugido furioso, ensurdecedor, veio da tela. O homem sem queixo sobressaltou-se. O homem com cara de caveira mais que depressa escondera a mão atrás das costas, como se demonstrasse a todos que recusava o presente.

— Bumstead! — rugiu a voz. — 2713 Bumstead J.! Largue esse pedaço de pão!

O homem sem queixo deixou o pedaço de pão cair no chão.

— Fique onde está — disse a voz. — Virado para a porta. Não se mexa.

O homem sem queixo obedeceu. Suas grandes bochechas flácidas tremiam incontrolavelmente. A porta se abriu, barulhenta. Quando o jovem oficial entrou e deu um passo para o lado, surgiu atrás dele um guarda baixo e atarracado com braços e ombros enormes. O guarda se colocou na frente do homem sem queixo, e em seguida, ao sinal do oficial, desferiu um violento murro, com todo o peso do corpo, para acertar em cheio a boca do homem sem queixo. A força do murro deu a impressão de quase fazê-lo voar. Seu corpo foi arremessado para o outro lado da cela, indo parar encostado na base do vaso sanitário. Por um momento, ficou ali caído, como se estivesse atordoado, com sangue escuro lhe saindo da boca e do nariz. Deixou escapar um gemido ou um guincho quase imperceptível, depois rolou de lado e se pôs de quatro, vacilante. Em meio a um fluxo de sangue e saliva, as duas metades de uma dentadura caíram-lhe da boca.

Os prisioneiros estavam sentados muito quietos, com as mãos cruzadas sobre os joelhos. O homem sem queixo voltou para o seu lugar. Um hematoma já se formava de um dos lados de seu rosto. Sua boca inchada transformara-se numa massa informe cor de cereja com um buraco negro no meio.

De vez em quando, pingava sangue no peito do macacão. Seus olhos cinzentos ainda corriam de rosto em rosto, mais culpados que nunca, como se ele tentasse descobrir o quanto os outros o desprezavam por causa daquela humilhação.

A porta se abriu. Com um pequeno gesto, o oficial indicou o homem com cara de caveira.

— Quarto 101 — disse.

Houve um arquejo e uma agitação ao lado de Winston. O homem efetivamente se jogara de joelhos no chão, de mãos postas.

— Camarada! Oficial! — implorou. — Não precisa me levar para aquele lugar! Eu já não lhe contei tudo? O que mais quer saber? Não há nada que eu não confesse, nada! Basta me dizer o que é e eu confesso no ato. Pode escrever que eu assino, qualquer coisa. Mas não o quarto 101.

— Quarto 101 — repetiu o oficial.

O rosto do homem, já muito pálido, ficou de uma cor que Winston não acreditou ser possível. Era, inequivocamente, um tom de verde.

— Faça alguma coisa por mim! — gritou. — Já estão me matando de fome há semanas. Acabe com isso e me deixe morrer. Me fuzile. Me enforque. Me condene a 25 anos de prisão. Tem mais alguém que quer que eu denuncie? Não me interessa quem é nem o que você quer fazer com ela. Tenho esposa e três filhos. O mais velho não tem nem seis anos. Pode pegar todos eles e degolá-los na minha frente que eu fico só olhando. Mas o quarto 101, não!

— Quarto 101 — disse o oficial.

O homem olhou freneticamente para os outros presos em volta, como se achasse que poderia colocar outra vítima no seu lugar. Seus

olhos pousaram na cara amassada do homem sem queixo. Estendeu um braço magro.

— É esse aí que você devia levar, não eu! — gritou. — Você não ouviu o que ele falou depois que quebraram a cara dele. Me dê uma chance que eu lhe conto. ELE é que é contra o Partido, não eu. — Os guardas se adiantaram. A voz do homem virou um guincho. — Você não ouviu o que ele disse! — repetiu. — Deu algum problema na teletela. É ELE que vocês querem. Então podem levá-lo, não a mim.

Os dois guardas corpulentos se curvaram para pegá-lo pelos braços. Mas então, ele se jogou no chão da cela e agarrou-se a uma das pernas de ferro que sustentavam o banco. Começara a uivar como um animal, sem articular palavras. Os guardas o seguraram para fazê-lo soltar a perna do banco, mas ele se aferrava com tanta força que os guardas levaram talvez uns vinte minutos a puxá-lo. Os presos continuavam sentados em silêncio, com as mãos cruzadas sobre os joelhos, olhando para a frente. Os uivos cessaram; o homem já não tinha fôlego para mais nada a não ser se aferrar. Então, ouviu-se um outro tipo de grito. Um chute de um dos guardas lhe quebrara os dedos de uma das mãos. Puseram-no de pé.

— Quarto 101 — repetiu o oficial.

O homem foi levado para fora, cambaleando, com a cabeça abaixada, aconchegando a mão amassada, sem forças para lutar.

Passou-se um bom tempo. Se o cara de caveira tivesse sido levado à meia-noite, agora seria de manhã. Se tivesse sido levado de manhã, seria de tarde. Winston estava sozinho, e já estava assim havia horas. A dor de ficar sentado no banco estreito era tal que ele a toda hora se levantava e se punha a andar, sem ser repreendido pela teletela. O pedaço de pão continuava no mesmo lugar em que o homem sem

queixo o deixara cair. Primeiro, foi preciso muito esforço para não olhar, mas depois a fome deu lugar à sede. Sua boca estava pegajosa e com gosto ruim. O zumbido e a luz fria inalterável provocavam uma espécie de fraqueza, uma sensação de vazio na cabeça. Ele se levantava porque a dor nos ossos ficava insuportável, depois tornava logo a se sentar por estar muito tonto para ter certeza de que conseguiria se aguentar em pé. Sempre que conseguia controlar um pouco as sensações físicas, o terror voltava. De vez em quando, com um fio de esperança, pensava em O'Brien e na lâmina de barbear. Era plausível que a lâmina chegasse escondida na comida, se algum dia lhe dessem comida. Mais vagamente, pensava em Julia. Em algum lugar, ela estaria sofrendo talvez muito mais que ele. Quem sabe estaria gritando de dor naquele momento. Pensou: "Se eu pudesse salvar Julia sofrendo em dobro, será que a salvaria? Salvaria, sim." Mas era apenas uma decisão intelectual, tomada porque ele sabia que devia tomá-la. Não era algo que sentisse. Naquele lugar, não se sentia nada, a não ser dor e antecipação da dor. Além disso, será que alguém, quando está sofrendo, consegue desejar por alguma razão que seu sofrimento aumente? Mas ainda não era possível responder a essa pergunta.

As botas se aproximavam de novo. A porta se abriu. O'Brien entrou.

Winston levantou-se de um pulo. O choque diante do que via expulsara dele toda a cautela. Pela primeira vez, esqueceu-se da presença da teletela.

— Pegaram você também! — exclamou.

— Me pegaram há muito tempo — disse O'Brien com uma ironia leve, quase pesarosa.

Deu um passo para o lado. De trás dele, surgiu um guarda de peito largo empunhando um cassetete preto comprido.

— Você sabia disso, Winston — afirmou O'Brien. — Não se engane. Você sabia, sempre soube.

Sim, ele agora via, sempre soubera. Mas não havia tempo para pensar naquilo. Só tinha olhos para o cassetete na mão do guarda. Podia acertá-lo em qualquer lugar, no cocoruto da cabeça, na ponta da orelha, no cotovelo...

O cotovelo! Deslizou até ficar ajoelhado, quase paralisado, segurando o cotovelo atingido com a outra mão. Via estrelas. Inconcebível, inconcebível que um único golpe pudesse causar tanta dor! A luz ficou mais clara e ele pôde ver os dois olhando para ele. O guarda ria de suas contorções. Uma pergunta, de qualquer maneira estava respondida. Nunca, por nada desse mundo, a pessoa podia desejar sentir mais dor. Em relação a dor, só se podia desejar uma coisa: que cessasse. Nada no mundo era tão ruim quando a dor física. "Diante da dor, não há heróis, não há heróis", ele ficava pensando enquanto se contorcia no chão, segurando inutilmente o braço esquerdo inutilizado.

Winston estava deitado sobre alguma coisa que parecia uma cama de campanha, só que era mais alta, e ele estava preso nela de um jeito que o impedia de se mexer. Uma luz que parecia mais forte que o normal batia em seu rosto. O'Brien estava em pé a seu lado, observando-o com atenção. Do outro lado, um homem de jaleco branco segurava uma seringa hipodérmica.

Mesmo depois que abriu os olhos, só absorveu gradualmente o ambiente que o cercava. Tinha a sensação de ter subido nadando para aquele quarto, vindo de um mundo bem diferente, uma espécie de mundo subaquático, situado num plano muito inferior. Quanto tempo permanecera ali, ele não sabia. Desde o momento em que o prenderam, não via escuridão nem luz do dia. Além disso, suas lembranças não eram contínuas. Houve momentos em que a consciência, mesmo aquela do tipo que se tem durante o sono, desaparecera completamente e só voltara depois de um intervalo de branco mental. Mas se os intervalos eram dias, semanas ou apenas segundos, não havia como saber.

Com aquela primeira pancada no cotovelo, começara o pesadelo. Mais tarde, ele se daria conta de que tudo o que acontecera até ali não passava de um interrogatório preliminar, de rotina, a que quase todos os presos eram submetidos. Havia uma ampla gama de crimes — espionagem, sabotagem e coisas do gênero —, que todos eram obrigados a confessar. A confissão era uma formalidade, embora a tortura fosse real. Quantas vezes apanhara, e por quanto tempo, já não se lembrava. Sempre havia cinco ou seis homens de uniforme preto batendo nele ao mesmo tempo. Às vezes eram punhos, às vezes,

cassetetes, às vezes, varas de aço, às vezes, botas. Em certas ocasiões, ele rolava no chão, despudorado como um bicho, contorcendo o corpo de um lado para o outro num esforço incessante e desesperado para se esquivar dos chutes, e simplesmente provocando mais e mais chutes, nas costelas, na barriga, nos cotovelos, nas canelas, na virilha, nos testículos, na base da coluna. Em outras, aquilo se prolongava tanto que o que lhe parecia cruel, perverso e imperdoável não era o fato de que os guardas continuavam batendo, mas sim o de que ele não conseguia se forçar a perder os sentidos. Em outras, a coragem o abandonava de tal forma que ele se punha a pedir clemência antes mesmo que a surra começasse, e a simples visão de um punho bastava para fazê-lo confessar crimes reais e imaginários. Em outras ainda, ele começava decidido a não confessar nada, e cada palavra tinha que ser arrancada dele entre arquejos de dor, e em outras, ele tentava debilmente chegar a um meio-termo, dizendo a si mesmo: "Vou confessar, mas não já. Preciso aguentar até a dor ficar insuportável. Mais três chutes, mais dois chutes, depois eu conto o que eles quiserem." Às vezes, apanhava tanto que mal parava em pé, depois era jogado como um saco de batatas no chão de pedra de uma cela, e deixado ali durante algumas horas para se recuperar. Em seguida, era retirado da cela para apanhar mais. Havia também períodos mais longos de recuperação. Lembrava-se vagamente deles, pois passava-os dormindo ou num estado de torpor. Lembrava-se de uma cela com uma cama de tábuas, uma espécie de prateleira que se projetava da parede, e uma pia de latão, e refeições de sopa quente com pão e, às vezes, café. Lembrava-se de um barbeiro mal-humorado que vinha lhe raspar o queixo e lhe cortar o cabelo, e de homens sérios e antipáticos de jaleco branco tomando-lhe o pulso, examinando seus reflexos, levantando

suas pálpebras, apalpando-o com dedos bruscos à procura de ossos quebrados, e espetando-lhe agulhas no braço para fazê-lo dormir.

As surras começaram a rarear, tornando-se principalmente uma ameaça, um horror ao qual poderia a qualquer momento voltar a ser submetido se suas respostas fossem insatisfatórias. Seus interrogadores não eram mais os bandidos de uniforme preto, mas intelectuais do Partido, homenzinhos rechonchudos de movimentos ágeis e óculos vistosos, que se revezavam no trabalho com ele em períodos que duravam — ele acreditava, não podia ter certeza — de dez a doze horas seguidas. Esses outros interrogadores tratavam de mantê-lo sempre em sofrimento brando, mas não se baseavam principalmente na dor. Esbofeteavam-no, puxavam suas orelhas, seu cabelo, faziam-no ficar em pé numa perna só, impediam-no de urinar, acendiam luzes ofuscantes na sua cara até seus olhos lacrimejarem; mas o objetivo de tudo isso era apenas humilhá-lo e destruir sua capacidade de argumentação e raciocínio. A verdadeira arma deles era o interrogatório implacável que se estendia por horas a fio, durante as quais o levavam a tropeçar, a cair em armadilhas e distorciam tudo o que ele dizia, incriminando-o a cada passo com mentiras e contradições até ele começar a chorar tanto de vergonha como de esgotamento nervoso. Às vezes, ele tinha seis crises de choro numa única sessão. Na maior parte do tempo, ofendiam-no aos gritos, e a cada hesitação ameaçavam entregá-lo de novo aos guardas; mas às vezes, mudavam de repente de tom, tratavam-no de camarada, apelavam a ele em nome do Socing e do Grande Irmão, perguntando-lhe com pesar se mesmo agora ele não teria lealdade suficiente ao Partido para desejar desfazer todo o mal que havia causado. Quando já tinha os nervos em frangalhos após horas de questionamento, até esse

apelo era capaz de reduzi-lo a choramingos. Aquelas vozes enervantes acabavam vencendo mais completamente a sua resistência do que as botas e os punhos dos guardas. Ele se tornou apenas uma boca que falava, uma mão que assinava tudo que exigiam que ele assinasse. Sua única preocupação era confessar depressa, antes que a intimidação recomeçasse. Confessou o asassinato de eminentes membros do Partido, a distribuição de panfletos sediciosos, o desfalque de recursos públicos, a venda de segredos militares e sabotagens de todo tipo. Confessou ser, desde 1968, um espião a soldo do governo da Lestásia. Confessou ser seguidor de uma religião, admirador do capitalismo e pervertido sexual. Confessou ter assassinado a esposa, apesar de saber, como seus interrogadores deviam saber, que ela ainda vivia. Confessou ter mantido contato pessoal com Goldstein durante anos e ter sido membro de uma organização clandestina da qual participavam quase todos os seres humanos que ele já conhecera. Era mais fácil confessar tudo e comprometer todo mundo. Além disso, em certo sentido, era tudo verdade. Era verdade que fora um inimigo do Partido e, aos olhos do Partido, não havia distinção entre pensamentos e atos.

Havia também lembranças de outro tipo, que se destacavam na mente de Winston de maneira desconexa, como imagens sobre um fundo escuro.

Ele estava numa cela que podia estar escura ou clara, porque não via nada a não ser um par de olhos. Perto dele, algum tipo de instrumento tiquetaqueava lenta e regularmente. Os olhos tornavam-se maiores e mais luminosos. De repente, ele se levantava da cadeira, mergulhava nos olhos e era engolido.

Estava amarrado a uma cadeira e cercado de mostradores, sob luzes ofuscantes. Um homem de jaleco branco lia os mostradores. Ouvia

uma movimentação de botas pesadas do lado de fora. A porta se abria, barulhenta. O oficial de cara de cera entrava, acompanhado de dois guardas.

— Quarto 101 — dizia o oficial.

O homem de jaleco branco não se virava. Tampouco olhava para Winston. Só olhava para os mostradores.

Deslizava por um corredor gigantesco, com um quilômetro de largura, banhado por uma luz dourada, rindo às gargalhadas e fazendo confissões aos altos brados. Confessava tudo, até as coisas que conseguira guardar sob tortura. Estava contando a história inteira da sua vida para uma plateia que já a conhecia. Com ele, estavam os guardas, os outros interrogadores, os homens de jaleco branco, O'Brien, Julia, o sr. Charrington, todos deslizando juntos pelo corredor, rindo às gargalhadas. Uma coisa terrível embutida no futuro havia sido de alguma forma ignorada e não acontecera. Estava tudo certo, não havia mais dor, o último detalhe de sua vida fora revelado, compreendido, perdoado.

Estava se levantando da cama de tábuas, quase certo de ter ouvido a voz de O'Brien. Durante todo o interrogatório, embora nunca o tivesse visto, tivera a sensação de que O'Brien estava a seu lado, apenas não à vista. Era O'Brien que comandava tudo. Era ele que fazia os guardas atacarem Winston e que os impedia de matá-lo. Era ele que decidia quando Winston devia gritar de dor, quando devia ter um descanso, quando devia ser alimentado e quando devia dormir, quando as drogas deviam ser injetadas em seu braço. Era ele que fazia as perguntas e sugeria as respostas. Era o algoz, o protetor, o inquisidor, o amigo. E uma vez — Winston não se lembrava se fora durante um sono induzido por drogas ou um sono normal, ou mesmo num momento de vigília —

uma voz murmurara em seu ouvido: "Não se preocupe, Winston; você está sob meus cuidados. Durante sete anos, velei por você. Agora chegou o momento decisivo. Vou salvá-lo, vou torná-lo perfeito." Não sabia ao certo se era a voz de O'Brien, mas era a mesma voz que lhe dissera: "Nos encontraremos no lugar onde não há escuridão", naquele outro sonho, sete anos antes.

Não se lembrava de nenhum final para seu interrogatório. Houve um período de escuridão, e em seguida a cela, ou o aposento em que estava agora, materializara-se aos poucos a seu redor. Estava deitado de costas, sem conseguir se mexer. Tinha o corpo preso em todos os pontos essenciais. Até sua nuca estava imobilizada. O'Brien olhava para ele com uma expressão séria e um tanto triste. Seu rosto, visto de baixo, parecia rude e desgastado, com bolsas sob os olhos e rugas de cansaço que iam do nariz ao queixo. Era mais velho que Winston pensara; devia ter entre 48 e cinquenta anos. Sob sua mão havia um mostrador com uma alavanca em cima e números ao redor da circunferência.

— Eu lhe disse — falou O'Brien — que se nos encontrássemos de novo seria aqui.

— Verdade — disse Winston.

Sem aviso prévio, exceto um pequeno movimento da mão de O'Brien, uma onda de dor inundou o corpo de Winston. Era uma dor assustadora, porque ele não conseguia ver o que estava acontecendo, e tinha a sensação de que estavam lhe infligindo um ferimento fatal. Não sabia se a coisa estava acontecendo mesmo, ou se o efeito era produzido eletricamente, mas seu corpo estava sendo deformado, lentamente desconjuntado. Embora a dor o fizesse suar na testa, o pior de tudo era o medo de que sua coluna estivesse prestes a se partir.

Trincou os dentes e respirou com força pelo nariz, tentando manter-se em silêncio pelo máximo possível de tempo.

— Você está com medo — disse O'Brien, observando seu rosto — de que daqui a pouco alguma coisa se parta. Seu maior medo é que seja a sua coluna. Você tem uma imagem mental viva das vértebras se partindo e do fluido espinhal escorrendo. É nisso que está pensando, não é, Winston?

Winston não respondeu. O'Brien recuou a alavanca do mostrador. O nível de dor desapareceu quase tão repentinamente quanto surgira.

— Isso foi quarenta — disse O'Brien. — Você pode ver que os números nesse mostrador vão até cem. Lembre-se de que ao longo da nossa conversa eu posso, a qualquer momento, e em qualquer nível que eu escolher, causar-lhe dor. Se me contar mentiras ou tentar prevaricar de alguma forma, demonstrar um nível de inteligência inferior ao seu normal, você vai gritar de dor na mesma hora. Entendeu?

— Entendi — disse Winston.

A atitude de O'Brien tornou-se menos severa. Ajeitou os óculos, pensativo, e deu uns passos para baixo e para cima. Quando falou, sua voz era gentil e paciente. Tinha o ar de um médico, de um professor, e até de um sacerdote, mais ansioso para explicar e persuadir do que para punir.

— Estou gastando o meu tempo com você, Winston — disse —, porque você vale a pena. Sabe perfeitamente bem qual é o seu problema. Faz anos que sabe, embora não queira aceitar. Você é mentalmente desequilibrado. Sua memória é problemática. Não consegue se lembrar de fatos reais e se convence de que se lembra de outros que nunca aconteceram. Felizmente, isso é curável. Até agora, você nunca se curou porque não quis. Havia um pequeno esforço de

vontade que você não estava disposto a fazer. Mesmo agora, eu sei muito bem, você está se aferrando à sua doença porque a considera uma virtude. Vamos dar um exemplo. Neste momento, com que potência a Oceania está em guerra?

— Quando fui preso, a Oceania estava em guerra com a Lestásia.

— Com a Lestásia. Ótimo. E a Oceania sempre esteve em guerra com a Lestásia, não é?

Winston respirou fundo. Abriu a boca para falar, e depois calou-se. Não conseguia tirar os olhos do mostrador.

— A verdade, por favor, Winston. A SUA verdade. Me conte o que acha que lembra.

— Lembro que, até uma semana antes de eu ser preso, não estávamos em guerra com a Lestásia. Éramos aliados deles. A guerra era contra a Eurásia. E já durava quatro anos. Antes disso...

O'Brien interrompeu-o com um movimento da mão.

— Outro exemplo — disse ele. — Há alguns anos, você teve um delírio muito sério mesmo. Acreditou que três homens, Jones, Aaronson e Rutherford, que tinham pertencido ao Partido e foram executados por traição e sabotagem depois de terem feito as confissões mais explícitas possíveis, não eram culpados dos crimes imputados a eles. Imaginou ter visto uma prova documental inequívoca confirmando que as confissões eram falsas. Havia uma certa fotografia sobre a qual você teve uma alucinação. Acreditava tê-la de fato segurado nas mãos. Era uma foto mais ou menos como essa.

Um recorte de jornal oblongo surgiu entre os dedos de O'Brien e esteve por uns cinco segundos no campo de visão de Winston. Era uma fotografia, e sua identidade era inquestionável. Era a fotografia. Era outra cópia da foto de Jones, Aaronson e Rutherford na cerimônia em

Nova York, que por acaso lhe caíra nas mãos 11 anos antes e fora imediatamente destruída. Por um instante, esteve diante dos seus olhos, mas logo saiu de seu campo de visão. Só que ele a vira, inequivocamente, ele a vira! Fez um esforço desesperado, penoso, para soltar a parte superior do corpo. Era impossível se movimentar um centímetro que fosse em qualquer direção. Agora, esquecera-se até do mostrador. Tudo o que queria era tornar a ter aquela foto entre os dedos, ou pelo menos vê-la.

— Ela existe! — exclamou.

— Não — disse O'Brien.

Ele foi até o outro lado da sala. Havia um buraco da memória na parede oposta. O'Brien levantou a grade. Sem ter sido vista, a frágil tira de papel rodopiava na corrente de ar quente; desapareceu num clarão de fogo. O'Brien afastou-se da parede.

— Cinzas — disse. — Nem mesmo cinzas identificáveis. Pó. Não existe. Nunca existiu.

— Mas existiu, sim! Existe, sim! Existe na memória. Eu me lembro. Você se lembra.

— Eu não me lembro — retrucou O'Brien.

Winston desanimou. Aquilo era duplipensar. Teve um sentimento de impotência mortal. Ainda que tivesse certeza de que O'Brien mentia, isso não seria relevante. Mas era perfeitamente plausível que O'Brien tivesse realmente esquecido a fotografia. Nesse caso, já teria se esquecido de que negara se lembrar dela, e se esquecido do ato do esquecimento. Como ter certeza de que aquilo era um simples truque? Talvez aquele transtorno mental pudesse mesmo acontecer: esse foi o pensamento que o derrotou.

O'Brien o olhava com expressão especulativa. Mais do que nunca, tinha o ar de um professor se empenhando com uma criança teimosa, mas promissora.

— Há um slogan do Partido que fala do controle do passado — disse. — Repita-o, por favor.

— "Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado" — repetiu Winston, obediente.

— Quem controla o presente controla o passado — disse O'Brien, balançando a cabeça lentamente em sinal de aprovação. — Você é da opinião de que o passado tem uma existência real, Winston?

De novo, o sentimento de impotência se abateu sobre Winston. Seus olhos voaram para o mostrador. Não sabia se a resposta que o livraria da dor era "sim" ou "não", e nem sequer sabia que resposta julgava ser a verdadeira.

O'Brien deu um leve sorriso.

— Você não é um metafísico, Winston — disse. — Até agora, você nunca se perguntou o que se entende por existência. Vou ser mais preciso. O passado tem existência concreta, no espaço? Em algum lugar, existe um mundo de objetos concretos, onde o passado ainda esteja acontecendo?

— Não.

— Então, onde o passado existe, se é que existe?

— Em registros. Fica escrito.

— Em registros. E...?

— Na mente. Na memória humana.

— Na memória. Muito bem. Nós, o Partido, controlamos todos os registros. E controlamos todas as lembranças. Então, controlamos o passado, não é?

— Mas como vocês podem impedir que as pessoas se lembrem das coisas?! — gritou Winston, mais uma vez se esquecendo momentaneamente do mostrador. — É involuntário. Foge ao controle da pessoa. Como vocês podem controlar a memória? Não controlaram a minha.

O'Brien tornou a assumir uma atitude severa. Pousou a mão no mostrador.

— Pelo contrário — disse. — VOCÊ é que não a controlou. Foi isso que o trouxe aqui. Você está aqui porque não teve humildade, não teve autodisciplina. Não quis fazer o ato de submissão que é o preço da sanidade. Preferiu ser um lunático, uma minoria de um. Só a mente disciplinada enxerga a realidade, Winston. Você acredita que a realidade é algo objetivo, externo, que existe por conta própria. Também acredita que a natureza da realidade é autoevidente. Quando você se engana pensando que vê uma coisa, presume que todo mundo vê o que você vê. Mas eu lhe digo, Winston, que a realidade não é externa. Ela existe na mente humana, e em nenhum outro lugar. Não na mente individual, que pode cometer erros e que, de qualquer maneira, logo perece: apenas na mente do Partido, que é coletiva e imortal. Tudo que o Partido considera verdade é verdade. É impossível ver a realidade exceto através dos olhos do Partido. É esse fato que você precisa reaprender, Winston. Isso exige um ato de autodestruição, um esforço de vontade. Você precisa se humilhar antes de poder adquirir a sanidade.

Fez uma breve pausa, como se quisesse aguardar que suas palavras fossem assimiladas.

— Você se lembra — prosseguiu — de escrever em seu diário "Liberdade é a liberdade de dizer que dois e dois são quatro".

— Lembro — disse Winston.

O'Brien ergueu a mão esquerda com o dorso virado para Winston, o polegar escondido e os quatro dedos esticados.

— Quantos dedos estou mostrando, Winston?

— Quatro.

— E se o Partido disser que não são quatro, mas cinco, então serão quantos?

— Quatro.

A palavra terminou num arquejo de dor. O ponteiro do mostrador saltara para 55. O suor brotara de todos os poros de Winston. O ar entrou em seus pulmões e saiu em forma de grunhidos profundos que nem trincando os dentes Winston conseguia conter. O'Brien o observava, com os quatro dedos ainda em riste. Recuou a alavanca. Dessa vez, a dor foi apenas levemente atenuada.

— Quantos dedos, Winston?

— Quatro.

O ponteiro subiu para sessenta.

— Quantos dedos, Winston?

— Quatro! Quatro! O que mais posso dizer? Quatro!

O ponteiro devia ter tornado a subir, mas Winston não olhou. O rosto carrancudo, severo, e os quatro dedos ocupavam todo o seu campo de visão. Os dedos se erguiam diante de seus olhos como colunas, enormes, desfocados e dando a impressão de vibrar, mas inequivocamente quatro.

— Quantos dedos, Winston?

— Quatro! Pare, pare! Como pode continuar? Quatro! Quatro!

— Quantos dedos, Winston?

— Cinco! Cinco! Cinco!

— Não, Winston, assim não adianta. Você está mentindo. Ainda acha que são quatro. Quantos dedos, por favor?

— Quatro! Cinco! Quatro! O que você quiser. Mas pare com isso, pare a dor!

De repente, Winston estava sentado na cama, com o braço de O'Brien em volta de seus ombros. Provavelmente perdera a consciência por alguns segundos. As tiras que prendiam seu corpo à cama estavam afrouxadas. Sentia muito frio, tremia incontrolavelmente, batia o queixo, lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Por um momento, agarrou-se a O'Brien como um bebê, curiosamente reconfortado pelo pesado braço ao redor de seus ombros. Sentia que O'Brien era seu protetor, que a dor era algo que vinha de fora, que tinha outra origem, e que era O'Brien que o salvaria dela.

— Você custa a aprender, Winston — disse O'Brien gentilmente.

— O que posso fazer? — retorquiu Winston soluçando. — Como posso deixar de ver o que está na frente dos meus olhos? Dois e dois são quatro.

— Às vezes, Winston. Às vezes são cinco. Às vezes são três. Às vezes é tudo isso ao mesmo tempo. Você precisa se esforçar mais. Não é fácil retomar a sanidade.

O'Brien deitou Winston na cama. As tiras que prendiam seus braços e suas pernas voltaram a ser apertadas, mas a dor diminuíra e o tremor desaparecera, deixando-o apenas fraco e com frio. O'Brien fez um movimento de cabeça para o homem de jaleco branco que se mantivera imóvel durante todo o procedimento. O homem abaixou-se e examinou os olhos de Winston, tomou-lhe o pulso, encostou uma orelha no peito dele, deu batidinhas aqui e ali, depois fez um gesto de cabeça positivo para O'Brien.

— De novo — disse O'Brien.

A dor inundou o corpo de Winston. O ponteiro devia marcar setenta, 75. Ele fechara os olhos dessa vez. Sabia que os dedos continuavam ali, e que continuavam sendo quatro. A única coisa que importava era continuar vivo de alguma forma até o espasmo passar. Já não notava se estava gritando ou não. A dor tornou a diminuir. Abriu os olhos. O'Brien tinha recuado a alavanca.

— Quantos dedos, Winston?

— Quatro. Acho que são quatro. Eu veria cinco, se pudesse. Estou tentando ver cinco.

— O que prefere: me convencer de que vê cinco, ou realmente ver?

— Realmente ver.

— De novo — disse O'Brien.

Talvez o ponteiro estivesse em oitenta, ou noventa. Às vezes, Winston não conseguia lembrar por que a dor estava acontecendo. Atrás de suas pálpebras fechadas com força, uma floresta de dedos parecia se mover numa espécie de dança, trançando-se e destrançando-se, desaparecendo uns por trás dos outros e tornando a aparecer. Tentava contá-los, mas não lembrava por quê. Sabia apenas que era impossível contá-los, e que isso de alguma forma se devia à misteriosa identidade entre cinco e quatro. A dor tornou a diminuir. Quando abriu os olhos, foi para descobrir que continuava vendo a mesma coisa. Inúmeros dedos, como árvores ambulantes, continuavam passando para os dois lados, cruzando-se e descruzando-se. Fechou de novo os olhos.

— Quantos dedos estou mostrando, Winston?

— Não sei. Não sei. Você vai me matar se tornar a fazer isso. Quatro, cinco, seis... honestamente, eu não sei.

— Bem melhor — disse O'Brien.

Uma agulha entrou no braço de Winston. Quase no mesmo instante, uma calidez deliciosa, curativa, se espalhou por todo o seu corpo. A dor já estava meio esquecida. Abriu os olhos e olhou agradecido para O'Brien. Diante daquele semblante carrancudo, enrugado, tão feio e tão inteligente, seu coração pareceu voltar a funcionar. Se conseguisse se mexer, teria esticado o braço e pousado a mão no braço de O'Brien. Nunca o amara tão profundamente como naquele momento, e não só porque ele interrompera a dor. O velho sentimento de que, no fundo, não importava se O'Brien era amigo ou inimigo voltara. O'Brien era uma pessoa com quem se podia conversar. Talvez fosse mais importante ser compreendido do que amado. O'Brien o torturara até deixá-lo à beira da loucura, e em breve, era certo, iria mandá-lo para a morte. Tanto fazia. Num sentido mais profundo que a amizade, eram íntimos: em algum lugar, embora as palavras talvez nunca fossem ditas, havia um lugar onde poderiam se encontrar e conversar. A expressão com que O'Brien o olhava sugeria que talvez esse mesmo pensamento estivesse lhe ocorrendo. Quando falou, sua voz tinha um tom descontraído, coloquial.

— Sabe onde você está, Winston?

— Não. Acho que no Ministério do Amor.

— Sabe há quanto tempo está aqui?

— Não. Dias, semanas, meses... acho que há meses.

— E por que acha que trazemos as pessoas para este lugar?

— Para fazê-las confessar.

— Não, não é por isso. Tente de novo.

— Para castigá-las.

— Não! — exclamou O'Brien. Sua voz se modificara extraordinariamente, e seu semblante se tornara a um tempo severo e animado. — Não! Não é apenas para arrancar sua confissão, nem para castigá-lo. Devo lhe contar por que o trouxemos para cá? Foi para curá-lo! Para torná-lo equilibrado! Quando você vai entender, Winston, que não há quem saia daqui sem estar curado? Não estamos interessados naqueles crimes idiotas que você cometeu. O Partido não se interessa pelo ato visível: apenas o pensamento importa. Não nos limitamos a destruir os nossos inimigos, nós os transformamos. Entende o que quero dizer?

O'Brien estava debruçado sobre Winston. Seu rosto parecia enorme por causa da proximidade, e medonho para quem o via de baixo. Além do mais, estava impregnado de uma espécie de exaltação, uma intensidade demente. Winston tornou a se angustiar. Se pudesse, teria afundado mais ainda na cama. Tinha certeza de que O'Brien estava prestes a girar o mostrador a troco de nada. Naquele momento, O'Brien se afastou. Deu uns passos para cá e para lá, depois continuou com menos veemência:

— A primeira coisa que você precisa entender é que aqui não há martírios. Já leu sobre as perseguições religiosas do passado. Na Idade Média, havia a Inquisição. Foi um fracasso. Começou para erradicar a heresia, e acabou por perpetuá-la. Para cada herege queimado na fogueira, milhares de outros surgiam. Por quê? Porque a Inquisição matava seus inimigos às claras, e matava-os sem que eles tivessem se arrependido: na verdade, matava-os porque eles não se arrependiam. As pessoas morriam porque não abandonavam suas verdadeiras crenças. Naturalmente, toda a glória ficava com a vítima, e toda a vergonha, com o inquisidor que a queimava. Mais tarde, no século XX,

houve os chamados governos totalitários. Havia os nazistas alemães e os comunistas russos. A crueldade com que os russos perseguiam as heresias superava a dos inquisidores. E eles imaginavam ter aprendido com os erros do passado; pelo menos, sabiam que não podiam criar mártires. Antes de expor suas vítimas a julgamento público, tratavam de destruir sua dignidade. Usavam tortura e solidão para desgastá-las até transformá-las em seres desprezíveis, amedrontados e miseráveis, que confessavam tudo o que lhe pusessem na boca, cobrindo a si próprios de insultos, fazendo acusações e se protegendo umas por trás das outras, choramingando por clemência. E, no entanto, alguns anos depois, acontecia a mesma coisa. Os mortos viravam mártires e sua degradação era esquecida. De novo, por quê? Em primeiro lugar, porque as confissões que faziam tinham sido extorquidas e eram falsas. Não cometemos erros desse tipo. Todas as confissões feitas aqui são verdadeiras. Nós as tornamos verdadeiras. E, sobretudo, não permitimos que os mortos se levantem contra nós. Você tem que parar de achar que a posteridade vai vingá-lo, Winston. A posteridade nunca ouvirá falar de você. Você será removido do curso da história. Transformaremos você em gás e o soltaremos na estratosfera. Nada restará de você; nem seu nome num documento, nem uma lembrança num cérebro humano. Você será aniquilado no passado e no futuro. Nunca terá existido.

Então por que se dão ao trabalho de me torturar?, pensou Winston, com amargura momentânea. O'Brien parou como se Winston tivesse pensado em voz alta. Aproximou a cara feia, com os olhos ligeiramente cerrados.

— Você está pensando — disse — que, se pretendemos matá-lo, de modo que nada do que diga ou faça tenha a menor importância, por

que nos damos ao trabalho de interrogá-lo primeiro? Era isso que você estava pensando, não era?

— Era — respondeu Winston.

O'Brien esboçou um sorriso.

— Você é um defeito no padrão, Winston. Uma mancha a ser removida. Eu não acabei de lhe dizer que somos diferentes dos perseguidores do passado? Não nos contentamos com a obediência negativa, nem com a submissão mais abjeta. Quando você finalmente se render a nós, é preciso que seja por livre e espontânea vontade. Nós não destruímos o herege porque ele resiste a nós: quanto ele resiste, jamais o destruímos. Nós o convertemos, capturamos sua mente íntima e o remodelamos. Extinguimos dele pelo fogo todo o mal e toda a ilusão; nós o trazemos para o nosso lado, não exteriormente, mas de verdade, em corpo e alma. Fazemos com que ele se torne um de nós antes de matá-lo. Consideramos intolerável a existência, em qualquer parte do mundo, de um pensamento inexato, por mais secreto e ineficaz que seja. Nem no momento da morte podemos permitir qualquer desvio. Antigamente, o herege ia para a fogueira ainda herege, proclamando sua heresia, exultando com ela. Até a vítima dos expurgos russos podia levar a revolta encerrada no crânio ao caminhar pelo corredor à espera da bala. Mas nós tornamos o cérebro perfeito antes de explodi-lo. A ordem dos antigos despotismos era "Não farás". A ordem dos totalitários era "Farás". Nossa ordem é "És". Ninguém que trazemos para cá se opõe a nós. Todos sofrem uma lavagem perfeita. Mesmo aqueles miseráveis traidores em cuja inocência você já acreditou, Jones, Aaronson e Rutherford, no fim, foram dobrados. Participei do interrogatório deles. Vi como foram se desgastando aos poucos, gemendo, rastejando, chorando e, no fim, não era de dor nem

de medo, apenas com penitência. Quando terminamos com eles, estavam reduzidos a uma casca. Não sobrava nada dentro deles a não ser arrependimento pelo que tinham feito e amor pelo Grande Irmão. Foi comovente ver o quanto o amavam. Imploravam para que os liquidássemos logo, a fim de que pudessem morrer enquanto tinham a mente ainda limpa.

A voz de O'Brien adquirira um tom quase sonhador. A exaltação, o entusiasmo delirante, persistia em seu semblante. Ele não está fingindo, pensou Winston, não é hipócrita, acredita em cada palavra do que diz. O que mais o oprimia era a consciência da própria inferioridade intelectual. Observava o vulto pesado e ainda assim gracioso andando de um lado para o outro, entrando e saindo de seu campo de visão. O'Brien era, em todos os sentidos, um ser maior que ele. Não havia ideia que tivesse ocorrido a Winston, ou que pudesse ocorrer, que O'Brien não estivesse farto de conhecer, de examinar e de rejeitar. Sua mente CONTINHA a de Winston. Sendo assim, como poderia ser verdade que O'Brien fosse louco? O louco devia ser ele, Winston. O'Brien parou e olhou para ele. Sua voz estava severa de novo.

— Não pense que se salvará, Winston, por mais completamente que se renda a nós. Ninguém que já tenha se desencaminhado é poupado. Mesmo que decidíssemos deixá-lo terminar o curso natural da sua vida, você jamais escaparia de nós. O que lhe acontecer aqui é para sempre. Parta desse princípio. Nós o esmagaremos até um ponto do qual não há volta. Vão lhe acontecer coisas das quais você não se recuperará, nem que vivesse mil anos. Você nunca mais será capaz de ter um sentimento humano comum. Tudo estará morto dentro de você. Nunca mais será capaz de amar, de fazer amizades, de ter alegria de

viver, ou de rir, ou de ter curiosidade, ou coragem, ou integridade. Ficará oco. Vamos espremê-lo até deixá-lo vazio, e depois o preencheremos conosco.

Ele fez uma pausa e acenou para o homem de jaleco branco. Winston sentiu que um dispositivo pesado era posicionado atrás de sua cabeça. O'Brien sentara-se na beira da cama, de modo que seu rosto estava quase no mesmo nível que o de Winston.

— Três mil — disse, falando por cima da cabeça de Winston para o homem de jaleco branco.

Duas almofadas macias, de textura levemente úmida ao toque, grudaram-se nas têmporas de Winston. Ele se encolheu. Era dor a caminho, um novo tipo de dor. O'Brien pousou a mão na sua num gesto tranquilizador, quase bondoso.

— Dessa vez não vai doer — disse. — Mantenha os olhos fixos nos meus.

Nesse momento, houve uma explosão devastadora, ou o que pareceu ter sido uma explosão, embora não estivesse certo se tinha havido algum ruído. Sem dúvida, viu-se um clarão ofuscante. Winston não se feriu, apenas se sentiu prostrado. Apesar de já estar deitado de costas quando a coisa aconteceu, teve a curiosa sensação de que fora derrubado e caíra naquela posição. Um golpe terrível e indolor o deixara estirado ali. E acontecera alguma coisa no interior de sua cabeça. À medida que seus olhos recuperavam o foco, foi lembrando quem era, onde estava, e reconheceu o rosto que olhava para o dele; só que em algum lugar havia uma grande lacuna, como se tivessem lhe tirado uma parte do cérebro.

— Vai passar — disse O'Brien. — Olhe nos meus olhos. Com que país a Oceania está em guerra?

Winston refletiu. Sabia o que significava Oceania, e que ele próprio era um cidadão da Oceania. Também se lembrava da Eurásia e da Lestásia; mas não sabia quem estava em guerra com quem. Aliás, nem sabia se havia alguma guerra.

— Não me lembro.

— A Oceania está em guerra com a Lestásia. Lembra agora?

— Sim.

— A Oceania sempre esteve em guerra com a Lestásia. Desde que você existe, desde que o Partido existe, desde que a história existe, a guerra é ininterrupta, sempre a mesma. Lembra-se disso?

— Lembro.

— Onze anos atrás, você criou uma lenda sobre três homens que tinham sido condenados à morte por traição. Imaginava ter visto um pedaço de papel que provava a inocência deles. Esse papel nunca existiu. Você o inventou, e depois passou a acreditar nisso. Lembre-se agora do momento exato em que inventou isso. Você se lembra?

— Lembro.

— Há pouco, mostrei-lhe os dedos da minha mão. Você viu cinco dedos. Lembra-se?

— Lembro.

O'Brien mostrou os dedos da mão esquerda com o polegar escondido.

— Há cinco dedos aqui. Você vê cinco?

— Vejo.

E de fato os viu, por um breve instante, antes que o cenário de sua mente mudasse. Viu cinco dedos, e não havia deformação. Então, tudo voltou ao normal, e o velho medo, o ódio e a perplexidade voltaram. Mas houvera um instante — não sabia quanto durara, trinta segundos

talvez, de certeza luminosa, em que cada nova sugestão de O'Brien preenchera uma lacuna e se tornara verdade absoluta, e em que dois mais dois podiam ser três ou cinco com a mesma facilidade, se necessário fosse. A certeza desaparecera antes de O'Brien abaixar a mão; porém Winston, embora não conseguisse captá-la novamente, lembrava-se dela, como alguém se lembra de uma experiência importante de um determinado período da vida, quando de fato era outra pessoa.

— Você está vendo — disse O'Brien — que, de qualquer maneira, isso é possível?

— Estou.

O'Brien se levantou com uma expressão satisfeita. À sua esquerda, Winston viu o homem de jaleco branco quebrar uma ampola e puxar o êmbolo de uma seringa. O'Brien virou-se para Winston com um sorriso. Quase à maneira antiga, ajeitou os óculos no nariz.

— Lembra-se de ter escrito em seu diário — perguntou — que não importava se eu era amigo ou inimigo, pois ao menos eu era uma pessoa que compreendia você e com quem podia conversar? Você tinha razão. Gosto de conversar com você. Sua mente me atrai. É parecida com a minha, só que por acaso você é louco. Antes de finalizarmos a sessão, você pode me fazer algumas perguntas, se quiser.

— Qualquer uma?

— Sim. — Ele viu que Winston olhava para o mostrador. — Está desligado. Qual é a sua primeira pergunta?

— O que fizeram com Julia?

O'Brien tornou a sorrir.

— Ela o traiu, Winston. Imediatamente, incondicionalmente. Raramente vi alguém passar para o nosso lado com tanta rapidez. Você

mal a reconheceria se a visse. A rebeldia, a falsidade, a loucura, a mente suja... tudo foi extirpado dela. Foi uma conversão perfeita, um caso para figurar nas cartilhas.

— Vocês a torturaram?

O'Brien deixou isso sem resposta.

— Próxima pergunta — disse.

— O Grande Irmão existe?

— Claro que existe. O Partido existe. O Grande Irmão é a personificação do Partido.

— Ele existe do mesmo modo que eu existo?

— Você não existe — respondeu O'Brien.

Mais uma vez, a sensação de impotência tomou conta de Winston. Ele sabia, ou podia imaginar, os argumentos que provavam sua própria inexistência; só que eram absurdos, meros jogos de palavras. A afirmação "você não existe" não continha uma incoerência lógica? Mas de que adiantava afirmar isso? Sua mente murchava à medida que pensava nos argumentos irrespondíveis e loucos com que O'Brien o derrubaria.

— Eu acho que existo — disse, cansado. — Tenho consciência da minha própria identidade. Eu nasci e vou morrer. Tenho braços e pernas. Ocupo um determinado lugar no espaço. Nenhum outro objeto concreto pode ocupar o mesmo lugar simultaneamente. Nesse sentido, o Grande Irmão existe?

— Isso não importa. Ele existe.

— O Grande Irmão vai morrer um dia?

— Claro que não. Como ele poderia morrer? Próxima pergunta.

— A Irmandade existe?

— Isso, Winston, você nunca saberá. Ainda que resolvêssemos soltá-lo depois que terminarmos com você e se você vivesse até os noventa anos, nunca saberá a resposta. Enquanto viver, esse será um enigma não resolvido em sua mente.

Winston ficou calado. Seu peito se movimentava para cima e para baixo com um pouco mais de rapidez. Ainda não fizera a primeira pergunta que lhe ocorrera. Era preciso fazê-la, e, no entanto, era como se sua língua se recusasse a pronunciá-la. O semblante de O'Brien tinha um ar levemente divertido. Até seus óculos pareciam ter um brilho irônico. Ele sabe, pensou Winston de repente, ele sabe o que vou perguntar! Ao pensar nisso, as palavras jorraram de sua boca.

— O que é o quarto 101?

A expressão no rosto de O'Brien não mudou. Ele respondeu secamente:

— Você sabe o que é o quarto 101, Winston. Todo mundo sabe o que é o quarto 101.

Ergueu um dedo para o homem de jaleco branco. Ao que parecia, a sessão chegara ao fim. Uma agulha penetrou no braço de Winston. Ele caiu quase de imediato num sono profundo.

— Sua reintegração tem três estágios — disse O'Brien. — O do aprendizado, o da compreensão e o da aceitação. Chegou a hora de passar para o segundo estágio.

Como sempre, Winston estava deitado de costas. Mas ultimamente deixavam suas amarras mais frouxas. Ainda o prendiam à cama, mas ele podia mover um pouco os joelhos, virar a cabeça de um lado para o outro e erguer o braço a partir do cotovelo. O mostrador também já não estava tão terrível. Dava para driblar as pontadas se tivesse presença de espírito: era principalmente quando ele demonstrava burrice que O'Brien puxava a alavanca. Às vezes, passavam uma sessão inteira sem usar o mostrador. Já perdera a conta do número de sessões a que fora submetido. O processo todo parecia se estender por um tempo longo, indefinido — semanas, talvez — e os intervalos entre as sessões podiam às vezes ser de dias, às vezes de apenas uma ou duas horas.

— Deitado aí — disse O'Brien —, muitas vezes você quis saber, e chegou até a me perguntar, por que o Ministério do Amor gasta tanto tempo e se incomoda tanto com você. E, quando estava livre, você se intrigava com o que basicamente era a mesma pergunta. Conseguia entender o mecanismo da sociedade em que vivia, mas não os motivos subjacentes. Lembra-se de escrever no diário "Entendo COMO, mas não entendo POR QUÊ"? Foi quando pensou no "porquê" que você começou a duvidar da sua própria sanidade. Você leu o LIVRO, o livro de Goldstein, ou pelo menos alguns trechos dele. Encontrou algo ali que já não soubesse?

— Você o leu? — disse Winston.

— Eu o escrevi. Quer dizer, colaborei na redação. Nenhum livro é produzido individualmente, como sabe.

— É verdade o que ele diz?

— Como descrição, sim. Já o programa que expõe é bobagem. A acumulação secreta de conhecimento, uma expansão gradual do esclarecimento, em última instância, uma rebelião proletária, a derrubada do Partido. Você mesmo previu que era isso que ele diria. É tudo bobagem. Os proletários jamais vão se rebelar, nem em mil anos, nem em um milhão de anos. Não podem. Não preciso dizer por quê: você já sabe. Se já acalentou algum sonho de insurreição violenta, precisa abandoná-lo. Não há como o Partido ser derrubado. O domínio do Partido é para sempre. Você tem que partir desse princípio nos seus raciocínios.

Ele se aproximou mais da cama.

— Para sempre! — repetiu. — E agora vamos voltar à questão do "como" e do "por quê". Você entende bem COMO o Partido se mantém no poder. Agora me diga POR QUE nos aferramos ao poder. Qual é a nossa motivação? Por que queremos poder? Vamos, fale — acrescentou, uma vez que Winston permanecia calado.

Porém Winston custou um pouco a falar. Uma sensação de cansaço o abatia. A sutil chispa alucinada de entusiasmo voltara ao rosto de O'Brien. Ele já sabia o que Winston diria. Que o Partido não desejava o poder para seus próprios fins, mas só para o bem da maioria. Que procurava ter poder porque o homem das massas era uma criatura frágil, covarde, que não aguenta a liberdade e precisa ser governado e iludido sistematicamente por outros mais fortes que ele. O terrível, pensou Winston, o terrível era que O'Brien falava essas coisas acreditando nelas. Dava para ver na cara dele. O'Brien sabia de tudo.

Mil vezes mais que Winston, ele sabia como o mundo era realmente, sabia da degradação em que vivia a massa de seres humanos e por meio de que mentiras e barbaridades o Partido os mantinha assim. O'Brien entendera e avaliara tudo, e nada fazia a mínima diferença: tudo se justificava pelo fim último. O que se pode fazer, pensou Winston, contra o doido que é mais inteligente que você, ouve todos os seus argumentos e depois simplesmente persiste na loucura dele?

— Vocês nos governam para nosso próprio bem — disse, timidamente. — Acham que os seres humanos não são capazes de se autogovernar, e portanto...

Começou e quase deu um grito. Sentiu uma pontada de dor percorrer todo o seu corpo. O'Brien colocara a alavanca do mostrador no 35.

— Isso foi burrice, Winston, burrice! Você não devia mais dizer esse tipo de coisa... — Recuou a alavanca e continuou: — Agora, vou lhe dizer a resposta à minha pergunta. É a seguinte: o Partido quer o poder exclusivamente pelo poder. Não estamos interessados no bem dos outros; só nos interessa o poder. Nem riqueza, nem luxo, nem vida longa nem felicidade: só o poder, poder puro. O que significa poder puro você há de entender daqui a pouco. Somos diferentes de todas as oligarquias do passado, no sentido de que sabemos o que fazemos. As outras, mesmo as que se pareciam conosco, eram covardes e hipócritas. Os nazistas alemães e os comunistas russos tinham métodos bem semelhantes aos nossos, mas nunca tiveram coragem de reconhecer os próprios motivos. Fingiam, talvez até mesmo acreditassem, ter tomado o poder contra a vontade, por um período de tempo limitado, e que, logo ali na esquina, estava o paraíso onde os seres humanos seriam livres e iguais. Nós não somos assim. Sabemos que ninguém toma o poder com a intenção de abrir mão dele. O poder não é um meio, é um

fim. Não se estabelece uma ditadura a fim de salvaguardar uma revolução; faz-se a revolução a fim de estabelecer a ditadura. O objetivo da perseguição é perseguir. O da tortura é torturar. O do poder é o poder. Agora está começando a entender?

Winston estava impressionado, como já ficara antes, pelo cansaço do semblante de O'Brien. Um rosto forte, gordo e brutal, cheio de inteligência e de uma espécie de paixão contida diante da qual se sentia impotente; mas era um rosto cansado. Tinha bolsas sob os olhos, e a pele das maçãs do rosto estava flácida. O'Brien debruçou-se sobre ele, deliberadamente aproximando o rosto cansado.

— Você está pensando — disse — que tenho uma cara velha e cansada. Que falo em poder, mas não sou capaz sequer de evitar minha própria decadência física. Não consegue entender, Winston, que o indivíduo não passa de uma célula? O cansaço da célula é o vigor do organismo. Você morre quando corta as unhas?

Afastou-se da cama e se pôs de novo a andar para cima e para baixo, com uma das mãos no bolso.

— Nós somos os sacerdotes do poder — disse. — Deus é poder, mas atualmente, no que lhe diz respeito, poder é apenas uma palavra. Já está na hora de você ter uma ideia do que significa poder. A primeira coisa que precisa se dar conta é de que o poder é coletivo. O indivíduo só tem poder na medida em que deixa de ser um indivíduo. Você conhece o slogan do Partido: "Liberdade é escravidão." Já lhe ocorreu que a frase é reversível? Escravidão é liberdade. Sozinho, livre, o ser humano é sempre derrotado. Tem que ser assim, porque todo ser humano está condenado a morrer, o que é o maior de todos os fracassos. Mas, se ele for capaz de chegar à submissão total e absoluta, se conseguir escapar de sua identidade fundindo-se com o Partido de

modo a SER o Partido, então ele é todo-poderoso e imortal. A segunda coisa que você precisa entender é que poder é poder sobre seres humanos. Sobre o corpo, mas, principalmente, sobre a mente. Poder sobre a matéria, a realidade externa, como vocês chamariam, não é importante. Nosso controle sobre a matéria já é absoluto.

Por um momento, Winston não pensou no mostrador. Fez um esforço violento para sentar-se, e apenas conseguiu torcer o corpo penosamente.

— Mas como vocês podem controlar a matéria?! — explodiu. — Vocês não controlam nem o clima nem a lei da gravidade. E há as doenças, a dor, a morte...

O'Brien silenciou-o com um movimento da mão.

— Controlamos a matéria porque controlamos a mente. A realidade está dentro do crânio. Aos poucos você vai aprender, Winston. Não há nada impossível para nós. Levitação, invisibilidade, nada. Se quisesse, eu poderia flutuar como uma bolha de sabão. Mas não quero, porque o Partido não quer. Você precisa se livrar dessas ideias do século XIX sobre as leis da natureza. Nós fazemos as leis da natureza.

— Mas não fazem! Vocês nem são os senhores deste planeta. E a Eurásia e a Lestásia? Vocês ainda não as conquistaram.

— Irrelevante. Nós as conquistaremos quando nos convier. E se não conquistarmos, que diferença faz? Podemos acabar com elas. A Oceania é o mundo.

— Mas o próprio mundo não passa de um grão de poeira. E o homem é minúsculo... indefeso! Há quanto tempo existe? Por milhões de anos, a Terra foi inabitada.

— Bobagem. A Terra tem a nossa idade, não é mais velha. Como poderia ser? Nada existe senão através da consciência humana.

— Mas as rochas estão cheias de ossos de animais extintos. Mamutes e mastodontes e répteis enormes que viveram aqui muito antes de se ouvir falar em espécie humana.

— Já viu esses ossos, Winston? Claro que não. Foram inventados pelos biólogos do século XIX. Antes do homem, nada existia. Depois do homem, se a espécie vier a se extinguir, não haverá nada. Fora do homem, não há nada.

— Mas o universo está fora de nós. Veja as estrelas! Algumas delas estão a milhões de anos-luz de distância. Eternamente fora do nosso alcance.

— O que são as estrelas? — perguntou O'Brien, indiferente. — São pedaços de fogo a alguns quilômetros de distância. Poderíamos alcançá-las, se quiséssemos. Ou poderíamos apagá-las. A Terra é o centro do universo. O Sol e as estrelas giram em torno dela.

Winston fez outro movimento convulsivo. Dessa vez, não disse nada. O'Brien continuou como se estivesse contra-argumentando.

— Para certos fins, obviamente, isso não é verdade. Quando navegamos no oceano, ou quando prevemos um eclipse, muitas vezes achamos conveniente supor que a Terra gira em torno do Sol e que as estrelas estão a milhões e milhões de quilômetros de distância. Mas e daí? Acha que não temos competência para produzir um sistema dual de astronomia? As estrelas podem estar próximas ou distantes, conforme nossa necessidade. Acha que nossos matemáticos não estão à altura disso? Já se esqueceu do duplipensar?

Winston se encolheu na cama. O que quer que dissesse, a resposta rápida o esmagava como um cassetete. Mas, no entanto, ele sabia, SABIA, que estava certo. A convicção de que nada existe fora de nossa mente — claro que devia haver alguma maneira de demostrar que era

falsa. Já não se comprovara há muito tempo que era uma falácia? Havia até um nome para isso, que esquecera. Um esboço de sorriso torcia os cantos dos lábios de O'Brien, que olhava para ele.

— Eu lhe disse, Winston — falou —, que a metafísica não é o seu forte. A palavra que está procurando é solipsismo. Mas você está errado. Isso não é solipsismo. Solipsismo coletivo, se quiser. Só que isso é uma coisa diferente: na verdade, é o oposto. Isso tudo é uma digressão — acrescentou em outro tom. — O verdadeiro poder, o poder que temos que combater noite e dia, não é o poder sobre as coisas, mas sim sobre os homens. — Fez uma pausa e, por um momento, tornou a assumir seu ar de professor que interroga um aluno promissor: — Como um homem afirma seu poder sobre outro, Winston?

Winston refletiu.

— Fazendo-o sofrer — respondeu.

— Exatamente. Fazendo-o sofrer. Obediência não basta. A menos que ele sofra, como é possível ter certeza de que ele está obedecendo à sua vontade e não à dele? Poder é infligir dor e humilhação. Poder é desmontar a mente humana e depois tornar a montá-la, dando-lhe a forma que se quiser. Está começando a ver que tipo de mundo estamos criando? Exatamente o oposto das utopias hedonistas idiotas que os velhos reformadores imaginavam. Um mundo de medo, traição e tormento, um mundo em que um pisoteia o outro, um mundo que se tornará MAIS e não menos cruel à medida que se refina. O progresso em nosso mundo será o progresso em direção ao aumento da dor. As velhas civilizações afirmavam se basear no amor e na justiça. A nossa se baseia no ódio. Em nosso mundo, as únicas emoções serão o medo, a raiva, o triunfo e a autodepreciação. Destruiremos todo o resto. Tudo. Já estamos destruindo os hábitos de pensamento que sobreviveram

desde antes da Revolução. Cortamos os elos entre pai e filho, entre homem e homem, entre homem e mulher. Ninguém mais ousa confiar na esposa, no filho ou no amigo. Mas, no futuro, não haverá esposas nem amigos. Os filhos serão tirados das mães ao nascer, como se tiram os ovos de uma galinha. O instinto sexual será erradicado. A procriação será uma formalidade anual como a renovação do carnê de racionamento. Aboliremos o orgasmo. Nossos neurologistas já estão trabalhando nisso. A única lealdade será para com o Partido. O único amor será o amor ao Grande Irmão. O único riso será o do triunfo sobre um inimigo derrotado. Não haverá arte, nem literatura, nem ciência. Quando formos onipotentes, não precisaremos mais da ciência. Não haverá distinção entre beleza e feiura. O processo da vida não despertará curiosidade nem prazer. Todos os prazeres serão destruídos. Mas sempre, não se esqueça disso, Winston, sempre haverá a embriaguez do poder, que aumentará constantemente e se tornará cada vez mais sutil. Sempre, em cada momento, haverá a emoção da vitória, a sensação de pisotear um inimigo indefeso. Se quiser uma imagem do futuro, imagine uma bota pisoteando um rosto humano, para sempre.

Fez uma pausa, como se esperasse que Winston falasse. Winston tentara voltar a se encolher na cama. Não conseguia dizer nada. Tinha o coração como que congelado. O'Brien prosseguiu:

— E lembre-se de que é para sempre. Sempre existirão rostos para se pisotear. Sempre existirão hereges e inimigos da sociedade para se derrotar e humilhar continuamente. Tudo o que você tem sofrido desde que está em nossas mãos, tudo isso continuará e ficará pior. A espionagem, as traições, as prisões, as torturas, as execuções, os desaparecimentos nunca cessarão. Será um mundo de terror, tanto

quanto um mundo de triunfo. Quanto mais poderoso for o Partido, menos tolerante será: quanto mais fraca a oposição, mais forte será o despotismo. Goldstein e suas heresias viverão para sempre. Todos os dias, a todo momento, serão derrotados, desacreditados, ridicularizados, receberão cusparadas e, mesmo assim, sempre sobreviverão. Esse teatro que fiz com você durante sete anos continuará se repetindo geração após geração, de formas cada vez mais sutis. Sempre teremos os hereges aqui à nossa mercê, gritando de dor, alquebrados, desprezíveis. E no fim, totalmente arrependidos, salvos de si mesmos, rastejando a nossos pés por conta própria. É esse o mundo que estamos preparando, Winston. Um mundo de vitória após vitória, triunfo após triunfo: um mundo de pressão constante sobre o nervo do poder. Vejo que você começa a se dar conta de como será esse mundo. Mas você fará mais que entendê-lo. Você o aceitará, o apoiará e fará parte dele.

Winston se recuperara o suficiente para conseguir falar.

— Vocês não podem — disse timidamente.

— O que quer dizer com esse comentário, Winston?

— Vocês não poderiam criar um mundo como o que acaba de descrever. É um sonho. É impossível.

— Por quê?

— É impossível basear uma civilização no medo, no ódio e na crueldade. Isso nunca seria tolerado.

— Por quê?

— Porque não teria vitalidade. Se desintegraria. Se suicidaria.

— Bobagem. Você tem a impressão de que o ódio cansa mais que o amor. Por que seria assim? E, se fosse, que diferença faria? Suponha que escolhêssemos nos esgotar mais depressa. Suponha que

acelerássemos o ritmo da vida humana, de modo que os homens ficassem senis aos trinta anos. Ainda assim, que diferença faria? Você não entende que a morte do indivíduo não é morte? O Partido é imortal.

Como sempre, a voz deixara Winston sem forças. Além do mais, ele estava apavorado com a possibilidade de O'Brien tornar a girar o mostrador caso persistisse na divergência. Mesmo assim, não podia se calar. Timidamente, sem argumentos, sem nenhum apoio além do seu vago horror ao que O'Brien dissera, voltou ao ataque.

— Não sei. Não me importa. De algum modo, vocês fracassarão. Alguma coisa vai derrotá-los. A vida vai derrotá-los.

— Nós controlamos a vida, Winston, em todos os níveis. Você está imaginando que existe uma coisa chamada natureza humana que ficará indignada com o que fazemos e se voltará contra nós. Mas nós criamos a natureza humana. O homem é infinitamente maleável. Ou vai ver que você voltou à sua velha ideia de que os proletários ou os escravos se levantarão e nos derrubarão. Tire isso da cabeça. Eles são impotentes, como bichos. A humanidade é o Partido. Os outros estão fora. São irrelevantes.

— Não me importa. No fim, eles vão vencer vocês. Cedo ou tarde, vão ver vocês como são, e aí os desmantelarão.

— Você vê alguma prova de que isso esteja acontecendo? Alguma razão para que deva acontecer?

— Não. Eu creio nisso. Eu SEI que vocês vão fracassar. Há algo no universo... eu não sei o quê, algum espírito, algum princípio... que vocês nunca superarão.

— Você acredita em Deus, Winston?

— Não.

— Então que princípio é esse que vai nos derrotar?

— Não sei. O espírito do homem.

— E você se considera um homem?

— Sim.

— Se é um homem, Winston, é o último. Sua espécie está extinta; somos os herdeiros. Você entende que está SOZINHO? Está fora da história, é inexistente. — Seu comportamento mudara, e ele disse com mais aspereza: — E você se considera moralmente superior a nós, com suas mentiras e sua crueldade?

— Sim, me considero superior.

O'Brien não disse nada. Duas outras vozes falavam. Logo depois, Winston reconheceu uma delas como sua. Era uma gravação da conversa que tivera com O'Brien, na noite em que se alistara na Irmandade. Ouviu a si mesmo prometendo mentir, roubar, falsificar, estimular o consumo de drogas e a prostituição, disseminar doenças venéreas, jogar ácido no rosto de crianças. O'Brien fez um pequeno gesto de impaciência, como se quisesse dizer que não valia a pena fazer a demonstração. Depois, girou um botão e as vozes cessaram.

— Levante-se dessa cama — disse.

As amarras se afrouxaram. Winston colocou os pés no chão e se ergueu, cambaleante.

— Você é o último homem — disse O'Brien. — É o guardião do espírito humano. Deverá se ver como é. Tire a roupa.

Winston desamarrou o cordão que segurava o macacão. O zíper já fora arrancado havia muito. Não lembrava se já se despira completamente alguma vez desde que fora preso. Sob o macacão, tinha enrolados no corpo andrajos amarelados e imundos que mal conseguia reconhecer como vestígios de roupas de baixo. Ao abaixá-las para o

chão, viu que havia um espelho de três faces no fundo do aposento. Aproximou-se e estacou. Um grito involutário escapou-lhe do peito.

— Vá em frente — disse O'Brien. — Fique em pé entre as faces do espelho. Você terá também a visão lateral.

Winston parara por medo. Uma coisa curvada cinzenta e esquelética avançava em sua direção. A imagem em si era assustadora, e não apenas o fato de ele saber que aquilo era ele mesmo. Aproximou-se mais do espelho. O rosto da criatura parecia proeminente por causa da postura encurvada. Uma cara infeliz como a de um passarinho engaiolado, com uma testa distinta que emendava com a calva, nariz torto e maçãs do rosto de aspecto amassado acima das quais os olhos eram ferozes e atentos. As faces estavam suturadas, a boca era chupada. Certamente era seu rosto, mas pareceu-lhe mais mudado do que ele mudara internamente. As emoções que registrava seriam diferentes das que ele sentia. Estava parcialmente calvo. No primeiro momento, achou que ficara grisalho também, mas era só a pele da cabeça que estava cinzenta. À parte as mãos e o círculo do rosto, seu corpo era todo cinzento, encardido de sujeira de longa data. Aqui e ali, sob a sujeira, havia cicatrizes vermelhas de ferimentos e, perto do tornozelo, a úlcera varicosa era uma massa inflamada cuja pele descamava. Mas o mais assustador era a magreza do corpo. A caixa das costelas era estreita como a de um esqueleto: as pernas haviam encolhido tanto que os joelhos estavam mais grossos que as coxas. Entendia agora o que O'Brien quisera dizer quanto a ter a visão de perfil. A curvatura da coluna era impressionante. Os ombros magros projetavam-se à frente, deixando o peito côncavo, o pescoço descarnado parecia dobrar-se em dois sob o peso do crânio. Parecia o

corpo de um homem de sessenta anos que sofria de uma doença maligna.

— Algumas vezes você pensou que meu rosto — disse O'Brien —, o rosto de um membro do Partido Interno, estava velho e desgastado. O que está achando do seu?

Pegou Winston pelo ombro e virou-o de frente para si.

— Olhe em que estado você está! — disse. — Olhe esse encardido por todo o seu corpo. Olhe a sujeira entre seus dedos. Olhe essa ferida nojenta na sua perna. Sabe que você fede que nem bode? Provavelmente, já parou de sentir seu cheiro. Olhe a sua magreza. Está vendo? Posso circundar seu bíceps unindo o polegar e o indicador. Poderia quebrar seu pescoço como se fosse uma cenoura. Sabe que perdeu 25 quilos desde que está em nossas mãos? Até seu cabelo está caindo aos punhados. Olhe! — E puxou um tufo de cabelos da cabeça de Winston. — Abra a boca. Sobram nove, dez, onze dentes. Quantos tinha quando chegou? E os poucos que lhe restam estão caindo sozinhos. Olhe aqui!

Pegou entre os poderosos polegar e indicador um dos incisivos remanescentes. Uma pontada de dor percorreu a mandíbula de Winston. O'Brien arrancou pela raiz o dente solto e o atirou para o outro lado da cela.

— Você está apodrecendo — disse. — Está caindo aos pedaços. O que você é? Um saco de sujeira. Agora vire-se o olhe-se de novo no espelho. Vê essa coisa que o encara? É o último homem. Se você é humano, isso é a humanidade. Agora, vista-se.

Winston começou a se vestir com movimentos lentos e rígidos. Até então, parecia não ter notado quão magro e fraco estava. Só tinha um pensamento na mente: permanecera naquele lugar mais tempo do que

imaginara. De repente, enquanto fitava os andrajos miseráveis à sua volta, foi dominado por um sentimento de pena pelo estado de seu corpo. Quando se deu conta do que fazia, já tinha se deixado cair num pequeno banco ao lado da cama, em prantos. Teve noção de sua feiura e deselegância, um feixe de ossos vestido com roupas de baixo imundas, sentado e chorando sob a luz fria: mas não conseguia se conter. O'Brien pousou a mão em seu ombro, quase com bondade.

— Isso não vai durar para sempre. Você pode escapar quando quiser. Só depende de você.

— Vocês fizeram isso! — soluçou Winston. — Vocês me reduziram a este estado.

— Não, Winston, você se reduziu a isso. É o que você aceitou quando se colocou contra o Partido. Tudo já estava contido nesse primeiro ato. Nada aconteceu que você não tivesse previsto.

Fez uma pausa e prosseguiu.

— Derrotamos você, Winston. Quebramos você. Você viu o estado do seu corpo. Sua mente está igual. Acho que não lhe resta muito orgulho. Você foi chutado, açoitado e insultado, gritou de dor, rolou pelo chão sobre o seu sangue e o seu vômito. Suplicou clemência, traiu tudo e todos. Pode imaginar uma única degradação que ainda não tenha experimentado?

Winston parara de chorar, embora as lágrimas ainda lhe escorressem dos olhos. Olhou para O'Brien.

— Não traí Julia — disse.

O'Brien olhou para ele, pensativo.

— Não — disse. — Não, isso realmente é verdade. Você não traiu Julia.

A estranha reverência por O'Brien, a qual parecia indestrutível, inundou novamente o coração de Winston. Que inteligente, pensou,

que inteligente! O'Brien nunca deixava de entender o que lhe era dito. Qualquer outra pessoa no mundo teria respondido prontamente que ele TINHA traído Julia. Pois o que ainda não haviam espremido dele mediante as torturas? Ele lhes revelara tudo o que sabia sobre ela, os hábitos, a personalidade, a vida pregressa; confessara nos mínimos detalhes tudo o que acontecera em seus encontros, tudo o que dissera a ela e ela a ele, as refeições obtidas no mercado negro, os adultérios, os vagos complôs contra o Partido. Tudo. No entanto, no sentido que dava à palavra, não a traíra. Não deixara de amá-la; seus sentimentos por ela permaneciam os mesmos. O'Brien percebera o que ele quisera dizer sem necessidade de explicação.

— Me diga — falou. — Quando vão me matar?

— Pode demorar — respondeu O'Brien. — Você é um caso difícil. Mas não perca as esperanças. Cedo ou tarde, todos se curam. No fim, nós o fuzilaremos.

Winston sentia-se muito melhor. Engordava e se fortalecia a cada dia, se é que era adequado falar de dias.

A luz fria e o zumbido continuavam iguais, mas a cela era um pouco mais confortável do que as outras onde estivera. Havia um travesseiro e um colchão na cama de tábuas, e um banco para sentar-se. Tinham lhe dado um banho, e permitiam com bastante frequência que ele se lavasse numa tina. Até lhe davam água quente para isso. Deram-lhe novas roupas íntimas e um macacão limpo. Passaram uma pomada calmante em sua úlcera varicosa. Arrancaram o que lhe restava dos dentes e lhe deram uma dentadura.

Semanas ou meses deviam ter se passado. Já era possível acompanhar a passagem do tempo, se ele tivesse algum interesse em fazê-lo, uma vez que estava sendo alimentado a intervalos aparentemente regulares. Estava recebendo, calculava, três refeições a cada 24 horas; às vezes, perguntava-se por um instante se as recebia de noite ou de dia. A comida era surpreendentemente boa, com carne a cada três refeições. Uma vez, forneceram-lhe até um maço de cigarros. Ele não tinha fósforos, mas o guarda caladão que trazia a comida acendia os cigarros para ele. Da primeira vez que tentou fumar, sentiu-se nauseado, mas insistiu e fez o maço render bastante, fumando meio cigarro após cada refeição.

Deram-lhe uma lousa branca com um toco de lápis amarrado no canto. A princípio, não a usou. Mesmo quando estava acordado, sentia-se completamente entorpecido. Muitas vezes permanecia deitado entre duas refeições quase sem se mexer, às vezes dormindo, às vezes acordando com devaneios confusos durante os quais não se dava ao

trabalho de abrir os olhos. Havia muito se acostumara a dormir com uma luz forte na cara. Não parecia fazer diferença, só que os sonhos eram mais coerentes. Durante esse tempo, ele sonhava muito, e tinha sempre sonhos bons. Estava na Terra Dourada, ou sentado entre ruínas enormes, gloriosas, ensolaradas, com sua mãe, com Julia, com O'Brien — sem fazer nada, simplesmente deixando-se ficar ao sol, conversando sobre coisas pacatas. Os pensamentos que tinha quando acordado eram quase todos sobre seus sonhos. Parecia ter perdido a capacidade de se esforçar intelectualmente, agora que o estímulo da dor fora removido. Não estava entediado, não sentia desejo de conversar nem de se distrair. Simplesmente estar sozinho, sem apanhar nem ser interrogado, ter o suficiente para comer e se manter limpo, o satisfazia plenamente.

Aos poucos, começou a passar menos tempo dormindo, mas ainda não tinha o impulso de sair da cama. Só queria ficar quieto e sentir as forças se reunindo em seu corpo. Apalpava-se aqui e ali, tentando se assegurar de que não era ilusão que seus músculos estavam mais redondos e sua pele, menos flácida. Por fim, não restava dúvida de que estava engordando; já tinha as coxas definitivamente mais grossas que os joelhos. Depois disso, no início com relutância, começou a se exercitar regularmente. Em pouco tempo, conseguia caminhar três quilômetros, medidos com passos na cela, e seus ombros encurvados já estavam se endireitando. Tentou exercícios mais elaborados, e ficou atônito e humilhado ao descobrir as coisas que não conseguia fazer. Não conseguia acelerar o passo, não conseguia segurar o banco com o braço estendido, não conseguia manter-se em pé numa perna só sem cair. Estando de cócoras, descobriu que se pôr de pé lhe causava dores lancinantes na coxa e na panturrilha. Deitado de bruços, tentou

levantar o corpo usando as mãos. Em vão. Não conseguia erguer-se um centímetro. Mas, alguns dias depois — e algumas refeições depois —, até mesmo essa façanha foi realizada. Chegou um dia em que conseguiu repetir o exercício seis vezes seguidas. Começou a se orgulhar de fato de seu corpo e acalentar uma crença intermitente de que seu rosto também estava voltando ao normal. Só quando levava por acaso a mão ao crânio calvo, lembrava-se do rosto arruinado que o olhara do espelho.

Sua mente ficou mais ativa. Ele se sentava na cama de tábuas, com as costas apoiadas na parede e a lousa sobre os joelhos e se empenhava lentamente na tarefa de reeducar-se.

Capitulara, não havia como discordar. Na verdade, agora percebia, já estava pronto para capitular muito antes de ter tomado a decisão. Desde que entrara no Ministério do Amor — e mesmo naqueles minutos em que ele e Julia tinham ficado parados no meio do quarto, impotentes, enquanto a voz inflexível da teletela lhes dizia o que fazer —, ele entendera a frivolidade, a futilidade de sua tentativa de se colocar contra o poder do Partido. Sabia agora que a Polícia do Pensamento o observara durante sete anos como se ele fosse um besouro debaixo de uma lente de aumento. Não havia ato físico nem palavra falada em voz alta que eles não tivessem notado, nenhum raciocínio que eles não tivessem sido capazes de inferir. Até o grão de poeira esbranquiçada na capa do diário eles cuidadosamente repunham. Mostraram-lhe gravações e fotos. Algumas delas eram fotos de Julia com ele. Sim, até... Não podia mais lutar contra o Partido. Além do mais, o Partido estava certo. Devia estar; como era possível o cérebro imortal, coletivo, estar equivocado? Por que parâmetros externos seus julgamentos podiam ser verificados? A sanidade era

estatística. Era apenas uma questão de aprender a pensar o que eles pensavam. Apenas...!

O lápis parecia grosso e desajeitado entre seus dedos. Ele começou a anotar os pensamentos que lhe vinham à cabeça. Escreveu primeiro em letras de forma grandes e canhestras:

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

Depois, quase sem interrupção, escreveu embaixo:

DOIS E DOIS SÃO CINCO

Mas aí sua mente pareceu ficar em branco. Era como se quisesse se esquivar de alguma coisa, parecia incapaz de se concentrar. Ele sabia o que vinha em seguida, mas no momento não conseguia se lembrar. Quando se lembrou, foi somente graças a um raciocínio consciente: a máxima não surgiu por si só.

Escreveu:

DEUS É PODER

Aceitara tudo. O passado era alterável. O passado nunca fora alterado. A Oceania estava em guerra com a Lestásia. A Oceania sempre estivera em guerra com a Lestásia. Jones, Aaronson e Rutherford eram culpados dos crimes de que tinham sido acusados. Ele nunca tinha visto a foto que provava a inocência dos três. A foto nunca existira, ele a inventara. Ele se recordava de se lembrar de coisas que se contradiziam, mas eram memórias falsas, produtos de autoengano.

Como era fácil tudo isso! Bastava render-se que o resto seguia. Era como nadar contra uma corrente fortíssima, lutando em vão até se entregar e se deixar levar rio abaixo. Nada mudara, salvo sua atitude: o que estava predestinado sempre acontecia. Winston mal sabia por que se rebelara. Tudo era fácil, exceto...!

Qualquer coisa podia ser verdade. As chamadas leis da natureza eram uma bobagem. A lei da gravidade era uma bobagem. "Se quisesse", dissera O'Brien, "eu poderia flutuar sobre este piso como uma bolha de sabão." Winston raciocinou. Se ele ACHAR que flutua sobre o chão, e ao mesmo tempo eu PENSAR que o vejo flutuar, então a coisa acontece. De repente, como um vestígio de naufrágio que sobe à tona, o pensamento irrompeu em sua mente: Não acontece de verdade. Imaginamos que acontece. É uma alucinação. Reprimiu imediatamente o pensamento. A falácia era evidente. Pressupunha que em algum lugar, fora da pessoa, havia um mundo "real" onde aconteciam coisas "reais". Mas como era possível existir um mundo assim? Que conhecimento temos de alguma coisa senão através de nossa própria mente? Tudo acontece na mente. Aquilo que acontece em todas as mentes, acontece de fato.

Não teve dificuldade em descartar a falácia, e não corria o risco de sucumbir a ela. Percebeu, porém, que ela nunca devia ter lhe ocorrido. A mente devia desenvolver um ponto cego sempre que um pensamento perigoso se apresentasse. O processo devia ser automático, instintivo. ESTANCACRIME, chamava-se em Novilíngua.

Pôs-se a se exercitar em estancacrime. Apresentava hipóteses a si mesmo — "o Partido diz que a Terra é plana", "o Partido diz que o gelo é mais pesado que a água" — e treinava para não ver ou não entender os argumentos que as contradiziam. Não era fácil. Exigia grande

capacidade de raciocínio e improvisação. Os problemas aritméticos suscitados, por exemplo, por uma afirmação como "dois e dois são cinco" estavam além do seu entendimento. Exigia também uma espécie de atletismo mental, a habilidade de, num momento, usar da lógica mais sutil, e no momento seguinte ignorar os erros lógicos mais grosseiros. A burrice era tão necessária quanto a inteligência, e igualmente difícil de alcançar.

O tempo todo, com uma parte da mente, Winston se perguntava quanto tempo faltava para que o fuzilassem. "Só depende de você", dissera O'Brien; mas ele sabia que não havia um ato consciente pelo qual pudesse aproximar o desfecho. Podiam faltar dez minutos, ou dez anos. Podiam mantê-lo em confinamento solitário por anos a fio, podiam mandá-lo para um campo de trabalhos forçados, podiam liberá-lo por um período, como muitas vezes faziam. Era perfeitamente possível que, antes de ser fuzilado, todo o drama da prisão e do interrogatório voltasse a ser encenado. A tradição — a tradição tácita: de alguma forma, era sabida, embora não fosse mencionada — era o tiro ser dado pelas costas; sempre na nuca, sem aviso prévio, num corredor, enquanto o preso ia de uma cela a outra.

Um dia — mas "um dia" não era a expressão correta; era igualmente possível ter sido no meio da noite: certa vez — Winston caiu num devaneio estranho, encantado. Vinha pelo corredor, aguardando a bala. Sabia que ela viria a qualquer momento. Tudo estava resolvido, amenizado, reconciliado. Já não havia dúvidas, discussões, dor, medo. Seu corpo era forte e saudável. Caminhava com desenvoltura, com uma alegria de movimentos e a sensação de estar passeando ao sol. Já não estava nos estreitos corredores brancos do Ministério do Amor, mas sim na ampla avenida iluminada, de um quilômetro de largura, por

onde tivera a impressão de caminhar no delírio induzido por drogas. Estava na Terra Dourada, seguindo pela trilha que atravessava o velho pasto podado pelos coelhos. Sentia a relva baixa e fofa sob seus pés, e os suaves raios solares no rosto. Na fímbria do campo, olmos fremiam ligeiramente, e mais adiante ficava o riacho onde os bordalos nadavam nas poças verdes embaixo dos chorões.

De repente, pulou da cama com um choque de horror. O suor lhe escorria pela espinha. Ouviu-se gritando:

— Julia! Julia! Julia, meu amor! Julia!

Por um momento, tivera uma alucinação avassaladora da presença dela. Era como se, além de estar com ele, ela estivesse dentro dele. Como se estivesse entranhada na textura de sua pele. Naquele momento, amara-a muito mais do que a amara quando estavam juntos e livres. E também sabia que, em algum lugar, ela continuava viva e precisava de sua ajuda.

Deitou-se de costas na cama e tentou se recompor. O que fizera? Quantos anos acrescentara à sua servidão por aquele momento de fraqueza?

Em mais um instante, ouviria o barulho das botas no corredor. Eles não poderiam deixar impune uma explosão como aquela. Eles saberiam, se já não soubessem, que ele estava rompendo o acordo. Obedecia ao Partido, mas ainda odiava o Partido. Nos velhos tempos, ocultara uma mente herética sob a aparência de conformidade. Agora recuara mais um passo: rendera-se na mente, mas nutria a esperança de manter inviolado o fundo de seu coração. Sabia que estava errado, mas preferia estar errado. Eles entenderiam isso... O'Brien entenderia. Com aquele grito tolo, tudo fora confessado.

Teria que começar tudo de novo. Talvez levasse anos. Passou a mão pelo rosto, tentando se familiarizar com a nova forma. Tinha as faces encovadas, as maçãs do rosto salientes, o nariz achatado. Além disso, depois que se vira pela última vez no espelho, ganhara uma dentadura nova. Não era fácil continuar inescrutável quando a pessoa não sabia como era o próprio rosto. Fosse como fosse, não bastava simplesmente controlar as feições. Pela primeira vez, percebeu que quem quer guardar um segredo tem de guardá-lo também de si mesmo. Você deve saber que ele está lá, mas, até ser necessário, nunca deve deixá-lo aflorar à consciência sob nenhuma forma a que alguém pudesse dar um nome. De agora em diante, além de pensar direito, tinha que sentir e sonhar direito. E, o tempo todo, deveria manter seu ódio trancado no peito como uma massa de tecido que fosse parte dele, mas não tivesse ligação com o resto de seu ser, uma espécie de cisto.

Um dia, decidiriam fuzilá-lo. Não havia como saber quando aconteceria, mas seria possível adivinhar alguns segundos antes. Era sempre pelas costas, enquanto você andava por um corredor. Dez segundos seriam suficientes. Nesse ínterim, o mundo dentro dele podia virar pelo avesso. E então, de repente, sem que proferisse uma palavra, sem que olhasse onde pisava, sem alterar uma linha do rosto — de repente a camuflagem cairia e bangue!, as baterias de seu ódio se descarregariam. O ódio o invadiria como uma labareda enorme a rugir. E quase ao mesmo tempo, bangue!, a bala atingiria o alvo, cedo demais, ou tarde demais. Destroçariam seu cérebro antes de conseguir recuperá-lo. O pensamento herético permaneceria impune, impenitente, para sempre fora do alcance deles. Teriam aberto um rombo na própria perfeição deles. Morrer odiando-os, isso era liberdade.

Ele fechou os olhos. Era mais difícil do que aceitar uma disciplina intelectual. Era se degradar, se mutilar. Tinha que mergulhar na mais imunda das imundícies. Qual era a coisa mais horrível, mais nauseante de todas? Pensou no Grande Irmão. A cara enorme (como o via constantemente em cartazes, sempre pensava nele como um homem de um metro de largura), com seu farto bigode preto e os olhos que acompanhavam a pessoa de um lado para o outro, parecia entrar flutuando em sua mente por conta própria. Quais eram seus verdadeiros sentimentos em relação ao Grande Irmão?

Ouviu-se o barulho de botas pesadas no corredor. A porta de aço se abriu ruidosamente. O'Brien entrou na cela. Atrás dele, vinham o oficial de rosto de cera e os guardas de uniforme preto.

— Levante-se — ordenou O'Brien. — Venha cá.

Winston colocou-se à sua frente. O'Brien pegou-o pelos ombros com as mãos fortes e olhou-o com atenção.

— Você andou pensando em me enganar — disse. — Foi burrice. Endireite-se. Olhe para mim.

Fez uma pausa, e prosseguiu em tom mais gentil.

— Você está melhorando. Intelectualmente, há muito pouca coisa errada com você. É só emocionalmente que não consegue progredir. Diga-me Winston, e lembre-se, nada de mentiras: você sabe que sempre consigo detectar uma mentira. Diga-me quais são os seus verdadeiros sentimentos em relação ao Grande Irmão.

— Eu o odeio.

— Você o odeia. Ótimo. Então chegou a hora de dar o último passo. Você tem que amar o Grande Irmão. Não basta obedecê-lo: tem que amá-lo.

Soltou Winston, empurrando-o de leve para os guardas.

— Quarto 101 — disse.

Em cada etapa de seu encarceramento, Winston sabia, ou parecia saber, em que ponto do edifício sem janelas se encontrava. Era possível que houvesse pequenas diferenças na pressão atmosférica. As celas onde apanhara dos guardas ficavam no subsolo. A sala em que fora interrogado por O'Brien ficava num andar alto, próximo à cobertura do prédio. O lugar onde estava agora ficava no subsolo, no nível mais baixo a que se tinha acesso.

Era mais amplo que a maioria das celas onde já estivera. Mas ele mal reparava no que havia no ambiente. Só enxergava duas mesinhas bem à sua frente, ambas forradas de baeta verde. Uma estava a apenas um ou dois metros dele, a outra, mais afastada, perto da porta. Estava amarrado a uma cadeira, tão firmemente que era incapaz de fazer qualquer movimento, inclusive com a cabeça. Uma espécie de almofada segurava sua cabeça por trás, forçando-o a olhar para a frente.

Por um momento, esteve sozinho, depois a porta se abriu e O'Brien entrou.

— Uma vez você me perguntou — disse O'Brien — o que havia no quarto 101. Respondi que você já sabia a resposta. Todo mundo sabe. O que há no quarto 101 é a pior coisa do mundo.

A porta tornou a se abrir. Um guarda entrou, trazendo uma coisa feita de arame, algum tipo de caixa ou cesta. Colocou-a na mesa mais afastada. Devido à posição em que O'Brien se encontrava, não dava para Winston ver o que era.

— A pior coisa do mundo varia de indivíduo para indivíduo. Para uns é ser enterrado vivo, para outros é morrer queimado ou afogado ou

empalado, ou de cinquenta outras formas diferentes. Para outros ainda, é algo bastante trivial, que nem chega a ser fatal.

Chegou um pouco para o lado, a fim de deixar Winston ver melhor a coisa em cima da mesa. Era uma gaiola de arame oblonga com uma alça em cima, pela qual era transportada. Fixada à parte da frente, havia algo que lembrava uma máscara de esgrima, com o lado côncavo para fora. Mesmo a gaiola estando a três ou quatro metros de distância, dava para ele ver que era dividida em dois compartimentos no sentido do comprimento, e que em cada um deles havia um bicho.

Eram ratos.

— No seu caso — disse O'Brien —, a pior coisa do mundo, por acaso, são ratos.

Uma espécie de tremor premonitório, um medo indefinido, percorrera o corpo de Winston tão logo ele bateu os olhos na gaiola. E, de repente, assimilou o significado daquele apêndice que lembrava uma máscara. Teve a impressão de que suas entranhas se diluíam.

— Você não pode fazer isso! — gritou com uma voz esganiçada. — Não pode, não pode! É impossível.

— Lembra-se — disse O'Brien — do momento de pânico que ocorria em seus sonhos? Você via um muro de escuridão à sua frente e ouvia um rugido. Havia uma coisa terrível do outro lado do muro. Você sabia que sabia o que era, mas não se atrevia a esclarecer do que se tratava. Eram os ratos que estavam do outro lado do muro.

— O'Brien! — arquejou Winston, fazendo um esforço para controlar a voz. — Você sabe que isso não é necessário. O que você quer que eu faça?

O'Brien não deu uma resposta direta. Quando falou, foi na atitude professoral que assumia de vez em quando. Olhou pensativo ao longe,

como se estivesse se dirigindo a uma plateia em algum ponto às costas de Winston.

— Por si só — disse —, a dor nem sempre é suficiente. Há ocasiões em que o ser humano resiste à dor até a morte. Mas, para todo mundo, existe algo intolerável, algo que não pode ser contemplado. Não envolve coragem nem covardia. Se você cai num precipício, não é covardia segurar uma corda. Se sobe à tona depois de um mergulho profundo, não é covardia encher o peito de ar. É um mero instinto que não pode ser destruído. Com os ratos, é igual. Para você, são intoleráveis. São uma forma de pressão que você não suporta, nem que queira. Fará o que se exige que faça.

— Mas o que é? Como posso fazer, se não sei o que é?

O'Brien pegou a gaiola e a levou para a mesa mais próxima. Pousou-a com cuidado sobre o pano de baeta. Winston ouvia o sangue latejando nos ouvidos. Tinha a sensação de estar sentado na mais absoluta solidão. Encontrava-se no meio de uma grande planície vazia, um deserto raso inundado de sol onde todos os sons lhe chegavam de distâncias imensas. Mas a gaiola com os ratos estava a menos de dois metros dele. Eram ratazanas enormes. Estavam na idade em que os focinhos se tornam rombudos e ferozes, e os pelos ganham um tom marrom em vez de cinza.

— O rato — disse O'Brien, ainda se dirigindo a uma plateia invisível —, apesar de ser um roedor, é carnívoro. Você sabe disso. Já deve ter ouvido falar das coisas que acontecem nos bairros pobres desta cidade. Em algumas ruas, as mulheres não se atrevem a deixar seus bebês sozinhos em casa, nem por cinco minutos. Os ratos os atacariam na certa. Em pouquíssimo tempo, roeriam a carne toda, deixando só os ossos. Atacam também doentes e moribundos. Revelam uma

inteligência espantosa para reconhecer quando um ser humano está indefeso.

Guinchos irromperam da gaiola. Winston teve a impressão de que vinham de longe. Os ratos brigavam; tentavam agredir um ao outro através da divisória. Winston ouviu um profundo gemido de desespero. Aquilo também pareceu se originar fora dele.

O'Brien pegou a gaiola e, ao fazê-lo, pressionou algo nela. Ouviu-se um clique. Winston fez um esforço frenético para se soltar da cadeira. Foi em vão; todas as partes de seu corpo, inclusive a cabeça, estavam imobilizadas. O'Brien aproximou a gaiola, deixando-a a menos de um metro do rosto de Winston.

— Pressionei a primeira alavanca — disse O'Brien. — Você entende a concepção dessa gaiola. A máscara se encaixará em sua cabeça, sem deixar saídas. Quando eu pressionar esta outra alavanca, a porta da gaiola subirá. Esses bichos famintos sairão feito foguetes. Já viu um rato saltar no ar? Vão pular no seu rosto e esburacá-lo todo. Às vezes, atacam os olhos primeiro. Às vezes perfuram as bochechas e devoram a língua.

A gaiola estava mais perto, já quase em cima dele; Winston ouviu uma sucessão de guinchos estridentes que pareciam ocorrer no ar acima de sua cabeça. Mas lutava furiosamente contra o pânico. Pensar, pensar, mesmo faltando uma fração de segundo — pensar era a única esperança. De repente, o fedor bolorento dos bichos atingiu suas narinas. Sentiu um engulho violento, e quase perdeu a consciência. Tudo ficara preto. Por um instante, ficou insano, um animal aos gritos. No entanto, voltou da escuridão, aferrando-se a uma ideia. Havia uma única maneira de se salvar. Precisava interpor outro ser humano, o CORPO de outro ser humano, entre ele e os ratos.

A circunferência da máscara agora estava larga o suficiente para tirar a visão de todas as outras coisas. A porta de arame estava a poucos palmos de seu rosto. Os ratos sabiam o que vinha pela frente. Um deles pulava para cima e para baixo, o outro, um velho caspento veterano dos esgotos, de pé, com as mãos cor-de-rosa apoiadas nas barras, farejava ferozmente o ar. Winston via os bigodes e os dentes amarelos. De novo, o pânico negro o dominou. Estava cego, impotente, irracional.

— Era um castigo comum na China Imperial — disse O'Brien, didático como nunca.

A máscara estava quase no seu rosto. O arame roçava sua face. Então — não, não era alívio, apenas esperança, um fiozinho de esperança. Tarde demais, talvez tarde demais. Mas subitamente compreendera que no mundo inteiro havia apenas UMA pessoa a quem podia transferir o seu castigo — UM corpo que ele podia empurrar entre si mesmo e os ratos. E repetia freneticamente sem parar, aos gritos.

— Faça isso com Julia! Faça isso com Julia! Não comigo! Com Julia! Não me importa o que faça com ela. Estraçalhe a cara dela, roa a carne até o osso. Eu não! Julia! Eu não!

Estava caindo para trás, em grandes profundezas, afastando-se dos ratos. Continuava amarrado à cadeira, mas caía sem parar, transpondo o chão, as paredes do prédio, a terra, os oceanos, a atmosfera, entrando no espaço sideral, nos abismos interestelares — sempre para longe, para longe, para longe dos ratos. Estava a anos-luz de distância, mas O'Brien continuava ao seu lado. Ainda sentia o frio do arame no rosto. Mas, através da escuridão que o envolvia, ouviu outro clique metálico e soube que a porta da gaiola fora fechada e não aberta.

O Café da Castanheira estava quase vazio. Um raio de sol entrando enviesado pela janela iluminava as mesas empoeiradas. Era a hora solitária das três da tarde. Uma música metálica saía das teletelas.

Winston estava sentado em seu canto habitual, encarando um copo vazio. De vez em quando, olhava para uma cara enorme que o espiava da parede oposta. O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia a legenda. Sem ser chamado, um garçom veio e encheu seu copo com gim Victory, adicionando algumas gotas de outra garrafa guarnecida com um dosador. Era sacarina aromatizada com cravo, a especialidade do café.

Winston escutava a teletela. Por enquanto, apenas música estava sendo transmitida, mas havia a possibilidade de que, a qualquer momento, entrasse no ar um boletim especial do Ministério da Paz. As notícias do front africano eram extremamente inquietantes. Ao longo do dia, a toda hora preocupava-se com aquilo. Um exército eurasiano (a Oceania estava em guerra com a Eurásia; a Oceania sempre estivera em guerra com a Eurásia) avançava ao sul a uma velocidade assustadora. O boletim do meio-dia não mencionara nenhuma área definida, mas era provável que a foz do Congo já tivesse se transformado em campo de batalha. Brazzaville e Leopoldville corriam perigo. Não era preciso olhar o mapa para ver o que isso significava. Não se tratava apenas de perder a África Central: pela primeira vez em toda a guerra, o território da Oceania via-se ameaçado.

Uma emoção violenta, que não era medo propriamente dito, mas sim uma espécie de excitação imprecisa, acendeu-se dentro dele e logo se apagou. Parou de pensar na guerra. Nos últimos tempos, não conseguia

fixar a mente em nenhum assunto por mais de alguns instantes. Pegou seu copo e esvaziou-o de um gole só. Como sempre, o gim lhe provocou um estremecimento e até uma leve ânsia. A coisa era horrível. Os cravos e a sacarina, já suficientemente repugnantes com seu gosto enjoativo, não conseguiam disfarçar o ordinário cheiro oleoso; e o pior de tudo era que o odor de gim, entranhado nele noite e dia, estava inextricavelmente misturado em sua mente com o cheiro daqueles...

Nunca os nomeava, nem em pensamento, e, na medida do possível, nunca os visualizava. Eram uma coisa da qual tinha mais ou menos consciência, flutuando perto de seu rosto, um cheiro que não lhe saía das narinas. Quando o gim lhe subiu pela garganta, ele soltou um arroto por entre os lábios avermelhados. Engordara desde que fora solto, e recuperara a antiga cor. Suas feições estavam mais grosseiras, a pele do nariz e das maçãs do rosto era de um vermelho vulgar, e até sua calva se tornara excessivamente rosada. Um garçom, de novo sem ser chamado, trouxe o tabuleiro de xadrez e o *Times* daquele dia aberto na página do problema enxadrístico. Depois, vendo que o copo de Winston estava vazio, trouxe a garrafa de gim e tornou a enchê-lo. Não era preciso dar ordens. Conheciam seus hábitos. O tabuleiro de xadrez estava sempre à sua espera, sua mesa de canto, sempre reservada; mesmo quando o café estava lotado, ele a tinha, pois ninguém queria ser visto sentado muito perto dele. Nunca se dava ao trabalho de contar quantas doses consumia. A intervalos regulares, traziam-lhe um pedaço de papel sujo que diziam ser a conta, mas ele tinha a impressão de que sempre lhe cobravam de menos. Não faria diferença se fosse o contrário. Agora estava cheio de dinheiro. Tinha até um ofício, uma sinecura, mais bem pago que o antigo emprego.

A música da teletela foi interrompida e uma voz entrou em seu lugar. Winston ergueu a cabeça para escutar. Nada de boletins do front, no entanto. Era apenas um breve anúncio do Ministério da Riqueza. No trimestre anterior, ao que parecia, a cota de produção de cadarços definida pelo Décimo Plano Trienal fora ultrapassada em 98%.

Ele examinou o problema de xadrez e arrumou as peças no tabuleiro. Era um final difícil, envolvendo dois cavalos. "Jogam as brancas. Xeque-mate em dois movimentos." Winston olhou para o retrato do Grande Irmão. As brancas sempre dão o xeque-mate, pensou com uma espécie de misticismo nebuloso. Sempre, sem exceção, o arranjo é esse. Em nenhum problema enxadrístico, desde que o mundo é mundo, as pretas ganharam. Isso não simbolizaria o triunfo eterno e invariável do Bem sobre o Mal? A cara enorme o fitava, poderosa e serena. As brancas sempre dão o xeque-mate.

A voz da teletela fez uma pausa para acrescentar num tom mais sério:

— Estão todos avisados para aguardar um anúncio importante às 15h30. Às 15h30! Trata-se de uma notícia da maior importância. Não percam. Às 15h30! — A música tilintante recomeçou.

Winston estremeceu. Aquele era o boletim do front; o instinto lhe dizia que vinham más notícias pela frente. Durante todo o dia, com pequenas ondas de excitação, a ideia de uma derrota esmagadora na África de vez em quando lhe vinha à cabeça. Era como se ele realmente visse o exército eurasiano atravessando a fronteira até então inexpugnável e descendo para a ponta da África como uma fileira de formigas. Por que não fora possível flanqueá-los de alguma maneira? Visualizou nitidamente o contorno da costa da África Ocidental. Pegou o cavalo branco e moveu-o pelo tabuleiro. ALI era a posição certa. Mesmo enquanto via a horda preta avançando para sul, enxergava

outra força, misteriosamente reunida, de repente posicionada em sua retaguarda, cortando suas comunicações por terra e por mar. Sentia que, ao desejá-lo, fazia com que aquela outra força passasse a existir. Mas era necessário agir depressa. Se pudessem controlar a África inteira, se tivessem os campos de aviação e as bases submarinas no Cabo, a Oceania seria dividida em dois. Isso poderia significar qualquer coisa; derrota, colapso, uma nova divisão mundial, a destruição do Partido! Respirou fundo. Uma extraordinária mistura de sentimentos — mas não exatamente uma mistura; antes, eram sucessivas camadas de sentimento, e não se podia dizer qual delas era a mais profunda — lutavam em seu íntimo.

O espasmo passou. Repôs o cavalo branco no lugar, mas por ora não conseguia se concentrar no estudo sério do problema enxadrístico. Seus pensamentos tornaram a divagar. Quase inconscientemente, escreveu com o dedo na poeira da mesa:

2+2=5

"Eles não podem entrar dentro de nós", dissera Julia. Mas podiam entrar, sim. "O que lhe acontecer aqui é PARA SEMPRE", dissera O'Brien. Era verdade. Havia coisas — os atos cometidos — das quais você nunca se recuperava. Algo era destruído dentro do peito: incinerado, cauterizado.

Winston vira Julia; até falara com ela. Não havia perigo nisso. Sabia como que por instinto que, agora, já quase não se interessavam pelas ações dele. Podia ter combinado um segundo encontro com ela, se um dos dois desejasse. Na verdade, haviam se encontrado por acaso. Foi no parque, num dia horrível, enregelante, de março, com a terra dura

como ferro e a relva parecendo toda morta, à exceção de alguns brotos de açafrão que haviam rompido o solo para serem desmantelados pelo vento. Ele caminhava apressado, com as mãos congeladas e os olhos lacrimejantes, quando a viu, a menos de dez metros de distância. Cruzaram-se quase sem fazer nenhum sinal, depois ele deu meia-volta e foi atrás dela, sem muito interesse. Sabia que não havia perigo, ninguém se interessaria por ele. Julia não abriu a boca. Saiu andando na diagonal pela relva como se tentasse ver-se livre dele, depois pareceu se conformar em tê-lo ao seu lado. Pouco depois, estavam dentro de uma moita de arbustos rasgados e desfolhados, que não servia nem para escondê-los nem para protegê-los do vento. Detiveram-se ali. Fazia um frio do cão. O vento assoviava nos gravetos e maltratava os açafrões ocasionais, de aspecto sujo. Ele envolveu a cintura dela com o braço.

Não havia teletela, mas devia haver microfones ocultos: além disso, podiam ser vistos. Não tinha importância, nada tinha importância. Podiam ter deitado no chão e feito AQUILO se quisessem. Winston ficou gelado diante da ideia. Julia não teve nenhuma reação ao ser envolvida pelo braço dele; nem sequer tentou se soltar. Ele soube então o que mudara nela. Seu rosto estava mais pálido e havia uma grande cicatriz, parcialmente coberta pelo cabelo, que ia da testa à têmpora; mas não era essa a mudança. Era que sua cintura engrossara e, surpreendentemente, enrijecera. Ele lembrava-se de como uma vez, depois da explosão de uma bomba-foguete, ajudara a arrastar um cadáver do meio dos escombros, e se espantara não só com o incrível peso do corpo, mas também com sua rigidez, e com a dificuldade de lidar com ele, que o faziam parecer mais pedra que carne. O corpo de

Julia estava assim ao toque. Ocorreu-lhe que a textura da pele dela deveria estar bastante diferente do que havia sido.

Não tentou beijá-la, e também não se falaram. Quando voltaram pela relva, ela o encarou pela primeira vez. Foi apenas um olhar rápido, cheio de desprezo e aversão. Ele se perguntou se era uma aversão nascida apenas do passado ou se também teria sido provocada por seu rosto inchado e pelas lágrimas que o vento fazia escorrer de seus olhos. Sentaram-se em duas cadeiras de ferro, lado a lado, mas não muito juntos. Viu que ela estava prestes a falar. Ela mexeu alguns centímetros o sapato malfeito e esmagou deliberadamente um graveto. Seus pés pareciam ter ficado mais largos, ele reparou.

— Eu traí você — disse ela sem rodeios.

— Eu traí você — disse ele.

— Às vezes — continuou ela —, eles ameaçam você com uma coisa, uma coisa que você não suporta, sobre a qual nem consegue pensar. Então você diz: "Não façam isso comigo, façam com outra pessoa, façam com fulano." E depois talvez você possa fingir que foi só um truque e que só disse isso para fazê-los parar, e não estava falando sério. Mas não é verdade. Na hora em que acontece, você fala sério, sim. Acha que é a única forma de se salvar, e está pronto para se salvar dessa maneira. Você QUER que aquilo aconteça com outra pessoa. Não liga a mínima para o sofrimento dela. Só pensa em si mesmo.

— Só pensa em si mesmo — repetiu ele.

— E, depois disso, você não sente mais o que sentia pela outra pessoa.

— Não — concordou ele —, não sente.

Não parecia haver mais nada a dizer. O vento colava os macacões finos contra o corpo deles. Quase imediatamente, tornou-se constrangedor estar ali sentado em silêncio: além do mais, fazia muito

frio para ficar parado. Julia falou alguma coisa sobre pegar o metrô e levantou-se para ir embora.

— Precisamos nos ver de novo — disse ele.

— É — disse ela —, precisamos mesmo.

Winston seguiu-a, indeciso, por um pequeno trecho, guardando a distância de um passo. Não tornaram a falar. Ela não tentava efetivamente deixá-lo para trás, mas caminhava num ritmo que o impedia de se manter ao seu lado. Ele tinha decidido acompanhá-la até a estação de metrô, mas de repente esse processo de ir atrás dela no frio pareceu sem sentido e insuportável. Foi tomado por um desejo não tanto de se afastar de Julia quanto de voltar ao Café da Castanheira, que nunca lhe parecera tão atraente quanto naquele momento. Tinha uma visão nostálgica de sua mesa de canto, com o jornal e o tabuleiro de xadrez e o gim sempre sendo servido. Sobretudo, lá estaria quente. Logo depois, não totalmente por acaso, permitiu que um pequeno grupo de pessoas os separasse. Fez uma tentativa relutante de alcançá-la, depois diminuiu o passo, deu meia-volta e foi em frente. Depois de ter andado cinquenta metros, olhou para trás. Embora não houvesse muita gente na rua, já não conseguiu identificá-la. Qualquer um dos dez vultos que andavam apressados poderia ter sido o dela. Talvez o corpo engrossado e enrijecido não fosse identificável pelas costas.

"Na hora em que acontece", dissera ela, "você fala sério." Ele falara sério. Não fora da boca para fora. Desejara aquilo. Desejara que Julia, e não ele, fosse entregue aos...

Algo mudara na música que saía da teletela. Incluiu uma nota rachada e zombeteira, uma nota amarela. E depois — talvez aquilo não estivesse acontecendo, talvez fosse só uma lembrança assumindo o aspecto de som — uma voz cantava:

"*À sombra da castanheira*
Vendi você, você me vendeu..."

Seus olhos marejaram. Um garçom que passava viu seu copo vazio e voltou com a garrafa de gim.

Winston ergueu o copo e cheirou o conteúdo. A coisa ficava mais horrível, e não menos, a cada gole que dava. Mas se tornara o elemento em que ele flutuava. Era sua vida, sua morte e sua ressurreição. Era o gim que todas as noites o afundava no estupor, e o gim que o reanimava todas as manhãs. Quando acordava — raramente antes das 11 horas, com as pálpebras coladas, a boca seca e as costas que pareciam quebradas, só conseguia se levantar graças à garrafa e à xícara de chá colocadas de véspera ao lado da cama. Ao longo das horas do dia, sentava-se com a expressão vazia, a garrafa à mão, escutando a teletela. Das 15 horas à hora do encerramento, era presença permanente no Café da Castanheira. Ninguém se importava mais com o que ele fazia, nenhum apito o despertava, nenhuma teletela o repreendia. Ocasionalmente, talvez duas vezes por semana, ia a um escritório empoeirado e de aspecto esquecido no Ministério da Verdade e fazia uns trabalhinhos, ou o que era chamado trabalho. Fora nomeado para um subcomitê de um subcomitê originado de um dos incontáveis comitês que lidavam com dificuldades menores surgidas na compilação da Décima Primeira Edição do Dicionário da Novilíngua. Estavam envolvidos na produção de uma coisa denominada Relatório Interino, só que ele nunca descobriu o que era definitivamente relatado. Tinha algo a ver com a questão de se as vírgulas deviam ser colocadas dentro ou fora dos parênteses. Havia mais quatro pessoas no

comitê, todas elas semelhantes a ele. Reuniam-se esporadicamente e logo tornavam a se dispersar, admitindo com franqueza que não havia, de fato, nada para fazer. Mas havia dias em que se punham a trabalhar quase com entusiasmo, alardeando aos quatro ventos o registro de suas minutas e a redação do esboço de longos memorandos nunca terminados — dias em que a discussão sobre o que supostamente estavam discutindo tornava-se extraordinariamente complicada e abstrusa, com regateios sutis em relação a definições, enormes digressões, brigas, durante as quais chegavam até a ameaçar recorrer à autoridade superior. E aí, de repente, a vida evaporava deles e todos ficavam sentados em volta da mesa, olhando uns para os outros com olhos vazios, como fantasmas desaparecendo ao cantar do galo.

A teletela silenciou por um momento. Winston tornou a levantar a cabeça. O boletim! Mas não, estavam apenas mudando a música. Ele tinha o mapa da África na retina. O movimento dos exércitos era um diagrama: uma seta preta traçada verticalmente em sentido sul, e uma seta branca traçada horizontalmente em sentido leste, transversal à parte posterior da primeira seta. Como se quisesse se tranquilizar. Olhou para o rosto imperturbável no retrato. Seria concebível que a segunda seta nem sequer existisse?

Seu interesse tornou a diminuir. Tomou outro gole de gim, pegou o cavalo branco e ensaiou uma jogada. Xeque-mate. Mas, evidentemente, não era a jogada certa, pois...

Sem ser chamada, uma lembrança lhe veio à mente. Viu um quarto iluminado à luz de velas com uma cama enorme coberta por uma colcha branca, e viu-se como um menino de nove ou dez anos, sentado no chão, chacoalhando uma caixa de dados e rindo todo animado. Sua mãe estava sentada à sua frente, rindo também.

Isso devia ter sido cerca de um mês antes do desaparecimento da mãe. Era um momento de reconciliação, quando a incômoda fome tinha sido esquecida, e a antiga afeição que sentia pela mãe, revivida. Lembrava-se bem daquele dia, um dia comum, chuvoso, em que a água escorria pela vidraça e a luz dentro de casa era muito fraca para que se pudesse ler. O tédio das duas crianças no quarto sombrio e apertado tornou-se insuportável. Winston lamuriava-se e choramingava, exigia comida em vão, andava pelo quarto tirando tudo do lugar e chutando os lambris até os vizinhos baterem na parede, enquanto a irmã caçula gemia intermitentemente. Por fim, a mãe disse: "Agora seja bonzinho que eu compro um brinquedo para você. Um brinquedo lindo. Você vai adorar"; e então saíra na chuva para ir ao armazém da vizinhança que ainda abria esporadicamente e voltou com uma caixa de papelão contendo um jogo de Cobras e Escadas. Winston ainda se lembrava do cheiro do papelão úmido. Era um jogo usado. O tabuleiro estava rachado, e os dadinhos de madeira eram tão toscos que mal paravam equilibrados. Ele olhou para a coisa emburrado e sem interesse. Mas a mãe acendeu uma vela, e eles se sentaram no chão para jogar. Não demorou, e Winston estava na maior animação, rindo às gargalhadas quando as peças subiam esperançosas as escadas para logo deslizarem pelas cobras abaixo, quase voltando ao ponto de partida. Jogaram oito partidas, das quais cada um venceu quatro. A irmã caçula, muito pequena para entender o jogo, sentara-se com as costas apoiadas numa almofada, rindo porque eles riam. Por uma tarde inteira, estiveram juntos e felizes, como nos primeiros anos de sua infância.

Tirou a cena da cabeça. Era uma memória falsa. De vez em quando, era atormentado por memórias falsas. Isso não tinha importância, desde que se soubesse o que eram. Algumas coisas tinham acontecido,

outras não. Voltou-se outra vez para o tabuleiro de xadrez e tornou a pegar o cavalo branco. Quase no mesmo instante, deixou a peça cair no tabuleiro. Sobressaltou-se, como se tivesse levado uma alfinetada.

Um toque estridente de clarim trespassara o ar. Era o boletim! Vitória! Sempre era sinal de vitória quando um toque de clarim precedia as notícias. Uma espécie de vibração elétrica percorreu o café. Até os garçons se sobressaltaram e aguçaram os ouvidos.

O toque de clarim liberara um enorme volume de ruído. Uma voz animada tagarelava da teletela, mas logo ao começar foi quase abafada pelo alarido da ovação vindo da rua. A notícia se espalhara pelas ruas como por magia. Com o que ouvia da teletela, dava para entender que tudo acontecera como ele previra; uma enorme frota marítima reunida em segredo, um ataque súbito à retaguarda do inimigo, a seta branca cortando a parte posterior da preta. Fragmentos de frases triunfantes se faziam ouvir em meio à barulheira: "Imensa manobra estratégica — coordenação perfeita — derrota absoluta — meio milhão de prisioneiros — desmoralização completa — controle da África inteira — deixa a guerra a uma distância mensurável do fim — vitória — a maior vitória da história da humanidade — vitória, vitória, vitória!"

Embaixo da mesa, os pés de Winston faziam movimentos convulsivos. Ele não se levantara da cadeira, mas mentalmente corria, corria velozmente, unindo-se às multidões nas ruas em ovação ensurdecedora. Tornou a olhar o retrato do Grande Irmão. O colosso que dominou o mundo! A rocha contra a qual as hordas asiáticas investiam em vão! Ele pensou em como, dez minutos antes — sim, apenas dez minutos —, no íntimo, ainda se sentia confuso quando se perguntou se as notícias do front seriam de vitória ou de derrota. Ah, não fora só um exército eurasiano que sucumbira! Muitas coisas

tinham mudado nele desde aquele primeiro dia no Ministério do Amor, mas a mudança definitiva, indispensável, terapêutica ainda não ocorrera, até aquele momento.

A voz da teletela continuava despejando sua lenda de prisioneiros e pilhagens e massacres, mas a gritaria na rua diminuíra um pouco. Os garçons retomavam o trabalho. Um deles aproximou-se com a garrafa de gim. Winston, em meio ao júbilo, não prestou atenção enquanto enchiam seu copo. Já não corria nem ovacionava. Estava de volta ao Ministério do Amor, com todas as coisas perdoadas, a alma branca como a neve. Estava no banco dos réus, confessando tudo, incriminando todo mundo. Estava vindo pelo corredor azulejado de branco sentindo que caminhava ao sol, com um guarda armado às suas costas. A tão ansiada bala lhe entrava no cérebro.

Olhou para o rosto enorme. Levara quarenta anos para descobrir que tipo de sorriso se escondia debaixo do bigode negro. Ah, que falha cruel e desnecessária. Ah, que teimoso exílio autoimposto do peito amoroso! Duas lágrimas recendendo a gim escorreram pelas laterais do seu nariz. Mas estava tudo certo, a luta terminara. Conquistara a vitória sobre si mesmo. Winston amava o Grande Irmão.

Apêndice

OS PRINCÍPIOS DA NOVILÍNGUA

A Novilíngua era o idioma oficial da Oceania e fora concebido para atender às necessidades ideológicas do Socing, ou socialismo inglês. No ano de 1984, ainda não havia quem o empregasse como único meio de comunicação tanto oral como escrita. Os editoriais do *Times* eram redigidos nesse idioma, mas tratava-se de um TOUR DE FORCE que só um especialista era capaz de executar. Esperava-se que a Novilíngua substituísse completamente a Velhalíngua (ou inglês padrão, como o chamamos) por volta de 2050. Enquanto isso, o novo idioma ganhava terreno constantemente, com todos os membros do Partido tendendo a usar cada vez mais palavras e construções da Novilíngua no seu dia a dia. A versão vigente em 1984 e incorporada à Nona e à Décima edições do Dicionário da Novilíngua era provisória e continha muitas palavras supérfluas e formações arcaicas que seriam suprimidas mais tarde. É a versão definitiva e aperfeiçoada, tal como incorporada à Décima Primeira Edição do Dicionário, que nos interessa aqui.

O objetivo da Novilíngua não era somente fornecer um meio de expressão para a visão de mundo e os hábitos mentais dos devotos do Socing, mas também impossibilitar todas as outras formas de pensamento. A intenção era que, uma vez definitivamente adotada a Novilíngua e esquecida a Velhalíngua, um pensamento herético — ou seja, um pensamento que divergisse dos princípios do Socing — fosse literalmente impensável, pelo menos na medida em que o pensamento depende de palavras. Seu vocabulário foi construído de modo a dar expressão quase sempre muito sutil a todos os significados que um membro do Partido pudesse desejar transmitir com propriedade, excluindo ao mesmo tempo todos os outros significados e também a

possibilidade de a eles se chegar por métodos indiretos. Isso foi feito em parte pela criação de palavras novas, mas principalmente pela eliminação de palavras indesejáveis, as quais foram despidas de significados não ortodoxos remanescentes e, na medida do possível, de todo e qualquer significado secundário. Para dar um exemplo, a palavra LIVRE continuava a existir em Novilíngua, mas só podia ser empregada em afirmações como "Esse cão está livre de piolhos" ou "Esse campo está livre de ervas daninhas". Não podia ser usada no velho sentido de "politicamente livre" ou "intelectualmente livre", uma vez que as liberdades políticas e intelectuais já não existiam sequer como conceitos, sendo, portanto, necessariamente, inomináveis. Além da supressão de palavras definitivamente heréticas, a redução de vocabulário foi considerada como um fim em si mesmo, e não se permitiu a sobrevivência de nenhuma palavra que pudesse ser dispensada. A Novilíngua foi concebida não para expandir, mas sim para RESTRINGIR os limites do pensamento, e a redução ao mínimo da seleção de palavras contribuiu indiretamente para que se atingisse esse objetivo.

A Novilíngua baseou-se na língua inglesa tal como a conhecemos hoje, apesar de muitas frases no novo idioma, mesmo quando não contêm vocábulos recém-criados, serem praticamente incompreensíveis para os falantes de inglês dos dias atuais. As palavras em Novilíngua dividiam-se em três categorias distintas, a saber: vocabulário A, vocabulário B (também chamado de palavras compostas) e vocabulário C. Será mais simples discutir cada categoria em separado, mas as peculiaridades gramaticais da nova língua podem ser abordadas na seção dedicada ao vocabulário A, pois as mesmas regras se aplicavam às três categorias.

VOCABULÁRIO A

O vocabulário A consistia em palavras necessárias às atividades do dia a dia — comer, beber, trabalhar, vestir-se, subir e descer escadas, usar um meio de transporte, fazer jardinagem, cozinhar e ações desse gênero. Compunha-se quase inteiramente de palavras que já possuímos, palavras como BATER, CORRER, CÃO, ÁRVORE, AÇÚCAR, CASA, CAMPO, mas, comparado ao vocabulário da língua inglesa atual, seu número era extremamente reduzido, ao passo que seus significados eram definidos com maior rigidez. Todas as ambiguidades e nuances de sentido haviam sido expurgadas. Na medida do possível, um vocábulo dessa classe limitava-se a um som curto e destacado, exprimindo UM único conceito de compreensão clara. Seria praticamente impossível usar o vocabulário A para fins literários ou em discussões políticas ou filosóficas. Destinava-se apenas a exprimir pensamentos simples e úteis, em geral envolvendo objetos concretos ou ações físicas.

A gramática da Novilíngua tinha duas peculiaridades relevantes. A primeira era a permutabilidade quase completa entre diferentes partes do discurso. Qualquer palavra do idioma (em princípio, isso se aplicava até a palavras muito abstratas, como SE e QUANDO) podia ser usada como verbo, substantivo, adjetivo ou advérbio. Quando as formas verbal e nominal tinham a mesma raiz, não havia variação entre elas — regra que, por si só, acarretou a destruição de muitas formas arcaicas. A palavra PENSAMENTO, por exemplo, não existia em Novilíngua. Seu lugar foi ocupado por PENSAR, que funcionava tanto como verbo quanto como substantivo. Aqui, não se seguia nenhum princípio etimológico: em alguns casos, mantinha-se o substantivo original, em outros, o verbo. Mesmo quando o substantivo e o verbo com parentesco

semântico não possuíam ligação etimológica, suprimia-se com frequência uma das formas. Uma palavra como CORTAR já não existia, pois o substantivo-verbo FACA dava conta de seu significado. Os adjetivos eram formados acrescentando-se o sufixo -OSO ao substantivo-verbo. Assim, por exemplo, VELOCIDADOSO significava "rápido" e VELOCIDADEMENTE significava "depressa". Certos adjetivos usados hoje, como BOM, FORTE, GRANDE, NEGRO, MACIO, foram preservados, porém em número muito reduzido. Não havia grande necessidade deles, pois quase todo sentido adjetival podia ser alcançado pelo acréscimo de -OSO a um substantivo-verbo. Todos os advérbios não terminados em MENTE foram suprimidos. O sufixo MENTE era invariável. A palavra BEM, por exemplo, foi substituída por BEMENTE.

Além disso, qualquer palavra — de novo, isso em princípio se aplicava a todas as palavras da língua — podia ser negativada pelo acréscimo do prefixo DES-, ou podia ser reforçada com o prefixo MAIS-, ou para ênfase ainda maior, DUPLOMAIS-. Assim, por exemplo, DESFRIO significava "quente", enquanto MAISFRIO e DUPLOMAISFRIO significavam, respectivamente, "muito frio" e "frigidíssimo". Também era possível modificar o sentido de quase todas as palavras com prefixos preposicionais como ANTE-, PÓS-, SOBRE-, SUB-, etc. Tais métodos ensejaram uma enorme redução vocabular. Dada a palavra BOM, por exemplo, não havia necessidade de uma palavra como MAU, pois o sentido obrigatório era, de fato, tão bem mais bem expresso com a palavra DESBOM. Sempre que duas palavras formavam um par natural de opostos, bastava escolher qual delas suprimir. ESCURO, por exemplo, podia ser substituído por DESCLARO, ou CLARO por DESESCURO.

A segunda marca distintiva da gramática da Novilíngua era a regularidade. À parte algumas exceções mencionadas abaixo, todas as inflexões seguiam as mesmas regras. Assim, o pretérito e o particípio passado de todos os verbos eram iguais e terminavam em DO ou DOS. O pretérito de ROUBAR era ROUBADO, o pretérito de PENSAR era PENSADO, e assim por diante em todo o idioma. Todos os plurais eram formados pelo acréscimo de S ou, conforme o caso, ES. A comparação entre adjetivos era feita pelo acréscimo de um sufixo. [12]

As únicas classes de palavras que ainda admitiam flexão irregular eram as dos pronomes relativos e demonstrativos e dos verbos auxiliares. Foram mantidas também certas irregularidades na formação de palavras a fim de facilitar e agilizar o discurso. Palavras de pronúncia difícil, ou homófonas que suscitassem ambiguidade, eram rejeitadas. Portanto, ocasionalmente, em benefício da eufonia, acrescentaram-se letras às palavras ou preservaram-se formações arcaicas. Porém é sobretudo em relação ao vocabulário B que se sente essa necessidade. O motivo de se dar tanta importância à pronúncia será esclarecido mais adiante.

VOCABULÁRIO B

O vocabulário B consistia em palavras deliberadamente criadas com objetivos políticos: palavras que não só tinham implicações políticas, mas também visavam impor ao usuário uma atitude mental desejável. Sem a compreensão total dos princípios do Socing, era difícil usar corretamente essas palavras. Em alguns casos, elas podiam ser traduzidas para a Velhalíngua, ou até para palavras tiradas do vocabulário A, mas isso em geral exigia uma longa paráfrase, e sempre envolvia a perda de certas nuances. As palavras do vocabulário B eram uma espécie de taquigrafia verbal, muitas vezes condensando em

poucas sílabas toda uma gama de ideias, e ao mesmo tempo se revelando mais precisas e eficazes do que a língua comum.

As palavras do vocabulário B eram sempre compostas. [Palavras compostas, como FALASCREVE, não eram encontradas no vocabulário A, mas estas não passavam de abreviações convenientes e eram desprovidas de cor ideológica.] Consistiam em duas ou mais palavras, ou partes de palavras, agrupadas de uma forma facilmente pronunciável. O amálgama resultante era substantivo-verbo, flexionado segundo as regras de praxe. Como exemplo, temos a palavra BOMPENSAR, que muito grosseiramente significa "ortodoxia", ou, se quisermos considerá-la um verbo, "pensar de maneira ortodoxa". Essa palavra flexionava-se da seguinte maneira: substantivo-verbo, BEMPENSAR; particípio, BEMPENSADO; adjetivo, BEMPENSIVO; advérbio, BEMPENSADAMENTE; substantivo deverbal, BEMPENSADOR.

A construção desses vocábulos não se baseava em nenhum plano etimológico. Eles podiam ser formados a partir de quaisquer elementos do discurso, podiam ser colocados em qualquer ordem na sentença e sofrer quaisquer mutilações que facilitassem sua pronúncia, indicando sua derivação. Na palavra CRIMEPENSAR, por exemplo, o termo PENSAR era o segundo elemento, ao passo que na palavra PENSAPOL (Polícia do Pensamento) era o primeiro, e nesta última a palavra POLÍCIA perdeu as quatro letras finais.

Algumas das palavras pertencentes ao vocabulário B possuíam significados altamente sutis, quase ininteligíveis para quem não dominava a língua como um todo. Vejamos, por exemplo, uma frase típica de um editorial do *Times*, como PENSAVELHOS DESIMOSENTEM O SOCING. A tradução mais concisa que se podia

fazer em Velhalíngua seria “Aqueles cujas ideias se formaram antes da Revolução não podem ter uma compreensão emocional plena dos princípios do socialismo inglês”. Mas essa não é uma tradução adequada. Antes de mais nada, para captar o significado pleno da frase da Novilíngua citada acima, seria necessário ter uma ideia clara do que se entende por SOCING. Além disso, só uma pessoa conhecedora de todos os fundamentos do SOCING poderia apreciar toda a força da palavra IMOSENTIR, que implica uma aceitação cega e entusiástica, difícil de imaginar nos dias de hoje; ou da palavra VELHOPENSAR, que estava inextricavelmente fundida com a ideia de perversidade e decadência. Porém a função especial de certas palavras da Novilíngua, entre elas VELHOPENSAR, não era tanto exprimir significados quanto destruí-los. Essas palavras, necessariamente pouco numerosas, tiveram seus significados ampliados até conterem em si mesmas grupos inteiros de palavras sintetizados num único termo compreensível, podendo então ser eliminados e esquecidos. A maior dificuldade enfrentada pelos compiladores do Dicionário da Novilíngua não era inventar vocábulos, mas, tendo-os inventado, assegurar-se de seu significado: ou seja, assegurar-se de que gamas de palavras esses vocábulos, pelo fato de existirem, suprimiam.

Como já se viu no caso da palavra LIVRE, vocábulos que originalmente possuíam um significado herético às vezes eram preservados por conveniência, porém apenas depois de expurgados seus significados indesejáveis. Inúmeras palavras, como HONRA, JUSTIÇA, MORALIDADE, INTERNACIONALISMO, DEMOCRACIA, CIÊNCIA, RELIGIÃO, haviam simplesmente deixado de existir. Algumas palavras gerais as continham, e, ao contê-las, suprimiam-nas. Todas as palavras cujo sentido girava em torno dos conceitos de

liberdade e igualdade, por exemplo, estavam contidas na palavra CRIMEPENSAR, ao passo que todas as palavras que giravam em torno dos conceitos de objetividade e racionalismo estavam contidas na palavra VELHOPENSAR. Teria sido perigoso usar de maior precisão. O que se exigia de um membro do Partido era uma visão semelhante à do hebreu antigo que sabia, embora não soubesse muito mais que isso, que, com a exceção da sua, todas as nações adoravam "falsos deuses". Não precisava saber que esses deuses chamavam-se Baal, Osíris, Moloque, Astaroque e similares: provavelmente, quanto menos soubesse, melhor seria para sua ortodoxia. Conhecia Jeová e os mandamentos de Jeová; sendo assim, sabia que todos os deuses com outros nomes e outros atributos eram falsos deuses. Mais ou menos da mesma maneira, o membro do Partido sabia o que constituía a conduta reta, e em termos excessivamente vagos e genéricos, sabia que tipos de desvios em relação a ela eram possíveis. Sua vida sexual, por exemplo, era inteiramente regulada por duas palavras da Novilíngua: SEXOCRIME (imoralidade sexual) e BEMSEXO (castidade). SEXOCRIME abrangia toda e qualquer forma de transgressão sexual, incluindo fornicação, adultério, homossexualidade e outras perversões, e ainda as relações sexuais praticadas com outros fins que não o da procriação. Não havia necessidade de enumerá-las separadamente, uma vez que eram todas igualmente reprováveis e, em princípio, passíveis de punição por morte. No vocabulário C, composto de palavras científicas e técnicas, poderia ser necessário atribuir nomes especializados a certas aberrações sexuais, mas o cidadão comum não tinha necessidade de conhecê-las. Sabia o que se entendia por BEMSEXO — ou seja, relações sexuais normais entre marido e mulher, com o único propósito de gerar filhos, e sem que houvesse prazer, da

parte da mulher. Tudo mais era SEXOCRIME. Em Novilíngua, raramente era possível acompanhar um pensamento herético para além da percepção de que ERA herético: a partir desse ponto, inexistiam as palavras necessárias.

Nenhuma palavra do vocabulário B era ideologicamente neutra. Muitas delas eram eufemismos. Palavras como CAMPOFARRA (campo de trabalhos forçados) ou MINIPAZ (Ministério da Paz, i.e. Ministério da Guerra) significavam exatamente o oposto do que pareciam significar. Por outro lado, algumas palavras exibiam uma compreensão franca e desdenhosa da verdadeira natureza da sociedade oceânica. Um exemplo era PASTOPROLETA, que significava os noticiários espúrios e as notícias falsas que o Partido oferecia às massas. Outras palavras eram ambivalentes, tendo um sentido positivo quando aplicadas ao Partido e outro negativo quando aplicadas a seus inimigos. Mas, além disso, havia um grande número de palavras que, à primeira vista, pareciam ser meras abreviações, e cuja coloração ideológica derivava não só de seu sentido, mas de sua estrutura.

Na medida do possível, tudo o que tinha ou podia ter alguma importância política estava incluído no vocabulário B. O nome de todas as organizações, grupos de pessoas, doutrinas, países, instituições, prédios públicos, era encurtado da forma conhecida; ou seja, uma única palavra de pronúncia fácil com o menor número de sílabas capaz de preservar a derivação original. No Ministério da Verdade, por exemplo, o Departamento de Registros, onde Winston Smith trabalhava, chamava-se DEREG; o Departamento de Ficção chamava-se DEFIC; o Departamento de Teleprogramas chamava-se DETEL; e assim por diante. O objetivo disso não era apenas poupar tempo. Mesmo nas primeiras décadas do século XX, palavras e frases

telescopadas eram um dos traços característicos da linguagem política. E a tendência a usar abreviações desse tipo era particularmente marcada em países e organizações totalitários. Alguns exemplos são palavras como NAZI, GESTAPO, COMITERN, IMPRECORR, AGITPROP. No início, a prática havia sido adotada instintivamente, mas em Novilíngua era empregada com um propósito consciente. Percebeu-se que as abreviações estreitavam e alteravam sutilmente o significado de um substantivo, eliminando a maior parte das associações que de outra forma ficariam amarradas a ele. As palavras INTERNACIONAL COMUNISTA, por exemplo, evocavam um quadro de fraternidade humana universal, com bandeiras vermelhas, barricadas, a imagem de Karl Max e a Comuna de Paris. A palavra COMITERN, por outro lado, sugere apenas uma organização unida e um corpo de doutrina bem definido. Refere-se a algo tão facilmente reconhecível e de finalidade tão limitada quanto uma mesa ou uma cadeira. COMITERN é uma palavra que se pode pronunciar quase sem pensar, ao passo que INTERNACIONAL COMUNISTA é uma expressão que exige alguma reflexão. Do mesmo modo, as associações evocadas por uma palavra como MINIVER são menos numerosas e mais controláveis do que as suscitadas por MINISTÉRIO DA VERDADE. Isso explicava não só o hábito de abreviar sempre que possível, mas também a preocupação quase exagerada em dar às palavras uma pronúncia fácil.

Em Novilíngua, a eufonia sobrepujava todas as outras considerações, com a exceção da exatidão do significado. A regularidade gramatical era sacrificada em seu favor sempre que necessário. E com razão, pois o que se exigia, sobretudo por propósitos políticos, eram palavras curtas de significado inequívoco que pudessem ser pronunciadas rapidamente

e que provocassem o mínimo de ecos na mente do falante. As palavras do vocabulário B até ganhavam força por serem quase todas muito semelhantes. Praticamente todas eram dissílabos ou trissílabos com a sílaba tônica entre a primeira e a última sílaba. Seu emprego estimulava um estilo prolixo de discurso, a um tempo destacado e monótono. E era exatamente isso que se pretendia. A intenção era tornar o discurso, e especialmente o discurso sobre qualquer tema não ideologicamente neutro, tão independente da consciência quanto possível. Para os fins da vida cotidiana, era sempre, ou por vezes, necessário, refletir antes de falar, mas um membro do Partido chamado a fazer um julgamento político ou ético devia ser capaz de emitir opiniões corretas de modo tão automático quanto uma metralhadora dispara uma rajada de balas. Seu treinamento o preparava para isso, a língua lhe fornecia um instrumento praticamente infalível, e a textura das palavras, com sua sonoridade áspera e uma certa feiura intencional que estava de acordo com o espírito do Socing, auxiliava ainda mais o processo.

Também contribuía o fato de ser a escolha de palavras bastante limitada. Em comparação com o inglês, o vocabulário da Novilíngua era minúsculo, e novas formas de reduzi-lo estavam constantemente sendo criadas. A Novilíngua, realmente, distinguia-se de quase todas as línguas pelo fato de seu vocabulário diminuir em vez de se ampliar a cada ano. Toda redução era um ganho, pois, quanto menor o campo de escolha, menor a tentação de pensar. Em última instância, esperava-se ser possível emitir um discurso articulado a partir da laringe, sem envolver os centros mais elevados do cérebro. Tal objetivo era francamente admitido no termo da Novilíngua PATOFALA, que significava “grasnar como um pato”. Como várias outras palavras do vocabulário B, PATOFALA possuía um significado ambivalente. Se as

opiniões grasnadas fossem ortodoxas, o termo só envolvia elogios, e quando o *Times* se referia a um dos oradores do Partido como um PATOFALANTE DUPLOMAISBOM, fazia-lhe um caloroso e reconhecido elogio.

VOCABULÁRIO C

O vocabulário C suplementava os demais e compunha-se exclusivamente de termos científicos e técnicos, termos estes bastante semelhantes aos termos científicos de hoje. Eram construídos a partir das mesmas raízes, sempre com o cuidado de defini-los rigidamente e despi-los de significados indesejáveis. Seguiam as mesmas regras gramaticais que as palavras dos outros dois vocabulários. Muito poucas palavras do vocabulário C eram de uso corrente na fala cotidiana ou no discurso político. Os cientistas e técnicos podiam encontrar todas as palavras de que necessitavam na lista dedicada à sua especialidade, mas raramente possuíam mais que um conhecimento superficial dos vocábulos das outras listas. Somente umas poucas palavras eram comuns a todas as listas, e não havia vocabulário que expressasse a função da ciência, independentemente de seus ramos particulares, como hábito mental ou método de raciocínio. Aliás, não havia a palavra "ciência", já estando quaisquer significados que ela pudesse conter incluídos na palavra SOCING.

A partir do que foi apresentado, constata-se que em Novilíngua era praticamente impossível expressar opiniões não ortodoxas que ultrapassassem o nível mais raso. Naturalmente, era possível proferir heresias bastante grosseiras, ou uma espécie de blasfêmia. Seria possível, por exemplo, dizer o GRANDE IRMÃO É DESBOM. Mas essa afirmação, que para um ouvido ortodoxo meramente transmitia um absurdo, não podia ser sustentada por um raciocínio lógico, devido à

indisponibilidade de palavras necessárias. As ideias hostis ao Socing só podiam ser consideradas de uma forma vaga, tácita, e só podiam ser nomeadas em termos muito genéricos que juntavam e condenavam séries inteiras de heresias sem as definir ao fazê-lo. De fato, só se podia usar a Novilíngua para propósitos não ortodoxos, traduzindo-se ilicitamente algumas das palavras para a Velhalíngua. Por exemplo, TODOS OS HOMENS SÃO IGUAIS era uma frase possível em Novilíngua, mas apenas no sentido em que é possível formular a frase TODOS OS HOMENS SÃO RUIVOS em Velhalíngua. Apesar de não conter um erro gramatical, expressava uma inverdade palpável — i. e., que todos os homens são do mesmo tamanho e têm o mesmo peso e a mesma força. O conceito de igualdade política já não existia, e esse significado secundário, por conseguinte, foi expurgado da palavra IGUAL. Em 1984, quando a Velhalíngua ainda era o meio de comunicação normal, em tese, ainda havia o perigo de que, ao usar palavras da Novilíngua, a pessoa se lembrasse de seus significados originais. Na prática, qualquer pessoa versada em Duplipensar não tinha dificuldade de evitar isso, mas em um par de gerações, até mesmo a possibilidade de tal lapso teria desaparecido. Quem cresceu tendo a Novilíngua somo seu único idioma não mais saberia que IGUAL já tivera o significado de "politicamente igual", ou que LIVRE já significara "intelectualmente livre", assim como quem nunca ouviu falar de xadrez não saberia os significados secundários contidos em RAINHA e TORRE. Seria impossível cometer uma série de crimes e erros, pois, não tendo nome, eles seriam inimagináveis. E seria de prever que, com o passar do tempo, as características distintivas da Novilíngua se tornariam cada vez mais pronunciadas — com seu vocabulário restringindo-se cada vez mais, os significados das palavras

tornando-se cada vez mais rígidos, e a chance de usá-las de modo inadequado diminuindo sempre.

Quando a Velhalíngua tivesse sido substituída de uma vez por todas, o último vínculo com o passado teria sido cortado. A história já haveria sido reescrita, mas fragmentos da literatura do passado sobreviveriam aqui e ali, por terem sofrido uma censura incompleta, e, desde que a pessoa preservasse o seu conhecimento da Velhalíngua, seria possível lê-los. No futuro, tais fragmentos, mesmo que porventura sobrevivessem, seriam ininteligíveis e intraduzíveis. Só as passagens da Velhalíngua que se referiam ou a processos técnicos ou a ações muito simples do cotidiano, ou que já fossem de tendência ortodoxa (BEMPENSANTE seria a expressão em Novilíngua) podiam ser traduzidas para a Novilíngua. Na prática, isso significava que nenhum livro escrito antes de 1960 podia ser traduzido integralmente. A literatura pré-revolucionária só poderia sofrer uma tradução ideológica — ou seja, alterações no sentido bem como na língua. Tomemos como exemplo a célebre passagem da Declaração de Independência dos Estados Unidos:

> SÃO VERDADES INEQUÍVOCAS PARA NÓS: QUE OS HOMENS SÃO CRIADOS IGUAIS; QUE O CRIADOR LHES CONFERIU CERTOS DIREITOS INALIENÁVEIS, ENTRE OS QUAIS ESTÃO O DIREITO À VIDA, À LIBERDADE E À BUSCA DA FELICIDADE. QUE PARA ASSEGURAR TAIS DIREITOS, INSTITUEM-SE ENTRE OS HOMENS GOVERNOS CUJOS PODERES EMANAM DO CONSENTIMENTO DOS GOVERNADOS. QUE, SEMPRE QUE QUALQUER GOVERNO SE TORNAR DELETÉRIO PARA ESSES FINS, É DIREITO DO POVO ALTERÁ-LO OU ABOLI-LO E INSTITUIR UM NOVO GOVERNO...

Seria praticamente impossível traduzir essa passagem para a Novilíngua e manter o sentido do original. O mais próximo disso a que se poderia chegar seria condensar o trecho todo numa única palavra: CRIMEPENSAR. Uma tradução completa teria que ser uma tradução ideológica, por meio da qual as palavras de Jefferson seriam transformadas em panegírico do governo absoluto.

De fato, boa parte da literatura do passado já estava sofrendo esse tipo de transformação. Por uma questão de prestígio, passou a ser desejável preservar a memória de certas figuras históricas, e ao mesmo tempo alinhar seus feitos à filosofia do Socing. Diversos escritores, como Shakespeare, Milton, Swift, Byron, Dickens e alguns outros estavam sendo traduzidos: quando a tarefa estivesse completa, seus escritos originais seriam destruídos junto com tudo o que restava da literatura do passado. Essas traduções eram difíceis e demoradas, e não se esperava que estivessem concluídas antes da primeira ou segunda década do século XXI. Havia também grandes quantidades de literatura meramente utilitária — manuais técnicos indispensáveis, e coisas assim — que deviam ser tratadas da mesma forma. Foi sobretudo a fim de dar tempo para o trabalho preliminar de tradução que a adoção definitiva da Novilíngua foi marcada para o remoto ano de 2050.

Direção editorial
Daniele Cajueiro

Editora responsável
Ana Carla Sousa

Produção editorial
Adriana Torres
Mariana Bard
Carolina Leocadio

Revisão de tradução
Milena Vargas

Revisão
Carolina Vaz

Capa e projeto gráfico de miolo
Rafael Nobre

Diagramação
DTPhoenix Editorial

Produção de ebook
S2 Books

[01] *The Boy's Own Paper*, revista juvenil que circulou de 1879 a 1967, destinada a meninos. (N. da T.)

[02] Trocadilho com "left" (esquerda) e "left" (particípio do verbo "to leave", que significa deixar, largar). (N. da T.)

[03] Icabode, personagem bíblico do livro de Samuel, cujo nome significa "inglório". (N. da T.)

[04] Cinto de couro com uma alça que passa sobre o ombro direito, usado por soldados e policiais. (N. da T.)

[05] Cidade litorânea no sudeste da Inglaterra. (N. da T.)

[06] Alusão ao poema *Jerusalem,* de William Blake, em que, segundo a interpretação mais comum, o poeta infere que uma visita de Jesus à Inglaterra instalaria por breve período o paraíso no país, em contraste com "os sinistros moinhos satânicos" da Revolução Industrial. (N. da T.)

[07] BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 17.

[08] CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*, vol. IV. São Paulo: Leya, 2011, p. 2668.

[09] BRADFORD, Richard. *Orwell — um homem do nosso tempo*. São Paulo: Tordesilhas, 2020, p. 283.

[10] ARENDT, Hannah. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 35.

[11] A Novilíngua era a língua oficial da Oceania; para um relato de sua estrutura e etimologia, ver Apêndice.

[12] Como os exemplos dados pelo autor se baseiam na língua inglesa, na tradução, foi necessário suprimir alguns deles e adaptar algumas passagens. [N. da T.]